

# *a Escolhida*

A ESCOLHA CERTA PODE FAZER TODA A DIFERENÇA



BROOKE J. SULLIVAN

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# **A ESCOLHIDA**

BROOKE J. SULLIVAN

Copyright © 2014 Brooke J. Sullivan

Copyright © 2014 Editora PL

**Capa:** Elaine Cardoso e Elisa Medeiros

**Revisão:** Flávia Feitosa e Bruna Pizzol

**Diagramação Digital:** Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico sem a permissão do autor e/ou editor.

E-mail: [brookejansensullivan@gmail.com](mailto:brookejansensullivan@gmail.com)



Criado no Brasil.

## Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

**Capítulo 18**

**Capítulo 19**

**Capítulo 20**

**Capítulo 21**

**Capítulo 22**

**Capítulo 23**

**Capítulo 24**

**Capítulo 25**

**Capítulo 26**

**Capítulo 27**

**Capítulo 28**

**Capítulo 29**

**Capítulo 30**

**Capítulo 31**

**Capítulo 32**

**Capítulo 33**

**Capítulo 34**

**Capítulo 35**

**Capítulo 36**

**Capítulo 37**

**Capítulo 38**

**Capítulo 39**

**Capítulo 40**

**Capítulo 41**

**Epílogo**

**Play List**

**Outras obras na Amazon**

## Prólogo

Era um dia especial para Alexandre. Ele havia acabado de se formar na faculdade e decidiu fazer uma surpresa para sua noiva. Eles estavam juntos há cinco anos. Conheceram-se no primeiro dia de aula, no refeitório da universidade. Os longos cabelos ondulados da loira e seu jeito de mulher fatal deixaram Alexandre fascinado desde o primeiro momento.

Alexandre estava radiante. Ele queria compartilhar esse momento com ela. Então, ele passou em uma floricultura, comprou o **buquê** mais bonito e passou em uma joalheria para comprar as alianças de casamento. Ele corria pelas calçadas da Avenida Paulista até o pequeno escritório de seu sogro, onde ela estagiava por meio período. Teve momentos em que precisou parar no caminho para conseguir respirar. Apesar de estar em boa forma física, às vezes o ar lhe faltava. Assim que chegou ao seu destino, sorriu passando a mão pelos cabelos castanhos desgrenhados, tirou um pequeno lenço do bolso de sua calça jeans e secou o suor que escorria por sua testa. Ele escondeu a pequena caixinha preta de veludo no bolso de sua jaqueta num gesto sutil, ajeitou o **buquê** de violetas e suspirou fundo.

— Primeiro andar, por favor – ele disse ofegante ao homem dentro do elevador.

Assim que as portas se abriram, Alexandre caminhou até a recepção e foi atendido por Pâmela, a secretária de seu sogro.

— Senhor Alexandre! – a moça exclamou com olhos arregalados.



— Oi, Pam. A Patrícia está? – ele perguntou animado dando um belo sorriso para a ruiva.

— Desculpe, senhor Alexandre. A Dona Patrícia está com um cliente – disse sem graça. Ela sabia que Alexandre não era bem vindo naquele momento.

— Vou esperá-la aqui – ele se sentou no confortável sofá preto a sua frente.

Após quase uma hora de espera, Alexandre pediu encarecidamente para que ela mencionasse sobre sua presença. Pâmela foi extremamente descuidada. Ela interfonou para sua chefe deixando o viva voz ligado.

— Doutora Vernek, o doutor Alexan... – as palavras da bela moça foram interrompidas por gemidos e risos do outro lado da linha. Alexandre a olhou com fúria e levantou do sofá no mesmo instante e irrompeu na sala de Patrícia. O que ele viu naquele momento, fez seu coração parar e sangrar até a última gota.

— Mas o que significa isso? – ele gritou ao vê-la sentada no colo de Júlio, seu desafeto da época em que estavam no primeiro ano da faculdade. Seu amante estava literalmente enterrado nela. Sua saia cinza chumbo, na altura dos quadris e uma minúscula calcinha preta em volta de seu tornozelo esquerdo. Sua camisa branca de botões jogada em cima da imensa mesa de madeira envernizada e seu sutiã em cima do livro de código penal. Quando ela percebeu que estava sendo observada por seu noivo, não se envergonhou. Deu-lhe seu melhor sorriso e disse:

— Poderia ter esperado lá fora, querido.

Alexandre, abismado com sua tamanha cara de pau, jogou o buquê caríssimo que havia comprado para ela no chão e pisoteou várias vezes vociferando palavras sujas e praguejando toda sua existência. Ele olhou com nojo e fúria para Júlio, que sorria triunfante e, com lágrimas nos olhos e orgulho ferido, apenas sussurrou:

— Espero que seja muito feliz com essa cadela.

Patrícia saiu lentamente de cima de seu amante, ajeitou sua saia e colocou sua calcinha. Aproximou-se de Alexandre e sussurrou em seu ouvido:

— O que eu queria de você Alê, eu já consegui. Você foi algo que eu precisava conquistar para chegar onde estou hoje. Preciso te agradecer por ser tão influente – ela sorriu e se afastou deixando Alexandre perplexo.

— Sua vadia – ele gritou.

— Não sou uma vadia. Apenas estava comemorando – ela disse pegando um envelope pardo em cima da mesa. — Graças ao seu pedido, eu agora sou a advogada do governador e irei ganhar prestígio e uma fortuna considerável – ela olhou para ele com repulsa.

— Era por isso que estava comigo? Por dinheiro e interesses?

— E por que mais seria, docinho? Você é chato, sem graça, pegajoso, romântico demais... Acho que o dinheiro é sua única qualidade – ela diz partindo de vez seu coração.

— Eu iria casar com você, Patrícia. Como pode ser tão falsa? Tão mesquinha e egoísta?

— Casar? Comigo? Oras, Alexandre... Não me faça rir – ela diz gargalhando enquanto Júlio fazia o mesmo em silêncio.

— Cinco anos, Patrícia. E você me diz que estava fingindo todo esse tempo? – ele sussurrou derrotado.

— É. Mas até que foi fácil. Júlio desempenhou bem o papel de amante. Agora cai fora. Eu iria terminar nosso relacionamento de outra forma. Mas foi melhor assim. Pelo menos não terei que aguentar você no meu pé pedindo pra voltar. E antes que você cogite essa ideia, eu e Júlio vamos nos casar no mês que vem. Então... sem chances pra você – ela diz de forma natural.

— Escute bem uma coisa Patrícia. Eu vou dedicar a minha vida a destruir tudo o que vier a conseguir. Não vou deixar que seja feliz um minuto sequer da sua maldita vida desgraçada. E quando você estiver totalmente arruinada, vou pisar em você, cuspir em você e terei o prazer em ouvi-la suplicar por misericórdia – ele disse entredentes. — Quanto a você, seu filho da puta... Não quero que chegue perto de mim, da minha família ou de qualquer pessoa que eu conheça. Serei a pedra no seu sapato, o seu pior pesadelo. O seu e de toda sua família maldita – concluiu com fúria e jogou a caixinha de veludo com os anéis em cima do pequeno aparador. A partir daquele momento, Alexandre transformou em algo que ele mesmo abominava. Um ser arrogante, frio, insensível e cheio de ódio. No coração, apenas carregava as imagens de uma traição amarga. Ele começou a sair com várias mulheres, mas ele não as achava dignas dele, as tratava como objeto e as usava para seu bel prazer. Ele jurou naquele dia, com seu coração esfaqueado, que jamais se deixaria enganar. Que jamais, amaria novamente.

# Capítulo 1

## ... UM ANO DEPOIS...

— Cara, que lugar incrível! – Thiago gritou, mas sua voz foi abafada pelo som alto e as batidas frenéticas da música ***Turn Me On – Nicki Minaj e David Guetta***, da casa noturna. Globo de luzes coloridas no centro do ambiente, cortinas de fumaça e um cheiro terrível de cigarros e uísque caro, davam um toque bruto e sensual ao local. No palco pouco iluminado, uma bela de uma *stripper* sensualizando em um pole dance cromado. Suas botas pretas longas de verniz e sua falta de roupas, arrancavam suspiros de quem a assistia. Uma formosa morena cor do pecado, exibindo um par de peitos generosos e uma bunda arredondada, lindamente empinada. Seus cabelos pretos e cacheados deixavam-na ainda mais sexy. Quanto mais a morena fogueira balançava seus quadris e roçava na peça cromada, mais os olhos de Leonardo se arregalavam. Ele estava totalmente inerte com a visão da morena sexy do inferno.

— Cara, seu porco safado, isso é o paraíso! – Leonardo exclamou dando um leve soco no ombro esquerdo de Thiago.

— É. Nisso concordamos – Alexandre abriu um sorriso de satisfação temporário. Desde o fim de seu relacionamento, vinha saindo com vários tipos de mulheres, mas nenhuma delas prostitutas ou *strippers*. Alexandre não era do tipo que pagava

mulheres para satisfazê-lo. Ele as tinha de graça e de livre e espontânea vontade.

— Você pode tê-la – Thiago sussurrou no ouvido de Léo.

— Ah, cara! Nem brinque com isso. Meu pau já está aqui duro em minhas calças – ele disse ajeitando o enorme volume que se fazia entre suas pernas.

— Que nojo! Não quero saber nada sobre seu pau, cara! Guarde isso pra você – Alexandre rugiu dando um gole em seu *Scotch*.

— Ainda bem. Seria estranho se quisesse saber – Léo cutucou-o dando uma gargalhada rouca.

Os três amigos continuaram sentados, apenas observando tudo com curiosidade. Na pista de dança, várias pessoas dançavam ao som da música eletrônica.

— Estão vendo aquele filezinho ali? – Thiago perguntou para os dois, apontando a linda loira de cabelos compridos, vestindo uma minúscula saia de paetês preta e um top pink ridiculamente curto, o bastante para deixar seus seios fartos quase saltarem para fora. — Ela será minha ainda hoje. Podem apostar. Vou fazê-la gemer e gritar naquele privativo.

— Aposto cem reais que eu pego a stripper – Léo aproveita e embarca na brincadeira.

— Não. Não vou cair nessa – Alexandre cuspiu as palavras para fora.

— Porra, Alexandre. Vamos comemorar. Hoje faz um ano que se livrou daquela vaca. Nada mais justo você comer algumas bocetas hoje – Thiago ria como um louco. — A não ser que esteja virando um puritano.

— Não! Claro que não! – disse sem graça passando as mãos pelos seus cabelos castanhos devidamente alinhados. Alexandre era

um cara bonito. Rosto quadrado, uma pele branca e olhos claros compunha um corpo um pouco desprovido de músculos. Não era muito magro, mas também não muito musculoso. Alexandre era simplesmente, Alexandre. Perfeito em sua aparência, mas oco em seu interior. Porém, como já disse, nem sempre ele foi tão vazio.

— Bom, só terá graça se Alexandre entrar também – Thiago resmungou. — Vamos cara. Escolhe uma boceta pra foder hoje.

— Não estou com vontade. Por que se incomodam com isso? Que porra!

— Cara, podemos pegar o mesmo privativo. Nós três com as três gatas e então fazemos uma troca. O que acha? – Léo perguntou entusiasmado com a possibilidade de foder três mulheres ao mesmo tempo.

— Sabe o que eu acho, que vocês dois são dois idiotas pervertidos – Alexandre resmungou e soltou uma gargalhada batendo seu copo sobre a mesa de madeira. — Acha mesmo que eu transaria com uma mulher ao lado de dois homens nus, tendo que ver pintos flácidos, eretos e gozados? Nem morto - ele concluiu e Thiago com toda a sua lábia de pegador, respondeu:

— Acho a ideia do Léo bem legal e prazerosa – ele riu. — Imagine?

— Não quero imaginar.

— Não. Vamos. Tente. Apenas imagine, cara – Thiago insistiu.

— Sem Chance – Alexandre se enfureceu. — Meu pau não vai nem levantar. Não quero ouvir gemidos masculinos. Isso é nojento – ele disse numa careta engraçada.

— Mas quem é que vai gemer, Alexandre? Só boiolas gemem. Eu por exemplo, solto rugidos, grunhidos, rosnados...

— Cara, você está mesmo empenhado em ver meu pau? – Alexandre riu. — Vai se catar. Não vai rolar.

— Okay. Chega! – Léo interrompeu. Thiago e eu vamos então. Você meu amigo... Pode ficar aí. Triste e solitário. Vamos curtir as coisas boas da vida – Leonardo disse se levantando. — Vou garantir minha diversão – concluiu se afastando e caminhando até o palco onde a morena ainda dançava. Léo era o mais mulherengo da turma. Seu lema era: quanto mais, melhor. Sua última transa foi com duas gêmeas suecas que vieram passar o carnaval no Brasil na semana passada. Ele alugou um iate em Ilha Bela, e lá desfrutou de cada pedaço do corpo das duas irmãs. Ele era simplesmente uma máquina do sexo. Com seus quase 1,90 de altura, um corpo malhado, abdômen com oito quadradinhos, cabelos loiros dourados, pele bronzeada estilo surfista, um par de olhos azuis e uma tatuagem extremamente sexy. Ele deixava qualquer boceta molhada em questão de segundos.

— É isso... Estou indo atrás da minha presa – Thiago disse, também sumindo entre as pessoas seguindo rumo a sua felicidade.

Alexandre ficou ali, parado, contemplando a dança sensual da morena em frente ao seu amigo e depois, viu o momento em que Thiago levou a loira para o corredor dos reservados, mas não antes de enviar um sinal para Léo que sorriu e acenou.

— Esses dois pilantras – ele riu e no mesmo instante, uma linda mulher de olhos azuis e cabelos de fogo, se jogou em seu colo. Ela entrelaçou seus braços ao redor de seu pescoço cruzando os punhos e mudando o copo que carregava para sua mão direita. Aparentemente, estava um pouco alta por causa de sua vodca.

— E aí garanhão! – ela sussurrou e sua voz saiu carregada de desejo. Ela queria sexo. Sexo sujo, bruto e selvagem. Alexandre conseguiu ler sua expressão antecipadamente. Ele conseguia sentir o cheiro da excitação da bela ruiva.

— Oi – foi tudo que ele conseguiu dizer sem parecer estranho. A ruiva desconhecida ainda estava empoleirada em seu colo. Ela se levantou devagar e passou a perna para o outro lado se aconchegando ainda mais nele. Ela soltou uma mão que o enlaçava

e levantou cuidadosamente o pequeno vestido que usava apenas para que Alexandre tivesse um pequeno vislumbre de suas coxas grossas e rígidas pelos inúmeros exercícios físicos que mantinha diariamente. As únicas coisas que os separava de um contato mais íntimo, era a calça jeans e a boxer da *Calvin klein* branca dele. Mas Alexandre ainda não sabia disso.

— Posso saber seu nome, garanhão?

— Alexandre – ele disse sorrindo enquanto o perfume de jasmim inundava suas narinas.

— Nanda – ela sorriu.

— Prazer, Nanda – ele levou suas mãos até a cintura da ruiva descarada.

— O prazer vem depois, querido – ela sussurrou em seu ouvido mordiscando o lóbulo de sua orelha. — A não ser que não possa esperar – ela sorriu e em seu rosto estava estampado toda a sua luxúria e o prazer.

— Não sou um homem muito paciente – disse capturando seus lábios vermelhos sem pestanejar. O beijo começou lento, sensual... Logo foi ficando mais erótico e se viam línguas entrelaçando-se, sugando uma a outra. Gemidos abafados e a ruiva dançando sensualmente em seu colo, fazendo despertar todos os seus desejos primitivos.

Ele repousou suas mãos nas coxas dela e grunhiu com o contato. Suas mãos foram roçando levemente sua pele macia e subindo cada vez mais. A ruiva ensandecida gemia feito uma felina. Assim que suas mãos invadiram seu traseiro, ele rosnou pela falta de tecido que deveria estar ali.

— Puta merda! Você me tem duro – ele disse ajeitando-se nervosamente em seu assento.

— Você gosta?



— Qual o homem em sã consciência que não gosta disso? – ele riu. — Você é uma safada, baby!

— Nunca disse que não era – ela rebateu agarrando a camisa de linho dele e abriu alguns botões para se aventurar em seu torso.

— Aqui não – ele a bloqueou.

— Privativo?

— Privativo – ele afirmou.

Os dois passaram pela multidão com as mãos dadas. Passaram pelo corredor, de onde dava para se ouvir vozes, gritos, gemidos e até sons de palmadas. Todo tipo de palavra suja, se escutava por aqueles nove privativos, fechados apenas por cortinas pretas com leve transparência. Não havia camas. Apenas uma barra cromada em cima de um pequeno e baixo palanque branco e assentos vermelhos encostados nas paredes. De frente, um enorme espelho que refletia tudo ao redor. A iluminação escassa por luzes vermelhas e violetas que se alternavam de segundo em segundo, como um jogo de luz.

— E agora? – ela perguntou, mas não deu chances para que ele respondesse. Suas mãos foram até o zíper lateral de seu vestido e o abaixou sem muita elegância. Foi um golpe rápido. Seu vestido caiu sobre seus pés e Alexandre suspirou pesado com a visão daquele par de peitos médios, com auréolas rosadas e a boceta mais lisa que ele já tinha visto. Sua boca transformada em um “O” arrancou risos da bela ruiva que subia ao palanque apenas com seus saltos pretos de tiras que abraçavam seus tornozelos.

Ela foi dançando ao som de **Jennifer Lopez e Pitbul– Dance Again**, mexendo os largos quadris ao ritmo da música. Alexandre assistia a tudo fascinado com a beleza e a desenvoltura da ruiva. Ela o olhava nos olhos, penetrando em sua parede dura e sua expressão impassível. Ela o perfurou apenas com um maldito olhar

sexy. Alexandre amaldiçoou-a por isso. Por ter conseguido olhá-lo tão intimamente.

Ele se aproximou apenas para tocá-la por baixo. Por entre sua fenda. Quando seus dedos atingiram o clitóris da mulher fatal, ela gemeu e se agachou ainda mais para dar maior acesso aos seus enormes dedos. A mulher o olhou em transe quando ele levou seus dedos até a boca e os chupou com um meio sorriso safado. Foi o estopim. Num ato impensado, ela se jogou em seus braços e começou a despi-lo. Alexandre de pé, apenas encostado na parede fina e gelada, fechou os olhos absorvendo a sensação dos lábios grossos da ruiva em torno de seu pau duro.

— Caralho!!! – ele grunhiu feito fera.

Ela seguia com seus lábios poderosos e sua língua habilidosa. Seus cabelos sendo puxados fortemente por ele enquanto ela sugava tudo o que ele tinha a oferecer. Quando ele achou que não poderia mais aguentar as investidas da ruiva, levantou-a e a beijou jogando-a contra o palanque. Foi um beijo bruto e cruel. Ela cravejava as unhas em suas costas e ele urrava. As pernas dela estavam em sua cintura facilitando o contato. Alexandre se afastou ofegante, sabia que não era sábio tomá-la sem quaisquer precauções. Sexo para ele sempre era sinônimo de segurança. Então, ele agachou até sua calça e de sua carteira, retirou o pequeno envelope prateado. Ele rasgou nos dentes e tirou a camisinha envolvendo-a em torno de seu membro que latejava e implorava por libertação. Mas um pouco, ele teria um tremendo caso de bolas azuis.

— Está pronto, garanhão? – ela brincava com ele.

— Como nunca estive antes.

Num golpe rápido, ele estava dentro dela. Dentro daquela boceta rosada, quente e úmida. Nanda gemia a cada estocada furiosa de seu parceiro. Ela era insaciável. Incansável.

— *Isso... Me foda, Alexandre! Quero que me foda, porra!* – ela gritava. E ele a fodeu de bom grado. Forte, duro e urgente.

— *Merda! Que boceta gostosa.* – ele disse levando sua mão até o seio dela e beliscando um mamilo, fazendo-a gritar.

— *Gosta disso, não é? Safada!* – sua voz imponente tocou seus ouvidos.

— *Ohhh! Não pare! Por favor, não pare! Eu vou gozar...* – ela choramingava totalmente preenchida por ele.

— *Ah, querida. Não vou parar. Vou foder você em todos os lugares* – ele sussurrou em seu ouvido e a promessa a fez explodir numa sensação de dor, prazer e algo mais que ela não sabia explicar. Ela tinha ido para ele forte. Tão forte, que suas pernas amoleceram instantaneamente.

Ela não teve chances para se recuperar de sua respiração entrecortada. Ele apenas a girou numa rapidez impressionante deixando-a confusa por alguns segundos.

Seu dedo já estava em seu buraco apertado antes mesmo dela protestar.

— *Não!* – gemeu.

— *Vou comer essa sua bunda gostosa, querida. E você não irá se opor a isso. Quero gozar aqui, em sua bunda, com seu buraco apertado envolvendo meu pau* – ele lamuriou.

— *Não acho que eu consiga levá-lo aí... Você é muito grande, Alexandre.*

— *Sem essa querida. Você vai gostar e gritar pro papai aqui* – ele riu dando um forte tapa em sua nádega, esfregando o local logo após. Ela gritou em surpresa, mas se excitou com a ideia de tê-lo em seu ânus.

Alexandre a levava lindamente. Gemidos e grunhidos rasgavam o ambiente e podiam ser ouvidos em todos os outros oito privativos. Ela gritava numa mistura de dor e prazer, enquanto Alexandre se esforçava para tirar qualquer vestígio da mulher que ainda o atormentava. Patrícia foi um grande golpe em seu ego. Mas ele iria superar.

Seus dedos trabalhavam em seu clitóris enquanto seu pau afundava mais e mais dentro de seu traseiro. E quando ele não pode mais aguentar, sentiu seu orgasmo se construindo e se deixou levar pela sensação explodindo feito um animal selvagem. Alexandre acabava de foder sem sentido. Sem amor, sem nenhuma espécie de sentimento que não fosse apenas prazer. E ele gostou dessa sensação. E desejou que assim fosse para sempre. Ao menos assim, ele sabia que não se machucaria mais.

Nunca mais.

## Capítulo 2

Dois dias se passaram após Alexandre ter conhecido Nanda. Na verdade, naquele mesmo dia, ele descobriu que ela era uma das *strippers* da boate, tinha apenas 24 anos e se chamava Fernanda Martinelli.

Ele a fez uma proposta. Absurda até, eu diria, mas ele era assim, impulsivo. Em uma de suas conversas com ela, Fernanda deixou escapar que tinha uma amiga que trabalhava em uma grande advocacia e que havia mandado um currículo na esperança de mudar de vida. Alexandre quase surtou ao saber que ela falava da empresa de sua ex-noiva, Patrícia. Então, ele ofereceu emprego a ela como sua assistente pessoal. Teria um bom salário, um *flat* pago pela empresa e outras mordomias, como: um carro a sua disposição por tempo indeterminado e também pagaria um curso na melhor universidade de São Paulo. Fernanda ouvia tudo abismada.

— E o que eu teria que dar em troca? Sim porque isso é mais do que deveria ganhar uma assistente pessoal – ela perguntou cismada.

— Quero que me ajude. Que seja uma espécie de espiã. Quero que consiga todas as informações possíveis com sua amiga, sobre a empresa onde ela trabalha. Mas especificamente sobre Patrícia Vernek – ele explicou.

— O que quer com ela? Não quero nenhum tipo de problema pro meu lado – ela recuou.

— Não irei metê-la em problemas. Eu prometo – ele sorriu pegando sua mão.

— Uau! – ela sibilou. — Um carro, um apartamento, emprego com um ótimo salário... – ela sussurrava para ela mesma, não acreditando na reviravolta que sua vida daria, caso ela aceitasse.  
— Aceito!

— Yes! – ele se animou.

— Mas... Tenho uma condição – ela o olhou nos olhos.

— Fora tudo isso que lhe ofertei? Já está abusando – ele sorriu.

— Quero saber o por que.

Um silêncio desconfortável pairou entre eles.

— O por que do quê?

— O porque quer que eu faça tudo isso. O que de tão grave essa tal Patrícia te fez – ela sorriu diabolicamente girando seu copo na mesa.

— Ela me traiu – ele disse numa carranca.

— Mulheres fazem isso. Todo o tempo. Homens também – ela retrucou. — Não deveria se importar com isso.

— Eu a amava. Íamos nos casar. Quer dizer, ia pedi-la em casamento, quando a vi nos braços de outro. Ela acabou com todas as minhas esperanças de um dia ser feliz. Me fez desacreditar do amor, da vida... Me fez desacreditar que serei feliz um dia novamente.

— Isso me parece muito com “dor de corno”. Vai por mim, isso passa – ela riu deixando-o nervoso.

— Se não passou em um ano, não irá passar nunca mais – ele disse com convicção.

— Ah! Homens – ela revirou os olhos. — Me conte os detalhes. Quero saber tudo e então, vamos começar traçando algumas estratégias de vingança maligna para exaltar o seu ego masculino – ela gargalhou.

— Isso não é brincadeira. Eu jurei que iria destruí-la. E vou. Nem que seja a última coisa que farei na minha vida – ele se enfureceu por Fernanda zombar de sua dor. — Vai me ajudar ou não?

— Mas é claro, chefinho! – ela sorriu levantando seu copo de uísque para brindar e solidificar a união entre eles. Alexandre bateu seu copo contra o dela e ao tilintar dos copos, sorriram e piscaram um para o outro.

— Me encontre daqui dois dias em minha empresa. Quero começar o mais rápido possível – ele disse jogando sobre a mesa, um cartão de visita que havia em sua carteira. Na parte superior estava escrito Keller’s Construtora e Incorporadora – Ltda. Ela arregalou os olhos e disse surpresa:

— Você é o filho de George Keller? O ex-senador da república?

— Sim. Por que o espanto?

— Uau! Isso é fodástico! – ela riu.

— Fodástico? Sério? – ele bufou. — Temos que melhorar esse seu vocabulário – ele gargalhou e ela deu um tapa em sua nuca.

— Te vejo em breve, chefe – ela disse e ele saiu da mesa e seguiu em direção aos seus dois amigos que o olhavam com olhos curiosos. Depois de algumas horas, eles foram cada um para sua casa.

**... TRES MESES DEPOIS...**

— E então? O que descobriu?

— Não dá pra descobrir tantas coisas em apenas poucos meses, Alexandre – Nanda andava de um lado para outro, ajeitando seus cabelos ruivos e tentando achar as palavras certas para usar.

— Senhor Keller. Aqui teremos que ser formais – ele exigiu.

— Que seja! – ela revirou os olhos. — Você está muito tenso. Pode relaxar um pouco, por favor? – ela disse apontando para a cadeira de couro preta, para que ele se sentasse.

— Fale de uma vez o que conseguiu droga! – ele se irrita.

— Minha amiga disse que Patrícia não conseguiu o cargo que ela tanto almejava por sua indicação.

— Como não? Ela mesma disse na minha cara. Aquela maldita – ele rosnou.

— Minha amiga disse que ela estava transando com o Governador.

— O quê? – Alexandre bateu com os punhos na mesa.

— E pior. Mesmo casada, ela ainda está transando com ele.

— Vadia! – ele deixou escapar um riso.

— Achei que ficaria chocado. Por que a graça? – ela perguntou sem entender.

— Porque finalmente, posso começar a minha vingança. Júlio com certeza não sabe que ela o trai. E eu quero que ele descubra que a mulherzinha dele é uma vadia. Mas não por mim ou por ela. Quero que eles sejam humilhados. Massacrados. Quero que isso venha à tona para a imprensa. Que saia em todos os jornais – ele disse com brilho no olhar, imaginando a repercussão que isso causaria.



— Vá com calma, Alexandre. Nós não temos provas. O governador é um homem poderoso e tem uma família. Não podemos divulgar isso para imprensa sem provas.

— Não temos. É verdade – ele sussurrou. — Mas conheço alguém que pode conseguir – ele disse olhando-a nos olhos e ela deu dois passos para trás recuando e balançando a cabeça negativamente.

— Nem vem... Não vou dar uma de detetive.

— Claro que vai. Te pago uma fortuna pra quê? Para ficar aqui olhando pra minha cara? Está decidido. Quero você na cola dela. Descubra onde ela vai, o que ela faz todos os dias. Os horários em que ela sai sozinha. Os dias em que ela se encontra com seu amante e o lugar também. Quando tivermos tudo isso, eu pago um paparazzo para fotografá-los. Deixe isso por minha conta – ele abre um sorriso satisfeito. — Ahhhh! Bem que me disseram que a vingança é um prato que se come frio – suspirou.

— Acho que eu mereço uma recompensa chefinho – Nanda disse abrindo os três primeiros botões de sua camisa branca tirou-a de dentro de sua saia lápis cinza e terminou de abrir os botões calmamente.

— Não tenho tempo pra safadeza agora, Nanda – ele a olhava com tesão.

Ela jogou longe sua camisa, abriu o fecho frontal de seu sutiã e deslizou a calcinha entre as pernas. Puxou o zíper lateral de sua saia e caminhou até ele apenas com seus saltos *Louboutin* preto. Ela debruçou em sua mesa ficando de frente para ele, que ficou hipnotizado por seus seios à mostra. Ela lambeu os lábios vermelhos em antecipação e chamou por ele:

— Sou toda sua, chefinho.

— Você é uma descarada, Nanda. Uma safada!

— Já sei disso. E eu sei que é assim que você gosta – ela sorriu. Ele se aproximou da porta, trancou-a para não serem surpreendidos e então, caminhou até ela.

— Você quer ser fodida, não é? – ele perguntou afrouxando a gravata. — Sente-se na mesa e abra suas pernas – ele ordenou e ficou observando enquanto ela o obedecia. — Isso... Agora deite-se. Quero seus joelhos dobrados e seus saltos arranhando minha mesa – ele ordenou mais uma vez. — Isso... Vejamos o que temos aqui – ele sussurrou no ouvido dela tocando seu ventre. — Uma cadelinha obediente – ele riu.

— Sim – ela ofegou.

— O que quer que eu faça, querida? Diga-me.

— Quero que me toque.

— Onde? – ele perguntou sem tocá-la.

— Onde quiser, senhor Keller.

— Nada disso. Quero ouvi-la. Vamos. Diga-me onde quer ser tocada.

— Toque-me lá – ela respondeu.

— Lá onde? Vamos, minha safadinha. Você é melhor do que isso. Libere essa boca suja – ele insistia.

— Toque minha boceta, Keller. Chupe-a. Faça-me gozar em sua boca – ela enfim gritou as palavras em meio sua excitação.

Ele deu um sorriso de satisfação. Ele adorava ser obedecido. Adorava ver como as mulheres reagiam aos seus comandos. Nanda não era diferente de nenhuma mulher que ele saia. Noite após noite, ele procurava mulheres como ela. Livres, safadas e fáceis. E, o mais importante, as que não queriam um compromisso.

Ele se curvou até ela e levou dois dedos até sua abertura que já estava encharcada. Empurrou-os para dentro e ouviu-a gemer.

Ele continuou penetrando-a com seus dedos e massageando seu clitóris ao mesmo tempo.

— Ohhh! – ela gemia alto.

Ele aproximou chupando-a com vontade arrancando ainda mais suspiros de sua assistente. Ela se contorcia em cima da mesa e gritava palavras obscenas. Em certos momentos, Alexandre tinha que tapar a boca da bela e ferosa ruiva, para que seus gemidos não fossem ouvidos pelos três andares da empresa. Quase todos os dias eram assim... Sexo, sexo e mais sexo. Alexandre achou um bom jeito de se desestressar de um longo dia de trabalho.

— Uau! – ela assoviou. — Hoje você me levou até as estrelas, garanhão – ela disse terminado de colocar sua roupa. — Você vai ficar bem? – ela perguntou olhando para o monte que ainda estava formado entre as pernas dele.

— Sim. Não se preocupe – ele respondeu se ajeitando em sua ereção.

— Sabe que posso dar um jeito nisso, não sabe?

— Eu estou bem, Nanda. Agora preciso que volte ao trabalho. Tenho muitas coisas para fazer e inúmeros contratos para assinar. Vou buscar um café. E daqui algum tempo estarei de volta – ele disse caminhando até seu banheiro privado, abriu a torneira e jogou água em seu rosto para se refrescar. Seu reflexo no espelho estava um caos. Não pela aparência. Sua expressão era o que o assustava. Preocupação, excitação e medo. Tanto tempo adiando a vingança contra a mulher que arruinou seu coração e agora, finalmente, ele teria sua chance de cumprir a promessa que lhe fez naquele dia fatídico. Mas o que ele tinha medo, era de ser consumido ainda mais pelo ódio e descobrir que no fundo, bem lá no fundo, a vingança não o faria se sentir melhor.

— Volto daqui a pouco – ele disse passando por ela. Ele precisava de ar. Precisava pensar e ficar sozinho. E foi o que ele fez. Cruzou a rua e caminhou até o parque próximo da empresa. O

parque Ibirapuera. Lá se sentou por alguns minutos e ficou contemplando o dia de uma maneira diferente. Ele se questionava se era isso mesmo que deveria fazer. E a resposta veio logo. Assim que os *flashbacks* daquele maldito dia invadiram seus pensamentos. Quando sentiu novamente aquela dor insuportável se instalar em seu peito. Quando aquelas imagens cruéis da mulher que amava, esmagaram seu coração. Em um ano e três meses, Alexandre ainda não estava recuperado. Ele não se permitiu esquecer. Na verdade, lembrar das imagens dela nos braços de outro homem, era o que o mantinha vivo para vingar-se. Muitos e muitos dias após o ocorrido, ele sofreu, chorou, até mesmo pensou, por alguns breves segundos, em se matar. Foram cinco anos de dedicação e amando uma mulher que ele acreditava que seria sua para sempre. Uma mulher que ele sempre deu carinho e amor. Sempre foi fiel e sincero. O qual sempre a colocou como prioridade em tudo em sua vida, e isso, foi sua maior decepção. Ver que tudo o que ele fez, todo o amor que lhe ofereceu, não foi o bastante. Ele se sentiu um nada por longos meses. E agora, ele estava tendo sua chance. Ele tinha dois caminhos: continuar em seu poço de autopiedade e seguir com sua vida leviana e se vingar da mulher que lhe causou tanto sofrimento ou esquecer. Simplesmente esquecer. Se permitir seguir em frente e viver um novo amor. Só que ele não se achava capaz de poder amar novamente. De se entregar para uma mulher com a mesma intensidade. Ele não acreditava mais que um dia poderia ser feliz. E isso, o deixou ainda mais com o coração gélido e sem esperanças.

### **... CINCO MESES DEPOIS...**

— Ligue a televisão! Rápido! – Nanda irrompeu como um raio na sala de Alexandre.

Ele se assustou com seu jeito e rapidamente, encontrou o controle remoto de sua LCD enorme que ficava fixada na parede amarelo ouro de frente a sua mesa.

*"Um escândalo nacional. O governador Vidal Felis, foi visto com sua advogada Patrícia Vernek Ferreira de 27 anos, saindo de um motel na zona sul de São Paulo. Fotos íntimas e comprometedoras do Governador e a advogada vazaram nas redes sociais e foram publicadas no jornal da cidade. Patrícia Vernek é casada há pouco mais de um ano com o advogado criminalista Júlio Ferreira. Ele foi procurado por nossa equipe e não quis comentar sobre o assunto. Há rumores de que Júlio tenha entrado com um pedido de separação esta manhã".*

— Conseguimos! – ela gritou.

— É. Conseguimos – ele sorriu ainda sem acreditar.

Após alguns meses, Alexandre descobriu que ela e Júlio se separaram litigiosamente e que ele a deixou na pior. Ela ainda estava com a empresa, mas com uma enorme mancha em seu nome, sozinha e que teria que recomeçar do zero. Assim como quando eles se conheceram.

Ele se sentia mais leve. Mas se decepcionou ao ver que isso não supriu sua necessidade. Não foi o bastante para ele, apenas saber da desgraça de sua ex-noiva. Ele precisava vê-la. Olhar nos olhos dela e rir descontroladamente. E foi exatamente o que ele fez. Mas isso também não o satisfez. Não depois de ouvi-la dizer em voz alta que ela daria a volta por cima e que ele jamais a veria rastejar e implorar por perdão. Ele teve que engolir as duras palavras que saíram de sua boca: Eu nunca amei você, Alexandre. Eu apenas te usei, assim como usei Júlio e o Governador. Tente conviver com isso. Eu não me importo com nada do que aconteceu. Isso não me afeta. Pode rir à vontade – ela disse sorrindo e ele

pode ver o quanto ela era pior do que imaginava. Uma mulher fria, insensível e sem valores.

— Você está errada, Patrícia. Vai chegar o dia em que rastejará a meus pés e implorará pelo meu perdão. E quando esse dia chegar, eu vou olhar em seus olhos e verei sua derrota. Vou sorrir e pisar ainda mais em você.

— Não vai acontecer – ela disse com tom sarcástico. — Mas pode ficar aí, ninguém irá te culpar por tentar... Quem sabe em seus sonhos... Ficarei por aqui vendo sua vida passar e você perder tempo em função da minha. Isso até que será bem emocionante – ela disse e ele se virou para ir embora. Por hora, ele estava satisfeito.

## Capítulo 3

### ... UM ANO DEPOIS...

O dia não havia começado muito bem para a jovem Leila. Logo pela manhã, ela havia recebido uma carta da universidade que constava quase três mensalidades atrasadas. Com a morte repentina de seu pai, as coisas estavam saindo do controle. O que sua mãe ganhava com as vendas dos doces caseiros, mal pagavam as despesas do mês. Mas Leila era uma mulher forte e decidida, apesar de sua pouca idade, era uma mulher responsável e otimista.

— Mãe. Estamos com problemas. Acho que teremos que vender nosso carro – ela disse olhando tristemente para a carta com um sinal de alerta no rodapé: "*Último Aviso*".

— Não filha. Daremos um jeito. Não podemos vender o carro.

— Precisamos mãe. Não podemos adiar. Já estou enviando alguns currículos para algumas empresas e...

— Leila. Combinamos que só iria trabalhar após concluir a faculdade – sua mãe disse com pesar.

— A situação mudou mãe. Se não fizermos isso, nos próximos meses iremos passar fome e terei que trancar a matrícula. Não quero isso. E outra, quando arrumar um emprego, comprarei outro carro. Fique tranquila. Ficaremos bem – ela suspirou tentando sugar

firos de esperança. Deu um abraço apertado em sua mãe e foi para o quarto, onde se trancou e chorou a manhã inteira.

Leila estava perto de se formar em Arquitetura na melhor universidade de São Paulo. Com uma bolsa parcial de 50%, era uma das alunas exemplares. Sempre com altíssimas notas. Ela iria lutar com unhas e dentes para terminar seus estudos. Seu sonho sempre fora ser uma Arquiteta famosa, casar e ter filhos. A família para ela, sempre vinha em primeiro lugar. Leila era uma garota sonhadora, mas nunca vivia fora de sua realidade.

Ela se sentou em sua cama e abriu seu notebook. Entrou em sua conta de e-mail na esperança de que seu namorado, ou *quase* namorado, tivesse lhe mandado alguma mensagem. A decepção por não ter recebido nenhuma mensagem durante uma semana, despedaçou-a por dentro. Então, ela resolveu mandar uma.

*De: Leila Gomes*

*Assunto: Estou com saudades*

*Data: 21 de abril de 2014 15:20*

*Para: Brandon Belshoff*

*Oi amor. Estou sentindo sua falta. Por que não pode estar aqui comigo? É tudo um tédio sem você.*

*Bjus.*

*Sua Leila*



Ficou ainda ali, por alguns minutos, na esperança de obter um retorno. Nada.

— O que está fazendo, querida? – sua mãe irrompeu em seu quarto com um sorriso contagiante. Mesmo em meio a tantas dificuldades, mãe e filha eram unidas e viviam sorrindo.

— Oh, nada! – ela respondeu fechando seu notebook às pressas.

— É o Brandon? Querida, eu já te falei. Por que simplesmente você não arruma um namorado de verdade?

— Mãe! Brandon é de verdade – ela revirou os olhos.

— Não querida. Não é. Eu queria tanto que você fosse uma mulher normal, filha. Por que você não aceita sair com o Tadeu? Ele sim é apaixonado por você. Não esse cara virtual que você cismou que é o homem perfeito – sua mãe disse chateada.

— Brandon é o homem perfeito, mãe. E ele me ama de verdade.

— O que você sabe sobre o amor, Leila? Nem sequer teve um namorado. Eu sei que se decepcionou com o Fábio. Ele não era o cara certo pra você. Mas não quer dizer que todos os caras são como ele.

— Eu sei. Brandon é diferente – ela suspirou lembrando da única foto que o rapaz havia mandado por e-mail para ela, na qual só estampava o belo rosto do rapaz.

— Querida, não se iluda. Esse rapaz pode ser um maníaco. Já parou para pensar que ele pode não ser o que diz ser?

— Ele não é um mentiroso. Nos falamos quase todos os dias mãe.

— Não gosto dele, Leila. Um rapaz que te pede em namoro por um e-mail, não merece minha confiança.

— Não foi por e-mail, o pedido. Foi pelo *Skype*.

— E ele estava olhando em seus olhos quando fez o pedido?

— Não. Mas ele disse que a câmera dele estava quebrada – ela deu de ombros.

— E você acreditou?

— Totalmente. Já disse mãe, Brandon é o cara certo pra mim. Já estamos namorando há três meses e ele é um fofo – ela sorriu deixando sua mãe ainda mais alarmada.

— Tome cuidado, minha filha. Tome cuidado.

— Você não pode simplesmente ficar feliz por mim? Eu estou feliz, mãe. E eu amo o Brandon.

— Você já tem 24 anos Leila. É inteligente, madura... Não sei como pode cair nessa. Mas espero de coração, que esse rapaz seja o que diz ser. E mais, que ele seja o que você espera. Não quero que sofra outra vez – ela disse saindo do quarto deixando Leila pensativa.

Leila havia conhecido Brandon em uma sala de bate-papo há três meses. Desde então, o relacionamento dos dois ficou ainda mais intenso, apesar de nenhum dos dois conhecer realmente um ao outro.

Após o jantar, Leila correu para o quarto. Já estava quase na hora de se comunicar com seu namorado virtual. Brandon era sempre muito pontual. Ela abriu seu notebook, mas a decepção veio rapidamente nas primeiras linhas do e-mail.

*De: Brandon Belshoff*

*Assunto: Me Too*

*Data: 21 de abril de 2014 19:40*

*Para: Leila Gomes*

*Minha linda... Também sinto sua falta. Sinto não podermos conversar hoje à noite. As coisas aqui no hospital estão tensas.*

*Te Amo, princesa.*

*Seu Dr. Brandon Belshoff*

Ela leu e releu várias e várias vezes e começou a escrever.

*De: Leila Gomes*

*Assunto: Uma foto*

*Data: 21 de abril de 2014 20:15*

*Para: Brandon Belshoff*

*Que pena. Queria ouvir sua voz! Pode me mandar uma foto? Minha mãe cismou que você pode ser um velho barrigudo ou um maníaco, sei lá... Só queria poder te ver por alguns minutos.*

*Sua Leila*

Ela clicou em enviar e após cinco minutos, seu celular vibrou. Ela clicou na mensagem e na tela, a imagem do belo médico vestido de azul claro, uma touca azul e uma máscara, encheu-a de alegria. Logo abaixo da foto, uma pequena mensagem:

*"Estou entrando na sala de cirurgia. Nos falamos amanhã. Beijos".*

O sorriso de Leila era tão grande, que quase não cabia em seu rosto angelical.

Ela estava perdidamente apaixonada.

Ela tinha a certeza de que Brandon era o homem perfeito para fazê-la feliz.

**... DIAS ATUAIS...**

— Mãeeeeeee! Corre aqui! – Leila grita de seu quarto. Depois de alguns segundos, sua mãe chega ofegante. Olha para ela e se

enfurece.

— Merda, Leila. Você adora me assustar. Achei que estava morrendo – ela diz.

— Mãe, Brandon marcou nosso encontro. Será no final de semana. Ele virá de Belo Horizonte e ficará aqui em São Paulo por três dias – ela diz dando pulinhos de alegria e abraça sua mãe.

— Já estava na hora. Quatro meses de namoro sem um beijo, eu não aguentaria.

— Nossa, estou tão feliz.

Seus olhos brilhavam.

— Ele virá aqui em casa, não é? Quero conhecê-lo primeiro.

— Mãe. Caramba. Eu já dei até o CRM dele e ainda está desconfiada? Poxa. Ele é médico, tem 34 anos... Não acho que seja um moleque que quer brincar – ela se chateia.

— Veremos.

— Bom. Preciso sair agora. Tenho uma entrevista numa empresa aqui perto. Cruze os dedinhos, mãe. Preciso desse emprego e a empresa paga bem.

— Boa sorte, querida. Vá com cuidado!

Ela se despede de sua mãe e caminha alegremente pelas ruas de São Paulo. Enfim, depois de tantos meses, a espera acabou. Ela finalmente verá seu amado.

Após sair do metrô, ela pega um ônibus até seu destino. Seu jeito simples e despreocupado arrancava olhares dos homens que passavam.

Ao chegar, pede para ser anunciada e entra no enorme prédio da construtora Líder.

— Bom dia! O senhor Barney está a minha espera – ela sorri para a secretária.

— Leila Gomes?

— Sim.

— Por aqui, por favor.

A secretária a acompanha até a sala e abre a porta.

— Senhor Barney, a senhorita Leila Gomes.

— Obrigado, Aline. Pode nos deixar a sós, por favor – o homem que aparentava não mais que uns quarenta anos, se aproximou.

— Sente-se – ele diz indicando a cadeira. — Tem alguma experiência na área, senhorita Leila?

— Não, senhor Barney. Como havia dito, estou para terminar a faculdade no final do ano.

— Ótimo – ele responde dando voltas em torno dela, deixando-a apreensiva.

— Não costumamos contratar profissionais sem diploma, senhorita. Mas, posso abrir uma exceção – diz tocando suavemente em seu ombro. Ela se incomoda pelo toque e pigarreja.

— Estou disposta a fazer o que for preciso, senhor. Ainda faltam alguns meses para obter o diploma, mas sou competente.

— Disposta a fazer tudo? – o homem a olhou dentro dos olhos deixando transparecer sua malícia. Tocou-a mais uma vez em seus braços, alisando-a suavemente.

— Acho que me entendeu errado, senhor – ela diz enojada pelo toque do homem barbudo.

— Creio que não. É uma bela mulher, senhorita Leila. Linda. Carinha de anjo... Mas você não me engana. Mulheres como você,

com essa carinha de inocente, geralmente são as mais safadas e eu adoro – o homem diz e leva sua mão até suas coxas.

Leila entra em pânico. Não esperava uma reação como essa em um ambiente de trabalho.

— Desculpe senhor. Foi um equívoco. Devo ter sido mal interpretada. Não tomarei mais o seu tempo – ela diz levantando abruptamente para se livrar do assédio do homem que a comia com os olhos.

Ele a parou puxando-a pelos braços antes mesmo dela conseguir chegar até a porta.

— Me larga seu idiota.

— Olha! A anjinha tem garras – ele sorri.

Ela não pensa duas vezes antes de acertar suas bolas.

— Ai, desgraçada – o homem urra.

— Como disse, foi um equívoco, senhor.

E ela se vai.

Lá se vai mais uma chance de conseguir um emprego. O dinheiro da venda do carro não irá durar para sempre. As mensalidades estavam em dia, mas as contas não paravam de chegar. A venda dos doces cada dia ficava pior.

— Já chegou? E aí, me conta, conseguiu o emprego? – sua mãe sorri amplamente.

— Consegui – ela bufou se jogando no sofá pequeno. — Acertei as bolas do safado. Acredita que ele estava me assediando?

— Como?

— É. O filho da puta do dono me assediou. Minha vontade foi de matar aquele desgraçado. Mas só dei uma joelhada no saco dele.

— Certo. Isso já foi longe demais. Na próxima entrevista eu irei junto.

— Nem morta, mãe. Sou uma mulher. Maior de idade e sei lidar com isso. Sempre soube.

— Você precisa denunciá-los filha. Eles não podem ficar impunes deste jeito.

— Não quero problemas, mãe... Vou para meu quarto.

— Você vai conseguir filha. Ainda temos um bom dinheiro. Vamos ficar bem – sua mãe diz e a abraça forte.

*De: Leila Gomes*

*Assunto: Ansiosa por te ver*

*Data: 25 de maio de 2014 16:15*

*Para: Brandon Belshoff*

*Meu dia foi uma droga. Ainda não consegui um trabalho. Queria tanto que estivesse aqui ao meu lado.*

*Bjus.*

*Sua Leila*



Ela clica em enviar e a resposta vem logo após.

*De: Brandon Belshoff*

*Assunto: Contando os dias*

*Data: 25 de maio de 2014 16:18*

*Para: Leila Gomes*

*Falta pouco meu amor. Estou contando os dias. Consertei minha câmera. Hoje poderá me ver em tempo real pela primeira vez. Te ligo às 22:00hs. Louco para ouvir sua voz. Esteja on line no Skype.*

*Te amo.*

*Dr. Brandon Belshoff*

*"Eu não acredito" – ela diz pra si mesma.*

## Capítulo 4

— Querida, cheguei!

— Estou no quarto, mãe! – Leila grita ajeitando seu notebook em cima da cama. Já se passa das dez da noite e seu coração palpita de ansiedade.

Ela abre o *Skype* e fica com os olhos vidrados no nome de Brandon, que está off-line.

— Vamos, Brandon. Cadê você? – ela sussurra baixinho a espera que ele apareça e acabe logo com seu sofrimento.

Alguns segundos depois, ela abre um sorriso ao ver na tela, a chamada de Brandon. Ela suspira profundamente e atende a chamada. O que ela vê na tela, quase faz seu coração parar. Brandon estava ali. Exatamente como havia dito. Exatamente como na foto que havia mandado para ela.

— Oi minha linda – ele abre um sorriso que a faz perder a fala por alguns segundos.

— Brandon – ela consegue pronunciar pausadamente em um sussurro de felicidade.

— Você é ainda mais bonita pela câmera – ele diz arrancando um riso tímido dela.

— Nossa! Você é tão bonito – ela diz contemplando um belo par de olhos azuis.

— Me desculpe aparecer assim sem camisa. Estava dando banho na Sissi – ele diz.

— Agradeça a Sissi por mim, então. Pois estou tendo uma bela visão – ela ri olhando para os músculos expostos de Brandon e a linda Golden Retriever no colo dele.

— Você é tão linda. Tão doce... – ele diz.

— Não vejo a hora de poder estar com você, Brandon.

— Eu também, minha linda. Eu só tenho um problema, Leila.

— O que foi?

— Fui convidado para fazer um curso de especialização em Boston. É uma grande oportunidade e não posso deixar passar – ele suspira aguardando a reação dela.

— Mas, e nosso encontro no final de semana? Você irá vir, não é? – ela pergunta um pouco decepcionada.

— Vamos ter que adiar o nosso encontro, querida. Preciso viajar amanhã. Ficarei em Boston por dois meses. Você vai esperar por mim?

— O tempo que for preciso – ela diz com lágrimas nos olhos.

— Ligarei pra você todos os dias minha linda. Não fique triste. Quando voltar, vamos recuperar todo esse tempo longe.

— Sim... Nós iremos – ela diz secando as lágrimas que teimavam em cair.

Eles conversam sem parar. Leila diz sobre suas dificuldades de conseguir um emprego e Brandon sobre seu trabalho no hospital. Os dois conversam como se conhecessem há anos. Mas nenhum dos dois sabia, na verdade, sobre seus verdadeiros sentimentos. Só havia promessas. Promessas de que, um dia, estariam juntos para sempre.

— Preciso ir agora, minha linda. Já passa dá uma da manhã e acordo cedo.

— Tudo bem.

— Eu te amo – ele diz olhando nos olhos dela.

— Eu também.

\*\*\*

Mais um dia ensolarado e difícil para a mãe de Leila. A venda dos doces estava indo de mal a pior. Do jeito que estava logo teriam que usar o resto do dinheiro da venda do carro. O que mal dava para passar mais uns três meses.

— Leila, está em casa?

— Estou no quarto, mãe – ela grita. Sua mãe balança a cabeça em negativa. Já fazia três dias que ficava pendurada em seu notebook, apenas esperando o contato de Brandon.

— Filha, me dói o coração ver que está perdendo tempo com um cara que não dá a mínima pra você.

— Mãe. Não quero discutir isso outra vez.

— Olha pra você, Leila. Meu Deus! Filha, você não vive mais. Não tem amigos, não vai ao cinema...

— Não preciso ir ao cinema, mãe. Sério. Ele disse que me ligaria todos os dias. Deve ter acontecido alguma coisa. Ele não atende meus telefonemas e...

— Leila – sua mãe a repreende. — Esqueça esse cara. Está na hora de viver de verdade. Não ficar aí, se iludindo com alguém que

só está brincando com seus sentimentos.

— Eu prometi que iria esperar por ele, mãe. E é isso que vou fazer. Não me interessa se a senhora gosta dele ou não. Eu gosto. É somente isso que importa – ela se enfurece.

— Tudo bem. Mas não diga que não avisei Leila. Você está entrando numa roubada. Ainda vai se arrepender dessa sua teimosia – sua mãe a alerta e vai embora.

Leila fica ali, com o notebook aberto, na esperança de que Brandon apareça para acalmar seu coração confuso. Mas, conforme as horas passam, a decepção é iminente.

\*\*\*

*"O ex-deputado Guilherme Goes foi preso esta manhã após ser acusado de matar sua namorada, Melissa Fontana. O caso foi parar na delegacia central de São Paulo. Testemunhas disseram que viram o casal entrando numa boate e logo após, iniciarem uma briga. Melissa foi morta com três tiros no peito. A advogada do ex-deputado foi entrevistada hoje pela manhã. Patrícia Vernek, uma das maiores criminalistas de São Paulo, está cuidando do caso e já solicitou o habeas corpus. Vale lembrar que a advogada se envolveu num dos maiores escândalos no ano passado."*

— Uhu! Sua ex-noivinha defendendo um criminoso? Ainda bem que se safou dessa, garanhão. Essa mulher não presta – Nanda sorriu para Alexandre estático de frente para a televisão. Ele busca com os olhos o controle remoto, o pega e desliga a TV.

— Então ela voltou a defender a escória da sociedade? Não vou deixar que ela ganhe essa causa – ele emburrou.

— Quer um conselho, chefe?

— Não – ele retrucou.

— Acho que já está na hora de deixar essa vadia de lado. Olhe para você Alexandre. Quando foi que saiu para se divertir?

— Ontem à noite. E me diverti muito. A mulher com quem estava pode atestar o seu estado de felicidade quando a fiz gozar pelo menos umas cinco vezes. Duas só na minha língua – ele ri presunçoso.

— Estou falando sério, Alexandre. Quando aceitei te ajudar nessa vingança, pensei que seria uma coisa temporária, sei lá. Mas você está se prejudicando com essa teimosia em querer acabar com ela. Até parece que ainda a ama.

— Não fala asneira. Eu a odeio – ele bufa sentado na cadeira de frente para a enorme janela de vidro. Alexandre fixou o olhar no trânsito e na bela paisagem do Parque Ibirapuera. Acabar com Patrícia, era a prioridade número um em sua vida. Nem que vivesse cem anos, ele não a deixaria em paz, nem um minuto.

— Quero que ligue para o Dr. Cássio. Vou dar um jeito dele defender essa causa. Eu conheço os familiares da Melissa. Faço questão de pagar o advogado para ver aquele safado na cadeia e aquela vaca da Patrícia vaiada.

— Esqueça isso. Olha, até eu estou de casamento marcado. Você precisa seguir em frente – ela diz se posicionando de frente para ele para obter sua atenção.

— Você não entende Nanda. Não consigo seguir a diante. Ela me destruiu. Acabou com qualquer chance de acreditar de novo em alguém – ele suspira derrotado.

— Não é verdade. Você só não está olhando a sua volta. Está saindo com as mulheres erradas. Seus dois melhores amigos são dois galinhas, o que não ajuda muito – ela sorri.

— Vou sentir sua falta, Nanda.

— Ficarei em lua de mel por cinco dias chefe. Não vai se ver livre de mim.

— Você sente falta de quando ficávamos juntos?

— Eu amo meu noivo, senhor Keller. E sem chance, não vou traí-lo com você – ela ri e ele assente.

— Era isso que Patrícia deveria ter feito naquela época. Deveria ter terminado tudo comigo e depois ter ficado com ele.

— Ela é uma vadia, Alexandre. Você não teve culpa.

— Mas você foi sincera comigo. Quando conheceu o Helder, você me disse que não queria continuar com as nossas fudas.

— Nós não éramos nada além de duas pessoas que transavam sem sentido, garanhão. Mas sim, eu quis que soubesse que encontrei alguém. Eu amo o Helder e seria incapaz de traí-lo. Mesmo com você sendo tão irresistível – ela ri.

— Fico feliz que tenha encontrado um cara bacana – ele diz com sinceridade. — Apesar de não poder mais foder com minha assistente – ele solta uma gargalhada.

— Estou indo pra casa. Já acabou o expediente e tenho um jantar com ele hoje.

— Obrigado. Pode ir. Ficarei aqui ainda por algumas horas.

— Pense no que eu te falei. Não vai querer ver que no final de tudo isso, de toda essa vingança, o único prejudicado foi você. Que perdeu momentos de sua vida, em função de alguém que nunca mereceu sequer um segundo dela – Nanda diz e dá um beijo em seu rosto. — Derreta esse seu coração de pedra, Alê. Permita-se amar outra vez. Deixe que a vida se encarregue de dar uma lição naquela vaca desalmada – ela diz assim que se afasta. — Nos vemos amanhã, chefe.

— Até amanhã, Fernanda.



## Capítulo 5

Nada e nem ninguém, conseguia fazer Alexandre mudar de ideia quanto a sua vingança desenfreada. Ele passa dia e noite pensando nas várias formas de fazer sua ex-noiva pagar por todo sofrimento que o fez passar. Ele estava cego de ódio e isso estava corroendo seu coração gradualmente.

No trabalho, Alexandre era sempre um dos primeiros a chegar. Sempre com seu cappuccino do lado, ficava formulando em sua mente qual seria seu próximo passo para acabar com Patrícia, e isso, estava fazendo com que seu rendimento na empresa ficasse a desejar. Hoje o começo do dia não foi diferente para ele, as sete da manhã, lá estava Alexandre, pontualmente, vestido num terno escuro, cabelos alinhados e com sua expressão impassível, obstinado.

— Hei, brother! – Thiago o cumprimenta com sorriso no rosto, carregando debaixo do braço seu notebook.

— E aí, Thiagão. Trouxe a planta daquele imóvel? – Alexandre se levanta de sua cadeira, caminhando em direção ao seu amigo.

— Está aqui. Trouxe o arquivo para você analisar. Ainda preciso mostrar para o Leonardo, mas ele ainda não chegou.

— Puta que pariu – ele reclama. — O Léo tá de brincadeira. Preciso desse projeto aprovado e assinado até amanhã. Meu pai está uma fera comigo, está ameaçando me tirar da presidência – Alexandre bufa.

— Você dá mole né cara. Seu rendimento aqui na empresa caiu demais. Sabe que sou teu amigo. Mas preciso dizer que você está vacilando.

— Vá se ferrar.

— Sérió Alexandre. Você está insuportável, cara. Não sei como a Fernanda ainda te aguenta. Você tem que arrumar uma mulher.

— Já tenho várias na minha lista – Alexandre diz sentando-se em sua cadeira, pega o pequeno porta-retratos de vidro de dentro da gaveta e fica observando com o cenho franzido.

— Não digo dessa forma. Você precisa esquecer a Patrícia, cara. Essa raiva toda ainda vai te matar. Olha pra você... Ainda guarda fotos dela. Isso não é normal.

— Sabe por que eu guardo isso, Thiago? Para me lembrar da promessa que eu fiz para ela e pra mim mesmo. Não vou descansar enquanto não vê-la na pior.

— Você é um porre. Sempre com esse discurso. Já está ficando chato com isso, sabia?

— Bom dia, galera – Leonardo irrompe na sala totalmente despreocupado. Pontualidade, não era seu forte.

— Porra, Léo. Isso são horas? Preciso do projeto assinado ainda hoje – Alexandre se enfurece com a tranquilidade do amigo.

— Relaxa, cara – ele sorri se jogando no pequeno sofá preto. — Onde está a Fernanda?

— Nossa. Nem me dei conta. Cheguei aqui tão cedo e nem percebi que ela também está atrasada – Alexandre diz olhando em seu relógio de pulso.

— Ela deve ter começado a lua de mel mais cedo – Leo diz e todos riem.

— Com licença, senhor Keller – Melinda, a encarregada do RH, entra na sala.

— Bom dia, Melinda – Alexandre diz.

— Senhor Keller – ela suspira fundo e todos a olham em expectativa.

— Diga, Melinda.

— O senhor Martinelli acabou de ligar.

— Quem é senhor Martinelli? – ele arqueia a sobrancelha.

— Desculpe, senhor. É sobre sua assistente, Fernanda. O pai dela acabou de ligar para avisar que ela faleceu – Melinda diz deixando os três em estado de choque.

— Como assim? Faleceu? Isso é algum tipo de brincadeira, senhorita Melinda? Porque se for, não tem a mínima graça – Alexandre se exalta levantando de sua cadeira.

— Desculpe, senhor. Sinto muito – ela diz. — O velório será hoje à tarde.

Alexandre fica observando a moça ainda atônito. Thiago e Léo se entristecem pela notícia trágica. Todos eles estimavam muito Fernanda. Ele despensa Melinda com um aceno e se senta. Passa as mãos pelos cabelos e sussurra:

— Não estou acreditando.

— Nossa, cara – Thiago diz surpreso sem saber o que falar para confortar o amigo.

— Isso só pode ser mentira. Ontem ela estava aqui. Veio se despedir de mim depois do dia de trabalho, disse que estava feliz com o Helder, com o casamento. E agora... – ele sussurra atordoado.

— Não sei o que dizer cara – Léo diz. — Acho que seria correto entrar em contato com a família dela. Saber o que aconteceu.

— Farei isso – Alexandre diz sentindo seu coração apertado. Ao longo desses três anos, ele e Fernanda criaram um lindo laço de amizade e cumplicidade. Fernanda não era uma mulher qualquer na vida de Alexandre. Não era apenas uma foda corriqueira. Ela era sua amiga, sua confidente, sua assistente... Fernanda sabia mais sobre ele do que ele próprio. E isso, a tornava especial para ele.

— O que eu farei sem ela, cara? – Alexandre fechou os olhos visivelmente abalado.

— Você terá que ser forte amigo. Ela iria gostar de ver você bem. Ela era uma mulher alegre e gostava de você – Thiago o conforta.

— Sim. Eu sei – ele suspira, aflito.

O resto do dia foi um tormento para Alexandre. Não conseguia se concentrar em mais nada. Como presidente, Alexandre deu ordens para que fechassem a empresa, adiassem os contratos e que os funcionários comparecessem ao velório de sua assistente, deixando seu pai ainda mais furioso com a sua irresponsabilidade. Seu pai passou o dia inteiro gritando em seu ouvido, que o mundo não poderia parar só porque uma pessoa morreu. Só que Alexandre não estava nem aí para o poderoso George Keller. A única coisa que importava no momento era se despedir de sua amiga e chorar a sua perda, sem que ninguém estivesse presente.

No velório, Alexandre soube que Fernanda sofreu um acidente de carro a caminho da casa de seu noivo. Um motorista imprudente, alcoolizado, fez uma ultrapassagem perigosa, perdeu o controle e se chocou de frente com seu carro. Ela foi tirada com vida do local, mas morreu a caminho do hospital.

Olhando-a ali, naquele grande caixão de madeira coberto por diversas flores, ele só conseguia se lembrar do dia em que ela chegou ao escritório, feliz por ter sido pedida em casamento. As palavras de Fernanda ficavam pulsando em sua mente.

— *Ele me pediu em casamento!*

— *Quem? O Helder?*

— *É, bobão. Estou tão feliz, garanhão.*

— *O que aconteceu com você? Onde foi parar aquela mulher fogosa, safada, despreocupada e avessa a relacionamentos?*

— *Essa mulher morreu, Alê.*

— *E posso saber por quê?*

— *Porque ela conheceu o amor. Você deveria experimentar. O amor faz milagres.*

Alexandre ficou ali, por várias horas, se perguntando o por que tudo tinha que ser daquele jeito? Por que ela tinha que partir? Por que ela não teve tempo de viver o seu conto de fadas? Tudo isso parecia injusto para ele. Ele acabara de perder sua confidente. Sua parceira. Sua melhor amiga. Não teria mais ninguém para ouvir seus desabafos, suas iras, suas loucuras e seus planos de vingança.

Mas ele precisava se conformar. Fernanda havia partido e, agora, ele estava por conta própria.

\*\*\*

A noite estava um pouco nebulosa. Debruçada na pequena janela de madeira, Leila procura por respostas olhando fixamente para o céu. Ela suspira pesado, já sem esperanças. Brandon não tinha entrado em contato até o momento e ela ficou se questionando se deveria investir nessa relação. Um sonoro bip em seu notebook chamou sua atenção. Ela corre com seu coração palpitando e um sorriso de alegria já formado em seu rosto. Quando olha na tela, um e-mail de seu amado. Ela olha por alguns segundos, um pouco amedrontada. Até que finalmente, a coragem chega e ela tecla em abrir a mensagem.

*De: Brandon Belshoff*

*Assunto: Me perdoa*

*Data: 28 de maio de 2014 22:59*

*Para: Leila Gomes*

*Olá, minha linda. Mil desculpas por não ter entrado em contato nesses três dias. Minha viagem foi um desastre. Minha bagagem foi extraviada no aeroporto e fiquei esses dias hospedado em um hotel pago pela companhia aérea. Apenas hoje, no final da tarde, conseguiram me enviar meus pertences. Desculpe por isso. Mas meu celular e notebook estavam dentro da mala. O que me impossibilitou de entrar em contato. Espero que não esteja chateada. Amanhã passarei o dia inteiro no curso e, à noite, estarei no hospital para começar a residência. Espero falar com você logo pela manhã.*

*Te amo.*

*Dr. Brandon Belshoff*

Leila estava radiante. Seu sorriso não cabia em seu rosto. Ela tinha a necessidade de dizer a ele que estava bem e que não estava chateada por ele ter sumido esses três dias sem dar uma notícia. Então, clicou em responder a mensagem e digitou apressadamente.

*De: Leila Lopes*

*Assunto: Está perdoado*

*Data: 28 de maio de 2014 23:05*

*Para: Brandon Belshoff*

*Querido Dr. Brandon,*

*Quer me matar do coração? Fiquei esses dias apreensiva sem saber o que havia acontecido com você. Fico feliz em saber que está bem. Uma pena você ter tido esses aborrecimentos. Já estou com saudades.*

*Vou aguardar ansiosa por sua ligação.*

*Ah! Mais um susto desses, você terá que vir me examinar pessoalmente. Meu coração não aguenta.*

*Te amo.*

*Sua Leila*

Ela clica em enviar e logo após, recebe outra mensagem de seu amor.

*De: Brandon Belshoff*

*Assunto: Seu coração é só meu*

*Data: 28 de maio de 2014 23:10*

*Para: Leila Gomes*

*Peça para seu coraçãozinho aguentar firme. O único cardiologista que pode examiná-la sou eu. Portanto, nada de enfartar. Garanto que vou cuidar bem do seu coração.*



*Te amo.*

*Dr. Brandon Belshoff*

Ela sorri e desliga o notebook. Levanta da cama e sai cantarolando até a sala, se joga no colo de sua mãe e lhe dá um beijo na testa.

— Já sei. Aquele doutor de araque conseguiu te enrolar mais uma vez – sua mãe diz desgostosa. Ela não acreditava que Brandon, estava sendo sincero com sua filha. Na verdade, ela achava uma loucura o relacionamento dos dois.

— Ai mãe. Não começa – ela revira os olhos.

— Qual foi a desculpa agora, Leila? Você não percebe que esse cara não é para você? Eu achei que você fosse mais inteligente, minha filha. Principalmente, depois daquele safado do ex-namorado. Ou já se esqueceu de tudo que ele te fez?

— Assim não dá mãe. Vou para meu quarto. Não quero me contaminar com esse seu pessimismo – ela diz e se afasta.

Leila estava completamente cega de amor. Para ela, seu relacionamento era perfeito. Mesmo nunca tendo mantido uma relação corporal com ele. Mesmo tendo sofrido no passado, ela nunca deixou de acreditar no amor. Seu coração ainda estava quebrado em mil pedaços, mas ela acreditava que Brandon poderia curá-la.

Cinco dias se passaram. Brandon manteve a promessa de ligar todos os dias. Sempre preocupado com ela e querendo saber sobre o que fazia diariamente. E-mails, torpedos e chamadas noturnas, começaram a fazer parte da vida deles. Tudo estava indo às mil maravilhas. Sua mãe conseguiu um emprego numa rede de docerias e ela ainda continuava a procurar por um. Agora sua mãe tinha um emprego em horário integral e as duas poderiam sair do sufoco que se encontravam.

Leila já estava cansada de tantas entrevistas. Nenhuma empresa queria empregá-la sem o diploma de Arquitetura, o qual ela só iria obter, daqui sete meses.

Alexandre seguia normalmente com sua vida. Após a morte de Fernanda, ele promoveu Pamela, a recepcionista do RH, a nova assistente. Ele a fez conseguir algumas informações sobre sua ex-noiva e sobre o caso que ela defendia da justiça. Com a morte de Fernanda, Alexandre passou a trabalhar ainda mais e focar somente em sua obsessão de vingança.

— Senhor Keller – Pamela adentrou a sala e observou Alexandre de costas, parado de frente para a enorme janela de vidro. — Senhor Keller – ela o chamou mais uma vez.

Ele acena com as mãos levantadas sem se virar para ela, indicando para que saísse e o deixasse sozinho.

— Desculpe, senhor Keller. Eu preciso de algumas assinaturas nesses contratos com a empreiteira e...

— Tranque a porta, Pamela – ele ordena, absorto.

Pamela caminha até a porta e a tranca enquanto Alexandre assiste a tudo com curiosidade.

Ela caminha em seus saltos agulha, exibindo belas pernas numa saia lápis na altura dos joelhos.

— Já disse o quanto fica sexy nesses saltos? — ele pergunta fazendo-a dar um passo para trás. — Isso foi um elogio, Pamela. Deveria ficar agradecida — ele caminha até ela e sorri quando percebe que a afetou. Era quase impossível uma mulher resistir aos seus encantos. Na verdade, nenhuma das mulheres por quem se interessou, resistiu a ele.

— Desculpe, senhor Keller. Eu volto mais tarde. Quando o senhor estiver em condições de assinar a papelada — ela diz lambendo os lábios, retirando um pouco do seu batom cor de rosa. Alexandre a olha fascinado.

— Não vai a lugar algum, Pamela. Ainda não dei permissão para sair — ele diz autoritário.

Alexandre se aproxima ainda mais, bloqueando a jovem loira contra a parede lisa. Ele leva suas mãos até as coxas da mulher e sobe o pedaço de tecido lentamente. Ele consegue ouvir os batimentos acelerados de sua assistente. A moça fecha os olhos absorvendo a sensação e ele aproveita para beijá-la.

— Senhor Keller — ela sussurra assustada.

— Calma gatinha. Eu quero foder você desde o primeiro dia, sabia?

— Não podemos fazer isso. Estarei na rua se alguém descobrir — a moça diz preocupada com sua reputação. George, pai de Alexandre, era categórico. Nas normas da empresa, era proibido relacionamentos entre funcionários. E isso, incluía diretores e presidentes.

— Eu digo o que podemos ou não fazer. Agora tire a roupa — ele diz se afastando. Afrouxa a gravata e começa a se despir. Pamela assiste a tudo horrorizada e ao mesmo tempo, excitada. O calor consumia sua pele e podia sentir as contrações em seu sexo. Ela olhava para Alexandre com malícia. A cada pedaço de seu corpo. Ela não imaginava que por debaixo daquele terno, havia músculos e um homem extremamente quente.

— Quero te foder aqui, em minha mesa – ele diz e ela solta um gemido antecipado. Alexandre a toma em seus braços e a coloca deitada em sua mesa deixando cair, no processo, alguns papéis e canetas. Mas o que eles não perceberam era que Pamela havia esbarrado, sem querer, no pequeno interfone que ficava ao lado do porta-retrato de Patrícia. Num golpe de azar, o botão apertado, foi exatamente o do conselho dos diretores da empresa, onde todos estavam reunidos em uma reunião de negócios, incluindo seu pai, o dono da empresa e seus dois amigos: Thiago o Engenheiro responsável e Leonardo, o Arquiteto.

— Vamos gatinha, quero ouvir seus gemidos – ele diz introduzindo seu pau em seu sexo.

— Ahhh! Senhor Keller – ela sussurra entre gemidos.

— Diz que estava louca pra que eu fodesse você aqui, em minha mesa.

— Sim.

— Diga, sua safada – ele ordena.

— Eu estava louca para que o senhor me fodesse em sua mesa, senhor Keller – Pamela diz.

Alexandre continua com suas estocadas enquanto a mulher grita e geme em seus ouvidos.

Era uma transa selvagem. Desprovida de sentimentos. Seus corpos começaram a suar e quando não aguentaram mais, explodiram em suas sensações. Alexandre saiu de dentro dela e caminhou até o banheiro para descartar o preservativo. Quando voltou, Pamela já estava devidamente vestida, com seus cabelos bagunçados e sua expressão de "*bem fodida*". Eles sorriem um para o outro e ele diz em seu ouvido tocando-a por baixo de sua saia:

— Você é muito gostosa. Quem sabe não podemos repetir isso mais vezes?

— Será um prazer, senhor Keller – ela diz e se vira para sair da sala e ele termina de colocar suas calças. A surpresa tomou conta dos dois, quando ela abre a porta e George entra na sala furioso.

— Mas que porra é essa, Alexandre?

— O que faz em minha sala? – Alexandre pergunta.

— Você – ele aponta para Pamela. Pegue suas coisas. Sua demissão por justa causa, já está sendo providenciada – ele diz deixando Alexandre perplexo.

— Não vai demiti-la – ele gritou

— Vou demitir os dois. Porra! Cacete! Não existe motel nessa merda de cidade? Os dois tem que transar feito animais em horário de serviço, dentro da minha empresa? – ele grita um tom acima.

— Nossa empresa – Alexandre o enfrenta. — Isso é meu também.

— Some daqui garota. Está demitida – ele grita mais uma vez com a pobre mulher que fica envergonhada pela situação. Ela olha para Alexandre com lágrimas nos olhos, totalmente envergonhada e sai da sala rapidamente.

— Você não pode fazer isso, pai.

— Eu não sou o seu pai aqui, Alexandre. Sou seu Chefe. Se não consegue entender qual é o seu papel nessa empresa, então caia fora. Não admito e nem tolero esse tipo de comportamento em ambiente de trabalho. Quer foder com todo mundo, ótimo, mas se contenha. Aqui não é lugar para isso – seu pai grita descontrolado. — Todos os diretores ficaram horrorizados ao ouvir a pouca vergonha que estava acontecendo aqui nessa maldita sala.

— Mas... Como?

Alexandre ficou sem entender.

— Você não era assim, Alexandre. Cresça e vire homem. Crie responsabilidade. Do jeito que está levando sua vida, será um homem sozinho e amargo. Um perverso maldito! Droga! – ele esbravejou e saiu deixando Alexandre sozinho.

— Cara, tu pegou pesado hein? – Leonardo entra em seguida.

— Cai fora! Já levei o meu sermão – Alexandre retruca.

— Mas e aí? Valeu a pena pelo menos? Ela gemia tão gostoso – Leonardo diz sentando-se na cadeira fazendo gestos obscenos.

— E ainda dizem que eu sou o perverso – Alexandre ri. — O foda é que agora estou sem assistente. Terei que contratar outra – ele diz arrumando a bagunça em sua mesa.

— Escolha uma bem gostosa cara. Assim podemos dividir.

— Vá à merda – ele ri.

— Mas vê se da próxima vez, não dê tanta mancada. Você acionou o interfone da sala de reuniões. Precisava ver a cara do seu pai diante de todos – Leonardo o alerta.

— Puta que pariu. Deve ter sido na hora em que eu joguei aquela gostosa em minha mesa.

— Então cara, sugiro que da próxima vez, foda sua nova assistente no chão. Assim nenhum dos dois correm o risco de serem pegos.

— É uma boa ideia – os dois riem.

— Bom. Vou nessa. Tenho um encontro com duas mulheres hoje à noite.

— Ménage outra vez, Léo? Qual é o seu problema?

— Meu problema? Nenhum. É que eu não me contento com uma boceta só – ele ri e Alexandre balança a cabeça em negativa.

— Estou indo também. Vou passar no RH, pedir para a Melinda mandar publicar no jornal, uma vaga para assistente. Quero o anúncio estampado no jornal amanhã.

— Falou então. Até amanhã. E boa sorte nas entrevistas das gatinhas. Se precisar de ajuda – ele diz com malícia.

— Até amanhã – Alexandre se despede e sai em direção ao RH.

## Capítulo 6

Depois de uma noite de sono tranquila, Leila acorda disposta a resolver seu problema. Ela precisava urgentemente de um emprego e só iria voltar para casa, após encontrar.

— Bom dia mãe – ela diz ao entrar na cozinha.

— Bom dia, filha. Caiu da cama? Ainda são sete da manhã – sua mãe diz espantada, enrolando os camafeus.

— Vou à luta, mãe. Preciso encontrar um emprego antes que eu pire. Não aguento mais essa situação.

— Não vai tomar o seu café da manhã?

— Não. Vou tomar na rua mesmo. Vou até a banca comprar o jornal e dar uma olhada nos classificados.

Leila dá um beijo em sua mãe e se despede.

Ao chegar à banca do senhor Manoel, ela compra o jornal e o abre ali mesmo nas páginas de empregos e oportunidades. Ela lê alguns anúncios, mas apenas um lhe chama a atenção.

*Keller's Construtora e Incorporadora*

*Admite: Assistente Pessoal.*

*Requisitos: Segundo Grau Completo, Fluência em Inglês e Espanhol, Conhecimentos básicos em Informática, CNH,*



## *Disponibilidade para Viagens.*

*Os interessados deverão comparecer no dia 2 de junho às 8h30.*

— Não brinca! – ela sussurra com um sorriso estonteante.

Mesmo a vaga não sendo adequada para seu perfil, Leila sabia que era uma grande oportunidade trabalhar numa das maiores empresas no ramo da construção civil. Ela olha rapidamente para o relógio que ainda marca 7h10 da manhã. A construtora ficava próximo ao Parque do Ibirapuera. Sem carro, Leila corre para o ponto de ônibus, na esperança de conseguir chegar a tempo para a entrevista.

Assim que chega ao local descrito no jornal, ela olha para seu relógio de pulso, 8h13 da manhã.

— Aleluia! Ainda tenho alguns minutos. Preciso de um café – ela diz para si mesma e joga o jornal numa lata de lixo próximo a ela. Caminha rapidamente e atravessa a rua em direção a uma cafeteria requintada. Leila passa pelas portas e bufa ao ver três pessoas na fila.

— Droga!

Mais pessoas começam a adentrar ao local. Os minutos vão passando e o relógio já marcam 8h22.

Quando a balconista se posiciona para atendê-la, Leila se irrita com a intromissão de um homem.

— Anabelle... – ele sorri. — Bom dia. Me vê o mesmo de sempre. Estou com pressa – ele diz sem se importar com a cara de descontentamento de Leila.

Ela pigarreia nervosa.

— Não sei se o senhor percebeu, mas há uma fila que deveria respeitar – ela diz insatisfeita apontando para as pessoas atrás dela.

O homem ri deixando-a mais irritada.

Ela o mede de cima a baixo, mas nem a expressão impassível e autoritária do homem, vestido elegantemente em seu terno azul escuro, a faz recuar.

— Vá para o final da fila – ela diz.

— Cada coisa que eu tenho que escutar. Anabelle... Diz para esta moça, que eu não sou homem de "entrar" em filas – sua expressão fica séria.

— Aqui está, senhor Alexandre – Anabelle lhe entrega um cappuccino e se desculpa com Leila.

— Até mais, minha linda Anabelle – ele sussurra sem olhar para Leila que o encara.

— Babaca – Leila balbucia indignada.

— O que vai querer, senhorita?

— Um cappuccino, por favor.

Leila toma seu café rapidamente com as imagens do homem insolente, girando em sua mente.

Ela caminha para fora da cafeteria e anda em direção à empresa para sua entrevista.

Leila passa pela recepção para obter informações e antes de subir até o segundo andar, entra no banheiro para se recompor, dá uma ajeitada em suas roupas e tira da bolsa uma escova de cabelo para disciplinar os fios bagunçados pelo vento. Ela se encara no enorme espelho por alguns segundos e decide passar um pouco de maquiagem. Um batom rosa, um lápis preto para ressaltar seus olhos azuis e algumas batidinhas de leve na bochecha para deixá-

las coradas, um truque que aprendeu assistindo a um filme romântico.

Ao entrar no elevador, aperta o botão do segundo andar e faz o sinal da cruz desajeitadamente, respira fundo e sussurra:

— Espero que dessa vez eu consiga.

O elevador apita e Leila caminha para fora dele olhando tudo com curiosidade. Toda a estrutura do lugar a deixa perplexa. Uma construção luxuosa e moderna. Os pisos, em porcelanato bege claro, fazem um contraste com as paredes revestidas por madeira escura. A iluminação dá um toque de requinte ao lugar.

Ela caminha pelo imenso corredor e passa por várias salas até que uma moça se aproxima e se apresenta.

— Bom dia. Você deve ser uma das candidatas para a entrevista?

— Bom dia. Sim. Leila Gomes.

— Me chamo Melinda. Pode entrar naquela sala e aguardar, por favor.

— Obrigada – Leila diz e caminha até a sala no final do corredor. Assim que entra na sala, se espanta ao olhar para as candidatas. Nove mulheres bonitas, loiras e vestidas inapropriadamente. Algumas, Leila conseguia ver os peitos pedindo por clemência amassados em seus sutiãs. Outras, usam uma miniblusa nos quadris ao invés de saias. Leila ficou chocada com o contraste, sua calça preta de Oxford, sua blusa bege de seda e seu salto preto agulha, perdiam para as roupas das nove piriquetes sentadas, mais parecendo o coringa com suas maquiagens pesadas. Leila fica imaginando se ser loira e descarada, era algum requisito para ser contratada. Após sua chegada, mais três mulheres se sentaram ao seu lado para a entrevista. Duas delas, morenas.

— Pode entrar a próxima – uma mulher diz ao sair da sala. Uma das mulheres sentadas, se levanta, caminha até a sala e fecha

a porta.

Foi assim até que chega a vez de Leila.

— Você pode entrar – a candidata diz com uma cara fechada. Pela expressão, não foi dessa vez.

Leila agradece e caminha até a sala. Ela fecha a porta e ao se virar, seu primeiro impulso foi de abrir a porta e correr dali para não dar na cara do homem insolente que a destratou na cafeteria. Mas ela era adulta e sabia separar muito bem as coisas, por isso, apenas deu um meio sorriso e se sentou na cadeira de frente para o poderoso Alexandre Keller.

— Quantas mulheres ainda há lá fora? – ele pergunta parecendo irritado.

— Três.

— Seu currículo?

— Hã... Ah... Currículo? Não sabia que tinha que trazer um – Leila se chuta mentalmente por esse deslize.

Alexandre a olha impaciente.

— Certo. Por acaso tenho cara de adivinho?

— Desculpe senhor...

— Alexandre. Me chamo Alexandre.

— Bom, se puder me emprestar seu notebook, posso baixar meu currículo. Desculpe-me não tê-lo trazido. Estava na rua quando li o anúncio no jornal.

— Já começamos mal, senhorita... Bom, não tem como saber seu nome. Você não me disse e não tenho a droga do seu currículo aqui em minhas mãos – ele diz de forma arrogante.

— Leila Gomes – ela diz envergonhada.

Alexandre entrega o notebook para ela e a observa.

— Nós já nos conhecemos? – ele pergunta confuso, deixando Leila incomodada.

— Não.

— Hum. Okay – ele suspira.

— Aqui está – Leila devolve a ele o notebook com seu currículo na tela.

— Rápida – ele sorri. — Vejamos... Leila Gomes, 24 anos, solteira, sem filhos, estudante de Arquitetura e Urbanismo. Fez curso de inglês e espanhol, exames de proficiência nas duas línguas... Mas, nunca trabalhou – ele conclui de forma apressada.

— Me dediquei aos estudos. Isso é algum empecilho? – ela pergunta irritada.

Alexandre a olha com um sorriso sarcástico e dispara:

— Senhorita Leila, acho que houve um equívoco.

— Como?

— A vaga disponível é para assistente pessoal, creio que não se enquadra para essa vaga.

— Não estaria aqui, se achasse que não sou competente para arrumar meia dúzia de papéis, anotar alguns telefonemas e organizar uma agenda, senhor Keller.

— Você interpretou errado, senhorita. Pelo seu currículo, você é mais que competente.

— Então?

— Não posso te dar a vaga.

— Mas...

— Por que acha que devo empregá-la, senhorita Leila?

— Porque eu sou exatamente o que o senhor precisa – ela diz e o observa atenta.

Alexandre a olha intrigado. Ele passa a observá-la e percebe que Leila não é igual as outras candidatas. A primeira que entrou em sua sala, assim que fechou a porta, começou a se despir. A segunda, o deixou irritado com suas futilidades. A terceira e quarta, mal sabiam falar em português. Estavam mais preocupadas em ter uma chance de cair na cama com ele. Mas Leila era diferente. Ela agia indiferente a ele. Era a única que estava ali realmente querendo um emprego. O que Alexandre não gostou muito. Afinal, para que servem suas assistentes a não ser para transar no final do dia para relaxá-lo? Ele tinha uma pequena dúvida. Bem pequena. Mas mesmo assim resolveu arriscar.

— Esse trabalho exige mais do que possa imaginar, senhorita Leila – ele sorri.

— Ah desculpe – ela o interrompe retirando o telefone da bolsa que toca insistentemente. Ele a olha com cara de poucos amigos vendo-a digitar algo em seu celular. Alexandre odiava ser interrompido.

— Desculpe-me. Sim. Eu li sobre as viagens e tenho disponibilidade – ela rebate e coloca o celular na bolsa.

— Digamos que precisaríamos viajar juntos. Se importaria se tivermos que dormir no mesmo hotel?

Leila se sente desconfortável.

— Não há problemas para mim. Desde que não seja no mesmo quarto – ela diz e logo se arrepende pela insinuação.

— E seu namorado? Aprovaria essas viagens?

— Essa é sua forma sutil para saber se tenho namorado, senhor? – ela ri e Alexandre dá de ombros. — Como disse, não há problemas quanto a isso.

— Entendi – ele sorri obtendo sua resposta. Com isso, Alexandre percebe que não há dúvidas. Leila não serve para ser sua assistente. Mas Alexandre vê nisso um desafio. Já está cansado de mulheres fáceis. Ele é um predador. Ele quer ir em busca de sua caça. Sentir o gosto de uma mulher se submetendo a ele do seu jeito. Ele queria testá-la. Não é possível que seja imune a ele. Sua feição não transmitia nada. É quase impossível decifrar por seus olhos azuis como o céu, o que ela está sentindo. Alexandre se irrita por isso. Por ela não ser previsível. E, por isso, ele já havia a escolhido em sua mente. Mas ela não precisava saber.

Ainda não.

— Então, por enquanto é isso. Vou analisar com mais atenção todas as candidatas e ligarei se for a escolhida – ele diz deixando-a irritada se sentindo uma penca de banana podre numa banca de feira, rezando para ser escolhida.

— Como me ligará se não tem meu telefone? – ela pergunta confusa.

— Não preciso saber seu telefone. A não ser que esteja me oferecendo – ele diz com malícia mordendo os lábios, arqueia a sobrancelha e alinha sua gravata. — Agora se me der licença, tenho outras candidatas para entrevistar.

Leila olha para ele furiosa.

*"Quem esse idiota pensa que é?"* - ela pensa caminhando até a porta.

— Vá até a copa e me traga um café. Mas antes, quero que peça para a próxima candidata entrar – ele ordena com sua autoridade exagerada.

Ela para na porta e se vira para encará-lo.

— Não sou o tipo de mulher que busca cafezinhos para um marmanjo mal educado, senhor Keller. E pelo que me consta, não sou sua funcionária, portanto, não sou obrigada a fazer o que me

pede. E da próxima vez em que decidir furar a fila da cafeteria, olhe para quem estiver ao seu lado. Pode ser que da próxima, eu jogue café quente na sua cara – diz enfurecida e sai batendo os saltos no porcelanato caro fazendo Alexandre gargalhar. Ele era um idiota. Até mesmo ele sabia disso. Mas ele apenas estava testando-a. Ele queria ter certeza de que ela não estava representando o papel de mocinha educada e recatada. Jamais alguém ousou desafiá-lo. Ele era impiedoso quanto a funcionários que contrariavam suas ordens. Mas com Leila, ele se sentiu excitado. Ele gostou de sua boca dura.

— Petulante. É ela mesma. Vamos ver se não domo essa mulher. Isso vai ser tão divertido. Em poucos dias ela estará aqui, na minha mesa, gritando e gemendo como uma felina, ou eu não me chamo Alexandre Keller – ele diz todo orgulhoso de si.

Quando a próxima candidata entra, Alexandre suspira e diz:

— Está dispensada. Aproveita e diga para as outras duas idiotas lá fora, que podem voltar para suas casas. Já contratei a assistente – ele diz sem piedade. A moça o olha revoltada, mas nada diz.

Alexandre passa por ela e corre em direção ao elevador, na esperança de encontrar Leila.

Ele chega ao estacionamento da empresa e olha para todos os lados. Nada da linda moça de cabelos castanhos e olhos azuis penetrantes. Alexandre se desespera e corre em sentido a cafeteria. Antes de atravessar a rua, ele a vê no ponto de ônibus a um quarteirão e a olha espantado.

— Não acredito que uma mulher tão linda, anda nessas coisas – ele sussurrou para si próprio. Alheio a tudo ao seu redor, mal vê Thiago se aproximar.

— Que cara é essa, amigo? Parece que viu o capeta – Thiago pergunta olhando para seu amigo que ainda tem os olhos vidrados na bela morena a sua frente.



— Se aquilo for o capeta, Thiago... Ficarei mais do que feliz de passar a minha eternidade no inferno – ele ri.

— Vixi. Aí tem! Arrumou um novo amor foi? Está apaixonadinho? – Thiago zomba.

— Não seja ridículo. Só estou contemplando a minha nova assistente pessoal.

— Já contratou? É aquela ali no ponto de ônibus? – Thiago pergunta olhando em direção ao que Alexandre encara e se depara com a mulher.

— Não a contratei ainda. Mas ela será minha. Pode apostar – Alexandre diz com convicção.

— Cuidado dessa vez brother. Seu pai tá uma fera.

— Ah, não estou nem aí pra ele. Será que pode me ajudar?

— Hum, lá vem bomba.

— Sério. Quero o contato daquele cara... Steve.

— O detetive?

— É.

— Alexandre... – Thiago diz em tom de alerta.

— Preciso saber tudo sobre ela. Ela é diferente das outras. Vai ser o meu desafio – ele ri. — Você precisava ter visto. É boca dura, autêntica, sincera e diz na lata o que pensa. Até disse que jogaria café quente na minha cara.

— Sei. Babaca. Você deu em cima da garota numa entrevista de emprego? Você é doente.

— Não. Claro que não dei em cima dela. Até porque acho que ela daria na minha cara. É que eu a enfureci quando furei a fila na cafeteria – Alexandre ri.

— Cara. Sério. Vai se tratar porque com certeza você tem algum problema – eles riem e voltam para a empresa.

Leila pega o ônibus chateada e irritada. Assim que chega em casa, arruma o almoço e vai direto para seu notebook. Nenhuma mensagem de Brandon. Ela pega o celular e digita uma mensagem:

*"Já chegou em casa? Desculpe não poder atendê-lo, amor. Estava em uma entrevista de emprego. Saudades. Amo você".*

Após alguns minutos veio a resposta:

*"Estou em casa e morrendo de vontade de te ver. Estou entrando no Skype. Te amo."*

Leila sorri e espera por seu amor.

Ficam horas e horas conversando até que Brandon se despede.

À noite, sua mãe chega do trabalho e as duas conversam sobre a entrevista mal sucedida.

O telefone toca.

— Eu atendo – Leila diz. — Alô?

— Senhorita Leila Gomes? – uma voz masculina faz os sentidos de Leila acender.

— Sim. Quem fala?

— Alexandre Keller. Gostaria de avisá-la que te espero amanhã às 8h00. A vaga de assistente pessoal é sua.

Leila fica sem acreditar na petulância dele.

— Escuta aqui seu.... Enfie essa vaga no...

— Opa! Espere... Calminha moça. Posso te processar por isso, sabia? Amanhã em meu escritório. Como disse, a vaga é sua e é melhor que esteja aqui no horário. Odeio atrasos.

— Ahahaha... Essa é boa – ela diz e desliga o telefone na cara dele, deixando-o perplexo com sua coragem.

Alexandre fica por alguns segundos olhando para seu celular, ainda não acreditando no que ela fez.

— Mais que garota insolente. Ela me paga – ele diz jogando o celular no sofá macio.

Ele caminha até seu quarto, retira o terno, pega uma toalha e anda até o banheiro para tomar um banho.

— Se ela pensa que vou desistir, está enganada. Nem que eu vá até a casa dela e arraste-a pelos cabelos, mas ela estará lá amanhã – ele diz com fúria.

Após o banho, ele coloca sua cueca boxer preta e se joga em sua cama *king size*. Pega o relatório sobre Leila, que Steve lhe passou por e-mail algumas horas antes e começa a ler.

— Agora sei tudo sobre você... Garota insolente. Vamos ver quem está na vantagem.

## Capítulo 7

O sol nasce. Alexandre observa de sua varanda o céu adquirir, aos poucos, um tom laranja-escuro. Ele contempla a beleza da manhã e a suave brisa do dia, coisa que há muito tempo não fazia.

No relógio, 6h30 da manhã. Alexandre está inquieto mais do que o normal. Ele sai da varanda e caminha até seu escritório. Na pasta arquivo em cima de sua mesa, está escrito em letra cursiva: Leila Gomes. O pouco que havia descoberto sobre ela, não o ajudava em nada. A única coisa que conseguiu descobrir em um curto espaço de tempo foi seu endereço, a universidade onde estuda, telefone residencial, filiação e que o único bem que tinha, havia vendido há pouco tempo, um Gol ano 98 caindo aos pedaços. Ele queria saber mais sobre a garota boca dura que o deixou perplexo, falando com as paredes.

— Bom dia filho – sua mãe diz pegando-o de surpresa. Elizabeth nunca acordava esse horário.

— Bom dia mãe. Já estou descendo para o café – ele diz colocando a pasta na gaveta e a tranca.

— Seu pai ainda está uma fera, Alexandre. Conversamos ontem à noite e ele quer que você arrume um canto para você morar.

— Ele vai me expulsar de casa agora? Ele não pode fazer isso – ele diz indignado.

— Sinto muito filho, mas concordo com ele. Já está na hora de você criar responsabilidade. Você era tão diferente... Está

estragando sua vida vivendo deste modo, querido.

— A vida é minha. Eu vivo da forma que eu quiser.

— Eu sei que você não soube lidar muito bem com a separação... Mas já faz três anos Alexandre. Até quando vai viver assim? Tratando as mulheres como objeto, como se elas não fossem nada.

— Não quero falar sobre isso. Estou atrasado. Hoje é o primeiro dia da minha nova assistente e preciso dar instruções sobre a viagem ao México.

— Seu pai cancelou a sua viagem. O Thiago irá – ela diz.

— Tá de brincadeira? O Thiago é só o engenheiro. Eu sou o presidente da empresa. Eu vou e está decidido – Alexandre diz e sai pela porta.

— Seu pai cancelou sua passagem, Alexandre. Depois do escândalo com a sua assistente, os diretores não querem que você coloque o projeto por água a baixo por um rabo de saia – sua mãe grita furiosa.

— Mãe, com quem eu fodo ou deixo de foder é assunto meu. Quero que os diretores se lasquem. Eu vou junto com a nova assistente e está decidido. Vocês deveriam fazer mais um filho e parar de encher meu saco. E, quer saber? É bom mesmo eu arrumar um canto pra mim porque não aguento mais essa sua ladainha e a do velho – ele esbraveja, pega as chaves do carro e sai batendo a porta.

No estacionamento, seu Maserati preto o aguardava. Sua paixão por carros de luxo o fez ganhar essa beleza em seu aniversário de 30 anos, aposentando assim, seu R8 Spider.

Ao chegar à empresa, ele encontra Leonardo e Thiago em sua sala conversando como se não tivessem o que fazer.

— Pelo visto não fui só eu que caí da cama – ele sorri.

— E aí cara. Será que hoje rola aquela saidinha? – Leonardo diz se referindo a boate.

— Esquece. Hoje é terça-feira cara.

— E o que isso importa? Sempre vamos as terças à boate – Leo resmungo.

— Hum, pensando bem, eu também não estou a fim – Thiago diz.

— Cara, vocês estão ficando muito mole.

— Léo, vai arrumar o que fazer cara. Preciso do projeto até às dezesseis horas – Thiago diz. — Vou viajar no final de semana pro México e esse projeto precisa estar concluído.

— Não. Você não vai – Alexandre emburra. — Vou falar com meu pai. O projeto é meu e quem irá apresentá-lo sou eu. Ele precisa parar com essa mania de querer me manipular.

— Eu também acho que você deveria ir. Mas Alexandre, sou apenas um empregado e cumpro ordens.

— Pode deixar que eu falo com o velho. E se ele tentar me boicotar, eu juro que armo uma campanha para que ele nunca mais se reeleja a Senador nessa encarnação – ele se irrita.

— Seu pai vai ficar uma fera – Leonardo ri.

— E a assistente? Começa hoje? – Thiago pergunta curioso.

— Sim. Hoje será o primeiro dia. Preciso causar uma boa impressão porque ela é tihosa. Linda, mas tihosa – ele ri tranquilamente.

— Causar boa impressão? Desde quando você precisa causar boa impressão nas mulheres? – seus amigos riem.

— Ah, vão à merda vocês dois – ele se enfurece.

— Cuidado hein cara. O bicho do amor pode querer te consumir. Aí, quando você menos esperar, está fodido por aí, sentado numa mesa de bar, chorando as pitangas – Leo diz e Alexandre o fuzila com o olhar.

— Vamos. Vamos trabalhar – ele diz indicando para que os dois saiam de sua sala.

As horas passam e Alexandre percebe que Leila não apareceu no horário em que ele ordenou.

— Dez da manhã. Aquela garota insolente... – ele diz pra si mesmo.

Ele pega o telefone em cima de sua mesa e disca para o motorista da empresa.

— Renato. Sou eu, Alexandre. Quero que venha até minha sala – diz e desliga. Poucos minutos depois, o rapaz bate na porta.

— Entre.

— Bom dia senhor Keller.

— Renato, quero que vá buscar minha assistente. Ela está atrasada e sabe como odeio atrasos. – ele diz jogando em cima da mesa, um pedaço de papel com o endereço de Leila. — Só saia da casa dela quando ela entrar no carro. Entendido? Se ela se recusar, arraste-a para cá – Alexandre diz de forma impassível e autoritária.

— O que eu digo a ela, senhor?

— Diga que chutarei seu rabo caso ela desacate a minha ordem. Mas que pergunta idiota! Claro que vai dizer a ela que você é o motorista da empresa e que foi lá para buscá-la para o trabalho, sua anta. E você irá buscá-la todos os dias. Entendeu? Agora vá.

— Sim senhor.

O motorista o observa confuso, mas não contraria a ordem de seu patrão. Ele sabe muito bem os riscos de se bater de frente com Alexandre. O pobre coitado do motorista anterior que o diga. Alexandre o demitiu porque o rapaz colocou o endereço errado no GPS e mesmo sabendo que errou, tentou fazer Alexandre de besta, dizendo que o GPS estava com defeito.

— Vá criatura. Está esperando o quê? – ele grita assustando Renato.

O motorista sai. Pega o *Bentley* no estacionamento e vai em direção a casa dela.

Vinte minutos depois, Renato está plantado na frente da casa de Leila, rezando para não tomar um chute na bunda. Se Alexandre deu uma ordem tão severa a ele, alguma coisa boa não iria sair disso.

Ele aperta a campainha e aguarda.

Minutos depois, ela surge em sua frente apenas de roupão branco e com os cabelos desalinhados, presos num coque mal feito.

— Posso ajudá-lo? - Leila diz ao abrir a porta olhando para o homem alto, vestido num terno preto e um pouco sem paciência.

— Srta. Leila Gomes?

— Sim, sou eu.

— Vim para levá-la até a empresa Keller's. A partir de hoje, sou seu motorista.

— Isso é alguma piada? - ela ri olhando em volta. — Espere, disse empresa Keller? A Keller's Construtora? - ela se espanta.

— Sim senhorita. E já está atrasada. O senhor Keller odeia atrasos - o homem diz com sua expressão inabalável.

— Hã? Mas... Onde está aquele petulante? - Leila olha em direção à rua, mas só consegue ver um carro preto com vidros



escuros, estacionado em frente à sua casa.

— Perdão senhorita?

Leila passa por ele feito uma bala de canhão e corre em direção ao carro, não se importando em estar apenas de roupão e ainda descabelada. Ela olha através dos vidros, mas não vê ninguém.

—Tudo bem senhorita? - o homem diz olhando-a com curiosidade.

— Não cara. Não está tudo bem. Aproveita e diga para seu chefe babaca e presunçoso que se ele é homem, ele que venha até aqui falar comigo. Não irei com você pra merda de lugar nenhum. E já avisa para ele vir preparado porque eu estou com muita vontade de dar na cara dele - ela despeja sua fúria em cima do motorista, que ouve tudo com atenção. — E afinal... Como descobriu meu endereço? - ela o olha furiosa. — Ah Esquece!

*"Era só o que me faltava... Ser perseguida em minha própria casa por aquele babaca"* - ela diz para si mesma e entra fechando a porta da sala deixando o homem abismado com sua falta de educação.

Depois de meia hora, Leila olha na janela e vê que o homem ainda está de pé, aguardando por ela, encostado no carro.

Ela se enfurece e agora vestida apropriadamente, abre a porta e sai fuzilando o motorista com o olhar.

— Acho que você não me entendeu – ela rosna.

— Desculpe, senhorita. Preciso levá-la de qualquer maneira. Posso perder meu emprego se não entrar nesse carro e ir comigo.

— Liga para o seu chefe. Anda. Agora! – ela grita.

O motorista faz o que ela manda.

— Alô!

— Se-nhor Keller. A sua assistente se recusa a vir comigo, senhor.

— Renato, eu fui bem claro. Quero-a aqui em dez minutos... — Leila retira o aparelho celular das mãos do motorista a tempo de ouvir as últimas frases insanas de Alexandre. — Já disse a você. Arraste-a pelos cabelos se for preciso. Eu tenho trabalho a fazer e ela é importante. Não posso ficar sem assistente. Será que consegue fazer isso, sua toupeira?

— Como você ousa? — Leila pergunta abismada.

— Ah, é você? Ótimo. Dá pra você entrar no carro e vir para o trabalho?

— Cara, você tem algum problema mental?

— Não querida. Tenho um problema maior que isso. A falta de uma assistente. Pelo que me consta, você praticamente implorou pela vaga. Então ela é sua. Se você se recusar a vir hoje, quero que saiba que o dia será descontado em sua folha de pagamento.

— Idiota. Você é um demente — Leila desliga o telefone e Renato a olha chocado.

— Não deveria ter feito isso. Vou perder meu emprego, sabia?

— Não tô nem aí.

— Você só atiçou a fera. Ele é um cara persistente.

— Vá embora, por favor. Eu hein. Que gente maluca — ela sussurra e entra.

— Quem era filha?

— Um maluco pedindo esmola. Nada importante — ela mente.

— E sua entrevista naquela construtora? Não te ligaram mais? Nossa rezei a noite inteira para que ligassem e te admitissem. Você precisa de um emprego. As vendas lá no serviço não andam bem.

— Acho que você rezou até demais.

— O que disse?

— Você ganha por mês mãe. Vamos ficar bem. Vou procurar emprego. Volto somente à noite. Vou passar no supermercado na volta – Leila diz e dá um beijo em sua mãe como de costume.

— Tudo bem. Boa sorte! Hoje vou ficar em casa. Estão dedetizando a doceria.

— Certo. Até logo – ela diz e sai com sua bolsa pendurada no ombro.

Andando de um lado para o outro, irritado, Alexandre esbraveja dizendo absurdos para seu motorista.

— Mas o que é isso? O que deu nele? – Thiago pergunta ao motorista ao entrar na sala e ver o estado de exaltação em que Alexandre se encontra.

— A assistente... Não quis vir trabalhar. Ela não aceitou o emprego. Ela está me desafiando.

— Mas você nem a contratou. Você mesmo me disse ontem.

— É mas eu enviei o motorista para apanhá-la. Eu liguei ontem à noite para avisar. Eu disse que a vaga era dela.

— Você disse? – Thiago ri.

— Vou até a casa dela e eu mesmo irei convencê-la. — Ele diz juntando suas coisas esparramadas pela mesa.

— Não creio no que estou ouvindo. A menina deve pensar que você é maluco. Cara, desencana. Coloca outro anúncio no jornal.

— Não quero a porra de outro anúncio. Quero ela, Thiago.

— Se eu não te conhecesse, diria que está com sérios problemas mentais. Primeiro fica obcecado por vingança porque

tomou uns chifres, agora, porque a menina não aceitou o emprego? Cuidado que qualquer hora dessas, seu pai te interna – ele ri.

— Rá, rá, rá... Não teve graça nenhuma.

— E por que encanou na mulher?

Alexandre o olha e demora para responder.

— Ela é inteligente... Petulante, grossa, mal educada, boca dura...

— Ela é você de saias então – Thiago gargalha. — A garota deve ser um porre.

— Te encontro mais tarde – ele diz e sai deixando Thiago e o motorista para trás.

— Hei, vai mesmo fazer isso? – seu amigo pergunta correndo atrás dele.

— Mas é claro. Ninguém me contraria, Thiago... Ninguém.

## Capítulo 8

Ao caminhar em direção ao estacionamento da empresa, Alexandre é abordado por seu pai, George. A expressão de descontentamento estampada em sua face deixa Alexandre incomodado.

— Onde pensa que vai? Temos uma reunião daqui vinte minutos – George diz enfurecido pela falta de responsabilidade de seu filho.

— Tenho um assunto urgente para resolver. Não conte comigo nessa reunião – Alexandre diz, mas apenas aumenta a raiva de seu pai.

— Aposto que esse seu assunto urgente, tem peitos e bunda.

— Uau! Agora fiquei espantado com suas adivinhações – ele zomba.

— Não faça eu perder a calma com você. Sabe o que eu deveria ter feito? Ter lhe dado uma surra. É disso que está precisando.

— Não me faça rir. Falei com a mãe hoje de manhã. Estou indo ver uma casa para morar. Não me queria longe de você? Então – ele diz.

— Você está agindo como uma criança. Está estragando seu futuro aqui na empresa. E por quê? Só para me punir? Só por que não quis te ajudar nas suas vinganças contra aquela pobre mulher? – seu pai se enfurece.

— Pobre mulher? Ela me traiu na maior cara de pau. Me usou. Me fez de chacota. Íamos nos casar. Ela acabou com a minha vida e vou acabar com a dela também. Você é meu pai, deveria ter ficado ao meu lado.

— Por que eu deveria? Porque você é um babaca mimado que não sabe levar um pé na bunda e alguns galhos na cabeça? Sinto muito filho. Essa não será a primeira e nem a última vez que irá te acontecer. As pessoas são assim.

— Não comigo. Ninguém brinca com a minha cara e sai feliz para contar histórias.

— A única pessoa que perde com tudo isso é você. Deveria ter aprendido isso. Nenhuma mulher normal te suporta. Para falar a verdade, nem os empregados. Olha só para você, não consegue se livrar do ódio que tem por aquela moça e está ficando como ela. Egoísta, arrogante e prepotente. Depois não diga que não o avisamos, quando acabar sozinho – seu pai o adverte e sai deixando-o sozinho com seus pensamentos.

Alexandre entra em seu carro e dirige até sua casa. Assim que chega, começa a arrumar as malas. No closet, ele encontra algumas peças de roupas de sua ex-noiva, que guardou para motivá-lo em sua vingança. Cada vez que olhava para uma foto ou até mesmo as roupas de Patrícia, era como se fosse um gás de motivação. O deixava mais forte para seguir em sua promessa de arruinar a vida dela.

A imagem de Fernanda lhe vem à cabeça. Suas últimas palavras antes daquela terrível tragédia que lhe tirou sua vida, ainda martelavam em sua cabeça.

*"Não vai querer ver que no final de tudo isso, de toda essa vingança, o único prejudicado foi você. Que perdeu momentos de sua vida, em função de alguém que nunca mereceu sequer um segundo dela".*

— Ah, minha querida amiga. Como você me faz falta – ele sussurra.

Ele continua a arrumar suas coisas e quando termina, liga para o motorista apanhar suas malas.

— Para onde levo as malas senhor?

— Para o meu apartamento – Alexandre diz. Ele havia comprado um apartamento há três anos, para morar quando se casasse com Patrícia. Mas após a traição, ele nunca mais voltou lá.

Ele ligou para uma equipe de limpeza e pediu para que fossem limpar o apartamento. Não era uma boa ideia recomeçar em um lugar que trazia más recordações, mas ele iria tentar.

Após uma tarde atarefada, ele decidiu tomar um banho e sair em busca de sua assistente.

Colocou jeans e uma camisa cinza clara, deixando à mostra sua tatuagem no braço direito um pouco abaixo do ombro. Ajeitou seus cabelos de forma um pouco desalinhada e pegou as chaves do carro.

Ele iria convencer Leila a trabalhar para ele a todo custo. E não tinha a intenção de falhar em sua missão.

Assim que chega à casa simples e pequena num bairro da zona norte, ele suspira e toca a campainha.

— Boa noite.

— Boa noite. Eu gostaria de falar com a Leila, ela está?

— Não. O que o senhor quer com ela?

— Ah me desculpe. Sou Alexandre Keller. Ela fez uma entrevista em minha empresa e vim trazer o contrato de trabalho.

— Oh, claro. Entre, por favor. Ela não vai demorar.

— Obrigado.

— Que falta de educação a minha. Me chamo Rosália. Sente-se — ela diz apontando para o sofá. — Engraçado. Hoje mesmo perguntei sobre a entrevista para ela e não me disse nada.

— Ah! Deve ter sido alguma distração dela.

— Eu estou fazendo o jantar. Desculpe-me, mas você se incomoda de esperá-la sozinho enquanto termino?

— Por favor. Fique à vontade. Não quero dar trabalho. Aliás, se quiser posso ajudá-la com o jantar.

— Imagine — ela ri.

— Sério. Adoro cozinhar. Minhas especialidades são doces e sobremesas.

— Nãooooo! — ela se espanta.

— Sim — ele ri.

— Sou doceira. Amo doces. Venha, vamos conversar na cozinha.

Alexandre e Rosália conversaram por longas horas. Ele não quis ser direto e procurou se manter longe de perguntas referentes a Leila. Por mais que sua curiosidade sobre ela o afetasse, em nenhum momento, ele fez qualquer pergunta sobre ela.

— Acho que vou embora. Já está tarde e não quero atrapalhá-la — ele diz.

— Imagine. Fique para jantar conosco. Logo ela estará em casa.

— Se a senhora insiste — ele ri. — Será um prazer.

— Acho que é ela. Escutei passos.

O barulho da porta se abrindo, deixa Alexandre com o coração pulsando acelerado.



— Leila, filha... Temos visita para o jantar – sua mãe grita da cozinha.

Leila joga sua bolsa em cima do sofá e retira os sapatos que estão acabando com seus pés. Andar o dia inteiro a procura de um emprego sobre um salto agulha, definitivamente, não era para qualquer mulher.

Ela caminha até a cozinha com uma sacola de compras em sua mão, confusa, pois sua mãe nunca trouxe alguém para jantar em casa após a morte de seu pai.

Quando Leila entra na cozinha e dá de cara com Alexandre Keller, sorrindo, sentado de frente para sua mãe, vestido apenas com roupas casuais, ela surta e deixa a sacola cair, fazendo com que a garrafa de vinho se quebre em vários pedaços e o líquido se esparrame rapidamente pelo chão.

O pânico toma conta de seu corpo e começa a lhe faltar o ar, ela fica estática, com as mãos sobre o peito, tentando se manter calma, deixando Alexandre preocupado e sua mãe em estado de choque.

— Meu Deus! O que ela tem? – Alexandre se levanta rapidamente.

— Me ajude. Ela está tendo um ataque de pânico.

— Como assim? Ataque de pânico?

— Leila, filha... Se acalme. Quer que eu ligue para seu médico?  
– sua mãe pergunta tentando acalmá-la.

— Cuidado com os cacos de vidro – Alexandre diz olhando para seus pés descalços.

Leila aos poucos vai se acalmando para alívio dos dois.

— Por favor, me desculpe. Faz muito tempo que ela não tem esses ataques.

Alexandre a olha um pouco culpado. Não sabia o quão louca a moça era a ponto de ter um ataque apenas por vê-lo em sua casa.

— Vou buscar algo para limpar essa bagunça, pode levá-la até a sala, por favor?

— Claro.

Alexandre pega Leila pelos braços e a leva até a sala. Assim que a senta no sofá, ela o olha mais calma e dispara num sussurro, descontente:

— O que faz aqui, seu idiota?

— Nossa! – ele ri. — Você quase me fez acreditar naquela cena de “ataque de pânico”. Você é boa nisso, hein.

Leila olha para ele pasma.

— Não estava brincando seu maluco. Agora, por favor, saia da minha casa – ela diz enfurecida.

— Prontinho – a mãe de Leila os interrompe. — Podemos jantar agora. O que acham?

— O senhor Alexandre acabou de me dizer que já está de saída – Leila enfatiza.

— Hum, na verdade, mudei de ideia – ele ri cinicamente. — Eu estou morto de fome.

— Ah, ótimo. Então vamos crianças. Vamos jantar. Peço desculpas pelo vinho. Sempre jantamos bebendo um bom vinho, mas desta vez vamos ter que nos contentar com um suco de laranja – ela diz sem graça.

— Pra mim, parece ótimo – ele diz e a acompanha de braços dados. Leila observa tudo com raiva e espanto. Alexandre vira a cabeça para olhá-la e dá uma piscadela. Ele ri assim que ela faz gestos com a mão traçando o pescoço dizendo baixinho:

— Eu vou arrancar a sua cabeça!

— Bom, agora que tudo está mais calmo, me diz filha, por que não me contou que está trabalhando na construtora Keller's?

— Porque não estou – ela responde colocando sua comida em seu prato.

— Como não? O Sr. Keller veio até aqui para que assinasse seu contrato de trabalho – ela a questiona.

— Isso é sério? – Leila pergunta a ele.

— Seríssimo – ele ri.

— Precisamos relatar essa sua crise de hoje para o Dr. Juan. Não quero que suas crises voltem.

— Mãe, eu estou bem.

Alexandre se cala e observa as duas.

— Mesmo assim. Vou ligar para o psiquiatra amanhã e marcar uma consulta.

— Psiquiatra? – ele se espanta.

— Nada demais. Leila teve síndrome do pânico alguns anos atrás.

— Mãe! Não quero que fique contando sobre a minha vida para um estranho – ela se enfurece.

— Mas por quê? Nunca conheci ninguém que tivesse tido isso – ele diz curioso.

— Por causa de um infeliz que a perseguia – ela diz e Alexandre na mesma hora fica sério. — Mas ele está preso. Com a glória de Deus!

— Mãe! Que saco!

— E eu já avisei a ela para terminar com aquele namorado que não presta para nada. Mas ela não me escuta.

— Pensei que não tivesse namorado – ele se decepciona.

— Sim eu tenho – ela diz com ironia.

— Pra mim, é como se não tivesse. Que raio de namoro virtual é esse que não podem se conhecer, não podem sair para tomar um sorvete...

— Espere! Você tem um namorado virtual? – ele diz e cai na gargalhada.

— Ah, isso não vai dar certo – Leila diz jogando o garfo no prato.

— Me desculpa... Isso é ridículo – ele continua a rir sem parar.

— Eu já disse isso a ela. Vai que esse Brandon é outro maluco e faça com ela o que o outro fez – sua mãe diz.

Leila começa a ficar irritada e deixa uma lágrima rolar pelo rosto.

— Como assim? O que fizeram com ela? – ele pergunta com semblante sério.

— Agora já chega! – ela grita. — Quero que vá embora da minha casa – ela diz e corre para seu quarto.

Alexandre fica sem graça.

— Me desculpe. Ela ainda fica muito sensível quando tocamos nessa história.

— Tudo bem. Será que eu poderia falar com ela a sós?

— Claro. O quarto dela fica no final do corredor.

— Com licença – ele diz e caminha até o quarto de Leila. Quando abre a porta e a vê, deitada de bruços na cama, chorando

como uma criança assustada, ele desarma.

— Hei. Me desculpa – ele sussurra sentando ao lado dela.

Ela enxuga as lágrimas e senta na cama olhando para ele.

— Você é um encosto, sabia? Por que não me deixa em paz?

— Porque eu quero que trabalhe para mim. Eu preciso de uma assistente com urgência. Eu dispensei doze mulheres para lhe dar esse cargo.

— Coloque outro anúncio no jornal. Vai chover mais doze – ela se irrita.

— Posso saber o porque se recusa a trabalhar em minha empresa?

Ela o olha e responde prontamente:

— Porque você estava certo, eu me equivoquei e a vaga não estava a minha altura.

— Então, temos um impasse – ele diz.

— Por quê?

— Você também estava certa sobre uma coisa – ele diz olhando em seus profundos e intensos olhos azuis.

— Sobre você ser um babaca? – ela ri.

— Não. Sobre você ser exatamente o que eu preciso.

Ela o olha recordando de suas próprias palavras. Nesse momento, Alexandre sentiu algo que não soube explicar. Um sentimento estranho que o incomodou.

— Só me diga que você não é nenhum maluco que ficará me perseguindo.

— Só se você não aceitar o emprego – ele ri.

— Não vou conseguir me livrar de você, não é?

— Viu só? Você é inteligente!

— Isso não vai dar certo. Você é maluco.

— Vai aceitar a minha proposta de emprego?

— Eu vou pensar. Amanhã te dou uma resposta.

— Não tenho até amanhã – ele se irrita.

— Então minha resposta é não.

— Não, não, não, não... Tudo bem. Pense com calma e me ligue logo pela manhã. Certo?

— Certo – ela responde. — E senhor Keller... Não apareça mais em minha casa sem ser convidado.

— É justo – ele diz e sai.

Alexandre se despede de Rosália e vai embora. Assim que passa pela porta, retira seu celular e liga para Steve, o detetive.

— Steve.

— Fala Alexandre...

— Quero que consiga mais informações sobre a Leila Gomes. Descubra se ela já esteve internada em algum hospital psiquiátrico, se já teve namorado e qual o nome do sujeito. Eu tenho algumas informações. Um médico psiquiatra chamado Dr. Juan. Descubra tudo sobre ela, entendido?

— Não vai ser tão rápido.

— Leve o tempo que for, mas preciso dessas informações. Se puder ser rápido, ótimo – ele diz e desliga.

*“Agora fiquei curioso. O que será que aconteceu com essa garota?”*

## Capítulo 9

Logo pela manhã, Alexandre arruma o resto de suas coisas e leva até o apartamento onde agora irá morar. No caminho, faz questão de ligar para Steve e reforçar seu pedido.

Enfim, ele chega à empresa, algumas horas atrasado.

Assim que entra em sua sala, fica atônito com o que vê.

— Mas o que aconteceu aqui? – Alexandre diz espantado ao ver sua mesa arrumada. Ele passa as mãos sobre a mesa e não sente nem um fio de poeira. Seus documentos estão empilhados de forma ordenada e os projetos dobrados e guardados dentro de sua pasta preta.

Ele sai e caminha até a sala ao lado, onde Thiago trabalha normalmente.

— Hei, você viu quem entrou em minha sala?

— Bom dia pra você também.

— Alguém entrou em minha sala e tirou minhas coisas todas do lugar. Que ódio! – ele se enfurece.

— Não vi não. Mas quando eu cheguei, a Melinda disse que sua assistente estava limpando sua sala.

— Eu não tenho assistente.

— Parece que agora você tem. Eu ainda não a vi, mas ela está na sala de seu pai.

— Tinha que ser o velho a meter o bedelho em minha vida. Que saco! Se ele pensa que eu vou aceitar a assistente que ele me contratou, está enganado. Vou agora mesmo acabar com essa palhaçada – Alexandre diz enfurecido.

— Vá com calma, cara. Tu tá na lista negra do velho – seu amigo adverte.

Alexandre sai desnortado até a sala de seu pai. Assim que passa por Eneida, a assistente, ele irrompe a sala aos berros.

— Se o senhor pensa que vou deixa-lo fazer o que quer em... – suas palavras ficam no ar assim que se depara com uma linda mulher de cabelos castanhos claros, olhos azuis, vestida elegantemente com um macacão de seda branco e saltos pretos. Sua cintura levemente torneada por um cinto preto de couro, deixando as curvas da bela mulher ainda mais evidentes.

— Bom dia, senhor Keller.

— Leila? Mas... O que faz aqui? – Alexandre a olha sem entender.

— Oras. Achei que havia me contratado para ser sua assistente – ela diz com um sorriso cínico. — Aliás, estava aqui conversando com o Senhor George sobre isso. Ele não sabia da minha contratação, então, vim me apresentar.

George olha para Alexandre e diz:

— Vocês podem ir. Tenho uma reunião agora. Foi um prazer conhecê-la, Leila. Seja bem-vinda.

— Com licença, senhor George – ela diz.

Os dois saem.

A caminhada até a sala de Alexandre é silenciosa.

Assim que os dois entram, ele a olha furioso.



— O que pensa que está fazendo? Você não pode chegar em minha sala, mexer em minhas coisas e achar isso normal – ele diz exaltado.

— Não mexi em suas coisas. Apenas as arrumei. Se não sabe diferenciar uma coisa da outra, não posso fazer nada – ela rebate.

— Não quero que arrume minhas coisas. Entendeu? Não te pago pra isso.

Ela o olha com raiva.

— Deveria ficar agradecido. Isso estava uma bagunça.

— Não importa – ele bufa.

— Okay, chefinho. Vamos ao que interessa então – ela diz e se senta de frente para ele. — Me diga... Quais são as minhas funções?

Alexandre a olha e analisa sua postura rígida.

— Minha assistente pessoal. Essa é sua função. Se eu mandar você pular pela janela, você pula sem questionar, entendeu? – ele diz com arrogância.

Leila ri e se levanta. Pega sua bolsa em cima da mesinha ao lado direito e caminha até a porta.

— Aonde pensa que vai? – ele pergunta assustado, com medo de que vá embora e o deixe.

— Vou tentar mais uma vez, senhor Keller. Não me decepcione – ela diz olhando-o nos olhos e sai fechando a porta. Segundos depois, ela abre a porta e entra na sala novamente.

Leila coloca a bolsa em cima da mesinha e se senta na cadeira de frente para ele. Alexandre observa tudo com curiosidade.

— Então, senhor. Gostaria de saber quais são as minhas funções aqui na empresa.

— Isso é alguma piada? – ele rosna.

Ela o olha arqueando as sobrancelhas. Seu olhar já dizia que não estava para brincadeiras.

— Uhum – ele pigarreja. — Certo. Então vamos começar. Suas funções, não é? Então. Você ficará naquela sala da recepção. Atenderá aos telefonemas, organizará minha agenda de viagens, jantares, almoço, reunião... Arquivar alguns projetos e me ajudar a fazer algumas pautas... Terá que me acompanhar em algumas reuniões e viagens, como já havia dito... Basicamente isso, uma vida bem atribulada e emocionante – ele zomba. — Seu horário de trabalho é das oito às dezenove horas, de segunda a sábado.

— Impossível – ela diz.

— O que é impossível?

— O que é isso? Trabalho escravo? Eu ainda faço faculdade. Entro às dezenove horas.

— Nesse caso poderá então diminuir seu horário de almoço e sair às dezoito e trinta. Meu motorista irá buscá-la e levá-la para casa todos os dias.

— Diminuir meu horário de almoço? Negativo. É direito de todos os funcionários que trabalham mais de oito horas, pelo menos duas horas de almoço – ela resmunga. — Quanto aos sábados, não me oponho.

— Ah, você não se opõe? – ele ri.

— Se for dentro dessas condições, eu aceito ser sua assistente pessoal.

— Feito! – ele diz sem pensar. Era melhor ceder a algumas exigências, do que correr o risco de perdê-la, ele pensa.

— Vou voltar ao meu trabalho – ela sorri satisfeita.

Alexandre a observa sair de sua sala. Ele se encanta com o jeito decidido e petulante de Leila. A única coisa em que consegue pensar, é como fará para que ela caia aos seus pés e que seja dele.

Ele começa a ler os contratos para o novo Resort no México, mas ela não sai de sua cabeça. Ele começa a ficar irritado com a possibilidade de estar sentindo algo por ela. E assim que lembra que ela já tem um namorado, enrijece e comete mais uma de suas insanidades.

— Fabrício... Quero que venha até a minha sala – ele diz ao telefone.

Instantes depois, Fabrício entra em sua sala.

— Bom dia, senhor.

— Fabrício, você é o único aqui na empresa que controla a área técnica e da rede de computadores, não é?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Eu gostaria que você interligasse o computador da minha assistente ao meu. Eu quero ter acesso aos arquivos dela e quero que os e-mails sejam redirecionados para mim também. Uma cópia, claro. E o mais importante... Seja discreto. Não quero que ela perceba.

— Mas senhor, isso é contra as normas da empresa. Se o senhor George descobre, estou na rua. É uma violação de privacidade – diz o técnico um pouco assustado.

— Está contrariando uma ordem minha? É isso mesmo? – ele se irrita.

— Não senhor.

— Então faça o que eu mandei. Agora! – ele ordena.

— Sim, senhor – Fabrício diz e sai para atender ao pedido.

Alexandre o acompanha.

— Leila, pegue sua agenda. Preciso de você em minha sala, agora.

— Sim – ela se levanta e caminha em direção a ele.

— Esse é o Fabrício, nosso técnico em Informática. Ele irá fazer uma varredura em seu computador. A última assistente reclamou de vírus, então...

— Ah, sim. Claro – ela sorri. — Prazer, Leila – ela cumprimenta o rapaz que sorri, um pouco sem graça.

— Venha. Vamos deixá-lo trabalhar. Precisamos conversar sobre a nossa viagem ao México no domingo.

Os dois entram e Alexandre fecha a porta.

— Precisamos acertar os detalhes da sua contratação. Quero que vá até o RH, procure pela Melinda. Assine todos os contratos, inclusive o seu seguro de vida.

— Seguro de vida? – ela se espanta.

— Sim. Todos os funcionários têm seguro de vida. Principalmente os que viajam a trabalho.

— Certo.

— Como está seu passaporte?

— Eu não tenho. Nunca precisei sair do país – ela ri.

— Vamos ter que providenciar. Temos que conseguir um visto para você. Outra coisa, sei que seu espanhol é excelente, então... Participará das reuniões comigo. Não vai ser muito difícil o entendimento da reunião, tendo em vista que você também é do ramo. Preciso que deixe suas coisas todas arrumadas. Nosso Arquiteto Leonardo, irá conosco. Mais tarde irei apresentá-la a ele e ao nosso Engenheiro Chefe, Thiago – ele diz. — Alguma dúvida?

— Ficaremos quantos dias?

— Três dias – ele a olha analisando sua reação.

— Certo.

— Agora preciso que você compre nossas passagens e reserve nosso hotel.

— Algum hotel de preferência?

— Sim. Ficaremos no The Ritz-Carlton, em Cancun. Reserve para nós três os quartos do andar executivo.

— Sim – ela diz anotando tudo em sua agenda.

— Ligue também para uma locadora de veículos. Reserve dois carros. Um para nós e o outro para o Leonardo. Preciso que ligue também para a secretária de nossos clientes no México e marque a nossa reunião para segunda-feira à noite, no restaurante do hotel – ele diz e entrega a ela um cartão de visitas com os telefones.

— Certo. Mais alguma coisa? – ela pergunta.

— Hum... Já estava me esquecendo. Vou lhe dar o cartão corporativo da empresa. Vai precisar comprar algo para usar no jantar. Algo bem elegante, mas não extravagante. Tente não exagerar. Não precisa economizar. Se precisar de ajuda, peça a Eneida, assistente de meu pai. Ela sempre faz as compras numa loja aqui próximo.

— Isso é realmente necessário?

— Sim. Fora a noite do jantar, poderá se vestir como quiser. Já estamos quase no horário de almoço. Se quiser pode ir. Qualquer dúvida é só me falar.

Leila se levanta levando consigo a agenda e caminha até sua sala.

Alexandre pega o telefone e liga para o técnico.

— E então?

— Está feito senhor. Vou precisar mexer em seu computador por alguns minutos.

— Pode vir. Estou de saída para o almoço. Faça o que precisar – ele diz e sai.

Ao passar pela porta, ele vê Leonardo debruçado na mesa de Leila, sorrindo como um lobo predador. Automaticamente, ele se sente possessivo em relação a ela e dispara:

— O que faz aqui que não está em sua sala?

Leonardo percebe o tom de voz do amigo e ri.

— Vim te chamar para almoçar. Quando entrei e me deparei com essa linda visão – ele diz olhando para Leila e deixando Alexandre rígido em seu lugar, com punhos fechados. — Fiquei curioso para saber quem era. Não me disse que havia contratado sua assistente e que ela era tão linda – Leonardo diz só para provocar.

— Não disse por que minha vida não te interessa. Agora vamos almoçar. Não foi para isso que veio? – ele pergunta pegando o amigo pelos braços, indo em direção à saída.

— Espere! Não vai convidá-la para almoçar conosco? – Leo pergunta.

Alexandre o fuzila com um olhar deixando Leonardo intrigado.

— Leila, vou almoçar. Já está no seu horário, se quiser ir, fique à vontade. Logo estarei de volta – ele se dirige a ela que o olha sem entender muita coisa.

— Sim, senhor Keller.

Alexandre e Leonardo saem.

Há duas quadras da empresa, fica um restaurante italiano bem sofisticado. É onde a maioria dos funcionários da diretoria almoçam, inclusive ele e Leonardo.

Eles pedem uma mesa e seguem. Ao sentar, Alexandre diz:

— Não quero você assediando minha assistente.

Leonardo o olha e ri.

— Tudo bem. Não precisa ficar com raiva. Apenas estava me apresentando a moça. Que, aliás, é muito gata.

— É sério, Leonardo. Fique longe dela. Se eu te pegar...

— Ei cara! Que estresse – ele diz. — Pode deixar que ela não faz o meu tipo.

— Nem se fizesse. Quero você longe dela – ele rosna. — À tarde vou convencer meu pai a me deixar ir à reunião no México. Você irá junto nesta viagem e quero que se comporte. A última que você aprontou em Londres ainda está entalada aqui em minha garganta. Vamos a negócios e não pra foder toda mulher que existe no mundo, entendeu?

— Só peguei algumas mulheres cara. Relaxa! Você gostava disso até ontem – ele ri. — Foi sua assistente que o fez mudar da água pro vinho? – Ele alfineta.

— É melhor ficar calado. Vamos pedir nosso almoço. Tenho muito o quê fazer. Preciso trabalhar.

— Você? Trabalhar? – Leonardo ri. — É amigo, você está estranho.

— Vá se ferrar – Alexandre ri.

Eles conversam sobre o projeto do novo Resort no México e acertam detalhes sobre a viagem. Alexandre está entusiasmado com o projeto proposto por Leonardo.

Após algumas horas de conversa, o telefone de Alexandre toca. Ele olha no visor e vê o nome de Steve.

— Alô!

— Senhor Keller? Consegui as informações que me pediu.

— Ótimo! Pode me encontrar daqui à uma hora em meu escritório? – ele pergunta ansioso.

— Sim, claro. Esteja preparado. Ficaré chocado com o que vai ver e ouvir.

— Combinado – Alexandre diz confuso.

“O que será que ele descobriu?” – ele pensa.

— Leo, preciso ir. Tenho uma reunião daqui a pouco – ele diz se levantando.

— Espere, vou também. Preciso ir até o condomínio e ver como estão as coisas por lá. Thiago disse que faltam alguns acabamentos e logo podemos entregar a obra para o cliente.

— Então vamos.



## Capítulo 10

Assim que chega a empresa, Alexandre esbarra com Thiago nos corredores.

— E aí cara. Beleza?

— Terminou o projeto da claraboia do hotel? – Alexandre pergunta.

— Leonardo está cuidando disso. E por falar em projeto... Falei com seu pai e ele concordou que será melhor você fechar o contrato com os mexicanos – ele sorriu.

— Ao menos uma notícia boa – Alexandre diz sem muito entusiasmo.

— Que isso cara? Que animação! Você vai para o México. Deveria estar dando pulos de alegria.

— Estou. É que minha coluna está doendo hoje – ele brinca.

— É a idade chegando. Trinta anos não é pra qualquer um – Thiago zomba e Alexandre dá um tapa em sua cabeça.

— Tenho que ir. Tenho uma reunião daqui a pouco.

— Falou. Nos vemos mais tarde.

Alexandre anda em direção a sua sala e assim que passa por Leila, ela sorri fazendo com que seu coração de pedra derreta ao mesmo tempo.

— Não saiu para almoçar? – ele pergunta olhando em seu relógio de pulso.

— Ah, sim. É que resolvi voltar ao trabalho, já que não se tem muita coisa para fazer lá fora – ela dá de ombros.

— Okay. Só não me venha depois com papo de trabalho escravo. Não reduzi seu horário de almoço – ele diz arrancando mais sorrisos dela e entra em sua sala.

Leila aproveita seu tempo livre para entrar em contato com Brandon. Ela queria contar as boas novas para o namorado.

No computador, ela faz o *login* de sua conta de e-mail e digita uma mensagem para ele.

*De: Leila Gomes*

*Assunto: Estou com saudades*

*Data: 03 de Junho de 2014 13:45*

*Para: Brandon Belshoff*

*Tenho ótimas notícias. Consegui um emprego!*

*Queria que estivesse aqui para comemorar comigo.*

*Me liga à noite? Estarei esperando.*

*Beijos.*

*Amo Você!*

*Sua Leila.*

Ela clica em enviar e no mesmo momento, Alexandre recebe uma notificação no servidor.

Ele clica e lê a mensagem que Leila havia acabado de enviar.

— Uau! Que macumba boa é essa? – ele diz para si mesmo e ri orgulhoso do seu plano bem sucedido.

*Como assim? Sua Leila? Tá de brincadeira? Amo você? Como ela pode amar um cara que nem conhece? Quem é esse Brandon?*

Antes de conseguir pensar em tudo o que leu, outra notificação chega. Ele clica na mensagem e fica surpreso em ver que é uma resposta do tal namorado virtual.

*De: Brandon Belshoff*

*Assunto: Parabéns*

*Data: 03 de Junho de 2014 13:55*

*Para: Leila Gomes*

*Fico feliz por você, meu amor... Também estou morrendo de saudades. Queria poder estar ao seu lado nesse momento. Mas saiba que você está aqui, em meu coração. À noite nos falamos. Eu amo você!*

*PS: Dia dos namorados está chegando... O que quer de presente?*

*Dr. Brandon Belshoff*

Alexandre lê e sente um aperto no peito.

— Que mané! Como ela pode cair nessa? – ele sussurra.

No mesmo instante, ele abre a página de busca e digita o nome de Brandon na esperança de conseguir algumas informações do tal cara.

— Vamos ver... Se ele é médico, deve ter um perfil público, um site...

Alguns segundos e, na tela aparece o nome de Brandon.

Alexandre fica estático olhando para a foto do médico. Ele constata a boa aparência de Brandon e fica enciumado. Clica no link e logo abre algumas informações:

*... Cardiologista.*

*Formado na Universidade de São Paulo*

*Especialização em Cardiologia na Universidade de Boston*

*33 anos*

*Solteiro...*

— Aonde esse babaca mora? Não tem endereço? – ele se exalta.

Outra notificação e Alexandre abre a mensagem para ler.

*De: Leila Gomes*

*Assunto: Te amo*

*Data: 03 de Junho de 2014 14:03*

*Para: Brandon Belshoff*

*O meu presente é você!*

*Sua Leila.*

— Mas que palhaçada! Ela não vai trabalhar não?

Ele se estica para pegar o telefone. Aperta o ramal e grita:

— O que você está fazendo? Venha agora em minha sala – e desliga.

Leila fica olhando para o telefone sem entender. Levanta-se e vai até ele.

— Sim. Me chamou?

— Leila... Não me deixe nervoso. Quando eu peço para fazer um trabalho, gosto que façam no mesmo instante. Está me

entendendo? – ele diz com arrogância.

— Sim. Mas posso saber o que aconteceu? Tudo o que me pediu está feito, senhor Keller – ela diz ainda confusa.

— Como assim feito? – ele se descontrola. — Ligou para o México? Fez as reservas? Ligou para os clientes avisando sobre o lugar e o horário da reunião?

— Sim – ela responde olhando em seus olhos que faiscavam.

— Impossível – ele bufa. — Assinou os contratos? E seu passaporte?

— Tudo encaminhado senhor.

Alexandre fica abismado com a sua eficiência e ao mesmo tempo, se sentindo um babaca por ter despejado sua raiva em cima dela.

— É só isso. Pode sair – ele rosna.

— O Senhor está se sentindo bem? – ela o olha confusa.

— Estou ótimo. Nunca estive tão bem – ele diz fazendo sinal com a mão para que se retirasse.

Leila sai da sala confusa e vai direto até a copa buscar um copo com água para seu chefe. Quando volta, ela encontra um rapaz alto, robusto, cabelos pretos num corte militar e olhos verdes, encostado no sofá da recepção.

Ela fica incomodada com o jeito em que ele a olha. Os olhos do homem pareciam lhe perfurar a alma e isso a assustou. Era como se ele pudesse enxergar através dela. Como se pudesse decifrar o que estava pensando e sentindo.

— Boa tarde. Em que posso ajudá-lo?

— Boa tarde. Meu nome é Steve – ele estende sua mão para cumprimentá-la. —Tenho uma reunião com o Senhor Keller.

— Claro. Um momento – ela diz deixando o homem e entra na sala de Alexandre carregando o copo.

— O que foi? – ele diz ainda irritadiço.

— Trouxe um pouco de água – ela diz colocando o copo em sua mesa. — Eu não sabia que o senhor tinha uma reunião agora. O cliente já chegou. Senhor Steve.

— Steve! Peça para ele entrar.

Leila assente e antes de chegar até a porta, ouve a voz de Alexandre:

— Leila... Obrigado pela água.

Ela vira a cabeça lentamente para trás e o encara.

— Não tem porque agradecer. Talvez se desculpar, seria melhor – ela sorri e sai deixando-o de boca aberta.

Enquanto Alexandre arruma sua mesa, Steve passa pela porta com cara de quem viu um fantasma.

— Essa é a mulher que me mandou investigar?

— E aí... o que conseguiu de tão importante? – ele pergunta curioso.

Steve se aproxima e tira de sua pequena pasta, alguns papéis.

— Aqui está a ficha criminal do ex-namorado da garota – ele diz e joga os papéis em cima da mesa.

Alexandre pega os arquivos e começa a folhear lendo as informações com curiosidade e espanto.

— Eu deveria ter entrado para a polícia – ele sussurra. — É impressionante o que vocês conseguem descobrir em tão pouco tempo – conclui com o olhar paralisado na descrição do rapaz.

— Esse cara é perigoso. A sorte da garota é que ele está preso  
— Steve diz se sentando.

— Fábio da Silva Lins, 1,75, Branco, Trinta e quatro anos. Foi usuário de drogas, professor de MMA e teve várias passagens pela polícia. Está preso por tentativa de homicídio, lesão corporal... — Alexandre lê em voz alta e enrijece em seu lugar. — Como assim? Tentativa de homicídio e lesão corporal? Quem esse mané tentou matar?

— A moça que está lá fora. Dê uma olhada no próximo arquivo.

Alexandre abre o outro arquivo que contém o nome de Leila.

Nas primeiras folhas, ele se espanta ao vê-la totalmente desfigurada. Fotos de hematomas pelo corpo e rosto, deixam Alexandre inconformado.

— Meu Deus! Esse cara é um psicopata.

— Ainda não viu nada. A garota também não é mole. Ela quase matou o desgraçado — Steve ri.

— Tá rindo do quê? Isso aqui é horrível — ele diz lendo o arquivo. — Não acredito que ela namorava um idiota desses.

— Não namorava. Quer dizer, pelo menos é o que está escrito nos depoimentos. Aí diz que eles se conheceram numa apresentação que os lutadores fizeram na faculdade dela. Depois da luta, vários alunos saíram com os lutadores.

— Hã?

— Ela contou à polícia que mantiveram relações algumas vezes. Não eram namorados. Era... Como os jovens dizem hoje em dia? — ele ri.

— Tá. Entendi. Continua.

— Então em alguma dessas vezes, ela deve ter se apaixonado por ele, mas o cara era um tremendo de um galinha. Ele não queria



a garota, mas também não queria que ninguém a tivesse. O cara era meio possessivo. A perseguia em todos os lugares em que ia. Chegaram a ficar mais algumas vezes, até que depois de um tempo, ela descobriu que estava grávida.

— Grávida? Como assim? Ela não mencionou nenhum filho – ele diz confuso.

— E por que você acha que o cara está preso? – Steve pergunta.

— Não vai me dizer que... – Alexandre se espanta.

— Quando ela contou que estava grávida o cara surtou. Queria que ela tirasse a criança. Ela foi contra e o cara começou a infernizá-la. As perseguições se tornaram constantes. Brigas... Ele a agredia fisicamente em público. Ele não estava nem aí. Com o tempo ele começou a assediá-la, dizendo que a amava, que a queria... Enfim, ele começou a se comportar de forma ainda mais violenta e ameaçava matá-la se ela não ficasse com ele. Então, um dia ela fez uma queixa contra ele após uma dessas brigas. O cara ficou furioso, foi até a casa dela, ficou lá de tocaia até a mãe dela sair, entrou dentro da casa e a espancou. Acho que pelo estado dela, a intenção era matá-la mesmo. Só que ela conseguiu se livrar dos ataques dele mesmo machucada. Pegou uma faca e enfiou no cara.

— Não brinca? – ele se espanta. — E esse filho da puta conseguiu sobreviver?

— Pra você ver. Vaso ruim não quebra. Eles ficaram internados por alguns dias. A lesão dele não foi muito grave. Quando se recuperou, foi preso. Ela não teve a mesma sorte. Perdeu o filho e saiu com alguns problemas psicológicos. Ficou um ano em tratamento numa clínica psiquiátrica. O médico dela se chamava Juan Abadia. Pesquisei sobre a clínica e fui até lá. Não foi muito difícil de conseguir informações sobre ela. A ficha está na última folha – ele diz apontando para o arquivo nas mãos de Alexandre.

Ele procura a ficha e assim que a encontra, lê atentamente.

*"Paciente Leila Gomes, 22 anos. Em tratamento inicial, pós-traumático. Sintomas: Ataques de Pânico, Depressão e Transtorno Obsessivo Compulsivo."*

— Mas ela tem 24 anos. Isso é recente! – ele diz. — É... Me parece que esse médico é milagroso. Porque ela está totalmente curada. Está até entrando em outra roubada – ele diz para si mesmo lembrando do namorado virtual e Steve fica confuso.

— O que disse?

— Nada – ele suspira. — Quanto tempo falta para esse cara cumprir a pena?

— Aí diz que ele sairá daqui oito meses.

— Humm. Obrigado Steve. Posso ficar com isso?

— Claro. Mas mantenha sigilo. Senão meu amigo, o cara que conseguiu isso tudo, me mata.

— Pode deixar. Ninguém verá esses arquivos.

— Bom... Preciso ir. Se precisar de qualquer coisa é só me chamar.

— Obrigado.

Steve vai embora e deixa Alexandre pensativo ainda olhando para todas aquelas informações. Ele não acreditava que a mulher linda, forte e decidida, que estava mexendo com sua cabeça, pudesse ter passado por tudo aquilo. Agora ele conseguia entender

a reação dela em sua casa, no dia em que foi visitá-la. No mínimo, ela achava que ele era um perseguidor maluco. Ele riu com essa ideia, pois, ele jamais precisou correr atrás de alguém, como fez com ela.

Depois da traição de sua noiva, ele jurou que jamais se apaixonaria e que nunca iria deixar uma mulher humilhá-lo de novo.

Mas tudo o que ele leu naqueles arquivos, se misturaram com suas emoções e sentimentos. Ele sentiu raiva por não ter estado lá para protegê-la. Lamentou por não ter a conhecido antes. Ele queria correr e ir até ela para dizer que sentia muito por ela ter passado por tudo aquilo. Queria abraçá-la, queria beijá-la. Ele queria dizer a ela que com ele, estaria segura. Que nunca mais ela teria que passar por algo semelhante. Mas o mais difícil foi ele perceber tudo o que acabara de desejar. Ele estava perdido em suas próprias palavras e sentimentos. Então, ele percebeu naquele momento, que estava completamente apaixonado por ela. E, admitir isso depois de tanto tempo se privando do amor, era difícil. Ele não queria amá-la. Nem a ela e nem nenhuma outra. Mas não amá-la se tornou uma missão impossível, desde o dia em que seus olhos se cruzam com os dela. E, agora que percebeu que esse sentimento era inevitável, ele só queria protegê-la. Para começar, ele iria fazer de tudo para acabar com a farsa de Brandon, pois ele achava que era apenas mais um psicopata tentando se aproveitar de uma mulher aparentemente frágil.

## Capítulo 11

Os dias passam depressa.

Leila faz amizade com Melinda e Sophia, que trabalham no RH. Ela ficou feliz por enfim, começar uma vida normal, com amizades diferentes das que tinha na faculdade, que só a viam como uma mulher tímida e retraída, após os boatos de que havia ficado louca. Com os surtos de pânico e sua obsessão por segurança, que teve no passado, Leila muitas vezes era rejeitada por seus amigos. Então, o único amigo que ainda lhe sobrou foi Tadeu, seu vizinho. Um cara nada simpático e com cara de nerd que sempre arranja uma oportunidade para cortejá-la.

— É amanhã a sua viagem. E aí? Está animada para viajar com o ogro bonito? – Sophia diz aos risos.

— Ele não é ogro – ela ri. — É mal educado. Mas comigo ele não se cria – Leila responde.

— Cuidado hein. Lembra do que nós te falamos sobre ele. Não deixe ele te seduzir – Melinda a alerta.

— Sem chances. Tenho um namorado e ele é lindo, inteligente e educado. O homem que toda mulher sonha em ter – ela suspira.

— Uau! Ele deve ser o cara – Sophia ri.

— Reparei que teu chefe anda um pouco sumido e mais tenso que o normal – Melinda estranha.

— Mais tenso não... Mais chato você quis dizer – Sophia a corrige.

Leila olha para as duas sentadas no restaurante e diz:

— Sabe meninas, eu também percebi isso. Esses três dias ele mal olhou na minha cara. Deve estar com algum problema.

— O problema dele é falta de outro chifre. Cara chato e ainda se acha viu – Sophia comenta.

— Como assim? Outro chifre? – Leila pergunta curiosa.

— Não sabe da história do seu chefe? Ele é um maluco. A Fernanda, que Deus a tenha, era uma santa por aguentar esse cara. Tudo bem que ele é gostoso, deve ter uma pegada de arrepiar até os dedinhos dos pés. Mas ele era muito pegajoso – Sophia diz.

— Ele tinha uma namorada? – Leila ri.

— Há uns anos atrás. E era noiva. Com casamento quase marcado. Então um dia ele chegou e pegou ela com outro cara, transando.

— Nossa! Por isso que ele é meio amargo – Leila diz tomando um gole de seu refrigerante.

— Ah, Sophia. Também não é assim. O Alexandre sempre foi muito apaixonado por ela. Era lindo de ver como ele a tratava. Era atencioso, educado, vivia mandando flores a ela. Muito romântico. Aquela safada que acabou com ele e o transformou no que é hoje... Um mulherengo – Melinda diz.

— É caso surreal pensar nele como um cara romântico – Leila ri. — Ele sequer me agradece quando faço as coisas. E parece um robô mandão e autoritário... Leila faz isso, Leila faz aquilo... – ela o imita e todas riem. — Tem horas que dá vontade de socar a cara dele. É chato, insuportável, ignorante... – ela diz e percebe que as duas sentadas a sua frente ficam desconfortáveis e empalidecem.

Leila para de falar e observa a expressão delas.

— Ele está atrás de mim, não está? – ela pergunta e após, a voz de Alexandre soa como um sussurro cortante em seus ouvidos:

— É bom ver que minhas qualidades te divertem. Por que não olha pro seu rabo ao invés de meter o pau mim? Só pra constar, você também é insuportável às vezes – ele diz deixando Leila sem graça.

Alexandre cumprimenta Melinda e Sophia que olham para ele assustadas. Ele se senta ao lado de Leila como se nada tivesse acontecido. Ele olha em seu relógio de pulso e constata que as três estão atrasadas para voltarem ao trabalho.

— Ela me acha chato e insuportável – ele ri olhando para suas funcionárias. — E vocês meninas... Me acham insuportável? – ele pergunta sério e as duas respondem em uníssono:

— Não.

— Engraçado... Meu relógio está quebrado ou vocês estão realmente atrasadas? – ele diz com sarcasmo.

— Já estávamos de saída chefe – Melinda diz e se levanta se despedindo de todos. Sophia termina de tomar seu refrigerante e segue Melinda.

— Você não – ele diz segurando o pulso de Leila que se levanta para ir embora do restaurante.

Ela o olha intrigada e diz:

— Olha, não vou me desculpar. Esqueça. Pode me demitir – ela cruza os braços.

— Demiti-la? Por quê? Por falar mal de mim? – ele ri. — Você é muito petulante, sabia?

— Você me chamou de insuportável também. Estamos quites.

— É... Estamos quites. Vai ter que me aguentar. – ele diz olhando fixamente em seus olhos. A proximidade deixa Alexandre tenso e perdido em suas palavras. Sua mente se esvazia e a única coisa que consegue pensar é em beijá-la ali mesmo.

Ele tenta se recompor e desvia o olhar.

— Passarei em sua casa na madrugada. Preciso que me dê o número do seu celular. Já arrumou as malas? – ele diz e faz sinal para o garçom à sua frente.

— Já – ela diz.

— Ótimo. Agora, se não se importa, preciso almoçar e você tem trabalho a fazer.

— Claro – ela diz furiosa.

— Ah! Leila... Quando eu chegar, quero meu café em cima da minha mesa. E isso não é um pedido – ele diz deixando ela ainda mais raivosa.

Leila sai do restaurante bufando de ódio.

— Se ele pensa que pode me tratar desse jeito, está enganado. Até parece... Cafezinho quentinho... Não sou uma copeira. Idiota babaca!

Assim que sai do elevador, esbarra em Melinda e Sophia que a esperam curiosas.

— O que ele queria com você? Ele te demitiu? – Melinda diz apreensiva.

— Não! Ele é realmente um idiota – ela bufa.

— É amiga. Ele não gosta de você. Nunca o vi tratando as assistentes desse jeito. Pelo contrário... Ele saia todos os dias com elas e sabe-se Deus pra fazer o quê! – Sophia ri.

— Ah nós sabemos sim – Melinda diz.

— Vou voltar ao trabalho. Estou vendo que esses três dias no México vão acabar com minha sanidade – Leila diz e se dirige até sua sala.

Ainda no restaurante, Alexandre não para de pensar nela. Thiago se aproxima, mas ele não sente a presença de mais ninguém ao seu redor.

— Ei cara? Tá no mundo da lua?

— Oi Thiago. Senta aí cara.

— Sua cara está péssima. O que foi?

— Nada – ele suspira. — Acredita que ela me acha chato, ignorante e insuportável? Ainda sai espalhando por aí.

Thiago ri.

— Quem? Tá maluco cara?

— Minha assistente. Quem mais poderia ser?

— Qualquer um. Você é tudo isso mesmo – ele zomba.

— Ah obrigado por levantar a minha moral – ele se irrita.

— Sabe cara, acho que você está precisando de uma mulher. Que tal irmos à boate hoje? Pegar algumas mulheres?

— É... Uma boa ideia. Preciso espairer mesmo.

— Legal. Assim você não fica tão fissurado em sua assistente. Cuidado hein cara... Estou começando achar que isso é amor – Thiago ri.

— Cala a boca, idiota!

Thiago e Alexandre almoçam juntos e conversam sobre a viagem. Quando terminam, voltam ao trabalho.

Ao passar por Leila, concentrada em seu trabalho, Alexandre diz:



— Quero meu café em um minuto – e entra na sala fechando a porta.

Ela mal o viu passar. Mas a raiva que sente a faz estremecer.

Leila caminha até a copa, e faz o café para ele.

— Pronto! Vamos ver se ele irá me pedir café outra vez – ela dá um sorriso travesso.

Leila coloca o café na bandeja e leva até a sala de seu chefe.

— Aqui está, senhor Keller... Seu café fresquinho e quentinho – ela sorri deixando ele satisfeito com sua agilidade.

Alexandre pega com cuidado o café e dá um gole para degustá-lo. No mesmo instante, ele coloca todo o café para fora, sujando toda a sua mesa e documentos importantes que estavam sobre ela.

— Jesus! Quer me matar? Colocou sal em meu café? – ele grita furioso.

— Sal? – ela se faz de desentendida. — Claro que não. Para que iria colocar sal em seu café, senhor?

— Merda! – ele esbraveja olhando a sujeira em sua mesa.

— Acho que sua camisa está manchada – ela aponta segurando o riso para não se entregar.

Alexandre olha a enorme mancha de café em sua camisa branca e fica ainda mais irritado. Ele se levanta e vai até ela com seu olhar soltando faíscas.

Leila se encolhe e se assusta quando ele a arrasta e a imprensa na parede gelada.

— Eu sei que fez isso de propósito – diz e Leila se assusta com o jeito em que ele a olha. — Não sou idiota querida.

Leila desvia o olhar e sussurra:

— Me desculpe. Devo ter trocado o açúcar pelo sal. Não vai mais acontecer.

— Ahh, mas não mesmo! Não queira me ver irritado, Leila. Eu juro que não vai achar tão engraçado da próxima vez – ele diz enfurecido e se afasta.

Ele pega sua carteira e as chaves do carro. Passa por ela e diz:

— Te vejo na viagem. Estou indo pra casa – e sai deixando-a ali, sozinha e culpada por ter feito uma brincadeira tão idiota.

— O que deu nele? – Melinda diz assim que entra em sua sala.

— Melhor nem comentar. Fiz uma idiotice e achei que ele iria me matar. Mas quer saber? Não me arrependo. Deveria ter visto a cara dele – Leila ri.

— Ai criatura. Me conte tudo.

Leila a olha ainda rindo.

— Coloquei sal no café dele.

— Hãmmm!!! Jesus, Maria, José... Você é louca? Quer ser demitida?

— Ah foi só uma lição. Ele foi muito indelicado lá no restaurante.

— Nós estávamos falando mal dele, Leila. Como você queria que ele agisse?

— Tá... Eu exagerei. Confesso! Ele deve me achar uma imbecil.

— Você é *crazy*, garota – Melinda ri. — O que vai fazer hoje?

— Dormir cedo. Chefinho vai me buscar na madrugada para viajar.

— Ah não. Dormir cedo ninguém merece. Vamos sair? Tem uma boate ótima em Moema. Vamos?

— Não. Faz muito tempo que não piso em uma boate – Leila diz lembrando-se dos tempos em que frequentava barzinhos e boates com as amigas da faculdade.

— Então? Ah vamos Leila. Precisa se distrair um pouco. É uma chance de nos conhecermos melhor também. Diz que sim... – Melinda faz uma cara fofa na intenção de que o coração de Leila se derreta.

— Certo! Quem vai?

— Eu, Sophia, Rodrigo e alguns amigos.

— Hum. Tá legal. Mas não vou poder ficar até tarde.

— Fechou! Me passa seu endereço que irei buscá-la na sua casa.

Leila pega um pedaço de papel e passa o endereço a Melinda.

— Aqui está. Coloquei meu telefone também.

— Te pego às nove – ela diz saindo da sala.

\*\*\*

A noite chega e Leila se arruma para sair com as novas amigas.

Um belo vestido preto colocado, destacando suas curvas perfeitas, saltos pretos e alguns acessórios compunham seu visual. Leila estava estonteante com sua beleza sutil. Uma maquiagem leve e apenas um batom vermelho sangue, fizeram com que se transformasse em uma mulher fatal. De frente ao espelho, ela contempla seu trabalho. Passa os dedos levemente nos cabelos para dar um volume.

— Uau! Posso saber aonde a mocinha vai desse jeito? – sua mãe pergunta.

— Vou à boate com umas amigas do trabalho – ela diz ajeitando seu brinco.

— Não vá perder a hora da viagem – ela alerta.

— Pode deixar mãezinha... Volto cedo – ela diz dando um beijo em sua mãe e sai levando sua clutch dourada.

Ao sair, ela se depara com Melinda e Sophia igualmente belas. As duas de vestido curto e com três rapazes ao lado.

— Nossa! Caprichou hein... – Sophia diz. — Esses são, Rodrigo, Jefferson, irmão da Melinda e Paulo, meu namorado.

— Oi – ela diz sem graça.

— Então... Vamos? Leila, vá no carro com meu irmão. A Sophia está com o namorado e eu e o Rodrigo iremos juntos em meu carro – ela diz e Leila se sente desconfortável.

— Tá... Tudo bem – ela diz tímida.

Ela segue Jefferson até o carro e sorri quando ele abre a porta do carona para ela.

— Obrigada – ela diz a ele.

No caminho até a boate, eles arriscam algumas palavras tímidas.

— Minha irmã não me disse que tinha uma amiga tão bonita – ele flerta.

— Obrigada. Nos conhecemos a pouco tempo na verdade. Comecei a trabalhar na empresa há quatro dias.

— Humm. Isso explica tudo – ele ri.

Aos poucos, os dois começaram a se entrosar. Leila descobre que o rapaz de 1,75 de altura, não era só um rostinho e corpinho bonito. Ela se encanta ao saber que ele também é inteligente e capitão da marinha.

— Chegamos.

Eles saem do carro após estacionarem e se encontram na frente da boate.

Ao entrar, escolhem uma mesa próxima ao bar e fazem os pedidos.

— Mulheres, o que vocês irão beber? – Rodrigo pergunta.

— Traga Uísque para todos nós – Melinda responde.

— Ah! Eu não bebo. Sou fraca para bebidas – Leila sorri sem graça.

— Pode parar com isso. Vai beber um pouco pra esquecer a merda que fez com o chefinho gostosão – Sophia ri.

— Você contou pra ela? – Leila pergunta a Melinda.

— Mas é claro – ela ri.

— Você é muito corajosa. Colocar sal no café do chefe – Sophia ri.

— Colocou sal no café do seu patrão? Em quatro dias de trabalho? – Jefferson gargalha. — Meu Deus! Devo tirar o chapéu pra você.

— Meu Deus gente! Agora vou ficar sem graça – Leila grita em meio à música ***Burn, de Ellie Goulding***.

Rodrigo e Melinda saem para buscar as bebidas. O som preenche todo o ambiente e as pessoas na pista de dança enlouquecidas. Dançam conforme a música e gritam animados.

Eles ficam horas na mesa bebendo e conversando. Na mesa, várias garrafas de uísque os denunciavam... Estavam todos bêbados.

No palco, um rapaz pede para cessar a música e começa a falar.

— Como de costume, todas as sextas chamamos cinco mulheres para dançar no palco – ele diz e a galera vai a loucura entre gritos e assovios. Gostaria de saber se tem mulheres corajosas aqui esta noite dispostas a rebolar seus lindos traseiros aqui na frente.

Nesse momento, Alexandre, Thiago e Leonardo, entram na boate.

— Chegamos no melhor momento – Leo diz animado.

— Vou buscar algumas bebidas – Thiago diz e caminha até o bar.

— Aquela ali não é a sua assistente? Não achei que frequentava esse tipo de lugar. Ela tem uma carinha de santa – Leo ri e deixa Alexandre furioso. Ele olha em direção a mesa e vê suas três funcionárias ao lado de três caras.

“Depois dizem que são os homens que não prestam. Onde está o tal Doutorzinho do amor?” – Alexandre se corrói de ciúmes ao ver Leila muito próxima a outro homem.

— Vamos lá... Onde estão as mulheres? – o cara grita do palco.

Várias pessoas gritam e dentre elas, Sophia. Que mal aguentava parar em pé.

— Está louca? Vai cair lá em... De cima – Leila ri se atrapalhando com as palavras.

— Ah qual é? Vamos nos divertir. Aposto que não consegue ir até lá e dançar – ela ri.

— Eu aposto duzentos reais – Jefferson ri.

— Até você? – Leila pergunta olhando para ele.

— Você não vai – Rodrigo diz para Melinda.

— Corta essa, querido. Vamos Leila, vai ser legal – Sophia implora.

— Ela não consegue. Não deve nem saber dançar – Jefferson alfineta.

— Claro que sei – Leila se irrita. — Observe lindinho – ela diz pegando nas mãos de Melinda e Sophia, puxando-as para o palco.

Assim que sobem, o cara pergunta:

— Só vocês três?

Elas dão de ombros.

— Com nós três, amigo, você nem sentirá falta de mais duas – Leila se gaba arrancando risos das amigas.

— É isso aí DJ! Solta o som que a Leilinha aqui vai botar pra quebrar – Sophia grita bêbada.

O DJ coloca o som e as três começam a dançar no ritmo sensual da música ***Beautiful Liar – Beyoncé & Shakira.***

Gritos, assovios e palavras obscenas, ecoam pela boate enquanto elas começam a rebolar, dançando nos postes de *pole dance*.

— E aí cara, estamos perdendo as gostosas dançando – Leo diz.

— Aqui estão as bebidas – Thiago diz entregando o copo para eles.

Alexandre dá um gole em seu uísque, olha em direção a mesa de Leila, mas não a vê. Seus olhos percorrem o local lotado em

busca de sinais dela.

— Já que vocês não vão, vou dar uma olhada nas gatinhas dançando, já volto – Leo sai da mesa.

— Deveria ter ficado em casa – Alexandre resmunga.

— Tá chato hoje hein cara. Credo!

— Estou cansado. Só isso. Amanhã viajo cedo e preciso descansar.

— Corta essa Alexandre. Vá arrumar alguma mulher e se divertir cara. Você anda estranho essa semana.

— Não tenho nada de estranho – ele rosna.

— Ah não? Pensa que não vi? Acha que sou otário né? Tá caidinho por sua assistente. E olha, não te condeno por isso não. Ela é linda. MUITOOOO linda – ele ri.

— Não fala besteira. A garota é um saco.

Depois de alguns minutos, Leonardo volta e dispara:

— Cara, vai me desculpar mais sua assistente é uma gostosa. Precisa ver ela dançando naquele palco.

— Quem? Dançando aonde? – Alexandre se levanta subitamente serrando os punhos e os dentes.

— Ei cara... – Thiago entra no modo de alerta. Ele sabia que se Alexandre estivesse interessado em Leila, ele perderia o controle.

Ele caminha até o palco passando pela multidão que gritava:

*"Gostosas!" "Tirem a roupa"...*

A cada passo mais perto dela, Alexandre se enfurece. Ele consegue ver claramente as três dançando e sensualizando no palco, arrancando suspiros dos marmanjos que as assistem empolgados.



— Elas são malucas? Como se prestam a um papel desses?

— Não sabia que a Melinda tinha uma bunda tão gostosa – Thiago ri, e deixa Alexandre ávido de ódio.

— Onde está o babaca do namorado dela que não vê isso? – Alexandre esbraveja.

— Está lá. Veja... Na primeira fila – Leonardo aponta para Rodrigo.

— Deve ser um corno esse filho da puta. Como deixa a mulher dele se esfregar naquele poste como uma vadia louca – ele se irrita.

Os gritos começam a ficar mais fortes e quando eles olham para o palco, Leila está ameaçando a tirar a roupa.

Todos em uníssono gritando: "*Tira, tira*"... fizeram Alexandre sair de si.

Ele sai em disparado em direção a ela empurrando todos a sua frente. Mas, antes que ele pudesse alcançá-la, ela tira o vestido ficando apenas de lingerie preta minúscula. Ela ri e se diverte. Joga o vestido no chão e continua a dançar levando os homens à loucura.

Quando Alexandre a alcança, ele a segura pelos braços, pega o vestido e a retira do palco aos berros.

— O que pensa que está fazendo? Está maluca?

— E aí chefinho – ela ri e ele percebe que ela está totalmente bêbada.

Jefferson vai até eles e bloqueia a passagem de Alexandre que tenta levá-la até o banheiro feminino.

— Ei, ela está comigo. Tire as mãos dela – ele diz.

Alexandre o olha e se irrita.

— Cai fora panaca. Se estivesse com ela, não teria deixado que chegasse a esse ponto. Vá... Cai fora antes que eu chute sua bunda – ele diz furioso e Leila apenas ri descontroladamente.

— Você disse que vai chutar a bunda dele? Isso é ridículo. Ele é da marinha. Cuidado! – ela gargalha.

— Ridículo é ver você nesse estado. Agora entre aí. Coloque sua roupa que a levarei para sua casa.

— Você não é meu pai, sabia?

— Pra sua sorte. Porque se fosse, sua bunda agora estaria vermelha de tantas palmadas. Anda... Coloque logo sua roupa. Não quero ver isso – ele aponta para ela seminua.

— Não sabia que era gay – ela zomba.

— Não sou gay – ele rebate fazendo uma careta estranha.

— Disse que não quer ver isso – ela diz apontando para seu corpo.

— Ah! Meu Deus! Seu médico deveria ter deixado você internada pelo resto da vida. Sua louca.

— O que disse? – ela pergunta colocando o vestido dos avessos.

— Não disse nada.

— Não... Você disse sim – ela se irrita.

Ele a olha e percebe que está tão bêbada que mal consegue se vestir.

— Não disse não.

— Disse sim. Algo como "*Sua Louca*". Eu não vejo gente morta.

— Ainda bem. Embora eu não duvidaria – ele ri da situação. — Me deixe ajudá-la. Está colocando o vestido errado.

Ela abre os braços e diz:

— Pode tirar.

Alexandre engole seco. Suas mãos firmes, agora tremem com a possibilidade de tocá-la. Ele pigarreja e diz desconcertado:

— É melhor se vestir sozinha. Te espero lá fora – e sai deixando-a ali parada, olhando para ele confusa.

Leila se veste, vai até a pia e joga água no rosto. Seu estômago começa a embrulhar e sua cabeça gira como uma roda gigante.

Ela se olha no espelho e diz de forma engraçada:

— Oh, Jesus! Estou bêbada! Acho que vou vomitar...

Leila se debruça na pia esperando pelo pior. Seu pensamento era apenas um:

*"Meu chefe está me perseguindo... O que ele está fazendo aqui?"*

Ao sair do banheiro, ela o vê encostado na parede ao lado de Thiago.

— Okay! Isso está muito estranho. Pode falar. Você está me perseguindo, não é?

Thiago ri e Alexandre dá uma cotovelada em seu abdômen fazendo-o urrar.

— Você está bêbada. Está perdendo a consciência – ele rosna.  
— Vamos... Vou levá-la para casa – ele diz puxando-a pelos braços.

Leila não tem outra alternativa senão segui-lo.

Assim que chegam ao estacionamento, ele pergunta:

— Como chegou até aqui?

— Vim com um cara. Ahhhh! Me esqueci o nome dele – ela ri.  
— Mas era muitoooo gato. Tinha olhos verdes.

— Ah Deus! Esqueça. Entre no carro – ele se irrita.

— Não pode me levar para casa. Minha mãe vai me matar – ela implora.

— E quer que a deixe onde? Tá maluca? Vai para casa sim. Temos que viajar daqui algumas horas. Se esqueceu?

Ela olha para ele e ri.

— Me esqueci. Pode me levar para sua casa então. Eu fico lá até melhorar.

Ele a olha como se tivesse nascido chifres na cabeça dela.

— Não vou levá-la para minha casa.

— Por que não? Bom, então me deixe aqui no seu carro. Eu durmo por aqui mesmo e quando acordar...

— Saco! Ainda vou me arrepender disso – ele bufa. — Vou levá-la para minha casa. Mas antes, vou ligar para sua mãe. Dizer que estamos resolvendo algumas coisas da viagem e...

Ele é interrompido pelos sons da gargalhada dela.

— Minha mãe não nasceu ontem, chefinho. Se disser isso a ela, irá pensar que estamos transando – ela diz deixando ele corado de vergonha. — Melhor não dizer nada. Depois eu vou pra casa e invento uma desculpa.

Ele apenas assente com a cabeça.

No caminho, Leila dorme.

Ao chegar, Alexandre tenta acordá-la, mas não obtém sucesso.

— Garota maluca! – ele diz pegando-a no colo e entra em seu prédio.

Alexandre abre a porta com dificuldade e entra caminhando direto até o quarto. Coloca-a na cama, retira os sapatos e a cobre com um lençol. Ele fica observando-a por um momento. Tão linda, que o faz perder o fôlego.

Um nó se forma em seu peito e nesse momento, ele fica aliviado por ter estado lá para ajudá-la.

Ele apaga a luz do quarto e sai.

Na sala, ele vai até o bar e se serve de um pouco de uísque. A única coisa que ele queria no momento, era estar naquela cama com ela... Mas, ele iria esperar o momento certo.

Tudo em sua mente se esvazia.

Todas as suas emoções ficam mais evidentes.

Ele está apaixonado. Ele sabe disso. Mas e ela? Estaria por ele?

Ele fica se perguntando se ela, é a mulher certa para fazê-lo esquecer todo o seu sofrimento. E a resposta, ele sabia muito bem...

Ela já o tinha feito esquecer...

E ele percebeu no momento em que lembrou que, desde que a viu, não pensou mais em Patrícia. E isso, o fez sorrir o resto da noite.

As únicas palavras que martelavam em sua mente, eram as de sua querida falecida amiga, Fernanda, em uma de suas conversas...

— *Essa mulher morreu, Alê.*

— *E posso saber por quê?*

— *Porque ela conheceu o amor. Você deveria experimentar. O amor faz milagres.*

— Estou começando a acreditar nisso, Fernanda – ele ri com seu copo nas mãos.

Ele anda até a varanda e fecha os olhos deixando apenas a brisa suave e gelada da madrugada, atingirem seu rosto. E, num suspiro triste, ele diz:

— Como você faz falta, amiga. Muita falta...

## Capítulo 12

Leila acorda depois de algum tempo e se vê num quarto totalmente desconhecido. Ela se senta na cama e leva a mão à cabeça que lateja insistentemente.

Ela olha tudo a sua volta com espanto tentando lembrar onde está e como foi parar num quarto estranho.

— Oh, Droga! Não acredito que fiz isso outra vez – ela sussurra. — Só espero que não tenha transado de novo com nenhum maluco perseguidor – diz para si mesma referindo-se a um erro do passado.

Leila sai da cama e anda até o banheiro. Ela faz uma careta de descontentamento assim que se analisa no espelho. Seu cabelo desgrenhado e sua maquiagem borrada a deixam ainda mais envergonhada.

— Céus! Estou um horror – ela se espanta.

Ela liga o chuveiro e retira toda a roupa entrando no banho em seguida.

Alexandre ouve barulhos vindos do quarto e decide ver se Leila precisa de ajuda.

Quando entra no quarto e ouve o barulho do chuveiro ligado, a curiosidade o aguça fazendo-o espiar pela porta entreaberta.

Alexandre dá um suspiro pesado ao ver a silhueta de Leila pelo vidro embaçado do boxe. Ele passa as mãos pelo cabelo num gesto

nervoso e seus olhos vidrados a contemplam silenciosamente. Ele passa a língua pelos lábios em antecipação. Seu corpo agora em chamas, implora pelo toque daquelas mãos suaves e delicadas.

Alexandre consegue sair de seu transe e com outro suspiro pesado, sai do quarto com a imagem desfocada de Leila nua em seu banheiro.

Ele olha em seu relógio de pulso e constata que faltam apenas duas horas para o *check-in* no aeroporto internacional. Ele já havia tomado seu banho e estava perfeitamente vestido com uma camisa cinza, calça jeans preta e um blazer preto. As malas já estavam no carro e agora ele fazia um café reforçado para curar a ressaca de sua assistente.

Alguns minutos depois, ele bate na porta do quarto que agora está fechada.

Leila se assusta com a possibilidade de não gostar do que verá e seu nervosismo aumenta.

— Quem é? – ela grita terminando de se vestir.

— Sou eu. Abra a porta – Alexandre diz, mas ela não reconhece sua voz.

— Eu quem? – ela pergunta vasculhando o quarto com os olhos a procura de um retrato, uma foto ou algo que possa identificar com quem dormiu. A falta de informação a deixa apavorada a ponto de um ataque de pânico.

Ela respira e inspira rapidamente tentando conter o pavor.

— Abra logo a porta Leila. Precisa tomar seu café. Iremos nos atrasar para a viagem – Alexandre diz exasperado do outro lado.

Leila arregala os olhos e corre em direção à porta, mas para no meio do caminho, levando a mão até a boca.



— Deus! Transei com aquele irritante e babaca do meu chefe? Ai que vergonha! Vamos lá Leila... É só sorrir e agir naturalmente – sussurra sem saber o que fazer. Como não poderia ficar ali para sempre e enfiar a cabeça num buraco, ela coloca sua melhor cara de paisagem no rosto combinada com um sorriso tímido e abre a porta.

Ela faz sinal para que ele entre e assim que ele passa pela porta ela fecha os olhos praguejando sua existência.

*"Porque eu tenho que ser tão burra?"*

Ela se vira e pega ele a observando.

Um silêncio constrangedor se faz no ambiente e os dois enrubescem.

— Seu café – ele diz estendendo a pequena xícara de porcelana. — Vai ajudar a se sentir melhor depois dessa loucura toda – ele arrisca um sorriso tímido.

Leila pega a xícara e olha para o café por mais tempo do que o normal.

— O que foi? – ele pergunta com o cenho franzido.

— Colocou o que nesse café?

— Como assim... O quê? – ele ri.

— É... O que colocou em meu café?

— Eu não fiz muita coisa... A cafeteira fez todo o milagre. Apenas adicionei o pó de café moído e água quente. Não sei fazer café de outra forma – ele ironiza.

Ela coloca a ponta do dedo indicador dentro da xícara e lambe os dedos deixando Alexandre pasmo.

— Está doce – ela sussurra.

— Claro que está doce – ele diz. — Ah... Entendi – ele riu. — Não. Jamais iria colocar sal em seu café.

Ela ri sentindo uma pontinha de culpa.

— É que achei que se vingaria na primeira oportunidade.

— Sim. Ainda terei a minha chance – ele sorri.

Leila bebe todo o café e quando termina, coloca a xícara em cima do criado mudo.

— Bom. Preciso ir agora.

— Sim. Eu te levo.

Ela assente e os dois saem do quarto.

— Olha... Eu estava um pouco bêbada na boate e não me lembro de muita coisa – ela diz de cabeça baixa evitando o olhar intimidador de Alexandre. — Só quero que saiba que não sou esse tipo de mulher. Não costumo fazer isso.

— Sei.

— E também não quero que pense que só porque nós... – ela diz gesticulando entre ela e ele, procurando as palavras certas para dizer.

— Nós o quê? – pergunta confuso.

— Você sabe. Nós dois... Eu tenho um namorado e isso não vai mais acontecer. Nunca mais – ela diz convicta.

— Não... – ele franze o cenho. — Espere! Não aconteceu nada entre nós – ele diz constrangido. — Jamais faria qualquer coisa com alguém no estado em que estava.

Ela o olha confusa e pergunta:

— Nós não... Não...

— Mas é claro que não. Só a trouxe para cá porque você me implorou – ele se sente ofendido.

— Graças a Deus! – ela diz dando pulos de alegria. — Nossa! Por um instante pensei que houvesse acontecido.

— Uh! A julgar pelo seu alívio... Seria tão ruim assim se tivesse acontecido? – ele não se contém e pergunta curioso.

— Desculpe ter lhe dado todo esse trabalho. Como disse, não costumo fazer esse tipo de coisa – ela muda de assunto.

— Espero que não. Se eu não estivesse lá para impedi-la de cometer uma loucura, você estaria acordando na cama de algum desconhecido por aí. Estava tão bêbada que mal conseguia se lembrar do nome do rapaz com quem estava – ele diz com os punhos cerrados lembrando da proximidade entre eles.

— A culpa foi da cachaça – ela ri agora mais tranquila.

— Bom, temos que ir. Tem certeza que arrumou todas as suas coisas, documentos... Está tudo em ordem?

— Sim – ela diz, mas sente falta de algo.

— Viu minha bolsa? Ela é dourada e pequena.

— Não. Você não estava de bolsa quando te tirei do palco.

— Palco?

— Quem sabe tenha deixado com a Melinda ou Sophia.

— Droga! Meus documentos estão naquela bolsa. Preciso deles para viajar.

— Vamos até elas então.

— Não! – ela eleva a voz e ele se assusta. — Quer dizer... Acho que não é uma boa ideia.

— Ligue para elas.

— Meu celular ficou na bolsa.

— Okay. Ligue do meu.

— Certo.

Leila pega o celular de Alexandre e disca para Melinda. Para sua sorte, a amiga havia guardado a bolsa e levado para casa quando foram embora.

— Está com a Melinda. Podemos passar lá e pegar?

— Claro! Vamos.

Após saírem da casa de Melinda, eles foram direto para casa de Leila. Assim que ela passou pela porta da sala, foi surpreendida por sua mãe vestindo apenas um hobby preto e pantufas nos pés.

— Isso são horas mocinha? E esse cabelo molhado? Está chovendo lá fora? – perguntou com os braços cruzados na altura do peito.

Nesse momento, Alexandre entra.

— Mãe, viemos buscar minha mala. Vou me trocar e já estamos de saída.

Rosália cumprimenta Alexandre com um sorriso e diz para Leila:

— Poderia ter me avisado que não voltaria para casa. Estava preocupada, Leila.

— Desculpe-me senhora Rosália. A culpa foi toda minha. Pedi para que Leila me ajudasse com alguns detalhes de última hora.

Leila o cutuca.

— Humm... Detalhes de última hora?

— Mãe... – ela bufa. — Pode me ajudar com a mala, senhor Keller? – Leila pergunta pegando a pequena mala preta ao lado do sofá entregando-a a ele. — Vou me trocar.

Alexandre carrega a mala até o carro e volta para se despedir de Rosália.

Depois de alguns minutos, Leila surge na sala, vestindo uma calça jeans clara, uma blusa de seda preta e um casaco.

Leila vai até sua mãe e lhe dá um abraço de urso.

— Tchau, mãe. Te ligo assim que chegarmos.

— Juízo filha.

Eles passam pela porta e Leila enrubesce assim que sua mãe grita:

— Não se esqueçam de usarem preservativos!

Alexandre fica envergonhado e quase não acredita no que escuta.

— Eu disse a você... Deveria ter ficado de boca fechada – Leila se irrita.

— Mas eu não disse absolutamente nada – ele ri abismado.

— E nem precisa – ela diz revirando os olhos e ele ri ainda mais.

Eles entram no carro e no caminho, Alexandre liga para o motorista pegar o carro no aeroporto.

Quando chegam, fazem o *check-in* e encontram Leonardo aguardando-os na área Vip.

Assim que embarcam, Alexandre se senta em uma poltrona na janela esquerda, Leonardo ao seu lado e Leila ao lado no corredor direito. Ele olha confuso para ela, se levanta e diz em seu ouvido:

— O que houve com nossas passagens?

Ela o encara e responde:

— Que eu saiba nada!

— Como nada? Por que está sentada aí e não ao meu lado?

— Algum problema com o meu lugar, senhor Keller?

— Com licença? – diz um rapaz alto, vestido elegantemente num terno cinza sob medida, camisa branca, uma barba por fazer e um pouco impaciente.

Alexandre o olha irritado e dá passagem para o homem. Ele se senta ao lado de Leila que está hipnotizada pelos lindos olhos verdes brilhantes do homem robusto.

— E então? – ele a cutuca.

— O que quer senhor Keller?

— Disse que nossos assentos deveriam ser próximos – ele rosna.

— E são. Mais próximos que isso, só se me sentar em seu colo – ela diz arrancando risos do passageiro ao lado, enfurecendo Alexandre ainda mais.

— Vem pra cá cara! – Leonardo diz.

Alexandre se recompõe e volta para o lugar.

— Por que está tão aborrecido?

— Nada. Preciso dormir. Me acorde quando chegarmos – ele diz com o humor do cão.

Leila fica maravilhada com o conforto da classe executiva. Apesar das duas poltronas serem interligadas diminuindo sua privacidade, elas eram reclináveis, confortáveis e se ajustava ao seu corpo. Em sua frente, uma pequena tela de LCD. Havia cobertores, lençóis térmicos... Leila se sentia num hotel de luxo.

— Viagem a trabalho? – o homem pergunta.

— Sim. E você?

— Também – ele sorri. — Gilberto – ele estende a mão para cumprimentá-la.

— Leila.

— Leila... Lindo nome. Combina perfeitamente com você – ele flerta deixando-a sem graça.

Ao lado, Alexandre assistia impaciente.

— Homem é tudo igual mesmo. Não pode ver uma mulher – ele resmunga.

— Ainda mais como ela – Leonardo diz.

— Como assim... Como ela?

— Linda. Provocante, sexy e com cara de santa. Eu prefiro as com cara de santa. Sempre são as mais safadas na cama.

— Você é um idiota – Alexandre se irrita.

Após algumas horas, Alexandre desiste de dormir. Era impossível para ele, ouvindo toda a conversa dos dois no outro corredor. Ele perdia o controle cada vez que via o passageiro dizer algo que não o agradava. Seu humor foi piorando e ele contava no relógio as horas passarem lentamente.

Uma aeromoça se aproxima e serve algumas bebidas.

O homem ao lado de Leila estende as mãos para pegar seu champanhe e Leila faz o mesmo.

No mesmo instante, Alexandre se levanta e vai até ela furioso.

— Me dê isso! – ele diz arrancando a taça de suas mãos. — Você não pode beber, esqueceu?

Ela olha para ele e segura o desaforo que pensou em dizer.

— Seu irmão é esquentadinho – o homem diz e Alexandre se irrita.

— Não. Ele não é meu irmão – ela ri. — É só meu chefe, estressado – ela enfatiza olhando diretamente nos olhos de Alexandre.

Ele volta para o seu assento e olha para Leonardo que dorme feito pedra.

— É impressão minha ou seu chefe está incomodado conosco?

— Não liga não, ele tem problemas – Leila ri.

Alexandre escuta e fica possesso.

*"Idiota! Será que ela não percebe que ele tá dando em cima dela descaradamente?" – ele pensa e o ciúme o consome.*

Eles começam a conversar mais baixo aguçando a curiosidade dele. Quanto mais Leila sorria para o homem, mais ele se irritava por ele não estar ali fazendo-a sorrir para ele daquele jeito. Ele queria ser o único a fazê-la sorrir e captar cada som de seu riso.

— Seu namorado é um homem de sorte. Além de linda é divertida e inteligente! – o homem diz levando a mão em seu joelho esquerdo alisando-a por cima do tecido de sua calça.

Alexandre não pensa duas vezes antes de cutucar o amigo.

— Acorda porra! Porra! Vai dormir até quando?



Leonardo olha para ele sem entender e balbucia:

— Chegamos?

— Levanta daí e vá se sentar no lugar da Leila – ele diz levantando do seu assento, puxa Leila pelos braços trazendo-a até ele.

— Você... Vai ficar aqui quietinha – ele ordena colocando-a no lugar onde estava sentado.

Leonardo ri, balança a cabeça e se senta no lugar de Leila.

— Homem ciumento é pior do que mulher cara. Não liga não. Ele tá na fase da negação. Não fode e nem sai de cima - Leonardo diz para o homem que assisti incrédulo.

— Por que fez aquilo? – Leila pergunta com cenho franzido.

— Porque a tagarelice de vocês estava me impedindo de dormir – ele rebate.

— Não pode dormir quando chegarmos?

— Chegaremos dez horas da noite Leila. E não... Não quero e nem posso dormir quando chegar. Ainda preciso elaborar a pauta da reunião.

Ela o observa, mas não diz mais nada.

Ele simplesmente fecha os olhos e dorme tranquilo.

\*\*\*

— Nossa! Nem acredito que estou no México! – Leila diz eufórica. Leonardo entra no carro que já estava aguardando por ele e segue para o hotel.

— Entre no carro – Alexandre ordena. — Quero chegar logo no hotel e tomar um banho para relaxar.

Quando chegam à porta do hotel, Alexandre entrega o carro ao manobrista e caminha lado a lado com Leila para dentro.

— Oh Meu Deus! – ela grita assim que entram no hotel. Alexandre a olha assustado e pergunta:

— O que foi?

Ela olha envergonhada e vira o celular para que ele veja.

— Eu estou no *youtube*! – ela sussurra desesperada. — Pelada! – conclui colocando a mão sobre a boca para conter o espanto.

— Pelada não... Quase – ele diz. — A sorte é que te tirei de lá antes que fizesse alguma besteira.

— Você não me contou essa parte – ela diz irritada.

— É... Eu omiti – riu.

— Eu vou morrer. Tem como remover esse vídeo? Se meu namorado ver, ele me mata – diz apavorada.

— Estou rezando para que ele veja. Assim facilitaria o meu trabalho.

— O quê? Não entendi!

— Esquece! Vamos.

Ao entrarem no lobby do hotel, Leila fica maravilhada com a beleza do lugar. Lustres refletiam os pisos de mármore, pinturas com molduras douradas e móveis antigos. Uma decoração luxuosa e tradicional. Poltronas, sofás confortáveis e abajures faziam parte da decoração deixando o ambiente mais aconchegante.

— Magnífico! – ela sussurra com os olhos brilhantes.

— Você ainda não viu nada – Alexandre sorri.

Depois de fazerem o *check-in*, os dois se encaminharam até os elevadores e foram para as suas suítes.

Assim que param no andar, Alexandre a olha e diz:

— Vou tomar um banho e descer para comer alguma coisa. Se quiser, podemos ir juntos.

— Ah não. Acho que ficarei em meu quarto mesmo.

— Tudo bem. Nos vemos amanhã pela manhã – ele sorri e entra na suíte de frente para a dela.

Leila abre a porta e entra. O que vê faz seu coração disparar.

— *Estoy em el paraíso!* – grita em espanhol, correndo em direção ao outro cômodo.

As acomodações eram conjugadas. Na sala de estar, as paredes e os mobiliários clássicos, em tons marrons e beges bem harmoniosos. Carpetes davam vida ao ambiente e a iluminação fraca, dava um ar de sofisticação.

No quarto, uma cama *king size*, uma varanda espaçosa e mais mobiliários. O banheiro ostentava uma enorme banheira de hidromassagem e pisos de mármore.

— Nossa! Como é lindo – ela sussurra se jogando na cama.

Enquanto isso, Alexandre desfaz as malas e separa uma roupa e caminha para o banheiro. A beleza do lugar já não mais o fascinava. Ele já estava acostumado a frequentar lugares muito mais luxuosos. Mas, alguns detalhes não passam despercebidos por ele.

Depois de algum tempo, Leila decide explorar o lugar. Agora com roupas mais casuais, ela desce os oito andares de elevador e procura pela área de lazer do hotel.

Já estava perto das onze da noite. Leila caminha pelas areias da praia e se deslumbra com as tendas armadas e iluminadas à luz de velas. Todas elas, cobertas por um tecido branco transparente.

Ela retira a sandália e se senta no deck de madeira em volta da piscina também iluminada. Ela observa algumas pessoas no pequeno e alegre bar a sua frente, lindamente decorado com frutas frescas e garrafas de coquetéis.

Ela não se contém e se aproxima do quiosque.

— Una margarita de fresa, gracias!

— Para mi, uno coctel Adelita – Alexandre surge ao seu lado apenas de bermuda cargo bege.

— Hummm... - ela sorri.

— Decidiu explorar el México? – ele brinca.

— Não resisti. É lindo esse lugar.

— Sim. É ainda mais bonito pela manhã – ele diz. — Estará livre até depois do almoço. Pode fazer o que tiver vontade. Desde que não beba – ele ri.

— Ainda não agradei por ter me ajudado – ela diz olhando em seus olhos e, sem perceber, estava percorrendo o corpo de Alexandre com os olhos.

— Está linda. Deveria se vestir assim sempre.

Ela joga a cabeça para trás e ri.

— Não creio que seja apropriado, senhor. Não me imagino sentar em minha sala apenas de short curto jeans e top branco. Detalhe... De chinelos.

— Isso aí em seu umbigo, é um *piercing*? – ele olhou curioso.

— Sim. É sim.

— Mas quando te vi sem roupas, ele não estava aí... Estava?

Leila enrubesce.

— Isso é um pouco constrangedor – ela diz timidamente.

— Desculpe minha indelicadeza.

— Não. Não estava – ela diz desviando o olhar.

Eles conversam e bebem seus coquetéis.

Leila pergunta sobre o projeto que estão prestes a fechar com os mexicanos e Alexandre explica tudo nos mínimos detalhes.

Eles pedem mais bebidas e ficam horas conversando até que se deparam com Leonardo agarrado com uma bela jovem de cabelos loiros e pele bronzeada.

— Esse cara não perde tempo – Alexandre sussurra dando um gole em sua bebida.

— Estamos no México, chefinho. Vá se divertir também – ela diz e ele fica tenso em seu lugar.

— Não. Estou sossegado.

Leila o observa.

— Ainda gosta dela? – Leila pergunta e automaticamente, Alexandre se levanta do deck.

— Dela quem?

— Da sua ex-noiva. Me desculpa, mas é que soube que o senhor estava prestes a se casar quando...

— Isso não te diz respeito – ele diz com arrogância, mudando totalmente sua postura. Ele vira sua bebida em um só gole, bate o copo na madeira do balcão e sai deixando-a ali, sozinha.

Leonardo de longe, percebe algo errado e se aproxima de Leila, levando consigo a mulher que estava.

— O que deu nele? – pergunta pedindo seu drink para o barman.

— Falei coisa que não devia. Eu acho – ele diz dando de ombros.

— Vou embora. Nos vemos amanhã – ela diz.

Ao sair do elevador, vê Alexandre entrando na suíte. Ela se sente mal por ter entrado em um assunto tão delicado e particular e se vê obrigada a se desculpar.

Ela bate em sua porta e aguarda.

Ela ouve os passos e em segundos, a porta se abre.

— O que quer? – sua voz fria e cortante a deixa sem graça.

— Vim me desculpar.

— Sim.

— Me desculpa?

— Sim. Agora vá para o seu quarto. Estou cansado e preciso dormir – ele diz fechando a porta em sua cara.

Ela fica inerte, tentando absorver a grosseria de Alexandre.

— Idiota! – ela se irrita. — Grosso, ogro... Mal educado – ela xinga.

Ela volta para seu quarto e fecha a porta.

Tira a roupa e se joga na cama.

Ao fechar os olhos e tentar dormir, a imagem de Alexandre e seu peito desnudo, invadem sua mente. Ela se incomoda e se revira pela cama.

Por fim, sem conseguir dormir, ela pragueja a existência de seu chefe babaca, pega o celular e manda uma mensagem para Brandon:

*"Estou no México, amor! Morrendo de saudades de você".*

No mesmo instante, ela recebe uma mensagem.

*"O que faz no México?"*

Ela ri e responde.

*"Vim a trabalho com meu chefe. Ele é um tédio. Mas Cancún é lindo".*

Outra mensagem.

*"Já estou com ciúmes desse seu chefe. No México com minha mulher? Eu nem te vi ainda e o cara te leva para viajar? Quero saber se ele te falta com o respeito"*

Ela solta uma gargalhada.

*"Não se preocupa amor. Ele é chato, feio, vive de mal humor e tenho quase certeza de que me odeia"*

Logo Brandon envia outra mensagem.

*"Esqueceu de dizer que ele é cego e idiota. Quem odiaria uma mulher fascinante como você? Te amo! Vá dormir que já é tarde."*

Ela sorri e digita.

*"Eu também amo você".*

## Capítulo 13

Alexandre mal conseguiu dormir.

Ele se levanta com humor péssimo, toma um banho e coloca uma bermuda branca e uma camiseta cinza clara.

Abre a porta da suíte e ao lado, bate violentamente na porta do quarto de Léo.

Poucos minutos após, a porta se abre revelando um Léo de cueca boxer branca, cabelo despenteado e uma cara de sono.

— Que foi? O hotel tá pegando fogo, cara? – ele pergunta assim que Alexandre irrompe em sua suíte inquieto.

— Não vai dar certo isso. Eu deveria saber – Alexandre resmunga.

— иди в постель мою любовь! – Alexandre ouve a voz fina de uma mulher.

— Você trouxe alguém para o quarto? Tá maluco?

— A cara... Relaxa. Foi só uma noite.

— E o que foi aquilo? Ela tá possuída? Que merda foi que ela disse? – ele se irrita.

— Ela não está possuída. Ela é russa! – Léo se irrita. — Cara... Você tem que dar um jeito nessa sua raiva toda. Posso voltar a dormir? São sete da manhã Alexandre.



— Tá. Tudo bem. Vou até a piscina ver se distraio minha mente  
– ele diz e sai emburrado.

Depois de algumas horas, Léo aparece e se senta na espreguiçadeira ao lado de seu amigo que finge estar lendo. As espiadas e olhares discretos na direção de Leila, que nada na piscina com seu biquíni minúsculo deixando seu corpo quase todo à mostra, o denunciavam.

— A revista – Léo diz tirando Alexandre do transe.

— O quê?

— A revista.

— O que tem a revista? – Alexandre pergunta confuso.

— Está de ponta cabeça – Léo ri com o desconforto do amigo.

Alexandre se remexe na cadeira e fecha a revista jogando-a de lado.

— Está apaixonado por ela – seu amigo afirma.

— Não seja idiota.

— Não estou sendo. Você está.

— Não estou apaixonado – ele rosna.

— Está sim.

— Não estou.

— Está – ele repete. — Para com isso cara. É normal as pessoas se apaixonarem.

— Não sei do que está falando. Além disso, ela tem um namorado.

— Sei. O tal cara virtual de quem me falou? Que nunca sequer a viu?

— Esse aí mesmo. Andei pesquisando sobre o cara. Aparentemente, ele é um cara certinho – Alexandre diz com ironia.

— Uhummm. E então, vai deixar o cara certinho te passar a perna.

— Vai ver se estou lá na esquina, Léo. Já disse. Não gosto dela. Ela é chata, insuportável, intrometida...

— É... Tá apaixonadinho. Está até pesquisando o namorado virtual – ele solta uma gargalhada.

— Ah! Vá à merda! – Alexandre se enfurece pelo rumo da conversa e vai embora.

Já em seu quarto, Alexandre tira a camisa, a joga em cima da cama e liga seu notebook para revisar a pauta da reunião e pega os contratos dos projetos para dar uma última analisada.

As horas passam e quando vê, já está na hora do almoço.

Para não ficar perto de Leila, ele decide almoçar na suíte.

Leonardo se retira da piscina e procura por Alexandre. Quando passa pelo quiosque, vê Leila conversando com uma moça tomando um drink.

Ele se aproxima observando a morena ao lado dela. Alta, com curvas perfeitas, cabelos longos castanhos.

— Você viu o Alê? – ele pergunta para ela.

— Não. Apenas de manhã quando estava na piscina. Por quê?

— Nada – ele sorri. — E essa bela mulher? Tem nome?

Leila sorri e diz:

— Essa é a Manuela. Estávamos aqui conversando sobre como esse lugar é magnífico.

— Sim. Prazer – a moça diz e o cumprimenta com um beijo no rosto.

— Olha... É brasileira? – ele se espanta.

— Carioca. Sou do Rio.

— Humm. Só curtindo as férias – ele ri.

— Bom, se me dão licença. Vou para minha sessão no SPA – Leila diz deixando-os a sós.

Eles se despedem e Leonardo fica na companhia da bela moça.

Leila vai para suas sessões de beleza que havia agendado pela manhã. Massagens, limpeza de pele, e após, passa horas no salão. Ela queria causar uma boa impressão na reunião.

Quando termina, fica feliz com o resultado.

O novo corte de cabelo destaca ainda mais seu belo rosto e deixam seus olhos azuis mais evidentes. Seus cabelos castanhos estavam presos num coque elegante e alguns fios soltos. A maquiagem profissional estava perfeita.

— Nossa! Incrível – ela diz maravilhada, olhando-se no espelho.

— Agora arrasa amiga! Está linda! – o cabeleireiro diz felicíssimo, com as mãos na cintura. Para a sorte de Leila, Kenny falava perfeitamente o português.

— Obrigada Kenny. Você é simplesmente o máximo – ela ri.

— Agora vá lá querida e deixa seu bofe de quatro. Seja malvada, está poderosíssima – ele ri fazendo Leila gargalhar.

— Não tenho bofe nenhum. É uma reunião de trabalho.

— Sei. Tudo isso aí para uma reuniãozinha? Tá que me engana queridinha – ele diz gesticulando para ela.

— É sério – ela ri.

— Tá. Depois me conta – ele pisca.

Leila se dirige para o hotel. Ela se espanta ao sair e ver que já estava de noite.

— Céus! Já está tão tarde assim? Espero que não esteja atrasada – ela corre.

Ao entrar, esbarra com Léo no maior agarramento com a morena que conversavam mais cedo.

Ela faz uma careta e passa por eles gritando:

— Não se atrase para a reunião.

Léo desgruda os lábios da boca da mulher e acena para ela.

Ela entra na suíte, tira a roupa, toma uma ducha rápida, pois já havia tomado um banho no SPA, e começa a se arrumar.

Leila coloca um vestido longo sem alças, azul, um pouco mais escuro do que seus olhos, com duas listras pretas, uma abaixo do busto e a outra na cintura. Uma sandália preta de saltos e nenhum colar. Apenas um par de brincos simples e um bracelete de ouro.

Ela olha as horas em seu celular e fica aliviada por ainda faltarem trinta minutos para o jantar.

Ao abrir porta, se depara com Léo devidamente arrumado, ostentando beleza e elegância em um terno cinza escuro, camisa branca e gravata cinza, em pé, de frente para a suíte de Alexandre.

— O senhor Keller já desceu? – ela pergunta.

— Não. Estou aqui batendo na porta e nada dele. Sumiu o dia inteiro – ele dá de ombros.

— O que é isso em seu cabelo? – ele aponta para ela.

— Isso o quê?

— Sei lá. Tá estranho. Parece um ninho de passarinho – ele ri.

— Sem graça. Para de ser indelicado – ela ri.

— Mentira. Está linda. Quer dizer... Está magnífica.

— Obrigada.

— Quero só ver o infarto fulminante que vai causar em meu amigo – ele sussurra tão baixo que Leila não consegue escutar.

— O que disse?

— Nada – ele ri. — Vamos? Se ele não está na suíte, é bem provável que esteja no restaurante nos esperando.

Léo faz um gesto com os braços em direção a Leila e ela coloca o seu entre o dele seguindo-o pelo corredor.

Eles saem do elevador indo direto para o restaurante.

De longe, Léo consegue ver Alexandre sentado no bar do restaurante, sozinho, digitando algo em seu tablet.

— Ali. Vamos – Léo diz.

Ao chegarem, Leila fica atrás de Alexandre que está de costas para ela e Léo se senta ao seu lado.

— Aonde é o enterro cara? – ele brinca olhando para o amigo que está de terno escuro, camisa e gravata preta. Uma cara descontente que não combinava muito com o jeito descontraído e engraçado de seu penteado.

Alexandre o olha e diz entredentes:

— Estão atrasados.

Ele se levanta sem olhar para Leila, pega seu tablet e a maleta com os contratos.

— Vamos. Nossa mesa já está reservada – e se distancia.

— O que será que deu nele? – Leila pergunta.

— Nem queira saber – Léo sussurra.

Eles acompanham Alexandre e se sentam à mesa reservada para eles. Alexandre ainda alheio a eles, volta a atenção para os contratos, deixando Leila e Léo intrigados.

Após um tempo, os clientes chegam.

Eles se levantam para cumprimentá-los.

— *Bienvenidos caballeros!* – Léo diz ao estender as mãos.

— *Oh. Gracias. Soy Carlos Dias. Estos son Víctor y Daniel* – o homem diz. Leila olha para os rapazes fascinada com tanta beleza juntas.

— *Es muy hermosa esta mujer* – Carlos diz ao cumprimentar Leila e Alexandre o fuzila com o olhar.

— *Gracias. Puedes llamarme Leila* – ela sorri encantada. Observa cada detalhe do homem a sua frente que detém os olhos vidrados nela.

Carlos é dono de uma rede de hotéis de luxo no México e estava lá para ampliar um de seus resorts. Um cara determinado, gentil e elegantemente vestido num terno azul marinho feito sob medida, camisa azul clara com duas abotoaduras de ouro e gravata azul escura. Seu rosto levemente quadrado e seu cavanhaque, pareciam desenhados a mão. Já Vitor e Daniel, ostentavam ternos escuros e não muita simpatia.

A reunião durou algumas horas. Em suas conversas, descobriram que Carlos falava perfeitamente português. Os olhares de Carlos para Leila, durante todo o jantar, deixaram Alexandre inquieto e nervoso. Em nenhum momento, ele dirigiu a palavra a ela. Somente quando necessário. E isso a irritou.

Leonardo estava tenso ao ver cada reação do amigo. Alguma hora, Alexandre iria explodir.

Quando tudo estava acertado e os contratos devidamente assinados, Carlos se levanta, caminha em direção a Leila e a convida para uma dança. Leila estica a mão para Carlos aceitando o convite enquanto Vitor e Daniel se despedem de Alexandre e Leonardo.

No salão do restaurante, Leila e Carlos dançam colados ao som de ***Delírio, de Luis Miguel***.

— Estou me segurando pra não dar na cara desse mexicano metido a Antônio Banderas – Alexandre esbraveja enciumado, bebericando seu uísque.

— Sério? O que o cara fez? Ele até que é simpático – Léo alfineta.

— O cara é um idiota. Olha para o corte de cabelo dele? O penteado? Como ela pode ficar toda encantada por esse babaca?

— Humm. E você não está apaixonado por ela, não é?

Alexandre bate o copo na mesa e bufa.

— Sabe que não.

— É, eu sei – ele ri. — Eles fazem um casal bonito. Olha lá. Estão se divertindo. Pelo ritmo, aposto fácil que ele a leva pra cama – Léo diz sabendo que o amigo surtaria só de pensar na possibilidade.

— Ela não faria isso. Ela tem namorado – ele diz entredentes.

— Um namorado fantasma que nunca viu, nunca transou, nunca o beijou... A não ser que dê para fazer essas coisas por computador – ele ri.

— Idiota!

Alexandre os observa calado. O ciúme o consome e ele não para de imaginar Leila nos braços daquele homem. E a cada pensamento sobre os dois, ele perde o controle.

Ele mata a bebida em um só gole deixando Leonardo realmente preocupado.

— Pega leve cara.

Leila sorri e se diverte dançando com Carlos.

— Não sabia que existia uma mulher tão linda como você.

— E eu não sabia que falava tão bem o português – ela ri. — Sou apenas uma mulher comum, senhor Carlos. Mas agradeço pelo elogio.

— Quem sabe poderíamos ir para um lugar mais reservado, conversarmos um pouco.

— Creio que não seria correto – ela diz olhando-o nos olhos.

— Sim, claro.

— Obrigada pela dança. É um perfeito cavalheiro. Foi um prazer conhecê-lo – ela diz se despedindo e sai do restaurante seguida por ele, logo atrás.

— Viu... Não falei? – Léo aponta para eles que saem quase juntos do local.

Alexandre bate os punhos na mesa e solta um grunhido.

— Vou matar esse cara!

— Se eu fosse você, iria até a suíte dela. É cara. Vá lá e mostra pra ela que você é homem de verdade.

— Eu sou homem, seu retardado.

— Ah cara. Vai me desculpar, as não é não. Se fosse eu, já teria brincado naquele play há muitos dias atrás – Léo ri e



Alexandre fica furioso com o comentário.

— Se abrir essa maldita boca outra vez, eu te soco.

— Hum... Tá legal.

— Amorzinho!!! – A morena se aproxima de Léo.

— Quem é essa?

— Essa é a... É a... – Léo tenta se lembrar do nome da mulher.

— A russa? – ele diz.

— Não. Sou carioca – a mulher diz e Alexandre revira os olhos.

— Você não aprende mesmo né Léo. Vou pro meu quarto. – ele diz deixando o amigo a sós com a mulher.

— Russa? De que russa ele estava falando?

— De nenhuma, meu amor... Nenhuma – Leo diz e beija a moça.

No quarto, Leila tira a roupa, os sapatos e desfaz o coque soltando os cabelos. Ela vai até a mala, coloca uma lingerie vermelha e um robe de cetim branco.

Ao terminar, ela ouve uma chamada no Skype. Ela corre até a sala de estar, onde deixou o notebook ligado e atende sentando-se no sofá.

— Brandon! – ela diz assim que atende e a foto de seu namorado aparece na tela.

— Oi minha linda. Tudo bem?

— Estou bem – ela diz olhando para ele sem camisa.

— O que está fazendo a essa hora?

— Já estou em meu quarto. A reunião terminou e agora vou descansar um pouco.

— Hum. E vai dormir desse jeito?

— Que jeito?

— Toda vestida – ele diz deixando-a corada.

Nesse momento, Alexandre passa pela porta do quarto e ouve vozes.

— Não acredito que ela teve a coragem de trazer o sujeito para o quarto – ele se irrita.

Ele encosta o ouvido na porta e fica ali, escutando.

— E quer que eu durma como? Sem roupa?- ela ri.

— Seria interessante – Brandon diz.

— *Mas que safados!* – Alexandre sussurra.

— Está de lingerie por baixo desse robe?

— Sim.

— E que cor é?

— Vermelha.

— Hummm. Deve ficar linda de vermelho com essa pele branquinha... Por que você não se levanta? Quero vê-la.

— Já está me vendo.

— Quero vê-la por inteiro, minha linda...

— *Desgraçado!* – Alexandre fica fora de si.

— Levante o robe, quero olhar para essas pernas lindas... Isso... Nossa! Você está me matando aos poucos, sabia?

Alexandre escuta os risos de Leila.

— Quero que tire o robe. Quero ver o que tem por baixo dele.

— Não podemos fazer isso. Você sabe. Não desse jeito – Leila diz deixando Alexandre em alerta.

— Você não quer? Você é minha... Minha linda. Só minha.

Ouvir outro homem dizer que era dono dela, foi o estopim para Alexandre.

Ele perde a cabeça e bate na porta desesperado. Os sons dos socos na porta assustam Leila.

— Meu Deus! O que é isso? – ela diz correndo em direção à porta.

Sem pensar em como estava vestida, ela abre e Alexandre entra numa velocidade impressionante aos berros.

— O que pensa que está fazendo? Não trouxe você aqui para isso!

Leila analisa a reação de Alexandre que a olha dos pés a cabeça.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa? – ela pergunta fechando o robe, envergonhada.

Alexandre vai até o quarto a procura do homem e não vê ninguém. Entra no banheiro e também não vê ninguém.

Ele se irrita e sua respiração antes acelerada, diminui aos poucos.

— O que está procurando, senhor Keller? – Leila pergunta confusa sem saber o que fazer assim que ele aparece na sala.

— Está sozinha?

— Sim.

Ele se aproxima dela e a puxa pelos braços olhando-a nos olhos.

— Olha Leila, eu só queria dizer que... – Alexandre suspira tentando arrumar coragem para dizer o quanto ela o afetava. Mas, foi surpreendido por Brandon, que não estava gostando nenhum pouco do que estava vendo.

— Esse aí é o seu chefe? – Brandon pergunta irritado e Alexandre olha ao redor assustado.

Quando percebe um homem olhando-o com cara de poucos amigos pelo computador, ele diz:

— Só me faltava essa!

— Ah, me desculpe senhor – Leila enrubesce. — Esse é Brandon, meu namorado – ela dá de ombros.

Alexandre tenta se recompor mas sua irritação e decepção era visível.

— Eu gostaria muito de saber o que faz na suíte da minha mulher à essas horas – Brandon pergunta com cenho franzido.

Alexandre pigarreia.

— Me desculpe. Não queria atrapalhar a conversa de vocês – ele analisa Brandon que expõe seus músculos, e mesmo detestando por ela ter um namorado, fica aliviado de ver que era apenas ele, e não o cliente, em seu quarto.

— Ainda não me disse o que faz na suíte dela – Brandon o encara.

— Brandon! – Leila diz envergonhada e abaixa a tela do notebook encerrando a chamada.

— Me desculpe. Falo com você amanhã – Alexandre diz retirando-se da suíte se sentindo um idiota.

Num estalo, Leila parece entender toda a cena e vai atrás dele enfurecida.

— Hei! Espere... – ela grita passando pela porta atrás dele e fecha a porta.

— Diga! – ele a olha.

— O que queria? Estava procurando alguma coisa. O que era? – ela o interroga com as mãos na cintura.

— Não estava procurando nada – ele diz desfazendo o nó da gravata e a retira num puxão. Desabotoa a camisa e a joga no sofá.

— Me fala, Alexandre – ela se irrita.

— Keller... Senhor Keller, para você.

Ela ri deixando-o nervoso.

— Eu não sou uma qualquer. Se estava pensando que eu deixaria aquele homem encostar um dedo em mim, está enganado – ela grita furiosa.

— É... Eu estava pensando isso mesmo. Talvez porque estava bem receptiva a ele – ele solta sua fúria.

Leila não pensa duas vezes e dá um tapa na cara dele. O que o deixou ainda mais irritado.

— Não me tira como uma vadia – ela diz chateada.

— Ah, não é não? Mas estava quase arrancando a roupa para um mané pela internet – ele se injuria.

— Isso não te interessa – ela grita. — E outra, mané é você. Brandon é meu namorado.

Alexandre ri.

— Namorado virtual? Preciso concordar com sua mãe. Isso é ridículo.

— Escuta aqui seu babaca... – ela parte para cima dele, mas Alexandre é mais rápido. Ele a bloqueia e a joga em cima do sofá. O movimento bruto faz com que seu robe abra e revele todo o seu corpo, com suas partes íntimas cobertas apenas por uma lingerie vermelha.

Leila prende a respiração tentando não surtar.

Alexandre não perde tempo e a beija.

Ele percorre suas coxas com a mão enquanto a outra, a segura pela nuca.

Leila fica absolutamente imóvel.

Alexandre desgruda os lábios dos dela e pergunta:

— O que sente quando o babaca do seu namorado virtual a beija?

Leila o olha e seus olhos começam a encher de lágrimas.

Alexandre a beija de novo, e de novo, e de novo... Ele se embriaga com seu perfume doce e suave. Delira em sua pele macia e aveludada.

— E quando ele te toca Leila... É isso que sente? – sussurra olhando nos olhos dela e roça seu comprimento duro entre suas pernas.

Leila engole seco ao sentir o volume.

— Não sente nada, não é? – ele muda o tom de voz. — Sabe por que não sente? Porque ele não é real – ele diz entredentes e sai de cima dela.

Alexandre conseguia ver o peito de Leila subir e descer rapidamente. A respiração dela estava totalmente acelerada.

Ele fica ali, parado, olhando para ela tão exposta a ele... Tão frágil naquele momento... E ao ver uma lágrima rolar por seus

lindos olhos azuis, ele se amaldiçoa e teme ter feito algo que estrague o que nem começou.

Então, ele decide sair de sua própria suíte e a deixa ali, perdida em seus pensamentos.

Ele só espera que ela enxergue que o que ele fez, foi uma tentativa desesperada de dizer que estava apaixonado por ela.

## Capítulo 14

Leila fica atordoada tentando processar o furacão avassalador que passou por ela e a deixou fora do prumo.

Fecha os olhos e tenta se recompor, agradecendo por ele não ter ficado e visto sua cara de abobalhada.

Ela fecha o robe, passa as mãos nos cabelos para ajeitá-los e sai em direção a sua suíte.

No corredor, encontra Léo de mãos dadas com uma moça. Não reparou quem era, pois estava muito envergonhada para encarar qualquer pessoa que fosse naquele momento.

Assim que entra em sua suíte, tranca a porta e vai direto para o notebook. Brandon estava off-line.

Ela junta as mãos e as leva até seu rosto. Parecia travar uma batalha dentro de si. Ela bufa e se joga contra o encosto do sofá. Se apavora quando imagens de Alexandre invadem seus pensamentos.

Num gesto nervoso, ela alisa suas coxas no lugar onde ele havia a tocado, como se pudesse ainda senti-lo ali. Por fim, se recolhe e vai para o quarto.

Em cima da cama, o celular toca insistentemente.

Brandon.

Ela suspira e o nervosismo toma conta de seu corpo. Ela decide apenas não encará-lo naquela hora. Amanhã, ela lidaria com isso. Quando o telefone para de tocar, ela fica aliviada. Na tela, a



insistência de Brandon a alarma. Dezessete ligações perdidas e 3 mensagens.

Ela clica para ler.

*Brandon: "O que está acontecendo?"*

*Brandon: "Porque desligou a chamada na minha cara?"*

*Brandon: "Responda Leila".*

Sem saber o que dizer, apenas digitou uma resposta curta.

*Leila: "Me liga pela manhã. Estou cansada. Te amo".*

Ela olha para as palavras escritas e pela primeira vez em meses de namoro, fica insegura pelas duas últimas palavras. Será isso o certo? Ela se pergunta. Confusa, ela apaga e começa outra vez.

*Leila: "Estou cansada. Me liga pela manhã. Beijos" – e envia.*

Alexandre ainda perdido em suas emoções e sentimentos desconta sua frustração num copo de uísque. No bar do restaurante, o garçom o olha e diz:

— *iMujeres! Pero no podemos vivir sin ellas, ¿ No es así?* - o homem diz arrancando sorrisos sarcásticos de Alexandre.

— *Ellas saben cómo extraer el corazón del pecho de un hombre.*

— *¿Su primera vez?*

— *No. Creo que tengo una tendencia a sufrir por amor.* – Alexandre diz com um brilho triste no olhar.

O homem não faz mais perguntas, apenas completa o copo de Alexandre já quase vazio. Ele lhe dá um sorriso e levanta o copo cheio, como se brindasse algo. Em seguida, entorna o conteúdo para dentro da garganta, fazendo uma careta no final.

Após algumas doses, ele decide que o melhor a fazer é dormir e esperar pela reação de Leila no dia seguinte.

\*\*\*

A claridade do sol transpassa as enormes janelas de vidro causando desconforto em Leila. Ela se espreguiça em sua cama levantando em seguida. Caminha até a varanda fechando seu robe e contempla o belo dia a sua frente. Terças-feiras, nunca foram tão bonitas para ela, como naquele momento.

O canto dos pássaros, a bela paisagem formada a sua frente da área de lazer, o mar... Tudo aquilo a empolgava. Pensando em espairar e organizar as ideias em sua mente, decide tomar um banho, fazer sua higiene matinal e cair no mar. Mas, antes, ela liga para o serviço de quarto e pede seu café.

Vai até a sala e deixa a porta da suíte destrancada, como fora instruída pela recepção, para que pudessem levar seu café até o quarto sem incomodá-la em seu banho.

Alexandre já estava de pé, impecavelmente vestido para uma volta pela cidade. Com o último dia, ele achou que Leila gostaria de conhecer as redondezas antes de voltarem ao Brasil.

Ele anda de um lado para outro, nervoso, pensando na melhor maneira de bater em sua porta, depois de seu acesso de loucura e, dá um pequeno sorriso e percebe que por mais assustador que seja levar outro tapa na cara, ele estava disposto a olhar para aqueles olhos azuis e tentar decifrar se ela sentiu algo após tê-la beijado.

Ele se endireita e sai da suíte. De frente para a porta dela, ele detém uma postura defensiva. Suspira fundo e bate.

A porta se abre quase que instantaneamente. Apenas uma pequena fresta. O suficiente para ele entrar, mesmo não sendo convidado.

A sala vazia o deixa intrigado.

Ele ouve barulhos do chuveiro e caminha até o quarto dela. Em cima da cama, o robe branco lhe fez sorrir. As imagens de Leila vestida com aquele tecido fino e macio mexe com seu coração. Ele o pega e leva até o rosto para sentir qualquer resquício do cheiro doce de sua amada.

O som de algo vibrando o assusta.

Ele olha em direção ao som e vê o celular de Leila.

Ao se aproximar, a foto de Brandon ostentando um sorriso alegre, o deixa enfurecido. Sem pensar nas consequências, ele pega e o atende.

— Bom dia minha linda. Fiquei preocupado ontem – a voz grossa e preocupada de Brandon, desperta ciúmes.

— Desculpe. Ela não pode atender agora.

Um breve silêncio se faz entre os dois.

— Quem está falando? Onde está a Leila? – Brandon interroga.

— Humm... Ela acabou de entrar no banho. Deixou o telefone aqui na cama. Mas eu digo que ligou – Alexandre diz sem um pinga de remorso.

— Diga a ela para me ligar – Brandon diz irritado. — Ou melhor, não diga nada – e desliga fazendo Alexandre sorrir. Se era certo ou errado insinuar algo que não existiu naquele momento, ele não estava nem aí, desde que ele fosse o único a ficar com ela. Porém, ao desligar, o medo percorreu sua espinha e percebeu que havia acabado de fazer a pior merda que uma pessoa poderia fazer. Ela descobriria e chutaria sua bunda.

Alexandre apaga da memória a ligação de Brandon, na esperança de que ela não saiba de nada. E, se caso o tal namorado virtual o dedurasse, ele juraria de pé junto que o cara enlouqueceu. Era a palavra dele contra a de um maluco da internet, não é? Ela não daria tanta credibilidade a isso.

Então, ele sai rapidamente da suíte.

Nos corredores, uma briga se inicia.

Léo, a russa e a morena.

Os gritos e palavrões da russa deixaram Alexandre chocado.

A russa avança em Manuela e Léo tenta acalmar os ânimos. A gritaria e confusão é tanta, que após alguns minutos, surge Leila apenas de roupão de banho, descalça e com cabelos molhados. Ela olha tudo abismada e Alexandre a pega pelos braços arrastando-a de volta para a suíte.

— Não saia daqui – ele diz entredentes.

A russa tenta puxar os cabelos de Manuela e é surpreendida por Alexandre que se coloca entre ela e o amigo que protege a outra contra os ataques de fúria.

— Fica calminha... – Alexandre tenta controlá-la.

— Manuela, foi só uma transa, por favor... E foi só ela, eu juro – Leo diz para a garota carioca e leva um tapa na cara.

Alexandre olha a cena abismado e pensa:

*"É a semana dos tapas na cara?"*

Assim que a morena sai, Alexandre enxota a russa que sai batendo os pés firmes pelo corredor.

— Porra, Léo! Mais uma dessa cara, sério, estará fora da empresa. E não me interessa que seja meu melhor amigo. Essa situação é inconcebível! – ele diz irritado.

Léo assente ainda atordoado.

— Vê se coloca uma roupa decente! – ele aponta para o amigo vestido apenas de cueca.

— Foi mal cara. Não sabia que daria merda!

— Não... Não foi mal. Foi péssimo! Mas que merda, Léo. Está sempre agindo feito um adolescente que não pode ver peitos por aí. Nunca se contenta com uma mulher só – ele vocifera.

— Ei! Você não é tão diferente – Léo grita.

— Não sou como você – ele se irrita. — Sempre faz isso. Sempre arruma confusão.

— O que deu em você? Me passando sermão e dando uma de certinho pra cima de mim.

Os dois iniciam uma briga.

— Cresça! Você é um idiota.

— Você gostava de se divertir nas viagens com mulheres – Leo ri. — Está se comportando desse jeito por causa da sua assistente? Não quer que ela veja a sua verdadeira face, não é? Não consegue nem admitir pra si mesmo que está apaixonado.

Alexandre parte para cima do amigo, o pressiona contra a parede, enfurecido. Coloca seu antebraço contra a garganta dele e Leo se assusta com a expressão do amigo.

— Se abrir a boca mais uma vez para falar dela, eu mato você  
– diz e se afasta.

Léo se arrepende pelas besteiras ditas. Ele mais do que ninguém, sabia o quanto Alexandre sofreu por causa de Patrícia e que merecia ser feliz outra vez.

Leila fecha a porta devagar para que eles não percebam o quanto de toda aquela cena, ela tinha visto.

Que Alexandre Keller era um mulherengo, ela já sabia. A fama o precedia na empresa e capas de revistas. Mas o que ela não sabia, era que o homem frio, arrogante, chato e insuportável, sentia algo por ela.

Com o clima tenso, Alexandre resolve sair.

Ele pega o carro e dirige sem rumo pela cidade.

\*\*\*

Leila termina de se arrumar e liga para Brandon. A chamada vai direto para caixa postal.

Ela franze a testa e coloca o celular no bolso do short jeans. Ao descer, caminha até a praia e encontra Carlos na beira do mar. Ela se aproxima e o cumprimenta.

Maravilhado por sua presença, Carlos sorri.

Eles conversam sobre vários assuntos e ele fica ainda mais encantado por ela.

As horas passam e ele a convida para almoçar. Ela pondera a possibilidade e aceita.

Após o almoço e a tarde agradável com Carlos, Leila se despede.

— Espero que possamos manter contato. Gostei de você – ele diz.

— Creio que veremo-nos mais vezes, senhor.

— Ah, quantas formalidades. Depois de tudo, prefiro que me chame apenas de Carlos.

— Sim. Desculpe-me – ela sorri. — Preciso ir, já está anoitecendo.

Eles se despedem e Leila volta para o hotel. Em seu bolso, ela pega o celular e fica intrigada por não ver nenhuma mensagem ou chamada de Brandon.

No lobby, ela esbarra com Alexandre, ridiculamente vestido com uma camisa florida, bermuda branca, descalço e nas mãos, uma tequila. Léo vem logo atrás vestido quase do mesmo jeito, sorrindo como uma criança. Leila deduz que a briga deles pela manhã, já estivesse resolvida e que não ficou nenhum constrangimento por isso.

Ao perceber a presença dela, Alexandre diz:

— Por onde andou todo esse tempo? Vamos, hoje tem festa do Hula-Hula na praia.

Leila riu pelo entusiasmo de Alexandre, mas não se sentia confortável diante dele. Não após o ocorrido.

— Não sei – ela fez charme.

Ele a olha e dá um sorriso tão encantador, que ela se derrete.

— Me espere. Vou tomar um banho e me arrumar. Preciso tirar o sal do corpo – ela ri.

Alexandre assente.

— Te espero aqui.

Algum tempo depois, Leila aparece vestida com uma saia branca curta de tecido leve, deixando a mostra suas pernas grossas e torneadas e a parte de cima de seu biquíni vermelho. Seus cabelos estavam soltos e ela também estava descalça.

— Está linda – ele diz.

— Obrigada – ela diz um pouco sem graça.

Os dois caminham pela areia da praia em silêncio. Nenhum dos dois, toca no assunto sobre o que houve entre eles. Leila até pensa em quebrar o silêncio, mas o que ela poderia dizer? Ela tem um namorado a quem ama e Alexandre não era o tipo de homem por quem ela desejava se apaixonar. E, de qualquer forma, ela pensou que ele já devia estar arrependido, senão, já teria tentando se explicar.

Quando chegam na tenda armada, inúmeras pessoas dançavam e bebiam seus drinks coloridos. Logo na entrada da tenda, haviam mulheres distribuindo colares e coroas de flores. Alexandre pega a coroa e coloca sobre a cabeça de Leila, que protesta.

— Eu estou horrível assim – ela ri.

— Está linda. Agora vamos.

— Não, não... – ela pega um colar de flores e coloca envolta de seu pescoço. — Não quero que seja apenas eu a pagar mico – ela ri. — Tá fofo agora.

— Fofo? – ele ri.

— É.

— Tá – ele ri ainda mais. — Agora vamos dançar.

Eles caminham entre as pessoas, seguem até o quiosque e pedem margaritas. Logo à frente, eles avistam Léo e Manuela juntos, dançando alegres.



— Acho que ele gostou dela – Leila ri.

— Parece.

Eles bebem e se divertem com as músicas mexicanas. Leila pega um sombrero de um homem que mal conseguia parar em pé de tanta tequila e coloca na cabeça de Alexandre gritando:

— *Arriba!*

Alexandre acha graça e faz o mesmo.

Eles conversam, dançam e bebem por horas.

Uma gritaria começa perto do quiosque e as pessoas alegres, aplaudem.

Os dois, curiosos, correm para olhar.

Léo está tomando tequila no corpo de Manuela. Uma tradição da festa. A mulher ou o homem se deita sobre o balcão de madeira do quiosque e o barman, serve a tequila no umbigo, acompanhada de um pouco de sal abaixo dos seios e um pedaço de limão na boca do participante. O intuito era, sugar a tequila que foi posta no umbigo, lamber o sal abaixo dos seios e morder o limão na boca da pessoa. E pasmem, muitos fazem filas para essa diversão.

Eles olham tudo com curiosidade.

— Não podemos sair do México sem experimentar a tequila. E aí, como vai ser? – Alexandre pergunta um pouco alto. As margueritas já faziam efeito.

— Como assim? Sem chance, não farei isso – ela ri.

— O que é isso? Vamos nos divertir – ele a puxa.

Leila o segue rindo.

Alexandre levanta os braços para alguém que Leila não consegue identificar. Em segundos, eles estão próximos à multidão e ao lado do balcão de madeira.

— Você primeiro – ele diz.

— Negativo. Você primeiro – ela ri.

— Okay – ele diz e tira a camisa entregando para Léo.

Alexandre deita sobre o balcão e mulheres fazem fila para beber a tequila em seu corpo másculo.

Leila recua e observa com curiosidade.

O barman dá as instruções e Alexandre coloca o limão na boca. Uma loira se aproxima e é puxada pelo ajudante.

Ele coloca o sal no tórax de Alexandre e o barman despeja uma dose em seu umbigo. A loira suga a tequila, lambe o peito dele onde está o sal e morde o limão em sua boca.

A galera grita e canta alegre.

Alexandre puxa Leila e a empurra para o balcão se afastando logo depois para dar espaço para a multidão.

Leo observa tudo.

O ajudante coloca o sal abaixo dos seios dela, o limão em sua boca e o barman grita perguntando quem será o próximo.

Como Alexandre não se prontifica, Léo grita dizendo que era ele.

Ele vê a cara de ciúmes do amigo e ri.

Ele sabia que Alexandre não o deixaria fazer aquilo. E essa era a intenção. Forçá-lo a agir.

Não deu um segundo, e Alexandre já estava ao seu lado empurrando-o para longe.

Ele olha para Leila que agora estava séria.

Alexandre se sente trêmulo e ri com a situação novamente constrangedora. Mas, era agora ou nunca.

O barman coloca a dose de tequila nela e então diz:

— *¡Es con usted, amigo!*

Alexandre abaixa um pouco a cabeça para ficar na altura do corpo de Leila. Ele suga a tequila, lambe o sal lentamente abaixo dos seios de forma sensual, deixando-a toda arrepiada. Ele ri, mas assim que chega em sua boca, seus olhos param nos dela. Ele vê a expectativa em seus olhos. Aqueles olhos azuis estariam implorando a ele para beijá-la? Ele não tinha certeza, porém, viu um fio de esperança. Ele volta a atenção para seus lábios, pega o limão com a boca e o descarta rapidamente para poder beijá-la sem que nada pudesse atrapalhar.

Não havia gritos, aplausos ou cantorias que os dois pudessem ouvir. Apenas o som de suas bocas sugando uma à outra. Por longos minutos, eles ficaram ali, num beijo doce e prolongado. Até que Leila cai em si e interrompe o beijo bruscamente.

Alexandre se afasta para que ela se levante. A expressão de Leila é indecifrável. Ele tentava ver algum sinal de arrependimento ou até mesmo de que tenha gostado. Mas não conseguiu e isso o deixou decepcionado.

Assim que Leila pisa no chão, ela sai em disparada para fora da tenda.

— Vá atrás dela. O que está esperando? – Léo diz ao amigo.

Alexandre assente.

Ele a perde de vista entre a multidão. Ele olha para todos os lados apreensivo. Perto do mar, ele a vê correndo.

Ao alcançá-la, ele a puxa pelo braço. Os dois param sem fôlego e se olham.

— Não posso fazer isso – ela diz com a respiração entrecortada quase choramingando.

— Por que não?

— Eu... Eu tenho um namorado.

— Eu sei.

— E eu o amo – ela diz deixando transparecer que nem ela mesma acredita no que diz.

— Você já me disse isso – ele diz sem paciência.

— Então o que quer? – ela o olha nos olhos.

— Você. Quero você, Leila.

Ela processa as palavras ditas por ele e começa a entrar em pânico. Sua respiração fica acelerada e ela começa a passar as mãos pelos cabelos, nervosa.

Ele tenta beijá-la mais uma vez, só que desta vez, ele é bloqueado por ela.

— Não tem a menor possibilidade de ficarmos juntos, senhor Keller. Eu sou sua funcionária e o senhor, apenas meu chefe.

As palavras saídas de sua boca perfuram seu coração. Alexandre endurece a expressão sem dizer mais nada. Leila vira as costas e o deixa ali.

No caminho até seu quarto, Leila mal percebe as lágrimas que escorrem por seu rosto. As dúvidas começam a aparecer e ela amaldiçoa Alexandre por isso.

Alexandre senta na areia de frente para o mar, com uma dor incessante no peito. Ele abaixa a cabeça por um minuto, mas logo a levanta. Está disposto a conquistar o coração da mulher que ama, e fará de tudo para que ela se apaixone por ele e esqueça Brandon. Não seria tão difícil competir com alguém que não estava ao lado dela, ele pensa. E, essa vantagem, ele tinha. Ele a tinha. Todos os dias. E tiraria proveito disso. Ele usaria a proximidade deles, para descobrir seus pontos fracos e tudo o que ela desejaria em um

homem. E, quando descobrisse, ele seria exatamente o homem certo para ela. O homem perfeito.

## Capítulo 15

Ainda era madrugada quando Leila começou a arrumar as malas. Na suíte de frente, Alexandre fazia o mesmo.

Léo estava mais preocupado em pegar o contato da mulher com quem passou mais uma noite. Pelo visto, Manuela conseguiu deixá-lo interessado. Ele nunca ficava com a mesma mulher por mais de uma noite.

No relógio, sete da manhã.

Leila liga para Brandon, mas, novamente, a ligação cai na caixa postal.

Três batidas na porta e Leila corre para abrir.

— Bom dia – Alexandre diz seco. — Estamos te esperando no carro. Pedirei para que venham buscar sua mala – ele diz e sai pelo corredor.

Leila o acompanha com os olhos, até que ele entra no elevador e dá um suspiro pesado.

Ela sabia que o constrangimento pela noite anterior, seria inevitável.

Ela termina de se arrumar e sai logo em seguida.

Já no carro, Alexandre dá as instruções para o motorista e todos seguem para o Aeroporto.

Assim que entram no avião, Leonardo troca as passagens propositalmente e se senta no lugar que seria de Leila, para que ela pudesse se sentar ao lado de Alexandre.

Quando ela se senta, sente seu desconforto.

Nenhum dos dois abre a boca para conversar durante a viagem. Léo olha para eles e apenas ri. Estava claro que aquela tensão toda, só podia ser algo mal resolvido.

Por fim, Leila dorme e, em seguida, Alexandre faz o mesmo.

\*\*\*

Chegaram ao Brasil, tarde da noite, Alexandre pede para o motorista que os esperava, levar Leila para casa. Ela fica decepcionada, pois pensava que ele a levaria.

A frieza com que a tratou, deixou-a pensativa e lá no fundo, sentiu algo parecido com raiva. Não sabia ao certo decifrar seus sentimentos naquele momento, mas percebe o quanto a incomodou ser ignorada por ele após terem partilhado algo tão íntimo, como um beijo.

A falta de diálogo deixou Alexandre ainda mais irritado. Ele não sabia o que se passava na cabeça dela. Esperava um sinal de que tudo estava bem entre eles. O silêncio dela, foi a pior coisa com que teve que lidar. Ele queria gritar, expor seus sentimentos e dizer a ela que ele não desistiria fácil. Mas para quê? - ele pensa. Ela é apaixonada por alguém que sequer existe. Ou melhor, existe, mas não se importa com ela o bastante, para estar ao seu lado.

— Boa noite, senhorita Leila – o motorista diz, ajudando-a com as malas.

— Obrigada.

— O senhor Keller pediu para que tirasse folga amanhã.

— Farei isso – ela diz a contragosto.

*"Ele deve ter se arrependido, já que quer se livrar tão rápido de mim"* – ela pensa enquanto caminha para dentro de sua casa.

Rosália ao vê-la, corre para abraçar a filha.

— Minha menina! Como foi de viagem?

— Foi ótimo – ela diz sem muito entusiasmo.

— Quero saber de todos os detalhes.

— Amanhã, mãe. Hoje estou um caco – diz dando um beijo carinhoso em sua testa.

Rosália fica preocupada com a reação da filha, mas decide dar a ela privacidade.

No apartamento de Alexandre, ele anda de um lado para outro, pensando na melhor forma de conquistar Leila.

Todas as suas ideias parecem ridículas. Ele ri só de pensar em ter que fazer tudo o que passa em sua cabeça, para que ela veja o quanto a ama.

Ele pega o celular e liga para sua mãe.

Após dois toques, ela atende.

— Alô.

— Oi mãe. Sou eu. Acabamos de chegar de viagem. Só queria dizer que está tudo bem – ele diz desanimado.

— Que bom filho. Seu pai já está dormindo. Deu tudo certo com os clientes?

— Sim. Saiu tudo como o planejado.

— Está certo. Amanhã nos falamos na construtora.



— Mãe... – ele diz pausadamente.

— Diga, filho.

— A senhora acha que alguém possa me amar um dia?

Alexandre ouvi risos do outro lado.

— Que conversa é essa, Alexandre? Claro que sim. Eu mesma, amo você – sua mãe diz arrancando um sorriso tímido dele.

— A senhora entendeu o que eu quis dizer.

Após um silêncio, ela prossegue.

— Alexandre, você já fez coisas muito erradas meu filho. Mas a mulher que rejeitar o seu amor, é porque não te merece. Porque não te conhece como eu conheço. Só precisa voltar a ser você mesmo. Não esse Alexandre que se esconde atrás de raivas e ressentimentos.

Ele dá um suspiro triste e diz:

— Obrigado, mãe.

— Boa noite filho.

\*\*\*

Na empresa, os diretores esperavam Alexandre e Leonardo para começar a reunião.

Após vinte minutos, ele vai para sua sala.

— E aí cara, como foi no México? – Thiago pergunta.

— Foi tranquilo. Tirando a parte em que duas mulheres quase derrubaram o hotel por causa do Léo, foi tranquilo.

— Hum... E você?

— Você o quê?

— Está calmo hoje?

— Claro que estou. Que pergunta idiota – ele ri.

— Já viu seu pai hoje, Alexandre?

— Não. Por que deveria?

— Não queria ser eu a dar essa notícia, amigo. Mas seu pai quer ver sua cabeça numa guilhotina.

Alexandre bufa.

— O que foi agora? O velho não para de pegar no meu pé, que saco! – ele se irrita.

— Veja... – Thiago diz, e tira do bolso da calça, uma folha com um pequeno artigo de uma revista. Coloca sobre a mesa e automaticamente, Alexandre se alarma.

— Que merda é essa? – ele pergunta com os olhos cravados na matéria que lê sobre ele.

— É... Isso mesmo que está lendo.

— Filha da puta! Safada! – ele grita enfurecido. — Ela está me processando por quê? Por fazê-la gozar e dar a melhor transa da vida dela?

— Mais ou menos isso – o amigo ri.

— Entre em contato com o advogado dela. Quero fazer um acordo. Se isso se espalhar, estou perdido. Lá se vão as minhas chances com... – ele para de falar, percebendo que quase deixou escapar o nome de sua assistente.

— Chances? Do que está falando?

— Nada.

— E cara, tem mais uma coisa... Seu pai já entrou em contato com o advogado dela. E, adivinha...

— Meu pai conseguiu resolver? Ah, graças a Deus... – ele se alivia.

— Não!

Alexandre olha feio para o amigo.

— Não surta, cara. Mas a advogada, é a sua ex-noiva. Patrícia.

— O quê? – Alexandre grita tão alto, que certamente foi ouvido por todos daquele andar.

— Seu pai tentou um acordo, mas ela foi irredutível. Ela quer a sua caveira, meu amigo.

— Desgraçada! – ele vocifera. — Agora eu vou matar aquela vaca. Se ela acha que pode me ferrar... Eu já estava decidido a parar de persegui-la, mas não tem como cara. Não posso aliviar que ela já vem com pedras para atirá-las em mim. O que ela quer? Já não basta ter acabado comigo, me deixado na sarjeta?

— Alexandre... Menos. É só uma mulher mal amada. Você saberá lidar com isso. Afinal, essas são consequências da sua vingança. Ela vai jogar pesado com você.

— E eu irei esmagá-la – ele diz entredentes.

— Seu pai já adiantou que não irá testemunhar ao seu favor. Ele sabe que você não a assediou, mas não quer se comprometer.

— Como sempre. Nem fico espantado.

— Bom, vou deixá-lo com seus problemas. Preciso vistoriar a obra da escola. Mais tarde nos falamos – Thiago se despede.

Alexandre se apavora com a possibilidade de Leila descobrir sobre certas coisas do seu passado. Com certeza, ela jamais ficaria com ele se soubesse.

Ele mal acaba de amassar o papel e jogá-lo no lixo e Leila entra em sua sala.

— Bom dia, senhor Keller.

— O que faz aqui?

— Como assim? Vim trabalhar – ela ri.

— Eu disse para tirar o dia de folga – ele rosna. A ideia de ficar sozinho o dia inteiro para que organizasse seus pensamentos e arrumasse um jeito de conquistá-la, foi por água abaixo. Como ele poderia pensar em tudo isso, com ela desfilando lindamente em sua frente, tão próxima a ele?

— Eu sei o que disse. Mas resolvi vir. Não acho justo todos trabalharem e eu não.

Ele revira os olhos e leva a mão no rosto.

— Você não sabe simplesmente acatar uma ordem? – ele se irrita.

— Não precisa gritar comigo – ela também se irrita.

— Não me viu gritando ainda Leila. Se disse para não vir, era porque não a queria aqui – ele diz e logo se arrepende diante da reação dela.

— Eu já entendi – ela solta um riso nervoso. Leila se aproxima da mesa de Alexandre e quando está bem próxima a seu rosto, diz num sussurro mortal:

— Eu vim para trabalhar, senhor Keller. As chances de desfazer esse clima chato entre nós, você perdeu lá no México.

Alexandre fica paralisado em seus olhos azuis que lhe dizem muito mais do que acabaram de dizer.

Ele começa a rir.

Leila olha para ele e se enfurece.

— Está achando graça do quê?

Ele ri mais ainda.

Ela cruza os braços e o olha com raiva.

Ele se levanta e vai em sua direção. Quando se recompõe, olha para ela e diz:

— Você está chateada – ele afirma e a expressão de Leila apenas confirma sua suspeita. Ela estava chateada. Por quê? Seria por tê-la ignorado a viagem inteira? – ele pensa. Se for, ele estava no caminho certo. Ele tinha a afetado do mesmo modo em que ele estava.

— Está delirando – ela diz sem muita firmeza em sua voz.

— Certo – ele ri. — Então me diga que também estou delirando por achar que gostou tanto quanto eu. Que gostou quando toquei em você, quando beijei você... – ele diz tão próximo a ela, que conseguia sentir o cheiro leve e adocicado de seu perfume.

Leila engole em seco, abre a boca para dizer algo, mas as palavras lhe faltam.

— Pode ir para a sua sala. Se eu precisar de algo, eu aviso – ele diz quebrando a tensão e dá as costas para ela.

Leila se retira envergonhada e amaldiçoa a ideia tola de ter ido trabalhar. Deveria ter ficado em casa – ela pensa.

Ao ficar sozinho, Alexandre liga para Steve.

— Bom dia Steve, é o Keller.

— Olá senhor, Keller. Problemas?

— Muitos.

— Em que posso ajudá-lo?

— Preciso de dois favores. Quero que descubra tudo sobre um tal de Brandon Belshoff, um médico cardiologista. Vou te passar as informações que sei sobre ele por e-mail. Outra coisa, preciso que levante algumas informações para mim sobre Pamela Lins e Patrícia Vernek. As instruções também passarei por e-mail. E Steve, preciso disso para ontem.

— Pode deixar senhor. Quando tiver informações, te procuro. Fico no aguardo de seus e-mails.

— Obrigado – Alexandre diz e desliga.

— Quer briga, não é? Vamos ver se consegue me derrubar, Patrícia – ele sussurra. — Disse que faria você se rastejar e implorar por perdão, agora mais do que nunca, te quero na merda, que é o lugar certo pra você – ele diz entredentes com os punhos cerrados e a mandíbula tensionada.

O antigo Alexandre estava de volta!

## Capítulo 16

Em pleno dia dos namorados, Alexandre fica inerte, mergulhado em suas lembranças do passado. Há anos atrás, essa data era especial para ele. Hoje, não mais.

Logo de cara, descobrir que sua ex-noiva, estava movendo uma ação contra ele, estava deixando-o perturbado.

Leila fica a manhã toda, tentando entrar em contato com Brandon. Ela não acredita que justo no dia dos namorados, ficará sem notícias dele.

Final de tarde no escritório, Alexandre recebe a visita de seus pais.

Leila abre a porta do escritório e anuncia a entrada deles.

— Pode nos deixar a sós, Leila. Obrigado – ele diz.

George, com sua postura rígida e imponente, o olha com decepção.

— Você sabe o que vai me custar isso, não sabe? – George diz jogando em cima da mesa, a revista contendo o artigo sobre o assédio a sua antiga assistente, Pamela.

Alexandre se enfurece.

— O senhor só pensa em sua candidatura? Pois fique sabendo que irei fazer de tudo para que esse assunto seja abafado.

— Você não entende a gravidade disso, Alexandre? Sempre fazendo uma merda atrás de outra. E, a primeira delas, foi se envolver com aquela vagabunda de quinta da Patrícia. Mas você nunca nos ouve, não é?

— Como eu ia saber que ela não prestava? E além disso, isso é passado. Esse assunto não está em discussão – Alexandre diz perdendo o controle.

— Não seja tão severo, George. Nós temos que resolver isso da melhor maneira – Elizabeth se intromete e logo se cala após o olhar reprovador de seu marido.

— Deveríamos era ter dado uma surra nesse garoto quando ele começou com essas merdas. Isso é falta de uma boa surra.

Alexandre ri.

— Não sou uma criança. Não haja como seu eu fosse – ele diz entredentes.

— Você é pior. Está arruinando o nome da sua família – ele esbraveja.

— Eu não vou ficar aqui escutando esse monte de desaforos. Sou dono da minha vida. Já arrumei o meu canto pra morar e não dependo de você pra porra nenhuma. Não era isso que queria? Se livrar de mim? – ele se exalta, pega as chaves do carro e sai em direção à porta. George o puxa pelo braço e o empurra para o sofá.

— Vai sentar aí e escutar tudo que tenho pra dizer. Já chega! A partir de hoje, se eu souber de mais alguma coisa sua, você está fora da empresa e te tiro do meu testamento. Você é uma vergonha como filho! – ele rosna e avança em Alexandre.

— George! Tenha calma – sua esposa diz aflita.

— Se eu souber... ou apenas suspeitar, que está transando com mais alguém dessa empresa, saiba que vou fazer valer cada palavra que eu disse. E não brinque comigo, Alexandre... Te tiro da empresa



se isso acontecer novamente – George diz fuzilando-o com o olhar, abre a porta e vai embora deixando-o ali, com sua mãe.

— Não ligue para as coisas que ele disse. Está nervoso e perdeu a cabeça – sua mãe o consola passando a mão em seus cabelos num gesto carinhoso.

— Ele só pensa nele. Quando foi o dia em que veio me perguntar se estava tudo bem comigo? Nem quando eu passei por tudo aquilo com a Patrícia ele veio me apoiar. Está sempre me criticando – ele diz chateado.

— Você está errado Alexandre. Não posso culpar seu pai por isso. Em certas partes, ele em razão – ela diz triste ao vê-lo perdido. — O que foi aquilo ontem à noite? Está gostando de alguém que eu não saiba? – ela dá um sorriso forçado.

— Ninguém importante – ele se ajeita no sofá.

— Hum. Se está gostando de alguém, é porque essa pessoa deve ser importante filho. Quem é?

— Não importa. Não ouviu o que ele disse? – ele diz enfurecido. Sua mãe arregala os olhos.

— Ela é daqui da empresa? Quem é?

Alexandre se levanta e vai até a porta para fechá-la. Ele olha de soslaio para sua mãe e ri.

— Do que está rindo, Alexandre? Meu filho não faça nenhuma besteira, por favor. Desta vez não vou conseguir te proteger da ira do seu pai – ela sussurra. — Me diga, quem é ela?

Alexandre se cala pensando se deve ou não revelar seus sentimentos. Mas, por fim, ele diz para aliviar seu coração:

— Minha assistente – ele a olha, esperando por sua reação.

Sua mãe leva as mãos à boca e diz espantada:

— Você está de brincadeira, não é? Você andou fazendo alguma coisa com essa moça no México? Meu Deus filho, você não tem responsabilidade?

— Não! – ele exclama. — Não fizemos nada, juro. Além disso, ela é comprometida – ele diz cruzando os braços e se encosta no sofá ao lado de sua mãe.

— Não faça nenhuma besteira, está me ouvindo? Se a moça é comprometida, não se meta em confusão – sua mãe diz.

— Eu gosto dela, mãe. Pela primeira vez, depois de achar que nunca iria encontrar alguém que mexesse comigo, finalmente, ela aparece e não posso fazer nada para evitar o que sinto toda vez que estamos próximos – ele sorri. — Ela é linda, inteligente, não tem medo de dizer o que pensa, até já me enfrentou algumas vezes – ele ri. — É a mulher mais doce e irritante, que já conheci em toda minha vida. Posso até estar doido, mas acho que ela sente alguma coisa por mim.

Sua mãe sorri e lhe dá um abraço amoroso. Ela consegue ver nos olhos do filho, um brilho diferente.

— Ela tem alguém, Alexandre.

— Eu não me importo. Posso fazer ela me amar, não posso?

— Não agindo desse jeito. Não como o velho Alexandre. O que acha que ela faria se soubesse como você tem tratado as mulheres com quem se relaciona?

— Ela não tem que saber. Isso faz parte do meu passado. Não quero outra mulher senão ela – ele diz com sinceridade.

— Um relacionamento não se faz na base de mentiras. Mas, não se envolver com outras mulheres, já é um começo. E tem muitas outras coisas, filho. Por exemplo, se livra dessa obsessão pela Patrícia e volte a ser você. Como era antes. Gentil, educado...

— Tem coisas que não dá pra consertar tão rápido, mãe. Talvez nem dê para ser consertado. Mas farei de tudo pra ser o melhor para ela.

— Faça por você, Alexandre. Terá melhores resultados e a certeza de que não sofrerá decepções – sua mãe diz e lhe dá um beijo no rosto. — Mantenha a discrição. Eu gostei dela também. Parece-me uma boa moça. – ela diz e sai de sua sala.

Alexandre se senta e pensa em tudo que sua mãe lhe disse. Por longos minutos, pensando em seus conselhos. Ele resolveu tomar uma atitude adulta.

Ele pega o celular e digita o número de Steve.

— Alô, Steve? É o Keller.

— Diga chefe. Ainda não deu tempo de fazer o que me pediu. Amanhã estará em sua mesa.

— Cancele tudo.

— Como?

— É... Cancele tudo. Não preciso mais dessas informações.

— Tem certeza, senhor?

— Sim. Tenho uma nova estratégia – ele diz e sorri orgulhoso do que acabara de pensar. Ele iria se livrar dos problemas que o cercavam, mas, ao contrário do que sempre fazia, dessa vez ele iria encará-los de frente. Como um verdadeiro homem.

— Bom, a única coisa que me resta, é esperar chegar a intimação – ele sussurra e sai de sua sala. Ao passar por Leila, diz:

— Tenho uma reunião com meu advogado e volto no final do dia. Se quiser ir, está dispensada – e sai sem esperar que ela diga qualquer coisa.

Leila faz uma cara de decepção, mas logo volta sua atenção para o e-mail que escrevia.

*De: Leila Gomes*

*Assunto: Dia dos Namorados*

*Data: 12 de junho de 2014 16:12*

*Para: Brandon Belshoff*

*O que houve com você? Por que não atende aos meus telefonemas? Estou preocupada!*

*Hoje é dia dos namorados, então... Feliz dia para você!*

*Sua Leila*

Ela fica ali, por alguns minutos, torcendo por uma resposta, que não vem. Nada. Nenhum sinal de Brandon. Ela fica tentando imaginar o que aconteceu para que ele não entrasse em contato desde a noite no México.

— Dia ruim? – Sophia diz tirando-a de seus pensamentos.

— Argh! Nem fale. Deveria ter ficado em casa.

— Nossa! Que animação em pleno dia dos namorados – ela ri.

— Beba, vai melhorar o seu humor – ela diz colocando sobre a mesa um cappuccino.

— Se eu tivesse um ao meu lado, não é?

— Ninguém mandou namorar um deus grego por computador – as duas riem.

— Onde está a Melinda?

— Terminando o trabalho. Nós vamos sair hoje à noite. Quer vir? Vamos comer pizza.

— Ah, não! Detesto segurar velas.

— O Jefferson vai estar lá. Ele gostou de você. Aliás, não só ele. Acho que nosso chefinho está caidinho por você.

— De onde tirou essa ideia? – Leila diz alarmada.

— Na boate. Só um cara ciumento, faria o que ele fez. Acha que nós não percebemos os olhares que ele te deu? Estávamos bêbadas, não cegas – ela ri.

— Sem chance. Já disse que tenho namorado. Além disso, seria impossível eu gostar de alguém como ele. Ele me irrita em níveis diferentes. Tem horas em que desejo matá-lo rapidamente, e em outras quero que morra lentamente. Ele é insuportavelmente chato – Leila diz dando um gole em seu cappuccino.

— É... de onde eu venho, isso tem um nome – Sophia diz com um sorriso no rosto. — Amor!

— Argh! Credo! Nem morta – ela desdenha. — Jamais me apaixonaria por ele, já disse.

— Tá legal – ela ri. — Bom, feliz dia dos namorados pra você e seu namorado fofo. Depois quero saber os detalhes da viagem.

— Tá – Leila ri olhando para amiga que sai rebolando de sua sala.

As horas passam e Alexandre aparece.

— Ainda está aqui? Já são sete horas da noite – ele diz olhando para seu relógio de pulso.

— Já estava de saída, senhor. Estava enviando alguns e-mails para os clientes do México. Ficaram algumas pendências de documentos então, quis adiantar.

— Certo.

Leila cora ao perceber que ele ainda a observa enquanto guarda suas coisas.

— Deseja mais alguma coisa?

— Hum, não. Quer dizer... – ele fala com as mãos no bolso da calça, encostado no batente da porta. — Vai sair para algum lugar hoje à noite?

Ela o olha sem entender.

— Como?

— Ah, desculpe. É que hoje é dia dos namorados. Achei que iria sair pra comemorar com o seu. Talvez num restaurante... Ou num cinema. Mas vá de preferência para algum lugar onde tenha wi-fi, para poder ligar seu notebook – ele ri.

— Idiota! Não sei por que lhe dou ouvidos. Eu ainda tenho um. Pior você, que ficará abraçado numa garrafa de uísque comendo aperitivos vendo algum filme deprimente parecido com aquele “*Ele não está tão afim de você*”. – ela diz irritada e sai pisando duro.

Alexandre sorri com sua sinceridade e resolve surpreendê-la. O que ele tem em mente, fará mudar de ideia sobre ele.

Nesse momento, Thiago e Leonardo aparecem.

— Uau! Ela passou por nós feito um furacão – Thiago ri.

— O que fez pra ela? – Léo pergunta.

— Nada. Fui sincero – ele ri.

— E aí? O que vamos fazer hoje? – Thiago pergunta empolgado.

— Olha, hoje não vai dar pra sair. Tenho um encontro – Léo resmunga.

Alexandre e Thiago olham para ele perplexos.

— Encontro no dia dos namorados? – Thiago ri. — Tá de sacanagem, né? Ela vai achar que está apaixonado, vai ficar no seu pé. Aí virão as cobranças: Por que não me ligou? Vai querer presentinhos e bilhetinhos românticos...

— Que horror isso! – Alexandre ri.

— Quem é a vítima? – Thiago pergunta curioso.

— Manuela. Do México – ele dá de ombros. — É só uma volta gente. Credo!

— Tá. A coisa é pior do que eu imaginava – Alexandre solta uma gargalhada. — Foi fisgado pela carioca!

— Idiota! E você pela assistente. Acha que não vi aquele beijo na noite da Tequila? – Leo dedura.

— O quê? Vocês se beijaram? – Thiago grita surpreso.

— Shhh! Falem baixo. Meu pai não pode nem sonhar uma coisa dessa – Alexandre sussurra.

— Falou aí! Não quero me contaminar com essa sessão *boiolic* de vocês dois. Vou curtir e pegar umas minas! Fui – Thiago se despede.

— Vou nessa também, cara. Manuela está me esperando. Vai atrás da sua gatinha também – Léo brinca e vai embora.

Depois de algum tempo, Alexandre também sai da empresa.

\*\*\*

Já passa das nove da noite. Leila está sentada no sofá, com o celular no colo, na esperança de uma ligação de Brandon. Ela se entedia com o filme, pega o controle remoto e muda de canal várias vezes. Por fim, desiste de assistir algo na televisão.

— Não irá sair hoje? – sua mãe pergunta.

— Não.

— Achei que gostaria de sair com as amigas.

— Não – diz irritada.

— Hoje vai passar um filme legal na TV. Podemos assistir juntas – sua mãe diz tentando animá-la.

— Não. Vou dormir cedo.

A campainha toca.

— Atenda pra mim Leila. Estou com a lasanha no forno – ela diz se retirando para a cozinha.

— Droga! - ela bufa.

Ao abrir a porta, toma um susto ao ver Alexandre em sua frente, de calça jeans clara, camiseta cinza de manga comprida e carregando um enorme buquê de rosas brancas.

— Oi – sussurra e seu perfume amadeirado invade o lugar junto com a leve brisa da noite.

— O que faz aqui? – ela pergunta enquanto ele passa por ela sem cerimônias e entra na sala.

— Humm, que cheiro é esse? Lasanha? – sua expressão controlada, de que era normal estar ali, naquele momento em sua casa, tira Leila do sério.



— Posso saber o que faz aqui, senhor Keller?

— Vim te desejar um feliz dia dos namorados e lhe entregar essas flores – ele dá de ombros.

Leila pega o buquê de suas mãos, joga no sofá e diz entredentes:

— Não sou sua namorada. Por que isso?

— Não vai ler o bilhete? Tem um bilhetezinho aí dentro – ele ri apontando para as rosas.

— Como você é cara de pau! – ela fica abismada.

— Vim assistir ao filme deprimente com você. Pelo jeito, também deve estar precisando – ele a observa vestida com seu pijama de oncinha.

— Arghhh!!! Cai fora seu maluco.

— Só vim lhe entregar as flores, sua mal educada.

— Já entregou. Agora vaza.

— Senhor Keller! – Rosália entra na sala e o cumprimenta. — Vai ficar para jantar conosco?

— Boa noite, dona Rosália. Humm, acho que sim – ele diz e automaticamente, leva um soco no peito.

— Não vai não. Ele já está de saída – diz empurrando-o para fora.

— Filha!

— Cala a boca mãe! – ela se enfurece dando pontapés em Alexandre. Quando ele está totalmente para fora, ela bate a porta.

— O que foi isso? – Rosália fica intrigada.

— Nada. Não foi nada – ela rosna. A vontade de Leila naquele momento, era de matá-lo por ser tão petulante.

Alexandre caminha rindo até seu carro que está estacionado do outro lado da rua.

Enquanto isso, Leila tenta compreender aquilo tudo. Ela olha para o buquê e retira o pequeno bilhete escrito a mão.

“Te ver longe de mim, me faz sentir saudades”.

Leila sorri, não acreditando nas palavras contidas naquele pequeno cartão.

Do lado de fora, ao dar partida no carro, Alexandre vê alguém estacionar uma Pajero preta na frente da casa dela. Ele observa. Assim que um homem sai do carro e caminha até a porta, ele fica curioso.

O homem toca a campainha.

— Eu atendo – Rosália diz.

— Não! Deixe que eu atendo porque dessa vez, eu chuto a bunda dele.

Mesmo antes de abrir a porta, Leila começa a vociferar aos berros:

— Escuta aqui seu babaca, idiota...

Ela trava pelo susto e fica pálida assim que olha quem está a sua frente.

Brandon.

Em carne e osso. Mais carne do que osso, ela pensa.

Ela bate a porta chocada e se coloca contra ela, ofegante.

— Jesus!

Ela se recompõe do susto e abre a porta novamente.

— Brandon? – ela sussurra.

— Feliz dia dos namorados, minha linda – ele dá um sorriso tão lindo, que ela se derrete toda. Ela o olha sem acreditar no que está vendo. Seu lindo namorado. Vestido em uma calça social verde escura, uma camisa branca com as mangas enroladas até seu antebraço e os três primeiros botões da camisa abertos, revelando alguns pelos em seu peito. Seu cabelo loiro bagunçado e sua pequena barba por fazer, o deixa ainda mais sexy do que nas imagens que trocavam quase diariamente.

Brandon estava ali. Em sua frente. E, ele era totalmente real e completamente perfeito.

— Estou esperando um abraço, pelo menos – ele ri ansioso.

Sem acreditar, Leila ri maravilhada pela surpresa. Se joga nos braços de Brandon e lhe dá um selinho tímido.

Ela mal percebe quando são surpreendidos por Alexandre.

— Hummm... O amor é lindo – ele diz com sarcasmo. — E a lasanha? Está pronta? Estou com uma fome... – ele diz entrando na sala, na maior cara e pau.

Leila engole seco e estuda a reação confusa de Brandon.

— Aquele ali não é o seu...

— Chefe! Isso mesmo – ela conclui.

— O que ele faz aqui? – pergunta atônito.

— Hã... Minha mãe. Ela o convidou para jantar – Leila diz sem graça e morrendo de raiva da petulância de seu chefe. — Nossa! Mal posso acreditar que está aqui! Por que não respondeu as minhas chamadas?

— Não pude minha linda. Estava no avião. Queria lhe fazer essa surpresa – ele diz abraçando-a e dá um beijo em sua têmpora.

— Tenho um presente pra você. Está no carro. Espere que vou buscar.

Leila o observa.

Quando volta, ele lhe entrega um pequeno embrulho e um lindo buquê de rosas vermelhas.

— Obrigada – ela se emociona.

Brandon sorri e leva a mão em seu rosto, acariciando-a carinhosamente.

— Você é tão linda!

Quando ele se aproxima para lhe dar um beijo, Alexandre surge.

— Vão ficar aí parados na porta ou vão entrar para jantar? – pergunta e quase deixa transparecer seu ciúme.

Leila dá um olhar mortal em sua direção.

— Brandon, entre, por favor. Pode me esperar aqui enquanto resolvo uns problemas e troco de roupa?

— Claro minha linda. Também quero conhecer sua mãe, onde ela está?

— Está terminando o jantar. Me aguarda aqui. Volto num minuto – ela diz e o deixa sozinho carregando Alexandre junto com ela.

Ela coloca as flores em cima do balcão da cozinha ao lado das flores que havia ganhado de Alexandre e junto, colocou também o pequeno embrulho.

Quando chegam ao corredor, Leila o empurra contra a parede e diz entredentes:

— Tá fazendo o que aqui, babaca? Você é maluco?

— Não, claro que não!

— Então cai fora, pelo amor de Deus!

— Negativo. Esse cara pode ser um psicopata. A maluca aqui é você. Deixou um desconhecido entrar em sua casa. Tá louca? – ele se irrita.

— Ele é meu namorado – ela bufa enfurecida.

— Virtual! Viu como soa ridículo?

— Você deveria ser internado – ela quase grita.

— Tá tudo bem aí? – Rosália os interrompe.

— Ah, aí sua mãe. Diga para ela que é loucura ela deixar aquele cara entrar aqui sem conhecê-lo – Alexandre diz.

— Que cara?

— Arghhh! O Brandon está lá na sala, mãe.

— Nãooo! Jura? – ela se assusta.

— Não surta, por favor – ela faz uma careta engraçada.

— Alexandre querido, coloca juízo na cabeça dessa menina. Não quero esse cara aqui em minha casa – ela sussurra assustada.

— Vou tirá-lo daqui agora mesmo.

— Você não vai fazer nada – Leila o empurra.

— Então ficarei aqui. Para ter certeza de que ele não vai usar um bisturi ou qualquer coisa do estilo para matar vocês duas – ele diz com semblante sério e Rosália ri.

— Vou lá conhecer o tal de Brandon – sua mãe diz.

Ao chegarem à sala, Rosália analisa o belo homem sentado em seu sofá.

— Boa noite. Brandon, não é? – ela o cumprimenta.

— Boa noite, dona Rosália. É um prazer conhecê-la – ele sorri de forma encantadora.

— Já era tempo de nos conhecermos – ela diz seca.

Leila se retira e vai até o quarto se trocar. Ela coloca uma calça jeans e uma blusa azul marinho de malha.

Quando volta, percebe a tensão entre Alexandre e Brandon, sentados um ao lado do outro.

— O jantar já está na mesa – Rosália diz.

Alexandre é o primeiro a se levantar e seguir até a cozinha.

Brandon cisma que alguma coisa está errada. Ele pega Leila pelos braços de forma delicada e sussurra:

— O que há entre vocês dois?

Leila fica apreensiva.

— Como assim? – ela ri nervosamente.

— O que há entre você e seu chefe? O que ele faz aqui?

— Não há nada entre ele e eu, Brandon. De onde tirou essa ideia?

— Por que ele se comporta como se fosse algo mais. E outra, o que foi aquilo no México?

— O que tem o México? – ela se alarma.

— Eu não estou nessa de brincadeira, Leila. Não gosto de ser enrolado. Se tem algo pra me dizer, prefiro que seja agora – Brandon diz chateado.

Ela analisa o momento e se questiona se deve ou não contar a verdade.

— Não houve nada entre ele e eu. Ele apenas me beijou. Não significou nada pra mim. Ele interpretou algo errado. Só isso. Por

favor. Vamos esquecer isso – Leila diz tentando acalmá-lo.

— Se ele interpretou algo errado é porque você deve ter dado algum motivo.

— Não dei motivo nenhum, Brandon. Ele é esquisito e pirado. Embora eu queira, não consigo me livrar dele. Confie em mim – ela sussurra.

Brandon a olha desconfiado. Mas não toca no assunto que está lhe corroendo sobre o telefonema no México.

— Certo, minha linda. Confio em você – ele diz e dá um beijo rápido em sua boca.

— Agora vamos jantar – ela sorri. — Não repare. A casa é simples, mas aconchegante.

Ao entrarem na cozinha, se deparam com Rosália e Alexandre rindo animados de alguma piada particular.

Brandon olha a sua volta com curiosidade e fica intrigado ao ver dois buquês de flores.

— Ah, filha... Coloquei suas flores no vaso. Não ficaram lindas? Vocês dois tem muito bom gosto – Rosália diz e percebe que Brandon fica enciumado.

— Sente-se aqui, Doutor Brandon – ela diz e puxa uma cadeira ao lado de Leila para ele.

— Obrigado – ele diz sem jeito. — Pode me chamar apenas de Brandon.

— Então, Brandon... estava ansiosa por conhecê-lo. Minha filha diz que é cardiologista e estava fazendo um curso em Boston.

— Sim. Na verdade, ainda estou. Pedi quatro dias de licença no hospital somente para vir conhecer minha namorada. Queria fazer uma surpresa para ela – ele enfatiza olhando para Alexandre, que tem olhos atentos nele.

— Não poderia ter feito uma surpresa melhor, meu amor – ela diz toda derretida.

— E ficará apenas quatro dias aqui? Quando virá em definitivo?  
– Rosália o interroga.

— Sim. Preciso voltar. Acredito que ficarei mais um mês em Boston.

— Pode me passar o vinho, por favor? – Alexandre pede para Leila que come em silêncio e constrangida pela situação.

— Não sabia que vocês mantinham uma relação tão amigável. Pensei em ter ouvido Leila dizer que não o conhecia quando entrou na empresa – Brandon dispara enciumado pelos olhares maliciosos de Alexandre para cima de sua namorada.

— Hum... – ele diz bebericando seu vinho. — Sim, na verdade, nos conhecemos a pouco tempo. Mas temos uma boa relação, patrão e empregado. Leila é ótima. É um pouco estabanada. Colocou sal em meu café após uma briga que tivemos – ele ri tendo o prazer de alfinetar Brandon. No mesmo instante, Leila por debaixo da mesa, dá um chute em suas pernas. Alexandre abafa um gemido de dor e logo se recompõe.

— É verdade. Temos uma relação amigável – ela se enfurece. — Tanto que, aproveitando que hoje era pra ser meu dia de folga e fui trabalhar, quero avisar que tirarei o dia amanhã. Consegui adiantar todo o meu trabalho. Então... – ela dá de ombros.

— Se está livre amanhã, podemos passar o dia juntos, o que acha? – Brandon sorri e Alexandre fica tenso.

*"Maldita... Você me paga" – Alexandre pensa.*

— Sim claro. Pode tirar o dia amanhã – ele força um sorriso.

— E sua família, Brandon? Gostaria de poder conhecê-los um dia.



— É claro – ele sorri.

Eles ficam por várias horas conversando no jantar. A tensão e os olhares enciumados dos dois homens deixa Leila apreensiva e Rosália percebe algo mais no interesse de Alexandre por Leila. Ela fica contente pela ideia de Alexandre estar envolvido por ela, pois, em nenhum momento, ela se convenceu de que Brandon era o homem certo para sua filha.

— O jantar estava ótimo – Brandon diz.

— Bom, estou de saída também. Amanhã tenho muito trabalho, já que estarei sozinho – Alexandre diz e se levanta.

— Meninos, fiquem à vontade. Preciso dar um telefonema. Foi um prazer conhecê-lo Brandon. Espero vê-lo mais vezes.

— O prazer foi meu.

Rosália se retira e deixa os três na sala.

A tensão piora.

— Boa noite, senhor Keller – Leila diz mostrando a porta da sala para que fosse embora.

— Boa noite – ele balança a cabeça.

— Eu o levo até a porta – Brandon diz olhando para ele.

Os dois caminham lado a lado e, quando estão na porta, Brandon dispara enfurecido:

— Se ficar perseguindo a Leila, você morre. Se tocar nela mais uma vez, você morre. Se atender qualquer chamada minha para ela, você morre. E, se beijá-la de novo, você também morre.

Alexandre o olha e diz com sarcasmo:

— Já estou me sentindo um defunto. Morri de tédio só de ouvir você falar. E só pra constar, não tenho medo de morrer – e sai deixando Brandon com raiva.

Leila ao se aproximar, o abraça e pergunta?

— O que foi que ele disse?

— Nada, minha linda.

Ele vira para ela e dá seu melhor sorriso.

— Podemos dar uma volta? Quero curtir minha namorada e aproveitar cada minuto – diz acariciando seu rosto.

— Claro – ela sorri.

— Estou feliz por estar aqui.

— Eu mais ainda – ela o beija.

## Capítulo 17

O resto da noite estava sendo perfeita para o casal de namorados. Brandon superou as expectativas de Leila no quesito "romance". Ele era exatamente como ela sonhava. Gentil, culto, educado, carinhoso... Jamais ela imaginava passar uma noite tão agradável.

Descobrir que Brandon veio diretamente de Boston, e se hospedou na casa de um amigo somente para estar com ela nesse dia especial, a deixou ainda mais encantada por ele. Mesmo o passeio sendo simples e ao ar livre no parque, ela se deliciou com cada minuto ao lado de seu namorado.

Quando já estava tarde, Brandon a levou de volta, na promessa de buscá-la logo cedo, para passarem o dia juntos.

Alexandre apesar de sua aparência calma, deitado em sua cama, pensativo, não conseguia engolir o tal namorado virtual. Para ele, o cara não passava de um metido a galã querendo conquistar o coração da mocinha que era dele.

*Ninguém pode ser tão perfeito assim!* – ele matuta em sua mente. Então, como um estalo, ele lembra que havia pedido para Steve, algumas informações sobre Brandon. Por mais que ele tenha jurado não usar desses artifícios para conquistá-la, ele fica curioso para saber mais sobre o médico. Seu medo era que fosse machucá-la de alguma forma.

Ao vasculhar seus arquivos de e-mail, ele encontra as informações que Steve havia lhe enviado.

Com atenção, ele estudou cada informação.

Porém, tudo o que acabara de ler, o deixou desanimado. Não havia nada em seu histórico, que o desabonasse.

Brandon foi o melhor aluno no curso de Medicina. Sempre responsável e com vários títulos de honra em seu currículo. Uma delas foi uma ação beneficente que participou junto à cruz vermelha no Haiti, há quatro anos, onde médicos e outros profissionais da área de saúde se voluntariaram para ajudar os necessitados.

Nem sua ficha junto ao Departamento de Trânsito, o condenava. Brandon sequer havia levado uma multa no período de dez anos.

Alexandre faz uma careta.

*"Quem nunca levou uma multa? Esse cara é o quê?" – pensa perplexo.*

Não era casado e nem nunca se casou. Teve poucas namoradas por causa de sua total atenção aos estudos.

Em sua cidade, Belo Horizonte, era muito conhecido por fazer caridades. Em seu consultório particular, ele fazia questão de atender, duas vezes por semana, pacientes que não podiam custear as consultas e exames cardiológicos.

Alexandre, já sem paciência, desliga o computador e sai cabisbaixo.

*Como poderia competir com alguém melhor do que ele?*

Ele se joga na cama apenas de cueca e fica analisando o que de bom fez em sua vida para que estivesse à altura. E, tudo que conseguiu se lembrar, foi de suas transas loucas com várias mulheres, sua irresponsabilidade na empresa, seu egoísmo, sua arrogância... Em nenhum momento de sua vida, ele fez qualquer coisa em prol de outra pessoa. Mesmo quando não era o Alexandre

amargo e insensível. Ele nunca havia dado sequer uma esmola para um pedinte na rua. Não que ele achasse o certo. Pois ele sempre tinha em mente que eles iriam usar o dinheiro para coisas ilícitas. Mas, mesmo assim, se sentiu pequeno diante de tanta bondade e generosidade de Brandon. Seria egoísmo de sua parte, privar a mulher por quem estava apaixonado, de ter uma vida feliz com um bom homem e que a ama de verdade? E foi então que ele percebeu... Ele também a ama. Pode ser que ele não seja o melhor homem do mundo... Mas o amor que tem por ela, era suficiente para fazê-la feliz por toda a eternidade. E, se somente o amor importava para que as pessoas fossem felizes, nesse quesito, ele poderia ganhar de Brandon. Só bastava saber se Leila daria a chance para que ele mostrasse que poderia fazê-la feliz, tanto quanto seu namorado, que não era mais... virtual.

O sol nasce. Rosália, ainda sonolenta, entra no quarto de Leila e diz bocejando:

— Leila, acorda!

Ela dorme feito pedra.

— Leila! – sua mãe se aproxima e a chacoalha.

— Humm... Me deixe dormir – ela resmunga jogando o travesseiro sobre o rosto.

— Brandon está lá fora. Disse que marcaram para passarem o dia juntos. Leila!

— Ai... Sério? Ele não dorme? – ela diz olhando para o relógio de cabeceira que marca sete e quinze da manhã.

— Eu quase perguntei isso a ele. Preferi ficar calada. Você e seus casos estranhos – sua mãe ri.

Leila senta na cama e ajeita seus cabelos desgrehados.

— Que caso? Não tenho caso nenhum, mãe.

— Eu vi o jeito que vocês se olhavam durante o jantar, Leila. Já tive a sua idade.

— Está falando do quê?

— Alexandre. Não entendi muito bem o que ele veio fazer aqui. Mas se quer saber, fiquei aliviada. Você foi irresponsável colocando um homem dentro de casa, sem saber nada sobre ele. Será que não aprendeu nada com aquele maluco que quase tirou a sua vida? — ela diz olhando-a fixamente.

— Mãe... Já conversamos sobre isso. O Brandon é um cara legal.

— Não vou discutir. Você já tem vinte e quatro anos. É maior de idade. Só não venha chorar se algo sair errado. Porque não é por falta de aviso, minha filha. Você tem que ter mais cuidado.

— Deveria era ter medo do Alexandre. Ele sim é pirado. Ainda não acredito que ele teve a coragem que fazer tudo aquilo. O que ele tinha na cabeça? — diz. Ela se levanta e caminha até o closet. Pega um vestido azul e uma sandália de saltos.

— Tem certeza que não sabe? — sua mãe ri. — Até o médico percebeu que seu chefe estava morrendo de ciúmes de você.

— Ele é maluco, isso sim — ela bufa. — Pede para o Brandon me esperar. Vou tomar um banho e já saio — diz e se tranca no banheiro.

Minutos depois, ela aparece na sala e pergunta alisando o vestido:

— Como estou? — ela dá uma viradinha rápida, para que sua mãe a olhe e dê o veredicto.

Seus cabelos molhados e sua aparência inocente fazem Rosália refletir. Seu sorriso e ansiedade eram como de uma adolescente.

Rosália sorri, observando como estava linda naquele vestido azul marinho, que acentuavam tão bem suas curvas perfeitas.

— Está ótima! – diz com sinceridade.

Ela se aproxima da filha e a abraça.

— Tome cuidado. Sabe o que eu penso sobre tudo isso.

— Eu sei. Vou ter cuidado – Leila diz e salpica um beijo em sua bochecha.

Ela pega sua bolsa e sai.

Encostado no carro está Brandon. Ostentava toda sua beleza com seu jeito despojado, vestindo uma camisa xadrez e jeans claro, deixando à mostra por debaixo da camisa, uma camiseta cinza. Estava alheio a tudo em sua volta. Até o momento que seu par de olhos verdes se cruzam com os dela.

Ele sorri.

— Bom dia, minha linda! – diz indo ao seu encontro.

— Bom dia!

Brandon a envolve em seus braços fortes e lhe dá um beijo doce.

— Você está linda – diz inalando seu cheiro doce e suave.

— Você está ótimo também – ela ri.

— Vamos?

— Sim. Posso saber para onde o senhor pretende me levar? – pergunta curiosa enquanto Brandon abre a porta do carro gentilmente e segura sua mão enquanto entra e se senta no banco confortável.

Ele dá a volta e entra no carro.

Leila tem olhos atentos nele, esperando pela resposta.

Ele sorri e diz:

— Confie em mim. Vamos nos divertir muito – dá a partida no carro e liga o som logo em seguida. A música de **Vitor e Leo, Tem que ser você**, preenche o ambiente e os dois sorriem juntos.

No caminho, eles conversam sobre seus gostos, sobre o que fazem diariamente... Até trocam nomes de seus filmes e livros preferidos. E acredite, quem não ficaria encantada por um homem gostar de *William Shakespeare*? Brandon sem dúvida era uma incógnita para ela. Como ele poderia ser tão perfeito? Ela o olhava com admiração e suspirava a cada cinco minutos. Até que uma placa na estrada lhe chamou a atenção.

— Estamos indo para o litoral? – pergunta confusa.

— Sim – ele sorri. — Vamos passar o dia no Guarujá. Meu amigo tem uma casa na beira da praia e achei que seria ótimo para ficarmos a sós e fazermos um passeio ao ar livre.

— Sério?

— Por quê? Não gostou? – ele pergunta analisando sua reação.

— Brandon... Eu... Eu amei! – ela exclama levando as mãos no peito para conter a excitação.

— Vai gostar mais ainda quando souber o que planejei para nós dois – ele sorri orgulhoso de si mesmo.

— O que é?

— É surpresa, minha linda. Mas garanto que vai gostar.

Horas depois, eles chegam ao litoral.

Leila fica encantada ao olhar a orla da praia de Santos. O dia está lindo e ensolarado. Apesar da época do ano, o calor estava beirando a uns trinta graus.



Eles chegam à balsa. Vários carros em fila, esperando sua vez para atravessar. Assim que sobem, Brandon desliga o carro e abre a porta do veículo. Ele chama Leila e pega em sua mão levando-a até a ponta da balsa. A brisa e o cheiro do mar causavam ainda mais excitação no casal para chegarem ao destino. O barulho da balsa atravessando lentamente o mar, era quase imperceptível.

— A primeira coisa que faremos assim que chegarmos, é cair no mar – ele sorri abraçando-a por trás e dá um leve beijo em seu pescoço.

— Eu não trouxe uma roupa e nem biquíni – ela ri.

— Não se preocupe meu amor. Eu pensei em tudo. Nos mínimos detalhes – ele a vira para ele e beija sua boca de forma suave.

— Você é um amor, sabia? – ela suspira encantada.

Ao atravessarem, os dois voltam para o carro e seguem a viagem.

Meia hora depois, eles chegam à casa de praia.

— Nossa! É lindo aqui! – ela olha a enorme casa luxuosa. Seus pés se afundam na areia fina e fofa.

— Espere! – Brandon diz agachando em sua frente. Ele pega seu tornozelo esquerdo com delicadeza, levando seus pés até sua coxa e abre o fecho de sua sandália. Ela olha para ele com admiração. Assim que termina, retira a outra sandália.

— Obrigada!

Brandon sorri e a abraça.

— Vamos entrar. Vou deixar você descansar um pouco enquanto preparo algo para você comer – ele diz todo atencioso

fazendo o coração de Leila bater mais forte. Nunca um homem esteve tão preocupado com ela, como ele.

Na entrada da casa, eles passam por um imenso gramado. Há uma piscina enorme e, Leila não consegue entender por que. Quem trocaria o mar por uma piscina? Ela sorri e segue adiante deslumbrada com tanta beleza.

Na sala, Leila suspira ao se deparar com tanta beleza e requinte. A maioria das paredes da sala são de vidro. A vista é linda e assustadora ao mesmo tempo. Dali, se via perfeitamente o mar. Os móveis ao contrário do que ela imaginava, eram sofisticados. Nada de madeira ou bambu, como uma verdadeira casa de praia deveria ser.

Na estante da sala, havia várias fotos. Curiosa, ela se aproxima. O susto que toma ao ver uma das fotos deixa Brandon alarmado.

— Meu Deus! Eu não acredito! – ela grita.

— O que foi?

— Esse aqui... Eu o conheço – ela diz apontado ao homem da foto. — Quer dizer, não pessoalmente – diz abismada. — Esse é aquele jogador de futebol famoso...

— Denis. Denis Ferreira.

— É! Isso – ela sorri.

— Nossa... O dono da casa deve ser fã dele. Ele está em todas as fotos – ela olha tudo com curiosidade.

Brandon ri, olhando-a parado, no batente da porta.

— O que foi? – ela revira os olhos. — Sou fã dele. Adoro futebol.

— Sério? – ele arqueia a sobrancelha.

— Sim.

— Estamos na casa dele. Aliás, também estou hospedado na casa dele em São Paulo – diz esperando por sua reação.

— Dele quem? – ela demora um pouco para entender. — Oh my god! Oh my god! Oh my god! – ela repete sem parar levando as mãos à boca.

— Sim – ele ri.

— Você está brincando, não é?

— Não minha linda. Falei de você para ele e ele ficou curioso para te conhecer. Se quiser, podemos marcar um jantar e te apresento a ele.

— Um jantar? Com o Denis Ferreira? Ownnnnnnnn! – ela suspira.

— Mas não fica muito feliz não. Você é minha e não quero minha namorada babando pelo meu melhor amigo – ele ri e vai até ela e lhe dá um beijo.

— Você é incrível, sabia? – ela sorri e lhe retribui o beijo.

— Desculpem – uma voz feminina soou no ambiente.

Leila se assusta.

— Bom dia Dr. Brandon. O senhor Denis avisou que viria. Se precisarem de alguma coisa, estarei na cozinha – uma mulher aparentando uns quarenta anos, disse sorrindo.

— Obrigado, Ana.

Ela se retira.

— Bom. Vamos tomar um café reforçado. Me espere aqui. Volto para te buscar daqui alguns minutos – ele diz beijando sua têmpora.

— Tá.

Alguns minutos depois, ele surge na sala e a chama.

— Espero que goste do que preparei pra você – diz segurando nas mãos dela. Eles caminham lado a lado pelo corredor, até chegarem ao jardim nos fundos da casa.

Debaixo de uma árvore, uma manta forra a grama. Ela olha para as duas bandejas que contém o café da manhã e uma pequena rosa vermelha ao lado.

— Piquenique ao ar livre? – ela ri.

— E então? Gostou?

Ela sorri e seus olhos lacrimejam na mesma hora. O cuidado e o amor que Brandon teve em preparar tudo para ela nos mínimos detalhes, a deixa emocionada. Ela não poderia pensar em um encontro melhor do que esse.

— É lindo!

— Venha.

Os dois se sentam sobre a manta.

Leila olha confusa para a bandeja e arqueia a sobrancelha.

— Suco de beterraba? No café da manhã? – ela ri.

— Faz bem para o coração, minha linda – ele diz colocando o suco no copo.

— Eu... Eu... – ela fica sem fala. Como ela iria dizer que odeia beterraba? Que só o gosto horrível de terra a fazia sentir ânsia?

— O que foi? – ele a olha.

— Nada – sorri sem graça. — Suco de beterraba parece bom.

Ele estende o copo para ela e diz:

— Prove. Está uma delícia.

Leila prende a respiração e coloca seu melhor sorriso.

“Oh, merda” – ela pensa.

Ela dá um pequeno gole.

— Hum... Divino – diz limpando a boca com as mãos escondendo a vontade de vomitar tudo ali mesmo.

— Agora prove isso – ele diz apontando para um pires com pedaços de abacate e aveia.

— Isso não é muito gorduroso? – diz torcendo o nariz para o abacate que não combinava em nada com o cenário do suco sabor “terra mofada”. Desde pequena, ela não suportava abacate.

— Claro que não, minha linda. Abacate contém ômega 9, faz bem ao controle do colesterol. Aumenta o HDL e reduz o LDL. Minimiza o risco de infarto e arteriosclerose – ele diz e a deixa atônita. Leila se consegue ver naquele curto espaço de tempo, em seu futuro. Imaginando se todas às vezes que fossem comer, ele lhe daria uma aula de “como manter seu coração saudável” ou coisas desses tipos. Ela achou um pouco entediante.

— Eu prefiro um bom morango regado em caldas de chocolates – ela ri.

— Não gosto de morango e não como chocolates. Aumentam o LDL e as triglicérides. Não quero correr o risco de ter... – ele a olha e percebe que está alheia observando o lugar a sua volta.

— O que foi?

— Nada. Isso aqui... É tão mágico! Eu sonhava com o dia em que estaríamos assim, juntos – ela diz pegando nas mãos dele.

— Eu também – ele sorri. — Vem cá – ele a puxa para seus braços. — Vamos tomar o nosso café e cair no mar. À tarde daremos um passeio. Vai gostar.

Leila sorri e o beija.

\*\*\*

Na empresa, Alexandre tenta esconder sua irritação. Sem Leila, ele se sente irritado e perdido.

Ele olha para a papelada em sua mesa e tenta se concentrar no trabalho, mas é impossível. A única coisa em que consegue pensar, é no que os dois estariam fazendo. Ele fecha os olhos e pensamentos ruins passam por sua mente. Ele olha para o telefone. Já havia ligado para casa dela umas três vezes.

Ele observa as horas. Sete da noite. Ela já deveria estar em casa, para quem saiu de manhã – ele pensa.

Com um suspiro, ele liga mais uma vez.

— Boa noite, dona Rosália. Desculpe incomodá-la. Estava precisando de uma informação sobre um contrato. A Leila já está em casa?

— Ainda não meu filho. Mas fique tranquilo que assim que ela chegar peço para entrar em contato.

— Obrigado – diz e desliga.

— E aí? Ela deu sinal de vida? – Léo pergunta entrando em sua sala.

— Ainda não – ele diz preocupado. Encosta-se à cadeira e fica pensativo.

Léo se senta e o observa. A expressão de seu amigo diz que não está tendo um bom dia.

— Relaxe cara. O namorado dela tinha que aparecer algum dia – ele ri.

— E tinha que ser justo agora?

— Você precisa sair um pouco. E, se tudo que me contou mais cedo for verdade, ela deve estar querendo ver diabo, mas não quer olhar pra você.

— Nem me fale. Fiz um esforço enorme para não dar na cara daquele doutorzinho – ele bufa. — Ele me ameaçou!

— Normal não é? Você beijou a namorada dele.

— Ainda não consigo acreditar que ela contou isso a ele.

— Pense no lado positivo. Se um dia ficar com ela e vier a te chifrar... – ele ri olhando para a reação do amigo. — Você será o primeiro a saber – gargalha.

— Idiota!

— Vamos. O Thiago está no estacionamento nos esperando. Vamos sair e beber um pouco – Leo diz animado tentando levantar o ânimo do amigo.

Alexandre olha para o telefone e suspira.

— Tudo bem. Sem mulheres. Amanhã será um novo dia.

— É assim que se fala – Léo dá um tapinha em seu ombro e os dois saem para curtir a noite de São Paulo.

## Capítulo 18

Brandon entra no quarto e sorri ao ver Leila dormindo tranquilamente na cama. Já se passam das nove e o cansaço estava visível nos dois.

Ele se aproxima e se senta ao lado dela. Ela dorme como um anjo, de bruços, abraçando o travesseiro. Ele olha para sua pele levemente bronzeada e sorri. Seu cabelo molhado do banho, o perfume que exala de seu corpo, inunda o ambiente. Ela tinha um cheiro adocicado.

— Minha linda. Acorde! Precisamos ir – ele alisa seus cabelos.

Ela se mexe balbuciando algumas coisas ininteligíveis.

Ele sorri.

— Amor, acorde! Está ficando tarde e não quero que sua mãe fique preocupada.

Ela abre os olhos com dificuldade. Olha para ele e se espreguiça.

— Podemos ficar aqui na cama só mais alguns minutinhos? – diz fazendo gesto com a mão.

— Claro – diz e deita ao lado dela colocando os braços envolta de seu corpo.

— Hummm – ela se ajeita nele.



— Você tem que trabalhar amanhã. Não quero que fique cansada.

— Não vou ficar – ela o beija.

Ele corresponde ao beijo. Aos poucos, o beijo fica intenso, apaixonado. Ela o puxa para cima dela agarrando em seu cabelo com força. Ele a acaricia. Suas mãos percorrem suas coxas e para em seus quadris assim que sente o cóis de sua calcinha. Leila solta um gemido tímido e ele estremece. Ele beija seu pescoço sensualmente traçando uma trilha até seus seios.

Ela queria mais. Estava ardendo de desejo por ele.

Excitada, arqueia os quadris de forma que pudesse senti-lo entre suas pernas. Ele não é indiferente a ela. Estava duro. Excitado por aquela mulher tão fascinante e ousada.

Leila se inclina para frente e retira a camisa dele. Ele lhe dá um olhar de advertência, mas não a impede. Com um movimento rápido, ela sobe o vestido e o retira descartando-o no chão, ficando apenas de sutiã e calcinha. Ele fica por alguns segundos contemplando seu corpo até que é interrompido por ela que se joga em seus braços. Ela pega suas mãos e as coloca sobre seus seios e o beija com urgência. Ela se afasta um pouco ofegante e abre o fecho de seu sutiã. Quando vai retirá-lo, Brandon a impede.

— Minha linda... Temos que ir embora. Já está tarde – diz com relutância. Ele queria aquilo mais do que ela.

— Podemos ir mais tarde – ela lança um olhar safado e distribui beijos por seu tórax.

— Não. Vai ficar tarde e não gosto de dirigir de madrugada.

— Não é madrugada, Brandon. Nem são dez da noite ainda.

— Minha linda, não – ele a adverte enquanto ela tenta tirar sua bermuda.

— Tá. Tudo bem – ela diz decepcionada.

Ela se afasta e ele a puxa de volta.

— Olha... teremos todo o tempo do mundo pra isso. Não quero que nossa primeira vez seja assim... às pressas – ele diz carinhoso.

— Você merece mais do que isso.

— Tudo bem – ela dá um sorriso fraco. — Vamos voltar pra casa.

\*\*\*

O dia clareia. Como combinado, Brandon está de frente para casa dela, esperando para levá-la ao trabalho. Ela aparece com um sorriso no rosto e o abraça.

— Bom dia, minha linda!

— Bom dia.

— Vamos. Já está atrasada.

— Vamos.

Vinte minutos depois, Brandon estava deixando sua namorada de frente a construtora Keller.

— Não quer subir para conhecer? É cedo. Não deve ter quase ninguém.

Ele assente.

Os dois sobem pelo elevador. Ao saírem, se encaminham para a sala.

— Aconchegante aqui – ele diz olhando o espaço enorme.

— Aqui é minha sala. E ali – ela aponta para a porta de frente.  
— É a sala do meu chefe, que você já conhece.

Na outra sala, Alexandre ouve a voz de Leila e de um homem. Ele abre a porta devagar e observa pela pequena fresta.

— Passo para te pegar meio-dia. Vamos almoçar juntos – ele diz.

— Tá. Qualquer coisa é só me ligar – ela o beija.

— Te amo – ele sussurra.

Ele se despede com uma piscadinha e caminha até o elevador.

Alexandre fecha a porta devagar para que ela não o ouça. Fica indignado. A raiva toma conta dele e o ciúme o enfurece.

— Bom dia, chefinho – Leila abre a porta assustando-o e sorri.

— Está cinco minutos atrasada – ele resmunga.

— Desconta no meu almoço – ela ri.

— Bom, tenho uma reunião com o Leonardo. Qualquer coisa é só me passar as ligações – ele diz e passa por ela feito um relâmpago.

— Okay – ela ri.

Na sala de Léo, Alexandre tem um surto.

— Ela quer me enlouquecer. Só pode – ele grita andando de um lado para o outro, divertindo seu amigo.

— Então o cara é *O Cara*?

— Ele é um idiota, isso sim. O cara é pegajoso. Passaram o dia inteiro ontem e ainda quer levá-la para almoçar.

— Hummm. Então é essa sua irritação? Convida ela para almoçar também. Você nunca a convidou.

— Porque eu não posso. Meu pai está de olho em mim – ele diz exasperado.

— Vai ter que fazer alguma coisa. Senão, o médico vai levar a melhor. Mulheres tendem a ter uma queda por príncipes encantados – ele ri.

— Já sei. Tive uma ideia.

— Vixi. Vai feder. Você tendo ideias?

— Liga para o cliente, o senhor Thomas.

— Quem? O cara do lar das crianças?

— É. Ele mesmo. Ligue para ele e veja se ainda tem interesse em reformar o orfanato.

— Mas Alexandre, seu pai não quer investir nisso e o senhor Thomas não tem o dinheiro suficiente.

— Apenas ligue e marque um almoço para o meio-dia.

— Sério?

— Claro que é sério. Diga a ele que eu irei financiar a reforma.

Leo olha para ele perplexo.

— Como assim? Vai bancar a reforma de um orfanato?

— Sim. Não precisamos da autorização do meu pai. Farei isso com o meu dinheiro.

— Nossa! O amor tá te deixando generoso... – ele ri. — Não quer trocar o meu carro não? Já tá um pouco defasado.

— Espertinho. Vá, ligue.

Léo liga para o cliente e marca o almoço.

— Ele aceitou. Vai precisar de mim?

— Não. Irei apenas com ela. Dessa vez ela não me escapa. Não vou facilitar para aquele cara.

— Aeeee. É assim que se fala – o amigo ri.

\*\*\*

Na sala de Leila, ela organiza os arquivos.

— Bom dia sortuda! – Sophia aparece toda alegre. Um coque no alto da cabeça e vestindo uma roupa engraçada.

— Bom dia.

— Me conte tudo. Como foi seu dia com o namorado – ela dá um gritinho.

— Como sabe? Como sabe que passei o dia com meu namorado? – ela se espanta.

— Humm. Teu chefe. Ouvi ele dizer para o Léo. Ele estava uma fera. Acho que não gostou de você ter faltado.

— Não faltei. Estava de folga – ela revira os olhos.

— Tá, mas me diga... Como ele é? – ela debruça na mesa esperando por detalhes.

— Ah, ele é normal. Carinhoso, bonito, educado...

— E o que vocês fizeram?

— Ele me levou para o litoral. Não vai acreditar, ficamos hospedados na casa de um jogador de futebol. Quase surtei quando soube.

— Nãoooooooooooooooooo.

— É – ela ri. — Denis Ferreira.

— Nãooooooooooooo.

— Verdade.

— Nossa! Tá, e depois?

— Fomos à praia, fizemos um piquenique, assistimos a um filme, passeamos pela cidade...

— E o que mais? – a amiga a olhava com curiosidade.

— Almoçamos, jantamos...

— E...

— E o quê?

— Como ele é amiga? Transaram?

— Não! – ela diz corando de vergonha.

— Como assim não?

— Não rolou.

— Sabia. Ele é gay?

— Não.

— Claro que é. Não acredito que não transaram. Ele tentou pelo menos?

Leila riu.

— Eu tentei. Mas ele foi tão fofo. Disse que ainda não era o momento e que eu merecia uma noite daquelas.

— Sério? Você tentou? Eu ouvi bem? Ele é gay. Não existe momento pra isso amiga. Ele tá por fora.

— Ele é romântico e certinho.

— Ele é entediante, isso sim. Piquenique? Filme? Almoço e jantar? Cara, se meu namorado me convida para esses programas

de índio, eu dou na cara dele.

— Ai Sophia, você é uma figura.

— Leila, temos um almoço hoje ao meio-dia com um cliente. Senhor Thomas – Alexandre aparece na sala. — Preciso que organize a agenda.

— Temos?

— Sim. Você irá comigo.

— Mas é que...

— Você irá comigo. Preciso que faça as anotações da reunião.

— Mas é...

— Me avise quando estiver próximo ao horário, não quero ser interrompido antes – ele diz. Entra em sua sala e fecha a porta deixando Leila paralisada.

— Droga!

— Hum ele tá de péssimo humor hoje – Sophia ri.

— Não tem o que fazer, Sophia? – Alexandre grita ao abrir a porta bruscamente.

— Sim, senhor Keller – ela diz gaguejando e vai embora.

— Leila, peça para o Léo vir até minha sala, por favor.

— Sim.

Minutos depois, Léo aparece.

— E então?

— Tudo certo. Nem dei chances dela recusar. Precisava ver a cara dela – ele ri encostado em sua cadeira.

— Cara, você é um filho da puta.

— É. Sou – ele ri. — Vou mostrar a ela que sou melhor do que aquele cara.

— Vá com calma.

— Que calma o quê? Vou passar por cima dela e ela nem verá quem a atropelou. Quando for ver, estará apaixonada por mim.

— Por isso que gosto de você. Não é nenhum pouco modesto – ele gargalha.

— Agora cai fora. Preciso me concentrar aqui. Peça para o Thiago me trazer a planta do orfanato. Quero estudar tudo antes pra não ficar com cara de palhaço.

— Vou pedir.

\*\*\*

O dia passa rápido. Leila se desespera ao não conseguir ligar para Brandon e desmarcar o almoço. Faltam apenas vinte minutos e ela pragueja aos quatros cantos da sala.

Dez minutos depois, Brandon chega.

— Leila, tem um gato lá na recepção à sua espera. Disse que é seu namorado – Sophia ri ao telefone.

— Droga! Obrigada. Já vou descer.

Enquanto ela se prepara mentalmente para dar a notícia a ele, Alexandre sai da sala.

— Vamos? O cliente logo estará lá.

— Ah, vamos – ela diz um pouco nervosa.

Os dois entram no elevador calados.



Na recepção, Alexandre sorri e cumprimenta Brandon que tem o olhar fixo nos dois, lado a lado.

— Oi amor – ela diz. — Me desculpe. Surgiu uma reunião de última hora e não vou poder almoçar com você.

— Tudo bem. E vai sair pra reunião sem almoçar?

— Na verdade será um almoço com um cliente – ela olha para ele temerosa.

— Tudo bem minha linda. Volto para te buscar às sete – ele dá um beijo rápido em sua boca.

— Vamos, Leila. Não posso me atrasar – Alexandre diz pegando na mão dela. Automaticamente, ela se afasta lhe lançando um olhar raivoso.

No carro, ele dá volta e abre a porta do carona para ela.

— Fez aquilo de propósito, não foi? – ela pergunta.

— O quê?

— Nada – ela bufa.

O caminho todo até o restaurante, que ficava a apenas dez minutos dali, foi feito em silêncio.

Ao chegarem, Alexandre abre a porta do carro para ela e retira seu casaco.

— Vamos. Já temos uma mesa reservada.

— Já? – ela olha curiosa para o local.

— Sim. Ali – ele aponta para mesa no final do restaurante requintado.

Eles se sentam. Logo depois, o cliente aparece.

Thomas era um homem idoso. Com sessenta e sete anos. Ele cuidava com suas duas filhas caçulas e a ajuda de uma velha

amiga, de um orfanato com mais de setenta crianças. As instalações precárias, o levaram a querer fazer uma reforma. Mas, há alguns meses, George Keller não quis investir na reforma, já que o pobre homem de cabelos grisalhos, não tinha poder aquisitivo o suficiente.

— Boa tarde, senhor Thomas – Alexandre o cumprimenta.

— Boa tarde, senhor Keller. Fiquei surpreso com o telefonema.

Alexandre sorri.

— Essa é minha assistente, Leila. Ela ficará encarregada de passar qualquer informação sobre o projeto.

— Boa tarde, senhorita Leila.

Ela dá um pequeno sorriso.

Eles pedem a comida e conversam sobre o projeto.

Leila fica encantada com a atitude de Alexandre de reformar o orfanato e enviar suprimentos para as crianças. Com as fotos apresentadas por Thomas, Leila fica chocada com as condições em que elas vivem. Algumas até dormiam em colchonetes.

Após tudo acertado, Thomas se despede deixando Leila e Alexandre a sós.

— Um trabalho muito bonito desse senhor – ela comenta bebericando seu vinho.

— Bonito, mas sofrido. Olhar tantas crianças abandonadas daquele jeito, sem um pai, uma mãe... Sem o carinho de uma família, é doloroso – ele diz despertando nela admiração.

— Sim. É um gesto bonito você querer ajudar. Digo, não são todas as pessoas que tem dinheiro que fazem isso pelos mais necessitados.

— É verdade – ele dá um sorriso fraco. Por mais que estivesse contente em ajudar, ele sabia que só o fez, para que ela estivesse com ele. E, naquela hora, ele se sentiu mal.

— Será que podemos pedir sobremesas? – ela ri.

— Claro – ele faz um gesto para o garçom. Assim que ele se aproxima, pede:

— Vou querer duas sobremesas. Para mim, uma porção de morangos regados em calda de chocolate.

Leila olha para ele chocada.

— O que foi?

— Morango com chocolate... São os meus preferidos – ela diz quase salivando.

— Duas sobremesas então – ele sorri para o garçom.

O garçom se afasta.

— Achei que não comesse essas coisas. Fazem mal para o coração, sabia? – ela ri.

— Quem foi o idiota que te disse isso? Provavelmente alguém que não aprecia os prazeres da vida – ele gargalha.

— É – ela fica sem graça.

Os pedidos chegam em taças de cristal.

Alexandre é o primeiro a provar.

— Hummmmm. Isso só não é melhor do que sexo – ele ri.

Leila fica chocada com o comentário.

— Acho que prefiro a sobremesa – ela ri.

— Sério? – ele a olha com um olhar inquisitivo.

— Claro que não – ela solta uma gargalhada.

— Ah bom. Já iria falar que prefere morangos com chocolate porque ainda não me provou – ele diz maliciosamente. — Sou tão bom quanto.

Ela engasga e pragueja por sentir seu rosto corar.

Alexandre estende a mão até seus lábios e com o polegar limpa um fio de chocolate.

— Está sujo.

Ela estremece com o toque delicado e fica observando-o levar o dedo até a boca e lambe o chocolate em seu dedo.

Ela o fita nos olhos tendo pensamentos maliciosos.

Ela morde os lábios e Alexandre observa cada movimento e o rubor em sua face. O desejo estava estampado em seu rosto.

Assim que acabam de comer, ele se levanta e se inclina atrás dela e sussurra em seu ouvido afastando seus cabelos de lado:

— Retiro o que eu disse... Eu daria tudo para te lambuzar de chocolate e comer os morangos lambendo cada pedacinho do seu corpo. Isso sim seria melhor do que sexo – diz e logo na sequência, dá uma leve chupada em seu pescoço seguida por uma mordida leve e sai em direção ao banheiro deixando-a toda arrepiada em sua cadeira.

Leila arfa e sente a temperatura de seu corpo subir. Só de imaginar as palavras pronunciadas eroticamente por seu chefe, ela fica excitada. Ela pressiona as coxas uma na outra para conter sua excitação que pulsa no meio de suas pernas. Ela se abana, como se isso fosse fazê-la se sentir melhor e se levanta. Caminha até o carro e aguarda Alexandre ali.

Minutos depois ele sai do restaurante e caminha em sua direção, sorridente.

— Vamos?

Ela apenas assente.

— Daremos uma passada rápida no orfanato.

— Sério? – ela se anima.

— Sim. Preciso fazer uma vistoria no local.

\*\*\*

Ao chegarem ao orfanato, são recepcionados por uma senhora. A cozinheira.

A pequena instalação deixa Alexandre horrorizado.

Por fora, o portão enferrujado, mostrava sinais do tempo. O muro todo pichado, dava um ar de casa abandonada. No corredor de entrada, matos floresciam em meio às pedras e areia jogada.

— Entrem, por favor – a senhora já cansada, indica o caminho.

Leila olha tudo com curiosidade e espanto.

Eles passam pela cozinha, onde há apenas um fogão, uma geladeira velha vermelha toda enferrujada e um armário com as portas caindo aos pedaços. Era tudo limpinho, mas não havia condições de manter os alimentos acondicionados apropriadamente.

Eles caminham por outro corredor e param em uma imensa sala com quatro mesas de madeiras e várias cadeiras pequenas.

— Essa é a sala do refeitório. As crianças fazem as refeições aqui.

Nas paredes, o mofo consumia boa parte da pintura.

— O lugar cheira a mofo – Leila diz tapando o nariz.

Alexandre apenas observa.

No outro cômodo, uma sala pequena com uma televisão de plasma e um sofá de dois e três lugares, rasgados. Não havia um som ou um DVD.

Eles caminham para os quartos onde as vozes das crianças começam a aparecer. Uma gritaria era contida por duas moças.

— Aqui são os quartos.

— Eles dormem desse jeito? – Leila pergunta horrorizada ao ver vários beliches num espaço tão pequeno. No chão, vários colchonetes jogados.

— Falta um pouco de organização aqui, não? – Alexandre repreende a senhora.

— Meu filho, somos três para dar conta de quase setenta crianças. Eu fico mais no berçário, pois não tenho mais idade para correr atrás desses pestinhas.

— Vocês têm bebês aqui? – Leila pergunta sentindo um aperto no coração.

— Sim, menina. Temos quatro bebês. Um deles, recém-chegado. A mãe morreu e o pai a abandonou aqui.

Leila se entristece ao lembrar o do filho que perdeu.

Alexandre finge não notar quando ela enxuga uma lágrima. Ele estava tão mexido quanto ela.

— Venha, vou levá-los para conhecer o berçário.

Os dois caminham ao lado da velhinha, calados.

Ao abrir a porta, Leila se comove ao ver seis bercinhos de madeira. Ela se aproxima e observa um bebê que dorme feito anjinho. O quarto não estava em condições precárias, mas não

havia ventilação. O que poderia causar uma série de doenças respiratórias ou até mesmo de pele nos pequenos bebês.

— Posso? – Leila diz apontando para uma menina com macacão cor de rosa.

— Claro – a velhinha diz sorridente. — Essa é a Belinha. Isabella. Um amor de criança.

Leila pega a pequena menina nos braços e sorri.

— Ela é tão linda.

Alexandre observa o gesto delicado de Leila. A cada minuto ao seu lado, ele descobria o quanto era fácil amá-la.

— Quanto tempo ela tem?

— Sete meses.

— E já tem fila de adoção para essas crianças?

— Algumas. Mas ela será difícil. Um casal estava quase para adotá-la. Desistiu quando soube que ela não enxergava de um olho.

Leila olha para a senhora atônita.

— Como assim?

— Essa é a menina que o pai abandonou após a mãe morrer. Ele não tinha condições de cuidar de uma criança deficiente.

— Que absurdo! – ela diz indignada alisando o rosto da pequena menina que dormia.

— Crianças negras, com alguma deficiência ou até mesmo quando passam muito da idade, são as últimas a serem escolhidas, se derem sorte – a velhinha comenta a realidade do orfanato.

Leila olha para Alexandre com um olhar de súplica. Ele entende perfeitamente o que seus olhos dizem. Ela coloca a bebê no berço e se afasta.

- Hummm... Você tem um banheiro que eu possa usar?
- Sim querida. No final do corredor após a segunda porta.
- Obrigada.

Leila dispara pelo corredor e se tranca no banheiro. Ela senta no vaso e chora. Emocionada com tudo que acabara de ver, ela se comove e não consegue conter o choro.

Depois de um longo tempo, ela joga uma água no rosto, mas seus olhos vermelhos a delatam.

- Você está bem? – Alexandre pergunta assim que ela sai.
- Ah, sim. Claro – ela força um sorriso.

Os dois se despedem da senhora e vão embora.

No carro, os dois se entreolham.

— Não consigo acreditar que existem pais que abandonam seus filhos dessa forma – ele suspira. — Eu sei que tem muitos que não têm condições. Mas no caso daquela menina, só porque nasceu com deficiência? É um absurdo.

Leila o olha e se sente exatamente da mesma forma.

Ele retira seu celular do bolso e faz uma ligação.

— Senhor Thomas, é o Keller... Mudanças de planos. O projeto está cancelado.

Leila o olha assustada.

— Não! Mas... – ela começa a falar, mas é cortada pela voz firme e imponente de Alexandre.

— A casa não tem condições de reforma. Eu tenho um terreno e doarei para que seja erguida uma instituição maior. Bancarei todos os custos da construção, móveis, o que precisar. Quero que



aquelas crianças tenham o máximo de conforto possível. Quero que a instituição pareça um lar para elas...

E, sem nem mesmo perceber, foi nesse exato momento, que ele conseguiu conquistar de vez a admiração de Leila e possivelmente seu coração.

Ela apenas sorria com os olhos cheios de lágrimas.

## Capítulo 19

No final da tarde, já na construtora, Alexandre estuda as possibilidades para começar a construção em um terreno que havia adquirido há algum tempo. É um terreno consideravelmente amplo e será perfeito para erguer uma instituição que atenda às necessidades das crianças.

As ideias borbulham em sua mente.

— O que podemos fazer? – Alexandre diz ainda absorto em suas ideias.

— Não sei cara. Essas coisas custam dinheiro. Tem certeza que irá bancar essa construção? Não estamos falando de pequenas reformas... isso é um projeto maior. Precisa ser pensado com calma – Thiago diz.

— Bom, sabe que eu estou empenhado no projeto dos mexicanos. Infelizmente, não vou poder montar o projeto – Léo diz isentando-se de responsabilidades.

— Eu só posso contar com vocês! – ele diz com o olhar de súplica.

— Foi mal cara. Nosso tempo está apertado e seu pai está no nosso pé. Um vacilo... e estamos na rua – Thiago diz com semblante sério.

— Está certo. Vou arrumar um meio de contratar um arquiteto para me ajudar no projeto. Nem que eu vare as noites fazendo essa

planta, mas quero que a instituição esteja pronta o mais rápido possível – ele diz todo seguro de si.

— Então, vou voltar ao trabalho – Leo diz levantando-se da cadeira e repousa sua xícara de café no descanso de copo.

— Também vou nessa – Thiago o segue.

Alexandre fica ali, sentado, remoendo seus pensamentos.

A única coisa em que conseguia pensar era naquelas crianças vivendo de forma precária. Então, se lembrou de que Leila estava no último ano da faculdade de Arquitetura. Ele sorri já se imaginando ao lado dela todas as noites, desenhando cada metro quadrado da construção. E, para ele, só bastava saber se ela aceitaria.

— Leila, pode vir até minha sala, por favor? – ele pergunta ao telefone, esperançoso.

Ao abrir a porta, Leila aparece com um sorriso no rosto.

— Sim, senhor Keller – ela diz a postos.

— Leila, você chegou a fazer estágio na faculdade?

— Sim. Ainda preciso cumprir algumas horas e entregar o projeto do TCC – ela diz franzindo o cenho. Mas... Por que essa conversa? – ela pensa.

Alexandre se levanta e caminha de um lado para outro da sala, deixando Leila apreensiva.

Ele a observa ainda inquieto e diz:

— Seu TCC será um projeto de qual proporção? Já pensou em algo?

— Não – ela ri. — Não tenho a mínima ideia.

— Acho que posso te ajudar.

— Me ajudar? Em quê?

Ela fica surpresa.

— Que tal se você me ajudar no projeto da instituição? Claro que isso levará um tempo, precisamos resolver uma série de coisas. O Leonardo está envolvido com a construção do Resort e o Thiago, você sabe, está ocupado com os projetos da empresa que estão atrasados.

Leila o observa.

— Quer que eu o ajude na construção do orfanato? Mas eu sou apenas uma...

— Uma futura Arquiteta, Leila. E esse projeto pode abrir grandes oportunidades para você – ele analisa sua reação.

Leila fica atônita. Não esperava por um pedido desses.

— O que me diz? – ele pergunta. — Mas antes... Antes que de qualquer resposta, preciso te dizer que teremos que trabalhar juntos e principalmente fora do escritório. Se você se sentir melhor, poderíamos trabalhar em sua casa.

— É... Humm – ela fica sem fala.

— Desembucha mulher. Está comigo nessa?

Leila tenta raciocinar tudo aquilo. Uma chance de mostrar seu trabalho, ter um projeto grande em conjunto com um dos melhores engenheiros do país, sem dúvida, era uma grande oportunidade.

Ela suga todo o ar para seus pulmões e diz alegre:

— Sim. Claro que sim! – exclama.

Alexandre sorri aliviado.

— Ótimo. Me fala quando podemos começar.

— Ah! Por mim, hoje mesmo – ela diz tentando conter a excitação.

— Hoje é sábado – ele ri. — Que tal... segunda?

— Ah... Mas que cabeça a minha – ela ri. — Claro. Segunda. Em minha casa.

— Certo! Vou dar uma saída e acho que não volto mais hoje. Vou dar uma passada no terreno para ver como está.

— Não seria melhor eu ir também? Digo, para ver como é o espaço, se o senhor não se importar... – ela espera ansiosa.

— É... Vamos então. Pega suas coisas que de lá, já te deixo em casa.

Leila sai da sala dele radiante. Ela desliga o computador, ajeita alguns papéis em sua mesa e pega sua bolsa.

Quando Alexandre aparece, ela diz:

— Estou pronta.

— Ótimo. Vamos.

\*\*\*

O Sol já estava se pondo, quando Alexandre e Leila resolveram voltar para casa. Como ele havia pensado, o terreno apenas precisava de uma boa limpeza. Alguns moradores em volta, haviam jogado lixos, resto de móveis quebrados, essas coisas que todos jogam quando veem um terreno baldio.

Há dois anos Alexandre não visitava o lugar.

A tarde agradável, rendeu boas risadas aos dois que ficaram por horas imaginando cada cômodo da construção. Leila conseguia

até se ver no dia da entrega das chaves e todas aquelas crianças, se divertindo no imenso parquinho que ela havia construído em sua mente.

Ela chega em casa exalando felicidade. Jamais pensara que poderia ter algo em comum com seu chefe maluco e perseguidor.

— Esse sorriso quer dizer alguma coisa? – Rosália pergunta enquanto enxuga o copo com o pano de prato.

— Muitas coisas – ela diz e seus olhos brilham. Apoia seu queixo na mão e o cotovelo na mesa.

— Vai me dizer que o doutor te pediu em noivado, casamento ou algo do tipo? – sua mãe zomba.

— Quem?

Rosália arqueia as sobrancelhas.

— Brandon – ela diz.

— Ah, tá!

— Tá no mundo da lua Leila?

— Não. A senhora que não está falando coisas coerentes – ela diz ainda distante.

— Hum. Tá – ela continua a enxugar sua louça.

A campainha toca.

— Pode atender a porta?

— Hum?

— Leila! A Porta! Parece que está em outro planeta, eu hein!

— Okay. Vou abrir – ela diz caminhando até a sala.

Ela gira a chave na fechadura e roda a maçaneta.

Em sua frente, Brandon abre um sorriso. Em suas mãos, um buquê de margaridas.

— Está linda! – diz ao vê-la num microvestido vermelho e saltos pretos. Seus cabelos soltos e sua maquiagem leve, a deixam ainda mais bela.

— Obrigada!

Eles se beijam.

— São para sua mãe.

— Ah! Ela adora flores! Me espere aqui. Só vou pegar minha bolsa.

Leila entra e se dirige até a cozinha.

— Olha o que ele trouxe pra senhora. Depois fica de marcação com ele. Viu como ele é gentil?

— Margaridas? – ela ri. — A gentileza dele quer dizer para que eu morra logo. Isso aqui é flor de defunto.

— Para com isso mãe! Credo. Como é difícil de te agradar, nossa!

— Só estou falando a verdade. Daqui uns dias, ele encomenda minha coroa de flores.

— Exagerada! Vou sair. Não volto tarde, mas não precisa me esperar. – ela a beija no rosto.

— Vá com Deus e tenha juízo!

— Certo – ela ri e sai.

\*\*\*

No carro, os dois conversam sobre o que fizeram o dia todo. Brandon passou a tarde estudando enquanto Leila, disse a ele sobre o orfanato.

— Ficaram a tarde toda visitando um orfanato?

— Sim! Foi tão triste, sabe... ver tantas crianças vivendo daquele modo. Sorte a delas que conseguiram um anjo feito ele para ajudar.

— Hum... Anjo? – ele desdenha.

— Havia quatro bebês, tão lindos! – ela sorri. — Eu adotaria todos eles se eu pudesse.

Os olhos de Leila brilham ao pensar na possibilidade.

— Teremos os nossos próprios filhos um dia. Não precisaremos adotar. Imagine-os com a sua cara. Se for uma menina, será linda como você – ele alisa seus cabelos.

— Nós estamos apenas namorando, Brandon – sua expressão muda e fica séria.

— Eu sei. Sei que também é cedo. Mas eu quero mais com você Leila. Não quero ser apenas seu namorado.

Ela força um sorriso.

— Bom, onde estamos indo?

— Jantar. Tem um restaurante em Pinheiros. Quero que você conheça. O melhor restaurante japonês da região.

Só de pensar em peixe cru e outras coisas exóticas, Leila se apavora.

— Acho melhor saímos para dançar um pouco. Não estou com fome – ela tenta disfarçar.

— Você tem que se alimentar. Não pode ficar sem comer.



— Eu ... Jantei quando saí de casa – ela dá de ombros.

— Hum. Não conheço lugares bons para dançar por aqui.

— Eu conheço um ótimo. Uma boate aqui perto.

— Boate? Não... Não é lugar pra você, minha linda.

— Eu já fui algumas vezes. Você vai gostar.

— Prefiro algo mais calmo – ele insiste deixando-a nervosa.

— Eu quero dançar. Faz isso por mim, vai. Você vai gostar do lugar – ela tenta convencê-lo.

Ele a olha, mas sem prestar muita atenção. Tem olhos atentos no trânsito.

— Tudo bem. Vamos para a tal boate, se isso te deixa feliz – ele diz a contragosto.

\*\*\*

Dez da noite.

A campainha toca.

Alexandre acorda.

— Quem será o infeliz – ele resmunga e sai da cama apenas de cueca para atender a porta. Depois do trabalho, ele simplesmente tomou um banho e capotou em sua cama imensa e macia.

Ele abre a porta e seus dois amigos irrompem em seu apartamento.

— O que fazem aqui? – Alexandre pergunta ainda sonolento.

O cheiro de colônia cara de seus amigos, o deixou enjoado.

— Não acredito que está dormindo a essa hora. O que deu em você? – Leo ri.

— Ah, estou cansado – diz fechando a porta.

— Vá se trocar. Vamos à boate hoje.

— Não. Não mesmo! – Alexandre os empurra para a porta. — Não quero sair hoje.

— Não, não, não... Você vai sair conosco sim – Thiago diz decidido.

— Vai lá e coloca sua melhor roupa. Vamos pegar umas minas.

— Não vou, sério. Preciso dormir. Estou pregado – ele se enfurece.

— Cara, isso é falta de colocar suas sementes pra fora – Léo ri.

— Não acredito que disse isso – Ale diz se dirigindo ao closet.

— Não vamos sair daqui até que se arrume e venha conosco – Léo se joga no sofá.

— Tá. Me deem alguns minutos. Vou me arrumar.

— Aeee! – Leo e Thiago gritam em uníssono arrancando risadas de Alexandre.

— Palhaços – ele ri.

Sem muito entusiasmo, Alexandre escolhe uma camisa preta e um jeans claro. Perfuma-se, coloca um sapato, seu relógio de pulso e quando termina, pega sua carteira em cima do aparador e coloca no bolso junto com seu celular.

— Estou pronto. Vamos – diz ao entrar na sala.

\*\*\*

A boate está lotada, como todos os sábados. A noite é uma diversão e vinha bem acompanhada de três belíssimas mulheres dançando no palco sensualmente.

Brandon olha tudo espantado. Aquele não era o tipo de lugar que costumava frequentar. Aliás, poucas vezes, entrou em uma boate. Seu descontentamento era visível. Parecia entediado e exasperado com o rumo que sua noite tomaria.

Leila caminha com dificuldade pelas pessoas na pista, dançando loucamente. O barulho do som alto perturba Brandon. Ele fica imaginando se alguém já havia inspecionado o local e medido o valor dos decibéis, pois mais alguns segundos ali, ele acredita que terá um grande caso de surdez temporária.

— Vamos, anime-se! – ela grita tentando sobrepujar o som alto e as vozes que cantam com fervor.

— Estou animado – ele retruca.

Eles seguem até o bar.

— Uísque, por favor – ela pede ao barman.

— Isso é muito forte pra você – ele a repreende.

Ela o olha sem paciência.

— Brandon, isso é uma boate. Estamos aqui pra beber e nos divertir, meu amor – ela dá um selinho em sua boca.

— Um suco de laranja pra mim – ele pede conseguindo chamar a atenção de todos a sua volta.

— Não vendem sucos aqui, Brandon – ela ri baixinho.

— Não posso beber. Eu vou dirigir.

— Tá. Eu sei.

— Vou beber o quê? – ele pergunta de forma grosseira.

— Cerveja sem álcool – uma voz rouca os assunta. — Mas, já adianto, tem gosto de mijo de gato – Leo gargalha tomando uma cotovelada de Alexandre.

Brandon olha para os três e inspira.

— Se divertindo na noite de São Paulo? – Alexandre pergunta a eles.

— Bem por aí – Brandon responde.

— Oi – ele a olha.

— Oi.

Leila deixa transparecer sua felicidade ao vê-lo ali e desperta ciúmes em Brandon.

— Você não queria dançar? Vamos? – ele diz pegando nas mãos dela e assente para os três deixando-os para trás.

Alexandre os observa partir e se dirigirem para a pista de dança.

— Será que rola aquela paradinha de tirar a roupa hoje? – Leo alfineta.

— Vai cagar. No mínimo ele nem sabe o que ela fez.

— Só ele que não sabe, né? No *youtube*, pelo menos setenta mil pessoas já viram.

Alexandre olha para ele sério.

— Tá legal. Não abro mais minha boca – ele dá um gole em sua cerveja.

Na bancada, Alexandre pega o uísque que Leila esqueceu.

Alguns minutos depois, ele é surpreendido por Rita, uma mulher que saiu algumas vezes e antiga amiga de Fernanda.

— Estou vendo que a noite será ótima – ela sorri e senta ao seu lado no bar. Cruza as pernas lentamente, deixando boa parte da renda de sua meia calça a amostra.

— Rita? – se surpreende.

— Quanto tempo não nos vemos – a bela mulher loira, de aparência sofisticada, trajando um microvestido de paetês preto, sorri. Seus lábios vermelhos e carnudos, a disposição. Ela o beija no canto da boca para provocá-lo.

— Verdade – ele se afasta incomodado com a proximidade.

Seus olhos fixos em Leila, dançando nos braços de Brandon, o tira de órbita.

— Vamos pra pista – seus amigos dizem.

— Nós iremos também – ela diz.

Alexandre termina seu uísque e os acompanha.

Na pista de dança, Rita enlaça seus braços ao redor do pescoço de Alexandre e Leila os olha.

— Nunca mais me ligou. Senti sua falta – ela sussurra em seu ouvido.

— Ando sem tempo. Sabe como é.

— Sei – ela sorri.

Leo e Thiago dançam em torno de duas morenas.

— Seus amigos ainda continuam os mesmos – ela ri.

A música agitada faz todos dançarem num ritmo mais animado.

Leila está a poucos metros, apenas observando a mulher que fala ao ouvido de Alexandre. Os dois sorridentes, a incomoda. Ela sabia reconhecer uma mulher vulgar de longe.

— O que foi? – Brandon olha na mesma direção que ela e percebe seus olhares direcionados ao casal.

— Nada. Estou com sede, pode buscar uma bebida?

— Claro. Já volto – ele diz e se dirige ao bar caminhando com dificuldade pelas pessoas que dançavam. Alguns empurrões o fazem praguejar.

Leila, aos poucos, chega perto deles.

Ela dança em volta de algumas pessoas despertando o olhar de Alexandre. Ele mantém os olhos fixos em seu corpo. Seu microvestido vermelho, balança com o modo de seu rebolado.

Assim que vê Sophia e Melinda se aproximarem, ele cria coragem e vai até elas, deixando Rita sozinha.

— Ora, ora! Vocês aqui de novo – Alexandre sorri.

— Chefinho! – Sophia ri.

Rita se aproxima deles e abraça Alexandre por trás.

— Não vai me apresentar suas amigas? – ela diz medindo Leila de cima a baixo.

— Rita, essas são: Leila, Sophia e Melinda – ele diz apontando a cada uma delas.

Rita sorri forçadamente.

— Essa é Rita, uma...

— Estamos juntos – a moça diz e Alexandre não sabe o que dizer.

— Juntos? Achei que nosso chefinho não namorava – Sophia ri e ganha um olhar furioso de seu chefe.

— Rita e eu somos apenas amigos – ele enfim, diz.

— Amigos com benefícios. Vocês sabem – a moça diz olhando diretamente para Leila.

Todos se entreolham e o clima fica estranho.

— Querido, vou pegar uma bebida, quer alguma coisa? – Rita diz dando um selinho nele.

— Não – ele diz seco.

A moça sai em direção ao bar despertando a raiva de Leila.

— Não gostei dela. Que mulherzinha intragável – ela diz entredentes.

Leila a observa atenta até vê-la debruçada no balcão do bar, ao lado de Brandon, que aguarda pelas bebidas.

Ela fica ávida de ódio quando a mulher sorri para seu namorado e o toca nos ombros.

— Se puder falar para sua namorada não encostar no meu, eu agradeço – ela diz e Alexandre ri.

— Ela não é minha namorada.

— Olha lá – ela aponta. — Ela está flertando descaradamente com ele.

— Onde? – Melinda ri.

— Vaca! – Sophia exclama horrorizada.

— Mas ele tá dando trela – Alexandre dá de ombros.

— Ela está praticamente se jogando nele – Leila se enfurece.

Alexandre ri.

Pouco tempo depois, os dois voltam.

Brandon visivelmente incomodado, com as investidas de Rita.

— Sua bebida – ele estende o copo para Leila.

Ela pega de suas mãos irritada.

Rita entrega um copo de uísque para Alexandre e bebe o seu devagar.

— E aí! – Leo se aproxima. — Cara, isso está demais. Está lotado.

— Minha linda, que tal se formos embora? Estou cansado.

— Cansado do que, cara?... Relaxa aí. Acabaram de chegar – Leo encara Brandon.

— Vamos ficar só mais um pouco? Por favor – Leila implora.

— Minha linda, não acho que aqui seja ambiente pra você. Muita agitação e havia umas pessoas usando drogas ali atrás – ele aponta para um grupo de pessoas.

— Brandon... não estamos usando drogas.

— Mas não é o tipo de lugar que gosto de frequentar – ele emburra.

— A cara, fala sério – Thiago ri.

Todos relaxam e continuam a dançar.

Melinda sai à procura do namorado e Sophia a acompanha.

Alexandre tenta se afastar das mãos de Rita e Leila tenta conter o incomodo que está sentindo ao vê-lo com outra.

— O que foi? Está tenso – Rita diz abraçando Alexandre tentando chegar até sua boca para beijá-lo.

— Impressão sua. Quer parar de ficar me tocando?

— Ah gato... Faz tanto tempo... Por que não vamos para um lugar mais sossegado?

— Porque não estou afim.



— Mesmo? – a mulher passa a língua em seus lábios. Ela se enlaça em seu pescoço e não o larga.

Leila olha para mulher com raiva.

— Posso saber por que está inquieta? – Brandon resmunga.

— Não estou – ela o abraça.

Brandon repousa suas mãos em sua cintura e a beija. Ela faz questão de apimentar o beijo.

Leila passa a língua nos lábios dele de forma erótica e desce uma das mãos dele para sua bunda. Brandon automaticamente a retira, mas o gesto não passou despercebido por Alexandre que inflava suas narinas de ódio. O ciúme queimava em seu peito e a única coisa que conseguia pensar era em arrastá-la dali e reivindicá-la para ele.

— Leila! Estamos em local público – Brandon soa constrangido.

Ela fica envergonhada por sua atitude.

— Já entendi... Precisa disfarçar um pouco querido. O namorado dela pode perceber – Rita diz.

— Não sei do que está falando. Aliás... Pode me dar licença? – ele diz e sai em direção ao bar.

— Minha linda, vou procurar um banheiro e já volto – ele diz.

— Tá.

Sozinha, ela procura com os olhos por Sophia.

Rita ao seu lado, dispara:

— Vocês sabem enganar bem.

— Como?

— Vocês dois. Há quanto tempo está transando com ele?

Leila fica chocada e enrubesce.

— Não sei se entendi.

— Ah entendeu sim. Não se faça de santa. Não combina com você.

— Escuta aqui sua magricela... – Leila eleva a voz, mas é cortada por ela.

— Só espero que saiba que você não é especial, querida. Nem você e nem nenhuma das outras vagabundas com quem ele sai. Portanto, não se iluda – Rita destila seu veneno.

— Era só o que me faltava. Vá se catar sua piranha! Está na cara que ele não te quer e você aí se esfregando nele igual a uma cadela sarnenta – diz.

Rita dá um sorrisinho irônico e sai.

— Vaca!

Leila se irrita e vai atrás de Alexandre.

Ela o encontra perto da porta da saída de emergência, bebendo.

— Fala para a sua namoradinha, aquela vaca, se me dirigir à palavra mais uma vez, quebrarei todos os dentes dela – ela grita.

— Wow! Que bicho te mordeu? – ele ri.

— O que disse a ela?

— Disse o quê? Do que está falando?

— Não se faça de sonso! Ela me chamou de uma de suas vagabundas. Acha que estamos transando. Disse isso a ela?

— Ela é louca. Não de ouvidos.

— Ela não tem nada de louca. É uma vadia isso sim. Fica me comparando a ela que se dá ao desfrute e fica se esfregando em

você – ela se irrita.

— Como você no seu namorado. Por que tá tão irritada?

— Eu não estava me esfregando. E se estivesse, não é da sua conta.

— O que foi? O que eu te fiz? Tá frustrada? Pra mim isso é falta! – Alexandre se enfurece.

Leila ri com ironia.

— Falta? Falta do quê?

— De uma boa trepada. Seu namorado não deve estar dando conta ou então está de TPM – ele diz despertando ainda mais sua fúria.

— Isso não é da sua conta. E se quer saber? – ela sorri maliciosamente. — Brandon é muito homem. Do tipo que te deixa ofegante quando termina sabe... Que te faz ver estrelas e tudo. Estava até pensando aqui... Sua sugestão de morango com chocolate hoje na hora do almoço... acho que faremos isso mais tarde. Vou adorar sentir a língua dele por todo o meu corpo. – ela diz só para provocá-lo.

Alexandre ao imaginar, perde o controle. A visão de Brandon com ela na cama partilhando de momentos íntimos, deixa ele possesso.

Assim que ela se vira para sair, ele a puxa pelos braços com força. Abre a porta de saída de emergência e a arrasta pelo corredor escuro.

— Me solta idiota – ela rosna.

Alexandre continua a arrastá-la até que vê um pequeno hall escuro.

Ele a coloca contra a parede fria e a bloqueia com seu corpo.

— Vou te mostrar que esse babaca não é nem a metade do homem que eu sou – ele rosna e captura sua boca com vontade.

Leila não protesta.

O beijo se intensifica.

O calor entre os dois aumenta.

As respirações ficam cada vez mais pesadas.

Alexandre segura firmemente seus pulsos contra a parede para não dar chances a ela de se soltar, mesmo ela não fazendo sequer um movimento.

Suas línguas enroscadas uma na outra, o beijo quente e possessivo dos dois, os leva a loucura.

Leila arfa e levanta sua perna direita enlaçando-a no quadril dele.

Alexandre solta suas mãos e agarra sua coxa.

Ele pressiona sua ereção em sua barriga e ela geme. O som de seu gemido é abafado pelos beijos desesperados de Alexandre.

Ele poderia ficar ali, a noite toda, beijando-a, e não acharia o suficiente.

Ele se afasta apenas para poder recuperar o fôlego. Nos olhos dela, ele vê o desejo que sente por ele. Ela estava tão afetada quanto ele.

Agora, com o fôlego recuperado, ele a olha mais atento. O rubor em seu rosto molhado do suor, seus cabelos grudados no pescoço, seu peito subindo e descendo, ofegante... Tudo aquilo, era sexy para ele.

Ele só conseguia imaginar, o momento em que estaria dentro dela, arrancando todos os seus gemidos e fazendo-a gozar como louca.

Seu instinto primitivo volta e ele a ataca com a mesma fúria.

Ele não é gentil. Nem tampouco romântico. Ele queria devorá-la ali mesmo. Como um animal selvagem.

Leila vai às nuvens com sua selvageria.

Ela conseguia sentir sua calcinha molhada.

Alexandre beija cada centímetro de seu pescoço com vontade. Morde sua orelha e a chupa de forma sensual, deixando-a excitada.

Ela se contorce em seus braços.

Sua mão agarra um de seus seios e com movimento rápido, ele o puxa para fora de seu sutiã e o abocanha.

Ela geme deixando-o ainda mais duro.

Ele morde com força seus mamilos e os chupa.

A sensação de dor e prazer, quase a faz gozar. Ela o agarra pelos cabelos e geme. Sua outra mão, vai direto para o meio de suas pernas.

Leila dá um gemido sofrido assim que a mão dele a toca por cima da calcinha. Ela morde os lábios para conter a excitação. Ele massageia seu ponto sensível mesmo por cima do pequeno tecido. Sua boca, agora, dava atenção para o outro seio.

Ele afasta sua calcinha de lado e descaradamente, ela se abre para ele.

Ela geme mais alto assim que os dedos dele a penetram.

Para não serem ouvidos, ele coloca sua boca sobre a dela para conter seus gemidos insanos e a beija calorosamente enquanto seus dedos trabalham em sua boceta quente e molhada.

Ela quase chega ao êxtase assim que ele dá dois tapinhas em sua boceta.

Leila ardia em chamas. Não aguentaria por mais tempo a aquela tortura deliciosa.

— Ahhhh! – ela geme.

Quando ela está quase vindo, ele retira seus dedos de sua boceta e leva as mãos até sua calcinha, e num movimento brusco, ele a rasga.

O barulho do tecido se rasgando e a excitação que isso causou nela, a fez gozar.

Jamais Leila pensou que poderia gozar dessa forma algum dia. Depois de anos sem ser tocada por nenhum homem, apenas se masturbando com seu vibrador, sentir Alexandre tão próximo, era enlouquecedor demais para ela.

Ele se afasta o suficiente para vê-la se contorcer de prazer.

Ela olha nas mãos dele sua pequena calcinha vermelha e fica espantada.

— Você rasgou minha calcinha! – diz com a voz entrecortada.

— Sim – ele sorri e ajeita sua enorme ereção em suas calças.

Ao vê-lo colocá-la no bolso da calça, ela cai em si.

— O que está fazendo? Devolva minha calcinha – ela se irrita.

— Tá rasgada. Não creio que fará muita diferença – ele a olha e sorri com sua expressão confusa a sua frente.

— Isso não tem graça Alexandre! Não posso sair daqui sem ela – ela se apavora.

Ele se aproxima.

— Pode sim. E vai. Isso é um lembrete pra você não me desafiar mais. E, a cada passo que der até chegar em sua casa, vai lembrar que estive aí, que meus dedos estiveram dentro de você e

de como fiz você gemer gostoso, fodendo com meus dedos essa sua bocetinha gostosa – ele sussurra em seu ouvido.

Ela o empurra, afetada por suas palavras.

— Não tem graça. Devolva-me! – ela diz sem conseguir dar um passo.

— Quer sua calcinha de volta? – diz tirando o pequeno pedaço vermelho rasgado de seu bolso.

Ela o observa.

— Terá que buscar – ele sorri maliciosamente.

Ela dá um passo em sua direção.

— Ô, ô, ô... não... aqui não! Se quer ela de volta, terá que ir buscá-la... na minha cama – ele diz deixando-a perplexa.

Sua expressão horrorizada o faz sorrir.

— Nem morta – ela rosna.

— Hummm. Então tá. Boa noite pra você. Espero que seu namoradinho te mostre mais constelações do que eu a fiz ver hoje – ele ri e sai deixando-a ali, frustrada, excitada e com raiva.

— Maldito!

Alexandre volta para a pista de dança e sorri por ter conseguido afetar Leila. Ela não era indiferente a ele. Agora ele sabia. Sua raiva estampada quando falou de Rita e a comparação que fez de Brandon, só mostrou o quanto estava enciumada.

E ele gostou disso.

Agora, ele daria a ela o que pensar a noite toda. E ele duvidava de que Brandon estaria incluso em seus pensamentos noturnos.

## Capítulo 20

De volta para a pista de dança, Alexandre sorri triunfante. Apesar de ainda estar de pau duro e morrendo de vontade de arrastá-la para sua casa, ele ri.

Por quanto tempo ela resistiria a ele?

Do jeito que se abriu e consentiu sua investida, ele tinha certeza de que havia despertado o desejo e a vontade nela. Ele é paciente. E, consegue esperar o tempo que for para que ela se entregue de corpo e alma para ele.

No seu bolso da calça, a calcinha vermelha rasgada, mexia com seus sentidos. Ele leva a mão ao bolso e a retira levando-a até seu rosto. O cheiro dela o embriaga.

— Que merda é essa? – Leonardo estranha o gesto do amigo.

Alexandre se assusta e coloca a calcinha de volta no bolso.

— Isso é uma calcinha? Quero ver – ele ri tentando agarrar o pano no seu bolso traseiro.

— Vá se foder! – Alexandre se irrita.

— Hummm... – ele ri. — Quem foi a vítima?

— Vítima? Que vítima? Quem morreu? – Thiago se aproxima confuso. — Cara vou te contar, aquele Brandon é um porre. Que cara chato – diz bebericando sua cerveja.



— Tenho que concordar. Ele estava atrás da Leila desesperado. Você a viu por aí? - Léo vasculha ao redor procurando por ela.

— Não – ele mente.

— Ele parecia inquieto e meio desconfiado. Perguntou várias vezes por vocês dois – Léo grita em meio à música alta.

— Onde você estava? – Thiago o interroga.

— Em algum lugar que tinha mulher. Peguei ele cheirando uma calcinha – Léo gargalha.

— Não me diga que... – Thiago fica atônito.

— Meu, não enche, tá legal? – Alexandre diz entredentes.

Segundos depois, Leila aparece com sua face corada.

Brandon ao vê-la, vai ao seu encontro e a beija.

— Esse cara é um mané – Alexandre fica enciumado.

— Bota mané nisso. Acredita que enquanto você sumiu, o Thiago acendeu um cigarro e cara, esse maluco quase enfartou. Começou a descer a tabela periódica para nós. Já sabemos de todas as doenças que o cigarro causa, inclusive, problemas do coração. Affe! É muito mala – Léo gargalha.

— O cara nem deve transar com ela. Olha lá... Ela vai pra cima dele e ele se afasta – Thiago ri.

— O cara é estranho. Quem pede suco de laranja em boate? – Leo observa Brandon irritado com Leila.

— Estranho? – Thiago ri.

— Eles estão indo embora – Alexandre olha os dois que discutem baixinho.

— Demos uma lição nele. Ele é muito certinho e começou a dizer um monte de besteira aqui enquanto você não estava. Acho

que ele te odeia – Leo diz a Alexandre.

— Quero que ele vá à merda.

— Você está com ciúmes do cara.

— Você não tem o que fazer Léo?

— Tenho.

— Então me deixe – ele diz irritado olhando para Leila.

— Quero ver como o doutor certinho vai fazer para ir embora – Léo ri e Thiago mostra a Alexandre, a carteira de Brandon que conseguiu retirar do bolso dele sem que percebesse.

— Que porra é essa? – ele fica paralisado.

— A carteira do almofadinha. Eu e o Léo fizemos uma aposta. Ele vai voltar de táxi, mas não vai dirigir sem os documentos.

— Porra Thiago! Vocês são loucos? Devolva isso a ele.

— Não devolvo não.

— Relaxa Alexandre. É só uma brincadeira.

— Que merda de brincadeira porra! Vocês roubaram a carteira do cara. São malucos? Me dê aqui essa merda – ele rosna e tenta puxar a carteira das mãos do amigo.

— Não! Deixa o cara se virar. Amanhã eu devolvo.

— Sua anta. Você roubou a carteira do cara. Como quer que ele pague um táxi?

— O que foi? Tá com peninha do babaca só porque ele vai voltar a pé? – Leo franze o cenho e o deixa mais irritado.

— Não seu mané. To pouco me lixando pra ele. Mas a Leila está junto, se esqueceu?

— Ahhh! Relaxa. Ela já está acostumada a andar de ônibus.

— O problema não é esse, Léo – Thiago ri. — Ele tá furioso porque eu aposto que a tal calcinha é dela. Se ela voltar de ônibus, uma boa parte dos homens podem vê-la como veio ao mundo.

Os dois riem deixando Alexandre ávido de ódio.

Ele olha em direção onde Leila estava e não a vê. Certamente, haviam ido embora.

— Vocês passaram do limite – Alexandre diz furioso e sai.

Do lado de fora, Brandon se irrita.

— Não vamos voltar de carro Leila. Posso passar por uma batida policial. O que vou dizer se me pedirem minha habilitação e os documentos do carro?

— Que foi assaltado – ela diz exasperada.

— Não é assim que funciona. Vou preso e o carro para o pátio.

— Brandon, você já tentou ligar para o seu amigo várias vezes. Está tarde e é perigoso ficarmos aqui.

— E o que você sugere?

— Vamos voltar de metrô.

— Sem chance. Não ando nessa coisa.

— Por quê?

— Porque eu vim de carro, Leila.

— Você perdeu a carteira. Não dirige sem os documentos e não quer voltar de metrô. Me explica então como vamos para casa? – ela se irrita.

— Nada disso teria acontecido se tivéssemos ido ao restaurante.

— Nada mesmo. Não teria nem me divertido – ela cruza os braços.

— Chama isso de diversão? Entrar num lugar que não tem segurança nenhuma. Essa gente toda maluca, bebendo e fumando na sua cara.

— Não vou ficar aqui discutindo com você.

— Aonde vai? – pergunta ao vê-la se afastar.

— Voltar pra casa... de metrô. Tenho alguns bilhetes aqui na minha bolsinha.

— Não vou deixar você ir sozinha.

— Então Brandon, para de frescura e vamos pra casa. Amanhã resolvemos o problema do carro e da sua carteira.

— Tudo bem.

Leila está mais irritada do que o normal. A cada passo, ela lembra das palavras de Alexandre e de seus dedos dentro dela. A falta da calcinha, a deixa ainda mais excitada.

Os dois caminham pelas ruas escuras até a estação mais próxima, calados.

— Você pode dormir em casa. Amanhã resolvemos tudo. O que acha?

— Não sei se é correto.

— Vai dormir em casa e pronto. Não vou deixar você sair sozinho por aí. Do jeito que é vai querer ir a pé pra casa – ela ri.

— Tudo bem. Eu durmo.

\*\*\*

Uma hora depois, eles chegam.

— Entre. Vou ver se minha mãe está acordada e já volto – ela diz deixando-o na sala.

Brandon se senta no sofá um pouco constrangido e ainda furioso pelo ocorrido.

Depois de algum tempo, Leila volta.

— Venha.

Brandon se levanta e caminha tentando não fazer barulho.

— Aonde vamos? – ele pergunta no corredor.

— Para o meu quarto – ela sussurra.

Assim que eles entram, ela tranca a porta. Vou tomar um banho rápido e já volto. Fique à vontade.

Brandon assente.

Leila pega seu robe e entra no banheiro.

Brandon olha para a pequena penteadeira. Vários perfumes, cremes e maquiagens. Ele observa os quadros em cima da estante de livros. Fotos de Leila quando era criança ao lado de seus pais, amigos de infância e colegas de faculdade. Ele pega o porta retrato e desliza os dedos na imagem da menina doce, de *maria chiquinha*, no colo de um homem que ele presume ser seu pai.

O quarto dela era totalmente feminino. As paredes pintadas de rosa claro, o closet branco, uma enorme cama *king size* e no chão, um tapete creme felpudo.

Várias prateleiras com muitos livros e *souvenirs*. No ar, o cheiro dela era notável.

Leila termina o banho e entra no quarto com uma toalha na cabeça e vestida com o robe branco.

Ela seca os cabelos enquanto observa Brandon folhear seu exemplar de Persuasão – Jane Austen.

Ela deposita a toalha no encosto da cadeira e se aproxima dele. Seus pensamentos, não são nada bons.

Vendo-o ali, em seu quarto, só para ela, faz seu sangue voltar a ferver. O desejo por mais, em ser tocada e possuída, ainda está lá.

Alexandre acendeu nela o fogo do desejo e ela teria que arranjar um meio de apagá-lo.

Ela abraça Brandon por trás e beija sua nuca suavemente.

— Está tenso meu amor. Não se preocupe, amanhã daremos um jeito de encontrar sua carteira.

Ele vira para ela e a beija.

— Você é linda, sabia?

As mãos dele acariciam seus cabelos molhados e ela enlaça seus braços envolta de seu pescoço.

Seu beijo lento e suave, não é nada comparado ao beijo quente e desesperado de Alexandre. Era visível a diferença entre os dois. Enquanto Alexandre mostrava possessividade e desejo, Brandon mostrava romantismo.

Ele a beija devagar como se quisesse saborear seu gosto.

Leila já não consegue suportar o desejo que arde dentro dela. Ela puxa o laço de seu robe abrindo-o e revelando seu corpo. Estava apenas com uma calcinha branca minúscula.

Ela se afasta apenas alguns centímetros para que ele pudesse apreciá-la e retirar eroticamente seu robe.

Ela morde os lábios, excitada com o desejo estampado no rosto dele.

Leila deita sobre o colchão e o puxa contra ela.

Ela não estava pensando em mais nada a não ser em tê-lo dentro dela.

Ele sorri e a beija levando sua mão em um de seus seios. Quando ele se afasta, encara seus seios médios e arredondados.

Com delicadeza, ele alisa seus mamilos rijos e sussurra:

— Seus seios são lindos.

Ela sorri e observa quando ele se aproxima e passa a ponta da língua neles demoradamente.

Ela geme.

Brandon distribui beijos por eles e sobe para seu pescoço.

— Não... Não... Continue – ela sussurra inquieta.

Ele não a ouve e segue beijando seu pescoço.

Leila arqueia os quadris para senti-lo. Com tantas roupas entre eles, era quase impossível.

Ela se irrita, retira a camisa dele e a joga longe.

Suas mãos percorrem por todo seu peito musculoso e param em seu abdômen. O seu nível de excitação era enorme.

Brandon se desfaz de sua calça revelando sua ereção através de sua cueca cinza.

Leila lambe os lábios com a visão.

Ele deita sobre ela deslizando sua mão por todo seu corpo, apalpando-a delicadamente. Sem quebrar a conexão com seus olhos, ele se afasta, fica de joelhos em sua frente e a pega pelo tornozelo levantando seu pé esquerdo. Ele massageia seus pés e o leva a boca beijando cada dedo de forma delicada. Depois, faz a mesma coisa com o outro. Ele separa suas pernas com as mãos e

abraça suas coxas, seu rosto, bem próximo a sua calcinha. Ele a beija por cima do tecido e ela geme. Suas mãos sobem para seus seios e os aperta. Ele está excitado, mas ela já havia passado desse nível há muito tempo. Mas um pouco, e gozaria sem nem mesmo ser penetrada.

Ele sobe até ela e a beija. Um beijo lento e apaixonado. Pressiona sua ereção contra ela, que delira. Agarra sua bunda e pressiona a ereção contra seu sexo.

— Ahhh, Brandon – ela sussurra baixinho, gemendo.

— Eu te amo, minha linda – ele diz carinhosamente.

— Eu quero que você me toque, por favor – ela implora.

Brandon sorri.

— Como quer que eu te toque, minha linda? O que quer? Eu faço o que você quiser – ele sussurra em seu ouvido.

Em seus pensamentos, as palavras “Me foda com força, me coloque de quatro, puxe meus cabelos, me jogue contra a parede e chupe minha boceta, gritavam”. Mas ela não sabia qual seria a reação dele se ela fosse tão ousada, então apenas reforçou:

— Apenas me toque...

— Leila... não tenho preservativos aqui comigo. Ficaram na carteira – Brandon diz.

— Eu tomo remédio.

— Mesmo assim, não é seguro.

Leila se irrita e abre a pequena gaveta do criado mudo. Ela passa a mão e encontra os envelopes.

— Aqui. É só escolher – diz mostrando a cartela colorida.

Ele a beija e desce sua mão até sua calcinha apertando sua boceta sobre o tecido.



Antes que ele pudesse terminar e tocá-la como havia pedido, uma voz o assusta:

— Leila, não se esqueça de colocar o despertador pra tocar. Amanhã é dia de feira – sua mãe grita do outro lado da porta.

Leila pragueja quando Brandon se afasta.

— Okay, mãe! – ela responde.

Ele fica envergonhado.

— Ela não estava dormindo?

— Achei que estava – ela ri. — Vem, continue – ela tenta puxá-lo de volta.

— Não. Sua mãe está acordada. Acho melhor eu ir dormir na sala. Meu Deus que vergonha. O que ela vai pensar? Que estou desrespeitando sua casa – ele diz constrangido e envergonhado.

— Não vai achar nada meu amor. Agora volte aqui vai – ela diz enquanto ele se veste depressa.

— Pode pegar apenas um lençol e um travesseiro? Eu durmo no sofá mesmo – ele diz sem olhá-la.

— Não acredito – ela bufa. — Vai me deixar aqui? Assim? – ela se desespera.

Ele a olha.

Se aproxima da cama e a beija.

— Continuamos amanhã em outro lugar, Leila. Não é certo fazermos isso aqui. Eu deveria ter me segurado. Agora vamos dormir porque já está tarde – ele diz.

Leila simplesmente não acredita.

Se levanta emburrada, pega o lençol e o travesseiro e coloca em seus braços.

— Aqui.

— Boa noite – ele diz e sai.

Ela fecha a porta e pragueja.

“Merda! Merda! Merda!”

— Foi praga sua não é, Alexandre? Droga! Droga! – ela vocifera. — Arghhhh! Ódio!

Ela senta na cama, frustrada.

Na penteadeira, ela vê seu pequeno vibrador prateado em forma de batom. Um velho amigo que a acompanhava nas horas difíceis.

— Não acredito que vou acabar desse jeito outra vez – ela choraminga. — Eu me recuso!

Ela caminha de um lado para o outro. O desejo pulsando em cada célula de seu corpo. A ideia de correr para a casa de Alexandre não lhe pareceu absurda, se ela ao menos soubesse onde morava.

Ela se dirige até a penteadeira, e pega o vibrador.

— Essa é a última vez que você será usado meu amigo. Eu juro! – ela choraminga irritada.

Ela apaga a luz e acende o abajur ao lado de sua cama. Retira a calcinha e começa a se masturbar. Ao fechar os olhos, a única imagem que consegue ver é a de Alexandre. Então, toda a cena na boate vem a sua mente. Ela ainda podia sentir os dedos dele entrando e saindo de seu sexo, sua boca em seus seios, sua pegada forte e selvagem. Então, sem nenhum pudor, ela se liberta sussurrando baixinho:

— Ahhhh, você me paga chefinho!

Ela vai até o banheiro e joga o vibrador no lixo.

Nunca mais ela usaria aquilo de novo.

Nunca mais.

\*\*\*

A claridade entra pela janela da sala, despertando Brandon. Ele acorda, dobra o lençol, pega o travesseiro e deixa sobre o pequeno sofá. Rosália aparece e o observa olhando pela janela.

— Já acordado? – ela se espanta.

Brandon assente.

— É o costume de acordar cedo – ele sorri. — Bom dia.

— Estou saindo para ir à feira. Acordar a Leila é uma missão terrível. Não sei quantos despertadores já perdemos só com seu mau humor. O último, ela jogou contra a parede. De manhã, ela costuma ser bem difícil de se conviver – Brandon ri.

— Não parece. Ela é tão doce.

— Doce? Meu filho... Tente contrariá-la para ver. Depois você me conta.

— Bom, posso ajudá-la? Se a senhora não se importar, claro.

— Imagine – ela ri. — É até bom ter braços fortes para me ajudar a carregar as sacolas.

— Então, me dê só um minuto. Só vou usar o banheiro.

Quando Brandon termina de fazer sua higiene matinal, ele sai com Rosália a caminho da feira.

No caminho, eles conversam sobre várias coisas. Rosália curiosa tenta descobrir ao máximo, informações sobre os pais dele, seu trabalho e sobre os planos que incluem sua filha.

Apesar de toda gentileza e educação dele, ela ainda não sente firmeza no relacionamento dos dois. Ela não acredita que com toda distância entre eles, sua filha será feliz. Principalmente, com alguém totalmente o oposto.

Ela o olha esquisito assim que o vê na barraca de legumes, mas não diz nada.

Ao voltarem para casa, ele faz questão de carregar todas as sacolas.

— Pode deixar tudo na mesa que vou guardar.

— A senhora se importa se eu for preparando o café da manhã? A Leila vai acordar com fome. Não quis comer nada ontem à noite – ele diz preocupado.

Rosália apenas assente.

Ela observa Brandon pegar o liquidificador e algumas beterrabas que comprou na feira.

— O que vai fazer com isso?

— Ah! Um suco.

— Não toma café? Digo, café preto, pão... Essas coisas? – ela pergunta curiosa.

— Pão? Não – ele sorri. — De manhã apenas tomo suco de beterraba e como algumas frutas. Minha alimentação é bastante regrada.

— Humm. Fique à vontade então. Vou fazer outras coisas – ela diz e sai.

Rosália vai até o quarto de Leila.

— Leila! Leila acorde!

— Hummm. O que foi?

— O que foi? Seu namorado invadiu minha cozinha e está lá, preparando o café da manhã – ela diz puxando o cobertor de Leila.  
— Sabe que detesto homem na minha cozinha, mexendo em minhas panelas.

— Deixa ele mãe.

— Ele está fazendo beterraba de manhã! Eu sabia minha filha. Ele não é muito normal.

— Ele gosta mãe. Deixa ele – ela resmunga sonolenta.

— Vai, levante daí e vai lá ajudá-lo.

— Hummm – ela geme sonolenta.

— Leila! – ela grita.

— Tá mãe. Já vou – ela dá um pulo da cama.

Leila se dirige ao banheiro e faz sua higiene. Coloca um short jeans claro e uma miniblusa branca. Descalça, ela caminha até a cozinha.

— Bom dia! – ela diz ao ver seu namorado.

— Bom dia, minha linda.

Leila abre a geladeira e pega um pedaço de bolo de chocolate que sua mãe havia feito na noite anterior. Pega a garrafa térmica e despeja um pouco de café em sua xícara. Assim que Brandon vê, diz:

— O que é isso? Não, não... Isso é um veneno logo de manhã.

Ela se senta já com o garfo nas mãos.

— Vou tomar meu café – ela diz confusa.

— Não... Eu fiz um suco pra você. Aqui – ele coloca um copo com suco de beterraba e laranja na frente dela.

— Fiz um pra sua mãe também – ele diz.

Rosália entra na cozinha.

— Não acredito! – Rosália ri. — Meu filho, você deve ser algum tipo de santo. Leila odeia beterraba.

— Não odeio não – ela desconversa. — É gostoso.

— Ah, claro que odeia. Se tem uma coisa que nunca gostou foi de beterraba. E sempre disse que tinha gosto de terra mofada.

— Mãe!

— Por que não disse que não gostava? – Brandon a olha.

— Não sou muito chegada. Mas está muito bom – ela sorri. — Obrigada!

— Bom, como eu detesto beterraba, vou de cafezinho preto mesmo – a mãe ri.

Eles tomam café em silêncio.

— Já ligou para a boate? Talvez alguém tenha encontrado sua carteira – Leila diz.

— Não. Pedi para o Denis vir me buscar. Quando ele chegar, vou até lá buscar o carro.

— Se quiser posso ir junto. Eu tenho habilitação.

— Espero que encontre. Isso será um problema pra você, não é? Como irá voltar para Boston? – Rosália pergunta.

— É verdade. Não havia pensado nisso – diz pensativo.

\*\*\*

O domingo de Alexandre começa agitado. Logo pela manhã, sua mãe liga para lembrá-lo sobre sua festa de aniversário. Ele não

queria festa. Mas, sua mãe, faz questão de fazer. Todos os anos, era sempre assim. Gastava uma fortuna para realizar a festa do ano para seu único filho.

Alexandre ainda está inquieto, pensando em como Leila está. Seus pensamentos flutuam e a vontade de ligar para ela é enorme. A única coisa que o impedia, era o medo de que ela estivesse com raiva dele e o que o confortava, era o pequeno pedaço de pano vermelho que havia nas mãos. O cheiro dela ainda estava lá.

Aos poucos, ele aquieta seu coração, vai para o computador e começa o projeto do orfanato.

Ele fica ali a manhã toda.

\*\*\*

Na casa de Leila, após o almoço, eles recebem a visita de Denis Ferreira. Amigo de Brandon.

— Boa tarde – Denis sorri. — Vim buscar o Brandon. – o rapaz de 1,75 diz. Leila surta ao vê-lo em sua frente. Um famoso jogador de futebol em sua humilde residência. Como não surtar?

Leila fica sem fala diante do homem musculoso.

— Denis! – Brandon aparece. — Essa é Leila, minha namorada.

— É... – ela sorri ainda encantada.

— Vejo que realmente não economizou nos elogios. Ela realmente é muito linda – Denis diz olhando fixamente para ela.

— Obrigada. Ah, entre, por favor.

Rosália assim que o vê se espanta e sua boca em forma de “O” trava sem dizer uma palavra.

— Mãe, esse é o Denis, amigo do Brandon. Vamos até a boate para ver se alguém encontrou os documentos.

— Esse não é o...

— Boa tarde. Denis Ferreira. Tudo bem com a senhora? – ele diz dando um abraço caloroso em Rosália que ainda está retesada em seu lugar, boquiaberta.

Rosália não acredita estar diante de um dos jogadores mais famosos. Ela olha para Denis, sorri e sorri mais uma vez.

— Vocês já estão indo? Imagina se eu deixarei esse moço lindo sair daqui sem provar a minha torta de frango – ela diz e Leila ri.

— Mãe! Ele não deve comer essas coisas.

— Na verdade, adoro torta de frango – Denis diz com simpatia.

— Então, vamos comer – Rosália sorri encantada.

Na cozinha, Leila fica um pouco envergonhada pela simplicidade de sua casa.

— Sente-se – ela diz e se senta ao lado de Brandon.

Eles começam a conversar sobre o ocorrido na boate, e explica para Denis o sufoco que passaram na noite anterior.

Todos riem.

— Brandon me disse que está terminando a faculdade de arquitetura e que trabalha em uma construtora. Sabe que cheguei a fazer faculdade de engenharia industrial?

— É mesmo!

— Sim. Mas não tinha nenhuma vocação – Denis ri.

— Sua vocação sempre foi para o futebol amigo. Desde pequeno.



— Vocês são amigos há muito tempo? – Rosália pergunta curiosa.

— Desde que me conheço por gente. Brandon era meu vizinho e amigo de infância.

Rosália muda de postura. Se Brandon era amigo de Denis há tanto tempo, com certeza, ele era um sujeito bacana.

A conversa rende e todos riem das histórias engraçadas do jogador.

Enquanto todos provam da maravilhosa torta de frango da dona Rosália, Brandon observa a hora.

— Precisamos ir – ele diz.

— Leila, minha filha, esqueci de te falar. Encontrei um batom prateado no cestinho de lixo do banheiro. Você deve ter deixado cair.

Leila engasga com a torta de frango.

Brandon e Denis a olham.

— Ainda bem que não havia papel no cesto. Então peguei e coloquei em sua penteadeira – Rosália diz. — Eu ainda não consigo entender essa evolução da tecnologia. Na minha época, batom era batom, hoje... Ele até vibra. Qual a necessidade disso? – ela conclui.

Denis gargalha e deixa Leila enrubescida.

Para sua sorte, Brandon parece não entender de que se tratava de um vibrador.

— Vamos embora? – Leila diz e se levanta da mesa.

Brandon pega em sua mão e Denis ainda tenta conter seu riso.

— Vamos, minha linda.

Eles se despedem de Rosália.

## Capítulo 21

Brandon fica aliviado ao saber que um rapaz encontrou sua carteira e entregou na recepção da boate. Para sua surpresa, todos os documentos estavam ali. Até mesmo o dinheiro que havia. Não roubaram.

Para comemorar, os três saem e se divertem a tarde toda. Denis se encanta pela doçura de Leila e seu jeito simples. A hora passa, e quando veem, já estava tarde.

Brandon a deixa em casa e se despede.

— Eu adorei cada momento que passei com você – ele a beija carinhosamente.

— Eu também. Quando você volta?

— Não sei. Mas se você quiser, posso mandar as passagens para você ir para Boston ficar comigo alguns dias. O que acha?

— Sabe que não posso – ela sorri. — Seria fantástico. Mas não posso deixar o trabalho – ela diz.

— Eu sei. Mas não se preocupa. Vou ligar pra você todos os dias. E, quando eu voltar em definitivo, vou dar um jeito de transferir meu consultório para São Paulo. Não vou aguentar ficar longe de você – ele alisa seus cabelos.

Ela olha para ele esperançosa.

— Vai se mudar pra cá por minha causa? – seus olhos brilham.

— Claro. Aonde mais eu iria se a mulher que eu amo está aqui?  
— ele ri e a beija outra vez. — Quando voltar, eu prometo que teremos nossa noite juntos. Sem ninguém pra atrapalhar — ele sorri.

— Vou sentir sua falta! — ela diz.

— Eu também minha linda. Eu te amo! — ele lhe dá um último beijo.

Ela fecha a porta e Brandon vai embora.

\*\*\*

Leila acorda disposta a infernizar a vida do seu chefe. Para provocá-lo, ela começa pela roupa. Uma blusa de seda branca de alças finas e uma saia preta, colada, acima do joelho. Ela coloca uma sandália de saltos nude e alguns acessórios. A maquiagem simples era uma marca registrada. Ela quase não se maquiava. Mas o lápis preto para realçar os olhos estava lá, junto com seus lábios rosados.

Ela pega sua bolsa e se despede de sua mãe.

O trajeto até a empresa parece uma eternidade para ela. Estava louca para devolver a ele, toda a excitação que a fez passar na noite da boate.

Ao chegar, ela vai direto para a copa preparar o café para ele. Quando está adoçando o café, seu telefone toca.

Brandon aparece no visor sorrindo.

— Bom dia amor — ela diz carinhosa.

— Bom dia. Já estou embarcando. Assim que chegar em Boston eu te ligo.

Ela debruça na mesa.

— Já estou sentindo saudades. Promete que não vai demorar muito?

— Prometo. E quando eu voltar, quero ter mais tempo a sós com você – ele diz despertando nela vários pensamentos.

Alexandre passa pela copa e para ao vê-la de costas, debruçada na mesa com a bunda empinada. A saia curta, mostrando mais do que deveria, o deixa com pensamentos eróticos.

Ele entra silenciosamente na copa e fecha a porta lentamente para que ela não perceba sua presença.

— Eu vou ficar aqui, esperando por você – ela diz ao telefone e ele revira os olhos.

Ele se aproxima e se coloca atrás dela. Pega em sua cintura e a puxa para ele. Ela dá um pulo ao sentir sua ereção.

— Ai que susto! – Ela olha para ele espantada e ele ri. — Nada, não foi nada Brandon. Tenho que desligar, tchau – ela desliga ainda olhando fixamente para Alexandre.

— Bom dia! – ele sorri.

— Tá maluco? Alguém poderia ter visto – ela o repreende.

— Vai dizer que se importa? – ele a abraça e beija seu pescoço.

— Claro que me importo – ela endurece o olhar, se desvencilha dele e sai da copa.

Alexandre vai atrás.

— Preciso falar com você na minha sala – ele diz com autoridade.

— Não, não precisa – ela rosna e ele a puxa mesmo contra a vontade.

Ele encosta a porta e a coloca contra ela.

— Pensou em mim? – ele pergunta beijando toda a extensão de seu pescoço.

— Por que deveria? – ela ofega.

— Qual é Leila? Eu sei que pensou. Sei exatamente que pensou em mim te tocando, te beijando...

— Para com isso, Alexandre – ela tenta bloquear a passagem das mãos dele que insiste em entrar por baixo de sua saia.

— Eu sei que você quer. Por que vai negar isso?

— Você não sabe de nada. E é bom me respeitar porque eu tenho um namorado.

— Que pelo visto não está prestando pra nada.

— Quem não tá prestando pra nada querido, é você. E se quer mesmo saber, não pensei em você em nenhum momento. E sabe por quê? Porque meu namorado não me deu tempo para pensar em mais nada. Minhas noites foram tão inesquecíveis, que ainda consigo senti-lo entre minhas pernas – ela diz e dá um sorriso malicioso ao ver a reação enciumada de Alexandre.

Ele se afasta calado e se senta em sua cadeira.

— Pode me dar licença? Preciso terminar alguns contratos – ele diz seco.

— Claro – ela sorri e caminha até a porta.

Antes de abri-la, ela vira para ele que a olha com os olhos em chamas.

— Sabe qual é o seu problema? – ela pergunta.

— Não sabia que eu tinha um – ele diz com sarcasmo.

— Você é um bruto. Jamais iria até sua casa em busca de uma calcinha rasgada – ela diz. Com passos lentos, vai até ele. Suas mãos sobem sua saia devagar até a altura de seus quadris.

Alexandre se remexe em seu assento e engole seco.

Ele a observa retirar sua calcinha de forma sensual, tão lentamente que todos os sons a sua volta param e, a única coisa que consegue ouvir são as batidas frenéticas de seu coração. Ela queria apenas desestabilizá-lo. Queria que ele ficasse como ela naquela noite, frustrado.

Ela ajeita a saia e joga sua calcinha branca para ele.

— Quem sabe agora, talvez eu tenha um incentivo – ela diz e se aproxima dele. — Ela está inteira – sussurra no ouvido dele e sai, deixando-o ali, imóvel, sem fala e sem acreditar em que acabou de fazer.

Ele olha a pequena calcinha branca em suas mãos e vocifera:

— Cachorra.

Ele sorri.

\*\*\*

O resto do dia foi tranquilo. Apesar de Alexandre não conseguir se concentrar em mais nada, Leila não voltou a perturbá-lo.

Após o almoço, Leila, Sophia e Melinda, caminham no parque Ibirapuera. Elas conversam animadas. Leila fala sobre seu domingo com Denis e elas enlouquecem.

— Vai apresentá-lo para nós, não é? – Sophia pergunta esperançosa.

— Claro que sim. Se caso tiver a oportunidade. Não creio que ele irá bater na minha porta outra vez – ela ri.

Elas se dirigem para o escritório conversando por todo o percurso.

Elas entram na copa rindo.

— E você e o Brandon? Rolou?

Alexandre que está perto da outra porta dá um jeito de se esconder na despensa. Não dava para vê-las, mas dava para ouvi-las.

— Ele dormiu em casa no sábado – ela diz chateada.

“Desgraçado!” – Alexandre tem vontade de gritar.

— E aí, rolou? – Sophia pergunta curiosa.

— Nada. Não rolou absolutamente nada – ela diz chateada.

Alexandre fica confuso.

— Como assim nada? Cara, o que vocês fizeram?

— Nada. Estávamos lá no maior amasso em minha cama e minha mãe aparece pra estragar tudo. Eu já estava sem roupa!

— Na sua cama amiga? Fala sério. Por que não foram num motel?

— Como? Ele havia perdido a carteira e estava sem documentos.

— Hum. Amiga, não é por nada não. Mas esse cara é meio estranho não acha? Na sexta, naquele passeio, você já havia ficado a ver navios – ela ri.

— Nem me fale. Agora imagina como fiquei após ser recusada pela segunda vez – ela diz enfurecida.

— Eu imagino.

Elas riem.

— Não, você não imagina. Tive que usar meu vibrador – ela sussurra fazendo as meninas gargalharem.



— Ai. Eu não acredito nisso – Sophia ri alto.

— Amiga isso é sério? Parte pra outra – Melinda gargalha.

Alexandre atrás da porta se contém para não cair na gargalhada.

— Desgraçada mentirosa. Agora eu te pego! – ele sussurra baixinho.

— Mas ele é um fofo. Carinhoso e romântico. Iríamos transar se não fosse minha mãe. Aí ele veio com um papo de respeito e acabou que não rolou – Leila tenta defendê-lo.

— Não amiga. Por favor. Isso não é desculpa. – Sophia ri. — Já transei com meu namorado debaixo das cobertas com minha mãe praticamente do lado roncando. Esse seu namorado não tem pegada isso sim.

— Ah vocês são safadas – Leila ri. — Vou trabalhar senão sabe como é... chefinho me mata.

Elas saem da copa.

Com muito esforço, Alexandre sai da despensa. Ele não aguenta e começa a rir descontroladamente.

Ele ri tanto, que seus olhos começam a lacrimejar.

— E aí... Qual foi a piada que eu quero rir também – Léo aparece para tomar um café. Ao seu lado, Thiago também observa o amigo quase sem ar de tanto rir.

— O que deu nele?

Alexandre passa por eles ignorando-os e vai para sua sala.

Ao entrar em sua sala, ele faz alguns telefonemas e volta a trabalhar mais tranquilo. O alívio que sentiu ao saber que ela não foi tocada por ele, o deixa mais esperançoso.

Ele liga no ramal dela.

— Leila, pode vir até minha sala?

— Claro.

Ela pega sua agenda e vai até a sala.

— Precisa de alguma coisa? – ela pergunta.

— Feche a porta. Conseguiu aquela cotação para o orfanato que te pedi?

— Sim. Já está em seu e-mail.

— Ótimo – ele diz e se levanta caminhando em sua direção.

Ele circula a sua volta e diz:

— Toda vez que olho para você e lembro que está sem calcinha, está me deixando maluco – ele sussurra em seu ouvido e a agarra por trás.

— Tá maluco, me solta – ela diz olhando para a porta com medo de serem surpreendidos por alguém.

— Não tem ninguém aqui – ele a puxa pelos cabelos e ela permite o acesso dele ao seu pescoço.

A outra mão dele vai parar em seu seio. Ele beija seu pescoço e roça sua ereção em sua bunda.

Ela geme.

— Você me deixa maluco – ele sussurra.

Sua mão desce até suas coxas e ele sobe sua saia devagar até que sua mão toca seu sexo.

Ela geme.

— Alexandre, por favor...

Ele não sabia se ela queria que parasse ou se implorava para que ele continuasse.

Ele massageia seu clitóris lentamente e morde o lóbulo de sua orelha, depois a chupa.

Ela geme.

— Alexandre eu preciso que... — a porta se abre e eles se assustam com a voz de Léo. Por sorte, eles estavam de costas para a porta.

Léo percebe que interrompe algo e diz:

— Ops! Desculpa. Não sabia que vocês estavam...

— Caralho! — Alexandre xinga quase num sussurro e se afasta de Leila que tem o rosto mais vermelho do que um pimentão.

Ela se ajeita rapidamente e se despede.

— Com licença — ela passa por Léo de cabeça baixa e fecha a porta.

— Porra Léo, não bate mais na porta? — ele diz enfurecido.

— Relaxa! Não vi nada — ele ri. — Preciso do contrato dos mexicanos. A Planta está anexada e vamos ter que fazer algumas alterações.

— Está com a Leila. Pode pedir para ela.

— Certo. Fui — ele ri.

Alexandre se joga em sua cadeira robusta e pragueja.

Ele precisava se aliviar ou teria seus testículos doendo por dias.

\*\*\*

Após algum tempo, na sala de Leila, ela recebe uma visita.

Ela olha a mulher elegante com nariz empinado a sua frente. Loira, sexy e vulgar, foram as palavras que vieram na mente dela. O batom vermelho sangue e suas roupas de perua deixam Leila incomodada.

— O Xandy está? – ela pronuncia as palavras com desprezo.

— Quem? – Leila a olha de cima a baixo.

— O Xandy queridinha, você é surda?

— E quem é você?

— Quem sou eu, não lhe interessa. Ele está ou não? – pergunta já andando em direção à porta e a abre.

Leila vai atrás dela furiosa.

— O que faz aqui? – ele se assusta. — Não tem vergonha nessa sua cara?

— Vim cuidar de assunto de seu interesse. E, meu também. – ela diz com sua voz fina, se senta e cruza as pernas.

— Não tenho nada pra falar com você.

— Tem sim. E manda essa esquisita me tratar melhor da próxima vez – diz apontando para Leila.

Ela olha para a mulher loira e dispara:

— Esquisita? Você que é esquisita. Parece mais uma ave de rapina – diz de modo grosseiro.

— Vai deixar essa criatura falar assim comigo? Ela me chamou de galinha e eu posso processá-la por isso – ela resmunga.

— Ainda é burra – Leila bufa.

— Patrícia, cai fora daqui – Alexandre perde a paciência.

— Não vou. Temos um assunto pra tratar. Pode pedir para essa criatura sair e me trazer um café?

— Ah! Nem morta – Leila diz enfurecida.

— Leila, pode nos deixar a sós, por favor?

Ela abre a boca para argumentar, mas se cala diante da expressão de Alexandre.

Patrícia sorri.

— Pelo visto essa aí é mais uma das suas vagabundas. É uma pena que a Fernanda morreu. Só espero que não mande essa sonsa me espionar também – Patrícia eleva a voz e Leila vê tudo vermelho em sua frente.

— Quem você pensa que é pra se dirigir a mim desse jeito? – Leila avança nela e Alexandre tenta acalmá-la.

— Hum. Ela não sabe quem eu sou. Coitadinha. Ainda é desinformada. Patrícia Vernek, isso soa familiar pra você?

— Patrícia se você não sair da minha sala, vou chamar os seguranças – Alexandre diz com autoridade.

— Essa aí é a sua ex-noiva? – Leila fica horrorizada. — Olha, seu eu fosse você, rezaria o resto da vida por Deus ter te livrado dessa cobra peçonhenta.

— Ele não reza querida. Na verdade, ainda continua correndo atrás de mim. Fazer o quê? Ele não consegue me esquecer – ela ri com sarcasmo. — Não vai pensando que ele vai ficar pra sempre com você. Ele está só se divertindo como faz com todas as assistentes dele.

— Agora já chega – Alexandre grita. — Saia da minha sala.

— Não vou a lugar nenhum. Vim aqui para tentar fazer um acordo com você. Se recusar, seu nome estará estampado em todos os jornais da cidade. Imagine que lindo: O poderoso Alexandre Keller, um dos maiores engenheiros do país, acusado por estupro.

— Você tá maluca? – Alexandre grita pálido.

— Não estou não - ela ri ao olhar para a cara de espanto de Leila.

— Do que ela está falando? – Leila pergunta horrorizada.

— Não sabia querida? Seu chefe tarado estuprou sua última assistente aqui, nessa sala e depois a demitiu, sem direito a nada.

Leila olha para ele assustada.

— Se eu fosse você, teria cuidado com ele. A não ser que já tenha dado a ele o que ele queria – ela solta seu veneno.

Alexandre possesso, parte pra cima dela.

— Não! – Leila se coloca entre eles. — Eu mesma dou um jeito nela.

Leila pega Patrícia pelos cabelos e a arrasta pelos corredores da empresa. Quando passa por Thiago, ela a joga contra ele e diz furiosa:

— Joga essa mulher na rua antes que eu quebre os dentes dela.

Logo atrás, Léo apenas observa a cena.

Thiago entra no elevador com Patrícia que olha para Leila com um ódio mortal.

— Você me paga piranha! – ela consegue dizer antes do elevador se fechar.

Leila ainda treme de ódio.

— O que foi isso? – Léo pergunta espantado.

— Não sei. Melhor você ver como o Alexandre está. Eu... Eu vou sair um pouco – ela diz e sai em seguida.

Léo segue para a sala de Alexandre. Ao entrar, ele se depara com o amigo apoiado na imensa janela de vidro.

— O que ela queria aqui? – ele pergunta.

Alexandre suspira e diz:

— Acabar comigo pela segunda vez.

— E o que a Leila tem com isso? Cara, ela quase deu na cara da Patrícia.

— Acredita que ela teve a coragem de vir aqui e me dizer que se não entrar num acordo com ela, vão me acusar de ter estuprado a Pamela?

— Tá de sacanagem?

— Antes tivesse – ele diz impaciente.

— A Leila estava aqui quando ela...

— Sim. Imagino o que ela não deve estar pensando de mim.

— Ela não estava muito feliz – Léo diz. — E quanto ela queria?

— Não sei. Não dei chances a ela de dizer.

— Tá maluco cara? Por que não aceitou?

— Porque não vou me curvar a ela. Nunca.

— Cara, pensa bem. Ela está com ódio de você porque ficou sabotando ela e perseguindo com sua obsessão de vingança. Essa mulher não tá pra brincadeira. Para ela jogar seu nome na lama é fácil.

— Eu sei.

— Deveria procurá-la e ouvir o que tem a dizer.

— Nem fodendo.

— É isso, ou seu pai te mata. Imagina só quando ele souber.

— Estou mais preocupado com ela. Leila.

— É amigo. Não queria estar na sua pele agora. Mas se precisar de ajuda, sabe que pode contar comigo – Leo diz e o abraça tentando confortá-lo.

— Obrigado.

\*\*\*

Algumas horas depois, Alexandre sai da sala. Leila não está em seu lugar e ele teme que tenha ido embora. Ele entra no elevador e sai da empresa em direção ao café. Quando entra, se surpreende ao vê-la ali, saindo do balcão com dois copos de cappuccino.

— Achei que tivesse ido embora – ele diz de cabeça baixa.

— Pra quê? Aposto que descontaria do meu salário se eu fosse – ela tenta desconstrair.

Ele ri.

— Me desculpa fazer você presenciar aquilo tudo.

— Já lidei com coisas piores, acredite. Estava indo levar seu café – ela dá a ele o copo e sorri.

— Acho que podemos tomar nosso café aqui.

Eles se sentam próximos à janela.

— Aquela mulher é horrível. Digo, o caráter dela.

— É. – ele a olha. – Não quero que pense que eu...

— Alexandre, não... – ela diz tocando sua mão. – Eu já sei o que vai falar. Eu não tenho o direito de julgar o seu passado. Eu também fiz muitas coisas das quais me arrependo. Se o que ela diz é verdade ou mentira, pra mim não importa. Eu não acreditei em uma palavra que saiu de sua boca.



— Não?

— Claro que não – ela ri. — Eu já sabia sobre sua assistente. Acho que todos na empresa sabem.

— Humm... – ele termina de tomar seu cappuccino. — Estou indo pra casa. Qualquer problema na empresa é só me ligar – ele diz.

— Tudo bem.

No caminho para casa, Alexandre entra em contato com seu advogado. Ele pede para que entre em contato com Patrícia para um acordo. Se ele tivesse que pagar uma fortuna para se livrar dela, então que fosse o mais rápido possível.

No dia seguinte, Alexandre não aparece na empresa.

Leila fica preocupada e pede para que Thiago ligue para ele para saber se está tudo bem.

Já no fim da tarde, é que Thiago consegue contato com Alexandre. Ele havia passado o dia inteiro analisando as condições do terreno e organizando a ideia do projeto da instituição em sua mente.

\*\*\*

O dia amanhece chuvoso.

Alexandre se veste e vai direto para o orfanato. Ele havia comprado fraldas descartáveis e alguns mantimentos para as crianças.

Quando chega, é recepcionado por várias crianças que o olhavam sorridentes. No porta-malas do carro, havia também brinquedos e algumas roupas.

Ele fica por ali, brincando com algumas crianças e conversando com o senhor Thomas sobre o início da construção.

Após o almoço divertido com as crianças, ele vai embora.

Assim que chega à empresa, é recepcionado por Leila que lhe dá um sorriso.

— Boa tarde Leila.

— Boa tarde – ela diz e o segue até a sala.

Ao passarem, ela fecha a porta.

— Estava preocupada. Onde esteve? O cliente do México ligou. Parece que estão com algum problema nos contratos.

— Estava no orfanato resolvendo algumas coisas.

— Sério? Porque não me levou? Eu adoraria ter ido.

— Vou voltar lá na semana que vem, se quiser poderá ir comigo.

— E quando vamos iniciar o projeto? Ontem você não veio. Achei que começaríamos ontem.

— Pode ser hoje. Que tal?

— Combinado – ela sorri. — Vou até a sala do Thiago. Preciso pegar algumas assinaturas dele.

— Tudo bem – ele diz.

Assim que Leila sai, ele liga o computador e começa a ler seus e-mails. Curioso, ele olha para ver se tem algo dela para Brandon. Ele encontra apenas um e-mail dele dizendo que havia chegado bem em Boston.

— O cara avisa que chegou de viagem por e-mail? Tá pedindo pra ser corno mesmo – ele bufa.

Pega o telefone e liga para Leonardo.

— Léo, conseguiu enviar os convites da festa?

— Consegui sim, a Melinda me ajudou.

— Estou indo para casa daqui a pouco. Se minha mãe me procurar, diz que os convites já foram enviados.

— Pode deixar.

Alexandre termina alguns contratos pendentes e sai.

— Leila, vou pra casa tomar um banho e volto para te buscar às sete. Acabei deixando o projeto no pen drive em casa.

— Tudo bem.

Na hora combinada, Alexandre pega Leila no estacionamento da empresa.

— Alguma novidade?

— Nenhuma.

— Ótimo. Avisou sua mãe que iríamos trabalhar lá?

— Nem precisa. Ela não será problema.

Ele sorri.

O telefone dela toca.

— Oi amor – ela sorri e Alexandre fica tenso. — Não, estou indo pra casa... Vou trabalhar ainda. Posso te ligar depois?... Tudo bem... Eu também te amo – ela diz e ele fica enciumado. A olha de canto de olho e fica sério.

Depois de algum tempo, eles chegam.

— Entre – ela diz a ele. — Mãe, cheguei – ela grita da sala.

Rosália aparece.

— Boa noite, senhor Keller.

— Boa noite.

— Mãe, eu e Alexandre vamos trabalhar por aqui hoje.

— Tudo bem. Vocês querem jantar?

— Agora não. Mais tarde comemos alguma coisa – Leila diz. — Você me espera tomar um banho?

— Claro – ele senta no sofá. Na televisão, passa seu seriado favorito.

— Ai meu Deus, desculpe é que estava assistindo antes de vocês chegarem. Quer que eu coloque no jornal? Rosália diz ao olhar para TV.

— A senhora assiste Game of Thrones? – ele franze o cenho.

— Não perco um capítulo.

— Eu também adoro. Pode deixar, não me importo – ele ri.

Os dois ficam conversando até Leila voltar.

— Desculpe a demora – ela diz ao entrar na sala. Alexandre quase morre ao vê-la de short e miniblusa.

— Até que foi rápida.

— Bom, teremos que instalar o programa no meu note. Não sei o que aconteceu que não funciona.

— Depois vemos isso. Vamos fazer aqui pelo meu – ele diz se sentando no chão colocando o notebook sobre a mesa de centro.

Eles iniciam os trabalhos.

— Eu comecei ontem. Achei que gostaria de saber que temos bastante espaço sobrando na parte de baixo. Dá pra projetar uma grande área de lazer – ele diz mostrando a ela a área vazia.

— Hum, gostei. Que tal um parque? Crianças adoram parquinho.

— Será?

— Sim, claro. Podemos também deixar um espaço para um salão de festas.

— Bem pensado – ele diz anotando tudo.

Rosália observa os dois juntos. Eles riem, brigam, conversam, flertam... Ela não estava entendendo absolutamente nada.

As horas passam e ela oferece a eles um doce que havia feito de manhã no trabalho.

— Vocês precisam comer. Como conseguem trabalhar com fome? Aqui. Trouxe torta de morango.

— Hummm... Torta de morango? Leila sua mãe é divina – ele ri.

— A torta é mais – ela gargalha.

— Ah sua mal agradecida – Rosália ri.

— Meu Deus! Tá uma delícia – ele diz saboreando a torta como se não comece nada igual há anos.

— Obrigada.

— Alexandre, fique à vontade. Vou dormir porque acordo cedo amanhã. Se quiser posso arrumar um colchão para dormir. Não sei como o Brandon conseguiu encarar o sofá.

Leila enrubesce.

— Ele dormiu aqui? No sofá? – Alexandre ri.

— E como se não bastasse, ainda fez o café da manhã. Mas meu filho, por favor, se inventar de fazer o café também, porque hoje tá tudo tão moderno né...

— Mãe!

— Só não me faça suco de beterraba que eu odeio e ele ainda manchou o copo do meu liquidificador.

Alexandre gargalha.

— Ele não vai dormir aqui mãe – Leila a olha furiosa.

— Suco de beterraba? Sério? Ele fez suco de beterraba de manhã? – ele não consegue parar de rir.

— Pior é que a Leila dá corda.

— Odeio beterraba. Deus me livre daquele troço. Tem gosto de terra – Alexandre diz ainda rindo.

Rosália ri.

— Leila fala a mesma coisa.

— E não tem? – ele ri.

— E ela tomou dizendo que estava uma delícia. Quase não acreditei. Ele me disse que nem pão come. Que tem uma alimentação regrada e que o suco de beterraba pela manhã era sagrado.

— Ah para! – ele ri. — O cara é gay. Agora já sei como vou chamá-lo assim que o ver de novo... Doutor Beterraba – ele diz fazendo Rosália cair na gargalhada.

— Ele não é gay idiota. É saudável – Leila retruca.

— É gay sim. Eu já desconfiava – ele ri. — Depois dessa de “Alimentação regrada”, só confirmou minhas suspeitas.

— Bom, vou dormir. Juízo os dois hein.

Leila fecha a cara.

— Ah o que foi? Vai ficar brava agora?

— Não gosto quando fala assim dele.

— O cara não transa, só se comunica virtualmente e faz suco de beterraba de manhã? Só pode ser gay – ele ri.

— Quem te disse isso? – ela fica envergonhada.

— Ué, ele só se comunicava com você virtualmente – ele dá de ombros.

— Digo, que nós não...

— Transaram? Ah! Só imaginei. Mas como você disse que suas noites foram fantásticas – ele ri deixando-a nervosa.

— Então para de imaginar e trabalhe – ela diz enfurecida.

— Amanhã podemos trabalhar em minha casa. Você pega sua calcinha de volta e eu posso até pensar em te fazer um suco de beterraba pela manhã... Só que não! – ele ri e ela dá um tapa em seu ombro.

— Babaca!

— Não sei o que viu naquele cara. Sério.

— Não é da sua conta. Agora vamos voltar a trabalhar.

— Por que resolveu me provocar aquele dia? Sabe que fiquei pensando no que você fez o dia inteiro? – ele se aproxima dela.

— Alexandre...

— Por que não me dá uma chance?

— Vamos trabalhar.

— Não quero trabalhar agora. Eu quero você – ele diz e a agarra.

Ele deita por cima dela no tapete da sala e a beija.

— Alexandre, não...

— Fica quieta – ele diz capturando sua boca, beijando-a com vontade. Ele alisa suas coxas com uma de suas mãos e a outra vai direto para seus seios. Ele sente a ausência de seu sutiã.

Rosália entra na sala e se depara com a cena.

Ela sorri e volta para o quarto.

— Esses jovens! São tão modernos... Sabia que tinha alguma coisa. Esse papo de trabalhar em casa... Acham que sou tonta – sussurra baixinho e se deita.

O clima começa a esquentar entre os dois.

Ele levanta a miniblusa e leva a boca até seus seios. Ele chupa um de seus mamilos enrijecidos e com a mão, puxa levemente o outro.

Ela geme.

Sua mão desce para o short dela e ele abre o botão, em seguida, abaixa o zíper lentamente.

— Alexandre... – ela sussurra.

— Shhhh! Quieta – ele ordena.

Ele coloca as mãos por dentro de sua calcinha e começa a fazer movimentos circulares em seu clitóris.

Os gemidos de Leila são contidos pelos beijos dele.

— Eu não aguento mais isso Leila. Eu preciso de você – ele diz deslizando seu short pelas pernas.

— Está louco? Minha mãe pode aparecer aqui – ela se desespera.

— Ela foi dormir. É só você ficar quietinha – diz e a beija.

Ele distribui beijos por seus seios e vai descendo por sua barriga. Ela levanta e se apoia no chão com os braços. Alexandre



passa a língua em sua barriga e seu umbigo.

— O que está fazendo? – ela sussurra.

— Eu mandei você calar a boca – ele sorri e a puxa do chão jogando-a no sofá. Ele a pega pelas coxas, a coloca na beirada do assento e se ajoelha em sua frente.

Ela o olha excitada.

Ele afasta sua calcinha de lado e passa a língua em seu clitóris.

Ela morde os lábios para conter o gemido. Leva suas mãos até os cabelos dele e segura com força. Ela sofre com a tortura de sua língua chupando-a lentamente.

No mesmo instante, Brandon invade seus pensamentos e lhe causa uma crise de consciência.

— Alexandre, não posso fazer isso – ela sussurra entre gemidos.

Ele continua.

— Alexandre, para! – ela diz com a voz firme e tenta se afastar.

Ele a olha.

— O que foi?

— Eu não posso – ela choraminga. — Não posso fazer isso, por favor.

Ele a beija.

— Eu quero você, Leila. E eu sei que você também quer.

— Não posso fazer isso com ele. Não é certo – ela diz olhando-o nos olhos.

Ele pega em seu rosto e diz com desespero:

— Esqueça ele Leila. Será que ainda não percebeu que estou apaixonado por você? Quando nos vimos pela primeira vez, me disse que você era tudo o que eu precisava. Não imagina o quanto estava certa. Eu preciso de você, assim como eu preciso de ar para me manter vivo – ele diz e ela conseguia sentir a dor em seus olhos.

— Eu não posso. Por favor – sussurra com lágrimas nos olhos.  
— Não quero dar esperanças a você sabendo que não vamos chegar a lugar algum. Eu gosto dele. Não quero magoá-lo. Não posso continuar fazendo isso.

— É isso que quer? Ele?

— Ele é meu namorado.

— Não foi isso que eu perguntei – ele se irrita. — Está na cara que você também quer. Por que faz isso com a gente? – ele passa as mãos nos cabelos, exasperado.

— Por favor, me entenda. Não podemos continuar com isso.

Ele olha para ela e suspira. Seu coração, partido em mil pedaços.

Ele se afasta.

— Eu não vou desistir de você, Leila. Vou respeitar sua vontade e não vou mais te tocar, até que você queira. Até que você queira somente a mim – ele diz, pega suas coisas e vai embora.

Quando ele sai, ela chora confusa.

## Capítulo 22

A quinta-feira já começa atribulada. Com inúmeras coisas para resolver, Alexandre discute com sua mãe sobre sua festa de aniversário.

— Os convites eram para serem feitos com o endereço de casa Alexandre.

— Mãe, eu avisei que não queria muito luxo. Essas festas me deixam entediado – ele bufa.

— São nossos amigos, filho. O que eu direi para o seu pai? Olha George, seu filho surtou e decidiu fazer a festa de 31 anos numa boate de classe média – ela se irrita.

— A boate é excelente. E outra, a festa é minha. Sempre deixei vocês fazerem como queriam. Custa pelo menos uma vez na vida fazer o que eu quero?

— Poderia ao menos ter nos avisado.

— Mãe... – ele se aproxima dela. — A senhora pode organizar a decoração do mesmo jeito. Só o lugar que mudou. Não fique estressada.

— Estou aborrecida, não estressada. Parece que gosta de nos contrariar. Eu vou indo. Mas já aviso que seu pai não irá gostar nada.

— Eu me viro com o velho – ele dá um beijo em seu rosto e ela se despede.

— Bom dia! – Leila diz aos dois.

— Bom dia querida – Elizabeth sorri e sai da sala.

— Ainda bem que chegou cedo. Preciso que faça algumas ligações.

— Vai querer que eu traga seu café? – ela pergunta.

— Não. Já tomei, obrigado – diz sem olhá-la nos olhos. Ele revira sua mesa a procura de uns papéis e ela o observa.

— Quer ajuda?

— Não, só estou procurando os telefones que deixei anotado num papel... Aqui, achei – diz retirando um pequeno papel amarelo do meio de alguns contratos. — Ligue para o senhor Thomas. Preciso falar urgente com ele. Depois ligue para a secretária dos mexicanos e avise que já enviamos os novos contratos para serem assinados. Ligue também para esse número e peça para falar com o empresário dessa banda. Vou contratá-los para minha festa no sábado.

Leila toma nota de tudo.

O celular dele toca.

— Keller.

— Bom dia gatinho, me ligou?

— Bom dia Rita. Liguei sim – ele diz e Leila o olha intrigada. Ele abaixa o celular e diz a ela:

— Pode me dar licença? Depois eu te chamo.

— Claro – ela se retira.

— Oi... Então, pode vir aqui na empresa agora? Preciso falar com você e é importante.

— Certo. Estou a caminho do trabalho, mas chego aí em quinze minutos.

— Ótimo!

Ele desliga.

Leila faz o seu trabalho.

Enquanto isso, Alexandre vasculha o servidor atrás de e-mails dela para Brandon. Havia apenas um e-mail dele, na noite anterior. Ele clica e lê a mensagem.

*De: Brandon Belshoff*

*Assunto: Saudades*

*Data: 19 de Junho de 2014 22:15*

*Para: Leila Gomes*

*Olá, minha linda. Estou aqui em casa, sozinho, pensando em você. Sinto sua falta. Tem certeza que não pode mesmo faltar por dois dias no trabalho? Posso comprar as passagens quando quiser. Ficaria feliz se pudesse tê-la aqui, comigo em meus braços.*

*Eu te amo!*

*Dr. Brandon Belshoff*

Alexandre se irrita. Fecha o e-mail e volta a trabalhar.

Depois de algum tempo, Rita surpreende Leila ao entrar na sala sem nem ao menos dirigir a palavra a ela e segue em direção

à sala de Alexandre.

— Hei! Aonde pensa que vai? – Leila se levanta e vai até ela.

— Tenho um assunto para tratar com seu “chefe” – ela enfatiza e entra na sala. Atrás, Leila entra se desculpando por não conseguir contê-la.

Alexandre olha para as duas que começam a discutir.

— Mas que zona é essa? Leila, nos dê licença, por favor.

Leila olha para ele com raiva.

— Tchau, queridinha – Rita diz com um sorriso sarcástico.

Alexandre levanta e vai até Leila.

— Pode deixar que eu tranco a porta.

Leila sai enfurecida.

— Vaca – ela vocifera assim que ele tranca a porta.

— Quem é vaca? – Sophia ri.

— Arrrghh! Ninguém – ela rosna.

— Melinda perguntou se vai à festa do chefe.

— Não sei. Ainda estou pensando – Leila diz irritada. Sua mente estava em Alexandre sozinho com a mulher loira exuberante.

— Bom, nós vamos. Estava pensando... Se quiser podemos passar em sua casa para buscá-la.

— Pode ser.

— Vou voltar ao trabalho – ela se despede.

Leila tenta se concentrar no trabalho, mas não consegue. Ela imagina mil coisas.

— O Alexandre está na sala? – Thiago aparece em sua frente.

— Está sim. Acompanhado – ela diz.

— Com quem?

— Uma mulher – ela diz sem paciência. Eles estavam a mais de meia hora trancados na sala. Leila já estava desconfiada de que algo estava acontecendo entre os dois.

Segundos depois, a porta se abre e os dois saem.

— Combinado então – Alexandre sorri. — Te vejo na festa.

— Tchau, lindo – ela dá um beijo em seu rosto e passa por Leila sorrindo, praticamente saltitando.

— Thiago, precisa falar comigo?

— Sim.

Eles entram e Alexandre fecha a porta ignorando a existência de Leila.

Na hora do almoço, Leila sai com Melinda e Sophia para o restaurante.

Alguns minutos depois, Alexandre, Léo e Thiago aparecem. Passam por elas e Leila diz:

— Por que não se sentam com a gente?

— Boa ideia, Thiago diz animado. Quando puxa a cadeira, Alexandre dispara:

— Já temos nosso lugar reservado. Bom almoço pra vocês – e sai puxando Thiago.

Léo o olha sem entender.

— Que clima foi aquele?

— Clima nenhum. Sou o patrão esqueceu? Não almoço com os empregados – ele diz irritado. Na verdade, ele estava dando um gelo em Leila para ver até que ponto ela suportaria sua indiferença.

— Desde quando? Você até come as empregadas – Léo ri e leva um cutucão de Thiago.

— Cala a boca cara. Não vê que nosso amigo aqui está caidinho de amor.

Os dois riem.

— Vocês são dois idiotas. Não estou caído porra nenhuma. Apenas cansei de correr atrás dela. Se ela quiser, terá que correr agora. Se ela prefere ficar com aquele babaca, que fique então – diz entredentes.

— Você precisa espairecer cara. Isso é tesão recolhido. Arruma uma gata e vamos nos divertir. Você era mais feliz quando saia com as mulheres. Agora resolveu fazer voto de castidade... Dá nisso. Tá chato pra caralho – Léo comenta e Alexandre lança a ele um olhar de fúria.

— Eu vou te socar se abrir essa boca de novo.

— Okay. Mas e a baladinha hoje? Rola? Sem mulheres, prometo.

— Vou pensar – ele tenta se animar.

Na parte da tarde, o dia transcorre normalmente. Apesar de Alexandre estar um pouco frio com Leila, ela insiste em puxar conversa.

Quase no final do expediente, ela entre na sala dele para se despedir.

— Já estou indo. Vai precisar de mais alguma coisa?

— Não. Pode ir.

Ela o olha inerte em seus papéis.

— Olha... Sobre ontem... – ela começa despertando seu interesse.



— Eu já esqueci sobre ontem.

— Eu não queria que ficasse chateado comigo. Eu só não...

— Leila. Está tudo bem. E outra, isso não é assunto para tratarmos aqui. Você disse não e eu entendi. Pode ir, ainda ficarei por aqui – ele diz ainda chateado.

Ela sai sem dizer mais nada.

No caminho para casa, ela sente seu coração apertado. Confusa com seus sentimentos, ela tenta entender essa dor estranha que esmaga seu peito.

Quando entra no ônibus, o celular toca.

Brandon.

Ela fica olhando no visor por alguns segundos, mas não atende a chamada.

Ela fecha os olhos e desliga o telefone.

“Agora não, Brandon. Agora, não” – ela pensa.

\*\*\*

À noite, Léo e Thiago batem na porta de Alexandre.

Arrumados para a balada, com caixas de cerveja nas mãos, eles sorriem quando ele abre a porta já arrumado.

— Aí sim... Achamos que iria te encontrar de pantufas, olhos inchados e lenços umedecidos para limpar a catarreira de sua choradeira.

— Quantos anos você tem mesmo Léo? – ele ri. — Quem deve usar pantufa é aquele mané do Brandon. Cara estranho – eles riem.

— Vamos embora – Thiago ri.

— Bom, é melhor nós todos irmos em meu carro. Vamos beber e você sabe, um terá que ficar sóbrio para dirigir.

— Ahhh... Vá se ferrar. Você vai beber sim. Caralho. Daqui a pouco vai pedir pra levar suquinho de laranja – Thiago gargalha.

— Idiota.

Quando chegam ao estacionamento do prédio, eles entram no Maserati de Alexandre.

— Vamos pra onde? – ele pergunta.

— Não sei. Que tal uma *have*? – Leo dá de ombros.

— Que mané *have*. Já bebeu quantas hoje? Amanhã é dia de trampo – Alexandre diz olhando para ele pelo retrovisor.

— Então vamos para o barzinho da Luna.

— Okay. Barzinho da Luna.

Alexandre dirige enquanto os amigos conversam.

O trânsito caótico de São Paulo deixa-os irritados.

Ao passarem por uma famosa rua de São Paulo que liga Jardins ao centro da cidade, eles são abordados por dois travestis. A altura imponente dos dois e seus trajes indecentes combinados com as perucas da Vinte e Cinco de Março, os faz cair na gargalhada.

— E aí gatos. Estão a fim de se divertir hoje? – um dos travestis diz debruçado na porta do carro. Sua maquiagem carregada e sua voz de taquara rachada os assusta, de tanta feiura.

— Não amiga. Boa sorte aí pra você – Alexandre diz tentando conter o riso.

Ele mete o pé no acelerador e sai entrando pela rua seguinte.

— Caralho cara... Viram aquilo? – Léo se mata de tanto rir. — O cara estava se achando a Ísis Valverde. Quando abriu a boca só tinha dois dentes pendurados pela gengiva.

Eles gargalham.

— Se bobear, a hora deveria ser um real e duas horas ele daria um descontinho – Thiago diz chorando de rir.

— Eu pensei que havia visto o Brandon do lado – Alexandre gargalha.

Os três amigos ficam por longos minutos rindo.

— Eu daria um troféu para quem conseguisse viu. O homem tem que ser muito corajoso pra encarar – Léo ri.

Momentos depois, eles chegam ao bar.

Dançam, cantam, bebem e se divertem.

Na madrugada, eles voltam para casa.

Nenhum deles saiu com uma mulher.

Como disseram, era apenas uma noite para aliviar o estresse.

\*\*\*

O dia amanhece e Leila acorda desanimada.

Atrasada, ela ainda toma um banho, prepara o café e come sem nenhuma pressa.

— Está atrasada.

— Eu sei – ela diz bebericando seu café e pega sua bolsa. — Já estou indo.

— Vá com cuidado – Rosália diz.

No caminho, Leila sente alguém a observando. Ela jura que está sendo seguida. Ao sair do ônibus, ela olha para os dois lados da rua e atravessa. Ainda com a sensação estranha, ela dá de ombros e caminha em direção a empresa.

Em sua sala, Alexandre à espera.

— Está atrasada – ele diz seco.

— Perdi o ônibus.

— Se tivesse aceitado que o motorista fosse buscá-la e trazê-la, não estaria atrasada – ele diz com a cabeça latejando pela ressaca da noite anterior.

Ela apenas o olha.

— Preciso que faça isso pra hoje – ele diz colocando uma pilha de contratos para ela redigir.

— Certo. Farei o mais rápido que puder.

Ele sai e entra na sua sala.

— Seu chefe está com o humor do cão hoje – Sophia aparece.

— Percebi.

— Pelo visto foram pra farra e beberam todas. O Léo e o Thiago estão do mesmo jeito. Peguei até o Léo dormindo na cadeira.

Leila a olha.

— Hum. Eles saíram com quem?

— Não sei. Mas quando saem assim, sempre rola mulher. Sabe como eles são.

Ela fica enciumada só em pensar que Alexandre possa ter saído com alguma mulher.

— Preciso redigir esses contratos. Depois nos falamos – ela diz e Sophia assente saindo de sua sala.

A manhã toda é tranquila.

Alexandre se isola em sua sala e Leila fica pensativa.

Ele também fica alheio aos seus pensamentos. A distância que criou entre eles, fica quase insuportável.

O telefone toca.

— Senhor Keller, a Pamela está aqui na recepção e deseja falar com o senhor – o segurança diz.

— Manda ela ir à merda – ele se irrita. — Que mulher cara de pau.

— Ela disse que só sai daqui após falar com o senhor. Caso contrário, irá armar um escândalo.

— Mande-a subir.

Ele desliga irritado.

Minutos depois, Pamela aparece, linda e loira, na frente de Leila. Seus cabelos agora um pouco mais curtos, vestida indecentemente com uma saia colada branca e uma blusa de seda cor da pele. Seu salto agulha nude, alongava ainda mais suas pernas bem torneadas.

— O senhor Keller está me esperando – ela diz esnobe.

— Está? – Leila a mede de cima a baixo.

— Pode dizer a ele que estou aqui?

— E como se chama?

— Quantas perguntas... Estou com um pouco de pressa.

Alexandre abre a porta.

— Pamela, venha – ele acena para ela e deixa Leila estupefata. Os dois se trancam na sala e Leila fica inquieta.

Depois de um bom tempo, ela sai sorrindo com um ar triunfante. Olha para Leila e diz:

— Achei que ele só gostasse de loiras – diz medindo-a de cima a baixo e vai embora.

Leila se irrita com o comentário e entra na sala dele bufando.

— Essa não é a tal assistente que está te processando? – ela o olha com os olhos semicerrados.

— Ela mesma.

— E o que ela veio fazer aqui? – diz cruzando os braços.

— É de seu interesse saber o que as pessoas falam comigo agora? – ele pergunta de modo grosseiro.

— Ela está te processando por estuprá-la e você ainda dá bola pra ela?

— Não que seja da sua conta Leila, mas estava exatamente resolvendo esse problema. Agora se me der licença, preciso trabalhar. Estou com a cabeça cheia e com muitos problemas pra resolver.

— Mas...

— Por favor – ele lança em sua direção um olhar duro.

Ela emburra e sai.

Ela estava se corroendo por dentro sem saber o que tanto os dois conversavam ou faziam. Ela ficou enciumada ao ver que a mulher saiu com uma cara de quem acabou de ser fodida.

Como ele poderia dizer que estava apaixonado por ela num dia e no outro, estar se pegando com aquela magricela oxigenada – ela

pensa.

Ela sente a diferença no tratamento dele. Ele não chegou perto dela em nenhum momento, não a tocou e nem a beijou. Sequer, olhou para ela com aquele fogo e desejo que sempre estava em seus olhos.

E ela sentiu falta disso.

De ser mimada, tocada e desejada por ele.

Ela queria sentir o toque de suas mãos em seu corpo e seus lábios quentes nos dela. O toque e o olhar dele que sempre a hipnotizava, já não brilham mais. Era impossível ficar no mesmo lugar que ele sem ter pensamentos maliciosos.

Alexandre era completamente diferente de Brandon e ela estava percebendo isso gradativamente. Por mais que gostasse dele, era por Alexandre que se sentia atraída. Ele era diferente de qualquer homem com quem já esteve. Era quente, sexy e mesmo sendo bruto às vezes, ele tinha seus momentos de romantismo. É alegre e o único que a faz se sentir ela mesma. Ela conhece bem as características de Alexandre porque ele é exatamente como ela.

Ela sabia que estava completamente apaixonada, mas estava negando a si própria. A prova disso era o sentimento de posse que estava crescendo dentro dela. E ao se dar conta, viu que em nenhum momento, sentiu o mesmo por Brandon. Nem mesmo sabendo que ele pode estar agora com outra mulher.

As horas passam e a irritação aumenta.

Ela olha no relógio e observa as horas. Já estava perto da hora do almoço. Então, decide sair para organizar os sentimentos confusos que brotavam em sua mente e estava deixando seu coração inquieto.

Ela pega sua bolsa e sai.

Na frente da construtora, ela vê um pequeno burburinho. Algumas mulheres, homens e crianças, em volta de um homem que autografava alguns papéis. Quando ela vê, Denis está acenando para ela.

— Denis? – ela olha confusa.

Ele se despede e atravessa a rua em sua direção.

— Leila! Tudo bem? – ele a abraça e dá um beijo em sua bochecha.

— Tudo. Nossa! O que faz aqui?

— Brandon me pediu para que viesse ver se estava bem. Não anda respondendo as ligações e nem aos e-mails. Ele ficou preocupado.

— Ah! Claro. É tanto trabalho que sempre deixo pra ligar para ele e acabo esquecendo – ela sorri sem graça.

— Já almoçou?

— Não. Estou saindo agora.

— Tem algum compromisso? Podemos almoçar juntos. Estou livre hoje.

— Claro – ela sorri.

Alexandre passa pela portaria da construtora e a vê conversando com um homem. Ele se aproxima e ao ver Denis ao lado dela, tira os óculos escuros e diz com ignorância:

— O que esse cara faz aqui?

Denis o olha e diz:

— Olha cara, não quero confusão. Só vim falar com...

— Eu disse para o infeliz do seu irmão que não queria ver a cara dele aqui e nem de ninguém da sua família. Será que eu não



fui claro o bastante? – ele se enfurece.

— Vocês se conhecem? – Leila pergunta confusa vendo a tensão entre os dois.

— O que faz com ele? – Alexandre diz com um tom acusatório.

— Ele é amigo do Brandon – ela diz sem entender nada.

— Ah! Tinha que ser – ele se irrita. — Dá o fora daqui.

— Hei. Podem me explicar o que está acontecendo? – ela ri nervosamente.

— Eu tenho mais o que fazer do que ficar aqui ao lado desse babaca – Alexandre diz e sai.

— Desculpa – Denis diz ao olhar para cara de espanto da Leila.

— O que foi isso?

— Ele me detesta por causa do meu irmão.

— Como assim, por causa do seu irmão?

— Ah, esquece. É uma longa história – Denis sorri.

— Bom. Vamos almoçar aí você me conta essa longa história – ela diz curiosa.

Atrás deles, Sophia aparece.

— Leila sua traíra. Nem me chamou para almoçar! – ela sorri e quando Denis vira para olhá-la, ela empalidece e surta.

— Oh My god! Denis Ferreira? – ela solta um gritinho agudo.

— Ah, vamos. Aposto que ela vai querer almoçar conosco.

Denis ri.

— Vocês vão almoçar juntos? – Sophia quase desmaia de emoção.

— Vamos. Quer vir? – Denis pergunta.

— Ai, eu posso?

— Claro, será um prazer – Denis diz sorrindo e os três saem em direção ao restaurante.

## Capítulo 23

Após o almoço, Leila e Sophia voltam ao trabalho. Sophia, radiante por ter tido o prazer de conhecer Denis, o jogador lindo, famoso e que exalava sensualidade. Ele lançava a ela olhares calorosos e totalmente interessados.

Leila conseguiu arrancar tudo o que queria saber. O choque por saber que Denis era irmão de Júlio, o mesmo homem com quem Patrícia traiu Alexandre e se casou logo após, deixou-a sem palavras.

Desde o episódio da traição, Alexandre se afastou completamente de todos, o qual mantinha uma maior ligação com Denis, mesmo assim, não suportou a humilhação e condenou a todos a viverem distantes. Ele achava que por ser mais seu amigo do que Júlio, tinha o direito de avisá-lo da traição do irmão. Mesmo Denis dizendo que nada sabia sobre o assunto, que ficara tão surpreso quanto ele, mesmo assim, Alexandre não voltou atrás. Ele queria ver o diabo, mas não queria nunca mais topar com qualquer membro daquela família.

Já no escritório, Leila não se contém e vai até Alexandre, cutucá-lo.

— Você vai a minha casa hoje para fazermos o projeto? Ontem você não apareceu, fiquei esperando – ela diz e ele a olha com uma expressão fria e distante.

— Não. Tenho compromisso.

— Mas isso também é um compromisso – ela se irrita. — O que de tão importante irá fazer que não podemos terminar isso logo?

— Leila, eu tenho uma vida fora daqui, se não percebeu. Hoje não terá como trabalhar no projeto e nem amanhã – seu olhar é duro. Ele estava apenas querendo se manter afastado dela por um tempo. Até que suas ideias e sentimentos ficassem mais controlados.

— Amanhã eu até entendo porque é sua festa, mas hoje?

— Já fez as coisas que te pedi?

— Já, quer dizer, ainda faltam algumas coisas – ela diz sem graça.

— Então as termine, por favor. Discutimos isso outra hora. Se quiser, posso te dar o pen drive e você adianta o projeto hoje sem mim e voltaremos a nos reunir na segunda – ele diz com cenho franzido analisando cada reação dela. A expressão de Leila estava clara; estava irritada com alguma coisa. — E antes que eu me esqueça, você pode falar com quem você quiser, mas aqui, na minha empresa ou na frente dela, não quero ter que me deparar com aquele cara – ele diz entredentes.

— Eu não posso fazer nada. Ele é um amigo e pelo que me contou, nunca fez nada a você. Está sendo infantil tratando-o de modo grosseiro – ela cruza os braços.

— Bom, já dei o meu recado. Não queira conhecer o meu outro lado Leila. Não vai gostar nenhum pouco. Te garanto – ele diz assustando-a de tal forma que ela fica momentaneamente sem fala. Ela já tinha ouvido falar desse lado frio e impiedoso de Alexandre, mas nunca realmente teve a chance de conhecer.

— Vou voltar ao trabalho – ela diz e sai pisando duro.

A tensão entre os dois só aumenta e deixa o ar carregado.

Ela queria perguntar que diabos ele tanto fazia com a mulher trancada em sua sala. Ela e a outra do dia anterior. Mas, apenas guardou para si esse sentimento de possessividade, que só faz crescer dentro de seu peito. Ela não tinha nenhum direito sobre ele. Tinha consciência disso.

Momentos depois, Léo e Thiago aparecem.

— E aí? Animado pra sua festa amanhã?

Eles se sentam, descontraídos.

— Nada – Alexandre solta um suspiro pesado.

— O que foi? Cara você está um horror. É a sua assistente que está te matando? – Thiago pergunta preocupado.

— Eu não sei mais o que eu faço. Eu já disse a ela que estou apaixonado e que estou louco por ela. O que mais ela quer? – Alexandre desabafa. — Me deu um fora e agora fica me irritando querendo saber cada passo da minha vida.

Léo ri.

— Ela tá na sua. Todo mundo sacou já. Até o paspalho do Brandon sacou quando vocês dois sumiram naquele dia na boate – Léo ri.

— Ela disse que o ama – Alexandre se entristece.

— Ama porra nenhuma. Olha o jeito que ela olha pra você?

— É preciso concordar com o Léo – Thiago diz e deixa Alexandre pensativo.

— Conseguiu resolver o problema com a Rita?

— Sim. Por sorte ela tinha o endereço dos familiares da Fernanda. Me senti um filho da puta. Conhecia ela dois anos e nunca perguntei sobre sua família.

— Bom, pelo menos fez a coisa certa. Uma pena que nesses casos de indenização do seguro, o noivo dela não pode ficar com a grana. O cara era gente boa e gostava dela – Léo surpreende os dois com o comentário.

— Bom, mas da Rita já consegui o que precisava. Acredita que a filha da puta ficou aqui me assediando o tempo todo?

— Ela é uma delícia. Se não quiser eu pego fácil – Léo diz com sua cara de safado.

— E a Pamela? O que ela queria? – Thiago pergunta.

Alexandre muda a expressão. Franze o cenho e cerra os dentes. Seu maxilar fica tenso e seus olhos escurecem.

— A vagabunda veio aqui tentar arrancar dinheiro. Disse que o que eu tiver que pagar a ela, será na justiça. Blefei dizendo que os diretores testemunhariam ao meu favor caso ela levasse a diante.

— E ela?

— Me espezinhou, é claro. Mas aposto que foi a vaca da Patrícia que a mandou aqui para me irritar. É bem a cara dela.

— Tu tá ferrado amigo. Não queria estar na sua pele.

— Vou provar que essa safada está mentindo. E quando conseguir, eu que entrarei com um processo de calúnia e difamação. Ela que me aguarde. Mexeu no vespeiro errado – ele rosna.

— Alexandre... – seu pai irrompe na sala com cara de poucos amigos.

— Pai?

— Em minha sala agora – ele diz com autoridade e sai.

— O velho está bravo – Thiago diz.

— Bom, nos vemos à noite? Acho que preciso de mais uma noite de cachaça pra aliviar o estresse. Só ontem não deu.

— Por mim, já tô lá – Thiago ri e Léo concorda.

— Vamos trabalhar então. Nos encontramos lá. Nem precisam ir lá em casa.

— Combinado – eles dizem em uníssono e saem junto com Alexandre que caminha em direção à sala de George.

Na copa, Melinda e Sophia tomam seus cafés. Thiago entra ao lado de Léo e pergunta a elas:

— Vocês também vão para a boate hoje?

— Acho que não – Melinda diz. — Boate todos os fins de semana, já está enjoativo.

— Eu também não vou.

— Bom então não teremos o prazer da companhia agradável de vocês essa noite? – Thiago flerta com Melinda.

— Não gatinho – ela ri.

— A vida é mesmo ingrata – ele faz cara de cachorro sem dono, mas não a convence.

Eles ficam jogando conversa fora por algum tempo.

— Vamos trabalhar? Circulando todo mundo! – Alexandre grita ao passar por eles.

Todos dispersam.

No final do expediente, Leila entra na sala de Alexandre para se despedir.

— Já estou indo.

— Boa noite – ele diz a ela sem levantar o olhar.

Ela fica chateada e sai sem dizer mais nada.

No caminho, ela sente a mesma sensação estranha de estar sendo seguida. Olha para os lados na rua escura e não vê ninguém suspeito. Apenas um casal de velhinhos passeando com seu pequeno cãozinho.

Ela suspira aliviada e entra no ônibus a caminho de sua casa.

Em casa, ela entra e vai direto tomar um banho. Rosália chega ao mesmo momento em que Leila se senta no sofá e liga seu notebook.

— Boa noite filha. Não vai sair hoje? Tão cedo de pijamas?

— Não. Vou ficar em casa – ela diz com semblante triste.

— Vou tomar um banho. Fez a janta?

— Esquentei o que tinha na geladeira.

Leila acessa seu e-mail e lê a mensagem de Brandon. No celular, duas chamadas perdidas e um torpedo.

Ela não responde ao e-mail e nem as chamadas. Seus pensamentos são invadidos por uma única imagem; Alexandre.

Seu telefone toca.

Sophia.

— Oi amiga.

— Oi, está em casa? – Sophia diz alto tentando sobrepujar a gritaria ao redor.

— Sim. Onde está?

— Em uma festa de aniversário.

— Jura?



— Quer vir? Eu passo aí e te pego. Aproveita e traga aquele deus grego, pelo amor!

Leila ri.

— Não tenho tanta intimidade com ele assim. Mas se quiser eu passo o telefone dele. Vi que ele também ficou interessado.

— Ainnn... Eu quero.

— Te mando pelo *WhatsApp*. A Melinda está com você? Achei que iriam para a boate.

— Não. Os meninos até nos chamaram. Mas não quisemos ir.

— O Alexandre também ia?

— Sim. Pelo jeito estavam combinando de encontrar algumas mulheres lá, inclusive a vaca da Rita. Não gosto daquela mulher.

Leila se enfurece.

— Também não vou com a cara dela.

— Tá bom então, amiga. Tô aguardando o telefone do Denis.  
Beijos.

— Beijos.

Leila desliga.

Ela fica enraivecida por Alexandre não comparecer para terminar o projeto para se divertir com a loira oferecida.

Ela se levanta decidida a infernizar e a não facilitar a noite para ele. Entra no quarto abre o closet e coloca uma saia soltinha, azul marinho, e uma blusinha branca de alças finas. Um salto preto alto e se maquia. Ao terminar, fica impressionada por ter se arrumado tão depressa.

No relógio, dez da noite.

Ela pega sua clutch preta e passa pela cozinha.

— Leila! Brandon no telefone – Rosália grita da sala.

Leila se aproxima e diz ainda enfurecida por pensar tanto em Alexandre e a forma que a deixa desestabilizada.

— Diga que eu saí.

— Mas filha, é a segunda vez que...

— Tchau mãe – abre a porta da sala e sai fechando a porta num baque seco.

Uma hora depois, Leila chega à boate.

Olha para as pessoas aglomeradas na pista de dança, mas não o encontra. Ela passa pelo bar e pede uma bebida. O som alto quase ensurdecedor, a irrita.

— E aí gatinha, está sozinha? – um rapaz forte e robusto diz e ela percebe alteração em sua voz. Estava bêbado.

— Não, estou com meu namorado.

— Conta outra gatinha, te vi entrando sozinha. Gostosinha você hein – o rapaz se aproxima, mas é impedido por Thiago.

— E aí cara, sai fora! – ele diz com ignorância.

O homem olha para eles, levanta as mãos em sinal de paz e vai embora.

— Pensei que não viriam hoje. Onde está Melinda e Sophia? – ele olha ao redor.

— Não vieram.

— Está sozinha? – ele pergunta franzindo o cenho.

— Esperando um amigo – ela mente. — E os outros? Onde estão?

— Léo se perdeu por aí com uma mulher e o Alê está com a Rita.

Ao ouvir a menção do nome dela, Leila se enfurece.

— E estão sozinhos?

— Estão na pista. Vim buscar uma bebida. Se quiser ir até... — Thiago fica mudo ao ver que fala sozinho. Leila já não está mais em sua frente. Quando olha para trás, ela segue em direção à pista, onde havia dito que os dois estavam.

Ele sorri.

Na pista de dança, Alexandre e Rita dançam ao som de ***Promiscuous – Nelly Furtado ft. Timbaland***. A dança sensual entre os dois faz Leila perder a cabeça. Ele tem uma de suas mãos na cintura da loira e outra segurando um copo com uísque, enquanto a loira, se esfrega nele, desavergonhadamente. Ao lado, Léo e uma morena dançam juntinhos.

— Então é pra isso que deixou de fazer o projeto? — ela pergunta enraivecida com os olhos queimando de ódio.

Alexandre a olha e pisca, tentando entender o que ela faz ali em sua frente.

Rita a olha e sorri maliciosamente.

— Não é a sua assistente? — ela pergunta deixando Leila com mais raiva.

— O que está fazendo com ela? — ela o interroga.

Alexandre a olha.

— O que faz aqui? Está sozinha?

— Vim me divertir assim como você. E pelo visto, não perde tempo não é? — ela diz entredentes. — É por isso que não confio em nenhum homem.

Ele ri.

— Só em seu namoradinho virtual. Talvez ele te traia virtualmente. Será que existe isso? Ou não é considerado um chifre? – ele ri.

— Você é um idiota! – ela grita visivelmente irritada.

— Qual é o seu problema Leila? Eu disse que estava apaixonado por você, que te queria com todas as letras e você disse não – ele se enfurece com sua cena de ciúmes.

— Ihhhh! Vai dar merda – Léo ri.

— Eu não disse que não. Só disse que não podia. Então na primeira oportunidade te pego se esfregando nessa aí – ela diz referindo-se a Rita, que está grudada em Alexandre, sorrindo.

Ele se desvencilha de Rita e a puxa pelos braços e anda a passos largos pela multidão. Ele a encosta na parede no canto esquerdo do palco e diz:

— Eu quero você agora! Vai ligar para o seu namorado babaca e terminar tudo com ele.

— Eu... E-u não posso fazer isso assim – ela gagueja. — Não posso terminar com alguém por telefone.

Ele ri.

— Essa é boa. Como foi que ele te pediu em namoro? Telepatia? Correio? E-mail? Fala sério! Ou termina agora, ou me deixe em paz para te esquecer de uma vez. Não sou homem de dividir nada. Muito menos mulher.

— Eu não posso fazer desse jeito – ela diz com a voz embargada.

— Eu disse a você que só voltaria a te tocar de novo, quando quisesse somente a mim. Se não pode se decidir é porque não me quer. Então Leila, você não tem o direito de vir até aqui e fazer a cena da namorada enciumada. Comigo isso não cola. Até onde eu

sei você é apenas minha assistente – ele diz com aspereza e sai deixando-a ali, sozinha e com lágrimas nos olhos.

Leila olha todos ao redor e se sente pequena, angustiada, perdida. O que ela mais quer, é cair nos braços de Alexandre e dizer que também o queria. Mas estava completamente confusa sobre seus sentimentos.

Alexandre sai com o coração apertado, mas não volta atrás e nem olha para ela. Por mais que esteja apaixonado, o que ele aprendeu nesses três anos pós-Patrícia, era que jamais se deixaria enganar por uma mulher novamente, mesmo que isso lhe custasse sua felicidade e que a perdesse de vez. Ele não era de desistir fácil, mas também não era bobo. Ele esperaria o momento certo. Pois desde o primeiro dia em que a viu, ele a escolheu por um motivo; ela foi a única depois de tanto tempo, que despertou nele o amor puro e verdadeiro. Ao lado dela, ele podia ser ele mesmo.

Ela sai da boate e caminha até um ponto de táxi. Entra no carro e passa o endereço para o motorista de meia idade com cabelos grisalhos que a olha atentamente.

— A senhorita está bem? – ele pergunta ao vê-la chorar.

Ela olha envergonhada e responde:

— Estou.

Em pouco tempo, ela chega em casa.

— Chegou cedo – Rosália diz assim que ela passa pela porta.

Leila não diz nada. Joga as chaves e a bolsa no aparador e corre para o quarto. Ela se joga na cama e chora copiosamente.

Rosália preocupada vai atrás da filha, aflita.

Ao vê-la chorar como uma criança senta ao seu lado e a abraça.

— Minha filha, o que foi? – pergunta alisando seus cabelos.

Leila chora ainda mais. O som de seus soluços preenche o ambiente e deixa Rosália com coração apertadinho.

— Chora minha menina. Isso é bom.

Leila se afasta e diz aos prantos:

— Eu estou tão confusa, mãe. Por que ele tinha que aparecer na minha vida?

— Quem? O Brandon? Achei que estavam se dando bem.

— Não... Alexandre – ela enxuga as lágrimas e aos poucos se acalma.

— Ah! – ela olha para a filha que parece perdida.

— Você gosta dele, não é?

— Sim. Mas também gosto do Brandon, ele é meu namorado. E não posso fazer isso com ele. Não é justo.

— Fazer o quê? Minha filha, é evidente que o Alexandre gosta de você.

— Ele quer que eu termine com o Brandon e fique com ele. Mas eu não sei... Não sei se consigo – ela diz derrotada.

— Leila, por mais que eu não simpatize com o Brandon, acho que ele merece saber a verdade. Alexandre tem razão. Não tem como você ficar com os dois, minha filha.

— Eu sei. Esse é o problema. Não sei qual dos dois eu quero – ela sussurra.

Rosália ri.

— Você sabe. No fundo você sabe.

— Eles são diferentes. Completamente diferentes.

— Todos são, Leila.

— O Brandon é carinhoso, inteligente, educado, me respeita... Ele me trata como uma princesa. Qual mulher não gostaria de ser tratada dessa forma? Eu sinto uma paz quando estou ao lado dele e me sinto protegida – ela suspira. — Já o Alexandre, ele é irritante, grosso, educado às vezes, mas me tira do eixo. Quando estou perto dele é tudo diferente. Eu respiro com dificuldade, meu corpo não me obedece, minha mente é preenchida apenas por ele. Minhas emoções ficam mais ampliadas. Todas elas. Eu me sinto completa ao lado dele. Ele desperta o melhor e o pior de mim e isso me deixa apavorada – ela ri e chora ao mesmo tempo.

Rosália sorri.

— Presta atenção no que acabou de falar Leila. Você não está indecisa. Está com medo. Medo desse sentimento que está crescendo em você e que está te sufocando. Você sabe exatamente qual é o lugar dos dois no seu coração. Não posso dizer pra você que será feliz com o Alexandre ou com o Brandon. E nem com quem deve ficar. Isso cabe a você. Ninguém é feliz o tempo todo. Nós erramos, acertamos... Mas o pior mesmo é quando fazemos a escolha errada. A escolha certa pode fazer toda a diferença. Não há dúvidas de que os dois a amam e faria qualquer coisa para te fazer feliz. Eu pude ver nos olhos de cada um. Mas ninguém pode ser feliz sozinho. Não é justo sacrificar o amor por medo. Será infeliz e fará o outro infeliz também.

— Eu sei. Mas é difícil – ela diz perdida.

— Quem disse que é fácil? – Rosália a abraça tentando confortá-la. — O Brandon já ligou três vezes. Acho que deveria ligar para ele.

— Amanhã. Amanhã eu ligo.

— Boa noite filha. Pensa em tudo em que te falei.

Leila sorri e assente.

— Obrigada mãe.

Alexandre chega a seu apartamento. Assim que Leila saiu da boate, ele se despediu e também foi embora.

Em seu sofá macio, deitado, ele pensa em tudo que disse a ela. Fecha os olhos e pragueja.

*E se ela me odiar por isso?* – ele pensa.

Seu coração apertado, sua mente pensativa...

O nó na garganta estava causando-lhe asfixia. A vontade de gritar e de expor toda sua raiva, era evidente.

Ele não se conforma de ter se apaixonado justo por uma mulher que não o amava. Ele sabe que ela o deseja, mas não tem ideia da proporção de seus sentimentos por ele. E, a recusa dela, o faz pensar que não está interessada nele da mesma forma em que está por ela.

Depois de tantos anos se privando da felicidade e do amor, ele enfim abre seu coração somente para ser despedaçado mais uma vez.

E isso doía em seu peito.

Caminhando de um lado para o outro em seu apartamento, ele decide colocar todo seu orgulho de lado. O orgulho que o manteve firme para não cair novamente. Mas com Leila, ele rastejaria se fosse preciso. Ele se assusta em admitir que por ela, faria o que fosse. Inclusive, daria sua vida por ela.

Ele estava perdido, apaixonado e de joelhos.

Já não havia mais salvação para ele.

Ele a ama e não desistirá tão fácil.

Totalmente contraditório, ele decide tentar mais uma vez.



Ele anda a passos largos até seu telefone e liga para ela.

Dá um longo suspiro e diz, ao ser atendido:

— Eu amo você, Leila.

— Alexandre? – a voz dela bate direto em seu coração.

— Por favor, me deixe falar. Eu amo você... Tanto, mas tanto, que chega a doer. Eu não consigo arrancar você da minha cabeça. Parece uma maldição! Eu vejo você em todos os lados em que eu olho. Eu sonho com você todas as noites. Eu já estou ficando maluco. Eu sei que você quer. Eu só quero saber se você se sente da mesma forma. Se me ama. Se está disposta a viver ao meu lado. Meu carro ainda está lá fora Leila. Se disser que sim... Se disser que também me quer, que me ama, eu corro pra você agora e te trago pra casa – ele desabafa, enxuga as lágrimas que rolam por seu rosto silenciosamente.

O silêncio do outro lado, o faz murchar e perder as esperanças.

— Eu preciso de um tempo – ela sussurra. — Me desculpe – e desliga deixando-o ainda pior e desesperado.

A única coisa que poderia fazer era esperar.

Na casa de Leila, Rosália escuta a conversa ao telefone pela extensão da sala. Não que ela fosse uma mexeriqueira. Mas estava preocupada com a filha. Quando desligam, ela sorri e diz para si mesma:

— Ela não ouviu nada do que eu disse. Também, como posso culpá-la? Eu era igualzinha. Só espero que ela faça a escolha certa, assim como eu fiz.

## Capítulo 24

O dia amanhece e Leila luta para sair da cama. Seus olhos inchados de tanto chorar a noite inteira, mal se abrem. Sua cabeça dói e ela não tem ânimo para se levantar.

— Filha, não vai trabalhar hoje? – Rosália pergunta ao entrar no quarto. Ela abre as cortinas deixando o sol entrar pela janela.

— Não. Hoje ninguém trabalha na empresa. É aniversário do Alexandre – ela diz se espreguiçando.

— Ah! Por que não me disse? Teria comprado uma lembrancinha para ele.

— Ele é milionário, mãe. Nem iria ligar para a lembrancinha – ela desdenha.

— Êeee... Mau humor!

Leila bufa.

— Vai ter alguma comemoração?

— Vai, mas eu não vou – ela diz e levanta da cama.

— E por que não?

— Não estou a fim mãe. Só isso – ela responde impaciente.

Rosália a ajuda dobrar as cobertas e arrumar a cama. Fica observando a postura rígida e preocupada de Leila.

— Ligou para o Brandon?

— Não mãe. Não liguei e nem vou ligar. Acabei de acordar – diz e entra no banheiro fechando a porta.

Rosália apenas ri.

— Tem gente que gosta de enganar a si próprio mesmo! – ela diz para si mesma.

Ela termina de arrumar o quarto e sai para fazer outros afazeres.

No apartamento de Alexandre, ele recebe pela manhã, a visita de seus amigos.

Ainda descalço apenas de short preto, ele abre a porta tomando um susto com o ataque de Léo que joga um ovo em sua cabeça.

— Feliz aniversário! – Léo e Thiago dizem em uníssono.

Alexandre ri.

— Porra cara! Tá de sacanagem? – ele pergunta com nojo da meleca fedida que escorre em seu rosto.

— Pra lembrar os tempos de faculdade – Léo ri.

— Vocês me pagam – ele diz e caminha em direção ao banheiro.

— Tem algo pra beber nessa casa? – Thiago grita.

— Não! Nem pense em beber o meu *Scotch!* – Alexandre grita do banheiro.

— Você tem um uísque escocês? E nem nos oferece? – Thiago finge estar chateado.

— Nem morto. Ele é e meu e não compartilho – Alexandre ri entrando no chuveiro.

Léo e Thiago se sentam no sofá a espera dele.

Após um tempo, Alexandre entra na sala apenas de cueca branca, secando os cabelos.

— Ah pelo amor de Deus! Cobre isso aí – Thiago fecha os olhos e faz uma careta.

— Cara, você tá igual àquele cara do crepúsculo, o Edward – Léo ri apontando para Alexandre e seu penteado desgrenhado.

— Vai se ferrar. Tá vendo alguma purpurina aqui no meu corpo? Babaca – ele ri.

— Ihhhh, tem gente aqui que anda vendo crepúsculo – Thiago diz tirando sarro de Léo. — Isso é coisa de viadinho – ele zoa.

Alexandre gargalha.

— Toma mané!

— Abre logo essa porra de *Scotch*. Quero beber.

— Léo, são onze da manhã. Ninguém bebe às onze da manhã! – Alexandre ri.

— Nós viemos almoçar com você. Nós três juntos como amigos inseparáveis. O mínimo que pode fazer por mim é abrir esse uísque – ele diz.

— Vamos almoçar onde? Aqui? – Thiago fica surpreso.

— Alexandre sabe fazer miojo de copo. No dia do jogo ele fez. Já é um começo – Léo ri e leva um chute nas canelas de Alexandre.

— Ai! Isso dói – ele choraminga com a mão nas canelas.

— Até uma mula sabe fazer miojo de copo – Thiago ri. — E a Leila? – Thiago pergunta e o silêncio se instala na sala.

— Não quero falar sobre ela – ele se senta no sofá.

— Ela vai estar na festa?

— Não sei. Ela foi convidada, mas duvido que vá.

— Cara, pega logo essa mulher de jeito e dá um trato nela. Vocês estão moscando.

— Ela não é uma mulher qualquer Léo. Eu a quero pra mim não só pra dar um "trato", como você pensa.

— Então porra, vai lá na casa dela e diz que virou uma bichinha apaixonada.

— Eu já disse – Alexandre sussurra.

— Você o quê? Eu ouvi bem? – Thiago ri.

— Eu já disse – ele repete. — Inclusive que a amo e que faria tudo por ela – ele repete.

— Não acredito! O todo *foderoso* Keller, apaixonado.

Todos riem.

— Estão perdidos quando chegar a hora de vocês – ele aponta para os dois já imaginando todas as sacanagens que fará quando esse dia chegar.

— Eu? Apaixonado? – Léo ri. — É mais fácil você ver Jesus primeiro, meu amigo.

— Olha lá, hein! Aposto que você será o primeiro – Alexandre ri.

— Vocês estão tão engraçadinhos hoje... – Léo fica irritado. — Vamos ou não vamos fazer esse almoço?

— Acho melhor irmos a uma churrascaria. O que me dizem? – Alexandre diz para fugir da cozinha.

— Apoiado – Thiago e Léo concordam. — Vamos! – Léo é o primeiro a se levantar.

— Caralho... Isso tudo é pra fugir do meu miojo? – Alexandre gargalha.

— Miojo amigo... Ninguém merece.

Eles riem.

O telefone de Alexandre toca em cima do aparador.

Steve.

— Fala Steve – ele atende.

— Senhor Keller, preciso falar com o senhor urgente.

— Hoje não Steve. Hoje é meu aniversário e estou de saída. Me liga amanhã, tudo bem?

— É urgente.

— Amanhã Steve. Hoje tirei o dia de folga – ele ri.

— Tudo bem. Volto a ligar amanhã.

Alexandre desliga e olha para os amigos.

— Me deem só um minuto. Vou colocar uma roupa – ele diz e sai em direção ao quarto.

Pouco tempo depois, Alexandre aparece trajando um jeans escuro e uma camiseta cinza. Pega seu boné, celular, chaves do carro e a carteira.

— Vamos? Na volta vou passar na casa dos meus pais. Minha mãe deve estar louca com os preparativos da festa.

— Vamos – Léo diz e Thiago se levanta em direção à porta.

Os amigos saem cada um em seu carro para comemorar entre eles o aniversário de Alê, como nos velhos tempos...

Na casa de Leila, após o almoço, ela embarca numa depressão profunda. Caixas e mais caixas de chocolates ao seu redor, um filme de mulherzinha, amparada apenas por seu travesseiro.

— Filha, a Melinda e a Sophia estão na sala. Querem falar com você.

— Já disse que não queria falar com ninguém, mãe – ela resmunga debaixo das cobertas.

Rosália sai e vai até a sala.

— Meninas, já tentei de tudo. Se quiserem ir até lá e tentar tirá-la da cama – ela diz derrotada.

— Pode deixar. Nós daremos uma sacudida no astral dela – Sophia ri.

As duas caminham para o quarto de Leila e ao chegar, Melinda diz espantada:

— Hei garota! Vai ficar aí na cama mofando enquanto todos se divertem na festa? Viemos buscá-la para ir ao salão conosco. Vai, se levanta.

— Não! Podem ir porque eu não vou – ela choraminga.

— Nada disso Leila. Credo que *deprê* garota – Sophia diz puxando sua coberta e a joga no chão.

— Ai meninas, não estou no clima. Sério – ela senta na cama e cruza os braços, desanimada.

— Você está horrorosa! Vamos. Nós vamos arrumá-la - Melinda diz, puxando-a da cama e a empurra para o banheiro. — A primeira coisa é tomar um banho. O resto, o salão faz.

— Eu não comprei um vestido – Leila diz tirando a roupa.

— Então vamos comprar um – Sophia sorri.

Leila olha para elas e dá um sorriso fraco.

— Não quero ir.

— Você não tem o que querer. Anda logo – Melinda bate o pé e ela entra no chuveiro.

Após o banho, Leila entra no quarto, um pouco mais animada.

— Vamos aonde? Eu não tenho um vestido e no convite disse que o traje era esporte fino.

— Nós decidimos na hora. Vamos... Se arruma logo.

Leila faz o que elas pedem. Coloca um jeans, salto alto e uma blusa preta. Sem muita maquiagem, ela pega a bolsa e sai com as amigas em busca da roupa perfeita para a festa e ao salão de cabeleireiro.

A tarde agradável, a deixa mais animada. Leila se encanta por um macacão preto e branco de seda, com uma fenda na coxa e um cinto dourado. Com a roupa comprada, elas seguem para o salão.

Após se arrumarem, todas voltam para suas casas.

— Passo pra te pegar às nove. Esteja pronta – Melinda grita assim que deixa Leila em frente sua casa.

— Vou estar esperando- ela acena sorrindo.

A noite começa.

O local escolhido para a festa é uma das maiores e mais badaladas boates de São Paulo. Sempre alugada por famosos para festas e eventos. Todos os anos, Elizabeth, mãe de Alexandre, fazia questão que as festas fossem em sua mansão. Este ano, ele quis algo diferente. Não queria ficar entediado com formalidades. Também não era uma festa simples, mas era o mais próximo do comum que ele pode imaginar. Ele não queria luxos e nem ostentar sua fortuna, ele queria barulho e diversão. Como qualquer jovem em sua idade.



Ele fez questão de contratar uma banda local de sucesso, Red Roses, para animar os convidados. O vocalista, Alex Riccieri e os outros integrantes da banda de rock, já estavam no local.

Alexandre vai até eles para conhecê-los e dar as boas-vindas.

— E aí cara – Alexandre se aproxima de Alex, que veste uma camisa preta de botões, calça jeans e leva sua guitarra em seu ombro sustentada pela alça.

— E aí, tudo bem? – Alex diz cumprimentando-o com um forte abraço. — Poxa, é uma honra para nós poder tocar em sua festa de aniversário.

— Que isso. A honra é toda minha. Me amarro no som de vocês – Alexandre diz extasiado.

— Esses aqui são Dilan e Roger. Meus amigos e também meus seguranças.

— Como vai? – Alexandre os cumprimenta.

— Essa é minha esposa, Vitória e Margareth, noiva do Roger.

Alexandre se aproxima das mulheres e as beija no rosto educadamente.

— Quero que fiquem à vontade. O que precisar, podem mandar me chamar que estarei à disposição – Alexandre sorri. — Quero que se divirtam e divirtam meus convidados.

— Pode deixar. Vamos fazer o maior barulho aqui – Alex ri animado.

— Bom, vou recepcionar os convidados. Fiquem à vontade.

Alexandre diz e sai deixando todos no camarim.

Ele anda pelo salão e esbarra em Léo.

— E o Thiago? Não chegou?

— Ainda não. Tá bonitão hein... – Léo ri olhando para Alexandre vestido com uma camiseta preta, jeans escuro e um blazer azul marinho.

— Sai pra lá – ele ri.

— Acabei de ver a Rita. Você a convidou? – ele pergunta confuso.

— Claro. Ela é uma amiga e também sabia sobre a festa. Ficava chato não convidar.

— Sei.

— Viu meus pais por aí? – ele pergunta ao ver o salão cheio.

— Não. Seu pai estava há alguns minutos atrás com uns vereadores. Como sempre falando de política.

— Esse é meu pai – ele ri.

Thiago aparece com um copo de uísque nas mãos.

— E aí? Cadê a mulherada dessa festa? – ele olha em volta.

— Tem um monte por aí. Divirta-se – Alexandre diz dando um tapinha em suas costas.

A música de **Jennifer Hudson, Ne-Yo - Think Like A Man ft. Rick Ross**, rola alto na boate.

Na pista de dança, o jogo de luzes coloridas e o canhão de fumaça, dava um toque especial.

Em volta de todo o salão, mesas decoradas e forradas com seda branca e **flores**.

Ele anda por entre os convidados.

Assim que sua mãe o vê, ela se aproxima. Elegante como sempre, Elizabeth fica encantada com o lugar.

— Meu filho, até que isso está animado – ela sorri.

— Não disse que era animado?

— Mas seu pai está detestando – ela diz bebendo seu champanhe.

— O pai tá velho. Não liga pra isso e vá se divertir – ele dá um beijo em seu rosto. — Vou cumprimentar uns amigos.

— Vai lá meu filho.

Alexandre cumprimenta a todos dando o máximo de atenção. Mas, sua cabeça estava longe dali. Sua cabeça e seu coração. Ele olhava para a entrada de minuto em minuto, esperando o momento em que Leila irrompesse pela porta a sua procura.

Na casa de Leila, ela termina de se arrumar.

Sua mãe a olha contente por ela estar mais animada.

— Dá um beijo no Alexandre pra mim – ela diz ajudando-a a colocar o cinto.

— As meninas já chegaram?

— Estão lá fora no carro.

— Bom, vou indo... Já estamos atrasadas – ela dá um beijo em Rosália.

Leila chega no carro de Melinda, estacionado em frente a sua casa.

— Nossa que demora! – Sophia diz.

— Desculpa. Vamos?

— Vamos.

No caminho, Melinda fica apreensiva.

— Que cara é essa? – Leila pergunta.

— Não sei. Estão vendo aquele carro vermelho? Está nos seguindo já faz algum tempo – ela diz desconfiada, olhando pra o Corsa vermelho, pelo retrovisor.

— Tá ficando maluca – Sophia ri. — Não vejo nada.

— Pode ser – ela diz ainda cismada.

Assim que chegam, ela olha ao redor, mas não vê o carro que pensou que as seguia.

A rua lotada de carros e a frente da boate toda iluminada, as deixam ansiosas.

As três passam pelos seguranças na porta da boate e dão seus nomes. Suas entradas são liberadas na mesma hora.

Lá dentro, elas olham tudo com curiosidade. A boate lotada, as impede de achar facilmente o aniversariante.

— Olha o Léo ali – Sophia aponta para Léo perto do palco, vestido elegantemente numa camisa azul escura com as mangas dobradas até o antebraço e um jeans claro.

— Como é gostoso, meu Deus! – Sophia ri.

— E safado. Nem começa hein Sophia – Melinda alerta.

— Até parece. Ele nunca me deu bola – ela ri.

— Não vejo o Alexandre – Leila comenta amuada.

— Com esse monte de gente, acredito que ele não estará tão disponível para nós, meras empregadas mortais – Sophia ri e acena para o garçom que carrega uma bandeja de champanhe.

— Vamos ficar naquela mesa?

— Aquela perto do palco?

Melinda olha na direção apontada por Sophia.

— Isso.

— Perfeito – Leila diz.

Elas caminham em direção à mesa e no caminho, esbarram em Alexandre que abre um sorriso ao vê-las.

— Que bom que vieram – ele diz abraçando as três.

— Não deixaríamos de prestigiar nosso chefinho – Melinda ri.

Leila olha para ele um pouco envergonhada.

Os olhares que trocam são tensos. O clima estranho entre os dois faz Melinda e Sophia se entreolharem, confusas.

— Fiquem à vontade. Se precisarem de alguma coisa é só me falar – ele se despede.

— O que foi aquilo? Tá rolando algo entre você e o chefinho? – Melinda curiosa, deixa Leila ainda mais sem graça.

— Claro que não! – ela exclama.

Pouco tempo depois, Rita passa por elas, linda, loira, exuberante. Seus cabelos loiros e sua boca vermelha chamam atenção de quase todos os homens, e desperta inveja de algumas mulheres.

— Não acredito! – Leila murmura.

— O que foi?

— Olha lá.

Elas olham e veem Rita, abraçando Alexandre que ri como um bobo ao seu lado.

— Vaca!

— Vaca mesmo.

— Tem uma cara de oferecida essa mulher. Olha a roupa dela de “vem me foder”!

— É uma ridícula – Leila cospe as palavras.

— Acha que eles estão saindo? – Sophia pergunta.

— Certeza. Eles saiam juntos na época da Fernanda. Aposto que ainda tem alguma coisa – Melinda diz deixando Leila irritada e enciumada.

Ela se levanta e diz:

— Vou dar uma volta e beber um pouco. Já volto – e sai.

Ela anda furiosa em meio às pessoas e pega um copo com uísque do garçom ao seu lado que serve os convidados com simpatia.

Em um só gole, ela bebe seu uísque e deposita o copo na bandeja.

O garçom olha para ela estupefato.

— Leila, querida! – Elizabeth diz ao passar por ela.

— Oi senhora Keller, tudo bem?

— Menina está linda!

— Obrigada – ela sorri timidamente. — A senhora também está deslumbrante.

— Já viu o Alexandre?

— Sim. Já o cumprimentei.

— Venha, vou apresentar a você alguns amigos – ela pega na mão de Leila.

Elizabeth a leva para conhecer alguns amigos vereadores.

À mesa, estão sentados George, Marcos e Hélio.

Marcos, um sujeito de meia idade, trabalha como assistente do prefeito. Já Hélio, é um dos vereadores da cidade. Um homem

elegante e extremamente mulherengo. Quando olha para Leila, seus olhos cravam em se corpo.

De longe, Alexandre assiste tudo, atento.

Ele observa cada movimento de Leila.

Linda.

Absurdamente perfeita.

Ele fica de longe contemplando sua beleza, seu corpo perfeito vestido com um macacão mais sensual que já havia visto e fica louco ao ver a fenda enorme em sua coxa direita que mexia com a imaginação de qualquer um.

— Babando pela assistente? – uma voz o faz pular de susto.

— Caralho! Que susto – ele diz. — Quer me matar? – ele olha feio para Thiago.

— Por que não acaba logo com isso cara? Vá até ela e mostra pra que veio ao mundo.

— E pra que eu vim ao mundo? Tá bêbado já? – ele bufa.

— Viemos pra multiplicar – ele ri.

— Thiago, eu me espanto com você, sabia? Só uma louca pra cair nas suas cantadas ridículas – Alexandre gargalha.

— Sempre dá certo... Não sou eu que tá sem pegar ninguém.

— Vá se ferrar.

— E hoje meu irmão... Tô a fim de pegar geral – diz bebericando seu uísque.

— Vê se não enche a cara. Não vou levar ninguém pra casa.

— Então vamos cara, vamos nos divertir... Sai dessa de olhar a mina de longe.

Eles riem e saem em direção à pista para dançar.

As horas passam e a festa fica cada vez mais animada. A banda contratada entra no palco animando a todos ao som cover de Nirvana, Metálica e muitos outros.

Melinda arrasta Leila para dançar tentando animá-la um pouco mais.

Enquanto pulavam na pista, Rita se aproxima e se enlaça no pescoço de Alexandre, que estava quase ao lado delas.

Leila vê e o ciúme a consome.

— O que foi amiga? Está com uma cara de quem vai tirar o pai da força – Sophia ri ao olhar a expressão preocupada de Leila.

— Estou mais para assassinar uma piranha – ela rosna olhando para Rita e seus olhos acompanham as mãos de Alexandre em sua cintura.

— É impressão minha ou você está com ciúmes do chefinho?

— Eu? Claro que não! Só não vou com a cara dela.

— Nem eu. Mas não estou com essa cara, como você. Já estou ficando com medo – Melinda diz olhando para Rita.

Leila olha para o relógio de pulso e vê que já passa da uma da manhã.

— Acho que vou embora. Já estou cansada.

— Ah, não. Não inventa – Sophia implica.

— Olha lá. Aquela não é a Patrícia? – Melinda aponta para a loira, vindo em direção a Alexandre.

— Vai rolar barraco, quer ver? – Sophia ri.

Leila apenas observa calada.



Alexandre, ao olhar para o lado vê Patrícia, vindo em sua direção, com um sorriso cínico no rosto.

— O que essa filha da puta faz aqui? – ele pergunta despertando a curiosidade de Léo e Thiago que estão ao seu lado.

— Caralho, velho. Não acredito que ela teve a coragem – Léo fica pasmo.

— Ah, mas eu vou chutá-la daqui e é agora – Alexandre diz partindo para cima de sua ex-noiva como um falcão.

Ao se aproximar e ver a sua cara de pau, ele grita:

— Que porra você faz aqui?

— Hum, quanta falta de educação – ela ri cinicamente.

— Vai sair daqui agora ou te chuto como uma cadela sarnenta até a rua.

— Vim te dar os parabéns. E... Dizer que seu tempo está acabando – ela sorri de lado.

— É uma vaca mesmo, não é? Vai sair daqui agora – ele diz pegando-a pelos braços e a arrasta pelo salão.

Preocupados, Léo e Thiago vão atrás.

Quando Alexandre chega à porta da boate, a empurra para fora e grita para os seguranças:

— Tirem-na daqui. Piranha aqui não entra – ele diz entredentes fazendo-a rir descontroladamente.

— Sua doente! – e entra.

— Cara. Essa sua ex é o demônio – Léo comenta.

— Ela me tira do sério. Isso sim... Vagabunda de quinta. Veio aqui só pra me irritar – ele fica ávido de ódio.

— Calma lindinho – Rita diz se aproximando. Ao Lado, Leila observa a cena.

Rita o abraça.

— Vou dar uma volta por aí – Thiago diz e sai.

Rita investe em sua sedução e aproveita a distração de Alexandre para beijá-lo. Ao se dar conta, ele a afasta irritado e se apavora ao olhar a sua frente e ver Leila olhando para ele furiosa.

Ela sai andando a passos largos a procura de Melinda e Sophia e não as encontra.

Ela anda por todos os lados e nada.

— Leila, Leila – Alexandre grita por ela.

Ela o olha e segue em frente ignorando-o completamente.

Ele vai atrás.

Perto do bar, ele a agarra pelos braços.

— Leila.

— Tire as mãos de mim – ela diz se desvencilhando de sua mão pesada.

— Leila eu não tenho nada com ela...

— Não me deve nenhuma satisfação. Não sou nada sua – ela diz com arrogância e dá as costas para ele.

— Espere droga! – ela a puxa.

— O que acontece aqui? – Rita aparece e o abraça deixando **Leila** ainda mais fora de si.

— Rita dá um tempo – ele diz.

— Podem ficar aí. Não quero atrapalhar – Leila diz e sai em disparada para a porta de saída.

— Leila! Leila! – ele grita, mas o som alto o impede de ser ouvido.

Rita ainda o tem em seus braços.

— Me larga, Rita.

— Por que não deixa ela pra lá? Podemos nos divertir juntos - diz maliciosamente.

— Não, não podemos – diz e a deixa ali, plantada.

Leila passa pela porta lateral e dá de cara com a rua escura. O vento frio a faz tremer. Ela olha de um lado para o outro e não vê ninguém.

— Droga! Será que tem um táxi por aqui? – ela diz para si mesma e caminha até a esquina.

Quando está prestes a virar a esquina, ela se depara com um homem alto, forte, encapuzado.

Seu primeiro instinto é gritar, mas assim que o homem retira o capuz da blusa de moletom vermelha, ela empalidece.

Fábio.

Em carne e osso em sua frente.

Como num flash, todos os temores de sua vida passada veem à tona. Ela dá um passo para trás na intenção de correr só que é impedida pelas mãos fortes do lutador recém-saído da cadeia.

— Leila! Quanto tempo... – ele diz com sua voz forte e rouca.

Ela fecha os olhos e leva a mão ao peito, tentando conter o pânico que se instala rapidamente.

Fábio solta o braço dela e diz:

— Eu só queria falar com você. Será que podemos conversar?

— Não chega perto de mim – ela diz amedrontada com os olhos arregalados de medo.

Fábio dá um passo à frente e, sem pensar, ela corre de volta para a boate, pedindo por socorro.

No susto, ele vai atrás dela, para tentar acalmá-la.

Ela se desequilibra em seus saltos na calçada, e cai. Rala os joelhos e a mão direita que usa para se apoiar no chão.

Quando vê, Fábio está em cima dela, segurando seus braços, tentando levantá-la.

Ela grita.

— Me solta! Me larga – ela se debate, chorando, aterrorizada.

— Leila me escuta. Não vou fazer nada contra você eu só quero...

— Me largaaaaaaa... Socorroooo! Me largaaaaa – ela grita a plenos pulmões.

Fábio a segura com mais força, a encosta na parede e coloca a mão sobre sua boca para conter seus gritos.

Ela se apavora e chora.

A única coisa que ela consegue lembrar ***é do pavor que sentiu nas mãos daquele homem no dia em que perdeu seu filho.***

Ela se debate tentando se desvencilhar dele. O pânico fica mais forte e ela não consegue respirar.

Na porta da boate, Alexandre a vê e corre até ela. Atrás dele, Léo assiste a cena e segue para ajudá-lo.

— Tire suas mãos dela, seu filho da puta! – Alexandre o puxa pela blusa e o empurra para longe. Ao olhar para ele, fica

assustado. Ele o reconhece de imediato, das fotos que Steve havia dado a ele do ex-namorado de Leila, o lutador.

— Quem é você seu idiota? – Fábio grita partindo para cima dele.

Alexandre enraivecido, o bloqueia e o encosta na parede. Ele coloca seu antebraço sobre a garganta de Fábio quase esmagando-a dolorosamente.

— Eu sou aquele que vai foder com a sua vida e te jogar de volta em uma cela se colocar sua mão imunda mais uma vez na minha mulher – ele rosna. — Agora some daqui ou eu chamo a polícia.

Fábio abaixa a crista e vai embora.

Quando ele olha para trás, Leila está sentada no chão, abraçada em Léo, respirando com dificuldade, tendo um surto de pânico.

Ele corre até ela. Retira do bolso as chaves do carro e diz a Léo:

— Vá buscar meu carro. Vou levá-la para casa – e entrega as chaves ao amigo.

Leila chora.

— Leila, Leila olha pra mim... – Alexandre coloca as mãos no rosto dela e a abraça. — Leila, fala comigo. Ele te machucou? Te fez alguma coisa? – pergunta observando-a atento e ao ver sua mão machucada e seu joelho, ele pragueja.

— Eu vou chamar a Melinda para te ajudar.

— Não! – ela grita. — Por favor, não me deixa aqui sozinha com ele. Por favor, por favor, não me deixe aqui sozinha – ela se desespera agarrando-o e deixando-o em mil pedaços.

— Não vou deixar você Leila. Eu estou aqui. Vou ficar com você, tudo bem?

Ela chora desesperadamente.

— Você precisa se acalmar. Venha, vou te ajudar a levantar.

Léo encosta com o carro e abre a porta indo em direção aos dois.

— Aqui – ele entrega as chaves.

Alexandre a levanta e a carrega no colo até o banco detrás do carro. Quando ele a solta ela se apavora.

— Não vá, não quero ficar aqui sozinha, por favor – ela o abraça ainda mais forte, e chora ainda mais, abalada.

Ele beija sua têmpora e alisa seus cabelos.

— Fica calma. Vou ficar aqui – ele diz carinhosamente. — Léo, pode nos levar? Vou aqui atrás com ela.

— Claro. Vai levá-la para um hospital, para casa dela?

— Não hospital não! – ela se apavora. — Por favor, não quero voltar para aquele lugar. Por favor, não me deixe ir pra lá de novo – ela chora aterrorizada ao pensar que acabaria outra vez em tratamento psiquiátrico.

— Sem hospitais – ele diz confortando-a. — Quer ir aonde? Pra sua casa? Quer que eu ligue para sua mãe?

Ela apenas chora.

— Léo, nos leve para meu apartamento. Depois eu aviso a mãe dela.

— Tem certeza?

— Sim.

Léo dá a partida e dirige para o apartamento de Alexandre.

Para não preocupar Rosália, Alexandre liga no caminho dizendo que Leila dormiria na casa dele e que no dia seguinte a levaria embora.

Ele abraça Leila, e tenta acalmá-la.

— Vou cuidar de você. Não se preocupa. Não vou deixar ninguém te machucar. Ninguém – diz e ela se acalma aos poucos abraçada a ele.

## Capítulo 25

No caminho para seu apartamento, Alexandre a observa dormir em seus braços. Ele beija o topo de sua cabeça e seu coração fica apertado pensando nas coisas que teriam acontecido com ela caso ele não estivesse lá no momento do ataque.

Ele acaricia os cabelos macios de Leila e beija seu rosto carinhosamente.

Léo olha pelo retrovisor, preocupado.

— O que vai fazer com ela? – o amigo pergunta.

— Não sei - ele suspira. — Vou deixar que descanse quando chegar. Ela está abalada e vai precisar de mim.

Léo assente.

— Liga para o Thiago. Explique tudo para ele e peça que enrole meus pais caso perguntem por mim.

— Não vai voltar para sua festa? – pergunta confuso.

— Claro que não. Como posso deixá-la sozinha? Além disso, aquela festa não teria a menor graça sem ela.

— É a sua festa, Alê. Seus pais vão ficar uma fera.

— Conto com você pra me ajudar. Dá uma enrolada. Quando não puder mais, inventa alguma coisa. Diga que não estava me sentindo bem e fui pra casa – ele sussurra para não acordá-la. — Eu



preciso cuidar dela. Mantê-la segura, só isso – ele diz abraçando-a ainda mais forte.

Assim que Léo estaciona o carro em frente ao prédio de Alexandre, ele diz:

— Chegamos.

Alexandre tenta acordar Leila.

Ela abre os olhos lentamente.

— Leila, chegamos.

Alexandre abre a porta do carro e a ampara em seus braços.

— Léo, fique com meu carro. Amanhã vemos como faço para pegá-lo de volta.

— Tudo bem.

— Obrigado – ele diz e caminha com ela ao seu lado, abraçados, até a portaria do prédio.

Eles sobem pelo elevador.

— Fica tranquila que já avisei sua mãe que ficará aqui essa noite – ele diz olhando para ela ainda atônita com toda a situação.

Ele abre a porta do seu apartamento e ela entra.

— Venha – ele diz pegando-a no colo e caminha até o quarto de hóspedes e a coloca na cama.

— Obrigada – ela diz com a voz fraca.

— Vou buscar algo para limpar seus machucados e já volto.

Leila apenas assente olhando ao redor.

Ela deita na cama macia sobre os lençóis e observa o quarto organizado.

Segundos depois, Alexandre entra com um punhado de gaze e Merthiolate em mãos.

Ele se senta ao lado dela e a olha preocupado.

— Posso?

— Claro.

Ele pega em sua mão machucada e a limpa. Leva sua mão até a fenda de seu macacão e com cuidado, limpa seu joelho ralado e com um pouco de sangue.

— Quer falar sobre isso? – ele pergunta sem olhá-la, dando atenção ao ralado de seu joelho.

— Não – ela diz assustada.

— Está certo. Quer alguma coisa? Tomar um banho? Posso te trazer uma camiseta limpa e... – ele para de falar ao lembrar da calcinha em seu poder.

— Uma camiseta está bom.

— Tá. Vou pegar – diz e anda até o closet, em seu quarto.

Ela volta a chorar silenciosamente.

Ela fecha os olhos e consegue sentir as mãos do lutador em torno de sua boca. Ela fica apavorada tentando compreender o que ele queria com ela dessa vez. Após tanto sofrimento que a fez passar, por que voltar depois de tanto tempo? – ela pensa aterrorizada. A única explicação era vingança. Ele deve estar querendo se vingar pelo tempo que passou na cadeia – conclui amedrontada.

— Hei! Não fique assim. Eu estou aqui – ele diz e entrega a camiseta branca a ela. — Olha se quiser tomar um banho, vou até a farmácia buscar um calmante para você dormir.

— Não. Não, por favor, não me deixe aqui. E-u não quero ficar aqui sozinha, por favor – ela implora.

O olhar perdido e cheio de medo, o deixa de mãos atadas. Ele sorri e dá um beijo carinhoso em sua testa. Ele se afasta, retira os sapatos dela e coloca no chão. Pega as gaze sujas e diz:

— Vou jogar essas coisas fora enquanto você se troca.

Ela se levanta, retira o macacão e em seguida o sutiã. Coloca a camisa ficando apenas com ela e a calcinha que estava. A camisa era tão grande que quase batia em seus joelhos.

Ela sorri ao ver.

Leila caminha até o banheiro do quarto e lava o rosto retirando toda a maquiagem borrada.

Ao voltar, ele a espera sentado na cama.

— Vou estar aqui no quarto ao lado. Se precisar de alguma coisa é só me chamar.

Ela o olha um pouco envergonhada, e diz:

— Pode ficar aqui, comigo, até eu dormir?

O pedido dela o deixa sem reação. Ele a olha imaginando mil coisas, mas logo se dá conta de que ela apenas estava com medo e não que o queria como ele pensava.

— Claro – ele suspira.

Ele vai até o interruptor, apaga as luzes, retira o blazer e os sapatos.

Ele deita sobre a cama após puxar a colcha e ela deita ao seu lado, abraçando-o como se aquilo a protegesse de todo o mal que pudesse assombrá-la. Ele sorri e coloca os braços em volta dela.

Na festa, os convidados começam a dar por sua falta.

— Eu gostaria de lhe apresentar meu filho, mas, sabe como são esses jovens, sempre somem – George diz ao amigo, não deixando transparecer sua raiva.

— Alexandre deve estar com os amigos. Vou procurar por ele – Elizabeth sorri e sai à procura de Alexandre.

Ao ver Léo, pergunta:

— Leonardo, viu o Alexandre?

— Não. Ele estava falando com uns amigos. Deve estar por aí – ele mente tentando proteger o amigo.

— Se vê-lo outra vez, pode pedir para me procurar? O pai dele precisa apresentar alguns amigos importantes e esse menino me some, assim, de uma hora pra outra – ela se irrita.

— Pode ser. Eu aviso a senhora - Léo diz.

Elizabeth agradece e vai embora.

— E aí? Alexandre ligou? – Thiago pergunta ao se aproximar.

— Não. Mas deve estar tudo bem. Senão teria ligado.

— Bom. Pelo menos o carro dele tá aí. Fica mais fácil de convencer o senhor Keller de que ele está por aqui. Está com uma cara péssima.

— Nem me fale. Já se passaram algumas horas. Vou ter que ir embora. Vou deixar meu carro e sair com o do Ale. Segura as pontas tá. Faça como combinamos.

— Pode deixar. Ainda ficarei por aqui por um tempo.

— Beleza. Até amanhã – Léo se despede.

— Está meio caidinho aqui, não?

Melinda se aproxima.

— É. Espero que o Alexandre e a Leila estejam bem – Thiago diz ainda preocupado.

— Tomara – ela suspira dando o último gole em seu champanhe.

— Não vi seu namorado. Ele não veio com você? Ficou sozinha a noite toda – Thiago a olha mais atento. Nunca havia reparado como ela era tão linda. O formato delicado de seu rosto, seu corpo delineado, sua boca carnuda...

— Nós terminamos – ela sorri.

— Então está livre? – ele flerta.

Ela o olha maliciosamente e assente.

— E que tal se fôssemos acabar de nos divertir em um local mais reservado? Estou louco para saber o que tem por debaixo desse vestido colado – ele sussurra em seu ouvido fazendo sua pele ficar toda eriçada.

— Reservado é? – ela pergunta maliciosamente pensando em tudo o que poderia fazer com ele em sua cama.

— E então?

— Acho que não vai gostar gatinho - ela sorri desafiando-o e sussurra de volta:

— Não sou uma mulher muito convencional, se é que me entende – ela ri.

Thiago fica confuso e ri.

— Como assim? Não entendi.

— Você quer o quê?

— Você sabe exatamente o que eu quero – ele a abraça, cola sua boca em seu ouvido e diz:

— Quero você na minha cama, gozando, miando feito uma gatinha e gritando por mais, toda suada em meus braços.

Ele se afasta e a olha. Em seu rosto angelical, não havia nenhum rubor. Apenas um olhar desejoso e uma expressão de pura malícia.

— Estamos perdendo tempo – Melinda sorri.

— Vamos esperar apenas o tempo para dar a notícia de que o Alê foi embora. Então, podemos ir – Thiago diz e a beija lentamente.

As horas passam. E ele faz como combinado.

Elizabeth e George se preocupam com o filho, mas continuam na festa dando atenção aos convidados.

No carro, Melinda retoca seu batom vermelho.

Thiago observa a linda mulher loira, com cara de anjo ao seu lado. Seu pau endurece ao ver os simples movimentos dela, passando o batom levemente na boca. Ele a imagina, de joelhos, completamente nua, com sua boca gostosa em torno de seu pau. O pensamento só o deixa mais louco.

Quando chegam, ele abre a porta do carro para ela e os dois caminham lado a lado até a porta de entrada.

Melinda entra na casa deslumbrada. Não imaginava que Thiago fosse do tipo contemporâneo. Ela sempre imaginava sua casa com paredes e móveis rústicos. Ao olhar para a sala, toda branca e com móveis totalmente *clean*, ela se espanta. Até as cortinas que escondiam as imensas janelas de vidro, eram claras.

— Você tem algum problema com cores escuras?

Ela ri olhando tudo com curiosidade. Suas mãos passam sobre o aparador e constata: não havia resquícios de pó sobre o móvel.

— Não – ele franze o cenho.

— Mora sozinho?

— Sim. Eu e meu cachorro, Popys.

— É tudo limpo e organizado aqui. Imaginei algo totalmente diferente.

— Odeio desordem. Gosto de tudo nos seus devidos lugares.

— Hum, curioso – ela sorri. — Onde é seu quarto? – ela pergunta sem nenhuma vergonha.

— Por ali – ele aponta para o corredor enorme.

Melinda caminha sensualmente a sua frente. Com seu vestido roxo colado, exibindo todas as suas curvas, ela o tem totalmente em desespero. Ele não via a hora de arrastá-la para sua cama e fodê-la a noite inteira.

Ao entrar no quarto, ela joga a bolsa em cima de uma mesinha ao lado da janela e tira o vestido sem nenhum pudor.

Thiago fica petrificado ao vê-la de espartilho roxo, meias e ligas pretas.

— Nossa! – diz contemplando o monumento à sua frente. Ao dar um passo para frente, ela protesta:

— Opa! Fique aí onde está – diz com autoridade.

Thiago se retesa em seu lugar.

— Quero que tire a roupa. Sem pressa. E tire tudo – ela sorri maliciosamente.

Thiago começa a se despir e Melinda aproveita cada momento de descoberta do corpo dele. Másculo, musculoso... Abdômen perfeito e uma pele escura, incrível... Era o moreno mais gostoso que já havia visto.

Ela lambe os lábios ao vê-lo apenas vestido com uma cueca boxer branca. O contraste do branco com sua pele negra, a deixa

totalmente excitada.

— Agora a cueca – ela aponta.

Thiago a olha um pouco confuso, mas obedece.

Ao retirar sua cueca e revelar sua enorme ereção, ela se aproxima mordendo os lábios.

Ela circula em volta dele analisando cada pedaço de seu corpo.

— Perfeito! – ela exclama sorrindo, elevando o ego de Thiago, que dá um sorriso contente.

— Agora vem aqui minha gostosa, vem porque estou louco pra arrancar toda essa sua lingerie.

Ele avança nela e a beija.

Melinda se afasta.

— Calma aí, bonito. Quero que deite na cama.

— Hã?

— Deite na cama, agora! – ela manda e ele obedece.

Ele se esparrama na cama com seu pau ereto.

— Não vai apagar a luz? – ele pergunta e ela ri.

— E perder toda a diversão?

Ela sorri.

Melinda caminha até um enorme armário que julga ser o closet dele. Abre uma das portas e observa.

— O que quer aí em meu armário?

Ela o ignora.

Assim que vê as gravatas de Thiago, ela pega três e fecha a porta.



Ele a olha curioso.

— Pra que isso?

— Shhhhh! Quietos.

Ela sobe na cama e diz:

— Vou amarrar você.

Ele se assusta.

— Opa, espere. Me amarrar pra quê?

— Calma gatinho. Vai gostar – diz pegando sua mão direita e a amarra na cabeceira da cama.

Thiago olha tudo apreensivo e curioso.

— Já sei, minha gostosa quer brincar não é? – ele ri.

— Cala a boca. Não te dei permissão para falar ainda.

Ela pega sua mão esquerda e a amarra como fez com a outra.

Agora Thiago estava como ela queria.

Amarrado e disponível para que ela faça o que tem vontade.

Ela sai da cama e volta até o closet a procura de um cinto.

Assim que encontra, ela pega o cinto fino de couro e olha triunfante para ele.

— Isso, é por me chamar de gostosa e me abordar como se eu fosse uma de suas vagabundas – ela diz e dá a primeira cintada em suas coxas grossas.

Thiago se alarma.

— Ohhhh! Vá com calma aí – ele diz sentindo sua pele arder. Tenta se desvencilhar das amarras, mas não consegue.

Melinda dá mais uma cintada, mas agora, um pouco mais acima, quase perto de seu pau.

Ele arregala os olhos.

— Tá querendo me matar, mulher?

Ela ri.

— Estou querendo mostrar pra você como me tratar daqui para frente – ela diz com autoridade.

Melinda joga o cinto no chão e sobe em cima dele ainda com sua lingerie e seus saltos.

Ela o beija ardentemente.

Ela suga seu lábio com força e morde a ponto de dor.

Thiago solta um grunhido, excitado.

Sem poder tocá-la, ele se sente inútil.

Melinda segue com o ataque em sua boca e após, beija seu pescoço, dando leves mordidas alternadas com algumas dolorosas.

Certamente, Thiago ficaria marcado pelos dentes da loira.

Ele geme.

Ela se afasta ainda sentada em cima dele que arqueia roçando seu pau em sua bunda.

Ela retira o espartilho e revela seus seios grandes e arredondados. Em seu mamilo esquerdo, havia um pequeno *piercing* de argola.

Os olhos de Thiago brilham ao ver aqueles mamilos enrijecidos e a pequena argola de aço. Sua excitação aumenta e ele consegue sentir seu pau ainda mais duro.

— Caralho! – ele rosna. — Me desamarre Melinda. Quero tocar nesses seios e chupá-los até você gozar – ele diz olhando para ela.

— Tsc, tsc, tsc – ela ri.

Ela retira as meias, a liga e a calcinha, ficando totalmente nua...

Ele olha para o corpo dela e para em uma pequena tatuagem em sua virilha. Uma coroa e em baixo dela escrito: Rainha. A falta de pelos em seu púbis deixa Thiago descontrolado. O que ele mais gostava eram mulheres completamente depiladas.

— Me desamarre Melinda – ele eleva a voz.

— Com uma condição – ela diz. — Terá que me chamar de “Minha Rainha”. É assim que gosto de ser chamada.

— Eu te chamo do que você quiser, mas, por favor, me solte. Quero tocar em você – ele implora.

— Certo. Mas antes, quero gozar do meu jeito. Quero que fique aí, apenas observando. E depois, quero sentir sua língua na minha boceta gozada – ela diz elevando o grau de excitação dele.

Ela senta em cima de Thiago e abre as pernas sem pudor revelando sua vagina rosada e molhada.

— Puta que pariu – ele rosna olhando para ela que tem suas mãos massageando seu clitóris. Mas o que chama atenção de Thiago é outro *piercing* que ela tem em sua vagina. Ele fica imaginando sua língua ali, puxando aquela pequena argola com os dentes e seu pau roçando nela.

Melinda se masturba para ele olhando-o fixamente nos olhos.

Ela enfia dois dedos em sua boceta, tira e leva até a boca dele e diz:

— Chupe!

Thiago não pensa duas vezes para sentir seu gosto.

O gosto doce e seu cheiro embriagador o alucinam. Ele fecha os olhos saboreando cada milímetro de seu dedo, eroticamente.

Quando termina de se masturbar com os olhos de Thiago voltados totalmente para ela, enfim, Melinda goza sem soltar nenhum gemido.

Thiago fica fascinado com seu autocontrole.

Ele mesmo estava a ponto de ter uma ejaculação precoce.

— Me solta minha Rainha, me solta que eu faço o que você quiser – ele diz já desesperado.

Ele que sempre tomava as rédeas de suas transas, estava totalmente sem controle, até dele mesmo. E isso o excitava.

Melinda sorri e vai em busca do cinto.

Quando volta, ela coloca o cinto ao redor do pescoço de Thiago, prende a fivela e solta as amarras.

Com um puxão, ela tira Thiago do lugar que olha para ela, fascinado.

Nunca uma mulher havia o tratado daquela forma.

Ela guia Thiago para fora da cama e o coloca em pé.

— Você vai fazer o que eu mandar, gatinho – ela diz com olhar duro, carregado de desejo.

Ainda segurando o cinto em torno de seu pescoço, ela o circula e dá um tapa forte em sua bunda o surpreendendo.

Hoje, ela pegaria leve com ele. Até mesmo porque, queria testar seus limites.

Ela tinha uma mão pesada. Anos e anos no mundo do BDSM. Melinda descobriu sua vocação para *domme* aos 19 anos. Mas, levar esse estilo de vida para seu cotidiano e seus relacionamentos, cada

dia ficava mais difícil. Não era sempre que um homem se submetia as suas vontades e isso a deixava frustrada.

Em Thiago, ela via uma esperança. Ele tinha sangue submisso correndo nas veias. Mesmo que ele não soubesse, mas ela conseguiu enxergar quando deu o seu primeiro comando e ele não titubeou.

— Agora gatinho, eu quero que vá até a porta. Vou me sentar aqui, abrir minhas pernas e ficar te esperando. Quero que me faça gozar em sua boca.

Thiago sorri e vai até a porta como ordenado.

Ela sorri satisfeita.

— Agora venha! – diz se sentando na ponta da cama e arreganha as pernas para ele.

Thiago dá um passo e ela o repreende.

— Não, Não... Assim não. Volte e venha até aqui de joelhos.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Tá brincando, não é? – ele pergunta.

— Não. A não ser que queira mais algumas cintadas como punição por sua desobediência – ela diz com seriedade.

Thiago resolve entrar no jogo dela. O que ele não faria para lambar aquela boceta a sua frente? Ele iria até de cócoras se ela mandasse.

Então, ele se ajoelha e vai até ela.

— Isso, gatinho – ela acaricia seu rosto e pega as rédeas do cinto em torno de seu pescoço. — Agora me faça gozar.

Thiago não pensa duas vezes e leva sua boca até ela, chupando-a com vontade, passando sua língua e mordendo o local com o *piercing*.

Em pouco tempo, Melinda começa a gemer e explode totalmente extasiada.

Ainda ofegante, ela ordena para que ele fique de joelhos e sente sobre suas pernas. Ela leva seu pé direito até seu pau ereto e começa a masturbá-lo até que ele goza feito um animal selvagem.

Jamais Thiago pensou que um dia gozaria sendo masturbado por um pé de uma mulher.

E que mulher... – ele pensa.

Leila dorme como um anjo.

Agora que tudo fica mais calmo, Alexandre se levanta e a deixa descansar.

Ele toma um banho, troca de roupa e deita em seu quarto.

Cansado, ele dorme.

Após algumas horas, Leila acorda e vê que está sozinha. Ela olha ao redor e não vê Alexandre.

No criado mudo, ela observa a hora no relógio digital.

Quatro e vinte da manhã.

Deitada na cama, ela pensa em sua vida. Em Alexandre... Em Brandon...

O cuidado e o carinho com que Alexandre a tratou, a deixaram desarmada. Se não fosse ele, ali, naquele momento, o que teria lhe acontecido? Ela fica imaginando.

Como ela poderia manter um relacionamento com alguém que não estava ao lado dela. Nem mesmo nas horas mais difíceis? Não era Brandon que estava lá para protegê-la. Pronto para brigar por ela, para ampará-la para acarinhá-la como ele fez. Mesmo depois de ter dito tudo aquilo para ele, mesmo depois dele ter confessado

todos seus sentimentos por ela, ela o dispensou. E isso, estava matando-a por dentro.

Ela percebeu que não era Brandon que ela queria que estivesse lá naquele momento e ficou feliz por ter sido ele. O homem por quem estava realmente apaixonada.

Ela se levanta e procura por sua bolsa. Vai até a sala e a encontra no sofá, ao lado do celular de Alexandre.

Ela pega a bolsa e procura por seu telefone.

Assim que o pega, ela suspira tentando reunir toda sua coragem. Ela precisava acabar com aquilo, antes que fosse tarde demais e o perdesse para sempre.

Sem vacilar, ela disca para Brandon na intenção de deixar uma mensagem na caixa postal. Mas, para sua surpresa, ele atende.

— Oi Minha linda! Meu Deus estava começando a ficar preocupado com você. Te liguei várias vezes, deixei recado, mandei e-mail e você nada – ele desembesta a falar.

— Brandon...

— Onde você está? Por que tá me ligando a essa hora?

— Brandon escuta – ela sussurra ainda reunindo coragem.

— Fale.

— Eu... Eu... Ai isso é mais difícil do que eu imaginei – ela suspira.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa?

A voz dele soa preocupada.

— Eu não consigo mais Brandon. Me desculpa mas eu não posso mais.

— Não pode o quê? Do que está falando?

— De nós. Não posso continuar. Não quero continuar. Eu achei que estava apaixonada por você – ela diz com todas as letras.

— Minha linda... Não estou entendendo nada. Olha vai dormir e depois nós conversamos.

— Brandon não, me escute! – ela diz, mas ele desliga.

— Droga! Sabia que não ia dar certo – ela sussurra.

Leila tenta ligar para ele mais uma vez. Só que desta vez, a ligação vai direto para caixa postal.

Para não restar dúvidas e para não ter uma crise de consciência, ela resolve reforçar o que disse por uma mensagem de texto.

*"Acabou Brandon. Por favor, me desculpe. Sei que deveria ter dito isso a você quando ainda estava aqui. Por favor, me perdoe, mas eu não quero mais. Não é nada com você, eu juro. Apenas me esqueça".*

Ela clica em enviar e se sente a pior pessoa do mundo. Não era justo o que estava fazendo com ele, mas também não era justo o que fazia com o homem que ama.

Mas, ela achava que Brandon entenderia e que talvez a perdoasse por isso.

Leila joga o celular no sofá, mais aliviada. Ela se senta e olha para a sala escura, na penumbra. Agora livre, ela poderia dizer a ele que sim. Que o queria tanto quanto ele a queria. Que seria dele e de mais ninguém.

Ela se levanta e caminha pelo corredor a procura dele. Quando entra no quarto, ela o vê deitado de bruços, sem camisa, coberto



da cintura para baixo por um edredom escuro. Ele dorme tranquilamente.

Na ponta dos pés, ela caminha pelo quarto até a cama e se deita ao lado dele.

Ela passa as mãos levemente em seu rosto, e o observa dormir.

— Eu te amo, chefinho! – ela sussurra. — Eu te amo!

No dia seguinte, ela diria a ele que eram somente ele e ela, agora. Mas por aquele resto de noite, ela se contentaria em dormir ao seu lado, velando seu sono.

## Capítulo 26

O dia amanhece.

Na cama, Alexandre se espreguiça, abre os olhos e dá de cara com Leila dormindo ao seu lado. Ele toma um susto e fica momentaneamente sem ação.

Ele a olha e suspira.

— Isso é muita maldade – ele sussurra ao olhar seu corpo descoberto, sua camiseta levantada na altura dos quadris, dando a ele a plena visão de sua bunda arredondada, usando apenas uma calcinha minúscula, não deixando margens para imaginação.

Ele estica a mão para tocá-la e quando está bem próximo, recua.

— Jesus! Eu ainda vou ficar louco – ele sussurra, sorrindo e se levanta.

Caminha devagar até o outro lado da cama e se ajoelha no chão, ao seu lado. Acaricia seu rosto carinhosamente, leva sua boca até sua têmpora e a beija com carinho.

Ele segue para a cozinha de cueca para fazer o café.

Abre a geladeira, pega os ingredientes e se aventura em suas panquecas doces matinais.

Panqueca com morango, chocolate e chantilly. Eram suas preferidas. Conhecendo-a bem, sabia que se deliciaria com o café da manhã nada convencional.

Pouco tempo depois, Leila acorda.

Olha para o lado a procura dele.

O relógio marca onze da manhã.

Ela sai da cama ainda sonolenta e entra no banheiro.

Olha sua aparência no espelho e se assusta com seus olhos um pouco inchados.

Lava o rosto e de dentro de uma pequena gaveta no móvel, retira uma escova e penteia os cabelos.

Ela vai até o quarto a procura de uma toalha para tomar um banho. Quando volta, coloca a toalha no suporte pendurada e se senta no vaso.

Quando começa a fazer xixi, é surpreendida por Alexandre, que entra no banheiro sem avisar.

Ela se assusta e diz enrubescida:

— Eu estou aqui, sabia?

— Estou vendo. Bom dia! – ele sorri, pega sua escova de dentes, o tubo de pasta e coloca uma quantidade nas cerdas de sua escova. Começa a fazer sua higiene ali, como se fosse uma coisa corriqueira, não se importando com a presença dela, envergonhada.

— Alexandre! Pode me dar licença? Meu Deus! Estou fazendo xixi e isso é muito íntimo para ser compartilhado com você – ela diz ainda corada, se encolhendo como uma lesma dentro do casulo.

— O que é íntimo? Ver você fazendo xixi? Você é quem deixou a porta aberta.

Ele ri.

— É constrangedor – ela sussurra.

— Você dormiu ao meu lado, quase nua. Isso é que é íntimo pra mim. Olha, aqui tem uma escova. É nova, pode usar – diz e termina de escovar os dentes, lava o rosto e fica ali, observando-a mudar de cor como um camaleão.

— Pode sair agora? Quero tomar um banho – ela diz um pouco irritada.

— Tá. Te espero na cama – ele pisca, joga um beijo para ela e sai tranquilamente.

Ela se levanta rapidamente e tranca a porta.

— Doido – ela sorri.

Depois do banho, ela se seca, coloca a camiseta branca que estava e pragueja por ter que ficar sem calcinha.

— Nem morta vou usar a mesma calcinha – ela diz para si mesma e a lava na pia.

Ela sai do banheiro e se depara com Alexandre deitado na cama, digitando algo em seu celular, distraído.

— Hum... Você tem uma secadora aqui?

Ele a olha.

— Secadora?

— Uma secadora de roupas. Eu preciso colocar isso para secar – ela aponta a calcinha para ele.

— Na área de serviço, mas ainda não aprendi a ligar aquela coisa. Se souber, vá em frente.

Ela caminha para fora do quarto e vai até a área a procura da secadora. Ela liga, estende a calcinha e sai.

No quarto, ela procura por ele.

Com curiosidade, ela olha cada cômodo do apartamento. Não era grande, porém sofisticado. Havia apenas dois quartos com suíte, uma sala de estar enorme decorada com bom gosto e uma sala pequena, escura. Ela entra e confirma; uma sala ampla com uma televisão de LED 52 polegadas, sofá cinza enorme e macio, tapete preto e em cima de uma mesinha de centro, um Playstation 4. As cortinas escuras, certamente, eram para ajudar a escurecer o ambiente.

— Gostou?

Leila vira para ele assustada.

Alexandre a olha encostado no batente da porta. Encantado com o jeito em que olha tudo ao redor.

— Não achei que era do tipo que gostava de vídeo game – ela ri.

— Sim. Eu gosto – ele caminha até o meio da sala. — Fico aqui mais quando quero ver um filme, passar meu tempo... Essas coisas.

— Gostei do seu apartamento. Estou intrigada. Com tanto dinheiro, por que não mora numa mansão, cheio de empregados?

Ele ri.

— Porque não faço questão de certos luxos – diz com sinceridade. — Apesar de ter muito dinheiro, não trabalhei para que ele fosse meu. A fortuna é do meu pai. E quando eu decidi me casar, queria comprar minha casa com meu dinheiro. E na época, foi o melhor que eu consegui. Mas aconteceu tudo o que você já sabe e continuei na casa dos meus pais. Vim pra cá no dia em que te conheci – ele sorriu.

Suas palavras a deixam admirada.

— E você faz tudo sozinho?

— Sim. Minha mãe quer contratar uma diarista, mas eu não quero. Gosto de ter liberdade.

— Hum.

— Já estava me esquecendo – ele caminha para fora da sala e volta em instantes com algo em sua mão.

— Aqui está sua calcinha – ele sorri. — Não quero ter que ficar aqui imaginando que você anda por meu apartamento, sem nada por baixo dessa camisa – ele diz fazendo-a rir.

— Obrigada – ela estende a mão e a pega.

Seus olhos a analisam de cima a baixo e para em seus joelhos ralados.

Ela baixa o olhar, na direção onde ele olha.

— Estão doendo?

— Não.

— Vou esperar você para tomar o café – ele diz e a deixa sozinha.

Leila aproveita o momento só e coloca a calcinha que ele lhe trouxe. A expectativa toma conta de seu corpo e sua mente começa a trabalhar para dizer tudo o que tem em mente.

No caminho até a cozinha, ela para na sala, pega a bolsa e apanha o celular. Nenhuma chamada de Brandon.

— Acho que ele entendeu – sussurra.

Decidida a contar para Alexandre sobre a conversa e sobre o fim de seu relacionamento com Brandon, ela vai até ele.

Na cozinha, Alexandre passa o café.

O cheirinho de café a faz salivar.

— O cheiro está bom – diz se posicionado ao lado dele e o observa em seu momento “homem prendado”.

— Não se anima muito porque cozinhar não é o meu forte – ele ri.

Ele desliga o fogo e coloca o café na mesa.

— Eu queria agradecer por você ter me ajudado ontem – ela diz.

— Não tem o que agradecer, Leila. Eu faria o que fosse preciso para mantê-la segura – diz com sinceridade.

— Eu sei.

— Tome o seu café. Não se alimentou até agora.

— Alexandre – ela o puxa pelos braços e consegue sua atenção. — Eu não vou esquecer... De verdade. O que fez e a forma como me protegeu, não vou esquecer – diz emocionada.

Ele a toma em seus braços e a beija.

Tudo o que ele queria ouvir eram aquelas três palavras mágicas. Por mais que a ame, ele não diria outra vez, enquanto elas não saíssem também de sua boca.

Ela desgruda os lábios dos dele, ainda abraçados, e diz:

— Eu quero você. Você, Alexandre.

Ele coloca as duas mãos no rosto delicado de Leila e acaricia.

— Então faça o que eu te pedi. Não posso fazer isso sem que você tenha colocado um ponto final em sua relação com ele. Não é justo com nenhum de nós. Eu sei bem o que é ser traído, Leila. Não será fácil, mas será o correto. Já ultrapassamos a linha tênue entre a razão e a loucura. Eu não me sinto bem com isso. Por mais que eu te queira, não posso concordar em não ser o único pra você.

Seus olhos carregados de amor e paixão a faz ir às nuvens.

— Eu não tenho mais nada com ele – ela sorri olhando para sua expressão confusa.

— O que disse?

Ela enlaça seus braços em seu pescoço.

— Disse que eu te amo. Não me pergunte desde quando porque eu também não sei. Tinha dias que morria de vontade de te esganar por ser tão estúpido. Outros de ficar assim, abraçada em você, quando era carinhoso. E quando estava longe, eu me sentia perdida. Tive vontade de bater em você quando vivia me perseguindo e por outro lado, eu ficava esperando por aquilo, ansiosa. Era como se uma parte de mim já te amasse e a outra te odiasse. Aos poucos percebi como era fácil amá-lo e me assustei em meio aos meus sentimentos por você.

— Essa é a sua definição do amor?

Ele ri.

— Exatamente isso – ela ri.

— Meu Deus! Estou perdido – ele ri e a beija. — Eu amo você, Leila. E acho que nossas definições são bem parecidas. Você também não foi nada fácil – ele ri.

— É. Eu sei – ela sorri.

— Eu me encantei com você desde o primeiro momento. Desde que se sentou em minha sala e me desafiou a te dar a vaga como minha assistente. E não estava brincando quando disse que não estava a sua altura. Você merece mais. Eu reconheço uma mulher inteligente de longe. Sabia que se desse a vaga para você, estaria perdido. E mesmo que não, estaria perdido do mesmo jeito. Meu coração já havia escolhido você quando abriu a porta e olhei para seus olhos. E, quando se sentou, já sabia que seria a minha escolhida.



— Achei que não era do tipo de se apaixonar por qualquer mulher no primeiro encontro – ela ri.

— E não sou. Você não é qualquer mulher. Você é a minha mulher – ele a beija com amor.

Quando se afasta, beija seu pescoço traçando uma trilha com sua língua até sua clavícula e diz:

— Eu estou louco de vontade de te jogar na minha cama e fazer amor com você o dia inteiro. Mas, primeiro, precisa comer.

Ele à solta e se afasta.

Caminha até o forno e retira uma travessa.

A única coisa que Leila conseguia pensar era em ser possuída por ele. A fome já nem grita mais em seu estômago.

Ela se senta.

— Espero que goste – Alexandre diz colocando sobre a mesa, uma travessa. Panquecas com chocolate, morango e chantilly.

— Jura que come isso pela manhã? – ela pergunta espantada.

— Claro. Por que não? Se não gostou, posso fazer um suco de beterraba – ele ri, mas ela não acha graça. — Desculpe – ele a olha e sorri.

— Bom, o Léo levou meu carro, então... não posso te levar pra casa agora.

— Não tem problema. Vou adorar passar o dia aqui com você – ela diz e ele quase não acredita no que ouve.

— Aqui... – ele entrega a ela, garfo e faca.

— Obrigada. Será que teria mais chantilly?

Leila olha para ele e suspira. Era impossível não imaginá-lo deitado sobre ela, com aqueles músculos e abdômen perfeito. Vê-lo

sem camisa, tão perto, apenas de calça de moletom cinza, estava deixando-a sem ar.

Alexandre abre a geladeira e entrega a ela o tubo de chantilly.

Ela pega o tubo e coloca uma quantidade generosa em seu dedo e o chupa.

— Hummmmm... Isso que é vida! – ela diz saboreando de olhos fechados.

O simples ato e, o modo como ela enlouquece, saboreando aquele chantilly, atinge Alexandre em cheio.

Ele lambe os lábios imaginando como seria tê-lo em todo o seu corpo curvilíneo, para saborear milímetro por milímetro.

Leila pega de dentro da panqueca, um pedaço de morango. Olha para Alexandre e sorri.

— O que foi? – pergunta corada.

— Nada. É quase insuportável de ver a maneira como se delicia com seu café da manhã – ele sorri maliciosamente.

— E?...

Ela arqueia uma sobrancelha.

O modo como ele a olha, a excita. Alexandre parece despi-la e comê-la apenas com os olhos.

— E, que eu daria tudo para ser esse Chantilly em sua boca – ele diz caminhando lentamente em sua direção.

Ele a puxa da cadeira e a encosta na mesa, bloqueando-a com seu corpo.

Ela fica vidrada com seu olhar cheio de desejo. Enlaça seus braços em volta do pescoço dele e, bem próximo ao seu ouvido, sussurra:

— Me faça sua, agora.

Alexandre se afasta e a olha nos olhos. Emocionado, ele custa a acreditar no que ela disse.

— Você não tomou o seu café.

Ela ri.

— E quem precisa de café numa hora dessas? Eu estou aqui e quero ser a sua sobremesa – diz sem nenhuma vergonha.

Alexandre a pega pela cintura e a coloca, sentada, na enorme mesa de madeira.

Retira lentamente a camiseta dela.

Ele leva sua mão até seus seios, durinhos e empinados e os aperta.

Ela geme.

Alexandre a beija apaixonadamente. Um beijo lento, carregado de amor e desejo. A cada movimento de sua língua, ele geme e aprofunda ainda mais o beijo. Até que a necessidade por mais esmaga tudo dentro de si, violentamente.

Ele coloca sua mão espalmada em sua barriga e a deita na mesa. Com suas mãos, a puxa até que sua bunda se encaixe nele, em pé, de frente para ela. Ela enlaça as pernas em seu quadril enquanto ele estende a mão até o tubo de chantilly e lambuza toda a sua barriga e seios.

Aos poucos, a trilha coberta por chantilly se desfaz por sua boca em sua pele, lambendo cada milímetro, deliciosamente, delicadamente, de forma erótica.

Leila arfa com o contato de sua língua em sua pele.

Ele estica a mão até a travessa de panqueca e retira um morango, olha para ela e sorri.

— Vai ter que comer. De um jeito ou de outro.

— Então que seja desse jeito – ela diz maliciosamente.

Ele a levanta da mesa, deixando-a sentada com as pernas abertas em torno dele. Despeja chantilly em cima do morango, o coloca em sua boca e leva até a dela.

Ela ri com o gesto e recebe o alimento na boca.

— Quero que coma primeiro. Porque quando eu começar com você, não vou querer parar.

Suas palavras a deixam excitada imaginando tudo o que há por vir.

Ele a alimenta aos poucos, de forma carinhosa até que fica satisfeita.

Ela não poderia estar mais feliz. Jamais imaginou que quando chegasse o momento, ele seria tão perfeito.

— Agora podemos continuar – ele diz com cara de safado. — Onde foi que paramos?

Ela leva sua boca em seu ouvido e sussurra:

— Na parte em que iria tirar minha calcinha e sentir como seria o meu gosto misturado com chantilly – ela o morde na orelha e entrega a ele o tubo já quase vazio.

— Safada. Não estávamos nesse estágio – ele exclama admirando-a e sorri.

Leila se joga sobre a mesa a espera dele.

Com as mãos, ele puxa sua calcinha entre as pernas até que a retira e joga longe.

Ele se curva e coloca as pernas dela em seu ombro, abrindo-as para ele.

Ele lambe os lábios em antecipação e leva sua boca até ela, chupando-a com vontade.

Ao sentir seu gosto doce, ele geme apertando-a forte nas coxas. Linda, toda exposta somente para ele.

Com sua língua, ele massageia o clitóris com vontade.

Ela geme, se contorce e chama por ele.

Clama por mais e mais... Até que ele a lambuza com a cobertura e a devora feito um lobo faminto.

Ela goza tão forte que não consegue controlar seus espasmos e gemidos altos.

Ela fica ali, deitada sobre a mesa, totalmente satisfeita, por hora.

Ele a puxa e a tira da mesa em seu colo. Coloca as pernas em torno de sua cintura enquanto ele caminha pela sala. Se jogam no tapete felpudo, rindo como dois adolescentes.

Alexandre tira a calça de moletom cinza e Leila tem uma bela visão de seu pau duro. O volume em sua boxer, diz que é um homem grande, viril.

Sobre ela, nua, deitada no chão, ele diz:

— Eu te amo.

Leila o beija.

— Eu também te amo.

Ele a beija e desce por seu corpo grudento, ainda com resquícios de chantilly. Até em seu pescoço e ombros, havia calda de chocolate da panqueca.

— Nós temos um problema – ele sussurra mordendo seus mamilos rijos e os assopra.

Ela geme.

— Se você inventar problema Alexandre, juro que te mato – ela ri. — Eu quero você dentro de mim. Quero que me preencha, que me ame, que me foda.

— Eu não tenho preservativos – ele diz esperando por sua reação. — Eu estou limpo, mas também há o risco de...

— Alexandre... Eu tomo pílula. E outra, não transo com ninguém há uns dois anos. Também estou limpa. Sempre faço meus exames periodicamente e está tudo regular – ela diz olhando-o atenta.

— Faz dois anos que não transa? Sério?

Ele ri.

— De tudo o que eu te falei você só ouviu isso?

— É que é muito tempo. Agora vou me sentir com maior responsabilidade. Tem que ser uma transa memorável pra valer pelos dois anos – ele ri e ela dá um tapa em seu peito.

Ele salpica beijos em sua boca fazendo-a rir.

A campainha toca.

— Lá se vai minha expectativa em tirar sua virgindade – ele se afasta e ri. — Coloque a roupa e senta no sofá. Deve ser o Léo para me trazer as chaves do carro – diz colocando sua calça.

Leila coloca a camisa rapidamente, mas não consegue encontrar sua calcinha.

— Espere! Não consigo achar minha calcinha – ela sussurra.

— Fica sem mesmo. Só senta aí e não levante – ele diz e ela assente.

Assim que Alexandre abre a porta, se surpreende ao ver seu pai e sua mãe em sua frente. Seu sangue todo se esvai e ele fica

pálido.

— Pai?

Ao ouvi-lo mencionar a palavra pai, Leila dá um pulo do sofá para se esconder, mas é pega assim que George e Elizabeth irrompem na sala.

Ao vê-la, George dispara:

— O que ela faz aqui?

— Leila? – Elizabeth se surpreende ao vê-la em pé olhando assustada para eles.

— Olha não é o que vocês estão imaginando – Alexandre tenta se explicar.

— Então foi para isso que saiu da festa? Pra se divertir? – seu pai pergunta furioso.

Alexandre se aproxima de Leila.

George olha o apartamento bagunçado e o estado lamentável dos dois.

— Isso no seu cabelo é o quê? – Elizabeth pergunta ao ver uma espuma branca em seu cabelo. Mal sabia ela, que era chantilly. E se soubesse, teria um ataque de risos.

— Estou vendo que está bem doente. Você é um irresponsável. Eu disse a você que não toleraria mais as suas irresponsabilidades. Deixou todos os convidados com cara de idiota pra ficar na safadeza e ainda mente – ele rosna.

— George se acalma – Elizabeth diz.

— Me acalmar? Esse teu filho só cria problemas. Não é à toa que está sendo processado por assédio. Não pode ver um rabo de saia. Eu esperava mais de você Leila.

— Nem ouse falar com ela nesse tom. Está em minha casa e se ainda não percebeu, não tenho dez anos – Alexandre se enfurece.

Leila envergonhada, se cala.

George, irritado, caminha de um lado para outro na sala.

Leila arregala os olhos, ao ver sua calcinha no chão, perto da mesinha, bem próximo aos seus pés.

Se tivesse um buraco enorme, ela se jogaria dentro.

George olha para o chão e vê a calcinha de Leila jogada e fica ainda mais furioso. Todos olham para ele e percebem.

Sem dizer mais nada, George caminha a passos largos e sai do apartamento.

— Não ligue para ele filho. Nós só estávamos preocupados por ter saído no meio da festa. E quando o Thiago disse que se sentiu mal, ficamos preocupados.

— Eu sei. Mas ele precisa parar de me tratar feito criança – Alexandre diz exasperado.

— Me desculpe senhora. Se me der licença, vou me trocar e ir embora – Leila diz ruborizada.

— Nem morta. Não vai a lugar nenhum – Alexandre a puxa para ele. — O Léo está com meu carro, não posso levá-la agora.

— Por que o Léo está com o seu carro?

Alexandre se senta.

— A Leila foi atacada ontem por um cara em frente à boate. Ela se machucou, estava assustada e a trouxe pra cá.

— Deveria ter nos dito a verdade – ela o repreende. — Vou embora antes que seu pai me deixe aqui. Nos vemos amanhã.

Alexandre acompanha a mãe até a porta.



— Sabe que não me oponho no que diz respeito a ela, não sabe? – ela pergunta.

— Eu sei.

— Eu gosto dela Alexandre. Então é bom que desta vez crie um pouco de juízo – ela diz, o beija no rosto, acena para Leila e vai embora.

Leila se levanta.

— Aonde vai?

— Trocar de roupa. É melhor eu ir pra casa.

— Amor não... Fique. Por favor.

— É melhor. Seus pais devem estar me odiando nesse momento. Que vergonha! Como vou olhar para eles amanhã?

— Não vou deixar você ir.

— Eu vou.

— Como é teimosa!

— Não tem nem mais clima – diz caminhando para o quarto. Pega seu macacão e o veste.

— Está suja. Não vai ficar, tomar um banho comigo e continuar de onde paramos?

Ele se aproxima e a abraça.

— Hoje não. Quero ir pra casa. Preciso pensar também sobre ontem e...

— E o quê?

— Nada – ela suspira.

— Já está desistindo da gente?

— Não. Claro que não.

— Tudo bem então. Se quer ir, não vou impedi-la. Mas irei com você. Se arruma que eu chamo um táxi.

— Não precisa. Vou de ônibus pra casa.

— Nem discuta sobre isso, Leila. Vou levá-la e não vai sair por aí sozinha. Não depois do que aconteceu.

— Tudo bem.

Pouco tempo depois, eles chegam à casa de Leila.

— Obrigada. Nos vemos amanhã – ela diz e dá um beijo em sua boca e abre a porta do táxi.

— Espere! Achou mesmo que iria ficar longe de você? Vou ficar aí na sua casa – ele diz na maior cara de pau.

Leila sorri.

Alexandre paga o táxi e a segue.

— E seu carro? O Léo não ficou de levar?

— Sim. Mas você é mais importante – ele diz e a beija.

Eles entram na casa e Rosália os recebe animada.

— Nossa! Até que enfim, chegaram – Rosália diz e abraça os dois. — Temos visita.

Leila se estica e olha em direção ao sofá.

Denis. Magnificamente lindo sentado no sofá à espera dela.

Ela fica sem jeito.

— Denis? O que faz aqui?

— Oi Leila - ele olha para Alexandre que está de cara fechada para ele. — Desculpa vir sem avisar, mas o Brandon estava

preocupado com você e me pediu para que viesse aqui ver como estava.

— Tá de sacanagem?

Alexandre se irrita.

— Alexandre, por favor – Leila tenta acalmá-lo sem sucesso.

— O que ele é agora? Babá? Eu vou cair fora – diz e sai pisando duro até a porta.

— Alexandre! Alexandre espera! – ela grita atrás dele.

Rosália sorri e diz:

— Fique à vontade meu filho. Vou me recolher porque isso ainda vai longe.

Denis assente, constrangido.

Na calçada, Leila corre atrás dele.

— Alexandre!

Ele para visivelmente irritado.

— Aonde vai?

— Pra minha casa – ele rosna.

— Mas disse que ficaria comigo.

— Com você. Não com aquele mané que veio aqui a mando daquele outro mané vigiar você.

— Está sendo infantil.

— Ah eu estou sendo infantil?

— É sim. Ele não tem culpa. Você quis que eu terminasse com o Brandon por telefone e foi o que eu fiz. É claro que ele iria querer uma explicação – ela se irrita.

— Então que saísse da porra do lugar onde está e viesse falar com você. Mas não, ele não é homem o suficiente para fazer isso. Aposto que o que ele quer é tentar te enrolar até ele voltar.

— Está delirando.

— Olha, vou pra minha casa. Não quero brigar com você. Resolva o que tiver que resolver com esse cara e aproveita para deixar bem claro que não quero você com ele.

Leila se chateia e chora silenciosamente.

— Me dá um beijo – ele diz se aproximando dela.

Ela recua.

— Nesse momento estou te odiando – ela diz e cruza os braços.

— Está certo. E eu, nesse momento, continuo te amando – ele diz pausadamente, vira as costas e vai embora.

Ele procura por um ponto de táxi, mas não encontra.

Irritado, liga para Léo.

— E aí cara. Cadê o meu carro?

— Estou a caminho.

— Pode vir me buscar num endereço aqui na zona norte?

— Claro. Me passa o endereço que já chego aí.

Alexandre dá o endereço e fica à sua espera.

Quando ele chega, Alexandre abre a porta do carro.

— Sai pra lá que eu dirijo – diz irritado.

— Vai dirigir porra nenhuma. Senta lá do outro lado.

— Puta que pariu.

— Ihhhh! Que bicho te mordeu?

— O bicho chamado mulher! – ele diz e se senta no banco do passageiro. — Vamos ficar lá em casa. Estou querendo é beber até cair. Que dia difícil.

— Falou em beber... Tô dentro – ele ri.

Tempos depois, eles estão no apartamento.

— Cara, sabe que me deve essa né? Vou voltar a pé para casa. Toma as chaves do seu carro – Léo diz cabisbaixo e se joga no sofá.

— Obrigado – Alexandre diz com uma aparência desanimada.

— O que foi? Tá com uma cara. Não vai me contar mesmo o que houve?

— Nada não.

A campainha toca.

Alexandre caminha até a porta e abre.

Thiago aparece.

— E aí? – o cumprimenta e entra.

— Ah, fui salvo pelo Thiagão. Me dá uma carona até em casa depois? – Léo diz mais animado.

— Hum, pode ser – Thiago se senta no sofá, amuado.

Os três sentados e desanimados se entreolham.

— Porra que noite de merda eu tive – Léo resmunga. — Nem uma gatinha naquela sua festa hein.

Alexandre sorri.

— E você e a Leila? Se acertaram? – Thiago pergunta.

— Vamos mudar de assunto? – Alexandre se levanta e vai até o bar. Serve bebida aos amigos e volta a se sentar.

— Tô vendo que nós três estamos na merda – Léo ri.

— Eu não tô na merda – Thiago diz bebendo seu uísque. Aliás, estive no paraíso essa madrugada.

— Pois eu estou aqui, com meu pinto ralado de tanto bater uma. Nem a tiazinha da limpeza na festa me deu bola – Léo diz e todos riem.

— Conseguiu pegar alguém, Thiagão?

— Eu? É claro! Sempre pego.

— Que porra de marcas são essas no seu pescoço? – Léo pergunta ao olhar alguns vergões.

— Marca nenhuma – ele diz.

— Deixe eu ver – Alexandre vai para cima dele.

— Eita porra! A gata era brava hein! Quem foi?

— Ah, foi só uma brincadeira. Tu sabe né... As mulheres piram no negão aqui – ele ri.

— E quem era a safada? Conta aí. Pelo menos vamos nos divertir com seus comentários porque eu e o Alexandre, só nos fodemos.

— Melinda – Thiago diz e Alexandre quase engasga com sua bebida.

— Porra Thiago! Aí é foda cara! Não pode sair com as funcionárias – Alexandre o adverte.

— Ah cara. Precisavam ver. Não dava nada para aquela loirinha metida a santa. Mas quando ela tirou aquela roupa... Aquela imagem dela me deixou pirado.

— Ah nem quero mais saber – Alexandre ri.

— Mas eu quero, conta aí – Léo o instiga.

— Precisavam ver como ela é segura de si. E cara, ela tem um *piercing* bem na bocetinha e outro no mamilo.

— Ahhhh! Para com isso cara – Alexandre se levanta e caminha até o som.

— E aí? Deu um trato nela? Sempre achei que ela tinha uma bunda gostosa pra bater – Léo diz com malícia.

— Nada. Ela me amarrou na cama e fez todo o serviço – Thiago diz ainda lembrando da cena, maravilhado.

— Que? Que porra ela fez? Te amarrou? – Léo se surpreende e de longe, Alexandre apenas ri.

— Pior foi o momento em que ela me deu uma cintada perto do meu pau. Achei que iria virar eunuco naquele momento.

Léo gargalha.

— Porra cara! A mina te bateu?

— Me bateu, me amarrou, me arrastou pelo quarto como um cachorro e me fez andar de joelhos para lambe-la a bo...

— Ooooo! Me poupa dos detalhes – Alexandre grita.

Léo gargalha.

— Só falta me dizer que ela enfiou o dedo no teu cu – ele gargalha.

— Claro que não porra! Sou homem – Thiago se enfurece.

— E você, o que fez nela?

— Hum, o que ela mandou. Mas o melhor mesmo foi quando ela me masturbou com os pés – ele sorria encantado.

— Caralho! Isso é pior do que eu imaginava – Alexandre diz sério.

Léo estava achando tudo divertido.

— Então quer dizer que tu não fez porra nenhuma e ainda apanhou da loira? – Alexandre olha para o amigo que sorri feito bobo. — E tu gostou?

— Claro! Cara foi a foda mais *hard* de toda a minha vida.

— Eita porra! O cara foi molestado pelo Christian Grey de saias e ainda se apaixona – Léo gargalha fazendo Thiago ficar irritado.

— Que porra de Grey, mané?

— Tu não se ligou não, seu besta?

— Me liguei em quê?

— A mina estava te dominando seu mané.

Alexandre ri.

— Sabe de nada inocente – Léo gargalha.

— Thiago o submisso – Alexandre gargalha.

— Ou seria Thiaguinho o submisso? – Léo ri e Thiago se enfurece.

— A porra! Não dá pra falar sério com vocês dois. Vou embora.

— Porra, Thiagão, é brincadeira – eles riem.

— Tu mané, vai de metrô pra casa. O submisso aqui não vai te levar nem fodendo – ele se irrita e vai embora.

Ao sair, Léo e Alexandre caem na gargalhada.

— Se fodeu cara. Vai ter que ir de ônibus.

— Vou o caralho. Me empresta o carro. Amanhã venho te buscar pro trabalho.

— Ihhh sai pra lá. O submisso aqui é o Thiago. Eu sou macho caralho – Alexandre diz e eles voltam a rir.

— Agora me diz... Rolou entre você e a Leila?



Alexandre suspira, derrotado.

— Acho que vou ter que entrar na sua onda do pinto esfolado. Estou quase um homem aranha, subindo pelas paredes – ele fala e Léo não aguenta de tanto rir.

— Cara, que decadência. Vou embora e deixar você aí curtindo sua fossa.

— Fica aí. Vamos passar a tarde enchendo a cara, jogando vídeo game e depois te levo embora – ele diz e Léo ri concordando com mais uma noite de merda.

— Fechou! Abra aquele *Scotch* para o seu amigão aqui vai.

— Meu *Scotch* nem fodendo! Vamos lá jogar.

Eles se levantam e vão para a sala de vídeo.

## Capítulo 27

Já estava quase na hora de Leila pegar seu ônibus para a empresa. Atrasada, ela ainda se maquia. Rosália se despede da filha e vai trabalhar.

Quando termina, caminha até a sala para pegar sua bolsa e a campainha toca.

— Será que ela esqueceu as chaves?

Leila sorri e vai abrir a porta.

Assim que a abre, dá de cara com Fábio, vestido com um jeans surrado e uma regata branca colada no corpo, mostrando cada centímetro de seus músculos torneados.

Automaticamente, ela fecha a porta e a tranca.

Assustada, ela entra em pânico.

— *Leila, abra a porta, por favor!* – Fábio grita. — *Eu sei que está sozinha* – conclui dando socos na porta e faz com que ela fique ainda mais assustada.

Ela corre até a janela da sala entreaberta e a fecha rapidamente colocando a trava de segurança.

— *Leila! Só quero falar com você, mais nada. Por favor!*

Leila não reage.

Ela se senta no sofá, atônita, e os gritos de Fábio do outro lado da porta, a deixam amedrontada. Cada batida seca na porta, seu coração acelera e a dificuldade em respirar aumenta.

Ela fecha os olhos e ainda consegue sentir a presença dele ali, naquela sala, há anos atrás, no dia que invadiu sua casa e a espancou. Seus gritos e seus lamentos, ainda estavam em sua memória. Toda dor física, não era nada comparada a sua dor psicológica e a de perder um filho ainda no ventre.

Ela chora silenciosamente.

— *Leila, não vou sair daqui até que me ouça! Está me ouvindo?*

Ela se levanta do sofá e vai até a bolsa pegar seu celular.

A única pessoa que poderia ajudá-la e em quem confiava, era Alexandre.

Ela pega o telefone e liga para ele.

Ele atende na primeira chamada.

— Bom dia, meu amor – ele sorri do outro lado da linha.

— Alexandre... Pode vir até aqui? Estou em casa e... – sua voz embargada deixa Alexandre alarmado.

— Leila, o que foi? O que está acontecendo?

Ela chora desesperadamente.

— Leila fala comigo, está me deixando assustado.

— É aquele homem do dia da festa. Ele está aqui batendo na minha porta querendo entrar. Estou sozinha e... Por favor, não me deixa sozinha aqui com ele – ela diz e ele fica assustado com a possibilidade de Fábio machucá-la.

— Fique tranquila, amor. Ligue imediatamente pra polícia.

— Não quero a polícia aqui.

— Mas Leila...

— E-eu estou com medo – ela diz e chora. — E se ele arrombar a porta entrar aqui e...

— Leila, meu amor... Fique calma. Tranque a casa toda que logo estarei aí. Não abra a porta para ninguém, entendeu? Não saia daí até eu chegar. Estou indo te buscar – ele diz preocupado.

— Sim – ela responde ainda em pânico.

— Eu te amo! – ele diz e desliga entrando em seu carro.

Desesperado, ele dirige em alta velocidade.

O celular toca novamente e ele atende rapidamente.

— Leila...

— Bom dia, senhor Keller. É o Steve.

— Steve agora não posso – ele diz. — Me liga outra hora.

— Keller é importante. É sobre aquele lutador, Fábio – ele diz e Alexandre automaticamente se alarma.

— O que tem ele? Estou dirigindo Steve, espere só um momento que vou ligar o viva voz – diz. — Pronto!

— Tentei te avisar antes, mas não pode me atender. Aquele rapaz, Fábio, que você me pediu para investigar alguns dias atrás, foi solto a pouco tempo da cadeia.

— É. Estou sabendo. Ele foi atrás dela no sábado. E Steve, você havia me dito que ainda faltavam uns oito meses para ele cumprir a pena – diz irritado.

— Sim. Mas o que você não sabe é que uma advogada conseguiu soltá-lo. Não sei como funcionam esses processos, mas pelo visto, ele está livre e não irá mais cumprir o restante da pena.

— Esses malditos advogados – ele rosna.

— E você não sabe da maior...

— Porra Steve, vai ficar me dando informações em doses homeopáticas? Desembucha logo porra! – ele diz irritado, olhando o trânsito.

— Foi a Patrícia Vernek quem o soltou.

Ao ouvir a menção do nome de sua ex-noiva, Alexandre freia o carro com tudo e quase a traseira do Maserati é atingida por uma moto que vinha em alta velocidade.

O motoqueiro passa por ele e o xinga.

— Filho da Puta!

Alexandre ainda atordoado tenta compreender o que acabara de ouvir.

— Como assim ela o soltou? Mas como... – ele enfim, lembra do dia em que Patrícia foi escoraçada por Leila do seu escritório. Claro que ela não deixaria isso barato e resolveu se vingar – ele pensa.

— Steve, volto a te ligar quando chegar em meu escritório. Quero saber tudo sobre isso.

— Tudo bem.

Alexandre desliga o celular e volta a dirigir.

Se Patrícia tiver alguma coisa com a ida de Fábio atrás de Leila, certamente, ela terá um grande problema a resolver. Alexandre jamais a perdoaria se acontecesse algo com Leila.

Depois de alguns minutos, ele estaciona em frente à casa dela.

Do carro, Alexandre consegue vê-lo, em pé em frente à porta, balbuciando algumas palavras.

Irritado, ele sai do carro, bate a porta com força e caminha com passos largos até Fábio.

Ao vê-lo se aproximar, Fabio fica em posição defensiva.

Alexandre vai para cima dele e o prensa contra a porta.

— Posso saber o que faz na porta da minha mulher? Não disse a você para não chegar perto dela? – pergunta enfurecido.

— Olha, não quero briga. Apenas preciso falar com ela, mais nada – Fábio diz.

— Você não vai chegar a um centímetro dela. Se eu te pegar aqui outra vez, chamarei a polícia, e cara... Tenha certeza que, dessa vez, você apodrecerá naquele lugar fétido e imundo, feito para pessoas como você.

— Eu não quero fazer nenhum mal a ela – ele diz com o cenho franzido.

— Você já fez.

— Eu só preciso alertá-la e...

— Alertá-la sobre o quê? – Alexandre pergunta confuso e se afasta dele.

— Uma mulher me procurou e, para me soltar da cadeia, propôs que eu a machucasse outra vez. Mas não é isso que eu quero. Todo esse tempo na cadeia me fez pensar e sei que fui errado, que a fiz sofrer. Só quero que ela me perdoe. Mas temo por ela, pois se eu não fizer o que a mulher me pediu, ela mandará outro. Eu nem a conheço e nem sei o porquê ela quer machucar a Leila – Fábio diz e ele vê sinceridade em suas palavras.

— Não quero você perto dela. Se eu te pegar outra vez, não vou ser tão compreensivo. Esqueça que um dia você a conheceu. Já fez mal o suficiente e ela não precisa ter que lembrar tudo que passou. Quanto à mulher, eu sei quem ela é, eu me encarrego pessoalmente desse assunto. Você está livre, então não faça nenhuma besteira e suma de vez da vida dela.

— Eu vou. Só diga a ela que não precisa ter medo de mim. Realmente não quero machucá-la e só queria que me perdoasse.

— Eu mesmo direi – Alexandre diz com seu jeito imponente e autoritário.

Fabio assente e vai embora.

— Leila! Meu amor abra a porta, sou eu – ele diz batendo de leve na porta.

Ao ouvir o som da voz de Alexandre, ela corre para abrir a porta.

Em poucos segundos, Leila se joga nos seus braços e chora.

— Ele já foi meu amor. Fica calma. Ele não vai voltar mais.

— Eu estava com tanto medo – ela diz entre soluços.

— Não precisa temer. Eu estou aqui agora – diz e a beija. Suas mãos firmes passam pelo rosto macio dela acariciando-a e secando todas as suas lágrimas.

Eles entram na casa e ele tranca a porta.

— Eu devia ter lhe contado antes sobre ele. Ele era meu namorado e estava preso até esses dias. É que eu não queria lembrar de tudo que eu passei. Eu só queria esquecer – ela diz ainda chorando.

— Não se preocupe. Não precisa dizer nada se não quiser. Só mantenha distância dele – diz e a abraça. — Pode ficar em casa hoje. Não precisa ir trabalhar.

— Não! Por favor, não quero ficar aqui sozinha.

— Leila, você tem que superar esse medo.

— Não me deixe aqui sozinha, por favor – ela o abraça forte.

Sensibilizado, ele diz:

— Não vou deixar você sozinha nunca Leila. Nunca.

No escritório, Thiago procura por Alexandre.

— Sophia, sabe onde está o Alexandre? Nem ele e nem a Leila estão na sala.

Sophia intrigada diz:

— Não? Estranho. O senhor Keller é sempre um dos primeiros a chegar. Deve ter acontecido algo. Já são dez da manhã e ele dificilmente se atrasa.

— Ele deve estar com a Leila. Talvez tenham dado uma passada no terreno do orfanato. Ele me disse que já iniciaria a construção da fundação, essa semana.

— Pode ser.

— Bom dia! – Melinda passa pelos dois nos corredores e sai rebolando em seu terninho cinza claro.

Thiago a acompanha com os olhos e Sophia ri.

— O que foi? – ele pergunta.

— Nada. Vou trabalhar que ganho mais – diz e se retira.

Ele vai atrás de Melinda e a encontra na copa, tomando seu café.

— Bom dia Minha Rainha...

Melinda se assusta.

— Não me chame desse jeito aqui – ela o repreende.

— Mas...

— Aqui não Thiago. Não em nosso ambiente de trabalho.

— Está certo – ele diz um pouco confuso.



— Agora vem aqui e me beija – ela ordena.

Thiago sorri e vai até ela. Dá um beijo rápido, pois ela se afasta.

— Quero que vá a minha casa hoje. Preciso mostrar a você algumas coisas das quais eu gosto – ela sorri de lado.

— Bom dia – Léo aparece. Olha para os dois e ri.

— Bom dia – Thiago responde.

— Cuidado hein, logo cedo! – Léo ri, pega o café e sai.

— Do que ele estava falando? – Melinda pergunta.

— Não faço ideia – ele mente. — Vou para minha sala. Tenho muito trabalho também.

Melinda se aproxima dele e diz:

— À noite, em minha casa. Estarei esperando – diz e sai.

Minutos depois, Alexandre e Leila chegam.

Quando passam pela sala de Thiago, Alexandre entra e Leila segue.

— Caramba cara. Onde estava? Seu pai está louco. Temos uma reunião de emergência.

— Como assim? Que emergência? – ele pergunta confuso e se senta.

— Não sei. Mas, vindo de seu pai, é bomba na certa.

— Hoje não estou com cabeça para isso – ele diz e abaixa a cabeça.

— Bom, mas é melhor irmos. Sabe que quando seu pai se irrita, rolam cabeças.

— Ele deveria se aposentar e cuidar só da política – Alexandre ri.

— Vamos lá. Será rápido.

— Antes, preciso ir até minha sala e passar a agenda com a Leila. Vá indo que logo estarei com vocês – ele diz, se levanta e caminha até sua sala.

Ao passar por Leila, ele a chama.

— Leila, preciso de você em minha sala, agora.

— Sim, senhor – ela o segue.

— Feche a porta – ordena.

Ela fecha a porta e se vira para ele.

— Vamos retomar o projeto amanhã à noite. Hoje, quero que jante comigo na casa de meus pais.

Ela se surpreende.

— Mas Alexandre, eles não vão concordar e devem estar me odiando por ontem.

— Ninguém está te odiando meu amor – ele se aproxima e a abraça. Vou falar com eles e à noite passo para te pegar em sua casa.

— Em plena segunda-feira? Por que não deixa para um final de semana?

— Não sabia que as pessoas faziam greve de fome nas segundas-feiras. Você vai comigo e ponto. Quero te apresentar oficialmente como minha namorada – ele sorri.

— Não sei se dará certo.

— Outra coisa. Quando voltam as aulas na faculdade?

— Semana que vem. Com a copa, a faculdade adiantou as férias. Então iremos retornar agora na primeira semana de julho. Por quê? – ela pergunta curiosa.

Alexandre se afasta e diz:

— Quero que quando voltar às aulas me avise imediatamente. Sabe que não poderei levá-la, pois ainda estarei aqui. Mas o motorista da empresa estará ao seu dispor. Ele irá levá-la e eu irei te buscar todas as noites. E isso não está em negociação. Pelo menos não enquanto aquele homem estiver rondando por aí. Não quero que nada aconteça com você.

Leila sorri.

— Está certo, chefinho.

— Agora traga a agenda e me acompanhe. Temos uma reunião na diretoria – ele diz e se aproxima devagar. A abraça e a beija lentamente.

— Eu te amo – ela diz.

— Eu também. Agora vamos, senão não vou conter a minha vontade louca de jogá-la nesse sofá e fazer amor com você – ele diz fazendo-a rir.

— Então é melhor irmos.

Na sala da diretoria, George e Elizabeth já estão prontos para a reunião.

No lado esquerdo, estão sentados Léo, Thiago e Júnior, diretor financeiro. Ao lado direito, Alexandre, Leila e Ricardo, diretor de marketing.

— Onde estão os outros engenheiros? – Alexandre pergunta a George, dando por falta de alguns funcionários.

— A reunião será apenas entre nós. Como temos um problema com a construção do Resort no México, convoquei apenas a equipe responsável.

Alexandre assente.

— Essa reunião, a princípio, é para comunicar a vocês que estou tirando o Léo como responsável da obra do Resort no México. Como sabem a permanência dele, mesmo que temporária, no México atrasaria alguns projetos em andamento. Tendo em vista que ele é o único arquiteto capacitado para os projetos de grande porte – George diz com sua postura imponente.

— E quem irá fiscalizar as obras do Resort? – Alexandre pergunta curioso.

— Já contratei profissionais para isso. Quero o Leonardo e o Thiago trabalhando juntos no projeto urbano da prefeitura. Ganhamos a licitação e é imprescindível a permanência dos dois no projeto. São os melhores e precisamos entregar a obra no prazo. Então, para isso, contratei a Engenheira Jaqueline Ribeiro para ficar à frente das obras da prefeitura. Não quero falhas e nem atraso na entrega das obras. E ela é uma profissional muito competente. Léo, você ficará ao lado dela para auxiliá-la no que for preciso.

— E quando iremos conhecer a engenheira? – Léo pergunta intrigado.

— Ela está vindo do Sul. Creio que dentro de mais algumas horas estará presente aqui na empresa – George responde.

A reunião prossegue.

Leila anota todas as pautas das próximas reuniões, enquanto Alexandre e os outros conversam sobre os projetos em andamento.

Passando-se algumas horas, George é avisado de que Jaqueline está nas imediações da empresa.

Em poucos minutos, Melinda entra na sala de reuniões acompanhada pela bela mulher de 1,80, magra, ostentando belas curvas, olhos verdes, cabelos longos castanhos e pele bronzeada. Melinda, ao olhar para Thiago que tem seus olhos fixos na bela engenheira, lança a ele um olhar mortal.

Todos os homens presentes estão magnetizados por sua beleza. Leila chuta as pernas de Alexandre por debaixo da mesa e ele dá um grunhido baixo. Olha para ela e balbucia:

— Tá louca?

Leila fecha a cara.

George apresenta Jaqueline a todos e a reunião segue por mais algum tempo. Quando chega ao fim, ele encerra a reunião pedindo apenas para que Alexandre, Thiago e Leonardo, ficassem na sala.

Melinda e Leila saem a contragosto.

— Você viu como os homens babavam só de olhá-la?

Melinda se irrita.

— Vi – Leila caminha até a recepção da diretoria e se serve de um pouco de café. — Alexandre não tirou o olho das pernas dela.

— E o Thiago? Ah, ele me paga hoje à noite.

— Como assim? Está saindo com o Thiago? – Leila ri.

— Desculpa amiga. Nessa correria toda acabei esquecendo de te contar – ela dá um sorrisinho feliz. — Dormimos juntos no dia da festa do Alê.

— Não brinca?

— Uhum! Sério.

— Mas vocês não perdem tempo mesmo. Pelo menos alguém tirou o atraso. Em compensação eu...

— Está saindo com o chefe que eu sei. Sua danadinha – ela ri.  
— E seu namorado?

— Terminamos. Não deu certo.

— Que pena. Só espero que o Alexandre faça por merecer. Se ele arrasar seu coração amiga, me diga que eu o coloco no pau de arara e dou uma surra daquelas.

As duas riem.

— A Sophia saiu esse final de semana com o Denis – Melinda comenta.

— Eles fazem um par tão bonito.

— Sim. Que tal se combinássemos de passar o final de semana juntos? Quero acampar e seria ótimo se todos fossem, imagine!

— Não sei. Alexandre detesta o Denis – Leila diz e coloca sua xícara de café sobre a mesinha.

— Eu peço para o Thiago convencê-lo. Eles são tão amigos.

— Mas o Léo não tem namorada que eu saiba.

— O Léo? Quer apostar quanto que daqui a pouco ele está pendurado no pescoço da nova engenheira – ela ri. — Aquele não vale a comida que come.

— Bom, vou pra minha sala. Depois te conto as novidades entre eu e o chefinho, mas antes, vou querer saber dessa história entre você e o Thiago – ela ri. — Nunca imaginei vocês dois juntos.

— É. Nem eu – Melinda sorri.

Depois de algum tempo, Alexandre volta para sua sala.

— Leila, preciso de você – ele passa rapidamente por ela e entra em sua sala.

Leila o segue de cara fechada.

Ele fecha a porta e a tranca.

— Posso saber que cara é essa? – ele pergunta ao olhá-la irritada.

— É a única cara que eu tenho – ela dá de ombros.

Ele ri.

— Não vai me dizer que está com ciúmes – diz e se aproxima dela. A envolve em seus braços e a beija.

— Vi como olhou pra ela – ela resmunga.

— Amor, não tenho olhos para mais ninguém a não ser você.

— Jura?

— Claro que eu juro. Já falei com meus pais. Você irá jantar conosco hoje e dormir em minha casa. Quero você ao meu lado – ele acaricia seu rosto levemente e a beija apaixonadamente.

— E o projeto? Podemos trabalhar nele primeiro assim que voltarmos do jantar. O que acha?

— Não sei... Meu projeto essa noite é dormir agarradinho com você. Mas antes, quero beijar cada parte do seu corpo, ouvir seus gemidos cada vez que estiver dentro de você e fazer amor com você até que fique totalmente saciada – ele sussurra em seu ouvido e a beija.

— Gostei desse projeto – ela ri.

— Então vamos almoçar. Estou morrendo de fome e você vai comigo – ele diz autoritário.

— Sim, chefinho!

Após o almoço, Leonardo é surpreendido por Jaqueline em sua sala.

— Boa tarde, senhor Leonardo – ela diz e entra.

— Entre Jaqueline. Em que posso ajudá-la?

Ele a observa, encantado com sua beleza.

— Estava analisando seu projeto da prefeitura, há alguns erros que gostaria de conversar – ela diz toda segura de si e se senta de frente para ele.

— Erros? Como assim, erros? – ele se irrita.

— Nada muito grave. Apenas na planta há alguns erros de metragem comparados com o espaço do terreno.

— Sei – ele fica intrigado.

— Quero a permissão para mudar o projeto.

— Quer mexer em meu projeto? – ele fica pasmo. — Sabe quanto tempo eu trabalhei para finalizá-lo? Ah, não. Você não sabe. Chegou agora. E eu estou aqui há anos – ele diz enfurecido por sua petulância.

— Com todo o respeito, senhor. Eu sou a engenheira. O projeto é falho. Sei que é o arquiteto responsável, mas contém erros que certamente passaram despercebidos pelo senhor. Estou pedindo apenas permissão para refazer algumas partes – ela diz olhando-o fixamente.

— Não te dou permissão para mexer em nenhum centímetro do meu projeto – ele diz com arrogância. Não sei de onde vem Jaqueline, mas aqui, é bom saber respeitar limites.

— Tudo bem. Peço que me desculpe caso tenha o aborrecido. Mas nesse caso, terei que pedir para o senhor Keller analisar a planta. Fui contratada como engenheira chefe do projeto da prefeitura. É meu nome e minha assinatura que constará nas obras,



e se caso der errado, é meu nome que vai pra lama. Então, sugiro que aceite rever a planta ou teremos um grande problema – ela se altera.

— Pode levar a planta pro Papa se quiser. Não irei mudar nada – ele diz com impaciência. — Agora se me der licença, preciso trabalhar – ele sorri de forma irônica.

— Até mais – ela se levanta e sai deixando-o possesso de raiva.

Quando ela fecha a porta, ele bate os punhos na mesa e diz:

— Mais que vaca!

No mesmo momento, Thiago entra.

— Uou! Por que a irritação? – ele ri.

— Essa... Mulherzinha petulante. Teve a cara de pau de vir aqui e dizer que errei na planta da prefeitura. Acredita? Que insolência – ele bufa.

— Hummm... Senti uma tensão sexual aí – Thiago ri.

— Essa mulher deve ser uma cobra.

— Me deixa ver a planta – Thiago pede e Léo entrega a ele.

Após analisar minuciosamente, Thiago gargalha.

— É amigo... Sinto muito lhe informar. Mas realmente a mulher está com a razão.

— Como assim?

— Veja. No espaço delimitado pela prefeitura, aqui diz que a viaduto tem que ter 2,20 de altura. Você colocou 3,20. Pode ter sido um erro de cálculo. Acontece. Mas se não mudar, isso vai dar problema na altura da passarela, fora que eles podem reclamar.

— Mas que merda. Me dê isso! Onde você viu isso?

— Aqui. – Thiago aponta para o erro.

— Mas que merda! – Léo pragueja.

— É melhor aceitar as mudanças. Caso contrário, ela poderá reclamar de você para o chefão. E bater de frente com o George...

— Merda! – ele pragueja outra vez.

— Por que não tenta pedir desculpas a moça? Assume o erro e faça as mudanças. Afinal, você é arquiteto – ele ri. — Não engenheiro.

— Ah, vai começar a jogar isso na minha cara? Eu gosto de ser arquiteto.

— Na faculdade diziam que arquitetos eram veadinhos – Thiago gargalha.

— Veado? Eu? Nem morto – ele se irrita. — Vou me desculpar com ela. Mas em troca, tu vai ver que a levo pra minha cama até o final de semana – ele ri.

— Aeeee! É assim que se fala. Mas olha, pela postura dela, duvido que consiga. Ela me parece do tipo *Mulher Macho*, se é que me entende.

— Nenhuma mulher é macho, quando prova do alemão aqui. E se for, rapidinho vira mulher – ele gargalha.

— Por isso que gosto de ser seu amigo. Você não é nada modesto – ele ri. — Uma semana. Se não conseguir levá-la pra cama, vai pagar um castigo.

— O que você quer?

— Três caixas de uísque.

— Fechado.

— Sério?

— Claro que é sério.

— Ah, essa eu preciso contar para o Alexandre. Leonardo corrigido pela nova engenheira. Nem mal chegou e já pegou você de jeito – ele ri.

— Se abrir a boca pra ele, espalho na empresa que você é um maricas submisso da funcionária do departamento pessoal – ele ri.

— Não seria besta – Thiago se alarma.

— Experimente – Léo ri.

— Idiota!

## Capítulo 28

Alexandre estaciona em frente à casa de Leila.

Atrasados para o jantar, ele buzina até que ela aparece na porta. Vestida com um Jeans claro, salto e blusa preta, Leila exala sensualidade. A maquiagem leve destaca sua beleza natural. Seus olhos azuis claros e seu leve perfume adocicado hipnotizam Alexandre.

Com passos largos, Leila caminha até o carro carregando uma pequena bolsa com algumas peças de roupas.

Alexandre sai do carro e rapidamente dá a volta para chegar até ela. Ele abre a porta do carro e a beija.

— Minha mãe já ligou várias vezes. Estamos atrasados – ele diz. — Está levando roupa para trabalhar amanhã? Vamos direto da minha casa.

— Sim, chefinho.

Ela sorri e entra no carro.

— O que foi? – ele pergunta ao vê-la preocupada.

— Nada. Eu só estou com medo.

— Medo do quê?

— Do seu pai não gostar de mim.

— Eu gosto de você, meu amor. Não precisamos da aprovação do meu pai – ele franze a testa.

— Não é bem assim – ela suspira. — Eu quero que ele aprove nosso relacionamento.

— Amor, não se preocupe. Meu pai não é tão difícil de lidar. E minha mãe... Ela adora você – ele dá um sorriso terno e a beija. — Agora coloca aquele sorriso lindo no rosto pra mim.

Leila sorri.

— Bobo!

— Você fica linda quando sorri.

Em todo o percurso, Alexandre não desgruda das mãos de Leila. Seus dedos entrelaçados, o calor e a segurança que ele transmite apenas pelo contato de suas mãos fortes, a deixa mais segura.

Depois de um bom tempo, eles chegam à mansão dos Keller's.

Ele estaciona no jardim em frente à fonte de água e Leila olha tudo ao redor, maravilhada com tanta beleza.

— Nossa! Se o jardim é tudo isso, não quero nem ver o que tem dentro dessa casa – ela diz espantada, contemplando o enorme jardim florido e a fonte a sua frente, jorrando água.

— Vamos – ele pega na mão dela, suada e gelada. — Não precisa ficar nervosa.

— Vou me lembrar disso quando olhar para a cara do seu pai e lembrar que ele me pegou na sua casa quase nua e ainda quase pisou na minha calcinha – ela sussurra nervosa e ele ri.

Os dois caminham em silêncio até a porta de entrada.

Ao entrarem, são recepcionados por Silvia, a governanta. Uma senhora de meia idade, cabelos loiros acinzentados e estatura

mediana.

- Boa noite, Silvia. Esta é Leila, minha namorada.
- Boa noite – Leila diz e Silvia sorri para ela encantada.
- Boa noite.
- Onde estão meus pais?
- Na sala de estar, senhor.
- Obrigado.

Alexandre caminha pela casa de mãos dadas com Leila. Os olhos dela varrem todo o lugar. Cada pedaço da casa ostentava beleza e luxo. Tudo era extremamente lindo, limpo e de excelente bom gosto.

Ela segura a respiração assim que coloca os pés na sala de estar.

Embasbacada, ela sussurra:

- Uaaaauuuu!!

Alexandre ri.

O enorme tapete de pele de carneiro escuro dava um contraste com os sofás brancos. No centro da sala, uma mesa de madeira escura com tampo de vidro fumê e um lindo vaso de flores. Em uma das paredes há embutido um enorme aquário. Várias espécies de peixes deixam Leila abismada. Na parte de cima, uma enorme televisão de LED 52 polegadas. Quadros caros, vasos de plantas e abajures compunham ainda o lugar, deixando-o mais sofisticado. A iluminação fraca dava um charme a mais.

— George querido! Eles chegaram – Elizabeth diz ao entrar na sala.

Ela caminha até o filho e o abraça.

— Oi mãe – ele a beija no rosto.

— Leila, querida! Como vai?

— Estou bem – ela sorri sem saber o que dizer.

— Querem beber alguma coisa?

— Não quero não, mãe.

— Ah, eu aceito senhora.

— Querida, pode me chamar apenas de Beth.

Leila sorri.

— O que quer beber? Um suco, refrige...

— Uísque, por favor. Sem gelo – ela diz e Alexandre a olha com cenho franzido.

Elizabeth assente.

— Fique à vontade. Vou providenciar – diz e se retira.

— O que foi isso? Não vai encher a cara justo aqui, vai?

— Eu estou nervosa! – ela sussurra.

— Já disse pra não ficar.

— Como você quer que eu não fique? Essa casa é maior que meu bairro!

— Aí estão vocês! – George entra na sala, segurando dois copos.

— Oi pai – Alexandre o abraça.

— Boa noite, senhor Keller – Leila o cumprimenta.

— Então quer dizer que estão juntos mesmo? Namorando firme como um casal normal?

— Já disse que estamos – Alexandre diz diante do sarcasmo do pai.

— E pra quando é o noivado?

Leila arregala os olhos.

— Pai, não começa!

— Só estou brincando – ele ri.

Elizabeth entra na sala, serve a bebida para Leila e se senta ao lado do marido.

Eles conversam por algum tempo.

Leila começa a se sentir estranha. Cólicas fortes começam e ela se contorce no sofá.

— Amor, eu preciso usar o banheiro – ela sussurra para ele.

— Venha. Vou levá-la até lá.

— Aonde vão queridos? Já iremos servir o jantar – Elizabeth diz.

— Vou mostrar o resto da casa para ela – Alexandre diz e Leila sorri agradecida.

Ao passarem pelo corredor, Leila dá de cara com um gato cinza escuro.

— Oh, Pitty – Alexandre a pega no colo.

— Que lindinha ela.

— É a minha gatinha. Terrível ela – ele sorri. — Ali amor, primeira porta à direita.

Leila segue.

Assim que ela encontra o banheiro, abre a porta e entra. O sensor capta seus movimentos e a luz se acende no mesmo



momento.

Por alguns estantes, ela apenas observa.

— Puta que pariuuu! Isso não é um banheiro – ela sussurra e olha tudo com curiosidade.

O piso de madeira, a enorme banheira sobre um deck, o lustre caríssimo... Tudo era extremamente luxuoso.

Assim que acaba de fazer suas necessidades, alguém bate na porta.

— Leila! Sou eu. Abra a porta.

Ela lava as mãos e abre a porta para ele.

Assim que ele entra, fecha a porta e a agarra.

— Alexandre! – ela grita surpresa.

— Shhhh!

Ele a cala com um beijo.

— Porque você não veio de saia? Vou proibir você de sair com tanta roupa ao meu lado – ele ri.

Ele a coloca contra a parede, de costas para ele e aperta sua bunda.

Ela se vira e olha em seus olhos.

— Vamos sair. Daqui a pouco sua mãe virá nos procurar.

Alexandre a beija ardentemente e caminha com ela nos braços até o deck de madeira. Ele a coloca deitada e deita sobre ela. Começa a beijá-la e despi-la desavergonhadamente.

— Alê! Não! – ela cora.

— Quer ir pro meu quarto?

Ele sorri.

— Não! – ela o repreende. — Não viemos aqui para isso.

Alexandre sem se importar com mais nada, não lhe dá ouvidos. Ele retira seus saltos, sua calça e joga perto da blusa que havia tirado minutos atrás.

— Alexandre!

— Sem essa, meu amor. Eu não posso mais esperar – ele diz carregado de desejo.

Ele coloca a mão por dentro da calcinha dela e introduz o dedo em sua vagina.

— Ohhh merda! – ela sussurra e ele ri. — Você é muito mau, chefinho – ela diz ofegante.

— Vai dizer que não gosta?

Ele a beija.

Alexandre desliza rapidamente a calcinha entre as pernas dela e leva a boca até sua boceta molhada.

Ela geme.

Em frações de segundos, Leila esquece tudo a sua volta. A única coisa que sente é a língua quente e voraz de Alexandre, chupando-a com vontade.

— Alexandre! Leila! O jantar está servido – a voz de Elizabeth a desperta.

— Alexandre... Para! Sua mãe está nos chamando.

— Esquece minha mãe, Leila.

Ela o afasta e se senta no deck.

— Amor, eu vou dormir com você hoje – ela ri. — Acho que pode esperar até lá, não?

Ele a olha.

— Não. Não posso! Veja...

Ele pega a mão de Leila e coloca sobre seu pau duro.

— Meu pau não amolece desde que te conheci. Eu não vou aguentar esperar nem um segundo.

Ela ri.

— Para de ser exagerado – ela se levanta e vai atrás de sua calcinha.

— Venha aqui – ele ordena.

Lentamente, ela caminha até ele, com sua calcinha roxa nas mãos.

Ele senta no deck e pede para ela virar de costas para ele.

— Me dá a calcinha.

Ela faz o que ele pede.

Ele a veste, mas antes, dá uma boa mordida em sua bunda.

— Ai! – ela reclama e esfrega o local dolorido.

— Isso é para você deixar de ser malvada comigo. Está querendo me matar, né mulher?

Ela ri.

— Vamos jantar. Mas depois, vou te comer como sobremesa – ele ri.

Os dois saem juntos do banheiro.

Na sala de jantar, George e Elizabeth os aguardam.

Assim que chegam, Leila se encanta com a beleza.

A enorme mesa de vidro fumê estava repleta de louças de porcelana, cristais e mais talheres do que podia contar.

— Sentem-se queridos.

— Obrigada! – ela sorri.

Leila olha tantos talheres e surta.

— Quais deles eu uso pra comer? – ela sussurra no ouvido de Alexandre.

— Qualquer um meu amor. O importante é comer – ele ri.

— É sério Alexandre.

— Qualquer um. Não se ligue nessas etiquetas. Eu mesmo como a lagosta com a mão.

— Eu ouvi isso – Elizabeth o repreende. — Nada de comerem com a mão.

Leila ri envergonhada.

A comida exótica, não passou despercebida por Leila. Lagosta ao molho de camarão, salmão grelhado, arroz de forno, vários tipos de saladas e outros pratos que ela não reconheceu de imediato.

Alexandre a serve.

Eles conversam sobre vários assuntos.

George ri das piadas de Alexandre. Desde pequeno, ele tinha o dom de contar histórias engraçadas.

Elizabeth pergunta a Leila sobre a família e a faculdade.

Curiosa, ela pergunta onde Leila aprendeu as línguas, inglês e espanhol.

Ao saber sobre toda a infância difícil de Leila e a morte de seu pai, Elizabeth fica ainda mais encantada por ela.

— Eu também fiz aulas de piano e violino. Cheguei a dar aula no ensino médio para uma turma.

— Não brinca? Sério? – ela pergunta espantada.

— Não sabia desse seu talento. Olha que já vi vários – Alexandre ri.

— Sim. Dava aulas de piano e canto. Mas não tenho um piano e não toco há bastante tempo. Nem sei se conseguiria tocar tão bem quanto antes.

— Ah, modéstia sua. Temos um piano e quero vê-la tocar – George diz.

— Imagina. Não sou nenhuma *expert!*

Alexandre ri.

— Ah, vai tocar sim. Até eu agora fiquei curioso.

Todos riem.

— O jantar estava excelente. Obrigada – ela agradece.

Aos poucos, eles se levantam e caminham até o salão principal.

— Venha querida. Vou apresentar a você nosso piano. Quando Alexandre era pequeno, George e eu tentamos colocá-lo numa escola de música. Mas ele é péssimo. A única que toca aqui sou eu – Elizabeth diz enquanto caminha com ela de braços dados. — O talento do Alexandre sempre foi a engenharia. Desde pequeno, ele adorava fazer planta de casas. Comprávamos jornais e ele sempre copiava as plantas que vinha naqueles anúncios de venda de apartamentos – ela ri. — Ele dizia que seria desenhista.

Leila ri.

— Já George, ele gosta, mas também não sabe tocar. O negócio dele mesmo é a política.

As duas riem.

— Estamos ouvindo isso, hein – Alexandre grita atrás delas.

Ao chegarem ao salão, Leila suspira.

— Nossa! É lindo – ela anda a passos largos até o piano preto, no canto da sala, perto da janela coberta por enormes cortinas escuras.

— É todo seu.

— O que querem ouvir? – Leila pergunta.

— Qualquer coisa – Elizabeth responde com um sorriso.

Os homens se sentam no sofá bebendo seus uísques.

Leila se senta no banquinho e diz:

— Me perdoem se não sair tão bom.

Elizabeth fica ao seu lado, encostada ao piano.

Com um suspiro leve, Leila começa a tocar e cantar Stay – Rihanna.

*All along it was a fever*

*A cold sweat hot-headed believer*

*I threw my hands in the air I said show me something*

*He said, if you dare come a little closer...*

A voz doce e suave de Leila os encanta. As notas tocadas com perfeição deixam todos embevecidos. Os olhos de Alexandre brilham a cada nota musical. Elizabeth sorri encantada pelo talento e sutilidade com que Leila toca e canta. George, ainda perplexo, fica cada vez mais extasiado.

Ao terminar a canção, todos a aplaudem.

— Menina! Você tem uma voz de anjo – Elizabeth sorri com os olhos lacrimejados.

— Essa é minha garota! – Alexandre diz orgulhoso.

— Essa aí é fácil. Desafio você a tocar Imagine, de John Lennon.

— Desafio aceito – Leila ri e diz:

— Mas vocês dois terão que cantar.

— Fechado – George diz.

Então, Leila começa.

*Imagine there's no heaven*

*It's easy if you try*

*No hell below us*

*Above us only sky*

*Imagine all the people*

*Living for today*

George e Alexandre cantam e as duas riem da voz desafinada dos dois.

— Tal pai, tal filho – Leila brinca e George ri.

— Ah, até que cantamos bem.

— Verdade – Alexandre concorda.

O resto da noite, eles conversam e se divertem.

Para Alexandre, George diz que ele não poderia ter escolhido uma moça melhor do que Leila para ser sua namorada.

— Ela será minha mulher, pai. Mas ela ainda não sabe disso – ele ri.

— Essa sua perseverança me assusta, filho. Mas faço gosto se isso vier a acontecer um dia.

— E irá acontecer. Logo, logo.

— Fico feliz por ter criado responsabilidade.

— E eu, pelo senhor parar de achar que sou um bebê usando fraldas.

Eles riem.

Leila começa a sentir outra vez as cólicas fortes.

— Vocês me dão licença? Preciso usar o banheiro.

— Claro querida.

— Vou com você – Alexandre diz prontamente.

— Não precisa.

Quando chega ao banheiro, Leila constata: havia acabado de menstruar.

“Oh, puta merda!”.

Ela procura nas gavetas dos móveis, algum absorvente.

— Isso tinha que acontecer justo agora? Lá se vai minha noite agitada cheia de sexo, suspiros, gemidos... Droga! Droga! Isso deve ser praga!

Sem saber o que fazer, ela volta até o salão principal e pede ajuda de Elizabeth.

As duas saem.

Elizabeth a leva até seu quarto e entrega a ela um pacotinho com alguns absorventes.



— Ai que vergonha! Me desculpe. Sinceramente não imaginei que aconteceria justo hoje.

— Isso acontece querida. Vou deixá-la a sós. Pode usar meu banheiro. Te espero no salão.

— Obrigada.

Minutos depois, Leila entra no salão bem na hora em que Alexandre se despede de seus pais.

— Temos que ir. Amanhã acordamos cedo.

— Uma pena. A noite está tão agradável. Quero que voltem mais vezes. E Leila, traga sua mãe. Quero muito conhecê-la – Beth diz.

— Trago sim. Será um prazer.

— Boa noite crianças. E juízo os dois – Beth diz ao abraçar o filho.

Ao saírem, os dois entram no carro e partem.

Pouco tempo depois, eles chegam.

Alexandre carrega a pequena bolsa de Leila e os dois sobem no elevador.

Ao entrarem no apartamento, Alexandre fecha a porta, puxa Leila pelos braços e a joga sobre o sofá macio. Ele a olha e sorri. Em sua mente, se passa as mais loucas fantasias eróticas. Ele está a ponto de explodir de tesão. A noite inteira ao lado dela no jantar, sem poder tocá-la, foi um martírio. Ele deita sobre ela e a beija com paixão. Suas mãos passeiam sobre sua pele macia explorando cada pedaço de seu corpo. Ele começa a despi-la e ela protesta.

— Alexandre, não... Espere! – ela sussurra, mas ele a ignora e continua a arrancar sua roupa rapidamente.

Ele desabotoa o fecho do sutiã e o retira jogando-o longe.

— Vamos meu amor, quero você em minha cama e hoje você não me escapa – ele sorri e a beija.

Ele retira a camiseta e sua calça jeans sem parar de beijá-la. Leila arfa.

— Alexandre eu preciso dizer que...

— Depois meu amor, agora eu quero você. Só Deus sabe como esperei por esse momento - ele diz e abocanha seus seios.

— Alexandre... Não podemos fazer isso hoje – ela diz e ele se afasta.

Olha diretamente em seus olhos e pergunta:

— Por quê? Não inventa Leila, você quer me deixar louco?

Ele se exaspera.

Seu pau lateja de tão duro.

Ela se senta envergonhada e suspira decepcionada ao dizer:

— Eu estou naqueles dias.

Alexandre demora um tempo para compreender.

— Não brinca! Não está falando sério, não é? Mas você não estava, estava? Quando isso aconteceu?

— No jantar. Naquele momento em que eu saí da sala e pedi para conversar com sua mãe a sós. Eu precisava de um absorvente – ela ri.

Alexandre frustrado, começa a se vestir.

— Tô lascado. Quanto tempo terei que esperar?

— Uns quatro a cinco dias - ela dá de ombros.

— Não brinca? Você já foi ao médico ver isso? Uma mulher normal fica só três - ele diz impaciente.

— Eu sou normal - ela se irrita.

— Eu não disse que não era.

— Ah, disse sim. Não tenho culpa que resolveu descer bem agora, chefinho.

Leila fecha a cara.

— Meu amor, me desculpa. Por favor, me desculpa. É que não aguento mais ficar tão perto de você e toda vez que estamos quase lá, algo atrapalha.

— Eu sei.

— Eu quero você pra mim. Quero fazê-la minha – ele acaricia seu rosto.

— Eu já sou sua, chefinho – ela o beija.

— Certo. Então vamos ver um filme.

— Gostei.

— Desde que não tenha uma cena de sexo. Senão vou pirar – ele gargalha.

— Uma comédia!

— Ótimo. Vou procurar o filme e você faz a pipoca. Droga! Como eu queria me afogar em chocolates.

— Agora você falou como uma verdadeira mulherzinha – ela ri.

— Ah é? Vai ver a mulher quando eu te pegar de jeito. Todo esse tesão acumulado senhorita Leila, quando eu foder você, vai andar de cadeira de rodas por um bom tempo – ele diz sério, fazendo-a cair na gargalhada.

Leila vai até a cozinha e faz a pipoca.

Alexandre a abraça por trás e beija seu pescoço.

Eles caminham até a sala de vídeo e colocam o filme.

— Meus pais adoraram você.

— É. Seu pai não é tão assustador como imaginei.

— Ele é sim – Alexandre ri.

— Amor... Estava pensando... Temos outros meios de fazer...

— Fazer o quê?

— Hum, você sabe – ela diz, sobe em cima dele e começa a acariciar seu pau.

— Não, Leila. Eu espero.

— Mas eu posso fazer você gozar bem gostoso – ela sussurra no ouvido dele.

— Não tenho dúvidas quanto a isso. Mas meu amor, eu quero você por inteira. Quero que façamos isso, juntos. Será nossa primeira noite e quero que seja perfeita.

— Mas você iria transar comigo no banheiro da casa da sua mãe. Isso não é nada romântico – ela ri.

— Não disse que era para ser romântico – ele gargalha. — Disse que era para ser perfeito. Vou esperar. Não precisa se preocupar. Se preocupe apenas quando o dia chegar. Porque nesse dia, não vou parar nenhum minuto. Nem que me peça.

— Ui! – ela zomba.

— Vai rindo. Quando eu te pegar, você tá ferrada.

Eles se beijam apaixonadamente.

Ele dá um tapa na bunda dela e diz:

— E tira esse monte de roupa. Deita aqui no meu colo. Quero ficar abraçadinho com você a noite toda.

Leila faz o que ele pede e se joga nos braços dele se aconchegando. E, os dois, assistem ao filme, abraçadinhos.



## Capítulo 29

O dia amanhece e Alexandre se arruma para o trabalho. Leila ainda dorme. Assim que termina de se vestir, ele vai até a cozinha passar o café. Poucos minutos depois, ele entra no quarto para acordá-la.

— Leila. Já está na hora – ele a cutuca.

— Hummm – ela resmunga.

— Amor, acorda! Precisa tomar um banho. Já fiz o café – ele a chacoalha.

— Nãooo – ela resmunga mais uma vez e puxa o edredom para cobrir a cabeça.

Alexandre ri.

— Vamos ursinha. Pare de hibernar. Temos um dia cheio hoje.

Leila não se mexe.

— Vamos, Leila!

— Já vou. Por que essa pressa toda? Tô com sono ainda – ela diz sonolenta.

— Anda, Leila. Meu Deus! Sua mãe havia me dito que era difícil acordá-la, mas não imaginei o quanto.

— Já vou, já disse. Só mais cinco minutinhos – ela resmunga.

Alexandre levanta da cama e vai até o closet. Abre a porta e na sapateira, pega um chinelo.

Ele vai até ela, puxa o edredom e dá uma chinelada em sua bunda.

— Aiiiiiii! – ela grita e senta na cama na mesma hora. Esfrega o local dolorido com as mãos e diz enfurecida:

— Você me bateu? Isso dói!

— É pra você acordar. Agora vamos antes que me atrase. Tenho uma reunião logo cedo, Leila.

— Tá legal. Bom dia pra você também – ela diz e ele ri.

— Te dou cinco minutos nesse banho. Estou te esperando pra tomar o café – ele diz e a beija. — Te amo.

Alexandre sai do quarto e ela entra no banho.

Após sair do banho, Leila se troca e vai até a cozinha tomar o café.

— Prefere café puro ou com leite? – ele pergunta.

— Puro – ela responde e se senta na cadeira de frente para ele.

Alexandre despeja o café na xícara e entrega a ela junto com as torradas.

— À noite vamos continuar nosso projeto. Precisamos terminar logo para iniciar a construção.

— Pode ser na minha casa?

— Pode. Mas preciso vir até aqui, tomar um banho e então seguimos para sua casa.

— Uhummm – ela diz comendo sua torrada.

— Bom, estamos atrasados. Tenho uma reunião com os diretores e preciso que você termine os contratos que te pedi.

Leila assente.

— Então vamos?

Ela se levanta e procura por sua bolsa.

Alexandre a acompanha. Eles passam pela porta e Alexandre a tranca. No elevador, eles trocam beijos e carícias.

— Minha bunda ainda está ardida.

— Vou te apelidar de ursinha. Você dorme demais – ele ri.

Ela ri.

Os dois saem do elevador de mãos dadas e se dirigem ao estacionamento. Ele abre a porta para ela, dá a volta no carro e entra.

Ao chegarem à empresa, Alexandre se irrita ao ver Denis e Sophia se beijando.

— Mas que merda é aquela?

— Os dois estão saindo juntos.

— Eu disse que não o queria aqui. Ele é muito cara de pau – diz enfurecido. — Aposto que veio trazer notícias do Doutor Beterraba. Vou chutá-lo daqui.

— Não seja ridículo. Não pode fazer isso Alexandre. O Denis é um cara legal. Não tem culpa por sua ex ter sido uma vadia e muito menos de ser amigo do Brandon – Leila diz e sai do carro. Bate a porta do Maserati com tudo e Alexandre grita:

— Não tem geladeira na sua casa?

Leila olha para ele furiosa.

— Aonde vai? – ele pergunta correndo atrás dela.



— Trabalhar. Tenho mais o que fazer.

Ela passa por Denis e Sophia, os cumprimenta e entra no prédio.

Alexandre passa pelos dois sem olhá-los e também entra.

— Leila! Leila! – ele grita indo atrás dela que está parada de frente para a porta do elevador no final do corredor.

As portas se abrem e ela entra.

Quando estão quase se fechando, Alexandre a alcança, mas já é tarde. A única coisa que ele vê, é o sorriso irônico de Leila.

— Filha da mãe! – ele rosna.

As portas se abrem e Leila dá de cara com Melinda e Thiago se beijando.

— Hoje é o dia do beijo e eu não estou sabendo? – diz ao passar por eles.

— Hum, que bicho te mordeu?

Melinda ri.

— Aposto que foi esse o problema – Thiago zomba. — Não deve ter sido mordida – os dois riem.

— Idiotas! – Leila sorri fracamente.

Em sua sala, coloca sua bolsa no armário e liga o computador.

Minutos depois, ela acessa seu e-mail para baixar os contratos enviados por Alexandre. Mas ela se surpreende ao ver que há dois e-mails de Brandon.

Ela clica sobre o primeiro e-mail e antes que possa lê-lo, Alexandre aparece.

— Na minha sala, agora! – ele diz apontando o dedo indicador para ela.

Leila se levanta e o acompanha.

Alexandre tranca a porta.

— Você vai ligar pra ele e vai dizer que não quero ele aqui – diz enfurecido.

— Não vou mesmo – ela cruza os braços.

— Eu estou mandando. Não quero ninguém daquela família aqui. Nem ele e nem aquele desgraçado do Júlio... Ninguém.

— Você não manda em mim. Se quiser, faça você mesmo. Apesar de achar isso tudo ridículo. Você age como uma criança mimada e depois quer que seu pai te trate como um adulto – ela diz com raiva.

— Ah, eu?

— Sabe o que eu acho Alexandre? Que você usa essa desculpa esfarrapada pra continuar pensando naquela vaca – ela grita. — Achei que tivesse virado essa página da sua vida. Eu virei a minha quando terminei com o Brandon. Não me faça me arrepender – ela diz, dá as costas para ele e caminha até a porta, chateada.

Alexandre não a impede de ir.

— Merda! – ele pragueja batendo os punhos na mesa.

Em sua sala, ela abre as mensagens de Brandon.

*De: Brandon Belshoff*

*Assunto: Precisamos conversar*

*Data: 23 de julho de 2014 23:40*

*Para: Leila Gomes*

*Leila, minha linda. Eu sei que a distância é ruim e que sente minha falta. Eu também sinto a sua. Mas você disse que nunca desistiria por causa disso e que iria me esperar o tempo que fosse. O que foi que mudou? Ainda amo você!*

*Seu Dr. Brandon Belshoff*

Ela suspira e abre a outra mensagem.

*De: Brandon Belshoff*

*Assunto: Eu te amo*

*Data: 24 de junho de 2014 6:30*

*Para: Leila Gomes*

*Por que não atendeu as minhas ligações? Te leguei ontem quatro vezes! Leila, por favor, me diz que está tudo bem entre nós ou serei capaz de largar tudo aqui só para ter ver.*

*Eu amo você!*

*Seu Dr. Brandon Belshoff*

— Oh, merda! – ela sussurra e seus olhos enchem de lágrimas.

*De: Leila Gomes*

*Assunto: Urgente*

*Data: 24 de junho de 2014 8:55*

*Para: Leila Gomes*

*Brandon, está tudo bem, okay? Não precisa sair daí pra vir até aqui. Depois nos falamos com calma. Agora estou muito ocupada.*

*Beijos, Leila*

Ela clica em enviar com o coração na mão.

— Que cara é essa?

Sophia entra na sala.

— Sophia! Eu não sei o que fazer. O Denis ainda está aí?

— Não. Acabou de ir.

Leila pega o celular e liga para ele.

— Alô, Denis! É a Leila.

— Leila? Oi, tudo bem?

— Denis, você contou ao Brandon que eu e Alexandre estamos juntos?

— Não. Por quê?

— Eu pedi pra você contar. Ele anda me enviando e-mails querendo largar tudo lá em Boston para vir pra cá.

— Eu não tive coragem de contar a ele. Acho que é você quem deveria contar, Leila.

— Eu não sei se consigo – ela sussurra.

— Seja sincera com ele. Brandon é um cara legal e vai entender.

— Eu sei, mas não sei como dizer isso a ele. Não quero magoá-lo, entende? Eu não vou conseguir dizer a ele que...

— Não vai conseguir dizer o quê? – Alexandre pergunta, atrás dela.

Assustada, Leila interrompe a ligação.

Sophia fica sem saber o que dizer e apenas sai da sala deixando os dois a sós.

— Estava falando com quem?

— Ni-ninguém, oras! – ela diz nervosa.

— Vou pra minha reunião. Daqui a pouco estou de volta – ele diz desconfiado.

Aliviada, ela respira normalmente.

Na sala de reuniões, Thiago, Léo, Jaqueline e George, se reúnem com alguns diretores. Atrasado, Alexandre entra na sala e seu pai, para sua surpresa, lhe dá um sorriso acolhedor.

— Bom, como estávamos dizendo... – ele volta para seu discurso.

No final da reunião, Léo se aproxima de Jaqueline.

— Será que poderíamos conversar em minha sala?

— Sobre? – ela diz seca.

— Precisamos conversar sobre a obra da prefeitura – ele diz analisando-a por completo. Mesmo vestida em um jeans e miniblusa polo, Leonardo não deixa de suspirar por sua beleza e por sua imponência.

— Tudo bem. Mas não tenho muito tempo. Ainda preciso fazer a matrícula do meu filho na escola.

— Não sabia que era casada.

— Não sou – ela lança a ele um olhar duro.

— Então vamos.

Quando chegam à sala, Léo pede para que ela se sente.

— Bom, acho que começamos com o pé esquerdo – Léo começa falar. — Estive olhando a planta da obra da prefeitura e você estava certa. Há alguns erros que passaram por mim despercebidos. Você tem a minha autorização para mexer no projeto.

— Obrigada.

— Mas com uma condição.

Ela olha para ele com um olhar interrogativo.

— Que você me desculpe pelo modo que a tratei ontem. Sei que não é desculpa, mas estava cheio de problemas e um pouco nervoso.

— Sem problemas – ela diz curta e grossa.

— Bom, se é só isso, estamos conversados. Eu realmente preciso ir. Consegui uma vaga para meu filho em uma escola aqui perto e preciso levar alguns documentos e também preciso levá-lo para apresentar para a professora que cuidará dele. E sabe como é... Acabei de chegar e não conheço muita coisa por aqui – ela se desarma e sorri. Para Leonardo, essa foi uma excelente brecha.

— Eu estou indo almoçar também. Se quiser posso lhe dar uma carona.

— Não será preciso. Obrigada.

Ele assente e ela se vai.

Segundos depois, Thiago passa ela porta e sussurra:

— Três caixas de uísque, hein! – e ri saindo de seu campo de visão.

Leonardo ri. Pega sua carteira e a chaves do seu carro.

— Estou indo almoçar. Avisa o Alexandre que irei direto para a obra – ele pede para Leila.

— Tudo bem.

Ao entrar no carro estacionado de frente para a empresa, Leonardo, pelo retrovisor, vê Jaqueline caminhando até o ponto de ônibus, que fica quase na esquina.

— Ah, guria... Agora você não me escapa! – ele abre um sorriso safado.

Léo dá partida em seu Nissan GT-R vermelho e dirige até ela.

O ronco do motor chama atenção de Jaqueline.

Ela olha para o Nissan vermelho a sua frente. Seus olhos ficam petrificados olhando para aquela belezura. O destaque do para-

choque, saias laterais e o aerofólio em preto, deram um visual de carro de corrida.

Léo abaixa o vidro elétrico e diz:

— Entre, te dou uma carona. Vai acabar se perdendo. São Paulo é uma cidade perigosa para mulheres sozinhas – ele apela para o emocional.

Jaqueline ri.

Ela pensa rapidamente e decide ir com ele.

Ao entrar no carro, dispara:

— Esse carro é a sua cara. Um tanto exagerado – ela diz com ironia.

Léo ri.

— Tem o endereço?

— Sim.

— Pode falar. O GPS já está ligado.

Jaqueline diz o endereço e uma voz eletrônica repete.

Ela olha tudo com entusiasmo.

Os bancos em vermelho e preto dão um ar esportivo, porém sofisticado.

O telefone toca:

*"Chamada de Thiago, Chamada de Thiago"...*

— Atender – Léo diz.

— E aí cara! Não íamos almoçar juntos?

— Thiago, agora estou ocupado. Quando chegar na empresa conversamos – ele responde mantendo atenção no trânsito.



— Vai preparando as caixas de uísque por que eu tenho certeza que tu não peg...

— Desligar... Desligar... Desliga logo porra! – Léo diz rapidamente e apavorado.

“Chamada finalizada”

Jaqueline olha para ele perplexa.

— Desculpe. Odeio atender quando estou dirigindo – ele diz constrangido. Mais um pouco, Thiago o deixaria em maus lençóis.

No percurso até a casa dela, eles conversam sobre assuntos corriqueiros.

Quando chegam, Léo estaciona de frente para a casa dela.

— Obrigada – ela diz agradecida.

— Imagine. Por nada. Mas vem cá... Não disse que levaria seu filho até a escola? Posso levá-los. Não é seguro sair assim com uma criança. Além disso, precisamos estar na obra da prefeitura até às 14h. Não vai conseguir chegar a tempo.

— Droga! É verdade! Mas não tem problema. Eu pego um táxi e...

— Está decidido. Nada de táxi. Já estou aqui mesmo – ele sorri.

— Tudo bem. Então façamos assim, você me leva e em troca eu pago o almoço. E não aceito não como resposta.

— Está certo.

— Volto em um segundo – ela diz e sai.

Léo fica magnetizado por ela.

“Chamada de Thiago... Chamada de Thiago...”

— Atender.

— Seu filho da puta! Desligou na minha cara?

— Eu estou com a Jaqueline. Não dava pra falar.

Um silêncio se faz do outro lado.

— Mas que porra Léo! Qual é o segredo? Pica grande? Vá pra puta que pariu.

Léo ri.

— Fazer o quê? Sou irresistível – ele ri. — Prepara as caixas de uísque.

— Ainda não. Nem transou com ela.

— Mas irei. Agora tchau! Vou ter que desligar – Léo diz ao ver Jaqueline saindo da casa com o filho no colo e um homem gritando atrás dela.

Ele fica alarmado.

— Você não pode mudar de cidade e carregar meu filho! – o homem grita possesso.

— Agora ele é seu filho? Se você não sair daqui vou chamar a polícia. Eu dei um duro danado pra cuidar dele sozinho todo esse tempo. Em quatro anos você sequer comprou uma fralda pra ele.

— Eu vou entrar na justiça e pedir a guarda dele. Vou provar que você é uma vagabunda – o homem parte para cima dela e Léo automaticamente, sai do carro aos berros.

— Ohhh! Se chegar perto dela vai se arrepender – ele se põe entre Jaqueline e o homem alto, forte, aparentando ter não mais do que quarenta anos.

— Quem é esse? – o homem pergunta furioso.

— Vai embora Carlos! – ela diz assustada.

— Já arrumou outro macho? Não quero ver meu filho vendo a mãe se esfregando em outro homem – ele diz entredentes e Léo parte para cima dele.

— Escuta aqui cara, mais uma ofensa dirigida a ela e eu quebro todos os seus dentes. Não percebe que está deixando o garoto assustado, seu mané? Some daqui!

O cara recua e Léo caminha até Jaqueline, apreensiva, com o filho no colo, abraçado a ela.

— Entrem no carro – ele diz e abre a porta.

Léo dá a partida no carro e sai. Jaqueline fecha os olhos e abraça o filho apertado.

— Me desculpe! – ela sussurra sem olhar para ele. — Eu não sabia que ele iria me seguir até aqui – diz enquanto uma lágrima rola em seu rosto.

— E aí garotão? – Léo passa a mão no cabelo loiro do garoto.

O menino de olhos azuis olha para Léo e solta um sorriso.

— Qual o nome dele?

— Leonardo – Jaqueline ri.

— Sério?

— É.

Léo ri.

— Era o pai do garoto?

— Sim. Me desculpe por aquilo. Obrigada por ajudar também – ela suspira.

— Precisa ter cuidado. Como ele entrou em sua casa?

— A babá. Coitada, não a culpo. O Carlos vivia me atormentando no sul. Pensei que quando me mudasse pra cá, isso

iria parar.

— Hum. Mas ele nunca te agrediu, não é?

— Não. Isso não. Ele não seria louco – ela diz com raiva.

— Quer um conselho? Registre um boletim de ocorrência. Ficará mais segura.

— Eu vou.

Ao chegar à escola, Jaqueline desce do carro com Leozinho e diz:

— Volto num instante.

Léo apenas observa calado.

Depois de dez minutos, eles aparecem.

Leozinho com salgadinho e iogurte nas mãos, e Jaqueline, com ele nos braços.

Eles entram no carro.

— Ele não anda?

— Ah, anda! Ele é preguiçoso – ela ri.

— Abi mamãe – Leozinho diz apontando para o saco de batatas.

— Ele vai comer isso agora? – Léo pergunta quase tendo um infarto.

— Iogurte mamãe... Iogurte – ele choraminga.

— Ele está com fome.

— Hum – Léo resmunga.

Ao parar no sinal fechado, Léo quase entra em surto quando Leozinho derruba iogurte no estofado do carro. Ao olhar para o

tapete, várias migalhas de batatas espalhadas. Ele abre a boca para dizer algo, mas se cala.

“Ai meu carro!” – ele pensa.

— Acho que ele fez coco – Jaqueline diz e Léo tem vontade de gritar.

— Aonde? No banco?

— Ah não. Ele usa fraldas – ela ri.

— Quantos anos ele tem?

— Quatro.

— E usa fraldas? – pergunta abismado.

— Ele é terrível. Já tentei tirar, mas é impossível. Uma vez cheguei no quarto dele e havia coco pra todos os lados – ela ri, mas Léo não acha nenhuma graça.

Ele estava quase surtando pela bagunça feita pelo garoto.

Após comer e lambuzar o painel de iogurte, o garoto começa a apertar os botões do carro.

— Não pode mexer aí não – Léo diz sem deixar transparecer sua fúria.

— Quelo diligir o carro titio – o menino diz para Léo e puxa com tudo a direção do carro.

— Filho! – Jaqueline o repreende.

— Quando você fizer dezoito anos e tirar a sua habilitação, quem sabe – ele diz ao garoto como se ele entendesse alguma coisa.

Jaqueline ri.

Depois de um tempo, para o alívio de Léo, eles chegam à casa de Jaqueline.

— Só vou deixa-lo com a babá e já volto. Vou precisar trocar de roupa. Estou toda suja – ela diz e só então percebe a sujeira no banco e tapete do carro. — Oh meu Deus! Vou trazer algo para limpar isso – diz envergonhada.

— Imagine! Crianças... Depois eu mando limpar o carro – ele dá um sorriso falso.

Jaqueline caminha até a porta e Leozinho solta da mão dela e corre até o carro. Ele dá soquinhos na porta deixando Léo vermelho de raiva.

— Sai daí garoto! – ele diz baixinho.

Leozinho olha para ele, mostra a língua e sai correndo.

— Garoto encapetado.

Jaqueline volta para o carro, mas, antes, dá instruções à baba para que não deixe Carlos entrar novamente.

Quando ela entra no carro, Léo pergunta:

— Tem certeza que o menino tá seguro aí?

— Tá sim. Eu disse a ela que chamasse a polícia caso ele insistisse.

— Está certo.

— Leonardo, ia te pedir para não comentar nada disso com ninguém. Por favor.

— Não vou – ele diz e saem para almoçar.

Eles almoçam tranquilamente e por mais incrível que pareça, Léo não tenta seduzir Jacqueline em nenhum momento. E isso, a deixa mais receptiva a ele.

Eles conversam sobre a vida dela no sul, seu casamento que não deu certo e sobre a dificuldade de criar Leozinho como mãe solteira.

— Por que deu a ele o nome de Leonardo?

— Sempre gostei desse nome – ela ri.

Após o almoço, os dois seguem para a obra para fiscalizá-la. No final da tarde, os dois voltam para a empresa.

— Estou um caco, Léo diz sentando de frente para Alexandre.

— Eu já estou indo embora também.

— Eu também. Vou sair com a Melinda – Thiago diz.

— Ainda levando chicotadas? – Alexandre ri.

— Enquanto tiver nas chicotadas está bom – Léo gargalha. — Pior quando ela começar a introduzir aqueles plugs anais em sua bunda.

Léo e Alexandre gargalham.

— Vai tomar no seu cu – Thiago se irrita.

— E pela sua cara... A Leila também nada, né? – Léo pergunta.

— Ela está naqueles dias – Alexandre resmunga.

— Que falta de sorte hein! – Thiago ri. — O todo foderoso Keller, sem sexo a mais de duas semanas. Cuidado, hein! Vai acabar tendo um caso de bolas roxas.

Todos riem.

— E o que deu com a Jaqueline? – Thiago pergunta.

— Tirando o ex-marido que apareceu na casa dela pagando de macho e o filho dela encapetado que manchou o estofado do meu importado, lambuzou o painel do carro com iogurte, sujou o tapete de batata e cagou nas fraldas, o resto foi ótimo.

Alexandre e Thiago ficam mudos.

— O que foi? – Léo pergunta.

— Você saiu com ela e o filho? Eu nem sabia eu ela tinha filho!  
– Alexandre se espanta.

— Ihhh cara. Sai fora que mulher com filho é problema –  
Thiago diz.

— O menino é terrível. E ainda se chama Leonardo.

— Nãooooooooooooooooo – Alexandre gargalha.

— Me chamou de titio o pestinha. Até se parece comigo. É loirinho e tem olhinhos azuis.

— Caralho! Já se apaixonou – Thiago diz e dá um tapa no braço de Léo.

— Eu não sou maricas. E nem me apaixono. Só quero é levar aquela gostosa pra cama e mais nada.

— Sei – Alexandre ri. — Bom, os dois podem ir embora que agora eu vou terminar meu trabalho. Quero ir pra casa tomar um banho que hoje vou para a casa da sogrinha trabalhar no projeto.

— Hummm... Tá sério esse relacionamento, hein. Gostando de ver – Léo diz tirando um sarro.

Os dois se levantam e se despedem.

Alexandre ri assim que saem. Thiago e Léo sempre foram seus melhores amigos e confidentes. E vê-los se envolvendo de verdade com alguém, o deixa feliz.

Ele abre o e-mail e vê a notificação do servidor. Leila havia recebido e-mails e enviado.

Curioso ele entra para ler.



Ao se deparar com os e-mails de Brandon e a resposta vaga de Leila, ele se irrita e fica enciumado.

— Como assim, está tudo bem? Ainda manda beijos pra ele? Ah tá de sacanagem!

Ele desliga o computador, pega sua carteira e sai da sala.

Ao passar por ela, ele apenas diz:

— Estou indo pra casa. Te espero no carro – diz sem olhar para ela e sai deixando-a atordoada.

Ela começa a desligar tudo, pega sua bolsa e sai.

Ao chegar no carro, Alexandre está calado.

— Podemos ir – ela diz.

Ele não diz absolutamente nada.

Ao perceber que ele pegou o caminho errado, ela diz:

— Não íamos passar em sua casa primeiro?

— Mudei os planos – ele diz seco.

Ela se cala e percebe que há algo errado.

Ao chegarem, ele para o carro e espera ela descer.

— Tenho alguns problemas para resolver, então, farei o projeto hoje sozinho – ele diz com semblante sério.

Ela apenas assente.

Parada na calçada, ela vê o carro se afastar rapidamente.

No carro, Alexandre fica pensativo.

— Ela estava mentindo pra mim todo esse tempo? – ele pergunta para si mesmo. — Mentirosa! Ela disse que havia terminado com ele. Se ela pensa que vai me enrolar, está muito enganada – diz enfurecido e soca o volante. — Droga! – ele se

altera. — Mantenha a calma, Alexandre! Mantenha a calma — ele diz como um mantra. — Amanhã eu tiro isso a limpo.

## Capítulo 30

No escritório, pela manhã, George e Elizabeth entram na sala de Alexandre.

— Bom dia, filho – sua mãe diz e o beija no rosto.

— Bom dia, mãe.

Ele olha para o pai e sorri.

— O que os traz aqui tão cedo?

— Eu vim falar com a Leila. Mas vi que ainda não chegou – Beth diz.

— Ela deve estar para chegar.

— Bom, eu vim pegar o contrato da empresa de marketing. Está pronto? – George pergunta.

— Sim. Está aqui – Alexandre abre a gaveta da mesa e retira o envelope, com o contrato.

— Obrigado, filho. Preciso ir. Depois nos falamos.

George sai após dar um beijo em sua esposa.

— O que foi filho? Está com uma carinha.

— Nada.

— Como nada? Eu te conheço.

— Só alguns problemas. Nada demais.

— Então tá. Quando a Leila chegar, diga a ela para ir até minha sala? Preciso falar com ela.

— Falo sim – ele dá um sorriso terno.

Elizabeth vai embora.

Em sua cadeira, ele fica corroendo a ideia de que Leila o esteja enganando.

Ele tenta se concentrar, mas é em vão.

Pouco tempo depois, ele ouve a voz dela. Ele espera que ela entre para falar com ele, mas, depois de vinte minutos, nada dela se pronunciar.

Irritado, ele interfona para ela.

— Leila, pode vir até a minha sala?

— Já estou indo.

Ela entra calada.

— Minha mãe pediu para que assim que chegasse, fosse até a sala dela. Ela precisar falar com você – ele diz.

— Sabe o que é?

— Não. Não sei. Mas antes... Eu preciso saber uma coisa.

Ela o olha.

— O que você e o Denis conversaram naquele dia em que nós chegamos a sua casa e ele estava lá?

Leila fica sem reação.

— Por que essa pergunta agora?

— Porque eu preciso saber.

— Não me diga que está com ciúmes do Denis. Isso é ridículo. Ele está com a Sophia – ela se irrita.

— Não tenho ciúmes dele. Quero saber o que conversaram. Ele certamente trazia notícias do Brandon, então...

— Não estou te entendendo – ela diz confusa.

Irritado e sem poder despejar tudo sobre ela, ele respira.

— Você terminou ou não com o Brandon?

Ela ri nervosa.

— Claro que terminei – ela diz com o cenho franzido. — Por que isso agora?

— Porque você está mentindo pra mim e eu detesto ser feito de idiota.

— Eu não estou mentindo. Nunca menti pra você – ela diz chateada.

— Era ele quando cheguei perto de você ontem e você desligou o telefone?

— Não, claro que não. Era o Denis. Eu só tinha ligado para ele conversar com o Brandon e...

— E o quê? – Alexandre cruza os braços.

— Olha, não tem cabimento essa conversa. É por isso que me tratou daquele jeito ontem? Me deixou feito uma besta plantada na calçada e nem ao menos se despediu – ela eleva a voz.

— Você ainda mantém contato com ele?

— Ele quem? – ela se irrita.

— Olha aqui Leila, eu não sou nenhum idiota. Eu amo você. Mas se eu descobrir que está mentindo pra mim, eu não vou perdoá-la, está entendendo?

— Não. Não estou entendendo – ela começa a chorar. — Do nada você fica estranho comigo e agora vem com uma conversa sem pé

nem cabeça. Está delirando e nem sei por que.

— Então me diga... Você anda falando com ele, não anda?

— Não. Já disse a você que eu terminei com ele no dia em que me levou para sua casa. De lá pra cá, não falei com ele.

— Não? E ele desistiu assim, tão fácil?

— E-eu disse para ele que não queria mais. Acho que ele só não entendeu.

— Então falou com ele?

— Já disse que não – ela se irrita. — Aonde quer chegar com isso? – ela o enfrenta.

— Não falou com ele por telefone, nem *Skype*, nem e-mails? De forma alguma? – ele pergunta impaciente.

Sem saber o que inventar, ela conta a verdade.

— Ele me enviou alguns e-mails. E eu apenas respondi. Mas eu só respondi por que ele queria largar tudo em Boston e vir pra cá. Eu não sabia o que fazer. Então respondi.

— Eu quero ver os e-mails – ele diz.

— Não! – ela diz irritada. — Não confia em mim?

— Se o que diz é verdade, por que não me deixa ver os e-mails?

— Porque é assunto particular, Alexandre. E se não confia em mim a ponto de querer ler a porra do e-mail, então terminamos aqui – ela diz com a voz embargada. — Eu terminei com ele, eu juro. Só não disse que nós dois estávamos juntos. Então acho que ele tem esperanças.

Alexandre anda de um lado para o outro em sua sala. Nervoso, ele pega o celular e entrega a ela.

— Liga pra ele. Liga e deixa bem claro que você não quer mais. E aproveita já diz que estamos juntos. Assim ele não cria nenhuma expectativa em relação a você.

— Eu não vou ligar. Não desse jeito. Com essa imposição me encostando contra a parede – ela diz furiosa.

— Então pode sair – ele diz impassível.

Leila fica inconformada.

— É assim então? Se eu não faço o que quer você termina e me trata desse jeito?

— Pensa um minuto, Leila. Se coloque no meu lugar e no lugar dele. Quando eu falei pra você terminar, não foi pela metade – ele se irrita.

— Eu terminei. Não tenho culpa se ele não entendeu!

— Não. Você acha que terminou. Seja clara, Leila. Se mesmo assim ele não entender, desenhe, grite, faça o que tiver que fazer. Mas tire ele do caminho – Alexandre grita deixando-a assustada.

Chateada com a reação dele, ela sai da sala chorando. Passa em sua mesa e pega seu celular.

Desesperado, Alexandre vai atrás dela. Ao entrar na sala dela, ele não a vê. Ele segue pelos corredores a sua procura.

— Você viu se a Leila passou por aqui? – ele pergunta para Jaqueline.

— Passou sim. Ela seguiu para a copa.

— Obrigado – ele diz e vai atrás dela.

Ao entrar na copa, ele escuta a voz dela. Sentada no canto da parede, escondida de olhos curiosos, ela fala com Brandon. De longe, Alexandre apenas escuta.

— Eu não quero mais Brandon... Eu disse a você que não queria continuar... Eu sei... Eu sei. Eu não quero que largue tudo, a sua vida, seu emprego por minha causa... Não! Eu estou com outra pessoa... É o Alexandre sim, me perdoe por isso Brandon, mas eu o amo e não tenho culpa de ter me apaixonado por ele...

Ao ouvi-la dizer a ele que o ama, seu coração fica mais aliviado. Ele sai da copa e a deixa sozinha. Ele caminha de volta para sua sala e tenta se concentrar no trabalho.

Quando termina de falar com Brandon, Leila chora chateada por Alexandre não confiar nela.

Sem esperar, ela é surpreendida por Elizabeth.

— Leila? Minha filha, o que foi? – ela pergunta e a abraça. — Está se sentindo bem?

Leila se afasta envergonhada.

— Desculpe, senhora. Eu só estou me sentindo indisposta – ela enxuga as lágrimas.

— E essa indisposição se chama Alexandre? Não acredito que já estão brigando.

— Não é nada disso. Sério. Estou bem.

— Venha. Vamos até minha sala. Preciso falar com você.

Leila se recompõe e a segue.

Elizabeth fecha a porta e pede para que ela se sente.

— Obrigada.

— Querida, não sei o que houve entre vocês dois. Mas só te peço uma coisa, seja paciente com ele. Você não sabe, mas ele já sofreu muito. Depois que foi enganado pela Patrícia, ele ficou um pouco duro. Mas ele tem um coração bom.



— Não aconteceu nada. Não precisa se preocupar. Ele só está dando uma de homem ciumento – ela ri.

— Só não deixe ele te maltratar. Nunca. Não tem que baixar a cabeça para ele.

Leila sorri.

— Ele nunca me maltrataria. Aliás, nunca fui tão bem tratada por um homem antes. Apesar de ele ter aquele jeito, que às vezes me dá vontade de esganá-lo, ele me trata com amor.

— Eu fico feliz que estejam se dando tão bem. Mas, não foi para falar disso que te trouxe aqui – ela sorri. — Eu queria saber se você gostaria de sair para almoçar comigo. Irei encontrar algumas amigas e adoraria apresentar você a elas.

— Claro – ela diz animada.

— Então está combinado.

As duas conversam por mais tempo e Alexandre em sua sala, fica apreensivo pela demora dela.

Assim que ele escuta sua voz falando com Melinda, ele fica mais aliviado.

Depois de um tempo, Leila entra na sala.

Ela o observa concentrado em seus papéis e diz num sussurro fraco:

— Eu já fiz o que me pediu. Já liguei para ele e já disse que não o queria mais e que estávamos juntos. Agora, por favor, não me trate assim com indiferença.

Alexandre levanta a cabeça e a olha. Sai de sua cadeira e caminha até ela. Ele afrouxa a gravata, a pega pelos braços e a beija.

Ele acaricia seu rosto levemente e continua a beijá-la, devagar.

— Eu amo você Leila. Só não quero que minta pra mim. Eu não suportaria ficar longe de você. Nem um minuto sequer.

— Eu não menti pra você. Em nenhum momento. Eu só achei que se contasse sobre os e-mails, você iria ficar chateado. E não queria isso.

— Eu não quero que tenhamos segredos um com o outro. Entendeu?

— Eu sei.

E então, eles fazem as pazes.

O resto do dia transcorre normalmente.

Leila almoça com a sogra e é apresentada para algumas amigas de Elizabeth.

Thiago marca de sair com Melinda para um clube de BDSM e Léo vai para casa. A noite inteira, ele pensa em Jaqueline.

Sophia e Denis assistem a um filme no cinema. Ao saírem, ele a leva para sua casa e os dois tem sua primeira noite de amor.

Jaqueline, ao se deitar, a única coisa que consegue se lembrar, era o jeito como Leonardo a defendeu de seu ex-marido. E isso a deixa completamente encantada por ele.

Alexandre e Leila vão para casa dela e passam a noite no projeto da instituição. Eles acabam dormindo um ao lado do outro, abraçados, no sofá.

Três dias se passam.

Ao acordar, Leila constata não estar mais menstruada. Ela sorri.

No banho, animada, ela se depila completamente.

Ousada, escolhe uma lingerie branca provocante. A calcinha fio dental minúscula, não deixa margens para imaginação.

Ela coloca uma saia cinza acima do joelho e uma camisa de botões branca, com listras azuis finas, verticais. Coloca um salto alto preto e vai para o trabalho.

Chegando ao escritório, ela entra na sala de Alexandre e corre para beijá-lo.

— Bom dia, amor!

— Bom dia – ela sorri.

— Vou precisar sair. Daqui a pouco estarei de volta – ele diz colocando o paletó. — Você está linda, sabia?

— Obrigada, chefinho – ela ri do elogio.

— Hoje é sexta e os rapazes vão para a boate. Que tal se nós fossemos também?

— Hummm... Pode ser – ela diz.

— Então tá. Mais tarde estarei de volta e almoçamos juntos.

— Tá – ela o beija.

— Te amo! – ele diz e sai.

Leila caminha até a copa para tomar um café.

— Bom dia meninas – ela diz para Sophia, Melinda e Jaqueline, que riem sem parar.

— Bom dia – elas dizem em uníssono.

— Qual foi a piada? Quero rir também – ela diz.

— É que pegamos a Melinda e o Thiago na copa ontem no final da tarde em situação um pouco constrangedora – Sophia ri.

— Ah é? Me conta!

— Não zodem, meninas – Melinda diz encabulada.

— Thiago estava beijando os pés da garota aqui, chamando-a de minha Rainha – Sophia gargalha.

— A Melinda nos contou que ela é uma Domme, uma Dominadora e que ela e o Thiago mantêm um relacionamento meio BDSM – Jaqueline ri.

— Sério? Tipo aquele livro do Grey? – Leila fica estupefata.

— Não! Aquilo é um livro gente. BDSM é mais do que isso – Melinda explica.

— E o Thiago é quem nisso? O Grey? Ele bate em você? – Leila pergunta confusa e todas riem.

— Ele está mais pra Anastásia – Sophia gargalha.

— Nãooooooooooooooooo – Leila ri. — O Thiago? Sério? Ai gente, isso é brincadeira não é?

— Não. Ele é meu escravo e faz tudo o que eu mando – Melinda diz.

— Gente! Eu morro e ainda não vejo de tudo – Leila ri. — Fiquei sabendo que a senhorita e o senhor Leonardo, andam passeando pra cima e pra baixo juntinhos – Leila diz para Jaqueline.

— Capaz! Somos apenas colegas de trabalho – ela se explica, mas nenhuma delas acredita na história.

— O Léo é bem gostosinho – Sophia ri. — Eu não perderia tempo.

— Sophia! Vou contar pro Denis! – Leila ri.

— E por falar em Denis, ele vai mesmo voltar para Barcelona? – Melinda pergunta.

— Sim. Ele ficará lá por dez dias e volta. Tem alguns jogos marcados.

— O que é isso? Vamos trabalhar meninas! – Thiago aparece e todas riem, lembrado das coisas que Melinda contou sobre os dois.

Aos poucos elas voltam ao trabalho.

Na sala de Léo, ele e Jaqueline terminam alguns detalhes da planta e ela é chamada às pressas por George. Ele a envia para fiscalizar a obra, pois algo saiu errado.

Na hora do almoço, Alexandre aparece.

— Amor, vamos almoçar?

— Vamos, me deixe só terminar uma coisa aqui.

— Vou deixar meu paletó em minha sala. Já volto.

Quando ele aparece, Leila suspira ao vê-lo tão despojado. Sua camisa branca está com as mangas dobradas até o antebraço e os três primeiros botões abertos, sem gravata.

— Vamos.

Os dois saem juntos, de mãos dadas até o restaurante.

Após o almoço maravilhoso, eles voltam para o escritório.

— Ainda temos algum tempo e todos estão almoçando – ele sussurra no ouvido dela.

Abraçados, os dois se beijam apaixonadamente. O clima esquenta rapidamente e ela sussurra beijando-o no pescoço:

— Eu não estou mais naqueles dias – e ri.

— Jura? – ele pergunta e a afasta abruptamente.

Ela assente.

— Mas não disse que eram cinco dias?

— Os deuses estão conspirando a nosso favor, chefinho – ela sorri e morde os lábios deixando-o louco.

— A nosso favor? Sério? – ele gargalha. — Então diga para eles nunca conspirarem contra.

Ela ri e morde os lábios.

— Se fizer isso de novo meu amor, juro que te jogo em minha mesa e fodo você até o amanhecer.

Ela ri outra vez e morde os lábios só para provocá-lo.

Alexandre a toma em seus braços e a coloca contra a parede. Ao lado, um enorme arquivo, serve de apoio.

Ele a beija com ardor e desabotoa sua camisa tirando-a de dentro de sua saia.

— Alexandre, o que está fazendo?

— Adivinha? – ele diz e abre sua camisa revelando o sutiã meia taça, branco. Seus seios redondinhos e empinados, o fazem salivar com vontade de prová-los. — Você ainda vai acabar me matando – ele diz e abre o fecho do sutiã. Os seios à mostra, logo são cobertos por suas mãos grandes e fortes. Ele os aperta forte e com os dedos, brinca com seus mamilos.

Leila geme.

— A porta está destrancada, Alexandre.

— Não vai entrar ninguém aqui. Fique tranquila – ele diz e então ela se esquece de tudo a sua volta mantendo a atenção apenas no momento.

Suas línguas entrelaçadas continuam num ritmo lento e quente. As respirações começam a ficar pesadas e Alexandre perde o controle.

Ele dá um gemido rouco assim que sua mão a toca por cima da fina calcinha. Ele a coloca de lado e introduz dois dedos dentro dela.

Ela geme alto.

— Eu quero que você fique bem quietinha enquanto eu chupo essa sua bocetinha gostosa – ele sussurra na boca dela e morde seus lábios. — Me ouviu?

— Sim. Ohhh – ela geme com o toque dos dedos em sua boceta.

— Está tão molhadinha... Eu quero provar você, meu amor. Quero fazer você gozar em minha boca – ele diz elevando o nível de tensão dela.

Alexandre a puxa e a senta numa cadeira.

Se ajoelha no chão e diz:

— Abra as pernas pra mim...

Leila faz o que ele pede.

Sem demora, ele desliza a calcinha branca entre suas pernas e a coloca no bolso de sua calça.

Ela sorri.

Ele leva sua boca até ela e passa a ponta da língua em seu clitóris.

Ela se contorce na cadeira, segurando em seus cabelos.

Com o dedo, ele a introduz e com a língua, ele faz movimentos circulares em seu clitóris levando-a a loucura.

— Ohhh, Isso... Assim... Não pare, por favor – ela implora enquanto é sugada pela língua voraz de Alexandre. Ele abre ainda mais suas pernas e as suspende para ter acesso ao seu ânus. Com a ponta da língua, ele passeia por lá, fazendo-a gemer descontroladamente.

Ele introduz o dedo indicador em seu ânus lentamente e chupa sua boceta sugando todo seu fluído.

— Ohhhh! – ela explode em gemidos.

— Gosta quando eu meto o dedo em seu cuzinho né, ursinha safada! – ele diz sorrindo para ela. — Goza pra mim, goza. Quero que goze em minha boca.

Leila estremece. Aos poucos, ela sente seu orgasmo se construindo e sem conseguir controlá-lo, explode e goza descaradamente gemendo como uma felina.

Satisfeito, Alexandre sorri e a beija.

— Gostosa! – ele diz a ela.

Ela estica as mãos e agarra seu pênis sobre a calça. No mesmo instante, se assusta. Está tão duro, feito pedra.

— Eu quero você dentro de mim, agora – ela diz.

Ele ri.

— Aqui não podemos. Espere chegarmos em casa.

— Ah não, Alexandre. Não vai me deixar assim – ela resmunga.

— Você me deixou bem pior por várias vezes – ele a segura pelos cabelos e morde seus lábios chupando-os logo em seguida.

— Agora vá trabalhar. A calcinha fica comigo – ele pisca para ela que ainda está sentada na cadeira com as pernas abertas.

Ele se afasta e se senta em sua cadeira robusta.

Desavergonhadamente, Leila se coloca diante dele e se ajoelha debaixo da mesa.

— O que vai fazer? – ele pergunta olhando para ela.

— Fazer você gozar em minha boca – ela dá um sorriso e um olhar provocador.

— Leila eu já disse que...



Com habilidade e agilidade, ela abre o zíper da calça e com a mão, retira seu pau duro para fora.

— Leila eu...

Ela leva sua boca até ele, o coloca na boca e o chupa.

Alexandre se encosta na cadeira e fecha os olhos.

Ele geme com o contado de sua boca em seu pau.

Ela segue chupando-o e acariciando-o, segurando firme na base.

— Ohhhh merda! – ele solta um grunhido.

Ele abre os olhos e olha para ela ali, ajoelhada entre suas pernas, e sua boca doce chupando-o com uma habilidade que o leva ao êxtase.

— Leila, se você não parar agora, vou gozar em sua boca, amor. Precisa parar – ele alerta, mas ela o ignora.

Sem esperar, a porta se abre e Léo e Thiago entram. Para a sorte de Leila, eles não conseguiam vê-la, pois a mesa era fechada na parte de trás.

Mas, para a infelicidade de Alexandre prestes a gozar. Ele tenta manter a postura e esconder ao máximo que sua namorada está debaixo da mesa, pagando o maior boquete de sua vida.

— Mas que caralho! – ele diz e sua voz sai completamente estranha. Uma mistura de raiva com prazer.

— O que foi? – Léo pergunta ao se sentar.

— O que querem aqui? – ele diz e aperta os lábios para não soltar um gemido. Ele tenta parar Leila com a mão por debaixo da mesa, mas ela é irredutível. Continua a chupá-lo sem se preocupar com Léo e Thiago.

— Eu hein, o que deu em você? Por que está com essa cara? — Thiago pergunta ao olhar para a cara dele, um pouco estranha.

— E aí, vamos à boate? Falou com a Leila? Eu já chamei a Jaqueline e ela topou — Leo diz animado.

Alexandre se contorce na cadeira, e chama a atenção de Thiago.

— O que foi cara? Tá passando mal?

— Uhummm, quer dizer, não — ele diz. — Será que tem como falarmos disso depoissss — ele diz e solta um pequeno gemido.

Alexandre começa a suar de nervoso.

— Bom, passamos na sua casa ou nos encontramos lá? — Léo pergunta.

— Ai puta que pariu! — ele diz a ponto de explodir. Sem conseguir se controlar, ele começa a ter pequenos espasmos e um arrepio percorre por todo seu corpo.

Ele goza.

— Aiiiiii caralhoouooooooooo — diz com a voz rouca e se joga no encosto da cadeira de olhos fechados e ofegante.

— Tem certeza que tu tá se sentindo bem? — Thiago se alarma.

— Eu estou ótimo! Dá para vocês dois saírem, por favor? Depois combinamos isso — diz impaciente.

— Tá legal. Vamos Léo — Thiago diz encucado.

Os dois saem um pouco intrigados.

Quando fecham a porta, Alexandre sussurra para Leila que ainda suga sua última gota de sêmen:

— Está louca? Quer me matar? Estava quase tendo um troço!

Leila se levanta e o beija.

— Vai dizer que não gostou chefinho? Adrenalina pura – ela diz com um sorriso safado e ele dá um tapa em sua bunda.

— Você é um perigo – ele ri. — Quer saber, foda-se a boate, eu quero você só pra mim hoje à noite.

Ela se anima e o abraça.

— Vou me limpar – ela diz. — Devolva minha calcinha.

Ele morde seus seios por cima da camisa.

— Nem morto. Quero você assim, sem calcinha. Quando entrar no meu carro, quero poder tocar essa bocetinha e quero que ela esteja molhadinha pra mim. Entendeu?

— Sim, chefinho – ela ri e o beija.

— Agora vai. Preciso trabalhar.

Leila sai da sala sorrindo.

Às sete da noite, todos se preparam para ir embora.

Alexandre sai da sala e encontra Leila já se preparando para ir.

— E aí? Vocês vão pra boate? – Léo pergunta ao entrar.

— Ah não – Alexandre diz e olha para Leila. — Temos que terminar os últimos detalhes do projeto. Então não vai rolar.

Leila dá de ombros.

— Sei. Já está se sentindo melhor? – Léo pergunta.

— Melhor do quê?

Leila ri.

— Ah tá... Foi só uma enxaqueca. Nada sério.

— Tá legal. Até amanhã então – ele se despede e vai.

— Acha que ele desconfiou de alguma coisa? – Alexandre pergunta a ela.

— Qual o problema? Vamos – ela ri.

— O problema é que eu não quero que eles saiam falando por aí.

— Relaxa meu amor. Está tenso demais. Vamos pra casa que vou fazer você relaxar – ela diz e o beija.

No carro, Alexandre mantém a promessa das carícias.

Ao chegarem a casa dela, eles entram. Alexandre conversa com Rosália enquanto Leila pega sua roupa.

— Vamos – ela diz segurando uma pequena bolsa.

— Vai dormir lá outra vez? – sua mãe pergunta.

— Pode deixar que eu tomo conta dela – Alexandre ri.

— Meu filho, isso é o que me assusta.

Eles riem.

— Vão com cuidado. E Leila, me ligue pela manhã.

— Tá bom, mãe – ela revira os olhos.

Os dois se despedem e partem.

Ao chegarem ao apartamento, Alexandre diz:

— Se quiser, pode ir tomar um banho enquanto preparo o jantar.

— Você vai cozinhar? – ela diz divertida.

— E você vai comer – ele diz jogando o paletó sobre o sofá.

— E qual será o cardápio?

— Macarrão ao molho bolonhesa e um bom vinho – ele ri.

— Parece bom.

— É a única coisa que sei fazer bem – ele gargalha.

— Ah, mas não mesmo... Gosto das suas outras habilidades – ela diz e o provoca retirando sua saia ficando com seu sexo descoberto.

Alexandre ri enquanto ela retira a roupa em sua frente e segue para o banheiro, totalmente nua.

— Maluca!

Alexandre prepara o molho e esquentando a água para cozinhar o macarrão.

Ele segue preparando o jantar.

Após um tempo, Leila aparece apenas de camiseta cinza e lingerie por baixo. Cabelos molhados e, descalça.

— Você termina de olhar o molho enquanto eu tomo um banho?

— Claro – ela diz.

Ele se aproxima dela e a beija.

— Já volto.

Leila abre as portas do armário à procura de pratos e taças para o vinho.

Ela arruma a mesa e quando o molho está no ponto, retira do fogo. Escorre o macarrão e abre o queijo ralado.

Concentrada, ela não percebe a presença de Alexandre.

Ele se aproxima e acaricia seu rosto. O gesto repentino, a deixa desarmada e confusa. Ele a olha fixamente nos olhos e a beija. Um beijo ardente, possessivo e longo.

— Não posso mais esperar para ter você em minha cama – sussurra em seu ouvido.

— Então não espere – ela diz. Se joga em seus braços e o beija apaixonadamente.

O fogo e a paixão os consomem.

Seus corpos tremem desejosos.

Com facilidade, ele a carrega em seus braços até o quarto. Sem dar chances a ela de dizer qualquer coisa, ele a mantém cativa, na cama, com o peso de seu corpo. A beija com urgência, como se dependesse disso para se manter vivo. Seus lábios nos dela. Sua língua passa levemente no lábio inferior enquanto suas mãos percorrem por seu corpo. Ela arfa com o calor e a excitação apertando-o contra ela. A urgência em que deseja ser tocada por ele, beijada, possuída completamente, era sentida em cada toque, por sua respiração entrecortada e seus gemidos cada vez mais altos. Com suavidade, ele retira cada pedaço de pano que cobre seu corpo e se delicia com ela, nua a sua frente. Sua pele branca e macia, seus gemidos, seu cheiro levemente adocicado, o faz perder o controle de si mesmo. Ele a beija mais possessivamente, tentando roubar tudo dela. Sua sanidade, seu amor, seus desejos e suas fantasias.

Ele quebra o beijo, mas sem perder a conexão com seus lindos olhos azuis. Vê-la ali, tão próxima e totalmente dele, o deixa feliz. Ele olha para ela, que sorri com o rosto levemente ruborizado.

— Eu estava dizendo a verdade no dia em que disse que faria de tudo para lambar cada pedaço do seu corpo coberto por chocolate – ele diz.

Ela ri.

— Não acredito que ainda se lembra disso, mas fico feliz por não esquecer. Desde aquele dia, tenho tido pensamentos

pecaminosos envolvendo morango e chocolate – ela sussurra e lhe dá um sorriso perverso.

— Você está com sorte – ele ri e se afasta.

Confusa, ela pergunta:

— Aonde vai?

— Atrás dos morangos e chocolate – ele ri e sai do quarto.

Leila se excita com a ideia e ali, na cama, sozinha, sofre em antecipação.

Alexandre entra no quarto com um tubo de cobertura para sorvete sabor chocolate e uma tigela com morangos.

Ele coloca tudo em cima do criado mudo e deita sobre ela.

Ela o abraça e o beija.

— Quero que fique assim, quietinha, enquanto lambuzo você – ele diz e estica a mão para pegar o tubo.

— Sério que irá fazer isso? Vai sujar a cama toda – ela ri.

— Depois trocamos os lençóis – ele diz com divertimento.

Sua expressão parecida com a de uma criança de dois anos ao comer um algodão doce, a faz rir.

— O que foi? – ele pergunta despejando sobre os seios dela uma grande quantidade de cobertura.

— Você é maluco! – ela morde os lábios, excitada.

— Você também. Viu como combinamos?

Ele continua a lambuzá-la por inteira.

O contato da cobertura gelada sobre seu abdômen e seios, a deixa arrepiada. Quando ele desce até seu sexo, diz:

— Abra bem as pernas pra mim. Quero lambuzar essa boceta gostosa todinha.

Ela ri e abre as pernas.

Quando o líquido gelado toca seu sexo, ela geme puxando os lençóis com as mãos.

Ele termina passando a cobertura em suas coxas, pernas e pés. Leila estava completamente coberta por chocolate.

Ao seu lado, na cama, ele coloca a tigela com morangos.

Ele se levanta e retira sua calça e boxer.

Seu pau rijo, já começava a latejar.

Ele paira sobre ela e a beija com certa agressividade. Ele pega um morango e coloca na boca e leva até a dela alimentando-a carinhosamente. Seus dedos descem até sua boceta lambuzada de chocolate. Ele passa a mão retirando o excesso e leva seus dedos até sua boca e os chupa, um a um.

— Delicioso – ele sorri.

Ele faz o mesmo processo só que dessa vez, coloca seus dedos na boca dela e diz:

— Sinta o quanto você é gostosa.

Leila chupa seus dedos e ele a beija.

Ele desce lambendo cada trilha de chocolate feita em seu corpo. Quando chega em seus seios, os chupa com voracidade e morde seus mamilos fazendo-a gemer. Ele continua descendo por sua barriga, umbigo... E segue comendo os morangos e dando a ela em sua boca. Quando chega em seu sexo, ele esfrega o morango em seu clitóris e come deixando escapar um gemido. Ele a chupa e introduz dois dedos em sua boceta. Sua língua trabalha a toda velocidade e habilidade.



— Ahhhhh, Alexandre...

Ela geme e grita seu nome.

Ele segue chupando-a e massageando seu clitóris com a língua. Totalmente excitado, ele a chupa e massageia seu pau, se masturbando para ela.

— Você me deixa louco, sabia?

Ele se afasta e segue lambendo suas coxas, pernas e enfim, seus pés, bem delicadamente. Quando termina, ele sobe até ela e lambe seus lábios sujos de chocolate.

— Gostosa.

— Eu preciso de você, Alexandre. Agora... Por favor – ela implora para ser preenchida por ele.

— Diga isso de novo – ele sussurra no ouvido dela.

— Eu preciso de você dentro de mim... – ela sussurra.

Ele apoia um braço na cama e com a mão direita, ele alisa sua boceta molhada. Pega seu pau e introduz lentamente dentro dela.

Para Leila, era quase como uma tortura, ser preenchida tão devagar, sentindo cada milímetro de seu pau grande e rijo, rasgando-a por dentro.

— Ohhhhh... – ela geme alto e deixa escapar de seus olhos lágrimas isoladas.

Alexandre a beija, e abafa todos os seus gemidos.

Ele começa a penetrá-la mais rápido, de forma gradativa.

Ela contrai a vagina deixando-o louco de tesão.

— Ohh, caralho! Meu amor, desse jeito vai me fazer gozar – ele diz com a voz rouca carregada de desejo.

Ele segue penetrando-a de forma frenética.

Seus corpos começam a grudar, sujos pelo chocolate. Ele a pega por suas coxas e suspende suas pernas em seus braços. A cada estocada feroz de Alexandre, Leila geme e grita para que ele a penetre mais forte.

— É assim que você quer? É assim que gosta? Minha ursinha safada! – ele pergunta estocando-a fundo.

— Isso... Ohhhh... Não pare, por favor – ela implora.

Depois de algum tempo, ela diz:

— Eu vou gozar...

— Isso ursinha, goza no pau do seu macho aqui. Goza pra mim bem gostoso – ele ordena aumentando o ritmo de suas estocadas.

Leila não consegue mais se segurar e estremece nos braços de Alexandre. Ela goza e geme para ele, enquanto diz coisas obscenas.

Ele ri.

Sua respiração vai ficando mais lenta e seu corpo amolece.

Suada, ela tenta se recompor. Alexandre sem perder tempo, a puxa até a beira da cama e a coloca de bruços. Em pé, ele flexiona as pernas até que seu pau se encaixa em sua boceta e continua suas estocadas.

Ela segue gemendo e gritando para ele.

Com as mãos em sua bunda, ele leva o polegar até seu ânus e o fricciona ali.

— Estou louco para comer essa sua bundinha, minha ursinha – ele diz extasiado.

— Ela é toda sua, meu amor – ela diz deixando-o orgulhoso.

Alexandre dá tapas em sua bunda enquanto a penetra. Estica sua mão até seus cabelos e a puxa para ele de forma que, as costas dela, encostam no seu peito.

Ela geme com a dor e o prazer.

Ele a mantém cativa sobre seu peito, segurando-a forte pelos cabelos, e com a outra mão, massageia seu clitóris enquanto a penetra.

Mais uma vez, ela goza satisfeita.

Ele deita na cama.

— Venha minha ursinha. Senta aqui no meu pau e rebola pra mim – ele pede.

Leila faz o que ele pede.

Ela segura em seus ombros fortes e começa a cavalgá-lo.

Ele solta um grunhido.

Com suas mãos, ele segura e chupa e morde seus mamilos rijos.

Quando não consegue mais se segurar, ele goza com Leila rebolando em seu pau.

No mesmo instante, ela sente o jorro atingindo sua boceta e sorri para ele, completamente satisfeita.

Ele a abraça apertado e diz carinhosamente ao beijá-la:

— Eu te amo!

Ela sorri e diz:

— Eu também te amo, chefinho.

Eles se beijam por longos minutos.

Ele se afasta e diz:

— Eu fui até o paraíso e voltei – ele ri. — Precisamos de um banho. E vai se preparando porque meu pau já está aqui, subindo de novo. E vou fodê-la no chuveiro desta vez.

Ela ri descaradamente.

— Então é melhor irmos logo e não perder tempo.

Os dois riem, abraçados.

— Safada!

## Capítulo 31

Na boate, Thiago, Melinda e Sophia acompanhados por Denis, sentem falta dos amigos. Eles escolhem uma mesa próxima ao palco e se divertem enquanto os outros não chegam.

Na casa de Jaqueline, Léo aparece para buscá-la.

Ele toca a campainha e é recepcionado pela babá.

— Boa noite – ele a cumprimenta.

Léo entra e olha o pequeno lugar com curiosidade. Apesar de compacta, a sala era bem aconchegante, com móveis claros e um estofado escuro. Algumas caixas empilhadas no canto que ele imagina serem, ainda, alguns itens da mudança.

— Leonardo! – Jaqueline aparece de short e miniblusa. Suas pernas grossas e descobertas deixam Léo bastante entusiasmado.  
— Me desculpe. Ainda nem tomei banho.

— Sem problemas. Eu espero aqui – ele sorri.

Leozinho aparece e olha emburrado para Léo.

— Volto num instante. Pode ligar a televisão. Fique à vontade – ela diz.

— Obrigado.

Ele se senta e Leozinho vai até ele.

— Nice, pode vir me ajudar? – Jaqueline diz a babá.

— Claro senhora.

As duas saem da sala deixando os dois a sós.

Léo pega o controle remoto e liga a TV. Ao sintonizar no canal de esportes, ele suspende os pés e os coloca em cima da mesa de centro, relaxado.

Leozinho, enciumado, se incomoda.

— A mamãe não gosta que coloca o pé na mesinha. Ela biga – Leozinho diz chutando as pernas de Léo.

— Ai! Senta aqui no sofá garoto. Ou vou contar pra sua mãe – ele faz cara de bravo.

Na TV, Léo assiste ao jogo de futebol, concentrado.

Leozinho vai até ele, se senta ao seu lado e puxa o controle remoto.

— Dá. Quelo atiti filme – ele diz todo manhoso.

— É assistir filme. Não sabe falar direito, não anda... E é chatinho – Léo diz pegando da mão dele o controle remoto.

— Me dá – o garoto grita.

Para não chamar a atenção de Jaqueline, Léo devolve o controle ao garoto.

— Moleque chato – ele bufa.

— Vou conta pa mamãe viu – o garoto resmunga passando de canal. — Quelo titi filme. Quelo atiti filme – o garoto fica nervoso procurando os canais.

— Deus, me dê paciência! – Léo diz exasperado. — Me dá garoto. Eu procuro um filme bem legal pra você.

O garoto entrega a ele o controle.

Em um dos canais de filme, Léo se atenta para um de terror. Ele dá um sorriso diabólico e diz:

— Esse filme é o máximo. Assisti aí e fica quietinho – ele diz ao garoto.

— Que filme é esse?

— Chucky, o Brinquedo Assassino – Léo diz imitando voz de fantasma e Leozinho arregala os olhinhos azuis.

Quando o menino vê o brinquedo rindo diabolicamente, ele diz apavorado:

— Tila, tila isso tio.

— Não queria assistir filme? Então? Agora você vai assistir isso aí.

Leozinho fica tenso e corre para o colo de Léo.

— Que isso garoto? Não é macho não?

— Tila, não quero vê isso. Vou conta pa mamãe que você tá me assustando – ele diz choramingando.

— Se contar, o boneco vai vir puxar seu pé à noite.

— Não vai.

— Vai sim. O boneco sempre vem pegar crianças desobedientes.

— Eu vou bedecer tio. Pometo. Não conto pa mamãe, eu juro – ele diz quase chorando com os olhos petrificados na televisão.

— Tá bom. Eu acredito. Parceiros então? Vai parar de me chutar e mostrar essa língua feia?

— Vou.

— Então eu tiro – Léo ri e muda de canal.

Impressionantemente, Leozinho se cala e não volta a perturbá-lo.

Tempo depois, Jaqueline aparece.

— Vamos?

Ela aparece de vestido vinho curto e extremamente colado em seu corpo, deixando suas curvas ainda mais em evidência.

Léo suspira.

— Vamos – ele abre um sorriso radiante.

Leozinho olha para os dois e diz:

— Eu quero ir também mamãe.

— Oh meu amor. A mamãe não pode te levar hoje – ela caminha até ele e o abraça. — Fica bonzinho com a babá.

— Por que ele pode ir e eu não posso? – ele choraminga.

— Porque somos adultos e vamos onde criança não pode ir – ela beija seu rostinho e aperta seu nariz num gesto carinhoso. — Logo a mamãe estará em casa.

Jaqueline dá instruções à babá e deixa o número de seu celular e o de Léo, para garantir.

Os dois vão para a boate.

Ao chegarem, Léo avista seus amigos e caminha até eles de mãos dadas com Jaqueline.

A ausência de Alexandre e Leila é percebida por todos. Mesmo assim, eles seguem se divertindo, bebendo e dançando. Na frente de todos, Thiago dá demonstrações de afeto por Melinda. Denis e Sophia dançam agarradinhos e Léo e Jaqueline se rendem um ao outro.



Ao saírem do banho, depois de mais uma sessão de sexo quente, Alexandre dá ordens a ela para que não coloque nenhuma peça de roupa. Ela entra no jogo.

Na cozinha, Leila coloca o jantar enquanto Alexandre abre o vinho. Sentada na cadeira, totalmente nua, eles jantam.

— Posso saber por que me quer nua? – ela pergunta mais excitada do que curiosa.

— Apenas quero apreciar a vista – ele sorri levantando sua taça de vinho.

— E por que você não tira a sua roupa para que eu possa apreciar também? – ela pergunta apontando para ele completamente vestido.

Ele apenas sorri.

Ao terminarem o jantar, Leila retira as louças da mesa com a ajuda dele.

Alexandre se senta no grande sofá e a chama.

— Venha aqui – ele diz.

Leila caminha até ele devagar. O contato dos seus pés no chão gelado e a leve brisa que entra pela enorme janela do apartamento, a deixam arrepiada.

Ela para de frente para Alexandre e ele a segura pela cintura. Ele beija carinhosamente sua barriga e diz:

— Quero que se sente ali, naquela poltrona.

Ela ri.

— Por quê?

Ela sussurra.

— Porque eu estou mandando – ele diz e a vira dando um leve tapa em sua bunda.

Ela faz o que ele pede.

A distância entre eles é de apenas alguns passos.

Ele se levanta, vai até o som e coloca seu pen drive. Ele seleciona a música ***Kiss Me – Ed Sheeran*** e caminha até o bar. Completa sua taça de vinho e vai até ela.

Em seu ouvido, ele sussurra:

— Estou louco para foder você de novo. Mas, antes, quero apreciá-la – ele a beija e volta para o seu lugar.

Confusa, Leila apenas sorri. Ela não tem ideia do que se passa pela cabeça de Alexandre.

— O que quer que eu faça? – ela pergunta ao vê-lo encarando-a como se estivesse esperando por algo.

— Quero que você esqueça que eu estou aqui – ele diz.

Ela ri.

— Querido, isso é impossível – ela franze a testa.

— Quero que você relaxe e esqueça de tudo. Quero que se masturbe e goze enquanto a observo – ele diz sério.

— Hummm... O que é isso? Uma fantasia erótica? – ela se anima.

— Digamos que quase isso – ele dá um gole em seu vinho. — Vamos, estou esperando.

Sem nenhum pudor, Leila se encosta na poltrona e abre as pernas. A cada movimento, ela se excita com os olhares e a reação de Alexandre.

Ela leva a mão até sua boceta e começa a massagear seu clitóris lentamente e intercala em alguns momentos com a introdução de seus dedos em sua vagina.

O prazer e a luxúria estampados no rosto de Alexandre, a deixa ainda mais excitada. Era como se ele a visse como uma deusa. Os olhares direcionados a ela, a deixa desinibida para seguir com sua exibição. Ela nunca imaginava que ser observada daquela forma a deixaria num nível máximo de prazer e que pudesse gozar só com os olhares dele penetrando em sua alma.

Ela começa a gemer de olhos fechados.

— Abra os olhos, Leila. Quero que olhe para mim. Quero olhar em seus olhos quando gozar.

Ela abre os olhos e procura dos dele.

Lentamente, ele caminha até ela e se posiciona atrás da poltrona.

Ele envolve sua mão direita em torno de seu pescoço delicado e o aperta privando-a de ar.

Sua respiração vai diminuindo e entra num ritmo quase torturante. Ele a observa imóvel, trêmula, louca de tesão, desejo e medo.

Ela tenta falar, mas é impedida pelos lábios de Alexandre que a suga com voracidade. Em seu ouvido ele dita palavras sujas e a beija mais uma vez se inclinando sobre ela. Ao diminuir o aperto em seu pescoço ela volta a respirar com normalidade. A sensação de ter um de seus sentidos privados é enlouquecedora. Ela arfa com o calor que emana de seu corpo e começa a suar. Sua mão ainda trabalhando em seu clitóris e seus gemidos cada vez mais altos, deixam Alexandre a ponto de enlouquecer.

— Goza pra mim, ursinha! Vamos. Quero ver essa boceta toda lambuzada – ele diz em seu ouvido.

— Ohhh – ela geme.

Quando está prestes a gozar, Alexandre ainda posicionado atrás dela, leva suas mãos em seus seios e puxa seus mamilos rijos.

Leila sente os pequenos espasmos e se delicia gozando para ele. Ela retira a mão de sua boceta e fica ali, sentindo sua respiração normalizar aos poucos totalmente extasiada. Alexandre desce a mão até seu sexo e introduz os dedos em sua boceta totalmente encharcada. Ele retira seus dedos molhados, e leva até a boca para sentir seu gosto.

— Você tem uma boceta deliciosa meu amor – ele diz e ela sorri.

Ele a pega nos braços e a leva para a cama. Ali, sobre ela, eles fazem amor a noite toda, incansavelmente.

Na boate, Jaqueline e Léo se beijam. Thiago ri da sorte do amigo e fica puto em ter que pagar três caixas de uísque.

— Filho da puta sortudo! – ele diz ao ver os dois no maior amasso.

— O que foi? – Melinda pergunta.

— Nada, minha Rainha. Que tal irmos pra casa? Já está tarde e quero ter mais tempo com minha deusa a sós.

— Humm... Gostei! – ela diz entrelaçando os braços ao redor de seu pescoço e o beija.

Sophia e Denis já haviam partido há algumas horas.

— O que será que aconteceu com Alexandre e Leila que não vieram? – Jaque pergunta.

— Devem estar se divertindo a sós – Léo diz.

— É melhor irmos também. Combinei que não chegaria tão tarde e a babá precisa ir embora.

— Vamos então. Amanhã temos que trabalhar. Ou melhor, hoje – ele diz olhando o relógio que marca duas da manhã.

Eles se despedem de Thiago e Melinda e saem.

Ao chegar à porta de casa, ainda dentro do carro, eles se beijam. Jaqueline sobe em cima de Léo e ergue um pouco seu vestido para ter mais flexibilidade.

— É melhor você não fazer isso – Léo a alerta.

— Por quê? – ela pergunta acariciando seu rosto e beijando-o excitada.

— Porque eu posso me empolgar e querer arrancar o resto da sua roupa – diz apertando sua bunda com força.

— E se eu quiser que você arranque o resto dela? – ela pergunta sem nenhuma vergonha.

— Mulher, você quer me deixar louco? Não fala uma coisa dessas.

Eles seguem acariciando um ao outro e os beijos ficam cada vez mais quentes.

— Por que não vamos para minha casa? – ele pergunta.

— Não posso. A babá. Esqueceu?

— É verdade.

— Mas você pode ficar aqui, se quiser.

— Sério?

— Sério.

Os dois se endireitam e saem do carro.

Ao entrarem, Jaqueline dispensa a babá que diz:

— Ele está dormindo feito um anjinho.

— Obrigada Nice. Até amanhã.

— Até.

E ela se vai.

Os dois vão para o quarto.

Léo puxa Jaqueline contra seu peito e a beija loucamente. Desesperados e cheios de tesão, eles se despem. Léo a pega nos braços e a joga na cama.

— Você é linda! Linda e gostosa – ele sussurra deixando-a arrepiada.

— Antes de tudo eu quero dizer que será apenas sexo, entendeu? – ela olha para ele que a olha confuso.

— Tá.

— Eu não quero compromisso.

— Entendi – ele responde e a beija.

Léo deita sobre ela apenas de boxer branca e começa a beijá-la por todo seu corpo. Ela geme com o contato de sua boca em sua pele.

Ele a toca por cima da calcinha arrancando gemidos de Jaqueline. Ela se contorce em seus braços e diz:

— Você me deixou com tesão desde o primeiro dia em que te vi – ela diz inflando o ego dele.

Ele sorri.

— Eu fiquei esse tempo todo imaginando como seria estar aqui, assim, com você em meus braços – ele admite.

Os dois seguem se esfregando um no outro e se beijando com urgência. Léo acaricia seus seios com as mãos e os leva até a boca. Os chupa e desce traçando uma trilha de beijos e mordidas por todo seu corpo. Ele separa as pernas dela, coloca sua calcinha de lado com as mãos e leva sua boca até sua boceta depilada e a chupa.

Jaqueline arqueia as costas e geme com o prazer. Ele afasta ainda mais a calcinha segurando-a com uma mão para ter melhor acesso. Introduz seus dedos dentro dela e passa sua língua por toda a sua boceta.

— Ahhhhh... Léo quero que me foda! – ela grita pra ele.

Ele se coloca de joelhos na cama e dá leves tapas em sua boceta fazendo-a gemer descontroladamente.

Quando ele começa a retirar a calcinha, eles ouvem a vozinha de Leozinho no corredor.

— Droga! Cubra-se. O Leonardo está acordado – ela diz saindo da cama e joga para ele um lençol.

— Mamãe... Mamãe... – a vozinha fina de Leozinho, ecoa pelo corredor.

Jaqueline segue para abrir a porta e Léo pragueja em silêncio, deitado na cama de pau duro.

— O que foi filho? – ela pergunta ao abrir a porta.

Leozinho olha para Leo deitado na cama e diz:

— Eu tô com medo.

— Medo de que filho?

Leozinho corre para a cama e deita do lado de Leo.

— Vou dormir aqui também mamãe – ele diz emburrado.

Leo não acredita no que vê.

— Filho vai para seu quarto a mamãe está ocupada – ela diz exasperada.

— Ele vai dormir aqui?

Léo olha para Jaqueline que perde a fala.

— Eu tô com medo do Chucky.

Léo olha feio para ele.

— Chucky? Que Chucky?

— O binquedo assassino. O tio Léo disse que ele ia pegar meu pé de noite – o menino dedura.

Léo fica possesso.

— Eu? Eu não disse nada – Léo o desmente.

— Filho! Agora não – ela o repreende. Quando Jaqueline dá as costas para fechar a porta do quarto, Léo faz sinal para o garoto de que irá esganá-lo. Leozinho ri e mostra a língua para ele.

— Seu pestinha – Léo balbucia quase inaudível.

Jaqueline vai até Léo e se desculpa pelo ocorrido.

— Assim que eu apagar as luzes você me espera na sala. Quando ele dormir eu vou até você – ela diz e ele assente.

Como combinado, Léo sai assim que ela apaga a luz do quarto.

Ele deita no sofá e lá espera por ela. A demora, o faz adormecer.

No dia seguinte, Léo é acordado por Leozinho que joga em seu rosto o resto da água que bebia.

Assustado, ele acorda.

Leozinho ri.



— Droga! Que horas são? – ele perde a noção de tempo.

— A mamãe tá tomando banho. Ela disse que vai tabalhar.

— Sei. E você seu peste, me dedurou ontem – ele diz irritado secando a água em seu rosto.

— Eu não goto que fica com a minha mamãe.

— *Eu não goto que fica com minha mamãe* – Léo o imita, irritado. — Garoto, é bom se acostumar então. Pois virei aqui todos os dias só pra te perturbar.

Leozinho dá um chute em suas canelas.

— Não vai vim não – ele resmungua de cara fechada.

— Qual é o seu problema garoto?

— Bom dia! Jaqueline aparece vestida para o trabalho. — Desculpe, acabei pegando no sono – ela dá de ombros.

— Percebi. Bom, vou me trocar e ir pra casa. Te deixo no trabalho antes – ele diz levantando do sofá.

— Filho, vai para o seu quarto. A mamãe já leva sua mamadeira.

— Ele ainda mama na mamadeira? Sério? – Léo pergunta abismado.

— Sim.

Ele olha para ela, pensa em dizer algo, mas se cala. Afinal, ele não tinha nada a ver com o jeito que educava o garoto.

Após se trocar, ele toma um café forte e os dois saem.

Ele a deixa no escritório e vai para casa tomar um bom banho e trocar de roupa.

Ao chegar ao trabalho, atrasado, é interrogado por Alexandre e Thiago.

— E aí? Rolou? Pelo seu atraso, foi uma foda fenomenal – Thiago diz.

Léo se joga no sofá, desolado.

— Não.

— Como não? – Thiago ri. — Estavam quase se comendo na boate.

— O filho dela apareceu no quarto na hora H.

— Nãoooooooooooo! Alexandre ri.

— E o pior é que aquele pestinha estava encenando o tempo todo. Acredita que ele jogou água na minha cara para me acordar de manhã? Como se não bastasse dormir no sofá, de pau duro a noite toda, o pestinha ainda veio zoar com a minha cara – ele diz irritado.

Alexandre e Thiago se entreolham, calados.

— O que foi? – Léo pergunta enfurecido. — É podem zoar à vontade.

Os dois caem na gargalhada.

— Eu não quero nem saber o que você fez com o garoto para ele ter feito tudo isso. Já a minha noite foi bem prazerosa – Alexandre se gaba.

— A minha também – Thiago faz o mesmo.

— É por isso que não quero ter filhos – ele diz irritado ao lembrar de Leozinho. — O moleque é uma praga!

— Mas a mãe é bem gostosa – Thiago diz deixando Léo enciumado.

— Uou! Olha como fala.

— Hummm! Tá gamadão. Olha aí os primeiros sintomas – Thiago zomba.

— Vai à merda Thiago!

— E prepara minhas caixas de uísque. A aposta era até ontem.

— Ahahaha! Engraçadinho.

— Bom, preciso trabalhar. Depois nos falamos – Alexandre diz dispensando-os.

Quando eles estão quase na porta, Alexandre diz:

— Fiquei sabendo que o Denis estava lá.

— É. Estava sim.

— Ainda bem que não fui.

— O cara é legal. Não sei por que tanta implicância. Ser inimigo dele não vai tirar seu título de corno – Léo ri e Alexandre lança a ele um olhar mortal. — Foi mal – ele se desculpa.

— O que acha de acamparmos? – Alexandre pergunta.

— Acampar? Onde? – Leo já pergunta interessado.

— Em uma fazenda perto de São Carlos. Umas três horas daqui. Iríamos hoje, no final da tarde. Estou com pouco trabalho e podemos sair lá para às quatro da tarde. O que acham?

— Eu topo! A Melinda até comentou sobre acampar esses dias. Tenho certeza que ela irá topa – Thiago diz.

— Eu não sei. Vou ver com a Jaqueline – Léo diz sem muitas esperanças.

— Então tá. Vejam isso ainda antes do almoço. Se quiserem ir, me avisem. Caso não, irei sozinho com a Leila.

Eles concordam e saem.

— Algumas horas depois, Thiago liga para dizer que ele e Melinda também vão viajar. Logo depois, é Léo quem liga para dizer que Jacqueline topou ir.

Leila entra na sala segurando duas pastas e as entrega para Alexandre.

— Preciso da sua assinatura.

— Precisa é? – ele pergunta com sarcasmo.

— Vai Alexandre, assina logo senão iremos nos atrasar.

Ele ri. Abre as pastas e assina os contratos.

— Pronto. Mas só vou te entregar se vier aqui me dar um beijo.

— Alexandre!

— Agora! Vem aqui – ele ordena.

Ela vai até ele, rindo.

Dá um beijo em sua boca e diz:

— Eu amo você, seu bobo.

Satisfeito, ele a libera.

Após as quatro, todos saem do trabalho e vão para suas casas, se arrumarem.

Na casa de Jacqueline, Léo chega e a espera na sala.

Leozinho se aproxima e Léo diz:

— Nem vem garoto!

O menino puxa as calças dele e diz manhoso:

— Eu quero ir junto.

— Criança não pode ir.

Ele fica tristonho.

Jaqueline entra na sala e se despede dele.

— Nice, qualquer coisa pode me ligar. Estarei de volta amanhã à noite.

— Fica tranquila dona Jaque, vou cuidar bem dele.

— Tchau meu bebê! – ela o beija e sai de mãos dadas com Léo, deixando Leozinho enciumado.

## Capítulo 32

Já no acampamento, Alexandre se surpreende ao ver Denis. Ele fecha a cara, mas é repreendido por Leila. Para não estragar o passeio de todos, apenas por um momento, ele decide levantar a bandeira branca.

Enquanto os homens armam as barracas, as mulheres conversam entre si.

— E você e o Léo? Parece que ele está caidinho por você – Melinda diz a Jaqueline.

— Só estamos saindo. Nada sério, nada de compromisso – ela sorri olhando para elas.

— O Thiago também não era de compromisso, olha aí no que deu... Melinda e ele estão namorando – Leila ri.

— Hum, mas a reputação de galinha do Leonardo o precede. Toma cuidado hein, Jaque. Fique de olho nele – Sophia a alerta.

— Sophia! – Leila sussurra.

— Eu já ouvi alguns rumores por aí. Sei exatamente quem ele é – Jaqueline diz inabalável.

Melinda se levanta e caminha até sua bolsa preta, perto dos homens. Ela se agacha para pegá-la e volta com ela nos braços.

— O que tem nessa bolsa preta de couro? – Leila pergunta curiosa chamando a atenção das outras.

— Mmm... Nada. Alguns brinquedinhos que trouxe para brincar. Detesto ficar entediada – ela dá um sorriso safado.

— Brinquedos? De que tipo? – Jaqueline pergunta com cenho franzido.

— Vai assustar a Jaque, Melinda. Nem abra essa bolsa – Sophia ri.

— Gente, boiei! Do que estão falando?

— Vamos para lá – Melinda aponta para trás de uma pequena árvore. Não quero que eles nos vejam – ela se levanta e as outras a seguem. A curiosidade estampada na face de cada uma é impagável.

O céu já está parcialmente escuro. A leve brisa balança os galhos secos da árvore fazendo cair, no processo, várias folhas.

Assim que as quatro se ajeitam atrás da árvore, elas se sentam sobre o gramado baixo.

Melinda puxa o zíper delicadamente e pega nos dois lados da bolsa abrindo-a para que elas tenham acesso e vejam o que está dentro.

— Meu Deus! – Jaqueline ri. — Mulher, você assaltou o sexy shop? – ela ri.

— Tem muitas coisas aí dentro. São todas novas? – Leila pergunta retirando de dentro da bolsa, um par de algemas de aço. — Nossa! Essa é bem real – ela ri.

— O que mais tem aí dentro? – Jaqueline pergunta inclinándose até a bolsa. De dentro, ela retira uma calcinha de látex preta.

— Essa calcinha tem um vibrador. Aqui o controle – ela diz entregando nas mãos de Jaqueline o pequeno controle.

— Isso parece ser divertido – ela diz.

— Mmm, vejamos... Chicotes, plugs, vendas, máscaras, velas...  
— Leila para ao tocar um objeto desconhecido. Ela observa as correntes longas em uma ponta, uma pequena argola preta e na outra, um puxador em couro preto. — Que diabos é isso? — ela tenta decifrar o objeto.

— Isso funciona assim. Estão vendo essa argola preta? É para ser colocada em volta dos testículos do homem. Então, afivelar. As correntes longas servem para que a Domme, "*Dominadora*", puxe seu escravo. É como uma guia.

Todas olham para ela perplexas.

— Vai puxar o coitado pelo pau? Isso deve doer, não? — Sophia é a primeira a sair do estado de choque.

Leila ainda observa os aparatos.

— E isso? — ela levanta outro objeto que para ela, é totalmente desconhecido.

— Isso é um separador de pernas e braço. As fivelas são presas nos tornozelos ou pulsos e o bastão é o que fará com que as pernas e ou os braços, fiquem separados.

— E você tem aquele treco que os dominadores usam nos livros? Os grampos de mamilos? — Sophia pergunta interessada.

— Tenho sim — Melinda diz procurando dentre os objetos, os grampos.

— Nossa! É muito estranho isso — Jaqueline ri.

— Bom, por que não pegam algumas coisas para usarem com os meninos? — Melinda dá a ideia.

— Ah, não. Nem tenho coragem de usar essas coisas — Sophia ri. — O Denis já me leva a loucura sem esses trecos.

— Eu gostei da ideia — Leila diz, já imaginado o prazer que poderá sentir ao usá-los.



— Eu gostei da calcinha com controle remoto – Jaqueline confessa.

— Eu posso escolher o meu? – Leila olha divertida para suas opções.

— Claro!

— Vou querer isso, isso, isso, isso aqui e isso também – ela diz pegando um par de algemas, um plug anal, o grampo de mamilos, uma venda e um masturbador em forma de bastão.

Todas olham para ela espantadas.

— Eu não acho que o Alexandre curta essas coisas. Ele me parece bem macho! – Sophia diz e todas riem.

Leila dá de ombros já planejando em sua mente o que fará com Alexandre ou o que ele fará com ela.

— Eu fico com a calcinha – Jaque diz sorrindo.

— Eu não quero nada – Sophia balança a cabeça em negativa.

— Ahhh qual é? Vamos nos divertir um pouco. Que tal o chicote pra você? Poderá deixar a bunda do Denis vermelha – Leila ri descontroladamente.

— Ele me mata. Isso sim – ela faz uma careta engraçada.

— Vamos Sophia. Depois você nos conta sobre a sua experiência – Jaque tenta encorajá-la.

— Querida, pra você é fácil, não é? Está levando só uma calcinha – Sophia franze a testa.

— Certo. Eu levo um desses também – Jaque pega um flogger. Muito parecido com um chicote, só que nas pontas, há várias tiras de couro.

— Eita que a noite será animada! – Melinda sorri. — Quero ver todas dominando esses machos.

— Como vamos sair com essas coisas daqui sem sermos vistas?  
— Leila pergunta.

— Espere! Vou até a barraca e pego uma sacola – Melinda diz deixando-as ali.

Quando volta, entrega para cada uma delas uma sacola de plástico preta.

Elas depositam seus brinquedos dentro e continuam ali, conversando.

Os minutos se passam e Melinda dá algumas dicas para manusear os brinquedos.

Sophia presta atenção em cada detalhe. Intrigada e totalmente curiosa, resolve arriscar também.

— Vocês venceram. Vou levar este – ela pega uma vara de madeira fina.

— Tem certeza? – Melinda dispara um olhar intimidador. — Isso dói bastante. E amiga, se for para não usar nele, é melhor usar algo mais leve. Isso é uma *cane*, e vai por mim, isso vai deixar marcas em seu traseiro.

Todas riem deixando Sophia envergonhada.

Ela dá de ombros e esconde a vara no saco preto.

— O que tanto vocês riem? – Alexandre se aproxima seguido por Leonardo, Thiago e Denis.

— Nada amor – Leila se levanta e o abraça.

Ele a beija e acaricia seus cabelos de leve.

— Ursinha, nosso ninho de amor já está arrumado – ele diz.

— Ursinha? Que brega! – Melinda ri.

— Ah, não implica – Leila diz fazendo beicinho.

Todos riem.

— Já está escurecendo – Thiago resmunga indo atrás de sua Rainha.

Perto do acampamento, a uns cinquenta metros, há mais três barracas. Pelo visto, o local era bem sossegado.

— Está ficando escuro. Vamos ficar em volta das barracas, acender uma fogueira e beber. O que acham? – Léo pergunta puxando Jaqueline para ele.

— Excelente ideia! – Melinda ri.

Todos caminham até as barracas e se sentam nas cadeiras de praia que haviam trazido.

— Esse hotel fazenda é muito lindo! Olha para isso! – Leila contempla o lugar.

— Ouvi dizer que tem uma cachoeira e um haras. Amanhã quero andar a cavalo – Léo diz.

— Ainn! Eu também quero. Faz tempo que não monto – Jaqueline sorri entrelaçando sua mão na dele.

Léo beija suavemente sua têmpora e acaricia de leve seu rosto.

O gesto não passa despercebido para os dois amigos. Alexandre e Thiago se entreolham. Os olhares cúmplices dos dois, veem exatamente o que estava bem ali, na cara de todos. Léo estava agindo de forma extremamente romântica. O que não combinava muito com seu jeito de homem mulherengo.

O tempo passa e eles conversam sobre vários assuntos. Eles riem, contam histórias, piadas sem graças e até arriscam a brincar de Verdade ou Consequência. Mas a brincadeira acaba logo de cara, depois que Léo é confrontado por Thiago que lhe faz uma pergunta cabeluda. Muito cabeluda. Léo prefere a consequência, e seu

castigo foi imitar os Menudos numa dancinha ridícula e engraçada de, Não Se Reprima, com direito a trilha sonora de fundo. Suas barrigas doíam de tanto rirem de Léo. Alexandre grita de fundo:

— Rick Martin é para os fracos!

E mais gargalhadas.

— Palhaço! – Léo acha graça. Para sorte, ele sempre fora um cara brincalhão. Então, tira de letra as gozações vindas de todos os lados.

Mais tarde, ao cair da madrugada, todos envolta da fogueira queimam seus marshmallows e se embebedam com seus uísques.

— Ai merda! – Leila pragueja ao ser picada por uma muriçoca.

Alexandre a observa se estapear nas pernas.

— Que diabos é isso?

— Tem insetos aqui!

— Dã! Claro que tem. Estamos no meio do mato ursinha. Tem mais do que insetos por aqui – ele sussurra divertido.

— É sério, Alê. Sou meio que alérgica – ela ainda se estapeia tentando matar um inseto insistente.

— Eu te protejo! – ele diz num tom brincalhão e passa as mãos em suas pernas desnudas.

— Eles estão me comendo toda!

— Opa! Aí não. Só eu que posso te comer ursinha. Sou um cara muito possessivo quanto a dividir minha mulher. Diz pra esse inseto tarado de uma figa, que você é só minha – ele ri e a envolve com seus braços.

— Ihhh! Que papo de maluco! – Thiago faz uma cara engraçada e franze o cenho. — Vamos minha Rainha. Vamos deixar

o casazinho. Que tal ficarmos agarradinhos essa noite? – Thiago diz.

— É. Vamos.

— Eu também vou para minha barraca. Vamos Léo? – Jaque se levanta e com a mão, limpa seu short sujo de areia.

— Me deixe limpar pra você – Léo diz e leva as mãos até seu traseiro e os aperta com força. Jaqueline sobressalta. Ele cola seus lábios em seu ouvido e dá a sentença:

— Eu vou foder essa bunda e sua boceta gostosa hoje. É uma pena que nem poderei ouvir seus gritos quando estiver enfiando meu pau nessa sua boceta com essas barracas tão próximas umas as outras.

Jaqueline arqueja e sua pele fica toda eriçada. Em sua mente, vem a sua imagem vestida apenas com a calcinha vibratória e seus seios expostos. Ela já podia ouvir-se gemer descontroladamente. Sua bunda invadida pelo objeto estranho e excitante. As tiras macias de couro acariciando suas nádegas e marcando-as levemente.

— Jaque! Jaque! – a voz grossa de Léo a chama para a realidade.

— Hmmm?

— Gozou só de me ouvir falar foi? Pois juro que te ouvi dar um gemido tão gostoso que meu pau tá aqui quase rasgando minhas calças – ele dá um sorriso sacana.

— Tarado! – ela sorri.

Léo a puxa para a barraca e eles se despedem dos outros.

Denis e Sophia se despedem e fazem o mesmo.

— Vamos também amor. Sério. Daqui a pouco ficarei toda encaroçada com essas picadas – ela faz beicinho.

— Vamos ursinha – ele a beija.

\*\*\*

Na barraca de Sophia e Denis, eles conversam animados. Em poucos minutos, Denis a puxa para ele e a beija calorosamente. Os dois corpos colados mais se parecem um só. Denis se livra de suas roupas e retira as de Sophia com maestria. Sem esperar, ela é atacada pela boca voraz de Denis que lhe faz um oral como nenhum outro.

Já Melinda e Thiago, não perdem tempo. Ela o venda e o aprisiona com seus brinquedinhos malvados. Um par de algemas de couro com fivelas e uma mordaca para que ninguém escute seus gritos de dor e prazer. Nas mãos, o velho e habitual chicote.

Léo e Jaqueline mal conseguem distinguir onde a língua de um começa e a do outro termina sendo sugadas num beijo violento. Já sem roupa, os dois se esfregam um no outro sem pudor. O pau avantajado de Léo a assusta por alguns milésimos de segundos, pois ela mal consegue processar o tamanho, e Léo já a invade totalmente duro.

— Caralho! – ele rosna baixinho para não ser ouvido.

— Ohhh – Jaque geme em sua boca.

— Péssima ideia essa a nossa – ele diz penetrando-a como se não existisse o amanhã.

— Que ideia?

— De transarmos com mais três barracas coladas. Estou me sentindo um garoto de 12 anos fazendo arte e que a qualquer momento minha mãe irá aparecer gritando como louca me puxando

pelos cabelos para me dar um corretivo – ele ri de lado, ainda penetrando-a.

Jaqueline não ouve uma só palavra. Não conseguia. Quem conseguiria raciocinar com um homem daquele tamanho entre suas pernas, possuindo-a daquele jeito?

— Caralho, Jaque! Que boceta apertada! Quente e apertada – ele geme baixo.

— Me foda Léo. Me foda e pare de falar – ela geme. Suas pernas suspensas nos braços de Léo tremiam.

— Ahh, Jaque! Quero comer esse seu cuzinho. Quero agora! – ele a penetra com mais força e ela geme com o contato do polegar de Léo alisando a entrada de seu ânus.

Ela tenta abafar seus gemidos roucos.

— Isso Léo! Continue! Me fodaaa... – ela sussurra e geme.

— Gostosa pra caralho! – ele solta um grunhido.

Jaqueline o segura nos braços e fica ali, apalpando cada centímetro dos músculos dele. Seu abdômen parece ter sido desenhado pelos deuses. Ela morde os lábios ao contar os oito quadradinhos perfeitos em seu abdômen.

— Toma delícia... Toma meu pau! – ele a penetra mais fundo e mais fundo. A puxa pelos cabelos e a beija possessivamente.

— Minha gostosa! Mi.nha. Só mi.nha!

Os dois transam como animais selvagens, mas sem fazer muito barulho.

Já Leila e Alexandre, ainda conversam alegres.

— Amor, eu quero fazer xixi – ela ri. — Me diga que não vou ter que procurar uma moitinha – ela pergunta constrangida.

Ele gargalha alto.

— Seria ótimo presenciar você numa moitinha. O meu *penislongo* poderia picar sua bunda – ele gargalha.

— Engraçadinho. Cheio de piadinhas – ela ri. — É sério. Será que usar a área de camping desse hotel está incluso banheiros com privadas? Diz que sim! – ela pisca os olhos várias vezes.

Ele ri.

— Claro ursinha. Jamais eu a deixaria fazer xixi no meio do mato – ele a beija. — Vamos. Te levo até lá.

Eles saem e riem ao ver a barraca de Léo e Jaque balançar de forma frenética.

— Uau!!! O negócio está quente ali. Deu até um calor – ela diz se abanando e Alexandre a olha com cara fechada.

— Vou fingir que não ouvi isso – ele diz enciumado.

Ela fica um pouco sem graça pelo comentário, mas não se abala.

Eles atravessam a área de camping até chegarem à área de lazer do hotel fazenda.

— Ali – ele aponta para o banheiro. — Vou te esperar aqui.

— Está bem – ela diz e sai em direção ao banheiro feminino.

Leila faz suas necessidades e aproveita para jogar uma água no corpo. Felizmente, no banheiro havia toalhas de banho devidamente lacradas e sabonetes.

— Nossa! Que xixi demorado! – ele diz emburrado.

— Aproveitei para me lavar. As picadas estavam me pinicando – ela sorri.

— Hummm... Então minha ursinha está cheirosinha? – sua expressão muda e ele a olha com um sorriso safado.



— Limpinha! – ela o puxa para si e o beija entrelaçando seus braços em volta de seu pescoço.

Alexandre observa ao redor. Um pouco mais a sua frente, havia duas grandes árvores e nenhuma iluminação.

— Venha – ele a arrasta atrás de si.

Alexandre a puxa pelos braços e a coloca contra a árvore.

— Ah, minha ursinha. É impossível ficar tão perto de você e não querer te foder – ele solta um grunhido desesperado e pressiona seu corpo contra o dela. A urgência com que precisa de sua amada era visível.

Leila solta um suspiro lento.

Alexandre a beija carinhosamente. Lento e demorado.

— Eu te amo, sabia? Eu amo tudo em você! Essa sua boca atrevida, seu corpo gostoso, seu mau humor de manhã, seu sono interminável, sua pele, seu cheiro, seus olhos, sua boceta quente e lisinha... – ele dita as palavras em seu ouvido enquanto a toca por dentro do short jeans.

Ela geme.

— Porra Leila! A próxima vez em que sairmos juntos, quero você de saia. E de preferência, sem calcinha. Como quer que eu coloque meu pau em você com todas essas roupas? – ele pergunta rindo.

— É Simples. Tire-as.

— Ursinha – ele dá um sorriso e morde os lábios.

— Vai tirar minhas roupas, chefinho? – ela o atíça. Leva as mãos até seus seios e os toca só para provocá-lo.

— Merda! – ele diz desesperado. — Meu pau está duro e louco pra foder essa bocetinha gostosa – ele diz atacando-os com suas

mãos firmes e grandes. Ele os aperta e puxa um pouco sua miniblusa para baixo retirando um de seus seios para fora e leva sua boca até ele.

Leila geme alto com o contato da sua língua em seu seio.

Ele desabotoa o short e enfia sua mão dentro a procura de seu sexo. Ele a toca por cima da calcinha e ela arfa com o calor.

— Espere chefinho. Espere! – Ela o empurra para longe e ele a olha confuso.

— O que foi?

— Não aqui. Vai que alguém vê? Vamos para nossa barraca. Mas antes eu vou primeiro e você entra depois de uns dez minutos.

Ele ri.

— Pra que isso?

— Dez minutos – ela o beija e sai correndo deixando Alexandre atônito e confuso.

Na barraca, Leila tira sua roupa e procura em sua mochila uma calcinha preta. Ela a veste e abre o saco preto de plástico retirando os brinquedos.

Ela olha para os grampos de mamilos. Ela ri e morde o lábio, já excitada.

— Como coloca esse troço! – ela diz desesperada olhando para eles. Até que tem a brilhante ideia de ler as instruções no verso da caixinha. — Caralho! Isso deve doer – ela sussurra olhando os dois pregadores.

Ela se ajoelha no chão e coloca em seus seios os grampos. Primeiro um mamilo e depois o outro.

— Ai! – ela geme assim que os grampos prensam seus mamilos. Eles enrijecem na hora.

Ela coloca a algema de lado, junto com o plug anal, massageador preto, bem parecido com um microfone e a venda. De joelhos ela espera por Alexandre.

Assim que ele entra, congela ao vê-la.

Acho que ele poderia encher um copo de 300ml só com a sua baba. Fora a cara impagável de espanto.

Ela sorri maliciosamente.

— Que porra é essa? – ele franze a testa e olha para os objetos. — Não... Não... Não... Não inventa Leila. Jamais vou deixar você colocar isso na minha bunda. Sem chance. Ursinha sabe que eu te amo, mas não vou barganhar minha bunda. Jamais. Estava com o pau tão duro, mas brochei só de olhar pra isso aí – ele diz perplexo olhando o bastão e o plug anal. Ele não era um desinformado. Havia ficado com mulheres o suficiente para saber o que são aqueles brinquedos pervertidos. Ele nunca gostou de usar nada além de seu pau em uma boceta e jamais deixaria uma mulher usá-lo de tal forma.

— Chefinho! Eles não são para você – ela tentou ser sexy, mas sua voz saiu divertida. A imagem dele com aqueles brinquedos na bunda, definitivamente, não passava por sua cabeça. Mas ela até tentou imaginar.

— Então quer dizer que o meu pau não é o suficiente? – ele olha horrorizado.

Leila se aproxima ainda de joelhos e pega em sua mão.

— Chefinho, para de drama!... Meus peitos estão doendo com esses trecos aqui – ela ri. — Quero que venha até aqui tirá-los – ela dá uma piscada safada e lambe os lábios para incentivá-lo.

Alexandre percorre sua boca com os olhos totalmente esfomeado. Ele puxa as correntes dos grampos e faz Leila gemer.

— Me diga que não vai me pedir para te bater.

— Só se também quiser apanhar – ela se diverte.

— Ah, ursinha safada! – ele a abraça e beija seu pescoço. Devagar, ele retira um grampo de seu mamilo e o chupa.

Ela geme.

Ele repete o gesto em seu outro mamilo.

— Jamais, Leila. Não levo nenhum jeito para essas coisas. Não julgo quem faça, mas não sentiria prazer algum se tivesse que bater em você. Aliás, meu pau nem subiria.

Eles riem.

— Eu cortaria suas bolas se me batesse chefinho. Só pra você saber – ela ri.

— Hmm... Mas se aquilo ali não é para mim, então tinha planos para essa sua boceta gostosa? – ele pergunta curioso.

— Planos que seu pau está incluído. Você sabe... Me viciiei nele – ela o beija dando leves mordidas em sua língua e a chupa eroticamente.

Alexandre se afasta e pega os objetos.

— Isso aqui sem chance! – diz olhando para o plug anal. — A única coisa a entrar na sua bunda será meu pau. Sou extremamente ciumento quanto a isso – ele dá uma gargalhada.

Leila ri e dá um tapa em seu ombro.

— Agora isso... – ele franze a testa para o masturbador. — Tudo bem. – diz pegando a venda.

— A venda também está de fora! Gosto de olhar seus olhos enquanto goza para mim. Gosto de observar o brilho dele – ele passa as mãos de leve em seu rosto. — A algema... irei usar em você. Vou prendê-la porque terei que te dar uma surra de pau pra

você nunca mais cogitar essas ideias malucas – ele ri da cara de espanto de Leila.

— Estamos numa barraca cercada por mais três. Nada de surra de pau. A não ser que queira que o acampamento todo me ouça gritar, enquanto me penetra com esses seus vinte e um centímetros – ela diz apontando para suas calças que revela sua ereção.

— Venha cá – ele a puxa e a joga no colchonete macio, deitando sobre ela.

Alexandre retira sua calcinha e após, sua roupa.

— Ah, ursinha! Eu vou foder você tanto, mas tanto, que pela manhã mesmo eu não estando dentro dela, você ainda conseguirá sentir meu pau nessa sua bocetinha linda – ele diz e abocanha seus seios mordiscando seus mamilos.

A mente de Leila fica completamente embaralhada. A única coisa em que conseguia pensar, era em tê-lo dentro dela.

Ele desce até sua boceta e separa suas pernas para ter total acesso. Sua boca a invade e ele a sente arquejar.

— Ohhhh! – ela geme. — Isso chefinho. Me foda! Me foda com sua língua – ela geme alto.

Ele a tem totalmente a sua mercê.

Ele se senta e a pega pela cintura colocando-a em cima de seu pau duro.

— Vai ursinha. Rebola pra mim bem gostoso – ele solta um grunhido alto.

Leila geme.

Ela o cavalga forte, quase roubando sua sanidade. Ela rebola lentamente em cima dele e depois alterna para a cavalgada contraindo sua vagina em seu pênis. Ele fecha os olhos e pragueja quando perde o controle.

— Ursinha, desse jeito vai me fazer gozar – sua voz sai rouca.

Ele a retira de cima dele e ela protesta.

— Venha. Vou dar a você o que quer. Mas não se acostume com isso – ele diz levantando o massageador.

Ela espera na expectativa.

Ele liga e o bastão começa a vibrar.

— Você quem pediu ursinha. Não reclame depois – o sorriso safado do foderoso Keller estava lá, causando arrepios por todo o corpo de Leila.

Ele pega as algemas e prende seus pulsos imobilizando-a.

Ela ainda continua apenas olhando para ele.

Em segundos, Alexandre ergue suas pernas e as encosta ao lado do rosto de Leila deixando seu sexo totalmente exposto e sua bunda empinada.

— Vou foder essa sua bundinha gostosa enquanto dou um trato nessa sua boceta. Quero que grite meu nome assim que gozar – ele ordena e a única coisa que ela consegue fazer é assentir desnorçada.

Assim que Alexandre a preenche por trás, ela solta um gemido alto que certamente foi ouvido por todos.

Alexandre empurra seu pau lentamente preenchendo-a por completo. Quando está totalmente dentro dela, ele começa num movimento de vai e vem tão lento que ela choraminga. Aos poucos, seu ânus apertado se acostuma com o volume e ele começa a penetrá-la mais rápido, gradativamente.

— Ohhhh que Foda! Me foda Keller... Me foda Chefinho! – ela grita em desespero querendo mais.

Alexandre sorri satisfeito olhando em seus olhos.

Ele estende a mão para o massageador ligado e o pega encostando-o bem em seu clitóris.

— Ohhh, merda! Puta que pariu, chefinho... Ohhh!!! Ohhhh!!! – ela grita.

Do lado de fora da barraca, seus amigos que estão tendo uma noite de transa tranquila, param para escutar os berros de Leila e os barulhos de suas carnes se chocando.

*“— Isso ursinha! Goza pra mim, goza! Goza aqui no pau do seu homem” – ele grita de desejo.*

— Gente... o que é isso? – Sophia sai da barraca e encontra Jaqueline e Melinda horrorizadas.

— Acho que dei brincudedos demais a ela – Melinda ri.

*“— Vai chefinho... me foda gostoso vai... quero todos esses seus vinte um centímetros dentro de mim...”*

— Argh! Não ouvi isso! – Léo resmunga. — Não vou ficar aqui ouvindo isso – Léo sai da barraca ajeitando sua bermuda.

*“— Toma minha ursinha, está aqui, os vinte e um centímetros de pau no seu c...”*

Todos tamparam os ouvidos antes mesmo da palavra ser completada. Estavam chocados. Não pelo ato em si, mas pelo descaramento em serem tão abertos.

— Eu vou lá pra área de lazer – Jaqueline diz um pouco envergonhada segurando as mãos de Sophia.

Denis vai atrás delas rindo como louco.

Em seguida, Melinda também.

Apenas Léo e Thiago ainda ficam ouvindo assustados com a putaria na barraca ao lado.

Em todos esses anos, eles jamais haviam presenciado uma foda tão maluca, intensa e *foderosa* como aquela. Alexandre sempre gostou de falar em suas transas mas como hoje, era realmente um feito histórico.

— Eu vou gozar chefinho – Leila grita descontrolada pelos espasmos.

— Caralho! Minha gostosa! Ainda não ursinha! Vai gozar na minha boca. Quero chupar toda sua porra e me lambuzar no seu mel.

Alexandre sai de dentro dela e joga o massageador para trás bem longe, mal percebendo quando ele sai voando para fora da barraca, que havia esquecido de lacrar com o velcro e zíper.

O massageador quase acerta a cara de Thiago.

Os dois olham para ver o que era.

Léo gargalha alto.

— Velho, que nojo! – Léo gargalha ainda mais alto.

— Eis o porquê do título! Ele é realmente o Foderoso Keller. Hoje ele fodeu até o meu sono depois dessa – Thiago resmunga.

Os dois riem pasmos pelo que acabaram de presenciar e seguem atrás de suas mulheres.

Dentro da barraca o clima ainda é de puro tesão.

— Você é uma verdadeira safada! Quem diria?! Eu amo isso em você também – ele sorri ainda com o gosto de seus fluídos na boca.

— Você também chefinho.

— Nada disso. Eu perto de você pareço um santo.

Eles gargalham.



— Acabamos de fazer amor feito dois animais selvagens. Feito dois gorilas. Acho que a cidade inteira ouviu você gritar – ele diz e dá um tapa em sua bunda.

— Pelo menos agora sabem que você é meu. Todinho meu... Para me comer como eu quiser! – ela dá um sorriso safado e sobe em cima dele começando uma cavalgada feroz.

A noite será pequena para a safadeza dos dois.

## Capítulo 33

O céu já está parcialmente claro.

O sol brilha e a falta de nuvens diz que será um dia quente daqueles.

Alexandre e Leila, exaustos, tentam normalizar suas respirações depois de mais uma foda louca.

— Acho que estou morta – ela diz ofegante.

— Idem. Embora ainda possa continuar se me der mais uns trinta minutos.

— Eu estou realmente morta – ela ri e o beija.

— Está com sono?

— Não. E você?

— Estou com fome.

— Somos dois malucos – ela diz e se joga ao lado dele olhando para o teto da barraca.

— Será que já amanheceu? – ele pergunta sem noção de tempo.

— Não sei. Está claro, veja – ela aponta para uma pequena fresta da barraca que expõe a claridade de fora.

— Vamos tomar um banho e procurar alguma coisa para comer. Depois podemos andar a cavalo. O que acha?

— Só se for de ladinho, chefinho. Estou toda dolorida – ela sorri.

Ele gargalha.

— Podemos ir até a cachoeira, dar um mergulho... Passear pela fazenda...

— Tudo bem. Mas antes realmente preciso de um banho e comida.

— Então coloque suas roupas – ele pede.

Os dois se vestem e saem tentando ajustar suas visões na claridade.

Ao redor, nenhum sinal dos amigos.

— Acho que estão todos dormindo – Alexandre sussurra para não acordá-los.

Leila volta para a barraca e pega sua mochila e a de Alexandre.

Ele a ajuda carrega-las e caminham de mãos dadas até o banheiro externo do hotel.

— Vou estar do outro lado. O banheiro masculino fica ali atrás – ele aponta para o lado oposto. — Vou tomar um banho e te espero aqui – ele diz e deposita um selinho em sua boca.

Leila entra no banheiro.

Ela coloca sua mochila em cima do tampo de mármore e pelo espelho, consegue ver três senhoras com aparência de não mais do que cinquenta e poucos anos, conversarem horrorizadas.

— Eu fiquei chocada com aqueles gritos. Isso é uma pouca vergonha – a mulher diz para a outra.

— Isso me lembra muito minha juventude. O Marcio era assim, viril, safado... Agora, faz pelo menos uns quatro meses que não fazemos nada.

— Eu não preguei os olhos a noite toda. Vou fazer uma reclamação no hotel. Parecia que estava ouvindo uma atriz pornô – a outra reclama indignada.

— Ah, nem posso reclamar, o Rodolfo se acendeu todo depois daquela putaria toda. Acho que ele queria mostrar que também poderia dar conta – ela ri.

Leila segue se olhando no espelho, totalmente corada de vergonha.

Ela retira sua roupa da mochila e pega a toalha para tomar um banho.

No acampamento, os amigos voltam após perceberem que os barulhos cessaram. Melinda ainda tropeça no masturbador jogado no meio da mata baixa e pragueja:

— Merda!

— Ai! Estou com a coluna toda ferrada de cochilar debaixo daquela árvore – Thiago resmunga.

— Nem me fale! Não preguei os olhos – Léo comenta.

— Acho que nem adianta dormirmos. Que tal irmos até o restaurante do hotel e tomar um bom café da manhã? – Sophia dá a ideia.

— Isso era pra ser um acampamento, não? – Léo diz intrigado.

— E é – Sophia responde rindo. — Mas querido, nem me venha com essa de comer pão com mortadela a luz do dia, jogada no meio do mato, forrado por uma tolha xadrez vermelha e branca.

Todos riem.

— Só pra constar, eu trouxe pão integral e um pote de requeijão. Minha dieta desconhece mortadela – Léo ri.

— Só falta dizer que toma suco de beterraba também – Thiago alfineta, lembrando de Brandon.

— Eca! – Jaqueline faz cara de nojo.

— Não sou o doutor boiola – Leo diz. — Vamos logo tomar o café no restaurante, seus frescos.

— Oh, pega leve. Brandon é meu amigo – Denis diz com cenho franzido.

— Oh, foi mau cara.

Todos seguem para o restaurante e se servem das mais variadas comidas.

Enquanto eles comem e conversam, Alexandre e Leila se aproximam alegres.

Thiago sentado ao lado de Léo, o cutuca. Os dois se entreolham e parecem se comunicar por algum código que só eles entendem, pois todos os outros os observam e os olham com curiosidade.

— Bom dia! – Alexandre diz e puxa a cadeira para Leila.

— Bom dia só se for pra vocês. Eu estou com uma dor do caralho na minha nuca por dormir todo torto na raiz de uma árvore bendita – Thiago resmunga.

— Ué, o que estava fazendo na árvore? – Alexandre pergunta curioso.

— Adivinha? – Thiago dá um gole em seu café preto.

— Bom não sei vocês, mas minha noite foi magnífica. Não é ursinha?

Alexandre acaricia o rosto de Leila e a beija.

— Disso não temos dúvida. Nem a torcida do flamengo. Vocês são o casal mais discreto da face da terra – Léo comenta e vê Leila corar aos poucos.

Alexandre ri.

— Eu já estou satisfeita – Jaque diz empurrando seu prato. Que tal se fôssemos até a cachoeira meninas?

— Ótimo! – Sophia solta a mão de Denis e lhe dá um beijo casto.

— Vou também, me espere! – Melinda sorri tomando seu último gole de suco e se levanta para acompanhá-las.

Quando Leila faz o mesmo, Alexandre a puxa de volta para a cadeira.

— Você fica comigo – ele sussurra.

— Deixe ela ir. Nós vamos até o haras escolher os cavalos – Thiago ri ao ver o desespero do amigo ao ficar longe de sua namorada.

— Certo. Me espere lá. Vou até o haras com eles, mas logo te encontro na cachoeira – Alexandre a abraça carinhosamente.

Ela assente e sai com as outras.

O silêncio permanece entre os quatro por algum tempo.

Thiago e Léo se sentem desconfortáveis para zoar o amigo na frente de Denis, então, eles apenas conversam normalmente como se a noite anterior não tivesse existido. Não que esse assunto passaria despercebido pelos dois, mas preferiram adiar.

Na cachoeira, Leila não é perdoada pelas amigas. Melinda ri e diz que nunca mais irá deixá-la usar quaisquer brinquedinhos sexuais. Mas ela se espanta ao saber que Leila não usou a maioria deles.

Depois de algumas horas, sentadas na pedra da cachoeira, o celular de Jaqueline toca.

Ela se levanta e vai até o amontoado de roupas onde está seu telefone. Ela olha para o visor e sorri.

— Bom dia! Como está o Leozinho?

— Dona Jaque, olha... Por favor, eu não tive nada... E-eu não pude fazer nada, eu juro – Nice diz com a voz tensa e imediatamente Jaque se alarma.

— Nice, se acalme. O que houve?

— O senhor Carlos.

— O que tem o Carlos?

A voz de Jaque some instantaneamente.

— Ele veio até aqui. Eu disse que a senhora havia saído com uns amigos ontem à noite e ele levou o Leozinho.

— O que? Como assim? Você deixou ele levar meu filho? – Jaque pergunta aborrecida.

— Eu não pude fazer nada. Ele começou a me ofender, pegou o menino e saiu.

— Não saia daí Nice. Estou voltando pra casa.

Jaqueline desliga apreensiva. Seus olhos começam a arder e ela deixa as lágrimas rolarem em desespero.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa? – Sophia pergunta ao ver o estado da amiga.

— Eu preciso ir. Aconteceu um problema em casa e não posso ficar – ela sussurra ainda desnorreada. A ideia de que Carlos possa ter pegado seu filho e desaparecido, começam a assustá-la.

Ela recolhe suas coisas e sem se despedir de ninguém, ela corre a procura de Leonardo.

O percurso até o haras parece uma eternidade. Ela procura por ele e o encontra descontraído ao lado dos amigos tentando selar um cavalo.

Ao vê-la, ele abre um sorriso que logo se desfaz quando percebe que está chorando.

Ele larga a cela nas mãos de Alexandre e a abraça.

— O que foi? – ele pergunta aninhando-a em seus braços.

— Eu preciso ir pra casa. O pai do Leozinho apareceu e o levou. A Nice não soube explicar para onde ele o levou e eu estou com medo dele sumir com o garoto – ela diz entre soluços.

— Hei! Relaxa. Ele é o pai do garoto. Não vai fazer mal a ele.

Jaqueline se afasta abruptamente e o olha nos olhos.

— Você não sabe de nada. E ele é bem capaz de sumir com meu filho só para me fazer voltar – ela seca suas lágrimas tentando manter a compostura.

— Eu vou levá-la pra casa.

— Olha eu posso pegar um ônibus. Só me deixe na rodoviária e eu vou sozinha. Não quero estragar seu passeio.

Léo a olha chateado.

— Acha mesmo que a deixaria ir sozinha? Nem morto. Espere aqui – ele diz e caminha até seus amigos.

— O que foi? – Alexandre pergunta.

— Vou ter que ir embora. A Jacqueline está com problemas em casa e vou levá-la de volta.

— O filho dela?



— Parece que sim – Léo suspira.

— É por isso que não quero filhos – Thiago ri.

— Isso é sério Thiago. Não é hora de brincar – Leo diz sério e deixa Thiago confuso.

— Vou nessa! Depois nos falamos – Léo se despede e sai de mãos dadas com Jaque.

— O que foi que deu nele? Abduziram nosso amigo? – Thiago diz intrigado.

— É, parece que sim – Alexandre ri. — Bom, vou procurar minha ursinha.

— Outro amigo abduzido – Thiago ri.

— Quer mesmo que eu comece a te zoar? O Denis iria adorar saber das suas...

— Cala boca! – Thiago o repreende envergonhado.

Alexandre gargalha e Denis fica sem entender a piada.

— É amigo... Quem tem cu tem medo – Alexandre não perde a oportunidade de aporrinhá-lo.

\*\*\*

No caminho de volta para casa, Jaqueline tenta ligar para Carlos desesperadamente. Cinco tentativas falhas e ela fica ainda mais desesperada.

— Merda!

Léo olha para ela atento.

Ela fica absorta, olhando para fora, calada.

— Está se preocupando a toa – ele corta o silêncio.

— Não, não estou.

Ele a vê limpar uma lágrima em seu rosto.

— Olha Jaque, ele é o pai do menino. Não acha que está exagerando?

— Não estou Léo. Se você soubesse as coisas que vivi com aquele homem, você me entenderia – ela dá um sussurro fraco.

— Quer falar sobre isso? – ele pergunta mantendo sua atenção no trânsito.

Um breve silêncio se instala até que ela decide falar.

— Eu menti pra você – ela diz baixinho, envergonhada.

— Como?

— Eu menti quando disse que ele nunca havia encostado as mãos em mim. Aliás, foi por esse motivo que o deixei há três anos. No começo foi fácil. Ele sumiu por um tempo. Depois, ele começou a aparecer, pegava o menino na escola e sumia por uns dois dias. Quando voltada, me entregava o menino todo sujo e desconfio que nem o alimentava – ela diz com a voz embargada, lembrando-se de seu passado. — Ele acha que fazendo isso, infernizando minha vida, me assustando, me terá de volta.

Léo ouve tudo sem dizer uma palavra.

— Não quero ele perto do meu filho. Ele nunca me ajudou em nada e é uma péssima influência. Ele bebe, fica agressivo e não tem responsabilidade.

— Já pensou em pedir a guarda definitiva do garoto? Colocar restrições. Sei lá. Não entendo muito dessa parte. Mas acho que se você conseguir provar que ele é uma má influência, talvez consiga visitas monitoradas.

— Você não entendeu Léo. Eu não quero aquele homem perto do meu filho. O Leozinho fica apavorado todas as vezes que ele chega perto de nós.

— E o que você pretende fazer?

— Eu ainda não sei. Só quero chegar em casa.

Depois de algumas horas, Léo estaciona em frente à casa de Jaque. O Meriva prata estacionada logo à frente, indica que Carlos já havia voltado com o garoto.

— Graças a Deus! Eles estão em casa – ela suspira aliviada e sai do carro às pressas.

— Espere! Vou entrar com você.

— Não precisa. Pode ir, eu me viro sozinha.

Ele dá um olhar de reprovação.

— Eu disse que vou acompanhá-la – ele bate a porta do carro e vai até ela.

Assim que Jaqueline abre a porta, dá de cara com Carlos sentado em seu sofá, assistindo televisão, segurando um copo com uísque. Leozinho, assustado, ao lado do pai, chora baixinho.

— Cala a boca moleque! Parece uma bichinha. Só chora! – Carlos tenta fazer com que Leozinho pare de chorar.

Jaque fica possessa.

— O que pensa que está fazendo? Saia já da minha casa – ela grita e corre para pegar seu filho no colo.

— Mamãe! – o menino chora e a abraça.

— Aí está! A vadia da sua mãe resolveu aparecer... E com o macho dela – ele ri sarcasticamente, ainda sentado no sofá. —

Estou admirado. Ainda é o mesmo – ele conclui olhando para Léo que o olha querendo matá-lo.

— Saia daqui Carlos ou chamarei a polícia!

— Não vai chamar polícia nenhuma, sua vagabunda – ele levanta e parte para cima dela empurrando-a.

Jaque se desequilibra e quase cai com o menino no colo.

No mesmo instante, Léo o empurra e ele cai sentado no sofá.

— Tome cuidado com suas palavras. Se tocar um dedo neles, eu juro que acabo com a tua raça – Léo diz enfurecido.

Carlos ri.

— Ela não vale o esforço cara. É uma vaca traidora. Você vai ver. Quando se apaixonar, ela te dará um pé na bunda assim como fez comigo – o homem diz com raiva.

Léo vira para Jaqueline e diz:

— Eu só não dou umas boas porradas nesse idiota em respeito a seu filho. O menino não merece presenciar toda essa merda – ele diz e tira Leozinho dos braços de Jaque.

Ela olha para ele confusa.

— O que vai fazer?

— Se acerte e tire esse mané daqui. Vou tirar o menino de perto de vocês dois antes que o menino fique traumatizado. Se esse infeliz pensar em encostar um dedo em você, grite que eu terei o maior prazer em partir a cara dele ao meio – ele diz irritado e caminha até o quarto de Leozinho fechando a porta.

— Mamãe! – Leozinho chora.

— Sua mãe já vem. Vamos ficar aqui e brincar com o tio Léo, o que acha? Depois podemos assistir a um filme comendo pipoca – Léo ri tentando animar o garoto.

— O papai me bateu. Ele não gosta de brincar comigo – Leozinho diz parando de chorar.

Léo fica revoltado. Jamais ele admitiria alguém machucar uma criança. Ele queria xingar o sujeito de vários nomes, mas se conteve.

— Eu gosto de brincar. Quando quiser brincar pode me chamar – ele ri e o garoto o abraça deixando-o surpreso.

Enquanto Jaqueline se esforça para tirar seu ex-marido de dentro de sua casa, Léo distraia o garoto para que não ouvisse a discussão.

Após algum tempo, ela bate na porta.

Léo larga os brinquedos de sua mão e se levanta para abrir a porta.

— Ele já foi – ela sussurra assim que ele abre.

Léo a abraça e a beija.

— Filho, vem aqui dá um abraço na mamãe.

— Não posso. Titio Léo disse que vai fazer um aviõzinho pa mim – ele diz todo manhoso.

Léo ri.

— Leozinho, vai fazendo a asa do avião como te ensinei. Eu já volto.

— Tá.

Léo puxa Jaqueline para fora do quarto e a beija mais uma vez.

Ele a olha nos olhos e pela primeira vez, a vê de uma maneira diferente. Um jeito que ele não sabia explicar.

— Sabe que não pode viver desse jeito na frente do garoto. Ele disse que o pai bateu nele, isso é um absurdo Jaque – ele diz

indignado.

— Eu sei – ela volta a chorar.

— Eu não tenho nada a ver com a forma de você educar o menino. Mas esse cenário não faz bem a ele. Você precisa tomar uma atitude. Registrar uma queixa contra ele, sei lá...

— Ele é violento Léo. Você não entende.

— Não entendo mesmo. Tá aí mais um motivo. É impossível entender. O garoto mal fala direito. Tem quatro anos e é como se tivesse um. Já prestou atenção nisso?

— Está me dizendo que não presto atenção no meu filho? – ela se irrita.

— Estou dizendo que, seu filho, precisa de ajuda, atenção e carinho.

— Eu dou carinho pro meu filho – ela ri incrédula.

— Você me entendeu, Jaque. Me recuso a aceitar que não seja uma mulher inteligente. Já pensou em levar o garoto para uma fonoaudióloga? Acho que seria bom pra ele. Colocá-lo em atividades esportivas para diminuir todo o estresse dele.

— Não tenho tempo pra isso. Ele não tem problema. Só é manhoso.

— Pode ser que sim e pode ser que não. Vai esperar até quando para ter certeza? Olha, sei que é barra pesada criar uma criança sozinha e nas suas condições. Mas enquanto você não tomar uma posição em relação ao pai dele, esse menino vai crescer com sérios problemas. Meu Deus! O cara estava bêbado. A maldita da babá deixou um cara bêbado entrar aqui e ainda deixou seu filho sozinho com ele. Ou ela é louca ou você é mais louca ainda – ele diz irritado.

— Olha aqui Léo. Eu agradeço por sua preocupação. Mas eu sei como cuidar do meu filho. Quero que vá embora – ela diz rudemente.

Ele a olha espantado, mal acreditando no que ela fala.

— Certo – Léo se afasta chateado. — Talvez eu só esteja querendo o bem de vocês dois. Me desculpe por isso. Nos vemos amanhã – ele a beija e sai da casa, chateado.

Jaqueline fica ali, remoendo cada palavra de Léo. E o pior, é que ela sabe que ele tem cem por cento de razão. Ela só se recusava a aceitar confiar outra vez em um homem.

No dia seguinte, no escritório, Jaque pede desculpas. Leonardo diz que só aceita se ela deixar que ele ajude Leozinho. Então, Léo faz questão de marcar um dos melhores fonoaudiólogos para o garoto e promete levá-lo todas as quartas-feiras para o tratamento. No início, Jaque fica receosa. Afinal, ela e Léo não eram nada além de amigos e colegas de trabalho com benefícios. Mas, ela resolve arriscar. E por que não? – ela pensa.

## Capítulo 34

Algumas semanas depois...

O sinal toca bem no momento em que Leila fecha seus livros. As aulas de Sustentabilidade Ambiental estão se tornando um pouco enfadonhas. A verdade, é que Leila mal consegue se concentrar após a mensagem recebida em seu celular há alguns minutos atrás que dizia:

*"Estou te esperando na frente da faculdade. Beijos. Brandon."*

Ela surta só em imaginar vê-lo ali bem ao lado de Alexandre, que a busca todas as noites.

Ela fica por um tempo olhando para o telefone se perguntando se deve ou não avisar Alexandre. Ela sabia que em algum momento, Brandon voltaria de Boston e esse dia seria inevitável. Afinal, alguns dias atrás, ele havia mandado dois e-mails para ela pedindo para que reconsiderasse sua decisão e que voltasse para ele. Sabendo muito bem do ciúme exagerado de Alexandre, ela decide não falar sobre isso com ele. Então, ela junta apressadamente suas coisas e sai em disparada. Ela teria alguns minutos antes de Alexandre chegar. Ele sempre chegava atrasado. E ela contava com isso para se entender de vez com Brandon.

Ela passa pelos corredores da faculdade sem olhar para ninguém.

Ansiedade a consome.



Assim que passa pelas catracas, de longe, ela consegue vê-lo encostado nas pilastras perto do portão de entrada.

Seus olhos percorrem rapidamente a rua para ter certeza de que Alexandre não está por ali a sua espera.

Nada do Maserati preto.

Ela suspira aliviada e corre até Brandon.

Ele a recebe com o sorriso largo. Vestido de jeans azul e camisa branca. Vê-lo depois de tanto tempo, assim tão próximo, a faz lembrar dos momentos bons que passaram.

Ela abre um sorriso e o abraça.

— Brandon – ela sussurra abraçando-o apertado.

— Como vai minha linda? – ele beija suavemente seu rosto e acaricia seus cabelos soltos.

— Estou bem. O que faz aqui? Não deveria ter vindo.

— Senti sua falta. Aliás, eu sinto sua falta – seu olhar é de dor.

Leila o olha com carinho.

— Brandon. Já disse a você que estou namorando. Eu não quero te dar falsas esperanças, então...

— Leila... Olha eu espero o tempo que for. Eu sei que você ainda me ama. Ficamos juntos por mais de quatro meses sem nos ver. Vamos passar por isso juntos. Eu sei que minha ausência contribuiu para que você caísse nos braços dele, mas agora não vou a lugar algum. Eu estou aqui. E só pra você – ele diz segurando firme suas mãos firmes e delicadas.

Os olhos dela se enchem de lágrimas.

— Você não entende Brandon. Não é um caso ou um sentimento passageiro. Eu o amo. Não tem nada que faça com que

eu termine com ele para ficar com você. Me desculpe. Você precisa entender. Achei até que tivesse entendido.

— Não. Eu me recuso a entender. Ontem você dizia que me amava. Hoje diz que ama outro? Você está iludida por ele. Não é amor de verdade o que sente por ele. Nós nos entendemos tão bem Leila. Desde o primeiro momento eu sabia que era você a mulher certa.

— Mas você não era o certo para mim – ela sussurra e as palavras são como facas fincadas no coração de Brandon. Desesperado, ele passa as mãos pelos cabelos e deixa transparecer todo seu sofrimento.

— Você não podia ter feito isso comigo. Com nós dois. O que tínhamos era tão... Tão especial.

— Tínhamos Brandon. Não temos mais. Eu tenho um carinho enorme por você. Mas é só isso. Apenas isso.

Ela se aproxima um pouco mais e leva sua mão até ele, tocando-o em seu peito.

— Você é um homem lindo Brandon. Por dentro e por fora. Merece encontrar alguém que te ame de verdade.

Brandon a olha fixamente dentro dos olhos, coloca uma mão sobre a dela, repousada em seu peito e a outra, roça suavemente em seus lábios rosados.

— Não quero outra que não seja você.

— Que lindo. Estou tão emocionado! Tsc, tsc, tsc, tsc...

A voz irritada de Alexandre os assusta.

Leila olha para ele e se retrai. A decepção estampada em seus olhos a deixa arrasada.

— Continuem...Finjam que não estou aqui – ele cruza os braços. — Bem cena de cinema. E o que é melhor, nem precisei

pagar a entrada – diz com sarcasmo.

— Ale-Alexandre, nós só estávamos conver... – ela gagueja ainda atordoada pelo flagra.

Brandon não recua.

— Ahhh, me poupe Leila. Não sou nenhum idiota. Sei bem o que está pegando entre vocês dois – ele diz irritado e se aproxima de Brandon.

Assustada, Leila se coloca entre os dois bloqueando a passagem de Alexandre.

— Não está rolando nada entre nós meu amor. Eu juro – ela diz desesperada.

— Eu vou dizer exatamente o que está acontecendo entre os dois. O velho namoradinho apaixonado, ressurgiu da casa do caralho que fica lá na puta que o pariu, para dar em cima da MINHA namorada. Mesmo ela dizendo que não o queria mais centenas de vezes. Acho que você é meio masoquista – diz enfurecido.

— Por favor Alexan...

— E... a minha querida namorada MENTIROSA, acha que pode me enganar se encontrando as escondidas com seu ex.

Os olhos de Alexandre faíscam de raiva.

— Não é nada disso – ela rosna.

— Que tal incluir que você a roubou de mim? – Brandon perde o controle. — Você fez a cabeça dela. Estávamos felizes até você aparecer.

Alexandre ri.

— É, eu vi mesmo a felicidade estampada nos olhos dela quando se entregou pra mim – ele cospe as palavras na cara de Brandon.

Leila fica chocada.

— Você a seduziu – Brandon esbraveja.

— Não vou discutir sobre isso.

— Ah não? Só estou fazendo o mesmo agora. Vou tirá-la de você como fez comigo – ele diz deixando Alexandre possesso.

Ele empurra Leila para o canto e joga Brandon contra a pilastra.

— Experimente chegar perto dela outra vez, imbecil. Eu juro que não me verá tão calmo como estou agora – ele diz e se afasta.

Ele olha para Leila decepcionado e diz:

— Estou indo – e vira as costas se afastando rapidamente.

Ela dá dois passos para segui-lo, mas é impedida por Brandon.

— Não vá. Fique comigo. Eu posso levá-la para casa e continuamos nossa conversa.

— Me solte! – ela se desvencilha dele. — Nossa conversa nem deveria ter começado. Não me procure mais, por favor – diz e corre até Alexandre.

Alexandre entra no carro ainda furioso. Bate a porta com fúria e soca o volante.

Leila entra.

— Olha não aconteceu nada demais eu só...

— É melhor ficar de boca fechada. Eu estou muito, mas muito irritado. Não quero começar uma discussão aqui.

Sua voz cortante e sua expressão fria, deixam Leila assustada e angustiada.

O percurso todo é feito no silêncio. Em nenhum momento, Alexandre se dirigiu a ela. Quando estaciona na única vaga

disponível na garagem de seu prédio, ela começa:

— Eu detesto quando você fica desse jeito – ela bufa.

Ele a ignora enquanto sai do carro e caminha até o elevador.

Os dois entram e o silêncio ainda permanece.

Ao entrarem no apartamento, ela joga seus livros e sua bolsa no sofá e diz:

— Será que podemos conversar agora?

— Conversar sobre o quê? Não temos o que conversar. Eu te peguei com aquele filho da puta e foi isso.

— Nós só estávamos conversando.

— Eu vi. Mãos falam também? Porque se ainda não estou cego, suas mãos estavam nele e as dele em você – ele grita furioso.

— Ele foi lá apenas para conversar. Eu disse o que precisava pra ele entender que ...

— Eu não quero saber Leila. Não depois que já aconteceu. Deveria ter me dito antes.

— Antes o que se eu nem sabia?

— Não sabia? Tem certeza? Ele simplesmente apareceu lá e você não sabia? Vai tentar me convencer de que não sabia também que ele estava no Brasil? Que iria te procurar?

Ela ri, nervosa.

— Eu não preciso te contar tudo que se passa na minha vida – ela grita.

— Ah, não! Claro que não. E por que iria, não é? Essa é a segunda vez que você mente pra mim Leila. Eu não sou um idiota. Não vou ser passado pra trás outra vez.

— Eu não sou ela! - grita se referindo a Patrícia.

— Ah não é mesmo. Pelo menos ela é uma vaca traidora que teve a decência de não negar que me traia quando a peguei no flagra.

— Eu não estava te traindo – ela chora inconformada por ele ser tão cabeça dura.

— Como eu vou saber? Você sempre mente pra mim quando o assunto é ele.

— Porque você é ciumento demais e me sufoca com isso – diz exasperada.

Leila anda de um lado para o outro enquanto vê Alexandre caminhar até o bar e encher o copo com uísque.

Ele ri.

— Eu sou ciumento? Talvez seja porque você o traiu comigo, não? Quem garante que não irá fazer o contrário agora?

— Eu não ouvi isso! – ela rosna e se afasta dele aos poucos.

Ele percebe que pegou pesado e tenta amenizar a situação.

— Olha Leila. Não é um bom momento para falarmos disso. Eu estou de cabeça quente.

Chateado, ele bebe seu uísque em apenas um gole.

— Eu não sabia que ele iria aparecer lá. Eu juro. Ele me passou uma mensagem uns vinte minutos antes do fim da aula – ela tenta se explicar.

— Por que não me contou? Deveria ter me contado – ele se irrita.

— Porque eu posso resolver meus problemas sozinha. Era assunto meu.

— O que diz respeito a você também me inclui. Que droga Leila! Como quer que nos entendemos desse jeito? Mas que merda!

— Isso só prova que você não confia em mim. Se confiasse, não estaria desse jeito.

— Como quer que eu confie? Não deveria ter parado para falar com ele. Deveria ter me ligado na hora em que recebeu a mensagem. E quer saber? Pra mim esse assunto já deu. Vou dormir – ele diz irritado e coloca o copo sobre o balcão do bar.

— Alexandre... Alexandre volta aqui! – ela grita ao vê-lo se afastar.

Ele entra no quarto e começa a se despir. Com raiva, joga toda sua roupa no chão, ao lado de sua cama. Leila as recolhe falando sem parar deixando-o ainda mais irritado.

— Mas que merda! – ele grita. — Não quero mais falar sobre isso. E outra coisa... Se eu te pegar outra vez ao lado daquele sujeito, nem que seja dando um maldito bom dia, não terá conversa Leila, eu acabo tudo entre nós.

Ela chora.

— Então é assim?

— Será assim se mentir outra vez - ele responde olhando-a nos olhos.

Os dois se entreolham por alguns segundos e então, ele dá as costas, entra no banheiro fechando a porta violentamente fazendo-a sobressaltar com o baque.

Quando ele sai do banho, Leila não está no quarto.

Ele a procura por todo o apartamento. Na sala, ele olha no sofá e não vê a bolsa e nem os livros.

Ela havia partido.

\*\*\*

Alexandre chega cedo ao escritório. A dor de cabeça ainda estava lá, martelando-a insistentemente. A noite toda, não conseguiu dormir pensando na briga.

Ele entra em sua sala e começa a trabalhar.

O tempo passa e nenhum sinal de Leila.

Ele sabia que ela já estava na empresa há algumas horas. Mas ela não entrou em sua sala em nenhum momento. Nem para lhe desejar um bom dia como fazia todos os dias.

As horas longe dela são um martírio para ele. Embora ele quisesse se levantar para vê-la, ele não o fez.

E parece que Leila também estava disposta a não dar o braço a torcer.

Na hora do almoço, Alexandre sai de sua sala, mas não a encontra em seu lugar. Ele olha exasperado para seu assento vazio e sai enfurecido para almoçar.

O resto do dia foi exatamente como previu: ela fugiu dele como pode. Não que ela estivesse com a razão, mas porque estava chateada por ele não confiar nela e ter dito várias coisas que a magoaram.

No final do expediente, antes de ir embora, Leila deixa um bilhete para Alexandre na mesa dele.

Ele lê.

*"Não vou à faculdade hoje."*

Ele pragueja e amassa o papel até formar uma pequena bola. A porta de seu escritório se abre e Léo entra animado.

O amigo murcha ao vê-lo tão triste.

— O que foi? Problemas no paraíso?



— Nada! Meu problema se chama, Brandon.

— O beterraba? O que tem ele?

— Voltou pra me assombrar. Maldito. Acredita que ele teve a petulância de dizer que irá tirá-la de mim?

Léo ri.

— É. Acredito. E você nem pode ficar bravo. Roubou a namorada dele – diz só para deixá-lo irritado.

— Vai à merda. Não roubei ninguém.

— E vocês brigaram?

— Sim.

— Você como sempre, exagerou – Léo arqueia as sobrancelhas.

— Um pouco, talvez.

— Então é melhor pedir desculpas.

— Eu? Nem morto. Não fiz nada. Ela mente pra mim, se encontra com ele as escondidas e eu tenho que me desculpar?

Ele bufa.

— É isso ou deixá-la solta por aí para que ele possa roubá-la de você – ele dá de ombros.

Alexandre pensa.

— Acontece que não consigo mais ficar longe dela. Nenhum minuto. Isso tá me deixando maluco.

— Peça desculpas. É tão simples.

— Não – ele diz irredutível.

— Então tá – Léo ri e se levanta. — Vou nessa. Vou sair com a Jaqueline.

— Até amanhã.

— Até.

Alexandre pensa por algum tempo e não muda de decisão.

Ele não iria se desculpar por nada que havia dito.

Ele estava com razão.

Ele se achava com razão.

Ele pega as chaves do carro e vai para casa.

Já em seu apartamento, deitado em sua cama no meio da noite, ele sente a falta dela. O vento frio entra pela janela aberta e a sensação de vazio toma conta do ambiente. Ele já estava acostumado a dormir sentindo o corpo, a respiração suave e o cheiro adocicado dela. E, pela segunda noite consecutiva, ele dorme sozinho.

No dia seguinte, Leila o evita.

Sua noite foi tão fria quanto a dele.

Ela sentia a falta de seus beijos, suas carícias, seu amor reconfortante.

Mas ele precisava entender que ela tinha seu espaço.

A parte da manhã foi agitada.

Uma visita inesperada a deixa confusa.

Pamela, a antiga assistente, aparece para conversar com Alexandre.

Ela se corrói de curiosidade, mas não dá o braço a torcer.

Ela não vai até ele.

Na hora do almoço, ela sai para almoçar com Melinda e Sophia.

Na sala de Alexandre, ele comemora com Thiago e Léo: Pamela concordou em encerrar o processo caso ele pagasse uma indenização. A mesma quantia que lhe foi negada quando demitida por justa causa.

Ele topou na hora.

— Isso merece uma bela de uma comemoração – Léo ri.

— Verdade cara. Mas, mudando de assunto, já se entendeu com a Leila? A cara dela não estava muito agradável depois que a Pamela saiu daqui.

— Ainda não. Ela é uma cabeça dura – Alexandre bufa.

— Vocês são dois cabeças duras – Léo ri.

— Se entende logo com essa mulher. Vocês dois são um porre longe um do outro – Thiago diz fuçando em seu celular.

— O que está procurando?

— Nada. O telefone do restaurante. Vou reservar nossa mesa.

— Vamos almoçar então – Léo diz. — Já estou com fome e hoje saio mais cedo para levar o Leozinho na fonoaudióloga – ele diz entusiasmado.

— Legal cara, ver você e a Jaqueline se entendendo. Quando sai o casório? – Thiago ri.

— Vai cagar.

— Ué, pediu ela em namoro? Ontem me disse que estavam apenas ficando – Alexandre pergunta confuso.

— E estamos apenas ficando. Sabe que tenho aversão a compromissos. Estou ajudando o garoto só por ajudar – ele desconversa.

— Só por ajudar é? Me engana que eu gosto – Thiago gargalha.

— Só por ajudar. E além disso, ela mesma desde o começo disse que seria dessa forma. Nada de compromissos – Léo resmunga.

— Talvez ela tenha mudado de ideia, sei lá – Alexandre dá de ombros.

Só um cego é que não via a dedicação e o amor com que ele tratava Jaque e Leozinho.

— Bom, vamos almoçar – Alexandre se levanta e os três caminham juntos para o restaurante.

Eles conversam e se divertem no restaurante italiano.

Quando terminam de almoçar, pedem sobremesa.

No cardápio, morangos com chocolate fazem Alexandre voltar no tempo. Ele segura o cardápio de sobremesas e começa a rir.

— Tá rindo do que maluco? – Léo olha para ele intrigado.

— Nada – ele responde lembrando-se do gosto que os morangos tinham misturados com o gosto inebriante de Leila.

Seu desejo se acende e a única coisa em que consegue pensar é em tê-la mais uma vez nas mesmas condições: por baixo dele toda coberta de chocolate e morangos. Então, ele resolve ser o primeiro a dar o braço a torcer.

Ele faz sinal para o garçom e faz o pedido:

— Quero morangos com chocolate. Para viagem, por favor.

— Sim, senhor.

— Ah, coloque chantilly também, minha ursinha adora chantilly – ele diz normalmente, sem se preocupar em ter que explicar quem era a sua “ursinha”.

Léo se engasga e ri ao ver a cara de espanto do garçom.

— Estou prevendo muitas safadezas hoje naquele escritório – Thiago se anima.

Alexandre dá um sorriso perverso.

— Falou mãe Dinah! – Alexandre ri de Thiago.

— Meu pai do céu. Me diga que não irão transar em sua sala – Léo fica indignado. — Ainda não estou recuperado da noite no acampamento quando vi aquele vibrador dos infernos voar em nossa direção e aquela gritaria toda – Léo conclui fazendo Thiago e Alexandre gargalhar.

— É verdade cara! Pega leve. Espere até a noite pra comer sua ursinha com chocolate – Thiago ri.

— Mais respeito com a minha mulher, vocês dois – ele aponta para os amigos. — Vou me lembrar de fechar sua boca, fiquem tranquilos – ele diz aos amigos que caem na gargalhada.

O garçom traz a sobremesa e, então, eles seguem de volta para o trabalho.

Ao passar pela sala de Leila e constatar que ela ainda não havia retornado do almoço, ele entra em sua sala e com calma, escreve um bilhete. Assim que termina, coloca o bilhete e o pote de sobremesa em cima da mesa de Leila e retorna para sua sala.

Na cadeira robusta ele sorri.

— Ah, ursinha! É hoje... – ele sussurra animado.

Alguns minutos depois, Leila retorna.

Ela olha intrigada para o pote de isopor em sua mesa.

Curiosa, ela abre.

Ela fica por alguns segundos tentando compreender o que aquilo fazia em sua mesa.

Ela sorri.

Ao notar o bilhete, ela abre para lê-lo.

*Você me excita quando me desafia.*

*Seus gemidos enlouquecidos são como músicas para os meus ouvidos.*

*Realizarei todos os seus desejos. Feche seus olhos e deixe-se levar pela luxúria que nos envolve.*

*Seus beijos ardentes transmitem vibrações eróticas em meu corpo.*

*Na arte do amor e na sensualidade, eu serei seu guia.*

*Você é minha paixão, minha loucura, minha doce tentação que será minha total perdição.*

*PS: Perdoa-me, minha ursinha? Ah, não é para comer isso sem mim. Estou te esperando em minha sala.*

Leila ri.

— O homem é safado até no pedido de perdão – ela sussurra para si mesmo.

Em sua mente, se passam várias formas eróticas de se comer aquela sobremesa. Excitada com as ideias e louca de vontade de fazer as pazes, ela vai até ele.

Ela bate na porta e espera.

— Entre – a voz grossa de Alexandre lhe causa arrepios involuntários.

Ela entra.

— Tranque a porta – ele ordena.

Ela adora quando ele entra no *modus operandi* “homem mandão”.

Alexandre afrouxa a gravata, desata o nó e a retira.

Leila o observa sem quebrar a conexão segurando o pequeno pote de sobremesa.

Ele se levanta e vai até ela caminhando lento de forma que a deixa hipnotizada e ansiosa por saber o que se passa em sua mente.

Ele leva suas mãos até seus cabelos pegando uma pequena mecha. Inala o perfume suave dos fios sedosos e diz:

— Não consigo ficar nem mais um minuto longe de você.

E a beija apaixonadamente.

Seus lábios tocam os dela com urgência e paixão.

Ela coloca a mão esquerda contra seu peito forte e corresponde o beijo com a mesma intensidade.

— Eu te amo, minha ursinha. Te amo demais – sussurra em seus lábios.

— Eu também te amo.

— Me dê isso – ele diz pegando de suas mãos, o pote de sobremesa.

Alexandre a puxa pelas mãos e se senta em sua cadeira robusta, colocando Leila sentada no tampo de sua mesa de madeira bem a sua frente.

A saia de Leila sobre alguns centímetros deixando ainda mais suas pernas à mostra.

— Merda, Leila. Já disse que aqui deve trabalhar de calças. Quando quero que use saia você nunca usa – ele dá um olhar reprovador.

Ela sorri.

Suas mãos percorrem suas coxas empurrando ainda mais o tecido fino grafite de sua saia. Ele beija as pernas de Leila carinhosamente.

— Quando vamos comer esses morangos? Estou com fome – ela pergunta de forma provocativa.

Ele estica as mãos até o pote e o abre.

De dentro, ele retira um pequeno garfo de plástico transparente. Espeta um pedaço de morango lambuzando-o no chocolate e chantilly e leva até a boca de Leila que já salivava de vontade de provar.

— Hummmm – ela se delicia saboreando cada pedacinho.

Ele sorri satisfeito.

Ela pega o garfo de sua mão e faz o mesmo, alimentando-o.

— Nossa! Isso é tão bom – ele diz lambendo os lábios sujos de chocolate.

Após comerem, Alexandre descarta o pote colocando-o no cestinho de lixo e a beija.

— Agora posso comer a minha outra sobremesa? – ele pergunta e leva sua mão por debaixo de sua saia atingindo-a bem em seu ponto sensível.

Leila arfa e fecha os olhos.

Ele separa suas coxas com uma mão e a outra puxa a pequena calcinha de lado.



Ele enfia seus dedos dentro dela e arranca gemidos baixos de sua amada.

— Você não me disse ainda – ele sussurra com os dedos dentro dela e seu polegar massageando seu clitóris.

Ela abre as pernas um pouco mais para facilitar seu acesso a ela.

— Ohhh chefinho – ela geme baixinho.

— Anda ursinha. Não me disse que estou perdoado – ele diz retirando seus dedos de dentro dela e os chupando.

Ela olha para ele excitada e frustrada pela ausência de seu toque.

— Está perdoado chefinho. Agora, por favor, me toque – ela sussurra puxando de volta a mão de Alexandre para o meio de suas pernas.

Ele sorri.

— O que você quer minha ursinha?

— Você, Keller. Eu quero você! – ela diz com a voz carregada de desejo.

— Merda, Leila. Não posso fazer isso aqui. Você sabe disso.

— Eu sei – ela diz desabotoando sua camisa preta revelando seu sutiã.

Ela retira a blusa de dentro da saia, e quando a retira, joga em direção ao rosto de Alexandre que a pega e leva até seu nariz para sentir seu cheiro doce.

Ela estica as mãos para trás das costas e abre o fecho. Após retirar o sutiã, ela o joga nele.

— Jesus!

Alexandre tenta se controlar, mas é impossível. Seu pau já está duro e querendo-a de todas as formas.

Ele a assiste excitado, retirando o resto de suas roupas. Quando está totalmente nua, Leila se inclina para trás sustentando seu peso em seu antebraço apoiado na mesa. Conforme se ajusta delicadamente na enorme mesa de madeira, afastando papéis e outros objetos no percurso, Alexandre apenas a observa.

Assim que ela deita, se ajeita de forma que sua bunda fique na ponta da mesa, e diz:

— Me faça gozar, chefinho!

Keller não pensa duas vezes.

Ele se certifica de que o telefone está devidamente no gancho e só então, se entrega a ela.

— Você é uma safada, sabia?

— Sim – ela sorri. — A sua safada, chefinho. Só sua!

Alexandre sorri com a confirmação de que pertencia somente a ele. Em sua frente, a boceta rosada e depilada de Leila o chama. Ele consegue ver o quanto está excitada. Está totalmente molhada e dava para ver o líquido de sua excitação escorrendo por sua boceta.

Sentado, ele apenas a pega pelos tornozelos, apoia suas pernas em seus ombros largos e leva sua boca até ela, chupando-a desesperadamente. Sua língua fazia todo o percurso entre sua boceta e ânus.

Leila geme baixinho.

— Não faça barulho, por favor. Senão eu paro – ele implora para não serem descobertos.

Ela assente, mas ele não consegue vê-la.

Quando ela está prestes a gozar, ela o avisa soltando um pequeno gemido. Seu corpo convulsiona nos braços dele e em poucos segundos, ela goza.

Alexandre se levanta da cadeira e retira o cinto da calça. Rapidamente, ela cai em seus pés, seguido por sua boxer branca.

Ele acaricia seu pau duro e o posiciona na entrada de sua boceta melada. Ele empurra seu pênis para dentro segurando-a pelos saltos pretos. Em poucos segundos, Alexandre a embala numa rapidez impressionante. Ele a penetra forte, duro e rápido. Seus corpos logo começam a suar embalados pelo ritmo das estocadas.

— Ohhh merda! Como você é gostosa – ele solta um grunhido rouco.

— Isso chefinho, não para – ela implora por mais.

— Não posso segurar por muito tempo, ursinha. Vou encher essa bocetinha gostosa com minha porra.

— Então vai chefinho, goza na sua ursinha – ela sussurra massageando seu clitóris no ritmo das estocadas de Alexandre.

A camisa começa a grudar no corpo suado de Alexandre.

— Ohh droga! Não posso segurar amor.

— Então não segure. Goza pra mim, goza.

Leila se assusta ao ser erguida da mesa pelos braços firmes e fortes de Alexandre.

— Coloca os braços envolta do meu pescoço e segure firme – ele ordena sustentando-a pelos braços por de baixo de suas coxas. Suas pernas cada uma de um lado de seus braços ele a suspende e a encaixa perfeitamente em seu pau subindo-a e descendo-a rapidamente em seu membro duro.

— Ohhh chefinhooo! – ela geme.

— Goza comigo ursinha, vamos! Goza no meu pau bem gostoso! – ele solta um grunhido rouco.

Alexandre sente o orgasmo vindo e acelera as estocadas. Em poucos minutos, ele goza jorrando seu esperma todo dentro dela ao mesmo tempo em que ela convulsiona em seus braços mais uma vez.

Os dois gemem juntos, abraçados se beijando desesperadamente.

— Nossa! – ela sussurra.

Ele ri.

Devagar, ele a solta no chão.

— Você me faz perder o controle – ele a beija ajeitando seus cabelos emaranhados.

— Isso é bom – ela ri.

— Como eu sou o chefe, estou te dando o resto do dia de folga – ele diz deixando-a confusa.

— É mesmo?

— Sim. O resto do dia de folga, nua, em minha cama. Porque ursinha, isso aqui foi só o começo. E agora que comecei, não vou conseguir trabalhar com seu cheiro impregnado em mim. Ficarei de pau duro o resto do dia e isso não é legal.

Ela ri.

— Temos muito trabalho Alexandre. Lembra que combinamos de ver a obra do orfanato de perto?

— Sim. Mas podemos fazer isso amanhã de manhã, antes de vir para cá. O que acha?

— Vai me levar para dormir na sua casa hoje?

— Vou. Não vou dormir sem você hoje.

— Eu tenho prova. Não posso faltar – ela diz colocando o sutiã.

— Eu te levo na faculdade e te busco.

Ela o olha.

— Combinado chefinho. Antes da aula e após a aula, serei sua para fazer o que quiser – ela o provoca.

— Ahhhh, não tenho dúvidas quanto a isso – ele ri e a beija. — Espere que vou pegar papel para limpá-la – ele a beija, levanta as calças e caminha até o banheiro.

Quando volta, ele se posiciona em sua frente e diz:

— Abra as pernas pro seu chefe, safada! – ele brinca fazendo-a rir.

Ele a limpa.

— Você está tomando os remédios direitinho, não é?

— Estou, por quê? – ela pergunta curiosa.

— Por nada. É que nunca a vi tomar.

— Nem irá ver. Tomo injeções uma vez por mês – ela diz confundindo-o.

— Mas isso é seguro né?

A cara de espanto de Alexandre faz Leila rir.

— É sim. Fica tranquilo e confie na sua ursinha aqui – ela o puxa para si e o beija.

— Eu confio.

Ele retribui o beijo.

— Agora me responda uma coisa, Keller... O que a Pamela veio fazer aqui?

Ele a olha e diz:

— Negócios.

— Que tipo de negócios tem com aquela mulher? Ela está te processando – ela se irrita.

— Calma docinho, ela veio aqui negociar minha liberdade.

— Como assim?

— Ela irá retirar o processo contra mim.

— A troco de quê?

— Vou pagar a ela a indenização que ela deveria ter recebido quando meu pai a demitiu. Só isso.

— Estranho. E a advogada dela? Sua ex? Sabe disso?

— Não. E não me importo. Quero que ela se foda.

— Ela vai ficar uma fera e vai vir atrás de você, Alexandre.

— Que venha. Boto a vadia pra correr.

— Não quero você com ela.

— Tá legal. Não vamos falar disso justo nesse momento. Agora vamos pra casa.

— Vamos para casa – Leila diz, mas seu radar intuitivo diz que vem chumbo grosso por aí.

## Capítulo 35

... dias depois...

Tudo está completamente perfeito para os casais.

Thiago e Melinda cada vez mais apaixonados e com suas brincadeiras malucas e pervertidas.

Sophia tira férias antecipada e viaja para Barcelona com Denis, para acompanhá-lo nos jogos.

Alexandre e Leila, mesmo com todas as brigas bobas e o ciúme exagerado que um sente do outro, vivem num mar de rosas.

Com a construção do orfanato em andamento, Leila e Alexandre passam mais tempo na obra fiscalizando de perto alguns detalhes. Como o orfanato era bem próximo dali, Leila sempre pedia para ir até lá para ver as crianças, em especial, a bebê Isabella.

— Vamos dar uma passadinha no orfanato? – Leila pergunta ao entrar no carro.

Alexandre a olha e solta um suspiro longo.

— Outra vez Leila? Você me pede isso todas as vezes. Acho que está se apegando muito a Belinha. Eu sei que você adora aquela menina, mas isso é ruim pra ela também.

— Ela não tem mais crianças na idade dela para brincar, sabia? Todos os outros bebês foram adotados, menos ela.

— Eu sei. Você sabe que seria assim, a senhora do orfanato te explicou, lembra?

— Não consigo acreditar que as pessoas fazem distinção dessa forma. É muito preconceito. Ela é uma menina linda e incrível. Só precisa de amor. E é isso que dou a ela quando vou lá – Leila diz arrasada.

— Ursinha, eu compreendo perfeitamente. Mas você já reparou nela todas as vezes em que você chega para vê-la?

— Ela tem quase onze meses. Onze. Já faz mais de três meses que estamos nesse projeto. Várias crianças foram adotadas, menos ela. Ela só precisa de uma família. Enquanto ninguém a adota eu vou lá apenas para que ela se sinta amada.

— Não é apenas isso e você sabe. Você mima aquela menina, leva presentes... Fora aquele final de semana que você insistiu para levá-la ao zoológico.

— E o que de mal tem nisso?

Ela olha para ele irritada.

— Não quero que fique triste quando ela arrumar uma família, Leila.

— Não vou ficar. Meu Deus! Jamais ficaria triste por ela conseguir uma família.

— Não disse nesse sentido. Quer saber? Esquece. Eu te deixo lá, mas não vou poder ficar. Fiquei de encontrar o Thiago na casa do Léo. Vamos beber um pouco e jogar.

— Tudo bem.

Alexandre dirige até o orfanato e ao deixar Leila, diz:



— Não sei se consigo vir. Me liga quando quiser ir embora. Se já tiver terminado lá eu venho buscá-la, senão, pegue um táxi e vá pra casa.

— Sim, chefinho – ela ri e o beija.

Alexandre está realmente ficando preocupado com as visitas diárias de Leila ao orfanato. Ele teme por ela se apegar demais a menina e acabar ficando deprimida no dia em que chegar a vez de Belinha ser adotada por uma família.

Há cinco dias, Belinha havia ficado doente e Leila fez questão de ajudar a cuidadora até que ela ficasse bem. A menina foi diagnosticada com princípio de pneumonia e Leila quase surtou quando soube que estava internada no hospital. Felizmente, a menina ficou apenas dois dias. Recebeu alta e voltou para o orfanato.

No caminho para a casa de Léo, uma ideia insana lhe passa pela cabeça. Só a ideia o faz rir. Estranhamente, ele fica confortável com a possibilidade de sua ideia dar certo. Ele só precisa de um pouco mais de tempo.

\*\*\*

Léo termina seu banho tranquilamente.

Depois de um tempo, ele fecha o chuveiro e enrola a toalha branca nos quadris. Era de costume não se secar. Sempre saía do banho completamente molhado.

Caminha pelo quarto a procura de uma roupa confortável. Ele, Alexandre e Thiago haviam marcado de ir ao shopping para almoçarem juntos e comprar o presente de aniversário para Melinda.

A campainha toca.

Léo coloca a roupa rapidamente e sai em disparada para abrir a porta.

Ao abrir, toma um susto ao ver Jaqueline e Leozinho a sua frente.

— Jaque?

— Desculpa Leonardo. Posso entrar?

— Hmm. Claro!

Ela entra de mãos dadas com o Leozinho de mochilinha nas costas.

Ele a beija.

— O que aconteceu?

— Eu fico envergonhada em ter que te pedir isso, mas a Nice teve um problema e não pode vir para cuidar do Leozinho esse final de semana.

— Sei.

— Será que teria como deixá-lo com você? Não tenho como levá-lo comigo. Não consegui passagem para ele de última hora.

Léo olha aterrorizado para o garoto. Apesar de ter criado um sentimento mais forte por Leozinho, ele ainda sim era um pestinha e sempre pega no pé de Léo com suas manhas. Na última quarta-feira que o levou para a fonoaudióloga, ele aprontou horrores.

— Cla-claro – ele diz sem saber para onde correr.

— Me desculpa mesmo. Mas não posso deixar de assinar os papéis da venda da casa lá do sul.

— Pode ir tranquila. Eu cuido dele.

— Eu volto amanhã à noite – ela diz abraçando seu filho e deposita um beijo casto em sua testa. — Fica bonzinho com o titio Léo.

O garoto assente.

— Tchau. Obrigada por me fazer esse favor – ela se aproxima de Léo e o beija. — Tem fraldas e a mamadeira dele dentro da mochila. A lata de leite também.

— Pode deixar que não vou matá-lo de fome. De fome não.

Jaque ri.

— Qualquer coisa é só me ligar.

— Tá. Ah, espere! Leva uma chave já que irá chegar à noite. Vai que eu esteja dormindo, sei lá.

— Obrigada – ela diz pegando as chaves da mão dele e o beija.

Léo fica no batente da porta observando Jaqueline entrar no táxi e ir embora acenando para ele com a mão.

Ele suspira fundo de olhos fechados e sussurra:

— Tô lascado!

Ele fecha a porta e olha para o relógio pendurado na parede da sala: uma e meia da tarde.

Leozinho se senta no sofá e retira a mochila das costas. No bolsinho de fora, ele tira a sua chupeta e coloca na boca.

Léo olha feio para ele.

— Achei que só chupasse chupeta ao dormir.

— É.

— E por que está com ela agora?

— Porque eu *quelo*.

— Não é *quelo*, e sim, quero. Fala direito garoto senão terei que falar pra tia Sizélia.

— Não – ele emburra.

— Já almoçou?

— Uhum.

— Eu vou terminar de me arrumar. Fica quieto e não mexa em nada. Aqui está o controle da televisão.

Leozinho olha para ele e pega o controle de suas mãos.

Léo vai para o quarto terminar de se arrumar.

A campainha toca mais uma vez.

Leozinho se levanta e corre para abrir a porta.

Ao abrir, Alexandre e Thiago olham para ele curiosos e confusos.

— Oi. – ele diz para os dois.

Alexandre e Thiago entram calados.

Ao perceber a ausência de Léo na sala, Alexandre pergunta:

— Cadê o Léo?

— Tá lá dento – o menino olha para Thiago que se serve de uma bebida no bar.

— O tio Léo disse que não pode mexer em nada.

— Ah é? Decerto deve ter sido pra você – ele ri, mas o menino ainda o encara.

— E aí? Chegaram cedo – Léo aparece estampando um sorriso no rosto.

— Não sabia que a Jaqueline iria conosco. Onde ela está?

— Ah, ela não vai. Acabou de ir viajar.

— Como? Mas e o fi...

— Vou ficar com ele até amanhã à noite.

Thiago gargalha.

— Que porra é essa? Virou babá nas horas vagas? Chefe de família? – Thiago ri.

— Ela vendeu a casa lá no sul e está indo para assinar os papéis. Me pediu para cuidar dele então...

— Mas você disse que o menino era uma peste! – Alexandre se espanta.

— E ele ainda é – Léo sussurra. — Mas eu sei domar o garoto. Vamos nessa.

No carro, Leozinho corre para o banco da frente.

— Você vai atrás – Léo diz e o segura pela mão guiando-o até banco traseiro.

— Vou na frente.

— Atrás Leozinho.

O menino emburra e não o obedece.

Eles saem para o shopping cada um em seu carro.

Em todo o trajeto, Leozinho deixa Léo furioso ao mexer no som. Os dois brigam feito crianças. Ao chegarem ao shopping, ele pega Leozinho pela mão e caminha com o menino até Alexandre e Thiago que já o espera em frente à porta de vidro da saída do estacionamento.

— Tô gostando de ver. Treinamento para papai – Ale ri.

— Vá se foder – Léo diz irritado.

Os quatro entram e andam tranquilamente pelo shopping entrando e saindo de algumas lojas. Eles conversam sobre seus relacionamentos e riem uns dos outros.

— E você Léo, quando irá admitir que está de quatro pela Jaque? – Thiago pergunta curioso. Era nítido o interesse de Léo por Jaqueline. Mas ele insistia que eram apenas amigos, assim como Jaque sugeriu que fossem logo no começo.

— Estamos apenas ficando. Nada sério - Léo resmunga.

Em sua voz, uma pitada de insatisfação.

— Já disse a ela que a ama? - Alexandre pergunta.

— Não e nem vou. Sabe que não a amo. E também jamais engataria um relacionamento com uma mulher. Sabe bem do que eu gosto.

— Sabemos. Sabemos que desde que ficou com ela, não procurou por nenhuma outra mulher. Coisa que você fazia diariamente. Chegava a ter duas ou três na mesma noite, não? – Alexandre o questiona. — Assume que perdeu a cabeça e a pede logo em namoro. Ela também gosta de você.

— Não. Está ótimo assim do jeito que está.

— Vamos lá naquela outra loja? – Thiago aponta para a loja de calçados. Melinda tinha pedido a ele para que lhe comprasse uma sandália vermelha. E claro, Thiago ficou pensando em mil e uma formas de ela fazê-lo sofrer debaixo de seus saltos agulha.

— Onde está o menino? – Alexandre olha em volta e não vê Leozinho.

Léo fica branco ao perceber que o garoto saiu de seu lado e sumiu.

— Ele estava aqui até agora – diz assustado olhando para todos os lados tentando encontrá-lo pela multidão.

— Vamos nos separar. Fica mais fácil para encontrá-lo – Thiago dá a ideia.

— Certo. Quem encontrar é só ligar avisando – Léo diz e parte a procura do garoto atentado.

Após alguns minutos de desespero entrando e saindo das lojas como louco, Léo avista de longe o garoto dentro de uma loja de brinquedos. Ele corre até lá e chega no momento em que o garoto está levando uma bronca do segurança da loja.

— Você só vai sair daqui depois que seu pai chegar moleque – o homem falava alto com Leozinho.

— O que está acontecendo aqui? – Léo pergunta furioso pelo modo com que o homem falava com o menino.

— Você é o que desse menino? – o homem de terno preto, aparentemente já sem paciência, pergunta olhando fixo para Léo.

— Sou o pai dele. Da próxima vez que gritar com meu filho faço uma reclamação para seu gerente.

Léo se irrita pegando o garoto. Só então, percebe que o menino está grudado em suas pernas, com o rostinho cheio de lágrimas.

— Esse menino derrubou quase todos os brinquedos das prateleiras. Estava correndo pelos corredores fazendo bagunça e violando as embalagens. Deveria educar melhor seu filho.

Léo engole em seco só para não começar uma discussão.

Com Leozinho no colo, ele dá as costas para o segurança e sai da loja.

— Você vai brigar comigo também? – pergunta tristinho partindo o coração de Léo.

— Não. Mas terá que me obedecer. Não pode sumir assim e nem entrar nos lugares fazendo bagunça.

— Eu vou obedecer – Leozinho diz.

— Olha só... Falou “obedecer e brigar” certinho – Léo ri orgulhoso. — Esse é meu garoto! – ele diz e Leozinho ri todo contente dando um abraço apertado em Léo.

Ele liga para os amigos e avisa que o encontrou. Após se encontrarem na praça de alimentação e almoçarem juntos, continuam suas compras tranquilos e se divertem com as maluquices de Leozinho.

Já em casa, Léo enche a banheira para dar um banho no garoto e arruma a roupinha dele.

— Quero minha mamadeira – Leozinho diz sem roupa esperando a banheira encher.

— Tu não é macho? Assim como eu?

Leozinho assente.

— Então vamos fazer um acordo. O que você quer ganhar de presente?

Leozinho parece confuso.

— Diga!

— Um boneco do Batman – ele diz animado.

— Então, vamos fazer uma troca. Amanhã vamos voltar no shopping e comprar o boneco gigante do Batman.

— Eeeeeeeeeeee! – ele bate as mãozinhas animado.

— Masssss... Você terá que jogar fora sua chupeta e a mamadeira. Que tal?

Ele olha para Léo pensando nas vantagens.

— Como vou dormir sem a chupeta?

— Eu durmo sem chupeta.



— Você é grande.

— Eu sou macho. E você também é.

— Eu sou também.

— Então. Só bebes usam chupetas e mamadeiras. Você já é um garotão.

Léo fecha a torneira.

— Entra aqui. A água está morninha.

Ele ajuda o garoto a entrar na banheira.

— Você toma banho sozinho?

— Não. A mamãe que me dá banho.

— Hum.

Léo retira a camisa e ajuda o garoto a tomar banho.

Leozinho brinca com as espumas da banheira jogando em Léo, fazendo-o rir. Eles ficam ali, se divertem, riem e dizem um monte de baboseiras.

No final, Léo seca o garoto e começa a colocar a roupa no menino.

— Tem a minha flalda – ele ri.

— Fralda – Léo o corrige. — E não vamos usá-la também. Chega disso. Vai fazer os dois números no vaso.

— O que é dois números?

— Número um é o xixi. E, o número dois, cocô.

Leozinho ergue as sobrancelhas e ri.

— Não é não. Número um é assim olha – ele levanta um dedinho para mostrar a Léo. — E o número dois, assim – ele ergue mais um dedo.

Léo gargalha.

— Certo. Então quando quiser fazer xixi, é só vir aqui, levantar a tampa do vaso e fazer xixi. E o cocô a mesma coisa.

— Não vou conseguir.

O menino parece confuso.

— Eu vou fazer xixi nas calças.

— Não vai não.

— Vou.

— Não vai. Vamos testar. Se fizer xixi nas calças eu devolvo sua fralda.

— Tá bom.

Léo ri todo orgulhoso.

— Tem que passar talquinho *ni mim*. Mamãe sempre passa.

— Em mim... Passar em mim e não "ni mim". E eu não tenho talco aqui. Pode ser perfume? Meu perfume é cheiroso e atrai a mulherada – ele ri com a careta de Leozinho.

— Não quero passar não – ele ri.

— Então tá. Vamos pra sala assistir um filme e comer pipoca.

— Filme de desenho?

— Nãooooo! Vamos assistir Os Vingadores. Gosta do Hulk, Homem de ferro, Capitão América? Eu adoro o Hulk.

— Gosto.

— Então vamos.

Léo caminha até o quarto para pegar um cobertor e caminha com dois travesseiros debaixo do braço.

Ele joga em Leozinho e o menino ri.

— Aqui. Segura o cobertor que vou fazer nossa pipoca. Vai colocando o filme – Léo pega a caixinha com o disco de DVD e dá na mão do Leozinho.

— Eu não sei colocar – o menino olha para ele com os olhinhos azuis arregalados. — Eu faço a pipoca.

Léo ri.

— Tá louco moleque. Desde quando sabe fazer pipoca?

— A mamãe deixou eu fazer um dia no *micondas*.

— Micro-ondas – ele ri. — Então vamos lá. Vamos ver se você sabe fazer pipoca mesmo.

Leozinho pula do sofá e corre até Léo. Ele caminha ao seu lado até chegar à cozinha.

Léo abre a porta do armário, retira o pacote de pipoca e entrega a ele.

Leozinho ri e pega o pacote todo animado.

Ele rasga o pacote, tira o saco de pipoca, pega uma cadeira e coloca perto do micro-ondas. O garoto sobe na cadeira, abre a porta do micro-ondas e coloca o saquinho lá dentro. Ele fecha a porta e no painel procura pelo saquinho de pipoca.

Depois de algum tempo procurando ele fala:

— Esse micondas não faz pipoca – ele balança a cabeça em negativa.

— Faz sim – Léo ri de longe, só observando o garoto.

— Mas esse não tem o saquinho de pipoca igual o da mamãe.

— Ahhhh! - Léo gargalha.

Ele vai até o menino e diz:

— O meu é diferente. Vou te ensinar, olha. Só apertar esse botão escrito PIPOCA. Botão azul.

— Deixa. Eu aperto – Leozinho se adianta apertando o botão.

— Isso.

Quando começa a funcionar, Leozinho ri todo feliz.

Os dois passam a noite toda assistindo filme e comendo pipoca. Quando o filme termina, Leozinho diz:

— Quero fazer xixi.

— Vai lá no banheiro.

— Eu tenho medo.

— Medo do quê?

— Não alcanço a luz.

— Tá. Vamos lá.

Leozinho pega nas mãos de Léo e caminha se contorcendo até o banheiro.

Ele levanta a tampa do vaso como Léo o ensinou e abaixa sua bermuda. Quando vai se sentar, Léo o assusta.

— Não, não, não. Homem não senta pra fazer xixi.

Leozinho olha para ele como se tivesse nascido chifres em sua cabeça.

— Vai Leozinho!

— Eu não sei.

Léo posiciona o menino de frente para o vaso e diz:

— Agora segura esse pipi aí e mira bem lá dentro.

— A mamãe não vai gostar. Ela não faz xixi em pé.

Léo suspira.

— A mamãe não está aqui. E mulheres fazem xixi sentada. Homens fazem em pé.

Leozinho segura sua camiseta com uma mãozinha e tenta fazer como Léo o ensinou.

Ele ri quando consegue. Mas, no final, com a empolgação, acaba mirando fora e sujando a borda do vaso.

Léo ri.

— Não foi tão mal. Bate aqui garoto – ele levanta a mão para ele bater. — Agora lava as mãozinhas.

Os dois saem do banheiro e voltam para sala.

— Está com fome?

— Não. Quero só meu leite, mas você jogou minha mamadeira fora.

— Hum... Eu também quero leite. Vamos tomar leite juntos no copo. Que tal?

— Copo de vidro de gente grande?

— É.

— A mamãe não vai gostar.

— Ah, vai sim. Quer apostar?

— Não. Quero só meu leite agora.

Enquanto Léo prepara os copos de leite, o telefone toca.

Leozinho atende.

— Alô – ele fala.

— Filho? Onde está o Léo?

— Mamãe.

— Tudo bem meu amor?

— Tudo. O papai está fazendo meu leite agora.

Jaqueline fica muda.

— Ele bigou com o homem no shopping, me ensinou a fazer xixi igual homem e jogou fora minha chupeta e minha mamadeira. Vamos beber leite no copo de gente grande. Não conta pra ele que eu contei tá bom?

— Tá. Chama o titio Léo pra mamãe.

— Agora não podemos falar mamãe. Vamos assistir outro filme. Liga mais tarde tá bom? Beijo – ele desliga e o telefone fica fora do gancho deixando Jaqueline estupefata.

Ela liga no celular de Léo.

Caixa postal.

— E aí garotão. Aperta o play no filme – Léo diz ao entrar na sala e entrega a Leozinho um copo com leite.

O menino fica todo contente.

— Titio Léo. Você vai ser meu papai agora?

Léo quase engasga com o leite.

— Hum, por quê?

— Você disse para o homem do shopping – ele faz uma carinha fofa.

Leo dá um sorriso.

— Você já tem um pai, Leozinho.

— Mas eu gosto mais de você.

— A é? Por quê?

— Meu outro pai bate na mamãe e *ni mim*. Ele só grita com a gente. Ele é mau.

Léo fica com o coração apertado. Olha para o garoto e diz com sinceridade:

— Eu não posso ser seu pai porque você já tem um. Mas eu posso ser o seu segundo pai e melhor amigo. Que tal?

— Eu gosto de você agora – o menino ri deixando Léo com lágrimas nos olhos.

— Eu também seu pestinha. Mas me prometa que nunca mais vai chutar minha canela.

O menino balança a cabeça em negativa.

— Só de vez em quando, pode?

— Não! – Léo ri. — Moleque atentado.

Os dois riem.

As horas passam e Leozinho acaba cochilando no sofá.

Léo o pega no colo e o leva para o quarto de hóspedes.

Quando está cobrindo o garoto, ele abre os olhinhos.

— Aonde você vai?

— Vou para meu quarto dormir.

— Não quero ficar sozinho. Pode dormir aqui comigo?

Léo pensa em dizer não, mas seu coração não aguenta o olhar solitário e triste do garoto.

— Tá.

Ele se joga ao lado de Leozinho. O menino o abraça e dá um beijo em sua bochecha.

— Boa noite – ele diz.

— Boa noite.

Léo apaga a luz e dorme abraçado com o garoto.

Inacreditavelmente, Léo se sente mais confortável do que esperava.

Uma criança não era tão ruim assim.

Agora ele sabe disso.

O dia já está claro.

Jaque abre a porta da sala em silêncio, e entra.

Já se passava das nove da manhã.

Ela caminha pela casa e nada dos meninos.

Silenciosamente, ela entra no quarto de Léo.

Nada.

Nem sinal deles.

Ela decide ir até o outro quarto.

Quando abre a porta, quase enfarta ao ver os dois dormindo abraçados.

Ela leva a mão até o peito e sorri.

Seu coração fica apertado e as lágrimas escorrem pelo seu rosto.

Ela estava tentando desesperadamente não amá-lo. Mas a cada dia que passava ao lado de Léo, era impossível sufocar esse sentimento que crescia dentro dela. Ela estava completamente apaixonada e isso a deixava com medo.

Ela se aproxima da cama e se senta ao lado de Léo.



— Léo – ela o chama tocando em seus braços. — Léo acorda!  
Léo acorda assustado.

— O que foi? – pergunta com a voz rouca e os olhos ainda fechados.

— Eu já cheguei.

Léo se espreguiça na cama e a puxa para seus braços.

— Bom dia – ele diz sorrindo.

— Bom dia!

— Ele ainda está dormindo feito um anjo – Léo diz olhando para o garoto. — O que faz aqui tão cedo? Não viria só à noite?

— Sim. Liguei ontem para te avisar mais o Leozinho atendeu e não me passou a ligação.

— Sério? Que horas foi isso?

— Ele disse que estava fazendo o leite dele e que havia jogado a chupeta e a mamadeira dele no lixo – ela ri.

— Garoto fofoqueiro – ele ri. — Vou fazer um café para nós – ele diz levantando da cama. — Por que não toma um banho enquanto isso? Deve estar cansada.

— Um pouco. Acho que vou aceitar tomar um banho mesmo.

— Vai. Te espero pra tomar café.

Jaque entra no banho e minutos depois, Leozinho acorda.

Ele corre até a sala e depois até a cozinha a procura de Léo.

— E aí garotão. Já acordou?

— Quero fazer cocô. Minha barriga tá doendo – ele diz com as mãos na barriguinha.

— Corre lá e faz como ensinei.

— Homens fazem cocô em pé ou sentado?

Léo ri.

— Sentado.

Leozinho corre para o banheiro.

Depois de um tempo ele grita:

— Acabei! Vem limpar meu bumbum.

Léo vai até ele.

Ao entrar, tapa o nariz e diz:

— Menino que cocô edido é esse?

Os dois riem.

— Não tem papel.

— Vou buscar, espere!

Logo depois, Léo aparece.

— Passa esse papel no bumbum até o papel sair limpinho.

— Limpa pra mim.

— Ah garoto. Assim você enfraquece a amizade – ele ri. —  
Limpa aí. Você é inteligente e vai conseguir.

Leozinho tenta fazer como ele ensina.

— Pronto.

— Agora aperta a descarga. Isso! Bom garoto.

O menino pula no colo dele.

Léo caminha até a sala com ele pendurado em seu pescoço.

— Vai escovar os dentes pra tomar café. Sua mãe já chegou.

— Ah não.

Ele fica decepcionado.

— O que foi?

Jaqueline aparece na sala.

— Filho! Vem dar um abraço na mamãe.

— Não! Não vou embora. Quero morar aqui na casa do meu segundo pai – Leozinho diz e deixa Jaque pasma e morta de vergonha.

Léo ri.

— Leozinho!

— O titio Léo disse que é meu segundo pai. Ele não pode ser o primeiro – ele diz tristinho.

— Meu querido, o titio Léo tem coisas pra fazer e vai trabalhar também.

— Não – ele choraminga.

— Vai tomar seu café meu amor. Depois nós dois vamos para casa.

— Não posso. Ele vai comprar o Batman pra mim hoje.

Jaqueline olha para Léo e ele dá de ombros.

— À noite podemos ir ao shopping. Que tal? – Léo propõe.

— Tá bom – o garoto se dá por vencido.

Após tomarem café, Jacqueline se despede.

— Obrigada por ter ficado com ele.

— Imagine. Sempre que precisar estarei aqui. Não quer mesmo que eu leve vocês?

— Não. Já chamei um táxi.

Leozinho o abraça apertado e dá um beijo nele.

— Tchau. Promete que vai à noite me buscar pra ir comprar o Batman?

— Prometo.

Os dois vão embora e Léo fica pensativo jogado no sofá.

O silêncio já estava deixando-o incomodado.

A campainha toca.

— Ué será que eles esqueceram de alguma coisa?

Ele se levanta e caminha até a porta.

Assim que a abre, é surpreendido por uma loira que se joga em seus braços e o beija desesperadamente.

Ele mal consegue processar a situação.

Ao se afastar, sussurra confuso.

— Bruna? O que faz aqui?

— Eu acabei de fazer vinte e um anos... O que te lembra isso, priminho?

Léo fica atordoado, confuso e pálido.

Ele literalmente estava diante de sua prima maluca que desde pequena fora apaixonada por ele. Ao seu lado, uma enorme mala pink de rodinhas.

— Tô fodido! – ele sussurra sem reação.

## Capítulo 36

Léo olha ainda sem acreditar para sua prima, arrastando a mala pink de rodinhas pela sua sala. Ele abre a boca para falar algo, mas as ideias lhe fogem da cabeça.

— Nossa! Estou morta primo. Morta e com fome – ela se joga no sofá.

Léo sai do estado catatônico e fecha a porta.

— Quando você chegou de Portugal?

— Agora – ela faz uma careta.

— E o que faz aqui, em minha casa?

— Nossa primo. Isso é jeito de receber sua priminha querida? Espero que sua idade avançada não tenha afetado sua mente e esteja sofrendo de Alzheimer – ela ri.

— É sério Bruna. O que faz aqui? – ele pergunta sem paciência.

Bruna se levanta do sofá e caminha até ele com seus tênis All Star colorido nas mãos. Ela dá um selinho em sua boca e enlaça seus braços em torno de seu pescoço.

— Vim morar com você.

Léo se afasta abruptamente como se tivesse levado um choque.

— Nem fodendo – ele rosna.

— Você prometeu!

— Isso faz mais de quatro anos Bruna. Meu Deus! Você poderia ter me ligado.

— Pra quê?

— Eu poderia estar com alguém, sabia?

Ela gargalha.

— Você? – ela zomba se afastando dele. — Até parece que você, priminho, galinha do jeito que sempre foi, iria estar amarrado em alguém. Não me faça rir a essa hora da manhã vai.

— Sabe que não pode ficar aqui.

— Você prometeu Léo! Olha, acabei de chegar e não tenho pra onde ir.

— Aqui você não fica. Eu sou homem e não pega bem você morando comigo.

Ela gargalha.

— Fica frio primo. Não vou dar em cima de você. Aliás, está muito velho pra mim, quase um tio.

Ele fica furioso.

— Você que é nova demais. Vamos fazer o seguinte. Você fica essa noite. Amanhã você caça outro lugar para se encostar. Combinado?

— Ai como você é chato! Ainda bem que já superei minha paixão platônica por você – ela faz uma careta engraçada. — Mas ainda beija bem – ela ri descaradamente.

— Eu devo ter jogado pedra na cruz – ele bufa.

— Pedra eu não digo, mas não ficaria surpresa se Deus te castigasse por tudo que apronta por aí. Por cada coração que você

estilhaçou. Inclusive o meu – ela faz beicinho.

— Você dorme no quarto de hóspedes. Não quero que entre em meu quarto.

— Tudo bem!

— Vou malhar. Fique à vontade, mas lembre-se que a casa é minha e não sua – ele a adverte e sai deixando-a sozinha rindo feito louca.

Para passar o estresse, Léo vai até o salão que montou no quintal de sua casa. Uma academia particular. Nunca ficava sem malhar. Todo santo dia ele tinha que puxar os pesos, correr e socar o enorme saco vermelho para se manter em forma.

Quando termina sua série de exercícios, ele caminha até o frigobar e abre uma garrafinha de água.

Ele bebe.

No seu bolso, pega o celular e liga para Alexandre.

— Keller – ele atende.

— Fala cara!

— Léo? E aí? O que rola nesse domingo? Ainda com o garoto?

— Nada. A Jaque voltou mais cedo.

— Vem pra cá. A Leila está fazendo o almoço. Estamos esperando o Thiago e a Melinda.

— Sem chance. Inclusive estou ligando pra te dizer que tô fodido.

— Ué, por quê?

— Minha prima. Não sei se ainda lembra da Bruna.

— A sua prima maluca que vivia te agarrando?

— Ela mesma. Apareceu de mala e tudo aqui em casa. Disse que vai morar comigo.

Alexandre gargalha.

— Não ri não cara. Tô fodido. Se a Jaque descobrir... Não sei o que fazer – ele diz desesperado.

— Não faça nada.

— Como nada?

— Léo, você mesmo disse que não tem nada com a Jaque e vice versa. Ela não pode te cobrar nada. Então, você também não.

— Não é bem assim.

— Claro que é. Estão apenas ficando.

— É diferente...

— Como diferente, Léo? A não ser que realmente se importe.

— Mas é claro que me importo porra. Eu estou aqui desesperado pra que ela vá o mais rápido possível e tu aí de brincadeira?

— Conta pra Jaque. Ela é sua prima.

— As mulheres odeiam e se sentem ameaçadas com esse tipo de coisa. Ela vai me odiar.

— Melhor ser honesto.

— Rá, rá, rá... Falou o cara que está mentindo há meses pra namorada.

— Meu caso é diferente – Alexandre diz entredentes.

— Não é não. Mentira é mentira. Já te falei, não quer contar pra ela, se livra das provas. Manda logo aquele cara desfazer a merda que você fez no computador dela. Vai dar rolo aquilo.



— Eu sei me cuidar. Agora tenho que desligar. Leila está aqui me olhando feio – ele ri.

— Falou!

Léo desliga.

Ele suspira fundo e resolve manter a calma. Afinal, amanhã mesmo ele já enxotaria a coitada para longe.

No final da noite, Bruna insiste para que ele a leve para um barzinho. Ela queria conhecer a noite de Sampa. Léo muito a contragosto resolve ceder.

Os dois saem para curtir.

Talvez ele, nem tanto.

\*\*\*

O dia amanhece e Léo se levanta para trabalhar.

Ele aproveita que Bruna ainda dorme e entra no banheiro para tomar seu banho.

Após alguns minutos, a campainha toca insistentemente despertando Bruna.

Ela se levanta da cama vestida apenas com sua lingerie minúscula, preta e pink e corre para abrir a porta ainda sonolenta e com cabelos desgrenhados.

— Saco! Não se pode dormir nessa casa?

Ela abre a porta.

À sua frente, ela encara Jaqueline que a olha com surpresa e horror.

— Você é quem? – Bruna pergunta encarando-a confusa.

Jaque parece não acreditar no que vê.

— Onde está o Léo? – Jaque passa por ela como um relâmpago.

— Ei! Não pode sair entrando na casa dos outros assim não.

Jaque não houve mais nada. Sua raiva é tanta que a impede de ouvir qualquer coisa ao seu redor.

Ela irrompe o quarto de Léo com fúria e as coisas só pioram quando ela o pega pelado colocando sua cueca.

— Jaqueline? – ele sussurra espantado. — O que f... – ele não consegue terminar de falar. O choque das mãos dela em seu rosto o deixa paralisado.

— Eu sabia que você era um galinha. Um safado miserável – ela grita.

— Jaque não é nada disso que está pensando eu posso expli...

— EU NÃO QUERO OUVIR SUAS MENTIRAS! – ela grita furiosa.  
— Tudo bem. Tudo bem você brincar comigo desse jeito Léo. Eu sabia exatamente o tipo de homem que você era – ela diz lutando para que as lágrimas não caíssem.

— Jaque espere! Vamos conversar eu...

— Sabe o que mais me dói Léo? Se não queria, era só ter dito. Somos adultos e eu iria entender. Mas você mexeu com meu filho. Não sei que diabos disse a ele. O menino te esperou a noite inteira. A noite inteira Léo. Chorando pelos cantos e triste porque você não foi vê-lo como prometeu. Maldita hora que deixei você se aproximar dele.

— Merda Jaque. Eu me esqueci, me desculpe – ele lamenta.

— Claro que esqueceu. Estava trepando com essa vagabunda magricela – ela grita.

— Opa! Não sou vagabunda não! – Bruna se mete no meio da briga.

— Saia daqui Bruna. Vá, saia do meu quarto! – ele perde a paciência.

— Jaqueline, ela é minha prima e não aconteceu nada entre nós eu juro – ele tenta se explicar. — Ela chegou sem avisar e ...

— Não importa. Realmente isso não importa Léo. Não éramos nada um do outro. Mas não vou te perdoar por ter feito isso com meu filho – Jaque dá as costas para ele e vai embora.

Léo não a segue.

Estava paralisado em seu lugar, confuso e totalmente perdido.

A realidade começa a atingi-lo e então ele percebe: Ela havia terminado com ele. Mas como terminar algo que sequer começou? – ele pensa.

— Ela não pode me deixar desse jeito. Não mesmo – ele resmunga num desespero incontrolável e corre até ela gritando como um louco.

— Jaque! Jaque!

Foi apenas o tempo de vê-la bater a porta do táxi e ir embora o deixando ali, sozinho e desesperado.

Foi a primeira vez que aquilo realmente machucou seu coração.

O aperto no peito e o nó na garganta o fazem chorar em desespero.

— Merda! Droga, mas que porra! – ele pragueja aos quatro ventos.

No mesmo instante, um enorme vazio toma conta do seu coração e percebe que está completamente apaixonado. Ele consegue visualizar ao fechar os olhos, a carinha triste de Leozinho esperando por ele. Isso só o deixa pior e seu coração em frangalhos.

\*\*\*

Jaque chega ao escritório depois de algum tempo. Ainda está cedo e não havia muitos funcionários. Ela pega a planta da obra e sai.

Alexandre e Leila chegam juntos.

Eles conversam dentro da sala e tomam café.

Léo entra logo após, desesperado.

— Você viu a Jaque?

Alexandre o olha e percebe os olhos vermelhos do amigo.

— Não. Aconteceu alguma coisa?

Léo encosta-se à parede visivelmente abalado.

— Leila, pode nos dar licença um minuto?

— Claro meu amor. – ela diz e lhe dá um beijo.

Assim que ela sai Léo tranca a porta.

Ele olha para Alexandre e chora.

— Eu fodi com tudo. Eu sabia que isso iria dar merda – diz desnortado.

— O que foi que aconteceu?

Léo exasperado anda de um lado para outro passando as mãos nos cabelos.

— Ela foi em casa hoje de manhã e pegou a minha prima sem roupa.

— Merda! – Alexandre pragueja.

— Ela tirou as próprias conclusões e nem me deixou explicar – ele diz com raiva.

— Mulheres são fudas! O que sua prima foi fazer na sua casa de mala e tudo? Não me diga que você não perdoou nem sua prima Léo. Isso é safadeza demais – Alexandre diz pasmo.

— Tá louco? Eu estava na festa da minha avó há uns quatro anos atrás e ela sempre quis vir para o Brasil. Ficou me pentelhando, a fedelha. Então para me livrar dela, disse que quando ela fizesse vinte e um anos, ela poderia vir morar comigo. Mas não imaginei que ela fosse lembrar.

— Você falou isso para uma mulher, Léo. Como queria que ela não lembrasse? Mulheres tem memória de elefante.

— A verdade é que Jaque tem razão. Eu sou um merda e acabei pisando na bola com o garoto. Eu esqueci que havia prometido a ele que o levaria para sair. Aí ela vai e me pega ao lado de uma mulher. Ela me disse um monte de coisas. Um monte de coisas que tá aqui doendo até agora – Léo desabafa.

— Procura por ela. Diz que está apaixonado e que foi tudo um mal entendido – ele ri.

— Tá rindo do quê? – Léo se enfurece. — Tá querendo ver a minha desgraça não é? Você e o Thiago ficam torcendo por isso – ele se descontrola.

— Para com isso. Parece um bebe chorão porra. Vai lá e pega a mulher de volta. Não fica aqui se lamentando que não vai adiantar.

— E o que quer que eu faça? Que eu vá até ela me ajoelhe aos seus pés e diga que estou completamente apaixonado? Que a amo? Que os melhores dias da minha vida foram ao lado dela e daquele pestinha? Que só de pensar em perdê-los eu não consigo nem respirar e fico desesperado? – Léo cospe as palavras uma em cima da outra.

Alexandre se levanta e abraça o amigo.

— Viu? Não foi tão difícil. Acabou de admitir pra si mesmo que a ama. Agora faça com que ela saiba e acredite em você. Mostre isso a ela.

— Ela me odeia.

— Ela te ama. Qual reação esperaria dela, se não essa? Isso mostra que ela se importa. Fique feliz por isso. Agora vai atrás dela e conserta essa merda toda ou vai morrer sozinho.

Os dois riem.

— Você é um péssimo psicólogo – Léo brinca.

— É por isso que sou engenheiro.

Os dois riem.

\*\*\*

O resto do dia corre normalmente.

Léo segue os conselhos de Alexandre. Mas antes, ele passa na loja de brinquedos e compra um boneco enorme do Batman para Leozinho.

Assim que sai da loja, ele entra em seu carro e dirige esperançoso até a casa de Jaqueline. Possivelmente a essa hora, ela ainda estaria na obra do viaduto.

Mas ele quebra a cara ao ser atendido por ela assim que toca a campainha.

— O que faz aqui? – ela é ríspida.

— Eu vim conversar com você e trazer isso para o Leozinho – ele ergue a caixa de brinquedo expondo o boneco. A pressa foi tanta de sair da loja que se esqueceu de pedir para embrulhar para presente.

Leozinho aparece na porta com um sorriso enorme.

— Papai! Você veio – ele grita feliz olhando para o boneco.

Léo sorri para o garoto.

— Vá para dentro filho.

— Mamãe eu quero ir pra casa do meu tio pai Léo – o menino diz.

— Eu mandei você entrar – ela grita assustando o garoto.

— Jaque, por favor, não faça isso. Me deixe entrar. Vamos conversar – Léo insiste desesperado.

— Vá à merda e saia da minha casa – ela diz rudemente e fecha a porta na cara de Léo deixando-o arrasado.

Ele fica ali, em pé, esperando que ela se arrependa e o deixe entrar. Do lado de fora ele ouve o choro do menino.

Seu coração parte em mil pedaços.

\*\*\*

No escritório, no final da tarde, Alexandre e Leila vão para casa juntos.

— Estamos saindo mais cedo. Ainda ficaram alguns funcionários. Depois que todos saírem você pode ir também. Não tem necessidade de ficar até tão tarde hoje – ele diz ao segurança.

— Sim senhor.

Eles entram no carro e partem.

Logo que saem, Patrícia estaciona o carro em sua vaga. Ela estava à espreita, esperando apenas que fosse embora para conseguir colocar seu plano em prática.

Ela sai do carro e caminha toda segura de si. Mas é barrada pelo segurança.

— Tenho uma reunião com o senhor Keller – ela diz com o nariz empinado.

— Desculpe. O senhor Keller acabou de sair.

— Qual deles?

— Alexandre.

— Ah, não. Minha reunião é com o George – ela mente.

— Já está no final do expediente não posso deixá-la subir.

— Está certo. Vou ligar para seu chefe e dizer que está impedindo minha passagem. Vamos ver o que ele dirá – ela finge pegando seu celular.

— Está bem, pode subir.

Ela passa por ele sorrindo e entra no elevador.

— Essa foi fácil – ela sussurra tirando o batom vermelho de dentro da bolsa e passa sobre os lábios olhando-se no espelho.

Ao sair, vai direto para a sala de Alexandre.

Ela vasculha tudo.



Estava em busca de mais alguma prova que pudesse incriminá-lo para acabar com seu relacionamento com Leila. Mas a decepção foi grande ao não encontrar nenhum vestígio de outra mulher em seu escritório. Pamela havia lhe contado que ele guardava objetos pessoais das mulheres com quem transava. Mas parece que ele havia mudado. Ou, escolheu outro lugar para esconder os vestígios de suas traições, pois ela acreditava que Alexandre não amava Leila e sim, a ela.

Quando se depara com uma gaveta trancada, ela age rapidamente para encontrar a chave. Não podia arriscar ser pega ali. Em sua bolsa, ela pega um grampo de cabelo e tenta abrir a fechadura. Ela já era craque nesse tipo de coisa. Patrícia não era nenhuma santa.

Assim que consegue, ela se depara com várias pastas. Curiosa, ela olha uma por uma.

— Desgraçado! Andou me espionando esse tempo todo? – Ela sorri com a confirmação. Claro que ela desconfiava. Mas ter a certeza, era muito melhor.

As pastas de Brandon, Fabio e Leila, estavam juntas. Ela reconhece Fábio. Mas a de Brandon, ela fica confusa.

— Hum, gatinho você. Médico, inteligente... Quem é você, garanhão? – sussurra passando as mãos pelas fotos de Brandon. — Aposto que sua querida namoradinha não sabe sobre isso – ela sorri triunfante.

Em sua cabeça, lhe passa uma ideia cruel.

Rapidamente, Patrícia desliza sua calcinha pelas pernas e a coloca na gaveta sobre as pastas. Pamela havia dado a ela, algumas fotos sensuais. As duas haviam combinado de acabar com a felicidade dele. Ele merece, não? – Patrícia sorri tirando as fotos da bolsa e colocando-as dentro da pasta arquivo que continha suas informações.

A maldade está lançada.

Ela liga para Pamela.

— Consegui. O rapaz já conseguiu adulterar a gravação?

— Já sim. Já passei a conversa para o cartão de memória – Pamela responde.

— Ótimo. Te vejo daqui a pouco – e desliga.

— Quero ver você sair dessa, maldito Keller – ela sorri diabolicamente e tenta trancar a gaveta com o mesmo grampo.

Quando consegue, pega suas coisas e sai sem ser vista.

\*\*\*

Léo está totalmente arrasado.

Jogado em sua cama, ele só consegue pensar em Jaqueline e na carinha feliz de Leozinho ao vê-lo. Ele ainda não acredita que Jaque teve a coragem de impedir o garoto de falar com ele e receber seu brinquedo.

O celular toca. No visor, a foto de Jaque.

Ele sorri e atende.

— Jaque – ele sussurra esperançoso.

— Oi papai – a vizinha triste de Leozinho o deixa apreensivo.

— Leozinho? Onde está a mamãe?

— Está trancada no banheiro. Ela estava *cholando*.

Léo dá um suspiro triste.

— Ela não sabe que está me ligando, não é?

— Não.

Léo ri.

— Pode vir *agora*. Ela vai demorar aí eu abro a porta pra você. Você vem *me* buscar? Quero dormir aí na sua casa com meu Batman – o menino diz tristinho.

Léo não sabe o que dizer.

— Oh, campeão! Que tal se eu for aí amanhã? Hoje a mamãe está chateada. Posso contar com você pra cuidar dela?

— O que ela tem?

— Ela está precisando de nós. Como agora estou trabalhando, eu não posso ir. Mas queria que você ficasse bonzinho e cuidasse dela. Que tal?

— Eu cuido hoje. Aí você vem amanhã e cuida de nós dois? A mamãe não sabe cuidar de mim. Ela me deu outra chupeta e colocou minha *flalda*. Mas não conta pra ela, eu tirei a *flalda* e joguei debaixo da cama pra ela não ver. Agora eu sou homem não posso usar mais. E eu só coloco a chupeta na boca quando ela olha pra mim. Depois eu tiro.

Léo gargalha.

O moleque era um capetinha.

— Tá bom. Não diga isso pra sua mãe. Ela vai ficar triste. Ela te ama e claro que ela sabe cuidar bem de você.

— Mas você é mais legal.

— Tá bom. Agora desliga Leozinho. Sua mãe pode ficar brava.

— Boa noite papai – o menino diz.

— Boa noite filhão – Léo diz e só então fica pasmo com o que acabou de dizer.

Ele ama aquele garoto atentado.

O menino sentia a falta dele e o sentimento era recíproco.

Léo se entristece e lamenta por ter descoberto isso tão tarde.

\*\*\*

No dia seguinte, logo pela manhã, Alexandre e Leila são surpreendidos por Patrícia.

— O que faz aqui? – ele pergunta assim que ela passa pela porta.

— Vim aqui falar umas poucas e boas para você. O que pensa que está fazendo quando resolveu assediar mais uma vez a minha cliente?

— Do que essa maluca está falando? – Leila pergunta confusa e furiosa.

— Só quero que saiba que isso não vai ficar assim. Pode ter enganado aquela pobre coitada pelo dinheiro, mas a mim não. Você não presta Keller. Nunca prestou e estou feliz por ter te colocado um par de chifres – ela grita cinicamente.

Alexandre vê tudo vermelho.

Ele se levanta de sua cadeira e parte para cima dela.

Leila o segura.

— Sua vaca! Saia daqui senão eu juro que te mato! – ele grita.

— Eu quero que você me esqueça Alexandre. Supere isso. Aceite que eu não te amo e que nunca o amei. Pare de me perseguir. De ficar vasculhando minha vida para me ferrar.

— Do que ela está falando? – Leila parece confusa.

— Você é uma idiota se acha que ele te ama – Patrícia ri cruelmente. — Como você pensa que ele conseguiu fazer com que Pamela desistisse do processo? Perguntou a ele? Vamos, me diz.

— Não te devo satisfações sua vaca.

Ela gargalha.

— Coitadinha. Tão ingênua. Sabia que eles transaram? Deve ter sido uma foda e tanto. Para ela ter desistido desse jeito...

Alexandre fica possesso.

— Cala sua boca! Não vai me envenenar com suas mentiras – Leila se abala.

— Deixe-a Leila. Ela é uma mulher amarga. Vou chamar os seguranças para tirá-la daqui.

— Ah, não vai mesmo. Nem comecei a minha diversão – ela diz tirando da bolsa um pequeno gravador. — Não acredita em mim? Então escute você mesma – ela diz e aperta o play.

A voz de Pâmela e Alexandre preenchem o ambiente.

“— O que você quer para me deixar em paz, Pamela? Estou disposto a pagar.

— Quero você.

— O quê?

— Isso mesmo. Não quero seu dinheiro. Embora precise...”

— Que merda é essa? – Alexandre parece chocado e atordoado.

Leila pede silêncio.

“— Quero mais uma noite com você. Quero você em minha cama. Quero que me foda do mesmo jeito em que me fodeu aqui,

em seu escritório...

— Eu estou disposto a pagar.

— Jura?

— Faço o que quiser para me deixar em paz.

— Hoje à noite em minha casa.

— Combinado. À noite estarei lá.”

Alexandre parece não acreditar.

— Isso é mentira! Não vai acreditar nisso, não é?

Leila parece inconformada e começa a chorar.

— Você transou com aquela vagabunda? – ela pergunta com o coração despedaçado.

— Não, claro que não! I-isso é uma mentira, sei lá. Não foi essa a conversa daquele dia. Isso é falso – ele diz desesperado e se aproxima dela.

Ela recua.

— Não me toque.

— Conta logo Alexandre. Você perdeu, admita. Foi descoberto – Patrícia ri.

— Cala essa maldita boca – ele grita.

— Por que não conta para sua namoradinha seu segredinho? Que é um pervertido maluco? Pamela me contou que da última vez em que esteve aqui, você tirou a calcinha dela e guardou na gaveta da sua mesa.

— Eu disse para você calar essa maldita boca – ele parte para cima de Patrícia e a empurra.

— Conta para ela por quantos anos você me perseguiu. Tirando fotos, arruinando minha vida, meu trabalho... Ele tem esse costume queridinha. Aposto que deve ter um dossiê seu assim como fez com a Pamela, comigo... Ele gostava de tirar fotos das mulheres com quem transava.

— Espera aí... Fotos? – Leila a olha. — Onde estão essas fotos?

— Não tenho foto nenhuma. Essa mulher é uma louca varrida – ele grita sem paciência.

Leila vai até a mesa de Alexandre e vasculha.

Abre as três gavetas e revira todo o conteúdo.

— O que pensa que está fazendo? – ele diz furioso.

Quando ela tenta abrir a última gaveta, está trancada.

— A chave. Quero a chave da gaveta – ela grita sem paciência.

— Não vou te dar chave nenhuma. Quer acreditar nessa vaca, ótimo.

— Me dá a porra da chave Alexandre! – ela grita.

Confuso, Alexandre não sabe o que fazer. Na gaveta continha as pastas arquivo com dados pessoais de Brandon, Fábio, Patrícia e dela. Se ela os visse, iria ficar uma fera. Ele se chuta mentalmente por ter sido um tolo de ter guardado esses papéis por tanto tempo.

— Me dá logo a chave! – ela grita ainda mais alto.

Ele se desespera. Mas por outro lado, ele acha melhor entregar e contar a verdade. Afinal, não era nada demais vasculhar o passado de alguém. Não era nenhum crime.

Ele retira a carteira do paletó, abre e pega a pequena chave dourada.

— Aqui.

Leila pega das mãos dele.

Ao abrir a gaveta, ela fica chocada ao ver uma calcinha sobre a foto de uma mulher. Ela revira a gaveta aos prantos. Leila retira as pastas de dentro e as abre.

O que vê a deixa decepcionada.

Várias fotos de Pamela seminua dentro de uma pasta escrito com a letra dele: PATRICIA VERNEK. As fotos de Patrícia também estavam dentro da pasta. Ela olha chocada para a próxima pasta escrita: BRANDON BELSHOFF. Todas as informações pessoais de seu ex-namorado, estavam contidas naqueles arquivos. Ela olha sem acreditar.

— Leila eu posso explicar – ele se desespera pelo silêncio de Leila que olha tudo com nojo e repugnância.

A próxima pasta lhe chama atenção. O nome escrito FÁBIO DA SILVA LINS, lhe causa arrepios.

Ela fica perplexa ao ver fotos dela que somente constava em arquivos policiais e médicos.

— Que merda essa? Você é maluco? – ela pergunta atordoada. Você mentiu pra mim? Você sabia quem era ele esse tempo todo?

— Leila olha eu posso explicar. Eu só...

— CALA A BOCA! CALA A PORRA DA SUA BOCA! – ela grita jogando contra ele todas as pastas. — Vai me dizer que essa merda aqui também tem explicação? – ela joga nele as fotos de Pâmela e faz o mesmo com a calcinha encontrada na gaveta.

— O que é isso? – ele olha sem entender.

Ela chora.

Patrícia assiste tudo de camarote, sorrindo e olhando para suas unhas recém pintadas de vermelho.



— O que isso estava fazendo aí? – ele pergunta confuso.

Leila não acredita em sua cara de pau.

— Filho da puta – ela joga contra ele o telefone e tudo que encontra em sua frente.

Alexandre tenta se esquivar.

— Acabou Alexandre. Acabou! – ela diz entredentes e passa por ele com fúria.

— Leila volte aqui. Leila! – ele corre atrás dela.

Quando se aproxima a puxa pelos braços.

— Me solte!

— Leila me escute, por favor!

— Não vou escutar merda nenhuma.

— Não vê que está fazendo exatamente o que ela quer? Isso foi uma armação daquela infeliz.

Leila ri estupefata.

— Você é muito cara de pau.

— Eu não transei com ninguém. Eu nunca traí você. Eu juro! Foi tudo armação.

— E as fotos? Os arquivos, as mentiras... Tem mais alguma coisa que eu deva saber? Meu Deus! Eu não te conheço. Eu pensei que te conhecesse, mas não – ela chora.

— Eu posso explicar sobre as fotos. Mas eu juro que não tenho nada a ver com a Pamela e nem com as coisas dela em minha gaveta. Ursinha olhe pra mim.

— Não me chame de ursinha seu filho da puta! Eu odeio você. Agora me largue.

— Hei, o que está acontecendo aqui? – Thiago aparece confuso.

— Leila vamos conversar. Me deixe explicar por favor! – ele se desespera ao perceber que ela está irredutível.

— Quero saber se tem mais alguma mentira nessa sujeira toda – ela olha para ele decepcionada.

— Não tenho nada com aquilo Leila. Precisa acreditar em mim. Eu amo você. Jamais a trairia. Eu só fiz algumas coisas sem pensar tá legal – ele fala demais.

— Que coisas?

— Ihhh fodeu! – Thiago se alarma.

— Eu não te conhecia ainda e nós não estávamos juntos.

— QUE COISAS? – ela grita.

— Eu interliguei o seu computador ao meu. Eu só queria saber mais sobre você e o Brandon...

— O quê? Não entendi direito. Você fez o quê?

— Interliguei o seu e-mail ao meu.

Ele olha com medo de sua reação.

Ela ri nervosamente.

— Eu odeio você. Meu Deus como fui burra! Eu deixei um homem que realmente me amava pra ficar com você – ela chora desolada.

— Você não o amava Leila. É a mim que você ama. E eu a amo. Não deixe que aquela desgraçada arruíne tudo entre a gente – ele suplica apavorado.

As lágrimas já começavam a se formar em seus olhos.

— Ela não arruinou nada. Quem arruinou foi você. E quer saber? Brandon é um homem melhor do que você. – ela diz com decepção e se afasta.

As palavras de Leila o machucam.

— Leila, por favor...

— Me deixa sozinha.

— Vamos conversar meu amor. Eu posso explicar.

— Se realmente me ama, suma da minha frente. Não quero nunca mais olhar pra sua cara – ela diz e vai embora.

A plateia estava formada ao redor.

Léo, Thiago, Melinda, Jaque, Patrícia e até sua mãe, assistiam a tudo.

Alexandre olha ao redor com a visão embaçada pelas lágrimas e a única pessoa que consegue ver nitidamente por causa de sua fúria, é Patrícia.

Ele corre na direção dela e a gruda pelo pescoço sufocando-a.

— Vou te matar sua desgraçada! – ele diz descontrolado.

Léo e Thiago tentam fazer com que ele a solte.

A força de Alexandre é assustadora. Patrícia se debate e começa a ficar vermelha.

Enquanto seus amigos tentam colocar juízo em sua cabeça e fazê-lo parar, Elizabeth vai atrás de Leila.

Ela a encontra no estacionamento chorando compulsivamente.

— Leila? Minha querida não fique assim – ela a pega pelos braços e a abraça.

Ela chora.

— Ele mentiu pra mim. Me traiu.

— Minha filha. Eu sei que o Alexandre é imaturo às vezes, mas eu duvido que ele tenha te traído. Ele a ama, Leila.

Leila olha chocada.

— Se ele pediu para a senhora vir até aqui para me convencer a perdoá-lo está perdendo seu tempo – ela seca suas lágrimas.

— Não estou aqui por ele. Estou por você. Sei que quando estamos com raiva ou decepcionados, não enxergamos as verdades à nossa frente e dizemos coisas das quais sempre nos arrependemos.

— A verdade nesse caso está bem clara. Ele mentiu, me enganou e me traiu.

— Mas você o ama, não?

— Incondicionalmente. Mas ele não precisa saber disso.

Elizabeth sorri.

Leila era tão cabeça dura quanto Alexandre. Levaria um tempo até ela perdoá-lo.

— Vá para casa. Tente descansar e amanhã vocês conversam com calma – ela tenta convencê-la. Isso se for capaz de perdoar.

— Não vou pra casa. Tenho trabalho a fazer e tenho uma visita no orfanato hoje.

— É melhor você ir pra casa. Eu conheço Alexandre. Se ficar aqui, será uma briga interminável. Melhor que os dois esfriem a cabeça.

— Tudo bem. Mas diga para ele não dirigir a palavra a mim e nem me procurar. Eu não vou perdoá-lo por isso, nem morta – ela diz irredutível.

— Vou dizer. Vamos! Eu a levo pra casa.



## Capítulo 37

Os amigos tentam acalmar Alexandre levando-o para a sua sala. Do lado de fora, Melinda arrasta Patrícia até a rua pelos cabelos. Não contente, enfia a mão na cara dela e a xinga.

Ao passar pelo segurança ela diz:

— Prepara teu rabo que você vai ser o próximo. Alexandre está uma fera com você.

O segurança fica amedrontado. Enrolado por Patrícia, ele torce para não perder o emprego.

— Cara como você foi cair nessa? – Thiago pergunta.

— Não havia nada na minha gaveta até ontem. Não sei como isso aconteceu – ele fica confuso.

— Olhe as câmeras de segurança. Aí você prova para a Leila que foi uma armação.

Alexandre bufa.

— Esqueceu que a minha câmera não funciona?

— Não mandou arrumar essa merda Alexandre? Cara você é um vacilão – Thiago diz indignado.

Léo fica calado sofrendo a sua desgraça e a do amigo.

— Desde que contratei a Fernanda, desativei a câmera da minha sala. Não queria correr o risco de ser pego transando com

minhas secretárias. Então...

— Então você se fodeu. Não tem como provar pra Leila que você não é um traidor safado. Tô com dó de você – Thiago diz.

— Ah. Obrigado pela sua compaixão – Alexandre revira os olhos.

Léo pensa por alguns segundos.

— Já tentou falar com o segurança?

— Que ela passou pelos seguranças isso é óbvio. Quero saber quando ela fez isso. Só assim a Leila irá acreditar em mim.

— Mas a sala da Leila tem câmera – Léo diz.

No mesmo instante, Alexandre fica esperançoso.

— Claro! Mas como sou burro! – ele diz e liga para o rapaz das câmeras de segurança para lhe trazer as filmagens.

Assim que chega, eles assistem as fitas e constata: Patrícia havia estado lá na noite anterior pouco tempo depois que ele e Leila foram embora.

— Víbora! – Alexandre rosna.

— Vai atrás da Leila e mostra isso a ela. Quem sabe ela já esteja mais calma.

Alexandre recolhe o pen drive e assim que está prestes a sair, é interrompido por sua mãe.

— Precisamos conversar – ela diz olhando para que Léo e Thiago saíssem da sala.

— Agora não posso mãe. Vou atrás da Leila e dizer a ela que...

— Você não vai a lugar nenhum – ela diz com autoridade.

— Mãe... Eu preciso falar com ela e explic...

— Alexandre... – ela o silencia. — Meninos nos deem licença por favor.

Léo e Thiago saem.

— Eu não tive culpa de nada. A senhora sabe que jamais iria traí-la – ele diz desesperado.

— Eu sei. E sei também que o que você fez, a forma com que invadiu a privacidade daquela moça, é um tanto questionável, não acha? Você mentiu para ela. Sabe como ela está se sentindo Alexandre? Traída. Ela acredita que você não confiava nela o suficiente.

Ele ri.

— Claro que não! Eu confio nela. Se não confiasse não estaria com ela.

— Que tipo de confiança é essa que você invade os e-mails dela sem permissão? Isso foi uma infantilidade!

— A senhora não entende – ele se exaspera.

— Ah, meu filho. Não mesmo. Eu esperava essa atitude de um adolescente, mas não de um homem feito você.

— Ela está muito chateada?

— Acho que até não irá te perdoar. Ela é igualzinha a você. Turrone – ela ri.

— O que eu faço? Eu sei que eu errei, mas foi para me aproximar dela. E quanto aos dossiês, foi somente para protegê-la. Não fiz nada de errado.

— Você mentiu. Isso é algo muito errado.

— Vai ficar contra mim agora? – ele se irrita.

— Ficarei contra você sempre que agir feito criança. Você é meu filho, mas nem por isso tenho que concordar todas as vezes



que você faz alguma merda. E essa, foi uma das grandes.

— Eu vou falar com ela e mostrar as imagens das câmeras de segurança. Ela precisa saber que não a trai. Nunca faria isso.

— Se eu fosse você, esperaria ela esfriar a cabeça. Ir procurá-la agora, só irá piorar as coisas para você – ela diz e sai de sua sala deixando-o sozinho com seus pensamentos.

\*\*\*

Ao chegar em casa, Leila corre direto para o seu quarto e se tranca. Ela chora por horas e horas incansavelmente. Recordando cada momento vivido ao lado de Alexandre, ela chora ainda mais e se lamenta por ter sido tão burra em acreditar nele.

À noite, quando sua mãe chega do trabalho, ela conta tudo o que aconteceu.

— E você vai perdoá-lo, não é? – Rosália pergunta aflita.

— Mãe! Não ouviu nada do que eu disse? Ele me enganou, me traiu e ainda por cima ficou me vigiando sem eu saber esse tempo todo – ela se irrita.

— E se não fosse por isso, Leila, ele não teria como tê-la protegido daquele idiota do Fábio.

Leila fica balançada.

— Não importa. Ele mentiu. E não quero mais falar nele. Assunto encerrado – ela emburra.

— Não vai comer? – Rosália pergunta ao ver que ela nem mexeu em sua comida.

— Não. Estou sem fome. Vou para meu quarto. Boa noite – ela responde e sai da cozinha indo direto para o quarto.

Leila se joga na cama e tenta desesperadamente não pensar em como será sua vida sem ele.

\*\*\*

Na casa de Thiago, ele e Melinda discutem.

Thiago tenta de todas as formas se esquivar dos ataques da Loira enfurecida.

— Tem certeza de que não tem nada para me dizer? Se tiver Thiago, é melhor que seja agora! Aqueles dois aprontaram com as minhas amigas e se eu te pegar, pode ter certeza de que não sairá vivo nem para tentar se desculpar – ela diz desconfiada.

— Minha Rainha, eu não fiz nada. Porque é tão difícil acreditar em mim?

— Por que vocês três são uns galinhas safados! Eu deveria saber que um dia você iria me trair – ela diz quase desesperada.

Thiago ri.

— Está ficando maluca. Quem te disse que eu te traí? Eu hein! – ele responde enquanto caminha para o quarto.

— Volta aqui! Ainda não terminei – ela grita indo atrás dele.

Thiago tira a camisa e joga em cima da cama. Lentamente, ele vira para Melinda e diz:

— Você está meio paranoica!

— Eu? Paranoica? – ela se surpreende com a ousadia dele. — Posso te dar uma surra de chicote por falar comigo desse jeito, sabia?

— Melinda, querida! Eu não tenho culpa de ter amigos babacas. Eu estou cansado e você já está há horas aí gritando como uma louca. Não estou te traindo, certo? – ele se irrita.

— Não é possível que você seja um santinho! Até o Alexandre que se mostrava tão apaixonado, caiu em tentação. Eu quero que admita, Thiago. Juro que não vou ficar chateada se tiver feito alguma coisa. Mas se eu descobrir futuramente, eu mato você!

Ele olha para ela já cansado de tanta briga.

— Certo! Você venceu! Eu andei escondendo algo de você – ele a olha de rabo de olho e quase ri da sua reação.

— Eu sabia seu desgraçado! Eu vou matar você. O que você fez? Me fala! Me fala logo? – ela parte para cima dele para tentar estapeá-lo, mas ele a detém segurando seus pulsos.

— Eu falo se você ficar calma.

Melinda se irrita.

— Me conta quem é a vadia que eu mesma irei matá-la – ela rosna.

— Calma. Respira!

— Calma nada! Fala logo! – ela grita.

— Eu tenho uma foto dela. Eu guardei no meu criado mudo. Eu não tenho culpa, minha Rainha. Assim que fiquei com essa mulher pela primeira vez, meu mundo desabou. Eu me apaixonei por ela no mesmo instante e isso foi mais forte do que eu. Juro que tentei não me apaixonar. Mas ela foi como um tornado. Passou por mim e arrancou do meu peito meu coração e junto, minha sanidade.

Melinda ouvia tudo horrorizada.

— Você... vo-cê está me dizendo que... Ama outra mulher? – ela pergunta e as lágrimas começam a cair em seu rosto.

Thiago fica mudo observando sua reação.

Melinda parece não acreditar. Seu olhar murcha e fica totalmente arrasada.

— Quero ver quem é a mulher por quem está me trocando – ela diz com a voz entrecortada.

— Já disse, a foto dela está em meu criado mudo.

Melinda recua.

Ela inspira tentando ganhar forças. Seu coração estava totalmente destroçado.

Ela caminha secando suas lágrimas e se senta na cama. Estica as mãos lentamente e abre a gaveta.

Dentro dela, havia um pequeno envelope escrito por fora à mão: “Para a mulher da minha vida”.

Melinda pega o envelope ignorando uma pequena caixinha preta ao lado dela.

Ao abrir, retira a carta e lê atentamente.

*“De todas as coisas que já fiz em minha vida, essa sem dúvida, será a mais acertada. Agradeço todos os dias por Deus ter te colocado em minha vida no momento certo. Do contrário, teria perdido a única mulher capaz de me fazer feliz*

*Quer se casar comigo?*

*PS: Não aceito não como resposta! Eu amo você.*

*Thiago”.*

Thiago fica ali, parado e de braços cruzados, fitando-a atento. Ela dobra a carta e coloca dentro do envelope em silêncio.

Curiosa, ela pega a caixinha preta e abre cuidadosamente. Seu coração quase para assim que vê um lindo anel cravejado de diamantes. Ela abre a boca surpresa e o pega nas mãos. As escritas por dentro do anel lhe chamam a atenção.

*"Para Sempre, Minha Rainha".*

Ela chora.

Ela chora sem se importar com mais nada. Ela olha para o anel e para ele.

Thiago ainda a olha sério.

— E-u... E-u... – ela gagueja sem saber o que dizer.

— É. Você estragou a surpresa com essa obsessão de que eu tinha outra mulher – ele enfim, sorri para ela.

Ela corre até ele, se joga em seus braços e o beija desesperadamente, apaixonadamente.

— Estou esperando a sua resposta – ele ri.

— Como pode me perguntar uma coisa dessas? – ela ri. — Claro que eu aceito. Aceito. Aceito – ela repete distribuindo beijos em sua boca.

— Eu amo você, Melinda. Não existe nenhuma outra nesse mundo para mim que não seja você.

— Eu também te amo – ela diz carinhosamente. — Mas sabe que vou puni-lo por me deixar desesperada, não sabe? – ela lhe dá um olhar severo.

Ele ri.

— Ahhh! E como sei. Essa é a minha parte favorita.

Os dois riem e se beijam loucamente.

\*\*\*

Na manhã seguinte Alexandre chega à empresa.

Certo de que fará as pazes com Leila após mostrar a fita que comprova a entrada de Patrícia em sua sala, ele fica mais animado.

As horas passam e Leila não aparece para o trabalho.

— E aí, cara? Como você está? – Léo pergunta ao entrar.

Alexandre dá um suspiro triste.

— Como acha? Estou péssimo! Já está quase na hora de ir embora e ela não veio trabalhar, não ligou e nem me atende no celular.

— Sei como é. Jaqueline está fazendo a mesma coisa comigo. Sinto a falta dela. Nunca imaginei que diria isso alguma vez na minha vida, mas não consigo me conformar com isso. Eu a amo e sei que ela me ama. Mas ela resolveu bancar a durona – ele diz se jogando no sofá.

— É cara. Somos dois fodidos!

— Somos. Talvez estejamos sendo punidos por termos sido dois safados – Léo pensa.

— Dois idiotas, isso sim – Alexandre ri.

— E aí? Bora comemorar? – Thiago entra todo animado na sala e pega os dois aos lamentos.

— De que planeta você veio Thiago? – Léo pergunta abismado.

— Ihh! Que mau humor é esse cara?

— Estamos na merda e você quer comemorar isso? Fala sério – Alexandre se sente insultado.

— Não! Quero comemorar com vocês outra coisa – ele sorri todo alegre. — Pedi Melinda em casamento e ela aceitou. Vamos nos casar!

Léo e Alexandre se entreolham.

O silêncio entre os três é inevitável.

— Tu é foda, né! Não poderia esperar um pouco mais para esfregar a sua felicidade na nossa cara? Tinha que vir aqui e terminar de chutar dois cachorros mortos? – Alexandre fica chateado.

— Poxa! Pensei que ficariam felizes por mim. Finalmente vou me casar. Não tenho culpa que vocês dois fizeram merda.

Alexandre o observa.

— Claro que estou feliz por você. Me desculpa – ele abraça o amigo.

— É cara! Também estou feliz que tenha sido o primeiro. Ela te coagiu? Bateu em você? – Léo ri.

— Babaca! Fui eu quem a pedi em casamento – ele ri.

— Vamos então comemorar. Acho que precisamos mesmo encher a cara. Mas... Vamos fazer isso lá em casa, tomando meu maravilhoso uísque escocês – ele ri.

— Nãooooooooooooooooooooo! Vai abri seu *Scotch*? – Léo pergunta e sente sua boca salivar. Há tempos estava de olho no uísque do amigo que ele tanto guardava para uma ocasião especial.

— Vou sim. Isso merece uma comemoração à altura. Vamos que uísque é do melhor!

Eles riem e saem da sala abraçados.





## Capítulo 38

Um pouco mais disposta, Leila se levanta para trabalhar.

Sem comer a mais de vinte e quatro horas, Rosália se preocupa com a saúde e o bem estar de sua filha. Ela havia passado o dia inteiro trancada em seu quarto, apenas chorando.

Assim que termina de se arrumar, ela pega a bolsa e sai em direção à porta.

— Vai sair sem comer? Vai ficar doente Leila! – sua mãe grita, mas ela a ignora completamente.

No caminho, Leila liga para Melinda para perguntar se ela sabia onde Patrícia trabalhava. Melinda a adverte para não fazer nenhuma besteira e passa para a amiga o endereço.

Ao chegar ao prédio onde fica o escritório de Patrícia, ela passa pela segurança e entra no elevador. Ela aperta o botão para o sexto andar e espera ansiosa.

As portas se abrem.

Ela suspira e segue em frente sem vacilar.

Do corredor, ela vê uma imensa porta de vidro escrita “Vernek Advogados Associados”.

Ela abre a porta e entra direto passando pela secretária e ignorando seus chamados.

Logo à frente, ela vê uma porta robusta de madeira. A placa escrita *Patrícia Vernek Advogada Criminalista*, não deixava dúvidas: aquele era o covil da cobra.

— Olá sua vaca! – Leila diz ao invadir a sala de Patrícia.

— O que faz aqui? – ela pergunta surpresa.

Leila se aproxima e diz com fúria.

— Agora chegou a sua vez. Vim te dar isso!

A força com que Leila enfia a mão na cara de Patrícia faz com que ela mesma solte um gemido de dor. Ela fica com a palma da mão vermelha, mas se alegra ao ver a marca de seus cinco dedos estampados na cara de sua inimiga.

— Filha da p...

— Cala a boca vadia! Se abrir essa maldita boca, irei quebrar todos os seus dentes. Vou te dar um aviso. Fique longe de mim e do Alexandre. Não serei tão boazinha da próxima vez – ela diz entredentes e se vira para sair da sala. Quando está próxima a porta, é puxada com força pelos cabelos por Patrícia.

— Ah, você não vai sair assim não – Patrícia grita arrastando Leila pelos cabelos.

— Me solta sua louca! – Leila grita e tenta se desvencilhar dela.

Quando consegue, parte para cima dela e começa a dar tapas em seu rosto.

Para se proteger dos ataques de fúria de Leila, Patrícia a agarra pelos braços e crava suas unhas enorme em sua carne.

Leila solta um grunhido, mas não para de bater em sua rival.

Com o tumulto e a gritaria vindos de dentro da sala, em pouco tempo, seguranças entram na sala para apartar a briga.

— Me larga! Tire as mãos de cima de mim! – Leila grita para o segurança que a segura com força.

A sua frente, Patrícia também é contida por outro homem.

— Vai se arrepender disso, sua desgraçada! – ela berra.

— Você que vai se arrepender se mexer comigo de novo! – Leila diz com fúria.

— Ele nunca vai ficar só com você – Patrícia ri. — Ele nunca amou ninguém além de mim.

Leila ri.

— Vai se achando. Só para sua informação, ele nunca a amou. A única coisa que ele consegue sentir por você é pena.

Leila ri ao ver a aparência dela.

Em sua mão, ainda tinha um pequeno tufo de cabelo loiro que havia arrancado da sua cabeça. Com o rosto todo marcado e com pequenos hematomas, Leila sai escoltada do escritório satisfeita. Na calçada a caminho da Construtora Keller, ela se dá conta de seus próprios danos. Na extensão de seus braços, haviam alguns vergões feitos pelas unhas da víbora.

— Vaca! – ela pragueja.

Leila segue seu caminho.

Na construtora, Alexandre se desespera.

Ele aguarda Leila, ansioso, para mostrar a ela as filmagens que o isenta de toda mentira inventada por sua ex.

As horas passam e Leila não chega.

Algumas horas depois, ela aparece na empresa.

Ainda abalada por toda a situação, ela joga sua bolsa em sua mesa e segue para a copa.

No caminho, Leila se sente trêmula.

Ao entrar na copa, Melinda e Jaqueline, que tomam seus cafés, observam-na.

— Oi – Leila sussurra fracamente.

— Nossa! Você está horrível – Jaqueline diz analisando sua aparência pálida e suas olheiras profundas.

— O que foi isso? Andou dormindo com um gato foi? – Melinda ri ao ver os arranhões em seus braços.

Leila pega na geladeira um pouco de água.

— Não. Fui lá dar na cara daquela vagabunda. Ela estava entalada na minha garganta.

— Nãoooo! Cara, por que não me chamou para ajudar? Detesto aquela sujeitinha – Melinda ri e se aproxima para ver os arranhões.

Nesse momento, Leila começa a sentir um mal-estar. Sua boca começa a salivar e uma forte tontura a faz desequilibrar e quase cair. Seu corpo fica mole e sua palidez ainda mais visível.

— Leila! Leila! Está se sentindo bem? – Jaqueline pergunta e ampara a amiga.

Leila não responde.

— Senta ela aqui, Jaqueline – Melinda diz puxando uma cadeira.

— Liga para um médico! – Jaque diz.

— O que está sentindo? Eu disse para você não fazer besteira e você foi até lá bater nela? Viu no que deu? – Melinda diz.

— Não foi nada meninas. Apenas uma tontura e um mal estar, só isso – Leila tenta acalmá-las.

— Tem certeza? Isso não é normal amiga. Desde quando está sentindo essas tonturas? – Melinda pergunta.

— Desde ontem.

— Será que você não está grávida? – Jaqueline pergunta fazendo Leila quase saltar da cadeira.

— Claro que não!

— Ué, e por que não? Essas coisas acontecem. Precisa ir ao médico para saber.

— Não estou grávida meninas. Eu tomo injeções.

— E daí? Já vi tanta gente ficar grávida tomando isso – Melinda ri.

— Tá, mas eu não – Leila se irrita.

— Ai, vai ser tão bonitinho ver seu filhinho andando por aqui. Se for homem vai ser a cara do Alexandre – Melinda diz já pensando no futuro.

No corredor, Thiago e Léo escutam parte da conversa.

— Grávida? Caralho. Filho da puta nem contou para nós – Thiago diz caminhando ao lado de Léo para a sala de Alexandre.

— Filho da puta nos enganou direitinho. Será que fizeram as pazes? Que bom que está tudo bem, né? – Léo ri.

Os amigos irrompem a sala de Alexandre e o pegam cabisbaixo, mexendo em seu notebook.

— E aí patrão? Parabéns! Será que rola mais uma comemoração hoje? – Thiago se joga no sofá.

— Bom dia para vocês também – ele diz sem muita empolgação.

— Ah! Pra você, deve ser um ótimo dia, diz aí Thiago?

Alexandre olha sem entender para os amigos.

— Perdi alguma coisa?

— Ué? Não vai nos contar mesmo? Olha se for por minha causa, fica tranquilo porque já me conformei em ser o último a fazer as pazes com a Jaqueline – Léo diz ao amigo.

Alexandre ainda confuso e sem entender nada, pergunta:

— Vocês beberam a essa hora da manhã?

— Pode falar. Não é mais segredo. Acabamos de ouvir sobre seu filho – Léo diz e observa Alexandre mudar de cor.

— Filho? Que filho? Vocês dois estão esquisitos – ele diz entredentes.

— Ah, corta essa Alexandre! Já sabemos que a Leila está grávida. Não precisa esconder isso da gente. Somos seus amigos.

Alexandre gargalha ainda sem entender.

— O que é isso gente? Uma piada? Vamos trabalhar. Hoje tem muita coisa para fazer.

Os dois amigos o encaram.

— Então tá, se não quer contar a novidade para nós, pelo menos vá até a copa ver se a mãe do seu filho está bem. Pois acho que ela estava passando mal – Thiago diz na maior naturalidade.

Alexandre tenta processar a notícia.

— A Leila está aqui? Na empresa?

— Ué, você não sabia? – Léo pergunta confuso.

— Espere! Onde ouviram dizer que ela está grávida? – Alexandre pergunta já levantando de sua cadeira.

— Ouvi a conversa das meninas na copa – Léo responde.

Alexandre sai de sua sala numa rapidez, que até seus amigos ficam abismados.

Ele passa pela sala dela e não a vê.

Preocupado, ele vai até a copa.

Quando entra, ele a vê, sentada, ainda conversando com Melinda e Jaqueline.

Assim que elas o veem, Jaque se despede e vai para sua sala.

— O que ela tem? – Alexandre pergunta para Melinda ao ver Leila tão abatida.

— Não sei. Passou mal assim que chegou. Deve ter sido o estresse da briga com a Patrícia. Eu disse para ela não ir até lá, mas ela é teimosa.

— Eu estou aqui viu? – Leila se irrita.

— Como assim briga? – Ele olha mais atento para Leila e vê os arranhões em seus braços.

— Eu vou para minha sala – Leila se levanta e tenta evitar o contato visual com ele.

— E por que não me contou que estava grávida? – Ele pergunta e ela arregala os olhos.

— Onde ouviu isso?

— Por que não me contou?

— Simples, porque não estou grávida – ela diz irritada e sai.

— Leila! Leila! – ele segue atrás dela.

— Alexandre, eu não estou legal hoje. E também não quero falar com você – ela sai pisando duro.

— Só me deixe saber então se caso precisar de alguma coisa – ele diz preocupado com ela. — Não quero que chegue perto daquela maluca de novo. Ela não é flor que se cheire.

— Eu sei me cuidar.

— Estou vendo. A julgar pelas marcas em seu braço...

— Precisa ver a cara dela – Leila ri, mas logo coloca sua fachada fria e impassível.

— Tudo bem. Vou ter que dar uma saída agora. Vou até a obra do orfanato. Agora falta pouco para concluir a obra. Daqui um mês, mais ou menos, podemos inaugurar – ele diz todo contente.

Leila nem ao menos sorri.

Ela se senta em sua mesa e ele volta para sua sala.

Ao sair, ele deixa em cima da mesa dela, o pen drive contendo a filmagem do dia em que Patrícia entrou na empresa.

— Volto antes do almoço – ele diz e sai sem esperar por resposta.

Curiosa, Leila espeta o pen drive no computador e assiste as filmagens. Ela fica possessa por não ter dado uma surra pior em Patrícia.

\*\*\*

Léo está absorto em sua cadeira pensando em Jaqueline. Seus dias de convivência com ela na empresa não estão sendo fáceis. Ele pensa em Leozinho e sente a falta do garoto. Preocupado, ele liga para casa de Jaqueline.



A babá atende.

— Alô?

— Nice? É o Léo.

— Boa tarde senhor Leonardo, tudo bem?

— Sim. O Leozinho foi para a escolinha hoje?

— Sim, senhor.

— Você o levou na consulta com a fonoaudióloga ontem? Ele não pode parar o tratamento – ele diz todo preocupado como se fosse filho dele.

— Levei sim. Mas ele fez birra e chorou o tempo todo. Eu disse pra dona Jaque. Esse garoto está estranho – a voz de Nice o deixa preocupado.

— Como assim, estranho?

— Ele não quer comer, só chora e fica *jogadinho* pelos cantos. Fica o tempo todo perguntando do senhor.

O coração de Léo fica apertado.

— Qualquer coisa que precisar me avise Nice. Eu paro tudo e vou até aí.

— Tudo bem. Aviso sim – a babá diz.

— Qual o horário que ele sai da escola?

— Às quatro da tarde.

— Certo. Obrigado Nice – ele diz e desliga.

Léo olha no relógio, quase uma da tarde.

Ele sai de sua sala e vai almoçar no restaurante da esquina, na intenção de encontrar Jaqueline por lá.

Assim que chega, ele a vê ao lado de Leila e Melinda que ainda fazem seus pedidos.

Ao se aproximar, ele é hostilizado por ela:

— O que faz aqui? – pergunta com rispidez.

— Nós precisamos conversar Jaque. Já se passaram dias e você não me deixa explicar – ele diz sentando-se ao seu lado.

— Não temos nada para conversar.

— Não foi nada daquilo que você viu. Você entendeu tudo errado – ele se desespera.

— Já disse que não tem importância. Não posso cobrar algo de você sendo que não éramos nada um do outro – ela diz, fria.

Nesse momento, Leila começa a passar mal.

Ela fica pálida.

— Leila? Está se sentindo bem? – Melinda pergunta ganhando a atenção de Léo e Jaqueline.

— Sim eu só vou até o banheiro – ela diz ao se levantar.

Sua visão começa a ficar turva e então, ela desmaia.

Para sua sorte, Melinda foi tão rápida que a pega nos braços antes de seu corpo se chocar contra o chão.

Léo, assustado, corre até ela.

— Leila? Leila está me ouvindo? – ele dá leves tapas em seu rosto para despertá-la.

As pessoas ao redor ficam assustadas apenas observando de longe.

— É melhor chamar um médico – Jaque diz.

Léo a pega nos braços e sai do restaurante levando-a para seu carro.

— Ligue para o Alexandre – ele pede para Melinda. — Diga que estou levando-a para o hospital aqui perto.

— Tudo bem! – Melinda responde já com o celular nas mãos. — Droga! Está caindo na caixa postal. O que vamos fazer?

— Vamos levá-la. Depois vemos isso – ele diz e entra no carro seguido por Jaqueline e Melinda.

Leila desperta aos poucos no meio do caminho.

Assim que sai do carro, ela sente um forte mal-estar e vomita na calçada.

Ela é carregada por Léo até a recepção e desmaia outra vez.

Apavorado, ele pede para que a levem para a emergência.

Pouco tempo depois, eles são chamados por um médico que explica o quadro de saúde de Leila.

— Ela vai precisar ficar algumas horas no soro. Está muito fraca.

— Mas o que ela tem? – Melinda pergunta.

— Fizemos um hemograma completo e ela está com uma forte anemia. Conversei com a paciente e ela me disse que está praticamente há dois dias sem se alimentar. Está desidratada, por isso a coloquei no soro.

— E é grave? Fizeram teste de gravidez? Ela pode estar grávida, não? – Léo pergunta curioso.

— Fizemos um teste também. Deu negativo – o médico confirma. — Ela só precisa se alimentar e tomar a medicação. Daqui algumas horas eu lhe darei alta para ir para casa.

— Podemos vê-la? –Léo pergunta.

— Sim claro. Ela está acompanhada de um de nossos médicos, mas não tem problema algum – ele sorri e os leva até o quarto de Leila.

Ao entrarem, se surpreendem ao ver Brandon e Leila conversando.

— Leila? – Léo diz.

— Oi, Léo. Meninas! Entrem!– ela diz olhando para ele, Jaque e Melinda que a olham confusos.

— Oi – Brandon os cumprimenta. Vestido com um jaleco branco e seu estetoscópio pendurado no pescoço, ele sorri.

Léo o ignora.

— Eu liguei para o Alexandre, mas não consegui falar com ele. Pedi para que o avisassem assim que chegar ao escritório – Léo fala para Leila.

— Não precisava ter ligado. Sabe que não o quero aqui – ela emburra.

— Ué, vocês brigaram? – Brandon se intromete enfurecendo Melinda.

— Nós nos separamos – Leila diz e Brandon dá um sorriso discreto que não passa despercebido por Léo.

— Mas logo eles fazem as pazes – Léo conclui por Leila.

— O médico disse que você já está bem. Quando acabar de tomar o soro, pode ir para casa – Melinda diz se aproximando da amiga e a toca nos ombros.

— Foi só um susto – Leila fala.

— Você precisa se alimentar. O médico disse que não come há dias.

— Ele é exagerado – Leila ri.

A porta se abre rapidamente e Alexandre entra apressado. Assim que bate os olhos em Brandon, ele se irrita e diz enraivecido:

— O que ele faz aqui? Quem foi que o chamou?

Todos olham surpresos com a presença repentina de Alexandre.

Leila deitada na maca com agulhas fincadas em sua veia, tomando soro, diz rudemente:

— Poderia fazer a mesma pergunta para você.

Alexandre ignora a estupidez de Leila e se aproxima de Brandon.

— O que faz aqui? Já disse pra ficar longe dela.

— Eu sou médico. Isso é um hospital. Então... Trabalho aqui – Brandon sorri controlado.

— Então cai fora. Que eu saiba o coração dela não parou de bater. Sua presença não se faz necessária – ele diz com sarcasmo e Léo ri do mau humor do amigo.

Brandon, sem graça, se despede de Leila com um beijo no rosto deixando Alexandre soltando fogo pelo nariz.

— Vamos, meninas – Léo diz. — Estamos indo para a empresa Alê. Qualquer coisa é só me ligar.

— Podem ir. Ficarei com ela até o médico dar alta. Já falei com ele e me disse que mais algumas horas ela pode ir pra casa.

— Está certo. Ligue se precisar.

— Pode deixar. Obrigado por ajudarem – ele diz e fecha a porta ficando sozinho com Leila.

— Pode ir embora você também – ela diz irritada pela presença dele.

— Não vou a lugar algum. Vou esperar você para levá-la para casa. O que estava pensando? Ficar todo esse tempo sem comer e ainda ir até a Patrícia para brigar como uma adolescente. – ele a recrimina.

— Tudo por culpa sua! – ela se altera.

— Eu não tive culpa, Leila. Não sobre ela. Agora quanto à coisas que escondi de você, foi para protegê-la – ele diz e se senta na cadeira ao lado dela.

— Não vejo como vasculhar minha vida e hackear meu e-mail, me protegeria de algo. Pelo visto, não me protegeu nem de você – ela diz rude.

— Está sendo exagerada. Eu te perguntei várias vezes sobre o seu passado e você nunca me contou o que houve – ele fixa o olhar nela.

— Se eu não contei é porque não queria ficar relembrando do passado. Você não tinha o direito de entrar desse jeito em minha privacidade.

— Eu sei que fiz as coisas de forma errada. Mas não foi para te prejudicar. Você sabe o quanto amo você.

Ela fica balançada pela declaração.

— Não vou perdoar você. Por duas vezes Alexandre, duas vezes, você brigou comigo porque omiti coisas sobre o Brandon. Disse que se eu mentisse ou escondesse alguma coisa outra vez, não iria me perdoar e terminaria nosso relacionamento. Então, o mesmo vale pra você – ela diz irredutível.

— Mas eu te perdoei por duas vezes – ele bufou. — Você é uma cabeça dura!

— Não quero falar com você. Se quiser ficar aí, mantenha a boca fechada – ela diz exasperada.

Ele a olha e sorri.

— Está rindo do que?

— De você. Vai ficar aí se fazendo de difícil? Tá, eu mereço. Mas não vou desistir de você. E quanto mais demorar pra me perdoar, mais perdemos tempo de ficarmos juntos. Você viu as filmagens? Sabe que não tive culpa e nem trai você. Foi tudo armado por aquela...

— Não vou te perdoar. Nem sonhando – ela rosna.

As horas passam e eles continuam como gato e rato.

Passados algumas horas, o médico entra para examiná-la.

Ele conversa com Leila e retira o soro.

— Ela precisa se alimentar e receitei também uma vitamina por causa da anemia – o médico diz a Alexandre.

— Ela já pode ir?

— Sim. Está liberada – ele sorri gentilmente.

— Obrigado doutor.

Leila se levanta da maca com dificuldade e um pouco tonta.

— Venha, eu te ajudo! – ele corre até ela e tenta ajudá-la.

Ela se esquivava.

— Não vou embora com você.

— Ah, vai – ele diz com firmeza.

— Não vou. Pego um táxi, metrô, ônibus, mas não vou com você.

— Meu Deus! Como você é irritante! – ele se exaspera.

Leila emburra e senta de volta na cama.

— Não vou e se tentar me arrastar daqui eu grito – ela cruza os braços.

Alexandre, vendo que ela não iria ceder, resolve entrar no jogo.

— Okay! Desisto. Quer ficar aí? Ótimo. Tenho mais o que fazer do que ficar aqui sendo pisoteado por você – ele diz entredentes e sai do quarto com raiva.

Ela fica sem reação olhando-o ir embora.

Quando se levanta da cama, percebe que não tem como voltar para casa sozinha. Sua bolsa ficou na empresa e não havia como voltar sem dinheiro.

Leila sai do quarto andando lentamente. Ela anda por todo hospital atrás de um telefone público, mas não encontra nenhum.

Cansada, ela resolve procurar por um táxi. Iria até a empresa e lá pegaria suas coisas para ir para casa.

Quando sai pela porta do hospital, vê Alexandre esperando por ela encostado no carro.

— Achei que tinha dito para ir embora – ela diz fracamente.

— Vamos. Para de frescura e entre no carro – ele ordena.

— Não vou com você. Pego um táxi. Não se preocupe.

Cansado de discutir, Alexandre a pega pelos braços e a força para colocá-la no carro.

— Hei! Ela disse que não vai embora com você – Alexandre houve uma voz masculina. Brandon.

Ele ri.

— Era só o que me faltava! – Alexandre bufa.

Leila olha para Brandon e diz:

— O que faz aqui?



— Eu te levo pra casa Leila. Avisa esse cara que você vai comigo – Brandon diz pegando em seu braço.

Leila de desvencilha de sua mão e diz com rispidez:

— Pode deixar, Brandon. Eu vou com ele.

— Mas...

— Agradeço, mas não – ela diz e entra no carro de Alexandre.

Brandon o olha com raiva.

— Toma trouxa! – Alexandre sorri para ele girando as chaves do carro no dedo indicador.

Ele entra no carro.

— Me leva até a empresa. Preciso pegar minha bolsa – ela diz.

Ele se estica todo e pega no banco traseiro a pequena bolsa preta de couro.

— Já trouxe. Está tudo aí – ele dá um sorriso. — Vou levá-la para casa. Quero que descanse. Se precisar tire o dia de folga amanhã.

Ela o olha, mas não diz absolutamente nada.

\*\*\*

Às quatro da tarde, Léo estaciona o carro em frente à escolinha de Leozinho.

O garoto ao sair com Nice e vê-lo, corre contente em direção a ele e o abraça.

— E aí garotão? – Léo o pega no colo.

— Oi – ele diz com sua vozinha fina. — Você vai me levar pra sua casa?

— Não meu anjo. Vou levá-lo para sua casa. Mas antes... Tenho uma surpresa pra você – Léo diz todo alegre e caminha de mãos dadas com o garoto até seu carro. No banco detrás, ele pega a caixa de brinquedo que havia prometido ao garoto.

Os olhinhos azuis de Leozinho brilham.

— Meu Batman! – ele sorri.

— O que faz aqui Léo? – Jaqueline o surpreende.

Ele olha para ela e responde:

— Vim ver o Leozinho.

— Já disse para ficar longe dele – Jaque diz com ignorância e pega na mãozinha de Leozinho puxando-o contra ela.

— Não, mamãe! – o menino reclama. — Eu vou com o meu papai.

— Para de frescura, Leonardo – ela se irrita.

— Nice, pode levar o Leozinho pra casa? Eu e a Jaqueline precisamos ter uma conversa definitiva – Léo diz para a babá e o menino se debate ao ser pego por ela.

Ele chora.

Léo caminha até ele, se ajoelha na calçada e diz limpando suas lágrimas:

— Daqui a pouco eu vou buscar você para nós darmos um passeio. O que acha?

O menino o abraça.

— Quero ficar com você- ele diz manhoso.

Jaqueline balança ao ver o amor que um sente pelo outro. Ela se emociona, mas não diz nada.

— Eu vou te buscar. Agora vai pra casa, toma um banho e fica bem bonito para nós passearmos. Ah, e leva seu Batman conosco – Léo ri.

— Tá bom.

O menino se afasta aos poucos sendo carregado pela babá.

Léo o acompanha com o olhar até que os dois somem de seu campo de visão.

Ele olha para Jaqueline, encostada em seu carro.

— Entra no carro. Vamos para minha casa – ele ordena abrindo a porta para ela.

— Não mesmo. Não quero ter que encontrar nenhuma vadiazinha pelada em sua casa.

— Jaque, já disse a você que ela é minha prima. E outra, já consegui arrumar um lugar pra ela. Não está mais em minha casa.

Jaqueline o olha surpresa.

— Ela não está morando com você?

— Claro que não. Agora entre. Tenho algumas coisas para te dizer.

Relutante, ela o dispensa.

— Vou para casa. Nos vemos amanhã – ela diz e sai deixando Léo plantado feito idiota.

— Mas que mulher carne de pescoço – ele bufava.

Léo entra em seu carro e no caminho, tem uma ideia que fará com que derreta o coração de sua amada.

Ele pede para que Melinda a convide para sair e que a segure por algumas horas longe de casa.

Assim que Léo chega à casa de Jaqueline, os olhinhos azuis de Leozinho brilham.

— E aí garotão. Não disse que viria?

— Sim – ele abre um sorriso enorme.

— Nice, pode ir. Eu fico até a Jaqueline voltar.

— Isso vai dar confusão pro meu lado senhor Leonardo.

— Vai nada. Agora pode ir que eu seguro a bronca – ele ri e acompanha a babá até a porta.

Sozinhos, ele olha para o menino e diz:

— Tá pronto pra me ajudar a ficar com sua mãe?

— Aham – o menino responde.

— Então toca aqui – Léo faz um sinal com a mão.

— Você vai vir morar aqui?

— Não. Vocês que irão morar na minha casa. Lá é grande, tem um quintal enorme e podemos comprar um cachorrinho pra você. O que acha?

— Eu gostei – o menino ri.

— Então, vai me ajudar a fazer o jantar?

— Vou.

— Aí garoto!

Léo e Leozinho caminham até a cozinha. Ele senta o menino em cima da mesa e pede para esperá-lo enquanto busca no carro, os ingredientes que havia comprado para o jantar.

Quando volta, Léo entrega ao menino uma caixinha e pede para olhar.

— O que é isso?

— Um anel. Você acha que a mamãe vai gostar?

— Uhummm – ele responde.

Léo ri.

Enquanto Léo faz a comida, o menino segue tagarelando.

Poucas horas depois, o jantar está terminado. Leozinho o ajuda com os pratos e talheres e os dois arrumam a mesa colocando no centro dela, um vaso de flores que Léo comprou para Jaqueline. Ele ajeita o cartão e o coloca entre os caules das rosas.

— Prontinho. Agora vou lá dentro tomar um banho e você não mexa em nada – Léo adverte o garoto.

— Vou ficar aqui quietinho. Se a mamãe chegar eu falo o quê?

— Humm. Hã... é... Bom, não diga nada. Negue tudo.

Os dois riem.

— Tá.

Léo sai do banho vestido de jeans e camisa azul escura.

— E aí? Como estou?

Leozinho ri.

— Tá cheiroso. Acabou de tomar banho – o menino dá de ombros.

Léo gargalha.

— A mamãe chegou – Léo diz ao ouvir passos do lado de fora.  
— Apague a luz, corre!

Leozinho corre e pula até acertar o interruptor.

Jaqueline ao entrar, acende a luz e grita de susto ao ouvir Leozinho berrar:

— *Supesa!*

Léo não se aguenta e cai na gargalhada.

— Mas o que é isso? O que vocês dois estão apron...,

Jaqueline olha mais atenta a sua volta e vê a mesa posta e toda decorada.

— O que andaram fazendo? – ela pergunta e joga sua bolsa no sofá.

— Ele fez a comida e eu ajudei mamãe. Tem um presente pra você lá na planta. Um an... – o menino não consegue concluir, pois Léo avança no garoto tapando sua boca.

— Shhhhhhhhh! Garoto dedo duro – ele ri.

Jaqueline observa tudo atenta.

— Posso saber o que é isso?

— Um jantar romântico em família – Léo diz sem hesitar.

— Olha Léo eu não sei o que pretende, mas...

— Jaque... – ele se aproxima e tenta abraçá-la.

— Léo, por favor.

— Meu amor. Você não vê que me afastando de você não vai dar em nada? Ou melhor, só está me fazendo sofrer e sei que também sente minha falta – ele diz acariciando seu rosto.

— Eu também tô sofrendo – Leozinho interrompe.

— Você pagou a ele pra dizer isso? – Jaque ri.

— Não – Léo olha para Leozinho e pisca para o garoto.

— Eu preparei o jantar só pra nós três. Quero retomar a nossa relação de onde parou Jaque.

— E a loira?

— Não tem loira nenhuma, meu amor. Só tem você em minha vida. Só há espaço para você na minha vida.

— E eu? Você disse que eu ia morar com você também quando casar com a minha mãe. Eu te ajudei cortando cebola – Leozinho emburra cruzando os braços.

Jaqueline fica surpresa.

— Você deu uma faca a ele? É maluco?

— Valeu por me dedurar xará – Léo caminha até o garoto e aperta suas bochechas. — Vai lá pegar aquele negócio que pedi pra você guardar.

O menino corre em direção ao quarto.

— Bom, vamos jantar então – ele diz para ela.

\*\*\*

Léo puxa a cadeira para Jaqueline e ela fica maravilhada em ver o carinho em que preparou o jantar.

— Não sabia que você cozinhava – ela diz impressionada, olhando o macarrão à bolonhesa a sua frente e o lombo assado.

— Qualquer um sabe fazer macarrão – ele ri.

— Não desse jeito – ela ri. — Só a aparência já me deu água na boca.

— Aqui o vinho – ele enche a taça e entrega a ela.

Leozinho aparece e se senta ao lado de Léo.

— Eu quero esse suco de uva – ele diz fazendo Jaque rir.

— Isso aqui amigão, só depois dos dezoito anos. Agora o que tem pra você é suco de laranja.

— Ahhhh – o menino reclama.

— Pegou aquilo?

— Peguei. Toma – ele entrega nas mãos de Léo a caixinha aveludada vermelha e Léo cochicha no ouvido do garoto.

— O que é isso? Vocês estão tão misteriosos... – Jaque sorri.

— Eu não posso contar. O papai disse se eu contar ele vai pegar meu Batman de volta.

Eles riem.

Os três jantam rindo e conversando entre eles.

Quando acaba o jantar, Léo pede para que Leozinho espere no quarto enquanto conversa com Jaqueline a sós.

O menino finge que vai para o quarto e se esconde atrás da pilastra entre a sala e o corredor.

— Eu sei que desde o começo, você disse que não queria relacionamentos – ele começa a falar. — Confesso que no dia em que me disse aquilo, fiquei aliviado. Pois nunca tive a intenção de manter uma relação séria com nenhuma mulher.

— Léo eu...

— Me deixe terminar – ele a interrompe. — Desde o dia em que a vi Jaque, eu me senti diferente. Comecei a agir de um modo diferente. Você sabe e não é segredo para ninguém, sempre fui um galinha assumido. Mas eu posso jurar pra você, que desde o dia em que ficamos juntos, não tive qualquer outra mulher em minha cama ou na minha vida. Muito menos no meu coração, que é o lugar que



somente você ocupa. Eu não menti pra você e nunca tive a intenção de magoar seu filho. Eu sei que foi um deslize meu aquele dia em que minha prima chegou e me pegou desprevenido em casa. Eu surtei e quase tive um troço pensando no que você iria achar quando a visse ali. E foi dito e feito, você entendeu tudo errado e eu estive no inferno esses dias sem você.

Jaqueline emocionada, presta atenção em cada palavra dita por ele.

— Eu nunca pensei que um dia eu me apaixonaria tão intensamente por alguém. E estou feliz que a mulher que roubou meu coração tenha um filho pestinha que eu já amo como se fosse meu – ele diz se aproximando dela e a acaricia o rosto. — Eu não quero perder tempo ficando longe de vocês, Jaque. Eu amo você. Amo o suficiente para uma vida inteira- ele diz e pega do bolso, a caixinha de veludo.

Ele entrega a ela.

Jaqueline não consegue conter as lágrimas que rolam silenciosamente por seu rosto.

Ela abre a caixinha e suas lágrimas se misturam com seu sorriso de felicidade ao ver um anel.

— O que significa isso? – ela sussurra olhando para ele.

— Significa que você terá que me aguentar tomando cerveja assistindo aos jogos de futebol nos dias de domingo, dormir ao meu lado e não se importar o quanto eu ronco, lavar as minhas meias e cuecas sujas e fazer amor comigo todo santo dia – ele ri.

— Gostei da parte de fazer amor todos os dias. O resto é com você – ela dá um sorriso.

— Dona Jacqueline Ribeiro, você aceita ser minha esposa o resto da sua vida? – ele pergunta e aguarda ansioso pela resposta.

Ela fica calada por alguns segundos, suspira forte e responde:

— Sim, senhor Leonardo Alcântara. Eu aceito ser sua esposa pelo resto dos meus dias.

Léo a beija apaixonadamente e seca as lágrimas que ainda rolam no rosto delicado de Jaque.

— Uhuuuuu! – Leozinho aparece pulando. — Posso fazer minha malinha? Quero ir pra casa do papai agora e comprar o cachorro que ele prometeu.

— Você prometeu um cachorro a ele? – ela fica espantada.

— Céus! Cara esse menino é muito fofoqueiro.

Os três caem na gargalhada.

Léo abraça Leozinho e os três alegres, comemoram.

## Capítulo 39

*Uma semana depois...*

Thiago e Léo estão radiantes com os preparativos do casamento.

Há três dias, Leozinho infernizou Jacqueline para ficar na casa de Léo, e então, Léo pediu para que ela entregasse a casa e fosse morar com ele. Ele queria aproveitar cada segundo perdido ao lado dela e de seu pentelho favorito.

Alexandre a cada dia que passa, fica mais angustiado pela distância de sua ursinha. Mesmo vendo as imagens que o isentam da culpa, ela ainda não o perdoou pelas mentiras ditas e pelo e-mail que ele havia hackeado.

Todas as noites, Alexandre fica em casa, se embebeda e liga para ela implorando por perdão. Leila fica balançada, mas seu orgulho não a deixa perdoá-lo e viver seu amor. Ela sofre diariamente por tê-lo tão perto.

A mágoa ainda a está corroendo por dentro.

No final do expediente na empresa, Leila vai para casa sem se despedir dele.

Animados, Léo e Thiago aparecem na sala de Alexandre para convidá-lo a ir à boate.

— Não me digam que vieram aqui para comemorar o pedido de casamento do Léo – ele olha feio para os amigos.

Seu humor a cada dia estava pior.

— Viemos te chamar para ir à boate. Cara, você precisa sair dessa fossa – Léo diz preocupado com ele.

— Não tem nada que me fará sair de casa hoje – ele bufa. — Aliás, tem sim. Se eu morrer, posso contar com vocês para levarem meu corpo ao IML e depois me enterrar, né? – ele diz sério.

— Cara para de drama. Eu já estou de saco cheio dessas lamentações de bichinha. Ou você dá um chega na Leila, ou desiste dela de uma vez. Porque vou te contar, vocês dois estão chatos pra caralho – Léo resmunga irritado.

— E o que quer que eu faça? Já implorei, já briguei, já xinguei... Ela é uma cabeça dura! – Alê diz furioso. — Ela não quer falar comigo e foge todas as vezes que estou perto dela. Nós estávamos nos dando tão bem. Não acredito que ela não quer me perdoar só porque clonei o e-mail. Mas se ela pensa que vou desistir, é porque não me conhece. Eu adoro essa minha qualidade – ele ri.

— Qual? – Léo pergunta.

— Sou um cara determinado.

Léo gargalha.

— Tu é um cara chato, isso sim. Dê tempo a ela. Logo irá perceber que não vive sem você – Léo aconselha o amigo.

— Já tentou desprezá-la um pouco? É... Tem mulheres que são *gamadonas* nisso – Thiago ri.

— Bom. Eu não tenho condições de sair e me divertir. Vou ficar devendo essa – Alexandre diz um pouco desanimado e triste.

— Sabe o que eu acho? Que deveria ir procurá-la hoje e dizer a ela que é a última vez que você a procura para tentar se reconciliar. Se ela disser não, diga a ela que você irá desistir. Quem sabe não funciona – Thiago dá a ideia.

— Será? – Alexandre fica confuso.

— Acho que vale tentar de tudo – Léo dá de ombros. — Você já tem um não amigo. Vá e tente pegar o seu sim – Léo o encoraja.

— É isso que vou fazer – Alexandre se levanta animado. Ele pega as chaves do carro e pergunta:

— Será que encontro uma floricultura aberta?

— Acho que sim – Léo responde. — Bom, nós vamos nessa. Nos liga pra dizer o que deu certo? Mas só depois do sexo selvagem – ele gargalha. — Ainda estou assimilando a cena do acampamento e não quero ter que ouvir mais gemidos.

Todos riem.

— Babaca! – Alexandre ri.

Os amigos vão embora.

Alexandre parte à procura de uma floricultura no caminho. Ao comprar as flores para Leila, corre para casa, toma um banho e coloca sua melhor roupa. No relógio, ele vê as horas. Já estava na hora de Leila sair da faculdade. Ele dirige até lá na esperança de encontrá-la para levá-la em casa e tentar sua tão sonhada reconciliação.

Ao estacionar em frente à faculdade, ele vê todas as luzes apagadas.

— Ué! Será que não teve aula hoje? – ele sussurra e dirige até a casa de Leila.

\*\*\*

A campainha toca.

Leila se levanta do sofá vestida apenas com um short doll e uma miniblusa de cetim lilás e preta e corre para atender.

— Pode deixar mãe, eu atendo – ela diz a Rosália.

Ao abrir a porta, Leila dá de cara com Brandon, vestido de branco e com um sorriso enorme no rosto.

— Olá minha linda – ele a cumprimenta.

— Brandon? O que faz aqui?

— Vim saber como está. Fiquei preocupado. Não atende as minhas ligações e não soube mais notícias suas... Decidi fazer-lhe uma visita.

Ela o empurra para fora e caminha até a frente de casa com ele.

— Brandon, não pode vir aqui. Já disse para não me procurar e nem ficar me ligando – ela diz exasperada.

— Eu quero você de volta, Leila. Será que é difícil entender o quanto te amo? – ele diz e tenta abraçá-la.

— Mas eu não te amo, Brandon. Não quero ficar com alguém que eu não ame. Eu tenho um enorme carinho por você, mas não quero retomar nossa relação.

— Você não está mais com ele. O que te impede de ficar comigo? – ele tenta beijá-la.

— O amor me impede. Eu amo o Alexandre. Não tem lugar pra você em meu coração. Na verdade, não há lugar para mais ninguém a não ser ele. Ele me estragou para qualquer outro homem.

Nesse momento, Alexandre estaciona o carro do outro lado da calçada. Ao vê-la conversando com um homem, ele se irrita. Até que se da conta que o homem com quem está falando é seu ex-namorado.

— O que essa babaca faz aqui? – ele sussurra irritado.

Ele observa os dois conversando e fica possesso ao perceber a proximidade dos dois. Quando ele menos espera, os dois se beijam.

O mundo de Alexandre acaba naquele momento.

Ele pensa em sair do carro e dar uma boa surra em Brandon. Mas, a decepção é tanta, que ele simplesmente liga o carro e vai embora. Ele soca o volante e xinga até a última geração de Leila.

— Maldita traidora! – ele grita e dirige a toda velocidade.

Para acalmar seu coração destroçado, ele para num bar.

Sua aparência derrotada chama a atenção do barman.

— Noite difícil chefe? – o rapaz de cabelos curtos e olhos azuis pergunta.

— Noite de merda mesmo. Me vê um uísque duplo, por favor – Alexandre pede e senta. Com seus cotovelos no balcão, ele leva as mãos ao rosto e fecha os olhos ainda tentando acreditar no que viu.

— Aqui está sua bebida – o rapaz diz.

Alexandre pega o copo e bebe o conteúdo em um só gole. Bate o copo no balcão e repete:

— Outra dose dupla, por favor.

O rapaz enche o copo.

Novamente, Alexandre bebe o conteúdo de uma só vez.

— Ei amigo. Não sei o que te aconteceu, mas vai com calma – o barman o alerta.

— Quer saber o que me aconteceu? – Alexandre pergunta irritado. — Desce mais um duplo aí. Hoje vou sair daqui travado pra esquecer essa merda de amor.

— Foi mulher é? – o barman pergunta.

— Não. Fui eu mesmo. Acho que já nasci pré-disposto a ser corno. Não é possível.

O barman ri.

— Mulheres são foda.

— Foda? Porque você não conhece a minha. Quer dizer, minhas ex-namoradas do capeta.

Alexandre continua bebendo e falando sem parar.

Quando percebe que já está totalmente embriagado, ele liga para os amigos.

— Alô – sua voz sai enrolada.

— Alexandre? E aí cara? Se tá ligando é porque deu certo – Léo grita sobrepujando o som alto da casa noturna.

— Deu certo o *caraio*. Peguei aquela filha da puta no maior amasso com aquele leguminoso maldito.

— Quem?

— Brad... Brandin... Sei lá o nome daquela desgraça – ele diz todo confuso.

— Você está bêbado? Onde você está? – Léo se afligi.

Com o efeito do álcool, Alexandre tem uma crise de riso e após começa a chorar.

— Tô no boteco. Enchi a cara com um uísque vagabundo. E sabe por quê? Porque vocês beberam todo o meu scotch e agora não pude nem afogar minha desgraça decentemente.



— Me passa o endereço de onde está – Léo fica preocupado com o estado do amigo.

— Não. Já estou indo pra casa, acabei de entrar no carro – ele diz fechando a porta e pragueja ao não conseguir colocar a chave no contato.

— Alexandre, me espere aí. Me passa o endereço. Estou saindo daqui e já te pego. Não pode dirigir nesse estado – Léo insiste.

— Por que não? Não preciso de babá pra me levar em casa. Estou perfeitamente lúcido – ele se irrita, desliga o telefone e dirige para casa.

No caminho, Alexandre chora feito criança. Ele pensa em ir até a casa dela e dizer-lhe um monte de desaforos, mas desiste não querendo se humilhar ainda mais.

O telefone toca mais uma vez.

Ele atende.

— Porra cara! Onde você está? – Thiago se desespera.

— Dirigindo.

— Bêbado? Não tem amor a vida não? Você nunca foi tão irresponsável Alexandre. Pare o carro que eu e o Léo estamos indo aí te buscar.

— Eu já estou a duas quadras de casa. Fiquem tranquilos que eu estou completamente...

Nesse momento, Alexandre está tão concentrado na conversa e com os reflexos lentos por causa da bebida, que não percebe o sinal fechar e passa no cruzamento. Um carro que vem em alta velocidade acerta em cheio em sua porta.

Alexandre toma um tranco e o celular cai de sua mão.

A batida é violenta.

Ele perde o controle do carro, em seguida, bate a dianteira no poste à sua frente e desmaia.

Thiago houve tudo do outro lado da linha e se desespera.

— Alexandre! Alexandre! – ele grita.

Léo se alarma.

— Acho que o Alexandre bateu o carro – ele diz pálido para Léo que o olha tentando assimilar a notícia.

Pouco tempo depois, Léo e Thiago conseguem chegar ao local do acidente. Por sorte, o amigo havia dito que já estava perto de casa, então, foi fácil encontrá-lo.

Alexandre está estendido no chão sendo atendido pelos paramédicos.

O motorista que bateu em seu carro fugiu sem prestar socorro.

— Com licença! – Léo diz para alguns curiosos em volta de Alexandre.

Assim que vê sangue pelo rosto do amigo ele se assusta.

— Ele está bem? Está vivo? Está consciente? – pergunta aos paramédicos.

— Você é o que dele? – um dos paramédicos pergunta.

— Sou amigo dele. Nós dois somos – ele conclui incluindo Thiago que ainda olhava para tudo horrorizado.

— Estamos encaminhando o paciente para o hospital mais próximo. Os sinais vitais estão bons e não sofreu nenhuma fratura. Apenas um pequeno corte na cabeça que será suturado. Quanto ao resto, precisamos fazer um raio-x e alguns exames.

— Certo. Qual é o hospital? Vamos ligar para os pais dele.

O paramédico explica tudo e sai para levá-lo ao pronto socorro.

Na emergência, ele é atendido prontamente.

Do lado de fora, na sala de espera, Elizabeth e George aparecem preocupados.

— Como ele está? – ela pergunta já aos prantos.

— Ele está ótimo. Foi apenas um susto – Léo tenta acalmá-la enquanto Thiago conversa com George.

— Você ligou para a Leila? Ela já sabe? Meu Deus! Desde que eles terminaram Alexandre está deprimido. Não sei mais o que fazer – a mãe dele chora.

— Ele bebeu um pouco demais. Não acho que nesse momento ele queira ver a Leila, mas vou ligar para ela.

— Faça isso. Ele vai ficar feliz em vê-la. Com certeza.

Léo faz o que Elizabeth pede e liga para Leila.

Ele explica todo o ocorrido, mas Leila não se convence de que esteja falando sério. Há dias, Alexandre tentava chamar sua atenção para que ela o perdoasse.

— Não estou brincando Leila. Ele sofreu mesmo um acidente – ele tenta convencê-la.

Leila fica apreensiva e cogita a ideia de que Léo esteja falando sério.

— E como ele está? Não minta!

— Ele está bem. Foi só um susto mesmo. Machucou o ombro esquerdo e teve um pequeno corte na cabeça – Léo explica.

— Obrigada por me avisar. Se ele está bem, logo irá para casa e não tem por que ir visitá-lo agora no meio da noite – ela diz fria, mas a preocupação e a vontade de vê-lo são enormes.

— Tudo bem – Léo desliga.

Passado algumas horas, o médico aparece.

— O paciente já foi para o quarto. Por sorte não teve nenhuma fratura grave. Apenas deslocou o ombro. Terá que ficar com uma tipoia, tomar alguns analgésicos para a dor e repousar em casa. Ele terá que ficar em observação por algumas horas – o médico explica para Elizabeth e os amigos ouvem atentos.

— Sim doutor.

Ao entrarem no quarto, Alexandre os recebe com uma carranca.

— Filho! – sua mãe corre para abraçá-lo.

— Ligaram para a minha mãe? – ele pergunta aos amigos, enraivecido.

— Claro que ligamos. Você nos deu um puta susto – Léo diz entredentes.

— E meu carro? Ai caralho meu carro custou uma fortuna! – ele lamenta.

— Seu carro já era. Todo fodido – Thiago diz olhando para o machucado em sua testa.

Eles conversam entre si e George e Elizabeth aproveitam para passar um sermão.

Após se despedirem e irem embora, Alexandre pergunta a Léo:

— Alguém avisou a Leila?

Léo e Thiago se entreolham.

— Eu avisei – Léo diz.

— E? – Alexandre pergunta esperançoso.

— E... Que ela ficou preocupada.

— Disse que viria me ver?

Ele olha atento para a cara de decepção de Léo.

— Não. Ela disse que estava tarde, mas com certeza ela irá te visitar amanhã.

Alexandre murcha.

— Acho que ela não me ama mais. Eu a vi aos beijos com o Beterraba – ele diz entristecido.

— Não pense nisso agora. Você precisa descansar. Logo te levaremos para casa e você vai ver... Ela irá visitá-lo – Léo tenta confortá-lo.

No dia seguinte, já em casa, Alexandre pensa em Leila.

Já estava no meio da tarde e não recebeu sequer um telefonema dela.

Seu coração fica apertado e ele se sente angustiado.

Horas depois, os amigos aparecem para visitá-lo acompanhados de suas namoradas.

Eles passam horas conversando e assistem a filmes, se divertindo.

Por mais que estivessem ali, Alexandre sente um vazio pela falta de sua ursinha. Ele passa cada minuto olhando para seu celular, na esperança de que a qualquer minuto ela possa ligar.

Leila, confusa e arrependida, se joga no sofá xingando-se mentalmente. Seu orgulho a impedia de sair dali e correr para os braços de Alexandre.

Ela passa o dia inteiro se corroendo com a falta de notícias de Alexandre. E, ligar para seus amigos para obter qualquer notícia dele, estava fora de questão.

No dia seguinte, amanhece chovendo e frio.

Um domingo chato e vazio sem ele.

Aos poucos, Leila percebe o quão burra está sendo em não admitir que por mais que esteja chateada, o único delito de seu amor, era perdoável. Muito perdoável.

O dia acaba e ela fica contente de finalmente poder vê-lo no dia seguinte e dizer o quanto o ama.

\*\*\*

Alexandre amanhece disposto.

Apesar do fim de semana ter sido diferente do que imaginava, ele acorda disposto a virar a página em sua vida.

Chateado, ele promete esquecer de vez sua ursinha.

Ele toma um banho com dificuldade por causa da tipoia, mas consegue colocar seu terno normalmente.

Decidido, ele encara mais um dia de trabalho duro.

Ao chegar à empresa, Leila ainda não havia chego.

Ele entra em sua sala e separa alguns papéis da construção do orfanato. Em quinze dias, seria a inauguração e ele estava ansioso em acompanhar os últimos detalhes da obra.

— Vejo que está animado! – Léo entra sem bater na porta.

— Estou sim! Hoje será um dia daqueles. Vou checar a obra do orfanato. Não quero que atrase a inauguração – Alexandre responde.

— E o braço? Está melhor?

— Sim. Sinto dor às vezes, mas acho que deve ser normal.

— Bom, vou para a obra do viaduto encontrar a Jaqueline. Thiago se encarregou com o Resort e seu pai pediu para avisar que está saindo de viagem. Volta no final da semana.

— Tudo bem. Qualquer coisa, te ligo.

Léo sai da sala.

Momentos depois, Leila entra na sala com um enorme sorriso.

— Bom dia, chefinho?

Alexandre a olha.

— Está cinco minutos atrasada – ele rosna olhando em seu relógio de pulso.

— Me desculpe. Metrô estava lotado. E seu braço? Já está melhor? Eu queria ter ido vis...

— Meu braço está ótimo. Agora preciso que volte ao trabalho, pois tenho um dia cheio hoje. Estou saindo e só volto no final da tarde. Se precisar de qualquer coisa, só falar com a senhora Keller. Ela a ajudará no que precisar – ele diz formalmente e a deixa plantada ali, no meio de sua sala.

Leila demora alguns instantes para assimilar que ele a ignorou completamente.

Ela volta para o trabalho, um pouco confusa pela atitude de Alexandre. Mas, resolve não pensar nisso.

No fim do expediente, ela fica ansiosa para vê-lo. Mas ele não volta para empresa.

Ela vai embora arrasada.

Em casa, na hora de dormir, ela sente a falta dele. Falta de seus beijos, seus carinhos, do sexo maravilhoso, mas o mais importante, estava preocupada com ele. Então, decide ligar.

Alexandre atende após alguns toques.

— Leila?

— Oi. Alexandre. Só liguei para saber se está tudo bem. Como não voltou para empresa, pensei que pudesse ter acontecido alguma coisa.

— Não. Estou bem sim. Você quer mais alguma coisa? – ele pergunta com indiferença.

— Não. É só que eu...

— Então boa noite. Nos vemos amanhã na empresa – ele diz interrompendo-a e desliga.

Leila olha para seu celular não acreditando que ele tenha desligado em sua cara.

No dia seguinte, ela coloca um vestido azul um pouco acima do joelho. Alexandre nunca conseguia se controlar ao vê-la vestida nele.

Ela decide provocá-lo.

Na empresa, Leila conversa com Melinda.

— Você sabe o que está acontecendo com o Alexandre?

— Não. Por quê? Tem alguma coisa acontecendo? Eu não estou sabendo de nada – ela ri.

— Ele está diferente – ela diz bebendo seu café.

— Diferente como?

Leila fica desconfortável.

— Não sei. Acho que está chateado comigo e está me evitando.

— Não é pra menos. Você pegou pesado com ele. Bom, vou voltar ao trabalho – Melinda diz e sai da copa.



Leila volta para sua sala.

Assim que Alexandre chega à empresa, passa por ela e diz:

— Bom dia – e entra em sua sala fechando a porta.

Leila se levanta e vai atrás dele.

Ela abre a porta e o pega ajeitando a tipoia em seu braço.

— Precisa de ajuda? – ela pergunta.

— Não. Está tudo bem – ele diz.

— Precisa de alguma coisa, chefinho? – ela enfatiza o chefinho na intenção de provocá-lo.

— Não. Pode ir – ele diz sem olhá-la nos olhos.

Assim que Leila sai, Alexandre suspira fundo e mantém sua fachada fria.

É difícil para ele fingir que não se importa com a presença dela. Mas já estava cansado de fazer de tudo para se reconciliar com ela.

No final da tarde, ele sente dores.

Leila entra no momento em que ele solta um grunhido.

— Está se sentindo bem? – ela pergunta e se aproxima dele.

— Sim. Só um pouco de dor – ele faz uma careta segurando seu braço. — Vou buscar meus remédios que esqueci no carro – ele diz e se levanta de sua cadeira.

— Não! Pode deixar, eu pego – ela se prontifica e sai apressadamente em busca dos remédios.

Ao voltar, ela entra na sala carregando um copo d'água e o analgésico.

— Aqui está – ela diz entregando nas mãos dele.

Ela fica tão próxima, que Alexandre precisa fingir o máximo que ela ainda não o afeta. Na verdade, a vontade que ele tem é de jogá-la em sua mesa e arrancar aquele vestido provocante.

Assim que ele toma o remédio, diz:

— Obrigado. Pode voltar ao trabalho.

Leila o encara.

— O que foi? – ele pergunta.

— Por que está tão hostil? – ela se enfurece.

— Eu? Hostil?

Ela se irrita.

— É. Você anda me tratando de um modo diferente. Eu estou preocupada com seu estado e você. Sempre pergunto como está, se está sentindo alguma coisa e você me ignora – ela diz exasperada andando de um lado para outro.

— Acabou? – ele pergunta com o cenho franzido. — Não tenho tempo para discussões, Leila. Preciso trabalhar. Se me der licença...

— Não! Não dou licença. Quero saber o que há de errado para me tratar tão friamente.

Ele a olha.

— Acha mesmo que o mundo gira em torno de você? Talvez eu esteja te tratando da mesma forma que tem me tratado todos esses dias. Inclusive por seu descaso de não ter dado nem um telefonema quando estava no hospital. Mas, claro, você estava muito ocupada beijando aquele filho da puta do Brandon.

Leila empalidece.

— Do que está falando? – ela se alarma.

— Ah, não se faça de desentendida. Eu vi vocês dois na sexta à noite.

— Espere, eu não o beijei. Ele foi até lá para me...

— Não me interessa, Leila. Não estamos mais juntos. Já me conformei com isso e quero que saiba que está livre para ficar com quem quiser. Só não me perturbe mais – ele levanta furioso e caminha em direção a porta. Leila se coloca na frente dele e diz:

— Alexandre, espere! Me deixe explicar. Você tem que acreditar em mim. Eu e o Brandon não temos nada.

Ele ri.

— Engraçado você dizer isso. Porque quando é comigo, você não quer saber se é verdade ou não. Simplesmente me deixou sem dar chances de me explicar – ele diz e sai da sala deixando ali, pensativa.

O resto do dia foi uma droga para ela. Alexandre foi para casa e ela teve que ficar ali, sozinha com seus arrependimentos.

## Capítulo 40

...Três dias depois...

Leila chora deitada em sua casa.

Há dias não conseguia dormir e a falta de Alexandre já estava sufocando-a. Para piorar, a indiferença com que a tratava, era demais para ela.

— Ainda acordada? – Rosália entra no quarto e sorri levemente para sua filha.

— Sim – ela responde e seca as lágrimas.

— Ainda não conseguiram se acertar, não é?

— Não. Acho que ele já não me ama mais – Leila diz com pesar.

Rosália sorri e dá um abraço na filha.

— Nunca vi um casal tão cabeça dura como vocês dois. É visível que estão sofrendo um pelo outro. E, mesmo assim, são dois masoquistas que preferem a dor ao invés de serem felizes.

Leila dá um sorriso fraco.

— Acho que peguei pesado demais. Agora não sei como consertar tudo isso. Eu me aproximo dele, mas ele se afasta como se eu tivesse uma doença contagiosa.

— Está lhe faltando coragem, Leila. – Rosália diz.

— Como assim?

— Enquanto não admitir para si mesma que você exagerou e é você a única culpada por estarem separados, vocês irão continuar na mesma. Você é orgulhosa e ele também. E sabe de uma coisa, esse orgulho todo não vai levar vocês a nada.

Leila abaixa a cabeça, pensativa.

— Ou melhor, irá sim. Irá levá-los a uma vida vazia e triste. Vocês se completam. Tenta ouvir o seu coração. Quanto mais o tempo passa, mais o Alexandre vai se acostumar a viver sem você. E quando isso acontecer, talvez não o consiga de volta – Rosália a aconselha.

Leila se levanta da cama e coloca um vestido e seus sapatos.

Sua mãe a olha.

Os olhos inchados de tanto chorar, agora brilham.

— O que está fazendo? – Rosália pergunta confusa.

— Vou buscar a minha felicidade de volta – ela sorri.

— Mas agora? Leila, minha filha, já olhou as horas? Já se passa das duas da manhã.

Leila para em seu lugar e pensa.

— Eu sei. Mas quem foi que disse que temos hora para o amor? Já esperei demais. Cada segundo que eu perco longe dele, me mata aos poucos – ela diz e liga para um táxi.

Dez minutos depois, o carro estaciona em frente sua casa.

— Tchau, mãe! Obrigada pelos conselhos – ela a beija no rosto e entra no carro.

Ansiosa, os minutos se passam como uma eternidade.

— Moço, dá para dirigir mais rápido? – ela pergunta aflita.

— Infelizmente não, senhora. Já estou no limite máximo permitido.

Leila bufa.

Ao chegar em frente ao prédio, ela abre a porta e paga o motorista. Leila corre para a portaria sem se importar em pegar o troco.

Ela passa pela portaria e corre até o elevador.

Seus dedos trêmulos tocam sem parar no número do andar de Alexandre.

Assim que sai do elevador, ela suspira fundo e aperta a campainha descontroladamente.

A demora de Alexandre a desespera.

Do outro lado, ele acorda assustado com o barulho da campainha.

— Ai! Merda! – pragueja e se levanta com os cabelos bagunçados de uma forma sexy, apenas de cueca.

A campainha não para.

— Merda! Que porra é essa? Tá pegando fogo no prédio? Só espero que não seja nenhuma vizinha gostosa sem noção, querendo açúcar há essa hora. — Já vou! – ele grita em meio ao barulho ensurdecedor de sua campainha e ajeita sua tipoia. Seu ombro ainda necessitava de cuidados.

Assim que abre a porta, sonolento, paralisa ao ser agarrado por Leila.

Ela se joga em seus braços e diz em desespero:

— Eu te amo! Eu te amo, Keller. Droga com eu amo você. Estou sentindo tanto a sua falta. Por favor, me perdoe. Me perdoe, por

favor! – ela o abraça tão apertado, que ele solta um grunhido de dor.

— Leila?! Ursinha?! Você está me machucando – ele diz com dificuldade.

Ao se afastar, ele olha em seus olhos azuis, cheios de lágrimas.

— Eu sei que sou uma cabeça dura. Mas, por favor, volte pra mim. Me perdoe. Eu não aguento mais ficar sem você – ela sussurra implorando por perdão.

Ele gela e seu coração começa a palpitar.

— Está tarde, não acha? – ele pergunta.

— Eu sei. Mas eu amo você e se puder me perdoar por ter sido tão burra, eu juro que nunca mais vou ficar longe de você – ela choraminga.

Ele ri.

— Digo tarde de tarde. As horas, Leila. Saiu sozinha de casa a essa hora?

Ela assente.

— Por quê? – ele pergunta e fecha a porta da sala.

— Porque eu precisava falar com você. Isso já está me matando.

— E não poderia esperar até amanhã cedo? – ele olha sua reação.

— Não – ela diz firme.

Suas mãos tremem com a ansiedade.

— Então tá. O que de tão importante quer me dizer? – ele a fita nos olhos.

Leila fica inerte por alguns segundos até que a coragem percorre suas veias.

— Que eu amo você.

— Isso eu ouvi assim que abri a porta – ele diz sarcasticamente.

— Que te quero de volta.

— Isso também ouvi – ele cruza os braços analisando-a de cima a baixo. Suas pernas, à mostra, estavam deixando-o excitado. Ele tenta conter a vontade de agarrá-la e arrancar toda a sua roupa para possuí-la como sempre fazia.

Ele a encara.

Ela suspira fundo fechando os olhos e solta o que está preso em seu coração.

— Eu quero você, Alê. Para o resto da vida. Quero construir uma família com você, quero poder acordar todos os dias de manhã e fazer o seu café, te amar, fazer você sorrir, ficar ao seu lado na cama num domingo chato chuvoso, comendo morango com chocolate...

Enquanto Leila fala inúmeras coisas que quer fazer ao lado dele, Alexandre pensa em apenas uma, que ela seja somente dele.

— Quero jogar vídeo game comendo batata fritas nos finais de semana... Mas... – ela diz.

— Mas... – ele fica apreensivo.

— Antes, eu quero saber uma coisa – ela diz.

— O quê?

— Quer se casar comigo?

O pedido repentino de Leila, o faz rir.



Ele ri tanto, que precisa se apoiar no sofá.

Leila se enfurece.

— Do que está rindo? Se não quer, se não quer me perdoar, é só falar. Não precisa rir de mim.

Ele a olha ainda rindo.

— Meu Deus, Leila. Você acabou de me pedir em casamento?

— É? – ela dá de ombros.

— Você é muito estranha, sabia? – ele pergunta contendo o riso. — Me ignora por semanas, diz que nunca iria me perdoar, me deixa mal, sofri um acidente por estar desnortado com nossa separação... E do nada, no meio da madrugada, você vem aqui em minha casa, me tira do meu sono não tão tranquilo assim, porque a porra do meu braço ainda dói, pra me pedir em casamento? – ele diz sério.

Os olhos de Leila se enchem de lágrimas.

— Eu sei que eu não mereço. Mas eu amo você! – ela sussurra.

Alexandre caminha pela sala de cabeça baixa.

O silêncio estava deixando Leila sem esperanças.

— Me desculpa, eu não devia ter vindo – ela diz com a voz fraca e sai em direção a porta.

— Eu te odeio, sabia? – ele diz entredentes.

Leila para em seu lugar.

— Céus como você é irritante. Como vou dizer aos nossos filhos que foi a mãe deles quem me pediu em casamento? Era para ter sido eu – ele diz e Leila vira para olhá-lo.

— Você aceita se casar comigo?

Ela sorri.

— Mas é claro, minha ursinha. Qual homem em estado de sã consciência, diria não a uma proposta tão tentadora? – ele dá um sorriso.

Leila parece não acreditar.

— Então você me perdoa?

— Só se você também me perdoar.

Ela sorri e cai em seus braços.

Ele a beija demoradamente e acaricia seu cabelo descendo para seus seios.

— Eu te amo, minha ursinha! Senti tanto sua falta! – ele diz beijando-a.

— Eu também te amo, chefinho.

— Eu quero você em minha cama – ele sussurra no ouvido dela.

— Não acho que consiga fazer qualquer coisa com esse braço machucado – ela ri.

— Eu não preciso do meu braço pra fazer você gemer gostoso pra mim e nem para fazê-la gozar – diz apertando sua bunda.

— Então vamos! Estou louca para fazer amor com você – ela o beija.

— Não me deixe mais Leila. Prometa que nunca irá me deixar. Eu morro se fizer isso outra vez – ele diz acariciando seu rosto.

— Eu não vou. Nunca.

No quarto, Leila tira a roupa.

Deitado na cama, ele a beija possessivamente.

— Deite-se! – ela ordena. — Não quero que se machuque. Eu farei tudo e você ficará aí, quietinho – ela sorri e deita sobre ele.

Leila beija cada centímetro do corpo de Alexandre.

Apaixonados, eles se beijam com amor e necessidade.

Delicadamente, ela cavalga lento, em seu pau rijo.

— Eu senti tanto sua falta – ele sussurra acariciando seu seio com uma mão.

Ela o beija.

— Quero que goze pra mim, minha ursinha malvada. Quero ouvir seus gemidos.

— Como você quer que eu goze, chefinho. Diga!

Ele geme com o contato de seus corpos. Leila contrai sua vagina apertando seu pau. Ele se segura para não gozar.

— Quero que goze no meu pau e grite pra mim... Vamos! Quero que rebole no pau do seu chefinho bem gostoso – ele diz.

Leila adora sua boca suja.

Quando não consegue mais resistir, eles gozam juntos, desfrutando de cada segundo de seus orgasmos.

Ela deita sobre ele e o beija lento.

\*\*\*

— Bom dia! Acorda dorminhoca. Precisamos ir trabalhar. Tenho uma reunião importantíssima e não posso me atrasar – ele diz apressado e dá o nó em sua gravata prateada.

— Eu posso faltar hoje? – ela resmunga, sonolenta.

— Não. Não pode!

— Por favor!

— Levanta, Leila. Posso pegar o chinelo se preferir – ele ri.

— Não. Tudo menos o chinelo – ela ri.

— Um minuto para tomar um banho e tomar seu café! Vamos! Levante – ele diz e dá um beijo em sua boca.

— Eu te amo.

— Eu também te amo, ursinha.

\*\*\*

No escritório, Alexandre e os amigos comemoram.

Eles ficam felizes pelo amigo e conversam por um longo tempo.

Após o almoço, eles se trancam na sala de reuniões.

Minutos depois, são interrompidos por Melinda.

— Alexandre – ela o chama.

— Entra, Melinda. Está tudo bem? – ele pergunta ao ver a cara de espanto de sua funcionária e amiga.

— Depende – ela ri. — Vocês viram o jornal de hoje?

— Não. Aliás, faz um tempo que não leio nada – Alexandre ri.

Léo e Thiago ficam curiosos.

— O que foi? O que tem aí no jornal? – Thiago pergunta.

Melinda se aproxima e entrega a Alexandre o jornal comprado por ela há poucos minutos.

Alexandre olha e lê a primeira página, abismado.

— Caralho! Me diz que isso é uma brincadeira – ele se espanta.

— Quero ver – Léo pega o jornal das mãos do amigo e fica igualmente abismado.

— Leia em voz alta, mané. Quero saber também – Thiago resmunga.

Léo suspira e lê a reportagem em voz alta.

— *"Governador do estado é preso por lavagem de dinheiro. Investigado pela polícia federal por suspeita de enriquecimento ilícito. Foram descobertas provas suficientes que o incriminam no esquema de desvio de dinheiro dos cofres públicos. Todos os bens do Governador e de sua família foram bloqueados, inclusive, da advogada Patrícia Vernek, acusada de participar do esquema. A advogada criminalista possuía vários bens em seu nome, comprados pelo Governador. Especula-se que os dois sejam amantes há mais de três anos. Patrícia foi presa esta manhã e deverá prestar depoimento nos próximos dias. Se comprovada a relação dela com o esquema de desvio dos cofres públicos, a advogada poderá ser condenada em até dez anos de prisão em regime fechado".*

— Choquei! – Thiago diz pasmo.

— Tu é galinha pra chocar agora, porra! – Alexandre ri.

— Cara! Sua ex definitivamente é chave de cadeia – ele ri.

— Como eu queria ser uma mosquinha para estar lá e olhar bem na cara dela – diz Alexandre.

— Ihhhh! Não vai fazer besteira que dessa vez a Leila te mata – Melinda sorri.

— Não. Farei melhor – ele ri e se levanta deixando os amigos em alerta.

— Aonde vai? – Léo pergunta.

— Encerrar essa etapa da minha vida. Acho que encontrei um jeito de arrancar todo esse ódio de dentro de mim – Alexandre diz e deixa os amigos confusos.

Ele sai em direção a sua sala e diz para Leila:

— Ursinha, estou saindo. Não demoro. Me espere! – ele a beija.

— Tudo bem.

\*\*\*

No caminho, Alexandre relembra cada momento que passou com Patrícia. De todos os fins possíveis que imaginava para ela, esse, jamais passou pela sua cabeça.

Ao chegar à delegacia, ele pede para visitá-la.

— Tem cinco minutos. A detenta não pode receber visita – diz o policial que o acompanha até a cela provisória.

Alexandre caminha pelos corredores escuros e sujos, no segundo bloco, ele a vê atrás das grades.

— Aí loira! Você tem visita – ele diz e abre a cela para Alexandre entrar.

— Até que demorou – ela sorri de forma diabólica.

Mesmo ali, naquelas condições, Patrícia não perde a pose.

Ele a olha e não consegue sentir outra coisa a não ser pena.

— Como você está? – ele pergunta.

— Estou ótima. Aqui até parece um hotel cinco estrelas – ela ironiza. — O que veio fazer aqui? Cumprir sua palavra de me chutar quando estivesse no chão, caída e derrotada? Veio esperar ouvir-

me te pedir perdão? – ela ri e ele percebe que não está nem um pouco abalada.

— Alguma vez chegou a me amar Patrícia?

Sua pergunta à pega desprevenida.

— Amar? Você? Quer me fazer rir?

— Vou te fazer a pergunta de modo diferente – ele sorri. — Alguma vez chegou a se amar?

— Que papo chato. Aliás, foi por isso que te traí com vários outros homens – ela o espezinha. Encostada na cela, ela ajeita seus cabelos.

— Ao contrário do que você pensa, eu não vim aqui humilhá-la e nem pisar em você.

Ela o observa.

— Veio para quê? Passar sermão? Oras, não combina com você – ela ri.

— Vim para pedir seu perdão. Perdão pelas coisas ruins que fiz com você apenas para exaltar meu ego, meu orgulho ferido. Hoje, eu vejo que fui o único prejudicado por todo o rancor e a sede de vingança que me corroeu por anos. E vim aqui principalmente, para te dizer que você tem o meu perdão. Por tudo que me fez passar. Não quero mais carregar essa mágoa em meu coração. Quero virar essas páginas negras da minha vida e seguir meu caminho – ele diz com sinceridade.

Patrícia ri.

— Se está esperando eu te pedir perdão, perdeu seu tempo – ela ri.

— Não – ele sorri. — Jamais esperaria por isso. Eu sei bem o tipo de ser humano que você é. Fria e incapaz de desenvolver qualquer sentimento por alguém. Até mesmo por você. Só espero

que quando se der conta de que está num poço sem fim, não seja tarde demais. Sabe como é, eu sempre prefiro acreditar que as pessoas podem mudar. Até mesmo as pessoas como você – ele diz e chama o guarda para tirá-lo dali.

Patrícia ouve tudo e fica, por alguns momentos, pensativa.

— Alexandre! – ela o chama.

Ele vira para ela e a encara.

— Não me arrependo de nada que fiz com você. Se tivesse a chance de voltar no tempo, teria feito tudo de novo, só que com um pouco mais de crueldade – ela dá um sorriso perverso e fica ali, vendo-o se afastar aos poucos.



## Capítulo 41

*... Quase dois meses depois...*

— Vamos Leila! Nós estamos atrasados! – Alexandre grita da sala.

Leila aparece na sala. Linda e deslumbrante, ela exhibe um lindo vestido de cetim verde perolado um pouco abaixo dos joelhos.

— Como estou? – ela pergunta arrancando suspiros de seu noivo.

— Está linda... E comestível. Muito comestível – ele ri.

Ela ri.

— Agora vamos. A inauguração do orfanato vai começar em poucos minutos. Não pega bem se chegarmos atrasados.

— Eu sei. Estou pronta. Vamos!

Ao chegarem ao orfanato, Leila fica maravilhada com a festa grandiosa.

As crianças estavam todas vestidas formalmente.

Alexandre conseguiu reunir vários políticos conhecidos e amigos com poderes aquisitivos suficientes para fazerem uma doação generosa.

Léo entra na festa de terno cinza, camisa branca e gravata verde que realçava perfeitamente seus olhos. Jaqueline está igualmente linda, vestida em um tubinho lilás. Leozinho chorou por dias querendo colocar um terno igual ao de Léo. Ele fez questão de mandar fazer um terno sob medida para o pestinha que pula no salão, fazendo suas estripulias.

Thiago e Melinda, é o casal mais comentado.

Ele arrasa em um terno branco de gravata prateada e Melinda num lindo vestido vermelho com uma fenda lateral que mostrava um pouco suas pernas grossas.

O tempo todo, Alexandre passa por ele e o chama de Eddie Murphy. Ele fica uma fera.

Leila não consegue desgrudar de sua princesinha favorita. Há um mês, ela e Alexandre haviam pagado uma cirurgia para ela. Apesar do resultado não ter sido muito satisfatório e ela realmente não poder enxergar de um olho, eles fizeram o que pode para tentar dar a ela uma melhor condição.

Os pais de Alexandre ficam orgulhosos do filho. Na mesa, todos sentam para ouvir o discurso do anfitrião, inclusive dona Rosália, que ria sem parar com as piadas dos três amigos.

No final do discurso, Alexandre pede licença a todos subindo no pequeno palco improvisado.

Ele discursa, agradece e por fim é aplaudido por todos.

Toda a mídia estava lá para prestigiar e divulgar seu feito.

— Eu gostaria de pedir mais um minuto de suas atenções – ele continua. Hoje, sinto-me feliz por tudo que estamos realizando aqui. E isso, não teria sido possível sem a ajuda de tantos amigos. Meus melhores amigos – ele ri. — Léo, Thiago e minha adorável futura esposa, Leila. Que foi quem me motivou a tudo isso. Uma mulher de um coração enorme. Por quem sou eternamente grato e apaixonado.

Todos aplaudem.

— E é por isso que a chamo aqui, no palco.

Todos o aplaudem.

Leila coloca Belle no colo de Rosália e caminha até Alexandre.

No palco, eles se beijam e são aplaudidos novamente.

Ele a pega pelas mãos e descem do palco.

— Eu sei que prometi nunca mais esconder nada de você. Mas garanto que foi por uma boa causa – ele sussurra para ela.

— O que foi que você fez dessa vez? – ela o olha apreensiva.

Ele entrega a ela, uma pasta que carregava em suas mãos.

— Aqui. Veja – ele diz. — Esse é o meu último segredo.

Leila pega a pasta e abre com curiosidade.

Seus olhos se enchem de lágrimas ao ler o primeiro papel que contém seus dados, os de Alexandre e de Isabella.

— O que é isso? – ela pergunta emocionada.

— Há algum tempo havia entrado com o pedido de adoção da Belle. Sabe como esses processos são demorados. Então achei que se começasse cedo, quando estivéssemos casados, já teríamos ela em casa, conosco – ele diz olhando para sua reação perplexa.

— Como assim? Quer dizer que a Belle é nossa filha?

— Não – ele ri. — Isso quer dizer que o pedido de adoção foi aprovado. Após nos casarmos, que falta bem pouco tempo, poderemos concluir o pedido de adoção e em poucos dias, ela estará conosco, em casa.

— Mas... A data desse pedido foi dias após eu conhecê-la – ela fica confusa. — Como tinha certeza que estaríamos juntos? – ela pergunta surpresa e confusa.

— Porque você já era minha. Mesmo sem saber. A tomei para mim no dia em que te vi pela primeira vez. E ali, tive a certeza de que era você quem eu queria para o resto da minha vida – ele sorri.

— Por que não me contou?

— Não queria criar falsas expectativas. Poderia não ter dado certo – ele diz.

As lágrimas de Leila caem lentamente.

— Eu... Ai meu Deus! Isso é... Isso é um sonho – ela ri em meio as suas lágrimas.

— É... – ele ri.

— Eu amo você, meu amor. Obrigada por me fazer a mulher mais feliz deste mundo. Eu me apaixonei pela Isabella assim que a vi. E tudo que eu queria era poder amá-la, cuidá-la, dar todo o meu carinho. Ser uma mãe para ela e dar um lar feliz.

— Isso é tudo o que eu quero Ursinha. Quero mimar as duas mulheres da minha vida. E, quando tivermos mais filhos, sim, porque eu quero muitos, ser filho único é entediante – ele ri. — Quero que eles a amem como irmã. Ela será nossa. Nossa filha.

Leila emocionada, o beija apaixonadamente.

— Eu acho que vou surtar agora – ela ri.

— Vamos espalhar a novidade então? – ele pergunta.

— Vamos!

## Epílogo

...Três anos Depois...

Era um domingo ensolarado.

Um dia de descanso para todos, menos para Alexandre. Ultimamente, ele vivia em estado de alerta 24 horas por dia. Leila já estava no nono mês de gravidez e ele como pai de primeira viagem, não descansava nunca!

— Leila, pelo amor de Deus! Sossega, para de ficar fazendo estripulias.

— Que estripulias Alexandre? Estou só fazendo um lanchinho, estou com fome.

— Deite aqui no sofá, eu faço para você, está quase para ganhar o bebê e não para. - Leila bufa contrariada, mas resolve ceder ao capricho do marido.

— Eu estou grávida, não estou doente!

Ela fica ali, deitada, esperando Alexandre voltar quando Belle entra devagar e senta no sofá onde está deitada.

— Mami, o meu irmãozinho está demorando demais para sair, ele não quer me conhecer?

Leila dá risada do comentário da Belle que ultimamente perguntava quando o irmãozinho iria nascer e se iria gostar dela.

— Claro que ele vai gostar de você meu amor eu já falei isso para você. Agora falta pouco para ele nascer, ele vai nos deixar doidas, igualzinho ao papi nos deixa.

Nesse momento Alexandre entra na sala e vê as suas duas meninas sorrindo e conversando com o bebê na barriga. Discretamente pega o celular e tira uma foto. Ele não deixava passar nenhum momento. Já havia várias fotos em seu álbum. Com uma família linda, o pequeno Keller viria para dar mais alegria aquele lar tão aconchegante e cheio de amor. Ele decide se juntar a elas.

— Papi, o bebê está demorando muito – Belle diz intrigada com a demora do nascimento do bebê.

— Calma princesa, quando menos esperar ele vai estar aqui.

— Por que ele ainda não tem nome?

— Porque só saberemos quando olharmos para a carinha dele – Alê explica.

No dia seguinte Alexandre sai para o escritório enquanto Leila ainda está dormindo. Por causa da gravidez, ela dormia mais do que o normal.

No meio da manhã ele estava em uma reunião quando o celular começou a tocar. No visor, ele identificou o número de casa, pediu licença e se levantou da mesa para atender.

— Keller.

— Papi, a bolsa da mami estourou.

— Princesa o papai está no meio de uma reunião, não posso fazer nada agora, mas, prometo que quando eu chegar, nós vamos sair e comprar uma nova para a mamãe.

— Não papi, a bolsa da mami estourou.

— Eu entendi princesa, à noite compramos outra. – assim que termina de falar ele ouve um grito da Leila ao fundo.

— Princesa o que foi isso? – pergunta preocupado.

— Foi a mami, eu disse que a bolsa dela estourou.

Nessa hora, Alexandre percebe que Leila estava entrando em trabalho de parto.

Ele pede desculpas para o cliente e sai correndo para casa buscar sua esposa. No caminho, ele liga para a sua família e para sua sogra informando que o pequeno príncipe estava a caminho. Assim que chega à casa, encontra Leila deitada no sofá com a Belle ao seu lado, segurando a sua mão.

Os acontecimentos seguintes seguiram em câmera lenta. Ele pega as coisas do bebê, de Leila, se atrapalha todo, mas enfim, conseguem se deslocar em direção ao hospital. O trânsito não ajuda e as dores de Leila começam a apertar, toda calma antes demonstrada por ela, se foram, e ela grita, xinga, esperneia, até que conseguem chegar a maternidade.

Alexandre esbraveja, pede pelos médicos, uma loucura generalizada se faz no hospital.

Assim que Leila é atendida, começa o segundo sofrimento, as horas de esperar a dilatação, Leila estava como um leão feroz, gritava, xingava e dizia coisas inaudíveis.

— Calma meu amor, já essa dor passa.

— Calma? Você me pede calma? É por sua culpa, senhor Keller, que eu estou nessa situação, nunca mais deixarei seu pau entrar em mim, olha só o que aconteceu. – Alexandre coça a cabeça e sai do quarto a procura do médico. Ele fica apavorado na recepção quando vê Thiago e Melinda entrando, pobre de seu amigo, sua

situação não é muito diferente, Melinda está aos berros, o jurando de morte.

— O que aconteceu com essas mulheres? Só pode ser a lua que mudou de fase. – Alexandre, mesmo com toda a tensão, consegue sorrir.

— Não sorria é trágico.

— É sim meu amigo, mas agora não tem mais jeito, se está dentro tem que sair. – Alexandre diz a Thiago.

E como pouca tensão é besteira, Léo entra empurrando Jaque sentada na cadeira de rodas e arrastando Leozinho pela mão.

— Não digam nada. Já tive o suficiente de estresse por hoje. - Leo diz irritado.

\*\*\*

As horas passam e cada um acompanhando sua respectiva esposa.

Melinda deu à luz a duas belas meninas e Thiago fica todo babão em cima de suas rainhas.

Léo e Leozinho mimam o pequeno rebento.

E, já no quarto, Alexandre mima Leila e seu filho que já nas primeiras horas de vida mama com vontade.

— Olha amor, como ele é lindo! – Leila sorri.

Alexandre se aproxima de Leila e faz carinho em seu bebê.

— Sim ele é lindo e pintudo, pobre das filhas do Thiago, vai sofrer muito com o mais novo Foderoso Keller.

Leila revira os olhos para a observação do marido.



— Homens!

— É só uma constatação querida, ele é meu filho e você sabe que será assim.

— Okay foderoso Keller I, vai lá dizer aos nossos amigos e familiares que tudo está bem.

— Vou, mas logo volto para ficar com meu ursinho. Te amo Leila, você me deu o maior e melhor presente que poderia ganhar na vida.

— Também te amo chefinho, amo você e nosso pequeno urso.

\*\*\*

Alexandre sai para a sala de espera do hospital todo pomposo e se gaba do filho, lindo e pintudo. Ele volta para o quarto com a Belle no colo que não parava de pedir para conhecer o irmãozinho. Ele a coloca sentada no sofá e, pega o bebê com cuidado e o coloca nos braços da filha.

— Ele é tão pequeno papi. – ela fala sorrindo e passando a mão na cabecinha do irmão.

— É sim princesa e você como a irmã mais velha, vai ajudar o papai e a mamãe a cuidar dele, não vai?

— Vou sim papi, vou ser a melhor irmã do mundo. – fala dando um beijinho nele.

No quarto ao lado, a Jaque está dormindo depois de um trabalho de parto cansativo, enquanto o Léo nina o filho acompanhado de perto pelo Leozinho que está fascinado pelo irmão.

— Ele tem cara de velho. – Leozinho fala analisando o bebê.

— É porque ele nasceu agora, mas logo o rostinho dele desamassa. Quando você nasceu, também era assim.

— Então ele vai ficar lindão igual ao irmãozão dele. – Leozinho fala fazendo o Léo dar risada.

— Ó céus, tal pai tal filho. Tomara que o meu bebê não se pareça com vocês dois. – Jaque fala chamando a atenção do marido e do filho. Léo dá um sorriso e se levanta. Coloca o filho nos braços da mais nova mãe que começa a amamentá-lo. – Ele é lindo Léo.

— Muito obrigado meu amor pelos dois filhos lindos. – Léo dá um beijo em Jaque, emocionado.

— Estou ferrado. – Thiago está olhando para as duas filhas deitadas no bercinho ao lado da cama de Melinda. — Elas são lindas, vou ser obrigado a andar armado agora.

— Não fala besteiras Thiago. – Melinda dá risada olhando para o rosto do marido. — Do que você tem medo? Que elas encontrem um homem como você? – ela não perde a oportunidade de alfinetar o marido ex-mulherengo em reabilitação.

— Nem brinca com isso Melinda, o homem que tentar se aproximar das minhas filhas será um homem morto.

Eles riem.

Se passado alguns minutos, as enfermeiras aparecem para levar as crianças ao berçário para que as mães pudessem descansar.

Quando as famílias de todos chegam, eles olham os bebês através dos vidros da maternidade.

Todos se encantam com seus netos.

Minutos depois, foi a vez dos três amigos, pais de primeira viagem.

Alexandre, Thiago e Léo, sorriem e fazem gestos para seus filhos através dos vidros.

— Cara, esse é o dia mais feliz da minha vida – Léo diz emocionado.

— Sem dúvida. Eu ainda estou aqui, custando a acreditar – Thiago fala.

— Verdade. Nós ainda não demos nomes para nossos filhos. Precisamos fazê-lo agora – Alexandre ri olhando para os bebês.

— Só sei de uma coisa... Thiago está ferrado com esse monte de mulher – Léo ri.

— Por quê? – ele fica curioso.

— Porque nossos filhos, você sabe, com certeza vão rondar suas filhas.

— Já digo logo que o meu filho vai ser igual a mim. Vai se chamar Lucas e será o meu sucessor. O poderoso Foderoso Keller segundo – Alexandre diz e ri.

— O meu vai se chamar João Vitor. A primeira coisa que irei ensinar a ele: Nunca convide sua prima a ir morar com você no futuro. Pode dar problema.

Eles gargalham.

— E minhas duas rainhas se chamaram Raquel e Rayla. Já vou ensiná-las desde cedo a dominar dois meninos mulherengos, João Vitor e Lucas – ele ri.

— Nem vem com esse papo de submisso. Isso enfraquece a amizade – Alexandre bufa. — Meu filho será macho.

— Tá dizendo que eu não sou? – Thiago resmunga.

— É. Ele disse exatamente isso, Thiaguinho submisso! – Léo ri e os três amigos se abraçam felizes e emocionados.

\*\*\*

No dia seguinte, Leila recebe alta e vai para casa com o filho, os primeiros dias foram difíceis, ela se atrapalhava toda para cuidar do bebê, mas sempre com ajuda de sua mãe e da sogra.

O maior medo dela e do Alexandre era que Belle se sentisse esquecida por eles, mas em nenhum momento ela reclamou, ela amava o irmãozinho e tentava ajudar como podia.

Os meses de licença passaram muito rápido na opinião da Leila e Jaque que precisavam voltar para a empresa. Melinda tinha decidido junto com o Thiago que ficaria em casa cuidando das meninas, ela queria acompanhar de perto o crescimento delas.

O maior problema que o Alexandre enfrentava conforme a licença acabava eram as brigas diárias com a Leila que não aceitava contratar uma babá para cuidar das crianças.

— Eu não quero uma babá Alexandre, já falei.

— Leila o que vamos fazer com o nosso filho então? Você quer colocar um berço no escritório e ficar cuidando dele? – ele pergunta nervoso.

— Não, vou pedir para a minha mãe ficar com ele, eu confio mais nela do que em uma babá.

— Por que alguma coisa me diz que na verdade você está com ciúmes?

— Não seja ridículo Alexandre. Eu não quero uma desconhecida cuidando do meu filho, só isso.

Para evitar mais brigas com a esposa ele acaba cedendo e concordando.

\*\*\*

Quando volta para a empresa, Leila já assume uma nova obra ao lado do Léo como arquiteta, mas antes de liberar o posto de assistente, ela mesma decidiu entrevistar cada uma das candidatas. E não foi coincidência nenhuma que a mais competente, na sua opinião, foi uma mulher com mais de quarenta e poucos anos, casada e com dois filhos.

Os dias foram passando e os trabalhos na empresa aumentando, o senhor Keller decidiu apostar no filho e ceder aos pedidos da mulher para viajarem em uma segunda lua de mel pela Europa.

Alexandre então ficou no comando da empresa enquanto seus pais viajavam.

— Pronto para ir senhor Presidente? – Leila pergunta parada na porta do escritório de Alexandre.

Alexandre para o que está fazendo e olha para a sua mulher, linda como sempre.

— Na verdade eu preciso da ajuda de um arquiteto para analisar uma planta. Você conhece algum? – pergunta sorrindo.

Leila entra no escritório trancando a porta.

— Eu conheço uma – ela sorri de lado caminhando até ele.

Alexandre a observa andar sensualmente até ele puxando o zíper lateral de seu vestido azul marinho.

— Você não pode fazer isso aqui – ele diz excitado.

— Não? Vai me demitir, chefinho?

Ela se diverte com sua expressão horrorizada.

Ela retira o vestido e o joga no sofá.

Leila vai até ele apenas com sua lingerie minúscula vermelha, que havia comprado no dia anterior.

— Quer me matar desse jeito? – ele diz e afrouxa a gravata.

— Só se for de amor, Chefinho – ela sorri e o beija apaixonadamente.

À noite, depois de ler uma história para Belle e coloca-la para dormir, Alexandre procura a esposa e a encontra, sentada na poltrona, no quarto do filho, terminando de amamentá-lo. Ele fica parado na porta admirando a cena.

— Algum problema chefinho?

— Nenhum, só estava pensando – fala sorrindo.

— E no que seria?

— Que quando eu decidi escolher você como a minha assistente, foi a melhor decisão da minha vida. – fala caminhando e se senta no braço da poltrona. Leila abre um sorriso olhando para o marido.

— Eu disse que você precisava de mim. No final, eu tinha razão, não tinha? – Leila pergunta com o pequeno no colo.

— Acho que final, nós dois precisávamos um do outro, minha ursinha.

Alexandre dá um beijo em sua esposa, tendo a certeza de que sempre será apenas ela. A mulher escolhida para fazê-lo feliz o resto de sua vida.

**FIM**

## **Play List**

- 01 - Labrith ft. Emeli Sandé - Beneath Your Beautiful  
(Tema Alexandre Keller x Leila Gomes)*
- 02 - Jeniffer Lopez Ft. Pitbull – Dance Again (Cena da boate)*
- 03 - Bruno Mars - Talking To The Moon*
- 04 - Daughtry - Everything But Me*
- 05 - Haddaway - I miss you*
- 06 - Creed – Away in Silence*
- 07 - Imagine Dragons – Demons*
- 08 - Lady Antebellum - Just A Kiss*
- 09 - Alexandra Burke - The Silence*
- 10 - Hanson – Save me*
- 11 - Katy Perry - Thinking Of You*
- 12 - Colbie Cailat - Falling for You*

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.



## Outras obras na Amazon

Conheça outros romances contemporâneos da autora:

### [EM SUA COMPANHIA](#)



## PRIMEIRO VOLUME DA TRILOGIA MINHA

Verônica é uma mulher linda e atraente. Uma acompanhante de luxo que deixa os homens loucos por ela. Ela se mantém fria e insensível com seus clientes. Seu único objetivo: conseguir dinheiro suficiente para custear o tratamento de sua mãe. Até que um dia, ela é contratada por Adrian, um milionário que conhecia bem esse tipo de mulher. O que ele queria era a sua companhia apenas para uma viagem de negócios, mas Adrian não conseguiu

manter-se afastado de Verônica por muito tempo. A situação foge de controle e eles iniciam um relacionamento intenso e conturbado. (+18)

## SOMENTE SEU



## **SEGUNDO VOLUME DA TRILOGIA MINHA**

Um antigo cliente aparece para atormentar a vida de Verônica. Convencido de que ela é sua propriedade, ele não medirá esforços para torná-la dele. Enquanto isso, Verônica segue se mantendo firme, deixando de vez o mundo da prostituição. Segredos, mistérios, ciúmes e mentiras... Pode um amor sobreviver a tantos obstáculos? O que Adrian fará quando souber que sua amada está sendo perseguida por um lunático? E Charles, conseguirá fazer com que Verônica se submeta a ele mais uma vez?